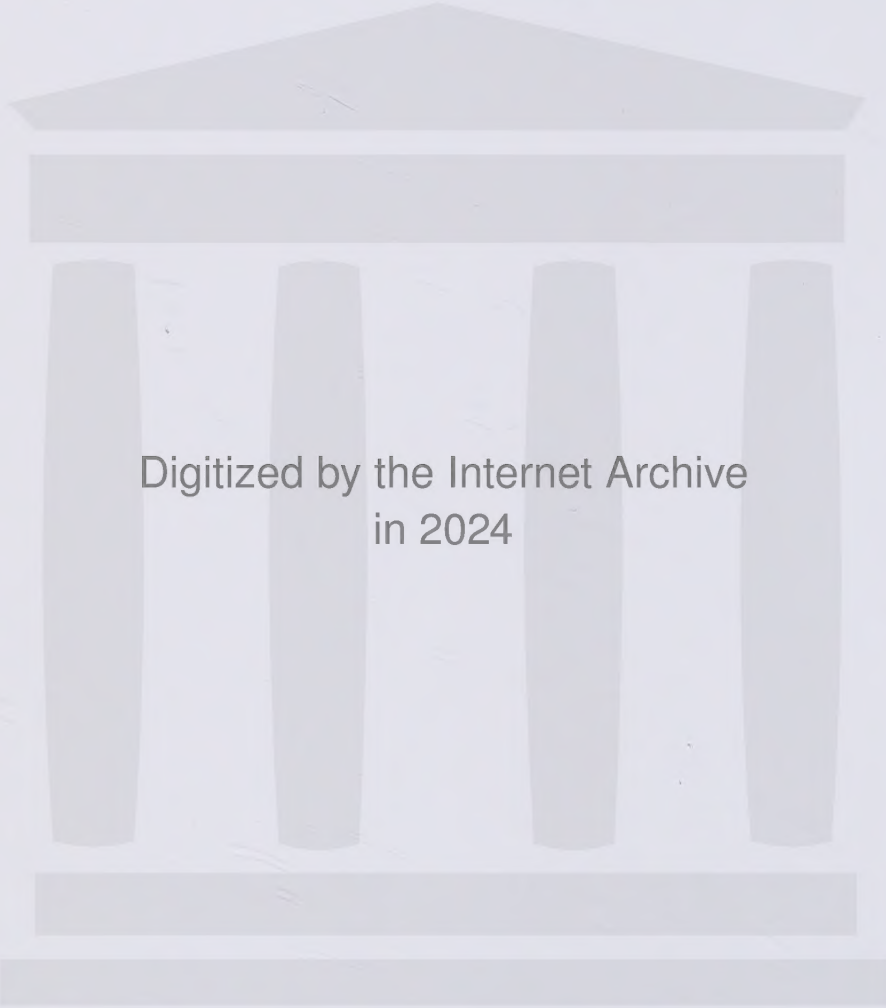


UNIV. OF ARIZONA  
PQ9009.5.B73 I5 mn  
/In memoriam do doutor Teofilo Braga. —  
  
3 9001 03920 2026







Digitized by the Internet Archive  
in 2024







IN MEMORIAM

DO DOUTOR

TEÓFILO BRAGA

1843-1924



IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

1934

*Exemplar pertencente*

*a* .....

.....



IN MEMORIAM





pq  
9009.5  
B73  
T5

IN MEMORIAM

DO DOUTOR

TEÓFILO BRAGA



IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

1929







REPRODUÇÃO DO RETRATO A ÓLEO PINTADO  
POR COLUMBANO BORDALO PINHEIRO.



---

# IN MEMORIAM

— DO DOUTOR —

JOAQUIM TEÓFILO BRAGA,

foram reunidos neste livro documentos iconográficos e depoimentos literários para o estudo da sua individualidade, os quais são publicados como HOMENAGEM NACIONAL ao historiador da literatura portuguesa, trabalhador incansável e prestimoso cidadão.

---





## O PROFESSOR



DE todas as profissões, aquela que o Dr. Teófilo Braga mais estimou, foi a de professor. Nela, com efeito, exerceu a sua poderosa actividade por um período que transpôs o cabo de cinquenta anos de serviço efectivo, feito com a unção de um quasi sacerdócio.

Era sempre com certo desvanecimento, com uma pontinha de vaidade ou ingénuo orgulho, que o Dr. Teófilo Braga declinava a sua qualidade de professor, qualidade que nunca esqueceu, quaisquer que fôsem as circunstâncias da sua vida, e, antes, punha em relêvo como constituindo o seu mais lidimo brasão, o título que mais o devesse impor à estima e ao respeito dos seus concidadãos.

E razões tinha para tanto o grande lutador da idea, o homem que atravessou a existência pensando e fazendo pensar, estudando e levando muitos a estudar. Ao professorado, como êle tantas vezes dizia, deveu a *aurea mediocritas* económica, que lhe assegurou a independência material, e, com esta, o tempo para as lucubrações espirituais, que tanto lhe celebrizaram o nome e tanto honraram o País e a escola a que pertenceu.

Concluído o doutoramento em direito, Teófilo Braga concorreu a uma vaga na Universidade de Coimbra, e, em seguida, a uma outra na, ao tempo, Academia Politécnica do Pôrto. Não obstante as brilhantes provas prestadas ficaram-lhe cerradas as portas dêsses dois estabelecimentos de ensino superior, por motivos que nos não compete apreciar, mas a que não foram estranhas, segundo o que então correu, razões de orientação filosófica e de credo político.

Tenaz, como todos os que vencem na vida, contratempos tais não lhe amoleceram a energia, antes a robusteceram. Em 1872 deu-se no Curso Superior de Letras a vaga da terceira cadeira, História das literaturas modernas e, especialmente, da portuguesa, e Teófilo Braga, então residente no Pôrto, onde constituíra família, veio de longada até Lisboa sujeitar-se às provas de um novo concurso, em que tinha a disputarem-lhe o lugar Manuel Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro, um e outro, o primeiro mais que o segundo, fortemente patrocinados pela política na ocasião preponderante.

Os episódios dêsse concurso, que apaixonou todos os que por essas questões se interessavam e acarretou até as salas da Academia das Ciências grande cópia de pessoas ávidas de assistirem a todas as provas e seguirem os mínimos pormenores, calaram tanto nos ânimos que ainda hoje, embora atenuados pelo tempo, os seus ecos se deixam ouvir nos centros eruditos e universitários.

As provas brilhantes e, ao que parece, a atitude do público, anularam quaisquer cabalas contra Teófilo Braga, que, sendo o primeiro classificado, foi nomeado professor, tomando posse a 22 de Junho de 1872, conforme consta dos livros de posse do Curso Superior de Letras, em auto que integral e fielmente transcrevemos:

«No anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dois, aos vinte e dois dias do mez de junho, na Sala onde são feitas as prelecções do Curso Superior de Letras, estando presentes o Conselheiro Antonio José Viale, Professor da Segunda Cadeira e Director interino, Augusto Soromenho, Professor da Primeira Cadeira e o Bacharel Augusto Maria da Costa e Sousa Lobo, Secretario, e bem assim o Dr. Joaquim Theophilo Braga, o Director declarou que se ia dar ao dito Sr. Dr. Theophilo Braga posse da Terceira Cadeira do Curso Superior de Letras para a qual havia sido nomeado por Decreto de desenove de junho de mil oitocentos e setenta e dois. Depois mandou ler pelo Secretario o referido Decreto, e em seguida passou a tomar o juramento legal ao dito Sr. Dr. Theophilo Braga sobre um livro dos Santos Evangelhos, e prestado este nos termos prescriptos na lei, lhe deu posse da Terceira Cadeira, com as solemnidades do estylo, e a houve por tomada para todos os effeitos legaes. E para constar mandou elle Director lavrar este auto que por todos fica assignado.—*Antonio José Viale—Augusto Soromenho—Augusto de Sousa Lobo—Joaquim Theophilo Braga*».

Os seus primeiros serviços no Curso Superior de Letras foram os de examinador na época de Julho, então a única. Só em Outubro dêsse mesmo anno de 1872 começou a regência da sua cadeira, afirmando-se desde então, de dia para dia, o valor mental do novo professor que ainda não atingira os trinta anos de idade.

As suas aulas eram livremente freqüentadas por pessoas que já representavam ou vieram a representar alguma cousa no mundo das letras pátrias; por elas passaram, entre outros, Silva Pinto, Ramalho Ortigão, Gervásio Lobato, Fialho de Almeida, Reis Dâmaso, Teixeira Bastos e Moniz Barreto, para só citarmos os que a morte já ceifou. Teófilo Braga agrupou em tórno da sua cátedra o que melhor havia e mais prometedor na mentalidade portuguesa, sendo incontestável a acção benéfica que veio exercer no ensino e na orientação dos espíritos.

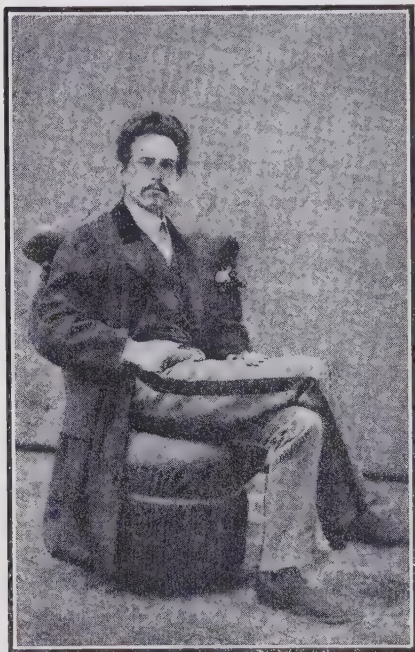
Ao contrário do que até então era cânon no ensino superior, e quiçá ainda hoje se encontra num ou noutro meio académico, aferradamente tradicionalista ou improgressivo, a famigerada *sebenta* desapareceu, o *magister dixit* cedeu o lugar à crítica disciplinada scientificamente. Surgia aqui um pensamento, vislumbrava-se além um novo caminho para a inteligência, descortinava-se um novo processo, tudo se apreciava, tudo se discutia, pesavam-se os prós e os contras, determinavam-se os excessos ou as lacunas e defeitos, e só depois de assim exercida a crítica, assegurando a cada um e a todos o desenvolvimento das suas qualidades e aptidões mentais, se aceitava ou rejeitava a novidade, sem preocupações de inovações que causassem a admiração dos leigos e o desespero dos incrustados nas cediças velharias, nem apêgo tam grande ao passado que peasse a marcha para a verdade científica. O professor com Teófilo Braga era o guia, o desbravador audaz de terreno para se seguir não às cegas, nem às apalpadelas, mas com o conhecimento consciente do caminho que se ia trilhando.

Estes processos, esta orientação levantada, que fazia do estudante uma consciência e uma vontade activa e produtora, e não uma simples e passiva máquina, incapaz de actuar por si, e só funcionando quando actuada por fôrça estranha, deram ensejo a que os que não haviam podido inutilizar Teófilo Braga no concurso, procurassem agora pela calúnia e pela maledicência despojá-lo do lugar que tam honesta e legítimamente conquistara. Foi o professor Teófilo Braga acusado de fazer da sua cátedra tribuna de ideas contra os poderes constituídos e contra a religião do Estado, a católica, e conclamou-se que era necessário, em nome da disciplina social, fazer calar aquela voz serena mas altiva, clara e convincente, arrancando-lhe a aula. E foi necessário que os alunos e os ouvintes do nóvel professor, homens de vários credos religiosos, e de opostas correntes políticas, saíssem a terreiro em defesa do infatigável trabalhador, para que o ódio torvo, os interêsses feridos e os despeitos que não perdoam, não levassem a cabo a sua maquiavélica obra.

Espírito progressivo ao serviço de uma inteligência lúcida e de uma imaginação ardente, que algumas vezes o prejudicou, Teófilo Braga foi



o primeiro que, entre nós, compreendeu que a vida e a acção do professor se não devem cingir aos acanhados limites da sala da aula. E, levado por êste pensamento, realizou a verdadeira extensão universitária, ensinando em conferências nos meios associativos e populares, publicando volumes sôbre volumes em que ia entesourando todo o material científico adquirido e trabalhado pela sua actividade mental, colaborando com assiduidade



TEÓFILO BRAGA EM 1872

quási inacreditável em revistas científicas, ou em jornais que iam levar às camadas populares conhecimentos e doutrinas que as fariam despertar de uma letargia secular.

De toda esta febril actividade, da ânsia insaciável de produzir ideas, de excitar cérebros, de animar as tentativas dos que alvoreciam para a vida do pensamento resultaram algumas lacunas no pormenorizado do trabalho, algumas soluções menos seguras para determinados problemas postos, que valeram ao grande movimentador da cerebração do seu tempo críticas azêdas e apaixonadas, doestos e injúrias nada compatíveis com assuntos de natureza meramente intelectual. O lutador, porém, era de rija têmpera e experimentado; nada o desanimou, nem mesmo a injúria soez o fez arripiar caminho.

Continuou, insistiu, persistiu na tarefa

de movimentar inteligências e de dizer sem ambages nem refulhos o que ao seu espírito se apresentava como verdade, embora, como verdadeiro homem de ciência, se não supusesse infalível e muito honestamente confessasse haver-se iludido num ou noutro ponto, quando disso o convenciam ou se convencia.

Director do Curso Superior de Letras deixou nessa qualidade vinçada indelêvelmente a sua acção como propulsor do avanço científico em Portugal. Aos seus esforços e até às suas relações pessoais com o seu compatriota o duque de Ávila e Bolama deve Portugal a criação das cadeiras de Filologia e de Língua e literatura sânscrita, com as quais a nossa terra se pôs a par do que lá por fora solicitava então a atenção de todos os governos e alimentava a actividade de um Max Müller, de um

Haupt ou de um Gaston Paris. Para essas cadeiras conseguiu Teófilo Braga as nomeações respectivamente dos Drs. Adolfo Coelho e Vasconcelos Abreu, que, sem a acção decidida e a vontade infrangível de Teófilo Braga, só muito tarde teriam tido ensejo de exercerem as suas qualidades de trabalho em estabelecimentos superiores do ensino português. Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Vasconcelos Abreu eram então três amigos, consideravam-se solidários na mesma obra de levantamento da mentalidade portuguesa, e, em mais de um passo de escritos seus, uns publicados, outros inéditos, os dois últimos proclamam Teófilo Braga o seu mestre, o seu amigo, o seu orientador. Depois... depois a cizânia rebentou entre êles e os três amigos deram ao mundo o triste espectáculo de que a inteligência nem sempre consegue arrancar o escalracho do ódio, que não vacila sequer ante a calúnia. Mas... *parce sepultis!*

As últimas gerações académicas já não puderam apreciar cabalmente as brilhantes qualidades que fizeram de Teófilo Braga o primeiro entre os primeiros professores portugueses. O depauperamento físico, resultante da idade avançada e do excessivo trabalho, ininterrupto, que até à hora da morte sempre se exerceu, haviam extinguido em Teófilo Braga o velho ardor de combatente, a agilidade do esgrimidor do argumento e do apaixonado da idea. Não houve então quem, querendo fazer-se notado, não atirasse uma pedrada ao velho a que muitos haviam devido os primeiros conhecimentos científicos no campo da actividade intelectual a que se consagraram. Foi mesmo moda, tam pouco os eunucos intellectuais perdoam aos viris, dizer mal de Teófilo Braga, apontar-lhe erros, denegrir-lhe a obra que, se tem senões, se aqui e ali peca num ou noutro pormenor, há-de viver eternamente pelo espirito de conjunto que a ela presidiu, pelo excessivo amor com que foi architectada e delineada.

*Agostinho Fortes.*





## UM FILÓSOFO



caso de Diógenes contente dentro do seu tonel, respondendo ao poderoso Alexandre só desejar dêle que lhe não encobrisse a luz do sol, é um símbolo eterno, significando que a felicidade pode consistir dentro da própria vida, sem aparatos nem grandezas exteriores.

Como o célebre filósofo grego, Teófilo Braga passou quasi toda a sua existência dentro de si próprio. Pertencia ao limitadíssimo número dos homens para quem a vida exterior não tem apreciáveis seducções. O seu mundo era quasi exclusivamente o seu cérebro; a sua órbita de translação não ultrapassava a distância medida entre a sua casa e o seu curso de professor egrégio.

Vivia como um beneditino, procurando pacientemente nos livros a única satisfação de viver. Para êle a sabedoria era uma absorvente ambição e um deleite. O seu espírito, esponja insaturável, embebia-se de todas as noções que vão desde as artes, indústrias e ofícios até as mais transcendentes teorias filosóficas. Além dos livros, só tinha duas paixões — a música e as flores. A politica para êle, fora do terreno abstracto, foi apenas um incidente. Ascendeu a uma alta situação, empurrado pela força das circunstâncias e não por aspiração deliberada.

Não assistia a banquetes, não freqüentava bailes, não se enlevava em atracções femininas, não viajava, não tinha vícios.

Para êle o corpo era apenas um secundário engaste do espírito. O seu alimento frugal não excedia o indispensável em quantidade e qualidade.

O seu vestuário não obedecia a vaidades, caprichos ou modas, permanecendo em serviço enquanto durasse a resistência do tecido. Podia dizer, como Guerra Junqueiro nos últimos anos: «*Eu não me visto; cubro-me*».

Se lhe fôsse possível abstrair do corpo, teria sido apenas um espírito a brilhar na chama das ideias. O seu pensamento era a nuvem luminosa em que, como Júpiter, vivia envolvido.

E assim, conseguiu realizar muito da possível felicidade humana. Porque a felicidade verdadeira só pode consistir no mundo da idealização, onde não há as mil barreiras de contrariedades e desgostos que embaraçam e limitam o âmbito da realidade. O seu espírito, como borboleta insaciável, percorria e sugava de toda a florescência universal a essência idealista e com ela ia fabricando a sua obra formidável, verdadeira catedral religiosa de talento e estudo, construída por êle pedra por pedra, página a página, e em que o seu génio exercia o alto sacerdócio de ensinar não somente os ignorantes, como determina a Igreja, mas também os instruídos.

*D. Alberto Bramão.*





## O SOLITÁRIO DE SANTA GERTRUDES



homem que a Morte levou foi o mais vincado exemplo do trabalho, o mais perdurável espelho de cidadãos. Êle foi um lutador solitário. Sôzinho, armado de uma vontade que cousa alguma entibiou, que fôrça alguma desfaleceu, construiu a sua obra, a sua obra de que só a expressão gráfica assombra.

Veio de longe com a sua sacola de pobre, enfezadito e tristonho, mas rijo. O que iria lutar calculava-o já. A Fome, o Frio, as Humilhações, tudo teve por si. Mas também teve para lhe responder uma paciência sem quebranto, uma abstinência de frade penitente e um Orgulho quasi roçando a demência. Que dois grandes varões sustentaram êste Homem: o Orgulho e o Ódio. Orgulho trouxe-o êle do leite materno, da sua conduta de humilde plebeu que tem de lutar para que lhe consintam que dê à colectividade os prodígios ou as fôrças que o seu cérebro tem a flux. O Ódio êsse deram-lho os outros. Ao crescer, só encontrara à volta de si o Ódio. Deitou-lhe a mão. Aproveitou-se da arma com que o tinham ferido tal qual o *Quasimodo* de Hugo. Efectivamente desfilaram pela frente dêste velho gerações e gerações. Todos os dias êle via a morte levar amigos e companheiros, inimigos e discípulos. Tudo à sua roda se anulava, tudo se soterrava, tudo esquecia. O seu ódio não. Êsse tornava-se maior. O seu ódio era a árvore frondosa a cuja sombra êle trabalhava. Era também o tónico supremo que o fez legar-nos todo êsse corpo de estudos que é atabalhado ou confuso mas que é ainda assim prestadio e frutífero. Êle odiou sempre. Olhou os contemporâneos, malsinou o Antero, caluniou o

Herculano, ridicularizou Garrett. Odiou os que vieram depois. Odiou os monárquicos porque, aristocratas, eram contra o povo. Odiou os republicanos porque não eram ainda bem o povo que êle sonhara. E assim escreveu, pensou, escreveu sem descanso. Vem a morte e leva-lhe os filhos. Escreve. Torna a vir, anos depois, e leva-lhe a espôsa. Escreve. E fica só, abandonado, fora das gerações, na solidão da sua casa povoada de mortos, sem filhos, sem mulher, sem criados nem pessoa que partilhe o mesmo teto amigo, sem amores, carinhos ou afeições que o prendam à vida, egoísmado no seu trabalho, rancoroso sempre, mas sempre ativo, sempre espartano, parco até a miséria, sóbrio até a fome, orgulhoso como um Deus do seu Ódio, do seu Orgulho, da sua Parcimónia, da sua Austeridade, da sua Solidão.

Morreu. Não deixou saudades, deixou livros. Não deixou afectos, deixou um exemplo. Mas, aí de nós, se é preciso calvário tam íngreme para subir tam alto, deixem-nos o fundo do vale — onde as crianças riem e há beijos rubros de mulher.

\*

Fui amigo de Teófilo Braga vinte e tal anos e conservo um seu retrato dado em Julho de 1907 com uma carinhosa oferta. Mas se isso nada interessa, o que é sem dúvida alguma curiosa é uma pequena razão de ordem ou plano de estudo como êle achava que sôbre a sua personalidade se deveria escrever. Eu não o escrevi, mas aí fica para o estudo de quem o queira escrever e não faltarà quem o faça, seduzido pela variedade poligráfica fecunda do trabalhador espantoso que tombou descrente ainda do poder subtil da Morte:

Evolução mental derivada de uma fase sentimental:

1.º Paixões pelas *tradições e cantos populares*:

- a) Revelações das fontes orgânicas da *Poesia*;
- b) Compreensão da base estética da elaboração das *literaturas nacionais*;
- c) Conhecimento de um elemento subjectivo da *História* pelo sentimento do passado e da sua pre-existência.

2.º Critério da *Sociologia*: Dos *Costumes* deduzido a *Idea moral* sistematizada na *Lei*: e a necessidade da modificação das Leis pela *Filosofia*:

- a) Desdobramento desta fase construtiva: *Filosofia integral*;
- b) *Síntese poética*: Epopeia humana.

\*

Há a notar que para encher a clareira dos valores que a morte arrola não há nas gerações que chegam espíritos tendenciosos ao estudo ou votados ao sacrifício de uma vida de estudo e trabalho beneditinos. Partiu Junqueiro e não temos um poeta que se possa dizer ter herdado d'ele a pena de águia real molhada em génio com que êle escrevia os seus versos. Partiu Bruno e não há outro Bruno. Vai-se Teófilo e ninguém com estatura para lhe ocupar o lugar. Gomes Leal morreu e, numa época convulsionada onde a sua voz clamorante dominaria como um trovão, tudo é silêncio. Há preciosismo, chiquismo, adalaidismo em troca. Há



TEÓFILO ENTRE OS IRMÃOS LUÍS E JOÃO

ambições crapulosas, novo-riquismo, cúpidas abjecções, sórdidas misérias, vida reles sem norte, sem fé, sem ideal. Os homens de pensamento quando se agrupam fazem política, não política de orientação, mas política de arminhos e cortesantias. Os moços que chegam fazem novelas curtas ou gestos para fitas de cinema. Não se sabe odiar, não se sabe amar, não se sabe rugir, não se sabe admirar. Chafurda-se na lama. E um ponto negro, interrogativo e trágico enche o futuro e apavora os que, vendo a morte levar-nos tudo, se ficam acabrunhados pensando. E depois... Para depois onde estão os homens?

E ante o vulto morto de Teófilo a gente, descoberto, pensa: Foi um verdadeiro Homem. Do Nada ergueu-se à Glória. Lutou. Escreveu uma Obra enorme. Odiou. Morreu, mas sem acreditar no poder da Morte. ¡E numa época em que toda a gente gasta até o que é dos outros, Teófilo não chegou sequer a gastar o que o seu labor lhe deu, deixando desprezivelmente aos outros o cuidado de o gastarem!...

*Albino Forjaz de Sampaio.*





## A «INSENSIBILIDADE» DE TEÓFILO BRAGA



IVROS de homenagem, como êste, são geralmente consagrados a individualidades que não precisam de frases encomiásticas, mesmo quando vazadas nos mais belos e perfeitos moldes, para ficarem engrandecidas aos olhos da posteridade. Parece-me, pois, que, a não serem estudos profundos e de larga envergadura crítica sôbre a obra escrita que essas pessoas deixaram ou a acção que exerceram na sociedade do seu tempo, o que mais interêsse poderá despertar será a contribuição, que cada um preste, de elementos não vulgarizados ou conhecidos do público, que ajudem a completar-lhes a biografia, sob qualquer dos aspectos por que devam ser encarados e estudados.

Teófilo Braga está, evidentemente, naquele caso, e não serei eu que me proponha, quando a sua excepcional figura literária e política, de sábio e de lutador, se acha, de há muito, largamente apreciada e criticada, guindar a tam altos propósitos êste modesto artigo.

Limitar-me hei, portanto, a testemunhar um facto, do meu conhecimento pessoal, que muito me impressionou na ocasião. Impressionou-me tanto mais, quanto eu participava da opinião geral de que Teófilo Braga era tam insensível a comoções sentimentais, como inacessível se mostrou sempre a sugestões alheias ou a correntes de opinião preestabelecidas, quer no campo da filosofia positiva, que professava, quer nos da literatura e da história, a que consagrou dezenas de anos de assombrosa actividade.

Comemorava-se, em fins de Dezembro de 1914, o cinquentenário da fundação do *Diário de Notícias*, e, se me não engana a memória quanto



à exactidão da data, no dia 29 daquele mês, Teófilo Braga procurava-me na redacção do jornal que eu então dirigia.

Recebido com as atenções devidas a um velho amigo e companheiro de Eduardo Coelho, com quem estabelecera relações de intimidade na admirável campanha que preparou a comemoração do tri-centenário de Camões, em 1880, com a consideração que a sua idade e o seu altíssimo valor literário e científico me inspiravam, e com a simpatia que me cumpria retribuir a quem, por mim, sempre simpatia demonstrara, acompanhei-o na visita à sede, nesse dia, engalanada e em festa, do *Diário de Notícias*. E, como a grande oficina da tipografia do jornal era uma das dependências mais vistosamente decoradas, e onde mais numeroso pessoal se achava reunido àquela hora, aí o conduzi também.

Teófilo Braga foi acolhido pelos tipógrafos do *Diário de Notícias* com manifestas demonstrações de respeito e de carinho, e, numa alocução improvisada, lembrando que, em novò, fôra também tipógrafo, e nessa profissão começara a ganhar os seus meios de vida, em palavras que a comoção, logo de princípio, tornou hesitantes e afinal sufocou em lágrimas, êsse homem, que passava por frio e insensível, saiu da oficina daqueles a quem chamara seus colegas, trémulo e apoiado ao meu braço, numa convulsão de chôro que profundamente abalou quantos assistiram a esta inesperada scena.

Aqui fica, se preciso fôr para demonstrar a pretendida insensibilidade sentimental de Teófilo Braga, êste depoimento de uma testemunha presencial, a quem nunca cegou ou desvairou qualquer espécie de fetichismo político ou literário por aquele grande homem, pessoalmente, politicamente e literariamente discutido, pró e contra, com tanta paixão, e, por conseguinte, com tanta injustiça e com tantos e tam graves erros e exageros de critério.

Lisboa, Julho de 1924.

*Alfredo da Cunha.*



## UM FORTE



eminente professor Teófilo Braga deixa em Portugal um lugar absolutamente insubstituível. Ninguém, melhor do que êle, soube dar aos seus concidadãos um mais alevantado exemplo.

Desde a mais tenra idade realizou, na mais ampla significação do têrmo, o que deve ser um Homem.

Ermo de affectos no princípio da vida, como o'havia de ser ao terminar a mais honesta e laboriosa existência, muito cedo privado dos carinhos maternos, e encontrando na casa paterna o ambiente inóspito que os segundos casamentos quási sempre estabelecem em tórno dos frutos de um primeiro enlace, teve de convencer-se, adolescente ainda, de que só poderia contar consigo. E, no mais recôndito do seu ser moral, concentrou toda a affectuosidade de que era susceptível a sua grande alma. Mas, aos seus amigos dos tempos do infortúnio, nunca os esqueceu, e teve-os sempre presentes na memória e no coração.

Estudante distintíssimo, atingiu o mais alto grau universitário. Económico e singelo, tinha a sobriedade dos espartanos e a virtude dos evangelistas.

O remanso de um lar amorável, um gabinete pejado de livros e manuscritos, uma cátedra de onde brotaram os mais úteis ensinamentos humanistas, — ¡entre êsses três polos evoluciou a magnífica existência dêste português ilustre!

Na política de Portugal como na Universidade de Coimbra sobraçou o bastão de marechal. Nada, porém, conseguiu jamais poluir o seu espírito, virgem de todas as vaidades humanas.

Constituiu família: foi marido e teve a dita de ser pai. A espôsa modelar — algum desgosto lhe havia ela de dar um dia — deixou-o só, ainda muito distante do termo da viagem. Maria do Céu e Teófilo, os dois filhos cuja inteligência tam admirável quanto precoce enchia de mais justo encantamento os corações dos pais, haviam caído primeiro, adolescentes ainda, fulminados a breve trecho e em curto espaço de tempo pela tuberculose implacável. Ficou só, no lar deserto, como o roble secular que permanece erecto e isolado na floresta devastada pelo ciclone.



D. MARIA DO CARMO XAVIER  
BRAGA E MARIA DA GRAÇA

¡Restavam-lhe os seus livros, restava-lhe o trabalho, ficava-lhe a sua grande obra!

Com mais afínco e tenacidade ainda, se possível, refugiou-se no santuário do seu gabinete. Produziu febrilmente. A sua obra de crítica e história dá pelo menos para dez reputações de eruditos. O seu cérebro vitorioso era invulnerável aos achaques da velhice e à acção do tempo. A luz dos olhos ia-se-lhe todavia apagando...

¡No seu destino estranho couberam todas as grandezas e todos os infortúnios!

Reputado nas duas pátrias portuguesas como um dos maiores sábios e polígrafos da actualidade, universalmente conhecido como o maior agitador de ideas da Península, chefe de Estado todas as vezes que ao regime foram precisos a autoridade do seu nome e o

prestígio do seu carácter — morreu absolutamente só. Nenhuma dextra carinhosa lhe abaixou as pálpebras ainda quentes sôbre os olhos já sem brilho. Ninguém lhe ouviu a última palavra nem recolheu o último suspiro, e ninguém lhe cumprirá a última vontade, expressa num documento que a mais implacável fatalidade fez desaparecer... Entrou na eterna imobilidade sem que pessoa alguma o assistisse. Morreu qual vivera — como um forte.

E nem depois de morto foi reünir-se áqueles que o amaram e a quem amou... ¡Acima, muito acima da família, está a Pátria, e a Pátria para o engrandecimento da qual tanto se esforçou, arrecadou-lhe os restos mortais para o Panteão dos Jerónimos.

Ponta Delgada, 28-Março-1924.

*Alice Moderno.*





## NOTAS TEOFILIANAS



, prestimosa qualquer homenagem, constituída pelo repositório de documentação e valiosos depoimentos contemporâneos, concernente a determinada individualidade.

Do estudo desapassionado de cognoscíveis materiais, podem vindouros avaliar com justiça o mérito do cidadão, a integridade do seu carácter, a grandiosidade e valia da sua obra.

Quanto escrevesse recordando o meu convívio com o Doutor Teófilo Braga, que me honrou com a sua amizade, seria de inferior interesse a algumas notas enfeixadas *In memoriam* do glorioso investigador.

\*

PROGRAMA FILOSÓFICO DA VIDA preconcebeu o jovem estudioso, cedo emancipado na luta pela própria existência. Numa epístola à sua noiva, — senhora D. Maria do Carmo Xavier de Oliveira Barros Leite, — deixou expresso êsse pensamento orientador nos seguintes termos:

Sou como as plantas, não me posso mudar sem me sentir; afaço-me às cousas, acostumo-me a elas, tornam-se-me precisas. Aqui estou pronto para ir à aula, almoçar, jantar, cear e estudar; as cinco estações da minha via-sacra, em que se adormecem os meus cinco sentidos no êxtasis da imobilidade e da rotina. Ao menos quero tirar todo o partido possível desta inércia, criar músculos, fazer-me forte, como um pagão desenvolver-me para aspirar a vida em sua plenitude. Vive-se uma vez só; para que havemos de desbaratá-la totalmente com loucuras, aspirações impossíveis e lutas estéreis e esforços baldados. Façamos da vida um grande rio que se vái perder no mar. Esta é que é a constância do justo, a tranqüilidade do

forte, a superioridade olímpica do artista, a impassibilidade do asceta, o verdadeiro amor, a única glória, a esperança que alimenta e não devora, tudo, tudo. ¿Porque não se há-de viver assim? Ninguém pensou nisto ainda, nem mesmo o compreendeu; é por isso que se intrometem nos negócios uns dos outros, e se embaraçam, se perturbam, se guerreiam de morte. O primeiro passo para se viver está em não deixar a vida à mercê dos outros; arranjos para o nosso espírito distrações e prazeres intellectuais com que dispensem as distrações fora de nós: criemos pelo trabalho uma independência material, que é o primeiro bem-estar; e principalmente uma indiferença por tudo que é mesquinho e baixo, sem grandeza, porque todas as pessoas mais ou menos se interessam.

Noutra carta, igualmente íntima — datada de 1865 — conclui o critério que adoptara:

Penso como um moralista moderno da América, Emerson, que a felicidade consiste na saúde e na riqueza. A riqueza não é só dinheiro, como os imbecis entendem; é a capacidade, a força, a intelligência, a vontade, um fim a que se dirijam todos estes impulsos que nos podem fazer grandes em qualquer situação da vida.

Teófilo Braga procurava «a vida na sua expressão mais franca — a Verdade». Jamais se afastara do plano estabelecido e doze lustros passados, pode afirmar radiante:

Não vale a pena falar-lhe das grandes emoções da minha vida: são quasi todas tristes, mas a todas venci. Nunca procurei a alegria, porque vivi e vivo nela, na alegria moral que poucos têm. Esta alegria moral resulta do cumprimento do dever e da certeza de ter sido útil aos outros. Mesmo atravessando períodos difíceis e algumas vezes de miséria, sempre senti a alegria do meu trabalho.

Fidelíssimo aos seus princípios philosophicos, vivendo consoante suas ideas em pró-humanidade, o Doutor Teófilo Braga é um admirável carácter de exemplar integridade.

BIBLIÓFILO — na interpretação do vocábulo, é aquele coleccionador de espécies bibliacas, sempre ávido de exemplares impecáveis e peças raras da sublime arte de Gutemberg. Ora, Teófilo Braga não amontoou volumes e opúsculos como bibliófilo, mas como investigador recolhendo noções imprescindíveis para seus predilectos labores. Na bibliografia histórica, philosophica e artistica apenas procurou factores dinâmicos para mais esclarecida demonstração da mentalidade portuguesa através dos séculos. Desprovido de tais indicações o historiador não poderia apreciar, em boa

verdade, o mérito intelectual. No campímetro de um único motivo literário, Teófilo, desenterrou materiais, redigiu estudos detalhados e construiu o notável monumento — a *História da literatura portuguesa*. Foi, pois, nessa objectividade o constante amontear biblioteconómico do incansável cabouqueiro.

De algumas sciências, especialmente história e filosofia, juntou bastantes expressões do pensamento humano. Entretanto o eminente camonista não possuía uma camoneana, sequer, regular. Admirador entusiasta e bio-bibliógrafo de Garrett a sua garretiana é pobríssima. Bibliógrafo consciencioso, não possuía a *Biblioteca Lusitana* do Barbosa Machado nem o *Diccionario Bibliographico* do Inocêncio Francisco da Silva. Digno de registo guarda aquela biblioteca uma preciosa colecção do teatro português, classificado «de cordel», e outra de teatro espanhol antigo. De musicógrafos também uma curiosa colecção constitui documento interpretativo da ópera que Teófilo analisara na *Historia do Theatro português*.

De *Cancioneiros*, conseguiu o Mestre notícias e estudos concernentes, os quais anotou com beneditina paciência.

RARIDADE BIBLIOGRÁFICA, e preciosa, lá está o *Quod nihil scitur* do médico e filósofo Francisco Sanches. Pela dedicatória é conhecida a proveniência do exemplar: — «Ao meu amigo Theophilo Braga, o eminente critico de Sanchez offereço este rarissimo livro com votos de boas entradas de fim de seculo. Jan. 1900 — Genova. J.<sup>m</sup> de Araujo». Do valor bibliográfico dêste livrinho, elucida o oferente, escrevendo no verso da guarda:

#### NOTA

O meu exemplar da obra de Sanchez foi-me dado em Padova, pelo medico Giorgio Caneva; é encadernado em vitella, e tem o ex-libris brasonado de Carlos Spinola. Uma segunda marca bibliographica egualmente apposta á encadernação [no verso da pasta dianteira] mostra que o volume pertenceu, depois de Spinola, ao convento dos jesuitas de Genova.

O meu exemplar tem uma pagina innumerada, de *erratas*.

Sabe-se da existencia autentica de tres exemplares deste volume: 1.º o que foi citado por Lopes Praça e que Th. Br. encontrou nos depositos de livros de Coimbra; 2.º o meu; 3.º o presente exemplar.

FRANCISCO  
SANCHEZ  
PHILOSOPHVS  
ET MEDICVS  
DOCTOR  
1627  
QVOD NIHIL SCITVR



Reduzido de 233mm × 150mm.

Th. Br. occupou-se proficientemente de Sanchez na Academia de Madrid; por essa ocasião procurou Camillo Castello Branco esta obra sem a encontrar.

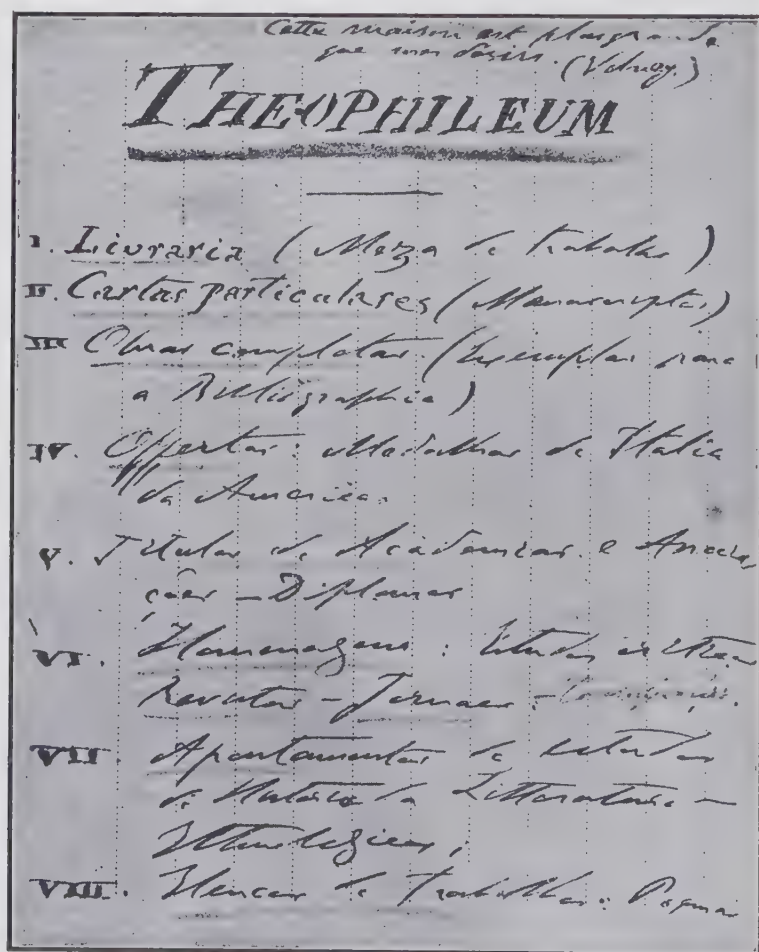
*Quod nihil scitur* assenta como oiro sobre azul na bibliotheca de Th. Br.

Genova. Jan. 1900 — e novecentos.

*J.<sup>m</sup> de Araujo.*

Eis a única, mas valiosa e encantadora raridade existente na biblioteca do Doutor Teófilo Braga.

MANUSCRITOS merecendo menção, apenas: o *Roteiro* escrito, com boa caligrafia, pelo punho do Conde do Lavradio, — Dom Francisco de



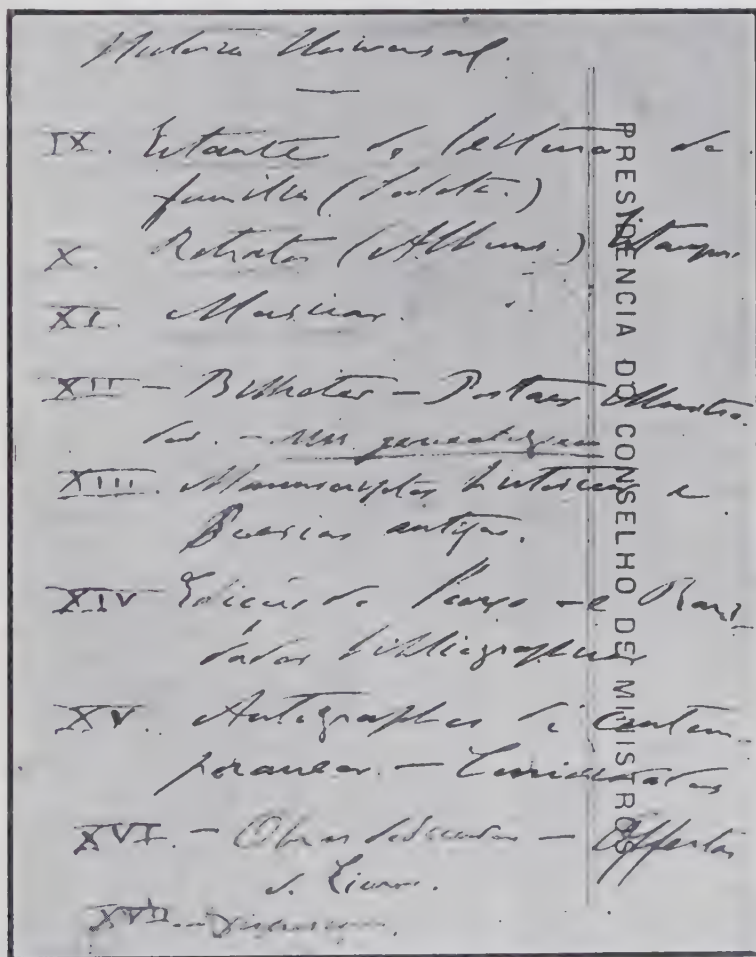
AUTÓGRAFO DO DOUTOR TEÓFILO BRAGA (frente)



Almeida Portugal — «desde a sua vinda de Londres em agosto de 1836 a Janeiro de 1839», e o *Diccionario orthografico prosodico da lingua portuguesa* da autoria de José Pedro Soares.

NA CORRESPONDÊNCIA, dirigida ao Doutor Teófilo Braga — cêrca de sete mil e quinhentas cartas — há uma mina ubérrima de elementos tanto para estudar o movimento associativo em Portugal, como as relações intellectuais e políticas, com outros países.

THEOPHILEUM, autógrafo escrito pelo Doutor Teófilo Braga e encontrado pelos primeiros inventariantes de seus papéis e livros, antoja-se-me apontamento relativo ao projectado testamento do seu autor.



AUTÓGRAFO DO DOUTOR TEÓFILO BRAGA (verso)

Era propósito do preclaro historiador legar seus haveres ao município de Lisboa, dando usufruto da sua biblioteca a escritores e jornalistas. Foi notória e bem assinalada no jornalismo — com documento fotozincográfico — a generosa oferta. Aquela derradeira «Casa de Teófilo» na — então — Travessa de Santa Gertrudes, denominar-se-ia THEOPHILEUM, com a divisa: — «Cette maison est plus grande que mes désirs».



EX-LIBRIS ÚNICO DO DOUTOR  
TEÓFILO BRAGA

Desenho seu.

Êste autógrafo supponho traduzir a idea expositiva do interior da casa. Infelizmente do notável escritor não apareceu testamento. Seus bens foram dispersos, numa linda tarde de sol, com desrespeito iconoclasta, por determinação de seus herdeiros. Quanto à biblioteca, com seus autógrafos e propriedade literária, foi totalmente salva da almoeda. Graças, pois, ao devotado zêlo patricio do distinto açoreano Sr. Dr. Luís Bettencourt de Medeiros Câmara<sup>1</sup>.

EX-LIBRIS, possuía o Doutor Teófilo Braga, apresentando por divisa uma frase de Augusto Comte. Na sua biblioteca não aparece o ex-libris em nenhum livro, autenticando a posse do erudito Mestre. A propósito o Dr. Agostinho Fortes elucidou na *Revista de Ex-libris Portugueses*:

A feição amorosa, tam profundamente vincada em Teófilo Braga, revela-a êle ainda no seu ex-libris, por êle mesmo imaginado e desenhado nos últimos meses de vida, pelo que o não chegou a aplicar nos exemplares de sua livraria. *Ne se lasse d'aimer, ni de le dire*, tal é a legenda que figura no seu ex-libris, legenda valiosa e nimiamente instrutiva, porque nos dá a conhecer a idiosincrasia de Teófilo, sob o seu aspecto mais característico, embora quiçá o menos conhecido.

Todavia outro ex-libris, desenhado à pena pelo Doutor Teófilo Braga, aparece colado na guarda do livro intitulado: *As obras do doutor Francisco Saa de Miranda Agora de novo impressas. Lisboa á custa de Antonio Leite mercador de Livros na rua nova* — MDCLXXVII.

Exemplar «espelhado» ficou revalorizado pela única, tam curiosa quanto artistica, marca de posse.

<sup>1</sup> Pela persistente diligência dêste digno Presidente da Junta Geral do Distrito, as bibliotecas de Ernesto do Canto, Antero de Quental, Eugénio do Canto, e Teófilo Braga, formaram a Biblioteca Erudita de Ponta Delgada.

DA RESIDÊNCIA EM COIMBRA do estudante Teófilo Braga, a sua inconstância proporciona curioso apontamento possivelmente aproveitável para estudo psicológico.

Teófilo chegou a Coimbra em Abril de 1861, indo para casa do Dr. Filipe do Quental no *Largo da Sé Velha*, afirmando logo que não demoraria lá muito tempo. De facto, uma carta dirigida ao seu dedicado amigo e eminente bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva, é datada de:— «Coimbra, 12 de Maio, *Rua de S. Salvador, 6*». Esteve nessa morada até fim de Outubro, passando a residir na *Rua de São Pedro*. Aqui não esteve além do trimestre. Em Fevereiro de 1862 escrevia do número 37, *Couraça de Lisboa*, ao também seu amigo, Francisco Maria Supico:

Aqui estou abarracado em um terceiro andar de um pardieiro velho, que faz esquina para o Arco do Bispo.

Mas, outro trimestre e... outra mudança, em Julho, para a *Couraça dos Apóstolos*, aonde deve ter permanecido até findar êsse ano.

Em comêço de 1863, Teófilo informava Supico:

Da ultima vez que lhe escrevi, foi da *Couraça dos Apóstolos*, d'onde ia á morada do dr. Filipe de Quental, no conventiculo da Estrella, auxili-o no seu trabalho para a defeza das Theses do seu doutoramento na Faculdade de Medicina. O dr. Filipe soffre de duas fortes cataratas que lhe embaraçam muito a vista e recorreu á minha pericia typographica para rever as provas e dar forma elegante aos Opúsculos da Dissertação e Theses.

Depois da defeza das Theses, a Faculdade de Medicina abriu quatro vagas de substituição ás quaes concorreu o dr. Filipe de Quental. Como era do meu dever fui-me logo offerer para lhe prestar todo o serviço para as provas do concurso. Elle deu-me um abraço e no dia seguinte mandou buscar os meus tarecos á *Couraça dos Apóstolos*, e eis porque lhe dato esta do *conventiculo da Estrella*. É ahi que elle tem o seu pensionato de estudantes açoreanos e alemtejanos, com grande largueza, com cellas e corredores extensos.

Quanto tempo, Teófilo, morou pela segunda vez em casa do Dr. Filipe de Quental não consegui averiguar. De temperamento propenso ao isolamento, e a necessidade de trabalhar, mal estava Teófilo no bulício daquela república académica. Por isso, em Outubro de 1863 já escrevia a Inocêncio, novamente, da *Couraça de Lisboa*, onde ainda em Maio de 1864 tinha domicílio.



No período das férias universitárias desse ano foi ao Pôrto. Lá manteve a mesma instabilidade de morada como se pode deduzir de duas cartas da sua autoria. Uma, datada de Julho, do *quartel de Santo Ovidio*. Aí esteve certamente nos aposentos do irmão João que, nesse momento, «requereu passagem para África no posto de alferes». É de supor ser este o motivo, porque a outra carta foi escrita a «2 de Agosto. *Rua do Almada*».

Em Janeiro de 1865 escreveu a Supico de «Coimbra, *Palacios Confusos*»; e em Julho volta a ser hóspede no *quartel de Santo Ovidio*, no Pôrto. Estava na cidade invicta a sua musa, a quem informou no regresso a Coimbra, no mês de Outubro:

Logo que cheguei fiz imediatamente a mudança para a *Rua do Forno*, n.º 10, 2.º andar. É uma rua estreita, infecta, como todas as de Coimbra, mas perto da Universidade.

«Coimbra, 3 de Fevereiro, 1866 — *Largo da Trindade*» assim começou Teófilo outra carta para Supico. Em meados de Maio esteve hospedado na *Rua do Almada*, 281, Pôrto.

Nesse mês alugou a Luís Jardim «a sobreloja independente do seu prédio na *Calçada de Lisboa*», aluguer, avaliado em oito libras, pago com o labor de Teófilo lhe arranjar a dissertação inaugural, que se intitula: *Organização judiciaria*. Tal convénio ficou exarado nas páginas da *Mocidade de Theophilo*, curioso livro de documentos auto-biográficos organizado pelo jornalista açoreano Francisco Maria Supico.

Teófilo escreveu à sua noiva, em 30 de Setembro:

Hontem fiz a mudança para a casa nova da *Couraça de Lisboa*. Ainda estou massado... Esta casa dava bem para tres rapazes; tem uma loja, uma sala grande, um quarto de dormir, cozinha e quarto para criado.

Na *Couraça de Lisboa* ou *Rua da Couraça de Lisboa*, 107, a casa era bastante húmida. Porém, sem companheiros estava «mais sereno», e achava-se «com mais actividade para o trabalho». Nessa residência «ao som de música, foguetes e vivas da multidão» foi festejado o seu capelo, em fins de Janeiro de 1867. Após o doutoramento ainda aí permaneceu até Agosto, data da mudança definitiva para Lisboa.

RESIDENTE EM LISBOA. Na capital, Teófilo instalou-se à chegada, na *Rua dos Douradores*, 134. Morou também na *Rua do Carrião*, n.º 60, a S. José, mas não conseguiu averiguar em que ano. Depois residiu na

*Rua de S. Luís*, actualmente *Rua Silva Carvalho*, n.º 13 de então. Em Dezembro de 1887 estava residindo na *Rua da Arrábida* n.º 21, quando assinou, perante o tabelião Carlos Alves do Rio, a escritura de compra, à Companhia Geral do Crédito Predial e à Sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Sande de Vasconcelos, o prédio da Travessa de Santa Gertrudes, n.º 70, a hoje conhecida e histórica *Casa de Teófilo*.

Demonstrada a instabilidade domiciliária, em Coimbra, fica evidenciada uma característica do eretismo nervoso de Teófilo, estado que outrem julgará como manifestação psicológica do homem e do escritor.

Do MUSICÓLOGO Teófilo Braga não trombeteou a fama, nem zoilos deprimiram o mérito da sua musicografia.

Na infância, escutando matinas, sentira o encanto consolador da música religiosa, despertando-lhe êsse requintado gosto artístico. «Não estava em idade de compreendê-la, mas é certo que, em todos os transe da vida, nunca se apagaram aquelas reminiscências vivas, nem se extinguiu a sua ressonância psíquica». Desejou compreendê-la, e através biografias de maestros e da tradição, buscou os motivos inspiradores de composições musicais.

Teófilo Braga ouvia música «para sentir a linguagem do inefável e não para lisongear os ouvidos». Não era uma distração para o seu preocupado labor mental, porque a música era, «para o seu espírito, um documento». Como documento a estudou, como documento a ouvia.

No salão da Condessa de Proença-a-Velha, rodeado do escol literário e artístico da sociedade lisboeta, ou no teatro de São Carlos, êle escutava atento as modalidades interpretativas da argumentação musical. Conhecimentos vastos permitiam ter opinião autorizada acêrca de música e músicos, confessando:

Os maiores compositores são os que mais servem a evolução para onde caminha a música.

Berlioz foi o primeiro que compreendeu que um instrumento tem tintas no seu timbre; Gluck foi o que começou a dar à voz a supremacia que lhe competia. O drama da paixão vem com Mozart e com Beethoven e Weber. Wagner fez a síntese. Veio a canção do século XII até ao século XIX, saindo dos esgotados moldes italianos.

Agora há um mundo novo a conquistar: a expressão! A raça, os sentimentos religiosos, a nacionalidade, todas estas cousas podem ser expressas em música. Os compositores só procuram efeitos. Por isso não me contento com nenhum, admirando no entanto, com os que já disse, Schumann e Schubert, que acordaram a canção germânica, Weber, Haydn o puro, mas repugna-me Verdi.

Estas afirmações comprovam o seu saber, e denunciavam a sensibilidade artística do notável musicógrafo.

✱

Outros apontamentos apresentando Teófilo Braga como académico, ou nas suas relações com Camilo Castelo Branco, são inoportunos, por extensão documental, nas páginas dêste preito nacional ao primeiro e admirável historiador da literatura portuguesa.

Mercês. 1929.

*Alvaro Neves.*



## O MESTRE E A LITERATURA INFANTIL



TEÓFILO Braga foi, para a maior parte das pessoas que o conheceram mais ou menos de perto e — sobretudo — para aqueles que só pela sua obra o conheceram, uma alma obcecada, inteiriça, sem maleabilidade nem ternura para as cousas e para os sentimentos da vida.

Ao vê-lo, corpo envelhecido e puido a abrigar uma alma intransigentemente nova e combativa, era como se abrissemos um dêsses velhos estojos gravados a ouro, cansados das mãos que os manejaram através de anos e anos de posse e têm dentro o esplendor eterno das mais lindas jóias. No entanto, Teófilo Braga foi sempre para mim, e há-de a sua recordação continuar a ser para a minha memória, uma querida imagem de ternura sentimental.

Um pouco diluída, um pouco fria na sua linha imprecisa de relações, que nunca foram íntimas — pelo respeito ao seu sossêgo produtivo, ao seu isolamento laborioso — mas sempre impregnadas de acolhedora ternura.

O sábio fôra em Coimbra companheiro de casa de meu pai. Tinham vivido lado a lado durante meses, numa convivência de estudiosos, cada um preocupado com o seu trabalho, sem intimidade de moços, que nem um nem o outro o foram no sentido despreocupado, que vulgarmente se dá à palavra.

Quando ler a obra de Teófilo era um pedantismo e o seu nome começava a ser considerado um mito, envolto na erudição que tanto horror



causava à futilidade inculca de uma sociedade ainda desorganizada, os seus livros tinham na nossa casa um interessado acolhimento.

Passaram anos. Teófilo Braga era já o mestre, o sábio, aquele que, só com a sua pena dura e incansável, criara admiradores, discípulos, amigos e inimigos — mais inimigos do que amigos.

Cego e indiferente à vida, que não conseguia comovê-lo senão através do seu poderoso cérebro, êle era como dizia incansável, vendo através de lentes poderosas — que detalhassem, aumentassem e definissem todos os

factos — o tumultuar da sociedade combalida de Portugal, que êle sintetizava para a construção forte da sua obra nacionalista, profunda do pensamento e do sentimento orgulhoso da raça.

Foi então que o conheci pessoalmente, levando-lhe com o meu trabalho a certeza de que o seu labor começava a produzir os seus frutos.

Porque — êste é o facto que merece todo o reconhecimento da nossa fé de portugueses, que levantam a Pátria acima de todas as paixões e de todas as devoções e idealismos — sem a obra de Teófilo Braga e dos que na sua geração começaram a construir sobre bases estáveis o nacionalismo inteligente de hoje — nenhum de nós, os que dessa obra tiramos a



TEÓFILO, FILHO, DESENHADO PELO PAI

arte e a beleza imortal para a chama ardente de um renovamento da alma portuguesa, poderíamos ter feito obra duradoura e definitiva.

Desde êsse dia longínquo em que meu pai me apresentou na solidão acolhedora da sua casinha modesta, nunca mais deixou de ser para mim e para os meus o mesmo coração amigo e simples, que sentia prazer na continuidade da vida espiritual da mocidade quasi esquecida.

Sem exageros sentimentais, mas sempre interessado nos assuntos que diziam com a nossa vida íntima, era com a mais carinhosa ternura que nos recebia e que de quando em quando nos escrevia dizendo sempre palavras definitivas que orientam e marcam na vida.

Presidente do Governo Provisório da República ou simples cidadão a sua amizade foi sempre acolhedora e cheia de interesse e ensinamento.

Comentando, um dia, os factos absurdos que desmentiram perante a consciência feminina a propaganda de alguns republicanos, êle explicava-os de forma que nos convenceu a encará-los com a serenidade forte de quem cria certezas para o futuro, desprezando o presente...

Da sua inalterável e acolhedora amizade vieram para a satisfação do meu orgulho de bem fazer algumas cartas que julgo melhor ficam desde já neste *In memoriam* como a homenagem que melhor corresponde à grande figura que por si própria se fixou para a imortalidade.

São cartas de ensinamento, e por isso as escolho entre outras igualmente interessantes, porque não é demais que a sua voz autorizada ainda através da morte se faça ouvir, trazendo um pouco de disciplina inteligente à confusão da cultura nacional:

... Li os livrinhos para as crianças com certo encanto e farei algumas observações:

Foi por êste meio que Perrault no século xvii deu forma literária aos contos populares suscitando interesse por esta criação tradicional; depois vem a forma científica, que considera o conto como um documento étnico, e leva o uso a coligi-lo mesmo no dialecto provincial. Os dois processos não me parecem incompatíveis. Nem todos os contos tradicionais são susceptíveis de serem contados a crianças; mas os que o merecem, devem ser redigidos adaptando o mais possível as locuções, modismos e frases proverbiais da língua.

Assim a criança, com o quadro que lhe alenta a imaginação, recebe as formas da língua as mais nacionais e pitorescas. Notei que os contos derivam de um fundo tradicional; isto os torna mais valiosos do que se fôsem inventados a capricho. Felicito a autora pela larga exploração que tem feito dêsse veio tradicional da novelística portuguesa .....

Lisboa, 10 de Maio de 1906.

Com verdadeiro interesse e júbilo recebi a colecção de *Contos Tradicionais Portugueses*, e a colecção de *Contos* do grande mestre Jacob Grimm<sup>1</sup>. V. está de posse do tesouro do encanto infantil, e do meio de interessar as inteligências nascentes para as dirigir elevando-as do sentimento para a razão. O seu longo trabalho, a missão que tem occupado e enchido a sua vida, dão-lhe um lugar primacial na renovação pedagógica portuguesa em tudo o que constitui o problema da criança. Como mulher, espôsa

---

<sup>1</sup> Volume 11.º da colecção *Para as crianças, Alguns contos de Grimm*, tradução directa do alemão por Afonso Hinker e Ana de Castro Osório

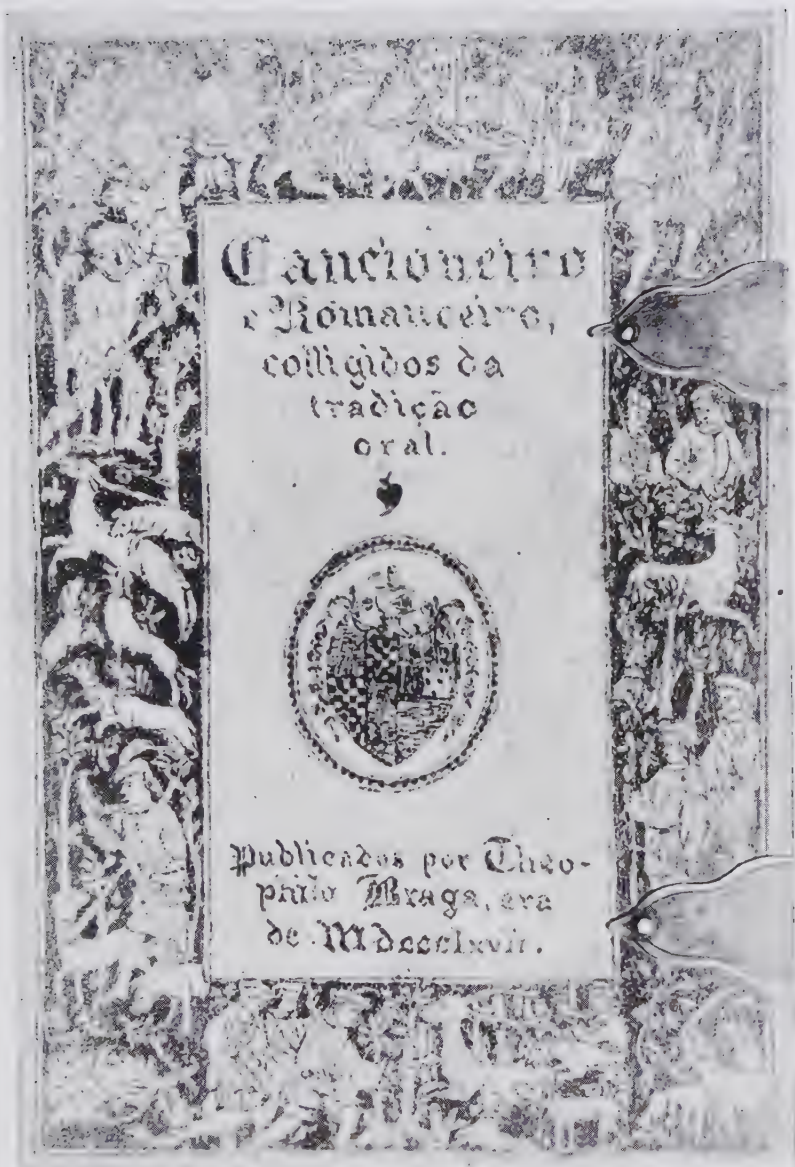


e mãe, como coração português que sente a nossa raça e compreende a história desta nacionalidade, como génio artístico e ao mesmo tempo prático, é V. a primeira dêste campo de cultura infantil. E quanto mais conheço os seus continuados trabalhos, mais noto a missão do que lhe compete — devendo de há muito ser aproveitada por um Governo como professora de uma cadeira de Pedagogia infantil. Um dia chegará isso, mas para exploração dos gananciosos. Por ora tem V. apenas a aclamação dos que a admiram, destacando-se entre os mais sinceros o seu sempre reconhecido servo

*Teófilo Braga.*

Num país em que o trabalho intelectual não tem compensações morais nem materiais, no qual não há consagrações nem reconhecimento definitivo, porque a inveja dos inferiores obriga a uma defesa contínua e extenuante da nossa obra — e o Mestre foi disso um exemplo bem flagrante — os documentos como estes são o incentivo que não nos deixa esmorecer, porque nos dão a certeza de bem merecermos da Pátria.

*Ana de Castro Osório.*



REPRODUÇÃO DA CAPA DUM CAN-  
CIONEIRO, DESENHO INÉDITO DO  
DR. TEÓFILO BRAGA (*frente*).





## O ARTISTA



As complexas e privilegiadas faculdades de inteligência, de espírito e de cultura literária e científica da personalidade de Teófilo Braga, já conhecidas e consagradas, há a acrescentar acentuadas aptidões artísticas. Parece que este facto foi, para a maior parte dos seus admiradores, uma surpresa. E pedem-me que emita a minha opinião sobre o mérito nestas tentativas revelado.

Comecemos por assentar, que não são certamente trabalhos de profissional. E seria imperdoável exagêro considerá-los como frutos amadurecidos pelo exercício e pela reflexão. Estamos em presença de tentativas avulsas que têm de ser apreciadas como simples e espontâneas curiosidades de amador.

E, não obstante estas considerações, não hesito em reconhecer que nestas modestas provas há mais sinceridade e intenção, do que na maior parte dos desvarios, que ilustram as páginas de importantes publicações modernas.

!Caso extremamente lamentável é que tais aberrações, em voga por todos os países, estejam corrompendo a dignidade da arte e os ditames do senso comum, com o acolhimento e o aplauso dos modernistas!

Nas artes plásticas, as funções da crítica converteram-se em adminículos das idealidades imaginativas de literatos. Cada escritor pondera e julga a seu modo, em plena liberdade de fantasia, com pontos de vista arbitrários, ou mesmo sem ponto de vista algum. Simples pretexto de exibição pessoal.

Porque a subordinação a um método de ideias definidas de rectidão de análise considerar-se-ia um estigma de subalternidade deprimente.

Forçoso é pois descobrir nestas experiências alguma significação mais alta do que simples notas biográficas e individuais.

Por elas se pode ajuizar da intensa solidariedade da população escolar de há cinco decénios.

É sabido que João de Deus desenhava hãbilmente. E o exemplo proliferava: não eram raros de encontrar estudantes que se recreavam em entretenimentos de arte.

Os festejos camoneanos fechavam um ciclo histórico da vida académica. O tempo em que Coimbra se nobilitava com o título de lusa-Atenas ia terminar, para dar lugar a um outro período bem diferente.

As praxes, que até então eram invocadas e se impunham com a supremacia de dogmas de pragmática inviolável, desapareciam e a cidade perdia os costumes tradicionais que lhe imprimiam o seu aspecto tam singular e arcaico.

O Teatro, o Clube, a Filantrópica eram instituições académicas em volta das quais o espírito irrequieto dos moços aproveitava todas as ocorrências para protestos retumbantes e discursos inflamados, que muitas vezes degeneravam em arruaças de hilaridade e de troça. Ali se debatiam assuntos, os mais fúteis, em grandes rasgos de oratória tribunicia. Assim seria na Agora dos atenienses.

A Feira, habitualmente repleta de estudantes, era uma espécie de monte Aventino.

Aqui se iniciavam reclamações e turbulências, que terminavam ruídosamente. As resoluções de maior tómo, de protesto contra a tirania dos reitores e lentes, essas eram tomadas em reuniões clandestinas.



CAPA PARA O «ROMANCERO DEL CID»

Desenho do Doutor Teófilo Braga.



Numa corporação, ligada por laços tam estreitos de confraternização, os costumes, as ideas, sentimentos de predilecção e simpatia nunca divergem grandemente. O espirito de classe e de solidariedade atecava-se nos



RESSURREIÇÃO DE LÁZARO, DE REMBRANDT

Cópia do Doutor Teófilo Braga.

conflitos freqüentes contra futricas da baixa, contra o fôro académico, e, em rebelião indisciplinada, contra o reitor e Conselho de Decanos.

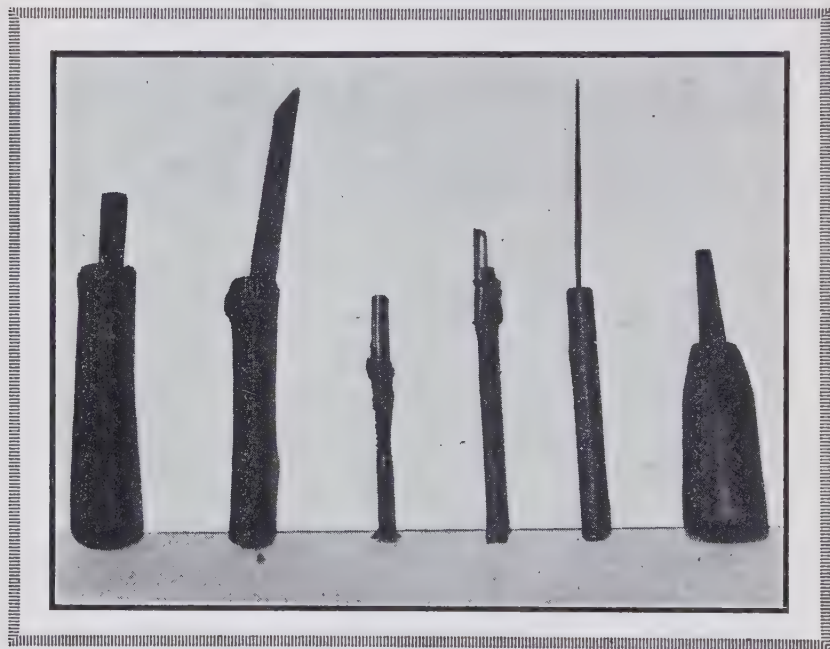
A convivência constante, nesta harmonia de camaradagem confiante, explica como nesse tempo a mocidade airada se entregava a exercícios



de curiosidade artística. Às quartas-feiras e sábados, vésperas de feriado, quem passasse pelas ruas da alta de toda a parte ouvia sons de flauta, rebeca e violão, os instrumentos favoritos. A guitarra veio mais tarde.

!Foi o período lendário da boémia académica! E os que cultivavam, com vário êxito, a aptidão para o desenho eram inumeráveis.

Depois dêste longo preâmbulo, revertamos ao desempenho da incumbência, analisando os espécimes justificativos da singular aptidão de Teófilo.



GOIVAS E MAIS FERRAMENTA UTILIZADA PELO DOUTOR TEÓFILO BRAGA

São imitações? É verdade! Mas a disposição natural afirma-se iniludivelmente.

Em desenhos temos: a Ressurreição de Lázaro, água-forte de Rembrandt; e cabeça de Madona.

E ainda duas cercaduras do *Cancioneiro* por êle publicado em 1867. Realmente de bom critério, porque o carácter da composição condiz com a índole do livro.

Mais notáveis, porém, são os baixos relevos.

Aqui não se dirá, como Maxime du Camp ao discutir as esculturas do antigo México: «*Tel outil, tel Dieu*».

Os instrumentos de trabalho de Teófilo eram engenhosas improvisações, de adaptação rudimentar e infantil. Uma pena de aço serve de goíva; uma fôlha cortante, num cabo, faz de formão, etc.

As duas galés são fantasias que desde o século xvi forneceram fôrmas de doce às confeitarias dos conventos femininos. Ainda se encontram exemplares em alguns museus. Mas sobretudo o que merece atenção é o esbôço da Virgem com o Menino dormente. Como demonstração de habilidade natural é inteiramente expressiva e estimável.

Pensando um pouco, pela contemplação das provas que tenho à vista, suscita-se êste juízo sumário:

No âmbito incomensurável da actividade do espírito humano, há criaturas bem fadadas pela Natureza, fartamente dotadas com a benção da predestinação. Os exemplos abundam para honra da espécie.

Felizes os que na espontânea super-abundância dos seus recursos podem traçar livremente a orientação do seu destino, ou especializando-se em determinada direcção, ou abrangendo-as a todas simultâneamente.

«*Esta é que é a cousa!*», estribilho de Teófilo.



A VIRGEM COM O MENINO DORMENTE

Relêvo em madeira esculpido pelo Doutor Teófilo Braga.

*A. Gonçalves.*

## INVENTÁRIO DOS LABORES MANUAIS DO DOUTOR TEÓFILO BRAGA

### DESENHOS

RETRATO DO FILHO JOAQUIM. Desenho num papel oval, colorido a lápis. Esse papel foi colado no verso do cartão-convite da Comissão Central de Homenagem a António Maria Fontes Pereira de Melo, promotora — em 1888 — do monumento àquele estadista. No próprio desenho colou Teófilo Braga outro papel para fazer o colarinho e laço do retratado. — Pertence à Biblioteca do Doutor Teófilo Braga, actualmente da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada.

RESSURREIÇÃO DE LÁZARO, de Rembrandt. Cópia feita a tinta, no verso do cartão-convite do Curso Superior de Letras, para uma sessão do Conselho Extraordinário. Tem por baixo: — «Ao seu amigo Dr. Luiz Xavier da Costa offerece este borrão do tinteiro de Theophilo Braga». — Pertence à colecção do distinto bibliófilo e crítico de arte, Dr. Xavier da Costa, que gentilmente autorizou a reprodução neste *In-memoriam*.

CAPA DO *Cancioneiro e Romanceiro colligidos da tradição oral publicados por Theophilo Braga, era de*

MDCCLXVII. Na outra pasta da capa, toda em pergaminho, tem ao alto J. T. B.; por baixo a inicial M — certamente indicativo do nome da espôsa. Por baixo dessa inicial: — «Natura et Arte», e ainda mais abaixo: «1867». Fechos de prata. — Pertence à Bibliot. do Dr. T. Braga.

CAPA DO *Romancero del Cid. En lenguaje antiguo. Recopilado por Iuan de Escobar e impresso pela primeira vez em Lisboa, anno de 1605*. Em capa de pergaminho estão estes dizeres feitos a tinta da China, emquanto o desenho está apenas esboçado a lápis. — Pertence à Biblioteca do Doutor Teófilo Braga.

MADONA DELLA TAVOLA. Desenho a lápis assinado: «T. Braga, 1867».

VÊNUS DE MÁSCARA. Desenho que em tempo foi visto pelo Sr. Dr. A. do Prado Coelho, mas cujo paradeiro se desconhece.

EX-LIBRIS inédito e único. Desenhado a tinta e colado no livro *As obras do doutor Francisco Saa de Miranda*. 1677. — Pertence à Biblioteca do Doutor Teófilo Braga.

### ESCULPIDOS EM MADEIRA

A VIRGEM COM O MENINO DORMENTE, trabalho inspirado na «Madona della Chiesa». — Pertence ao Sr. Francisco José Gomes de Carvalho.

GALÉ ou caravela grande. Baixo relêvo. — Pertence ao mesmo senhor.

GALÉ ou caravela pequena. Baixo relêvo. — Pertence ao mesmo senhor.

FACA DE MADEIRA PRETA, para cortar papel, com o cabo torcido e tendo na fôlha as iniciais T. B. — Pertence ao Sr. Dr. Leça da Veiga.

PERNA, compreendendo joelho e pé, esculpido num pequenino tronco de madeira. — Pertence ao mesmo senhor.

SAPATO, em miniatura. — Pertenceu à Comissão Teófilo Braga, que o offereceu para figurar na Biblioteca do Mestre, hoje na posse da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada.

A curiosa ferramenta utilizada para estes trabalhos, pertenceu à Comissão Teófilo Braga e teve o destino supra-citado.





REPRODUÇÃO DA CAPA DUM CAN-  
CIONEIRO, DESENHO INÉDITO DO  
DR. TEÓFILO BRAGA (*verso*).







## SÁBIO, BOM E JUSTO

**A**s preclaras qualidades de Teófilo Braga, refractadas através da Morte, imprimem ao seu vulto um cunho de prestigiosa perfeição ainda maior do que o revelado em Vida. É que no ambiente pôster o extinguem-se sempre quaisquer mínimos defeitos, provindos da natureza humana, ao passo que persiste, em fulgor e alcance, a luz da Virtude.

Só as vibrações do Carácter e do Talento iluminam de beleza o campo da História, como as Estrêlas do Universo banham de claridade áurea os espaços siderais.

Teófilo Braga continha em si a origem da própria grandeza.

Por isso, pôde romper e triunfar, sòzinho, de todos os obstáculos que se lhe depararam ao sair da casa paterna e, mais tarde, pelas escarpas embaraçosas que conduziam ao Ideal.

Apesar de educado como filho de um distinto professor liceal e de uma senhora de estirpe fidalga, fez-se operário. Está em tal assômo de independência a primeira afirmação pública da sua impoluta dignidade moral.

Teve, assim, um nobre noviciado no Trabalho, cuja rudeza, na idade fulva das ilusões, dá uma têmpera superior ao Carácter.

Depois, leccionou com devoção e competência, preparando-se, nesse novo e honrado esforço, para as batalhas do Pensamento.

Admitido na Universidade, depressa grangeou óptima fama, atingindo o supremo grau, mercê das classificações justamente conquistadas.

Entretanto, com vontade de ferro e notável capacidade, adquiria todo o saber do tempo, podendo, assim, planear e escrever uma obra grandiosa,

profundamente erudita, complexa e progressiva. Começando pela cultura da Ciência nova de Vico, — que, pelos dados da Etnologia, reconstituiu os gérmes e formas das Civilizações, — assimilou, depois, superiormente, as concepções estéticas de Hegel, interpretando as manifestações da Arte como modalidades psicológicas das Raças. Alcançou, ainda, a disciplina mental do sistema positivista de Comte, que dá a noção do

conjunto dos fenómenos sociais e a necessária harmonia entre os dados objectivos da Ciência e os subjectivos da Arte e da Filosofia.

Em seguida, integra as tradições populares portuguesas, determinando o carácter e a extensão da Raça Lusa. Estudando as manifestações individuais, architecta a *Historia da Litteratura*, que ainda não existia.

Como a vida histórica de Portugal assenta sobre os descobrimentos marítimos, o lugar do nosso povo, na marcha da Humanidade, leva-o a coordenar, num trabalho precioso, a *Historia Universal* (esbôço de sociologia concreta).

Estando na posse dos elementos relativos ao quadro geral da Evolução, compreende a importância que



MADONA DELLA TAVOLA

Desenho do Doutor Teófilo Braga.

a Filosofia da História tinha para definir a nova idealização da Epopeia Humana, e produz o imorredouro poema *Visão dos Tempos*.

Entrando no campo da Pedagogia, elaborou a *Historia da Universidade de Coimbra*.

Analisa, ainda, os fenómenos da Política, e, orientado pela ideologia revolucionária, deduz da situação e passado dos povos peninsulares a Federação Hispânica, apresentando-a como solução racional dos antagonismos e unitarismos ibéricos.

Depois, muitos outros trabalhos, — versando, também a fundo e com primor, tantos problemas importantes da Literatura, da História e da Filosofia, — continuaram a documentar a fecundidade inesgotável de Teófilo Braga.

E toda essa obra imensa, — a maior produzida por autor português, — reflecte o culto ardente da Pátria e a preocupação proba de servir a Verdade. Foi por ter a Pátria bem erguida no Altar da Alma que lhe consagrou as ideas mais lúcidas e os sentimentos mais nobres. Foi por amar a Verdade que corrigiu e anotou várias afirmações, que pôs sempre na palavra o timbre da Consciência.

Teófilo Braga foi, de facto, mercê da construtiva função mental que exerceu e dos atributos que a exalçam, — ainda sobredourados pela vida mais pura e simples, — um Sábio, um Bom e um Justo.

*António Cabreira.*





## DIRECTRIZES DO PENSAMENTO DE TEÓFILO BRAGA<sup>1</sup>

**N**um homem como Teófilo Braga, de semelhante constituição mental, a vida do pensamento é a mais levantada e operosa forma de acção. Cedo se retemperou para essa vida, adestrando as suas energias para a exercitar, como a sua virilidade reclamava. Sem desfalecimentos nunca, no meio da luta, através dos ódios, o combativo pôde e soube impor à consideração pública o seu nome, num esforço constante para manter com êxito a ascendência intelectual e moral, uma vez conquistada.

As condições em que se realizou a sua evolução espiritual serviram o plano de acção que havia de desempenhar e que a força de vontade sustentava tanto, pelo menos, como os rasgos da iniciativa mental.

É sabido que o positivismo ocupa nessa evolução espiritual um lugar eminente, preponderante. Mas esta circunstância tem de ser apreciada com prudente reserva. Ainda aqui se revela, como sempre, e nunca é demais destacá-la, a vincada individualidade de Teófilo Braga. Sob a influência dessa doutrina, em cujo poder orgânico assentou a irredutibilidade de ideias de Taine, de Renan e de tantos outros pontífices literários e cujo

---

<sup>1</sup> O autor preparou-se para o estudo do assunto com os seus trabalhos: *Teófilo Braga*, xiii-234 pp., 1922; *A Mocidade—Teófilo Braga no Ensino Público*, 16 pp., 1922; *Ideias de Teófilo Braga em Religião e em Política*, 8 pp., in *Educação Social*, n.º 9, Maio de 1924; e *Notícia Preliminar*, 11 pp., in *Teófilo Braga e Inocência Francisco da Silva*, 1928; mas teve de reformar os seus juízos, em pontos capitais, agora.



prestígio dominador fez que Brunetière, já no caminho da crença, se manifestasse ainda tam profundamente eivado de racionalismo positivista (cfr. *Sur les Chemins de la Croyance*), Teófilo Braga, no pleno senhorio das suas faculdades, usou largamente da iniciativa de subordinar o seu estudo a um critério de interpretação, inteiramente livre, independente. É o que se torna lícito depreender, nomeadamente, do exame do seu *Sistema de Sociologia*, em que nitidamente se acusa quanto o seu autor sondou o positivismo em profundidade e em extensão, e ainda dos seus artigos, entre outros: *Disciplina Mental (O Positivismo, vol. 1, p. 1 e ss.)*; *Mentalidade Positiva (Ibid., p. 245 e ss.)*; e *Constituição da Estética Positiva (Ibid., p. 409 e ss.)*.

Se bem que para êle constituíssem sempre, em Comte, objecto de atracção suprema o pensador, o agitador de princípios, o cultor de ideias vivas, veio a deter-se, mais de espaço e definitivamente, no sociólogo, vendo que o positivismo nasceu de preocupações sociológicas e se produziu para satisfazer a um fim utilitário soberano: o de pôr termo às batalhas da inteligência, estendendo à filosofia o método das ciências e ligando-a com a ordem social.

Considerando o misticismo um flagelo para a humanidade, ao passo que Comte veio a adoptá-lo experimentalmente como uma sublimação espiritual, diríamos quási como um meio de salvação da espécie, nesse «estado definitivo de concentração religiosa» que coroa a sua prodigiosa actividade mental, o autor português, dominado por «instintos irreligiosos» que o faziam um defensor tenaz do estado meramente negativo ou scéptico, reconhecia, ainda assim, nas concepções do francês, tais fundamentos universalistas, embora, por essa essencial discordância, não os aceitasse em conjunto e intactos, que era com segura confiança na resistência dêles que assistia aos progressos e transformações efectuadas no domínio das ciências morais e políticas, certo de que toda a reforma social do futuro teria de assentar estruturalmente nesses fundamentos e que a medida do êxito resultaria só do grau de providência com que se procedesse a essa adaptação. O significado e o valor da doutrina positiva estavam, para êle, na sua qualidade de tentativa de consolidação da ordem. Sedento de ordem, impressionou-o sobretudo em Comte «a sêde de ordem», como homem que «acima de tudo, foi impressionado pela desordem das opiniões e pela anarquia das inteligências». (Milhaud, *Le Positivisme et le Progrès de l'esprit*, p. 45).

Mas essa concórdia a estabelecer pela via afectiva baseava-a o sociólogo francês num espírito humanitário que Teófilo Braga, incomparavelmente mais imbuído de criticismo modernista, mais temerário na adesão

às consequências do livre exame, não podia abraçar na sua plenitude e na complexidade que lhe advinha do dogmático carácter religioso, em que residem necessariamente o termo e a sanção da sociologia positiva; e assim, ainda menos generoso, menos humano que Comte, por mais estreitamente confinado no agnosticismo sob a influência de Littré e de Huxley, abstendo-se, em teoria, sistematicamente, de o acompanhar no que a sua metafísica tem de mais ousado e ambicioso e, em especial, no seu conceito puro e integral da Religião da Humanidade, alheio a Cristo, mas inspirado todo na lição construtiva da disciplina da Igreja católica, veio Teófilo Braga a demonstrar praticamente, na sua vida pública, na sua acção social directa, um afastamento total de alguns dos seus princípios políticos e sociológicos dominantes. (Cfr. R. Teixeira Mendes, *A República em Portugal e a Atitude da Igreja Positivista do Brasil*).

Nada, pois, mais contestável, a rigor, que a designação, que se lhe aplica, de positivista, não obstante haja ficado devendo ao positivismo o impulso disciplinador do seu método («a questão orgânica, a mais importante das questões científicas», como dizia Júlio de Matos — *Ensaio sobre a Evolução em Biologia*, in *O Positivismo*, vol. 1, p. 100) que o levou à revisão e sistematização das suas aquisições eruditas e lhe permitiu ampliar e definir os horizontes do saber. Infelizmente, curou demasiado de ver nessa filosofia um refúgio onde o espírito poderia ficar ao abrigo da ofensiva das doutrinas teológicas. A não ortodoxia de Teófilo Braga, em frente do positivismo, podia mesmo deduzir-se da circunstância de haver sempre filiado Comte em espíritos ateus ou protestantes, como Condorcet, no século XVIII, e Bacon e Shaftesbury, no XVII, com menosprêzo absoluto da larga influência nêle exercida por José de Maistre, entre outros escritores católicos; e também de tanto se comprazer em haurir



GALÉ GRANDE

Relêvo em madeira, esculpido por Teófilo Braga.

ideias substanciais nos campeões do materialismo contemporâneo: Vogt, Moleschott, Büchner, Maudsley.

Apesar de preceituar a reorganização social «sem Deus nem reis», predominava no regime normal sociocrático, como Comte o propôs, muito de conservador, de formalmente oposto à lógica do pensamento ateu e democrático de Teófilo Braga.

Era a sua prevenção contra as religiões e sobretudo contra a verdade revelada que o impelia a manifestar-se sempre com veemência contra o clero e, em particular, contra a Companhia de Jesus, estimulada a sua antipatia pela acção vigorosa que esta desenvolveu na contra-reforma. Não hesitava em atribuir aos jesuítas o desencadeamento da Revolução Francesa «exautorando todas as aspirações da liberdade pelo delírio sangrento do Terror», tornando depois essa Revolução «odiosa e detestada pelos Reis» e finalmente «opondo-lhe Napoleão». (*A Eleição do Papa Negro*, in *A Águia*, x vol., 1916). Ora a verdade é que os jesuítas foram dos mais acesos opositores de Voltaire que se gabava de *ter feito mais em seu tempo que Lutero e Calvino*, dos mais ardentes opugnadores da Constituição civil do clero, sob a jurisdição de uma Assembleia meramente política, e um houve, o Padre Grou, que, perscrutando, na Revolução, o móbil da instituição de uma Igreja francesa scismática, de uma espécie de catolicismo reformado, a classificou terminantemente de «Anarquia anti-cristã». Dizendo que «nenhum jesuíta apareceu na carnificina, entre afogados e guilhotinados» (*Ibid.*), Teófilo Braga quis talvez significar que o Terror não atingiu a Companhia de Jesus; mas o que é certo é que figuram membros dessa Sociedade entre os massacrados em Paris, em 2 e 3 de Setembro de 1792. Nos Carmelitas, além de três eudistas e doze padres seculares, foram-no três antigos jesuítas; e, em S. Firmino, um eudista e um antigo jesuíta. (P. Rovolt, *Les Martyrs Eudistes*, p. 16).

Quanto a Bonaparte, no cap. v do seu *Mémorial*, explica e justifica as razões que o levaram a pôr de parte o protestantismo, para o qual pretendiam impeli-lo, e a restabelecer, apesar de todas as dificuldades, o catolicismo, de que se serviu como o principal entre «os grandes elementos que realizam a coesão social» e a que deu toda a força para evitar novas e terríveis guerras da religião que «teriam aniquilado a França e a teriam tornado escrava da Europa». A lição do passado bastaria para justificar Napoleão. Mas que não se enganava confirma-o, não menos, a história posterior e nomeadamente a carta de Bismarck a d'Arnim, embaixador em Paris, datada de 16 de Novembro de 1871 e na qual há afirmações como as que seguem: «Uma política católica da França dar-lhe-ia uma grande influência na Europa e até no Extremo Oriente. O meio de con-



trabalhançar a sua influência em proveito da nossa é deprimir o catolicismo e o papado que está à sua frente. Se pudermos atingir êste desígnio, a França fica aniquilada para sempre».

(Sôbre a Revolução Francesa, releiam-se, entre outras obras, além da já citada de Rovolt: M. Doumic, *Le Secret de la Franc-Maçonnerie*; A. Mathiez, *La Révolution et les Étrangers*; e as de Aug. Cochin).

Evidencia-se, com toda a nitidez, o anti-positivismo de Teófilo Braga, no campo religioso.

«Não acompanhamos a concepção teológica de Comte, emquanto às suas formas religiosas». (*Sistema de Sociologia*, pp. 16-17, e Prolóquio de *Os Centenários*). Sôbre êsse «culto ou religião sociolátrica anexada às doutrinas teóricas», pronunciou-se, classificando-o de «um dos vestígios psicológicos da grande comoção social da Europa no fim do século XVIII» (*Ibid.*). O positivismo foi, com efeito, influenciado pelo rousseauismo, especialmente na parte em que se faz eco das doutrinas quietistas. Na sua base está, pois, a heresia. Ademais e afora a ortodoxia, todo o solidarismo é de essência cristã. «Se tantos espíritos vêm a empregar em proveito da solidariedade as sínteses do positivismo e as lições da biologia, a promoção, a honra de uma tal atitude reverte a sentimentos cristãos subjacentes, capazes de dirigirem a nossa escolha sem que o saibamos, ou mesmo contra a nossa vontade... Nenhuma filosofia da história, mais e melhor que a que está inclusa no Evangelho, ilustrou o estado de mútua dependência em que vivem os membros da humanidade». (Bouglé, *Le Solidarisme*, pp. 15-16).

¿Que pôr contudo no lugar da religião?

«Reconhecemos que nas sociedades modernas alguma cousa se passa que, tendendo a satisfazer as necessidades do sentimento, vai ao mesmo tempo substituindo as religiões». (Prolóquio citado). E acrescentava, explicando em que poderia consistir a substituição: «A síntese activa está sendo realizada espontâneamente nas *Exposições*, formadas pelos produtos dos esforços pacíficos; a síntese afectiva, correspondendo às novas noções da solidariedade humana, manifesta-se pelos *Centenários* dos grandes homens ou dos grandes sucessos; a síntese especulativa, como reconhecimento geral do poder espiritual da Ciência, efectua-se por meio dos *Congressos*, em que a pátria se alarga na humanidade». (*Ibid.*).

O seu conceito de caridade ou filantropia, que reputava um auxiliar da filosofia, excluía toda a conciliação do criticismo científico com qualquer espécie de crença que não fôsse de ordem absolutamente laica: essa conciliação, como Newton e Pascal a conceberam, considerava-a uma pura «aberração mental». (*Sistema de Sociologia*, p. 347).

Para êle, «os poderes sobrenaturais... estão substituídos pelo conhecimento das leis mecânicas, físicas e químicas que eliminaram a crença nos milagres, deixando em seu lugar as demonstrações unânimes». (*Ibid.*, p. 503).

Não tendo, pois, na devida conta a importância psicológica e sociológica do fenómeno religioso, contrapunha a vida contemplativa à vida activa, tornando-as incompatíveis, como se pela caridade cristã, factor preponderantemente moral cujo valor menosprezava, não fôsse possível atingir a ideal conciliação e harmonia entre uma e outra, com igual sublimação de ambas. (Cfr. os retratos das nevróticas: Hernanda, em *Um Erro no Calendário*, pp. 184-185 dos *Contos Fantásticos*, 3.<sup>a</sup> ed., e Marcela, em *Beijos por Facadas*, *Ibid.*, pp. 172-174).

Os seus preconceitos iam ao ponto de recusar a energia viril ao asceta. (Compare-se, sobre a lenda do monge que se defronta com Rubens, a sua versão, inclusa na *Ogiva Sombria*, *Ibid.*, pp. 124-125, com a inclusa nas *Cartas Escolhidas*, trad. de J. G. da Cruz Viva, pp. 63-66).

Determinista, Teófilo Braga, se bem que exaltasse a consciência como a maior força conhecida, negava o livre arbítrio, que classificava de autêntica ficção.

Não julgamos êste o lugar mais próprio para nos alongarmos na refutação de doutrinas. Contudo, acentuaremos que o determinismo absoluto, não querendo ver na liberdade uma forma de necessidade orgânica, íntima e permanente, vai até o ponto de se arvorar em negador da boa ou má fé, da sinceridade, e conseqüentemente de toda a possibilidade de santificação pessoal. Contra êle, é ainda a religião que fornece o melhor argumento: «A minha principal razão, na essência, é que não posso, não quero admitir a tese que se chama, em linguagem teológica, *Deus autor do mal*». (Carta de Renouvier a William James, de 28 de Dezembro de 1882).

Aplicando à história o critério positivo que contrapunha ao que chamava o critério teológico o metafísico, «fortificando-se pela crítica a consciência na descoberta positiva da lei da continuidade histórica, diante da qual as maravilhas se submetem às condições do natural» (Proémio de *As Lendas Cristãs*), Teófilo Braga tinha como pedra de ângulo do aludido critério positivo o seguinte conceito formalista: «Cada progresso, na forma que revela o sentimento religioso, é um produto de esforços anteriores: ao naturalismo sucede-se o antropomorfismo e o dogma abstracto, com a mesma fatalidade de uma dedução de princípios» (*Ibid.*), e persuadia-se de que «as religiões monoteístas são estados mentais precedidos de outros mais rudimentares» e de que «a verdadeira luz para a compreensão das



religiões semitas consiste em ver nelas um documento etnológico que se analisa, recompondo as fases da sua evolução histórica». (*História Universal*, t. II, pp. 41-42). Dentro destas ideias, julgava reconhecer em certas cerimónias mortuárias, na crença no anjo da guarda e no carácter demoníaco de outros, na ideia de um inferno e de um mediador ou salvador, da queda, que reputava lenda, do primeiro homem, da luta do mal, da rebelião dos anjos, etc., vestígios, por transmigração, das doutrinas mazdeísticas, recebidas e assimiladas pelos israelitas (*Ibid.*, pp. 234-235). Para êle, Cristo era uma corporização de elementos cultuais helénicos, védicos e avésticos e de tradições, lendas e mitos, e a Virgem um símbolo da Humanidade. O quadro da paixão e morte do Redentor interpretava-o como uma humanização estética do divino, nascida da vibração simpática das almas simples que teria fecundado a Igreja primitiva, universalizando-a pelo sentimento.

Reputando o canonismo da Igreja como tendo exercido sempre mais ou menos uma acção regressiva na inteligência, não podia resistir à sedução do lado humano, do carácter poético do cristianismo, que, porém, admirava apenas como obra maravilhosa do génio popular. Assim, não hesitava em classificar de assombroso, como Ozanan, o hino da liturgia católica *Stabat Mater dolorosa*, de Jacopone de Todi, e de estupendo o *Dies Irae*, que se canta no ofício de defuntos, segundo a mesma liturgia.

As lendas cristãs, que se limitava a apreciar esteticamente e pelo aspecto moral, como produto da bondade congénita dos povos, atraíam-no, encantavam-no profundamente. «A bondade popular não suporta a maldição; Judas, o discípulo traidor, condenado ao sofrimento eterno, encontrou no coração do povo um sentimento de perdão naquela lenda que se aproveitou de uma acção boa da sua vida. Judas havia dado a um pobre um pedaço do seu manto para se cobrir; mergulhado nos tormentos infernais, êsse acto único faz com que venha em cada semana refrescar-se nos gelos do polo, consolando as carnes requeimadas com o retalho do manto humedecido». (*As Lendas Cristãs*, p. 293).

Essa bondade popular tem o seu representativo, límpido espelho fidelíssimo, em S. Francisco de Assis. «Foi também êste sentimento de bondade que tornou S. Francisco um segundo Jesus, o Cristo da Idade-Média... Ninguém como êle falou com tanta poesia; ninguém soube como êle servir-se de uma língua rude e informe para exprimir os sentimentos mais apaixonados da alma. Êste solitário poeta da Úmbria deu ao cristianismo a feição poética que o sustentou por mais alguns séculos». (*Ibid.*, pp. 294-295). «Essas tradições vulgares e eruditas que deram fôrça

à expansão da religião proselítica e que provieram de um fundo comum de elementos subjectivos» apaixonavam visivelmente o historiador da literatura e o sociólogo.

«Uma das lendas mais belas da Igreja é a da vinda de S. Paulo à Itália; o apóstolo revolucionário e imaginoso, que espalhou o cristianismo por uma eloquência do coração, apaixonada e viva, alma de poeta, génio grego que despiu o cristianismo da estreiteza judaica, e com a sua teoria da *graça* o alargou pelo mundo e, em vez de seita filosófica e abstracta, o tornou comunicativo e popular, veio, um dia, cansado, sentar-se no Pausilipo, no devaneio saúdoso que inspira o ruído do mar; sentou-se sobre a sepultura de Vergílio e chorou sobre ela, dizendo: ¡Não ter eu vindo mais cedo, para salvar esta alma tam pura, tam apta para receber a semente do Evangelho! ¡Uma alma que nas trevas do mundo pagão teve primeiro do que ninguém o pressentimento do cristianismo!». (*Ibid.*, pp. 292-293).

Depois de citar S. Bonifácio, que «se compadece da alma de Aristóteles», e S. Patrício, que «chora, comiserando-se dos antigos poetas da Irlanda mortos sem a graça do baptismo», conta a seguinte «tradição suavíssima da Armórica», «incarnação da alma cândida da poesia céltica»: «Kadok, scismando sobre a península de Rhuys, enlevado na contemplação da graça divina com S. Gildas, sentindo a melancolia religiosa dos mares, tinha debaixo do braço o Vergílio que o acompanhava e que ensinava de cor aos seus discípulos. As lágrimas foram-lhe caindo silenciosas dos olhos. «—Porque choras?» «—Choro, porque o autor dêste livro, que eu amo e que me causa um prazer tam vivo, está talvez na eterna dor». «—Talvez? com certeza! insistiu S. Gildas. É dos réprobos, sem dúvida; ¡julgaís que Deus pesa estes fabuladores diferentemente dos outros homens!». A êste tempo, uma rajada impetuosa levou o livro de Kadok para o mar. Era como a justificação severa do santo. Kadok permaneceu mudo, consternado, e prometeu na escuridão da sua cela não comer, nem beber, enquanto não soubesse como Deus recompensava aqueles que cantam no mundo como cantam os anjos no céu. Suspirando, adormeceu. Então, uma voz argentina segredou-lhe nos ares: «Ora, ora por mim, não te canses de orar, para que eu cante eternamente as misericórdias do Senhor!». Ao outro dia, o santo encontrou em um salmão, trazido por um pescador de Belz, o livro de Vergílio que o mar escondera». (*Ibid.*, pp. 295-296).

Manifestamente, o investigador carinhoso, devotado de romances e lendas populares, compraz-se, atraído pelo carácter popular da poesia do cristianismo, na apresentação do tesouro de beleza que esta encerra,

compondo talvez, com êsse assunto, as melhores, as mais encantadoras, por delicadas, sentidas, páginas da sua obra. É que, ainda que lamentasse que o cristianismo se haja atravessado no caminho do paganismo, êle não encontrava, como na tradição cristã, demonstrações vivas da alma da humanidade, tocada do amor do Nazareno, o Consolador das beatitudes, que introduziu no mundo a lei do amor, o evangelho da caridade, e se

identifica com todos os desgraçados, fazendo amar o sofrimento. «Os mendigos aparecem às vezes aos que os receberam, na pessoa de Jesus. É a representação material da idea expressa nestes versículos do Novo Testamento: — *Qui recipit vos, me recipit, et qui me recipit, recipit eum qui me misit...*

S. Judicael encontra um leproso, de quem a multidão foge; trata-o, e o miserável era Jesus...

S. Julião Hospitaleiro inspirou a Cristóvão Allori um quadro igual. Tendo morto pai e mãe por engano, parte com sua mulher e vai habitar a margem de um rio, onde dá passagem aos que aí chegam: «Uma vez, estando a repousar, ouviu uma

voz que chorava consternada, chamando-o, para passar o rio. Mal que a ouviu, o santo se levantou comovido e encontrou um homem que morria de frio; levou-o para sua casa, sentou-o de junto ao lar, esforçando-se por acalenta-lo; e, como nada conseguisse, temendo que o desgraçado se finasse, levou-o para o seu leito e o agasalhou solícito. Eis que, pouco depois, aquele que lhe apparecera assim doente e leproso se mostra resplandecente, e, elevando-se para os céus, disse ao seu hóspede: — Julião, o Senhor me enviou a ti e te faz saber que aceitou a tua penitência, e vós ambos repousareis em Nosso Senhor em breve». Também S. Martinho dá metade da sua capa a um mendigo, sem saber que estava agasalhando Jesus... O mesmo conta Voragine, na *Legenda Aurea*, quando fala de S. João Esmoler; o santo patriarca de Alexandria aconselhava também a esmola pela parábola. Personifica um certo Pedro, espécie de causi-



GALÉ PEQUENA

Relêvo em madeira, esculpido por Teófilo Braga.



dico: «E como êste homem rico fôsse uma vez pelas ruas com vestes esplêndidas, um homem quási nu lhe pediu alguma roupa para se cobrir. E Pedro se despojou imediatamente dos preciosos vestidos e os deu a êste mendigo, que logo os foi vender. Tanto que viu o miserável vender e despende o que recebera, ficou tam desgostado que nem quis comer nem beber, e dizia: — Assim sucedeu, porque eu não era digno de que êste homem guardasse cousa minha. — E, quando adormeceu, viu um homem que era mais resplandecente que o sol, e que trazia uma cruz sôbre a cabeça, e estava agasalhado com a vestimenta que dera ao pobre; e êste homem lhe disse: — Porque choras, Pedro? — E, sabida a causa, redarguiu: — Conheces tu isto? — E o rico lhe disse: — Senhor, sim! — Disse-lhe então o Senhor: — Eu estou bem vestido com o que tu me dás e eu te dou graças pela boa intenção, porque tinha frio e me cobriste». (*História da Poesia Popular Portuguesa*, pp. 123-126).

No cristianismo, na alma do cristianismo, e sob a sua influência irresistível, a alma dos povos pôs-se a vibrar, num concêrto de divinas harmonias. ¡O amor da pobreza, o amor da família, do lar, o amor dos pequeninos, outros tantos enlevos queridos do seu coração de poeta, sempre enamorado do bem!

«O cristianismo santificou a família com a criança... Os contos populares da noite do Natal são o culto da infância, das esperanças que alimenta o seio que a amamenta; o sono do presépio unge de amor todo divino a cantiga do acalantar do berço. A infância! Nas lendas piedosas, Cristo aparece às virgens na imagem risonha e meiga de uma criança. Verónica de Binasco, Angela de Foligno, Liduína, Dominica do Paraíso, todas o viram nessa idade ingênua de amor, como um reflexo das suas almas... Como não poetizaria o génio popular do Norte estas festas da família em volta da *árvore do Natal*, quando fora a geada e os ventos se não sentem, esquecidos pelos risos das crianças. Há naquela poesia o mesmo ideal que na pobreza do Meio-Dia: É um pobre menino divagando pela cidade solitária em uma noite de Natal; vê luzes, olha por todas as janelas: dentro, as crianças folgam, recolhendo os brinquedos pendentes da árvore festiva. E chora, porque não tem quem o recolha, e ninguém o ouve, para dar-lhe agasalho. Órfãozinho, invoca, na sua tristeza, Jesus. Regelado pelo frio, sente o sono do entorpecimento, e, enquanto dorme, uma árvore constelada de estrêlas, que são os frutos, alongando pela imensidade seus ramos entrançados sem conto, ostenta-lhe os anjos debruçados das alturas a chamarem-no. E a criança, que não tinha o abrigo de um lar que o recolhesse, acordou na bemaventurança inefável». (*Ibid.*, pp. 52-53).

A pobreza, constituída em ideal pelo glorioso patriarca de Assis, é também cantada pelo nosso poeta, arrebatado, sem que por isso dê, sob a acção tam estranhamente sugestiva dos sentimentos cristãos.

Entusiasmado pelo poeta da Úmbria, cita-lhe as expansões únicas: «Senhor, apiedai-vos de mim e da dama pobreza. Vêde-a, como está assentada em seu lar, ela que é rainha de todas as virtudes; queixa-se de que os seus amigos a abandonaram e se tornaram seus inimigos... Lembrai-vos, Senhor, que baixastes da mansão divina para tomá-la por espôsa, a fim de ter um grande número de filhos que fôsem perfeitos... Foi ela quem vos recebeu no presepe entre palhas e que, acompanhando-vos durante a vida, teve o cuidado de que não tivésseis onde repousar a cabeça. Quando destes início à guerra da nossa redenção, veio aliar-se-vos a pobreza, como um escudeiro fiel; permaneceu a vosso lado durante o combate e não se retirou, quando os discípulos fugiram. Emquanto vossa mãe, que vos seguiu até o fim, e tomou parte em todas as vossas dores, emquanto uma mãe assim, por causa da altura da cruz, vos não podia tocar, nesse momento a pobreza vos abraçou de mais perto do que nunca. Não quis que a vossa cruz fôsse falquejada com esmero, nem que os cravos fôsem em número suficiente, aguçados e pulidos; não preparou mais do que três, e os fez duros e grosseiros para melhor servir à intenção do vosso suplício. E, emquanto morriéis de sede, teve o cuidado de vos recusar uma gota de água, de sorte que foi nos apertados braços desta espôsa, que se vos exalou a alma. Oh! ;quem não amará a pobreza sôbre todas as cousas!». (*Ibid.*, pp. 54-55).

Teófilo Braga conhecia muito bem a história das origens do cristianismo, na majestade incomparável dos seus primeiros séculos; estudando-a pelo lado humano, uma das figuras que mais lhe prenderam a atenção foi S. Jerónimo e não lhe escapou, acima de tudo, quanto o santo pranteava o passamento dos seus queridos, apesar da esperança dogmática na imortalidade. Tinha talvez em mente a admirável carta de pêsames ao bispo Heliodoro pelo passamento do sobrinho, em que há expressões como estas: «¿Onde está aquele que era a alma dos meus trabalhos, cuja voz era mais doce que o canto do cisne? Uma tremura contínua me agita o espírito, os olhos velam-se-me, a língua balbucia. Todas as minhas palavras me não parecerão de ora em diante mais que silêncio, porque me falta êle para ouvi-las. Até o meu estilete, as minhas tábuazinhas sentem a minha dor; cobrem-se de ferrugem e de cinza. Sempre que tento abrir um caminho ao meu discurso, espargir sôbre o seu túmulo as flores dêste epitáfio, os olhos enchem-se-me de lágrimas e a minha dor renovada sepulta-me todo na sua jazida... ¿Misturarei as minhas lágrimas com



as vossas? Mas o apóstolo não o quere, proíbe-o, chama à morte dos cristãos *um sono*... Todavia, contra a minha vontade, não obstante os meus esforços, as lágrimas correm-me ao longo das faces; e é em vão que me apoio nos preceitos da virtude, na esperança certa da ressurreição; a dor da minha afeição ferida despedaça-me a alma». Logo em seguida, porém, êste homem, para quem o luto era como mortalha e cuja alma em angústias o atirava para o coval dos queridos desaparecidos, prorrompe, numa exaltação de amor místico ao Cristo Salvador, entoando um verdadeiro cântico de graças não menos ardente que o seu pranto: «Ó morte! ;que separas os irmãos, morte cruel, impiedosa que desunes os que o amor unia, o Senhor elevou do deserto um vento calcinante que te secou as veias e estancou a fonte!», etc. Se realmente nesta carta ou noutra similar Teófilo Braga se fundava para julgar do temperamento sensível de S. Jerónimo, não terá dado a atenção que merecia à ordem especial de pensamento expressa na segunda parte, decerto a mais importante.

Sempre lhe custou a admitir que o tempo não viesse a exercer sôbre a Igreja de Roma o seu poder devastador, exterminador. E encostava-se à autoridade de José de Maistre para insinuar dúvidas acêrca da vitalidade do catolicismo, na fase moderna da sua evolução, que julgava uma contrafacção do seu espírito primitivo, inicial, citando, de memória, bastas vezes, o seguinte passo daquele pensador, extraído das *Considérations sur la France*: «Parece-me que todo o verdadeiro filósofo deve optar entre estas duas hipóteses: ou que vai formar-se uma nova religião ou que o cristianismo será remojado de qualquer modo extraordinário». Mais tarde, Emílio Burnouf, em *Le Catholicisme Contemporain*, insistia: «Se os católicos não põem em prática, nas suas próprias doutrinas, uma reforma profunda, é do meio dêles que partirá o sinal da queda definitiva do cristianismo» (p. 423).

De Maistre e Burnouf não tinham em conta, aventurando-se a tais conjecturas, o poder intrínseco da vida da Igreja, designadamente expresso no carácter evolutivo dos seus dogmas, absolutos por natureza. A história contradiz flagrantemente um e outro, provando que a crença permanece sempre a mesma, igual na essência, o que não impede que, ao mesmo tempo, o seu objecto se precise e avulte e se firme cada vez mais, de século para século. ; Como respondeu a Igreja ao alarme de de Maistre e de Burnouf, por detrás dos quais estava decerto uma grossa corrente de opinião? Arremessando-se para a sciência que não teme, buscando-a como um revigorizador da própria fé, ao mesmo passo que se arrojava, com espanto e revolta de tantos, à definição de novos dogmas.

Isto não obstante, em oposição cada vez mais declarada ao scientismo, à superstição da ciência, como ao racionalismo e ao naturalismo. (Entre a ortodoxia de Roma e a especulação científica à maneira de Loisy, de Blondel, de Le Roy há-de haver sempre um abismo — Cfr. Fontaine — *La Théologie du Nouveau Testament*).

Didon, o caloroso propagandista da compenetração recíproca da filosofia e da teologia, da aliança, do contacto da ciência divina com todas as ciências humanas, escreveu a sua vibrante obra *Les Allemands*, toda animada do propósito de demonstrar essa união como uma imperiosa necessidade social. Antes, em 1843, Lacordaire, numa das suas conferências de Nossa Senhora de Paris, opinava também: «A doutrina católica está ligada a todos os conhecimentos possíveis, sendo necessário, para chegar a possuir a certeza racional do cristianismo, tocar em todos os pontos dessa vastíssima circunferência». E Pio IX, na Encíclica de 17 de Março de 1856 aos bispos de Áustria: «É preciso que a inteligência, a ciência e a prudência de toda a Igreja, como de cada um em particular, cresçam de idade em idade e façam grandes, grandíssimos progressos, a fim de que a posteridade tenha a felicidade de compreender o que a antiguidade venerava sem compreender». Didon, na Introdução da sua obra *L'Homme selon la Science et la Foi*, referindo esta sentença pontifícia, sublinhava o termo *sciência* e acrescentava, exultando: «¡Vamos ver luzir emfim o primeiro dia de uma era nova!».

Igualmente Gratry, em 1863, numa das suas conferências filosóficas de Santo Estêvão do Monte, fazia derivar a solução da crise da fé, já prevista por Leibnitz e Thomassin, da intensificação e difusão da ciência em condições portadoras de um estado de liberdade que levaria à especulação do sobrenatural, à experiência de Deus, devidamente generalizadas. Na sua obra *Les Sources*, precisando a mesma idea, concluía: «Trabalhai em reuni-las (a filosofia e a teologia) e trabalhareis para a salvação do século». E citava a esperança de José de Maistre: «Esperai por que a afinidade natural da religião e da ciência as reúna na cabeça de um só homem de génio: a aparição dêste homem não pode estar distante e talvez mesmo que ele já exista. Será famoso e porá fim ao século XVIII que se obstina em durar». (*Soirées de Saint-Petersbourg, onzième entretien*).

A aspiração à fusão da ciência com a fé traduz uma sêde de verdade e de justiça que se abona, pois, com a melhor tradição eclesiástica e que já tam ardentemente manifestada foi por Pascal.

Porque nunca inteiramente satisfeita, afirma-se a todo o instante, constantemente, hoje e sempre.

«Assistimos há alguns anos —diz Mons. Sagot du Vauroux (*Les Leçons de Trois Centenaires* in *Le Correspondant*, de 10 de Julho de 1928)— a um dos mais belos e dos mais fecundos movimentos que narra a história. Nas esferas em que se pensa, uma aproximação se está operando entre a fé e a razão, e não há ano em que esta união tam desejável se não estreite mais».

Isto não impede que espíritos esclarecidos, como o de Th. Mainage, considerem, sem optimismos exagerados, a dificuldade, os embaraços da situação e, ponderando-os, reconheçam que, em frente de um scientismo que discute, que até põe em dúvida o valor do sentimento, a necessidade religiosa, o direito à crença, o apologista da fé será sempre suspeito aos adversários, só pelo facto de saber de antemão e de querer a conclusão dos seus raciocínios, preconceito êste que, no seu próprio dizer, «ameaça eternizar o debate». (*Les Mouvements de la Jeunesse Catholique française au XIX<sup>e</sup> siècle*, p. 23).

Cabe bem aqui e é de justiça salientar que, na sustentação de atitudes espirituais, a Igreja procede na perfeita independência de interesses de conservação. «Não é no interesse da união, na defesa, na preocupação da causa que se inspira, mas na doutrina de verdade, de Deus, do Cristo, da Vida eterna; a Igreja nem sequer é nomeada na *Suma* de S. Tomás e nunca ela foi mais viva. Os solitários do Egipto e da Síria fundaram os corpos sociais mais compactos, mais «integrados» possível, as ordens religiosas; e todavia pensaram tam pouco na união e tam intensamente no Evangelho, sentiam tam pouco o novo laço espiritual que fugiam dos seus semelhantes até o deserto e se apelidaram a si mesmos de solitários». (A. de Meaux, *Une grande Ame-Augustin Cochin*, in *Le Correspondant*, 10 de Novembro de 1928).

Nada mais curioso do que perquirir, na obra de Teófilo Braga, sobre o que nela se contém, não diremos já de vestígios da fase teológica, mas da fase metafísica; e não é apenas curioso, como também indispensável, para o estudar e julgar devidamente. Aí se descobre o que foi o seu espírito, quando ainda alheio à influência rígida, estiolante do positivismo, e se pressente o que poderia ter sido, se lhe tivesse oposto a reacção conveniente. ¿Contudo, teria podido proceder doutro modo, sem atraiçoar a sua sinceridade moral e científica? A direcção que o espírito toma para atingir a verdade é sobretudo filha do modo especial de ser do seu temperamento e do seu carácter moral. Já dizia Fichte: «Cada um segue o seu próprio carácter na escolha que faz da sua filosofia». E isto explica o facto de vulgarmente se julgar a modificação radical de ideas uma quebra do moral do indivíduo, não sendo muitas vezes mais do que uma



elevada manifestação de consciência. O que é certo é que nenhum pensador digno dêste nome deixa de ter a impressão mais ou menos nítida do que pode ter de limitado e de parcial a sua maneira de ver e de apreciar, e o mais nobre indício de noção da responsabilidade e o maior serviço que pode prestar consistem ainda em precaver contra o risco que implicam êsses limites, pondo de sobreaviso, diante das causas prováveis de tais imperfeições, as tendências deficitárias que poderão ter afectado a qualidade dos juízos, fazendo-os enfermar de vícios constitucionais. É nesta impressão das deficiências, das imperfeições próprias que se fundam, não raro, as revisões gerais dos juízos, a regeneração total dos critérios.

A religião, e nomeadamente o cristianismo, para o crente o próprio sistema das cousas humanas, Teófilo Braga viu-a, porém, sempre, como uma instituição puramente teórica, arbitrária na sua essência, sem relações bastantes com o mundo real, numa palavra uma forma transcendente de idealismo predominantemente abstracto. A especulação metafísica ou religiosa que o atraíu, de princípio, quando ainda um certo modo de sensibilidade nativa, que veio a achar-se inteiramente deslocado na positividade, lho permitia, foi afinal escorraçada da sua razão, com grave perigo para a sua inegável boa vontade moral. Toda a sua evolução mental foi condicionada por êste unilateralismo de visão.

Abrem-se, por exemplo, os *Contos Fantásticos*, da série das primeiras produções a que pôs o título de *Juvenilia*, e um mundo bem diferente de ideas e de sentimentos se nos patenteia aos olhos ávidos de impressões menos constrangedoras.

«Todas as vezes que te absorveres na unidade —registra no conto *As Asas Brancas*— que te alia como atributo ou modo à substância, entraste na essência de todas as cousas; porque o simples que actua nesse momento em ti é o mesmo em que tudo existe. Vibra em ti a harmonia universal». — «A alma paira entre dois mundos —afirma no mesmo conto—: o fisico com que se relaciona pelos sentimentos, o psíquico com que se relaciona pelos pressentimentos; se é atraída para o mundo dos corpos, predominam nela os instintos, e as sensações, todas relativas, só lhe advêm pela presença dos objectos; se a alma, por um desejo veemente, se eleva do estado de *anima* ao de *spiritus*, os sentimentos desprendem-se do nexa das relações terrestres e conhecem tudo independente das sensações pela representação subjectiva».

«Devo à actividade só desta faculdade (a vontade) —expande-se, noutra parte do mesmo conto— tudo quanto sou, as grandes dores, os impulsos irresistíveis, as glórias sonhadas, a realização dos mais exíguos



apetites, ... encontro-(a) na intensidade absoluta do *Fiat* que é Deus; ... vejo-(a) nos grandes factos do espírito, a Religião, o Direito e a Arte: na religião, manifestando-se emotivamente na fé; no direito, no acôrdo dos contratos individuais; na arte, no ponto onde os gostos diversíssimos se harmonizam, isto é, o belo...».

E, para remate de citações que só oferecem a dificuldade da escolha, êste excerpto de um outro conto: *O Evangelho da Desgraça*: «O desespero das imprecações do desgraçado da terra de Hus, deitado sôbre o monturo, coberto de lepra, envergonhando-se da luz, desejando haver tido o sepulcro por berço e por seio que o escondesse a podridão e os vermes da terra, todo êste cicio da imensa agonia da alma que se alevanta até Deus e na sua fraqueza lhe exprobra a desigualdade da luta, é uma das mais completas, a primeira manifestação do poema eterno da agonia. Acorrentado sôbre os fraguados que te serviram de leito, Prometeu vencido, a Fôrça e a Violência guardaram os sarcasmos para a hora em que as extorsões convulsas não amedrontam os algozes; deixaram-te aos abutres famintos, fustigado dos ventos, mas ao menos o turbilhão erguia o grito da ameaça; o orvalho das noites refrescava-te o ardor da raiva, e o Oceano consolava-te, porque te dizia:—; Prometeu, mesmo pregado contra essas rochas, sabes falar ainda com liberdade!».

Teófilo Braga identifica com as dos grandes desgraçados a sua própria desgraça, e as vibrações estranhas que lhe põem as suas imprecações formidáveis na alma dão-lhe ímpetos de blasfémia; não foi, nunca poderia ser daqueles que podem descobrir e se comprazem em admirar, por detrás do véu das dores terríveis, que parecem alucinadas, a existência do louvor, da adoração ao Altíssimo, fulgurantes no seio do mistério. Nesta última citação se encerra, em substância, a história da sua vida mental que é a da sua vida moral, em comunhão estreitíssima.

Incontestavelmente, as fontes da inspiração lírica, de que derivou a *Stella Matutina* e outros poemetos da primeira fase poética, foram condenadas irremissivelmente à esterilidade pelas asperezas, pelas contrariedades da vida. Mas a êsse resultado não foi também estranha a influência do positivismo, doutrina agnóstica, favorecendo o materialismo, e que a lógica do discípulo converteu em negativística, para seu uso. É facilmente verificável que, sob a acção da filosofia de Comte e das suas incitações especiais na ordem estética, a dinamicidade artística propriamente dita sofre, em Teófilo Braga, um desvio essencial, sendo o lirismo, que se elevava a uma grande altura, substituído por uma tendência mais laboriosa para a dramatização dos quadros históricos e filosóficos, com conseqüente aproveitamento predilecto dos temas épicos.

«Augusto Comte que sonhava uma renascença fraternal das idades de ouro — notou Fierens Gevaert — foi um dos mais poderosos factores do que se poderá chamar o separatismo sentimental... Os meios empregados por Napoleão e a filosofia ensinada por Comte roubaram ao mundo as suas melhores ilusões. O imperador parece haver esgotado o lirismo da acção... O filósofo matou, com certeza, o lirismo do pensamento». (*A Tristeza Contemporânea*, p. 96, trad. de J. Correia de Oliveira).

De facto, o método que presidiu à organização do sistema de Comte é tam restritivo, tam exclusivista, na sua reacção contra o idealismo, que filósofos como Fouillée (*Histoire de La Philosophie*, do mesmo autor) chegam a negar-lhe jus à classificação de filosófico, qualificativo êste a que, segundo o actual conceito da filosofia primeira ou geral, corresponde uma «universal conformidade quanto à metafísica — para que lhe conservemos o nome histórico — quer considerada como lógica transcendental, quer como sistema das categorias, quer como hipótese especulativa sôbre o mundo e a sua causa». (Giner de los Rios, *Filosofia y Sociología*, p. 130). Wells também se insurge contra Comte (*La Découverte de l'Avenir*, p. 51 e ss.). Para êle, as perspectivas humanas concebidas pelo instituidor da filosofia positiva apresentam delimitações intoleráveis; e acusa-o de ignorância do passado exterior ao que nos é conhecido pela história, ou, pelo menos, de ignorância das relações dêsse passado com a história da humanidade, revoltando-se contra o seu plano de uma ordem social estática, destinada a substituir a antiga, de um estado positivista reorganizado.

A verdade é que o tipo de humanismo de que Teófilo Braga é representante está longe de compreender o melhor do homem, dos pontos de vista psicológico e moral, e portanto de o satisfazer, se é que não promove a sua destruição íntima.

«Educada no exercício de uma crítica absoluta, a razão moderna (em muitos) é ciosa de uma autonomia sem dogmas. Inimiga da autoridade e não confiando senão em si, tem ido até a negação de si mesma». (Dr. M. Gonçalves Cerejeira, *A Noite de 10 Séculos*, in *Biblos*, vol. III, n.ºs 8, 9 e 10, Agosto-Outubro de 1927, p. 544).

O orgulho intelectual faz á desunião, a dissolução, no seio das sociedades, como no indivíduo. «Seja qual fôr o ponto da cadeia do dogma em que se opere a rotura, e seja qual fôr o motivo, as causas da rotura podem bem ser «intelectuais», ou «metafísicas», ou «teológicas», mas as conseqüências são sobretudo «sociais». (Brunetière, *Sur les Chemins de la Croyance*, pp. 213-214).

A. do Prado Coelho.





## TEÓFILO BRAGA E JOAQUIM DE ARAÚJO



trabalho que segue constitui um modesto, mas — queremos acreditá-lo — bastante interessante capítulo da história da literatura portuguesa contemporânea.

Convidado pelo grande Mestre, de quem havíamos sido aluno e de quem sempre fomos discípulo dedicado e amigo querido, a coligir a sua correspondência para a publicar, por nós prefaciada e anotada, fomo-la, no intervalo das nossas ocupações e afazeres, copiando, depois de seleccionada a que maior interêsse scientifico, literário ou social apresentava. Depois de copiadas as cartas e bilhetes que lhe haviam sido dirigidos eram os originaes devolvidos ao Mestre, seguindo-se saúdosos e intermináveis *cavacos* em que Teófilo nos fornecia interessantíssimas informações acêrca dos seus correspondentes e das passagens das cartas e bilhetes dêstes sôbre as quais nós fazíamos observações ou demandávamos esclarecimentos.

!Jamais poderemos esquecer essas horas de conversação na Biblioteca da Academia e na Faculdade de Letras, nem êsses crepúsculos de verão e essas noites de inverno em que o Mestre — para o fim já quási cego — nos fazia assistir, com uma memória fidelíssima e numa linguagem cheia de colorido e pitoresco, a muitas passagens da sua vida literária e política!

Numerosa foi a correspondência por nós copiada, mas não quis o destino que em sua vida pudéssemos realizar a emprêsa em que nós púnhamos tanto empenho e fervor, e êle bastante interêsse e dedicação.



Se tal empreendimento houvesse sido levado por diante, de uma maneira metódica e ininterrupta, então ver-se-ia a enorme influência que Teófilo Braga exerceu no nosso meio científico e literário—influência essa confessada, e por vezes agradecida, por parte daqueles próprios que a solicitaram e a sentiram.

O trabalho que segue bem eloqüentemente o patenteia em relação a Joaquim de Araújo.

#### A ACÇÃO DE TEÓFILO BRAGA NO MEIO LITERÁRIO PORTUGUÊS

A influência de Teófilo Braga no nosso meio científico e literário foi enorme, imensa, e de difícil ou impossível apreciação.

É claro, e por todos é sabido, que Teófilo exerceu a sua poderosíssima acção científica e moral por meio dos seus livros — que foram muitas dezenas, dos seus artigos em revistas e jornais — igualmente numerosos, da sua cátedra — sempre prestigiosa, das suas conferências e discursos — que foram multidão, e da sua conversação sempre erudita e elevada, e cortada, repetidas vezes, de anedotas e ditos de espírito. Por todos êsses meios êle versou a filosofia, a arte, a história das ideias, do ensino, da política, da literatura, das religiões, a psicologia, a sociologia, etc.

Mas outro ainda — e êsse muito rico — foi o seu veículo de divulgação científica, da vulgarização do seu colossal saber: a sua correspondência.

Na impossibilidade de se poder coligir a correspondência que êle enviou, irradiando os brilhantes reflexos do seu talento e do seu saber, já o mesmo não se pode dizer da correspondência que êle recebeu, e que geralmente guardava, conservava.

É percorrendo essa correspondência que se pode avaliar a extraordinária acção que Teófilo desempenhou no nosso meio intelectual, e a desmedida influência e comparticipação que êle teve na revelação de tantos escritores, historiadores, eruditos, poetas e artistas.

Nessa correspondência, a êle dirigida, Teófilo aparece-nos sob um aspecto imensamente simpático.

É com tal correspondência nas mãos que se mostra como era falsa e difamatória a asserção daqueles que afirmam que Teófilo Braga era uma criatura odienta, sempre cheia de inveja e despeito por aqueles que manifestavam o seu valor, que comprovavam o seu talento e o seu saber. Pois, à medida que fôr sendo publicada essa correspondência é que se verá que êsse grande homem, tido por avarento de saber, era a criatura mais generosa

dêste mundo, e que se compreenderá a influência escondida, mas por vezes decisiva, que êle exerceu no nosso meio literário, incitando os principiantes a escreverem e a publicarem as suas tentativas, aconselhando-os, indicando-lhes livros e manuscritos; animando os mais tímidos, acompanhando-os nos seus passos incertos, e prefaciando e anteloquiando os trabalhos dêles.

¡Quantas figuras da ciência e da literatura portuguesas foram descobertas, criadas, alimentadas do seu saber e do seu entusiasmo, e lançadas por Teófilo!

Por isso, nos parece que o melhor serviço que se pode fazer à sua memória e à ciência portuguesa é ir publicando essa correspondência, convenientemente anotada e esclarecida.

É precisamente isso que aqui fazemos com relação à correspondência de Joaquim de Araújo.

#### A VIDA LITERÁRIA DE JOAQUIM DE ARAÚJO

Joaquim de Araújo pertence a uma pléiade notável de grandes espíritos: poetas eminentes, romancistas e folhetinistas de grande valor, pensadores e críticos admiráveis, etnólogos e folcloristas muito sabedores, historiadores e eruditos de alto mérito. Antero, Junqueiro, João de Deus, Gonçalves Crêspo, Tomás Ribeiro e Simões Dias; Eça, Cândido de Figueiredo e Júlio César Machado; Oliveira Martins e Ramalho Ortigão; Teófilo Braga e Júlio de Matos; Adolfo Coelho e Inocêncio; Seromenho, Filipe Simões e Gabriel Pereira — todas essas grandes figuras da literatura e da ciência portuguesas contemporâneas foram seus colaboradores, seus admiradores, seus amigos.

Tendo visto a luz em Penafiel, a 22 de Julho de 1858<sup>1</sup>, —segundo afirma o dicionário *Portugal*— Joaquim de Araújo veio, não sabemos quando, para Lisboa, onde freqüentou o Curso Superior de Letras.

De muito novo foi atraído para os assuntos literários, lendo o que lhe caía ao alcance da vista e poetando românticamente ao sabor das suas emoções.

Mas, como às suas aptidões naturais de poeta de valor e aos seus conhecimentos adquiridos sôbre literatura e história nacionais e estran-

---

<sup>1</sup> Numa carta anotada de Rodrigo Veloso a Joaquim de Araújo, a pp. 11 da brochura *Acêrca dos versos de João de Deus*, diz R. V.: «Jamais tive aspirações a literato, escrevi eu em 1861 (contava V. Ex.<sup>a</sup> então apenas 3 anos)...». Por aqui se deve concluir, efectivamente, que Joaquim de Araújo nasceu em 1858.

geiras juntasse um grande ardor proselitico e um invencível gôsto de vulgarização, ainda muito novo vamos encontrá-lo, já em 1873, fundando e dirigindo um jornal literário — *A Harpa*, onde colaboraram Teófilo Braga, Antero de Quental, Gonçalves Crêspo, Cândido de Figueiredo, Simões Dias, Inocência Francisco da Silva, Adolfo Coelho e muitos outros <sup>1</sup>.

E tantos eram êsses colaboradores que, ao terminar a 1.<sup>a</sup> série, numa carta a Teófilo, êle diz a 4 de Fevereiro de 1875: «Brevemente receberá V. Ex.<sup>a</sup> os n.<sup>os</sup> 17, 18, 19 e 20 de *A Harpa*, periódico literário de que, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, sou director. Com o n.<sup>o</sup> 20 termina a 1.<sup>a</sup> série, onde escrevem perto de 110 literatos portugueses e brasileiros».

É na 2.<sup>a</sup> série de *A Harpa* que Teófilo Braga começa a colaborar, não com a *Parábola da Semente* — como projectava, mas com um estudo sôbre Camões.

Esta revista é hoje raríssima, certamente devido à sua pequena tiragem e ao facto de se publicar fora de Lisboa <sup>2</sup>.

Com sorte vária, havendo tido, a par de fases de esmorecimento, épocas de notável brilho e esplendor, a *Harpa* veio a terminar a sua publicação em 1876. E se outro valor êsse jornal literário não apresentasse bastava o facto de haver conseguido agremiar tantos espíritos novos, ricos de talento e de ânsia de progresso, que depois iam encher toda a literatura de uma época.

Quando se chega a meados de 1875 vamos já encontrar o irrequieto publicista projectando uma nova publicação periódica, uma nova Revista, e consultando Teófilo acêrca do título a dar-lhe. Teófilo propõe o de *Falange*, mas Joaquim de Araújo, achando-o muito vago, pergunta-lhe: «¿Não lhe parece melhor êste que agora lhe indico de — *Mundo Novo*?». E acrescenta: «Queira, pois, o meu amigo dar-me o seu *ultimatum*; e caso a sua resposta esteja de acordo com a m.<sup>a</sup> opinião queira enviar o projecto com o nome dos collaboradores, etc., p.<sup>a</sup> o fazer imprimir dentro em pouco a fim de ainda nest'anno tirarmos o 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup>. E, a proposito do titulo, se não concordar comigo escolha-o á sua vontade».

A seguir, escreve uma frase que é quasi uma revelação que nos há-de conduzir a bom térmo neste pequeno labirinto.

---

<sup>1</sup> *A Harpa* era um jornal de poesias que se publicou no Pôrto, de Maio de 1873 a 1876. Ver: A. X. da Silva Pereira, *O jornalismo portuguez*, 1895, p. 125; e, do mesmo, *Os jornaes portuguezes*, 1897, p. 76.

<sup>2</sup> Nunca conseguimos ver um único exemplar dela, pois não existe nas quatro grandes bibliotecas de Lisboa: Nacional, da Academia das Sciências, da Sociedade de Geografia, e da Escola Militar.

Assim, escreve Joaquim de Araújo a Teófilo: «Que diz do Lopes Praça e V. Abreu para colaboradores? Eu creio que o primeiro dêstes é agora positivista». Esta pergunta e esta especificação de Araújo acêrca da escola filosófica de Lopes Praça leva-nos a concluir que já por êsse ano de 1875 Teófilo Braga pensava numa Revista de filosofia positiva onde se agremiassem como colaboradores todos aqueles que em Portugal fôsssem seguidores da filosofia de Augusto Comte e Littré, e que nesse sentido qualquer cousa escrevera a Joaquim de Araújo, ao que êste responde propondo o título de *Mundo Novo*, naturalmente por significar a nova escola filosófica, em contraposição ao de *Falange* indicado por Teófilo, certamente para concretizar a reunião dos positivistas portugueses nessa Revista — a da *Falange* — positivista. Será assim?

Parece não restar dúvida de que Joaquim de Araújo pensava em fazer da nova publicação uma Revista de filosofia positiva, indicando para colaboradores, entre outros, Lopes Praça, e justificando-se disso escreve a tal frase: «Eu creio que o primeiro dêstes é agora positivista».

Seja como fôr, o certo é que a *Harpa* continuou até 1876, tal como estava, que o *Mundo Novo* — ao que julgamos — nunca chegou a aparecer, e que só três anos depois, em 1878, é que Joaquim de Araújo cria uma nova Revista, também de índole literária — a *Renascença. Órgão dos trabalhos da geração moderna, publicação mensal*, impressa, no Pôrto, na Imprensa Portuguesa.

Brito Aranha, no tómo XII do *Diccionario Bibliographico*, a p. 16, referindo-se a essa Revista, escreve: «Cada numero ou fasciculo constava de 16 pag. em 4.º gr., a duas columnas, e ornado com 1 retrato, ou de escriptor, ou de artista.—Como não tenho presente nenhuma collecção desta revista, não posso dar indicação mais precisa, mas parece-me que não passou do primeiro anno, com 10 ou 11 fasciculos. Collaboraram nella, entre outros, os srs. Thomaz Ribeiro, Guilherme de Azevedo, Bernardino Pinheiro, A. Filipe Simões, Gabriel Pereira, Julio Cesar Machado, Guerra Junqueiro, Antonio Papança, Antero do Quental, Luiz Guimarães Junior, e outros». E termina: «Era sócio nesta empreza, e administrador da publicação, o sr. J. Pinto Barbosa»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ao contrário do que succedeu com Brito Aranha, ao escrevermos esta parte do nosso trabalho temos em frente o exemplar, encadernado, dessa Revista, da Biblioteca Nacional, onde tem o n.º 691 azul. Êsse exemplar, que, segundo uma indicação a lápis nêle exarada, do punho de Gabriel Pereira, foi comprado no leilão Gomes de Amorim, tem 160 páginas a duas colunas, isto é, 10 fôlhas ou fascículos de 16 páginas, terminando, *ex-abrupto*, com um artigo biobibliográfico sobre Guilherme Braga, com o número 1, pelo que se vê que tinha continuação.



Além dos colaboradores que Brito Aranha indica e que o dicionário *Portugal* regista há que pôr em lugar de destaque Teófilo Braga, como adiante mais detalhadamente descreveremos.

O artigo de apresentação e programa da Revista é de Joaquim de Araújo com a data de 1 de Janeiro de 1878. E êsse moço cheio de precocidade e de talento, pois ainda não havia completado os 20 anos, apresenta *A Renascença* por uma forma brilhante, mostrando já uma grande cultura, e, também, uma enorme influência das ideias de Teófilo.

Depois de notar o que a literatura portuguesa devera ao Romantismo, e de fazer um grande elogio de Garrett, acentuando o papel e a função que no nosso teatro do século XIX desempenhou o *Frei Luís de Sousa*, e nas restantes formas literárias as outras obras de Garrett e os escritos de Herculano, caracteriza a decadência literária dos ultra-românticos, e escreve com brilho e propriedade:

«A literatura portuguesa, à parte o poema do *Dom Jayme*, chegára a um estado de marasmo, que era preciso romper. Coube êste papel a Teophilo Braga e Anthero de Quental — devemos-lhes esse grandíssimo serviço. Foram elles que sós e desajudados, iniciaram essa lucta, que não era, como erradamente se julga, entre coimbrãos e lisboetas, mas sim entre o privilegio e o espirito novo, entre a Musa que tinha por ideal a Humanidade e a que batia palmas nas libações dos outeiros...

«O espirito philosophico moderno entrou em Portugal; a Poesia, o Romance, a Critica Historica, a Anthropologia, a Linguistica, a Critica literaria, em suma todos os ramos em que se manifesta a vida literaria e scientifica dum povo, teem representações muito notaveis entre nós». E insiste: «Todo este movimento de renovação é devido á Carta *Bom senso e bom gosto* e *Theocracias litterarias*, pamphletos onde Castilho é porventura julgado com severidade, elle que só tinha a grave culpa de não comprehender a epoca a que quiz imprimir direcção».

E, a reñatar, expõe quais os intuitos da nova Revista escrevendo: «*A Renascença*, que hoje começa a ver a luz, aspira a ser o órgão dessa renovação, como o *Panorama* o foi da revolução literaria que produziu um dos grandes artistas e um dos grandes pensadores que neste seculo surgiram entre nós. O *Panorama* tinha por fim o copioso derramamento de conhecimentos uteis; a *Renascença* vai mais longe — quer representar a época que vamos atravessando com todas as suas tendencias e com todas as suas aspirações».

Apesar de todas essas «aspirações» a vida da Revista foi curta, mas nem por isso deixou de ser utilíssima e brilhante — porque o foi ambas as cousas.

Ali figuram excelentes artigos de Pedro de Amorim Viana — sôbre *A física e metafísica*, de Correia Barata — sôbre geografia, de Rodrigues de Freitas, de Martins Sarmento — sôbre arqueologia, de Joaquim Vasconcelos — sôbre arte, e Damião de Góis, de Oliveira Martins, Pedro Garção Mesnier, Horácio Ferrari, Alexandre da Conceição, Vasconcelos Abreu, Júlio de Matos, Fialho de Almeida, de Alberto Teles — acêrca de Lord Byron, de Gabriel Pereira, Bernardino Pinheiro, Adolfo Coelho, A. Filipe Simões, de Teixeira de Queiroz — sôbre Gonçalves Crêspo, além de um magnífico estudo de Eça de Queiroz acêrca de Ramalho Ortigão.

Quanto à colaboração em verso era ela igualmente brilhante, figurando lá poesias de Antero, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crêspo, Tomás Ribeiro, João Penha, Joaquim de Araújo, Cândido de Figueiredo e Manuel Duarte de Almeida.

Como se acaba de esboçar, a Revista era interessantíssima, e apesar de haver tido uma existência fugitiva deixou tal rastro que ainda hoje nos espanta como um rapazote de 20 anos, e incompletos — que era quantos tinha então Joaquim de Araújo — conseguiu arranjar e congregar uma tal pléiade de homens cheios de talento, de valor e de mocidade. A *Renascença* ficou pois a autenticar o valor dos seus colaboradores e a atestar os méritos do seu director e as simpatias que êle já então disfrutava.

Em 1881 aparecia de Joaquim de Araújo o seu livro de poesias *Lyra íntima*. Êste é incontestavelmente o livro de um poeta, de um artista, de uma sensibilidade. É um livro dos 20 anos, e isto diz tudo sob o aspecto emocional. Mas é, como já dissemos, o livro de um poeta e isto, também, tudo diz da sua longevidade, da sua eternidade. A *Lyra íntima* é um livro que ficou, que ainda hoje nos encanta, e que sempre sensibilizará as suas leitoras enamoradas.

Êsse volume de versos explica, à maravilha, a admiração, a devoção, de Araújo por João de Deus.

Depois, ao poeta sucede o estudioso, o erudito, o bibliógrafo.

Mas nunca o bibliógrafo matou o poeta, nem o erudito asfixiou o artista. Um e outro sempre viveram lado a lado quando não, juxtapostos, se completaram. Assim, sob o aspecto literário Araújo é um erudito que *cria*, e um bibliógrafo que faz arte, como é um poeta que *sabe*, um artista que faz erudição.

Em 1897, já depois da sua bela tentativa da *Revista Portuguesa*, que como *A Renascença* teve sucesso e despertou interesse, e antes da erudita emprêsa do *Archivo de Ex-Libris portugueses*, Araújo já há muito em Itália escreve as suas «Notas de bibliografia» sôbre *Dom Antonio, Prior do Crato*, opúsculo êsse que foi reeditado, com muitos aditamentos,

em Livorno, em 1899, passando de 38 para 107 o número de peças inventariadas.

E, já antes havia publicado o seu discurso no funeral de Camilo acompanhado de várias cartas que o grande romancista lhe dirigira. Depois, aparece a sua *Bibliographia Camilliana*. E em 1896 aparecia, em Coimbra, a *Bibliographia Antheriana*. Trata-se do opúsculo de 14 páginas, e de pequeno formato, onde Araújo responde a uma observação que Delfim Gomes havia feito ao *Ensaio de bibliographia antheriana* que Araújo escrevera para o *In memoriam* de Antero, e onde se expõem vários detalhes sobre a questão *Bom senso e bom gosto*, as *Conferências do Casino*, a assinatura de Antero de Quental, e a questão do Fausto. Em 1897 era publicado em Florença um pequeno opúsculo de bibliografia acerca de Inês de Castro, com a indicação de 15 espécies inesianas e uma poesia espanhola de Adolfo de Castro intitulada — *Camoens moribundo y la sombra de Inês de Castro*.

Sem nos determos indicando obras mais modestas, diremos que se Joaquim de Araújo nada publicou no *Boletim de bibliographia portugueza*, de Fernandes Tomás, nem por isso deixou de se dedicar aos assuntos bibliográficos, aos quais consagrou a maior parte da sua actividade.

Assim, em 1901 aparecia dêle um opúsculo, de 30 páginas, acerca dos *Autores omitidos no vol. xvii do «Diccionario Bibliographico Portuguez»*.

Nesse mesmo ano aparecia publicado em Famalicão o seu opúsculo de 30 páginas: *Judeus portuguezes, notas de bibliographia*. Depois, vem — *Notas de numismática portuguesa*. E, além de vários outros opúsculos, surge, solicitando a sua actividade de polígrafo, um estudo de valor em que Araújo trabalhou bastante, e sobre o qual consultou Teófilo, Camilo e outros. Esse estudo era *O cavalheiro de Oliveira e a sociedade portuguesa do século xviii* — que nunca chegou a aparecer.

Em 1906 aparecia, em Lisboa, o muito valioso estudo de Joaquim de Araújo «*O Fr. Luís de Sousa*», de Garrett, com um prefácio de Teófilo Braga. Há ali de tudo: sentimento até a paixão patriótica, admiração até o culto de A. Garrett e do seu *Frei Luís de Sousa*, arte de poeta, saber de erudito, sem esquecer a inseparável bibliografia.

Essa obra marca um escritor e, até mesmo, vinca uma época.

Por isso escreve — no *Prefácio* — Teófilo Braga, cheio de verdade e de espírito de justiça: «No seu modesto lugar de Consul em Génova, Joaquim de Araújo, por este culto votado á nossa historia e litteratura, á glorificação dos vultos que representam a nacionalidade, tem dignificado mais Portugal no conceito europeu do que muitos portuguezes altamente graduados, que desconhecem a vida mental e moral do seu paiz... Na paixão da propaganda a favor das manifestações do genio portuguez



Joaquim de Araújo tira apenas a vantagem pessoal, no seu isolamento, de sentir-se vivendo idealmente na pátria em que pensa, melhor compreendida a distancia, e servida com maior sympathia».

E acrescenta, excelentemente: «O estudo sobre o *Frei Luiz de Sousa* não é só um trabalho de investigador, é um acto de culto, um recolhimento de espirito, em horas de saudade pungente, em que a pátria se incarnava no verbo do seu mais poderoso genio depois de Camões».

O último grande trabalho de Joaquim de Araújo é o *Archivo dos Ex-Libris portuguezes*.

Como se acaba de ver a actividade literária de Joaquim de Araújo foi grande. As suas obras se nem todas são importantes e valiosas, sob os pontos de vista scientifico e literário pelo que nelas se contém, todas apresentam um grande interesse e valor bibliográfico, entrando já hoje e com muita propriedade, no capítulo das *raridades*, dada a pequenez das edições, principalmente das edições especiais, em papel de linho, papel cartão, etc., numeradas e distribuídas pessoalmente pelo seu autor, como sucedeu com as edições muito reduzidas da *Canção do berço*, com uma *Lirica do Cancioneiro da Vaticana*, interpretada por João de Deus, com a *Segunda commemoração da apothese de João de Deus com uma glosa camoneana do século xviii*, do poeta Joaquim Franco de Araújo, etc.

#### AS RELAÇÕES ENTRE TEÓFILO

##### E JOAQUIM DE ARAÚJO VISTAS ATRAVÉS DA CORRESPONDÊNCIA DÊSTE

###### 1.º — O TOM GERAL DESSA CORRESPONDÊNCIA

Não sabemos desde quando datam nem como começaram as relações entre Teófilo Braga e Joaquim de Araújo. Mas, pelo que vemos através da sua correspondência tais relações foram sempre respeitadas, havendo muitas vezes atingido a fase de uma grande admiração dêste por aquele e o acume da dedicação extrema e da amizade incondicional. ¡E não admira que tal sucedesse!

Joaquim de Araújo nas primeiras cartas pede a Teófilo a sua colaboração para o jornal literário *A Harpa*, e não só a pede a êste como ainda solicita, com grande empenho, de Teófilo que interfira junto de Ramalho Ortigão, para que o já famoso critico das *Farpas* também colabore no jornal.

Seguem-se depois as tentativas para o aparecimento da nova Revista de Araújo — o *Mundo Novo*. Mais tarde, aparecem os sucessivos pedidos de artigos de Teófilo para a *Renascença*, onde, efectivamente, o grande Mestre colaborou com assiduidade.



Além dessas solicitações de carácter literário, em certa ocasião appareceu um instante pedido de Araújo para que Teófilo evite no jornal *A Batalha* um ataque contra êle.

Depois, a par de múltiplos pedidos de livros vem, aí por 1890, uma nova solicitação a Teófilo para que êste alcance empregá-lo nos trabalhos do *Diccionario* da Academia, e, ainda, para que consiga dessa instituição um parecer favorável à publicação subsidiada do seu estudo — aliás notável — acêrca do *Cavalheiro de Oliveira*.

Mais tarde, surgem mais pedidos de colaboração para uma nova Revista, e, durante a publicação do *Archivo de ex-libris*, sobrevêm vários pedidos de informações históricas e literárias.

E assim segue o resto da correspondência de Joaquim de Araújo, sempre amável, respeitosa, cheia de delicadeza, trasbordante de palavras amigas e de quentes elogios até a última carta que conseguimos copiar — a de 10 de Janeiro de 1910.

## 2.º — A COLABORAÇÃO DE TEÓFILO EM *A HARPA*

A primeira carta de Joaquim de Araújo para Teófilo Braga marca o tom de cerimónia, de respeito e de amabilidade que todas as seguintes apresentarão. Depois de lhe agradecer a oferta do estudo *Sobre a origem portugueza do Amadis de Gaula*, apparecido em Imola, em 1873<sup>1</sup>, e de se referir ao volume sôbre a *Formação do Amadis*, publicado no mesmo ano, no Pôrto<sup>2</sup>, Araújo refere-se desdenhosamente a Pinheiro Chagas, e fala, com ironia, de um artigo seu que tem pronto relativo à *Morgadinha de Valflor*. Volvidos anos é o mesmo Araújo quem irá pedir a Teófilo um artigo laudatório para comemorar a morte de Pinheiro Chagas.

Oferecido êste *rebuçado* que Teófilo devia ter saboreado, pois a famosa questão da *Escola de Coimbra* não era muito antiga, e pouco mais de dois anos haviam passado sôbre o caso do concurso para professor do Curso Superior de Letras, entra Joaquim de Araújo no assunto principal da sua carta — que era solicitar de Teófilo a sua colaboração para *A Harpa*, declarando-lhe num assômo de máxima consideração — que o seu nome

---

<sup>1</sup> Êste opúsculo de 11 páginas, era uma separata do fascículo 3.º do volume 1, da *Rivista di Filologia Romanza*. Êste artigo exerceu grande influência na sua época, especialmente sôbre o crítico e historiador de literatura, Du Puymaigre.

<sup>2</sup> Êste volume de 300 páginas, é um desenvolvimento do artigo publicado na citada Revista italiana de filologia. Esta *Historia das Novellas portuguezas da Cavalleria*, de Teófilo Braga, foi mais tarde muito revista e corrigida.

iria emparceirar com os de outros homens ilustres. Mas vejamos o que escreve Joaquim de Araújo:

Ex.<sup>mo</sup> amigo e Sr.

Tem V. Ex.<sup>cia</sup> extranhado certamente não lhe ter eu escrito a agradecer a offerta do seu livro — *Sobre a Origem portugueza do Amadis de Gaula* — que li com todo o interesse, como costumo fazer a todos os trabalhos de V. E.

Não li ainda o volume que a este respeito V. E. publicou ultimamente e que faz parte da Hist. de Litt. Port. Pelo volume impresso na Italia, que devorei com sofreguidão, afigura-se-me interessantissimo o que foi publicado em Portugal, que deve de ser mais minucioso, segundo creio.

Se mais cedo não escrevi a V. Ex.<sup>cia</sup> agradecendo o seu livro foi porque m'o vedáram as m.<sup>as</sup> occupações e por me ter ausentado desta cidade para Penafiel. Espero, pois que V. E. me desculpe.

Não saio como estava projectado o n.º do «Leviatham» — Villas Boas, porém, papa-me a propriedade e eu, com o Sampayo (Bruno) vamos redijil'lo. Não sei quando principiarêmos: eu tenho já um artigo prompto acerca do drama — *A morgadinha de Valflor*, e dos aplausos, que no theatro Principe Real, d'esta Cidade, recebeo o seu auctor o *austero e integerimo Snr. Manoel Pinheiro Chagas*. Este Snr. estava em um camarote em companhia de *José Gomes Monteiro*. *Arcades ambo* — V. E. pode-me dar algumas indicações acerca do — jornal de *Philosophia Positiva* — de Littré!? Disseram-me que V. E. era colaborador d'elle e eu desejava muitissimo vel-o, e recorro a V. Ex.<sup>a</sup> para me indicar o modo porque me devo inscrever assignante <sup>1</sup>.

Ainda não pude ver a tarefa do Soromenho ao D. José Amador de los Rios —: V. Ex.<sup>cia</sup> faz-me grande obsequio enviando-me um exemplar, cujo importe eu promptamente satisfarei com aviso seu.

Breve receberá V. E. os numeros 17, 18, 19 e 20 da *Harpa*, periodico literario de que, como V. E. sabe, sou director. Com o n.º 20 termina a I.<sup>a</sup> serie, onde escrevem perto de 110 literatos portuguezes e brasileiros. V. E. se quizer que lhe envie os 1.<sup>os</sup> n.<sup>os</sup>, apenas sejam reimpressos, pode enviar-me uma listasinha dos n.<sup>os</sup> q. lhe faltam.

Tenho em meo poder uma copia da poesia — Parabola da semente —: faz-me V. E. grande obsequio authorisando-me a poder publical-a no 1.<sup>o</sup> n.º da segunda serie da *Harpa*. Fique V. Ex.<sup>a</sup> descansado que não porei ao lado do seu nome outros que o deshonrem. N'esse 1.<sup>o</sup> n.º a q. alludo collaboram G.<sup>me</sup> d'Azevedo, Lopes Praça, *Fernando Garrido*, Gonçalves Crespo, Bruno, Manoel Duarte de Almeida, Simões Dias, e V. Ex.<sup>cia</sup>. Creio que V. E. não terá duvida, em pôr o seu nome ao lado do dos escriptores apontados. Desejava que V. E. me respondesse com a possivel brevidade.

---

<sup>1</sup> Efectivamente, Teófilo Braga colaborou na *Philosophie positive*, revista dirigida por Littré e Wyrouboff. No fascículo de Julho-Agosto de 1875, vem um artigo de Teófilo, com 18 páginas, e intitulado: *Constitution de l'Esthétique positive*.

Heide ver se o Adolfo Coelho quer publicar na *Harpa* os *contos populares*, que tem coligido e que não tem publicado creio q. por não ter aonde.

Tenho m.<sup>to</sup> que dizer a V. E. — não quero, porém, incomodal-’o mais, por isso termino oferecendo-lhe o meu limitadíssimo prestimo e assignando-me um am.<sup>o</sup> certo e obrg.<sup>mo</sup> de V. Ex.<sup>a</sup>

Joaquim de Araújo.

Porto, 4-2.<sup>o</sup>-75.

Imp. Litt. Com. Bomjardim.

A esta carta segue-se outra sôbre o mesmo assunto:

Ex.<sup>mo</sup> Snr. e amigo.

No correio de ha dias recebi o folheto do Soromenho. Não o li ainda porque o Ad. Coelho m’o levou para a Foz e ainda até hoje m’o não trouxe.

Amanhan deve V. E.<sup>cia</sup> aí receber os ultimos n.<sup>os</sup> da 1.<sup>a</sup> serie da *Harpa*. A segunda serie vai começar a sair immediatamente. Adolfo Coelho, Fernando Garrido, Pi y Margal, Joaquim de Vasconcellos escrevem.

Para o 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> conto com a sua poesia, que agora tenho aqui na m.<sup>a</sup> frente. Espero que V. E. me escreva o mais depressa possível — na volta do correio — dizendo-me se authorisa a publicação daquelles formosos versos.

Publicar-se-ão na *Harpa*, num Boletim as apreciações dos criticos estrangeiros acerca dos livros portuguezes.

No 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> sairá a tradução do artigo sobre as Raças Historicas, que saiu na *Revue Critique d’Histoire et Littérature*.

Espero resposta de V. E. na volta do corr.<sup>o</sup> como disse; e rogo-lhe o obsequio de me mandar dizer o custo do folheto que me enviou, para eu promptamente satisfazer.

Na segunda serie da *Harpa* não escrevem os individuos que eu já mencionei a V. E. e cujo contacto poderia repugnar-lhe.

Peço creia que sou de V. E.

Am.<sup>o</sup> certo e admirador obrig.<sup>mo</sup>

Joaq.<sup>m</sup> de Araújo.

Porto, 11-3-75.

Imp. Litt. Comm.

P. S.—Novamente peço o obsequio de immediata resposta porque o 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> vai entrar quasi-immediatamente em composição.

Eis o summario dêlle (NB. Pode haver alguma variante e por isso êste summario não pode considerar-se definitivo): Introdução por J. d’A.— Sobre a análise da crença christan, carta por Fernando Garrido, Parábola da Semente por Teophilo Braga, Linhas num album, por João de Deos— As Raças Historicas — (artigo da R. Crit. de Paris (versão)) — Camões em Allemanha (reprodução) por Joaquim de Vasconcellos (leva assignatura) — A Alma Nova — (este artigo deve ser escrito pelo Bruno, mas ainda não está pronto) — A noite do Calvario por J. d’A.— um romance de Pedro Ivo e talvez um art.<sup>o</sup> do Adolfo Coelho.

Mande-me V. Ex.<sup>a</sup> uma listasinha dos n.<sup>os</sup> q. lhe faltam da *Harpa*, para lhe serem enviados, apenas reimpressos.

Ao que parece, a esta carta respondeu Teófilo, manifestando a impossibilidade de ser publicada, em *A Harpa*, a *Parabola da Semente*.

Por isso, Araújo escreve a toda a pressa:

Meu querido amigo.

Recebi hontem a carta de V. Ex.<sup>a</sup> e muito lhe agradeço a brevidade da resposta. Devia aí receber no correio de hontem os ultimos numeros da primeira serie da *Harpa*.

Pelo que me diz vejo que não é possivel a publicação da *Parabola da Semente* no meu jornal. Sinto isto, porque nesta sua poesia há versos grandes, sublimes. Eu sei-a quasi toda de cór.

Acceito o seu oferecimento, e peço o obsequio de me enviar até sexta-feira o artigo para a *Harpa*.

Tenho muita urgencia d'elle, porque quero vêr se na segunda-feira, tiro o 1.<sup>o</sup> numero, cujo summario o meu bom amg.<sup>o</sup> já conhece. Peço o favor de não se esquecer disto.

Escuso de lhe dizêr que na 2.<sup>a</sup> serie da *Harpa*, não colaboraram Magalhães Lima, Correia Leite e *tutti quanti*.

A proposito: pode V. Ex.<sup>a</sup> enviar-me um artigo que servirá de introdução ao jornal, sobre o jornal litterario, sua historia e os fins a que deve aspirar no nosso tempo. Conto com este artigo.

Não desespero de arranjar a collaboração de V. Ex.<sup>a</sup> em verso. Um poeta como o sñr. Theofilo Braga não deve nunca deixar de publicar versos. Amanhan devo falar ao Adolfo Coelho por causa do artigo d'elle.

Escrevem tambem Alves da Veiga, Morais (Alves), Elvino Brito, Moreira de Sá, etc.

Fico esperando o seu artigo e peço-lhe que me creia amg. m.<sup>to</sup> certo e m.<sup>to</sup> obrigado,

Joaq.<sup>m</sup> de Araújo.

Porto, 16.

Imp. Litt. Comm. Bomjardim.

Na carta que se acaba de ler é de notar o entusiasmo de Joaquim de Araújo — que era um poeta de valor — pela *Parábola da Semente*, de Teófilo Braga. Essa poesia, constituída por sete quadras, foi composta em 1871 e veio, depois, a ser publicada em 1878, na outra revista de Joaquim de Araújo — *A Renascença*. Diz Joaquim de Araújo: «nesta sua poesia há versos grandes, sublimes. Eu sei-a quasi toda de cór». Como é possível que haja quem, ao ler isto, a queira conhecer ou reconhecer, aqui archivamos a poesia que tanto entusiasmou Araújo:

#### PARÁBOLA DA SEMENTE

Reis e Padres! satânica aliança!  
Deram-se as mãos para a nefanda obra  
De abafarem da liberdade a esperança,  
Como se enrosca ao corpo vivo a cobra.



Mas quem pode vencê-los? Quem? Olhamos  
Debalde em roda, mas ninguém se atreve;  
Todos duvidam, todos vacilamos...  
A lição eloqüente é a mais breve:

Ouvi! Aprendereis como se lança  
Do eterno crepe na funérea obra  
Reis e Padres, que em tétrica aliança  
Deram-se as mãos para a nefanda obra.

Traz o vento de Deus pobre semente,  
Cai ao acaso sôbre a dura rocha;  
Húmida fenda em si mal a consente,  
Com o orvalho do céu eis desabrocha.

Dá-se a luta do vivo contra o morto;  
O grão perdido ali germina a custo;  
A luz do sol na altura serve de horto,  
Que o alimenta e vai tornando arbusto.

Vão as raízes penetrando a pedra;  
Mais pode o vivo do que a inerte massa;  
É rija a fraga, mas a planta medra,  
Ergue-se ao alto e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança;  
Assim a tradição cede à idea!  
Uma noção dissolve a negra aliança,  
Da cidadela do êrro o muro apeia.

Pelo que se vê da carta seguinte, o artigo de Teófilo para substituir a *Parábola da Semente* não se fez esperar. Porém, Joaquim de Araújo queria mais, muito mais: desejava, além da colaboração de Teófilo, que este, por sua vez, conseguisse a colaboração de Ramalho Ortigão.

Mas, vejamos a carta:

Meu prezadissimo amigo.

Recebi a sua cartinha e muito agradeço o artigo que V. E. me mandou. Mas diga-me V. E. uma coisa: tal artigo não é extrahido da *Vida de Camões*, que ha algum tempo V. E. publicou? Tenho empenho em saber isto; creio, porem que o artigo deve de estar inédito.

Está aí o Augusto Soromenho? Tenho uma poesia inédicta delle e desejava publical-a: não o faço porem sem a sua respectiva authorisação, delle. Os *Contos* que o Adolfo Coelho tem colligido da tradição oral serão publicados mas só em parte, porque são muitos.

Eu tambem tenho uma collecçãosinha delles, colhidos na minha terra; durante o tempo de férias que ali costumo estar em vez de ler Terrail,

Montépin e Féval, occupo-me em recolher contos, lendas, romances, etc. Os que eu tenho colligido publical'-os-hei em um volume annotado pelo Adolfo que para isso se me offereceu expontaneamente. Como eu não faço imprimir por'ora este volumesinho quando V. E. aqui vier passar as férias grandes poderá ver os taes contos e tomar parte na annotação do volume, no que me fará grande obséquio.

Na *Harpa*, publicar-se-ha um *Boletim*, contendo a tradução dos artigos que a critica estrangeira dedica ás obras portuguezas. Deste boletim está encarregado o Adolfo Coelho.

O primeiro n.º só sahirá depois de férias, porque só então terei recolhido os artigos, que nelle devem sair e que V. E. já conhece. Eu desejava muito publicar tambem um artigo do Ramalho Ortigão. Na *Tribuna* d'aí sahiu em tempo um artigo — *A morte de D. João* (sic) e *a poesia revolucionaria* — que devia ser continuado por outros. Se o Ramalho Ortigão quizer concluir esse artigo ou antes continuar esse artigo era para mim isso de grande conveniencia. Na *Harpa* tenho que dar conta do movimento litterario do paiz e não sei quem encarregue de escrever sobre a morte do *D. João* (sic). Já me lembrei de Lopes Praça.

Vou terminar, porque, se me affigura q̃ V. E. já não pode com a massada. Com a possivel brevidade obsequie-me V. E. se me mandar dizer o que o Ramalho Ortigão disse ou se eu devo escrever-lhe.

Para tudo mande o

Seu am.º certo e obg.º,

Joaq.ºm d'Araujo.

23-3.º-75.

P. S.—Peço a V. E. o obsequio de me mandar com a possivel brevi.º dizer se o art.º está inédicto e se o Ramalho Ortigão continua o artigo.

Escrevo m.º á pressa e por isso desculpe o mau phraseado d'esta.

Araujo.

Emfim, o primeiro número da 2.ª série de *A Harpa* estava na rua e tratava-se já de pôr em andamento o segundo.

¡Triste condição de quem dirige jornais ou revistas!

Não há sossêgo possível. Por isso, Araújo pedia novo artigo para o número 2, mimoseando Teófilo com outro *rebuçado*, êste a respeito de Oliveira Martins. Ouçamos a carta:

Meu presadissimo amigo.

Tem sido por falta de tempo, e só por falta de tempo, que lhe não tenho escripto. No dia em que recebi a sua ultima carta pedi na Imprensa para lhe ser enviada a Bibliografia e nesse mesmo dia, aí a devia receber. Não havia exemplares prontos mas foram-se brochar para que lhe não fosse demorada a remessa. Já V. Ex.ª vê que me não descuidei da sua recomendação.

Recêbeu a *Harpa*? Que tal a achou? Não sahiu o artigo do Garrido por causas extranhas á m.<sup>a</sup> vontade. O seu artigo veio em 1.<sup>o</sup> lugar, como era de justiça. Creio que não havia de desgostar do 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> Dê-me a sua opinião.

O 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> vai sahir brevemente. Vem nelle um curiosissimo artigo *Os Contos de Gonçalo Fernandes Trancoso* por F. Adolpho Coelho. Este artigo já está em meu poder: a parte publicada no 2.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> é grande.

V. Ex.<sup>a</sup> obsequieia-me muitissimo mandando-me outro artigo, porque era para mim uma felicidade reunir no mesmo n.<sup>o</sup> do jornal os nomes de Adolpho Coelho e Theofilo Braga.

Até segunda-feira ainda o artigo vem a tempo, porque na quarta deve o jornal sahir infalivelm.<sup>te</sup> Basta a demora que houve no 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> e que não foi pequena.

Porque me não manda V. Ex.<sup>a</sup> uma poesia? Isso seria para mim grande consolação, porque eu sinto que V. Ex.<sup>a</sup> queira incutir no animo do nosso publico a ideia de que *deixou de ser poeta*. *Malgré* o sñr. Oliveira Martins, que passou dogmaticamente a V. Ex.<sup>a</sup> o diploma de ex-poeta na *Revista Occidental*, eu continuo a consideral-o como um dos primeiros poetas do meu tempo.

Tenho muitissimo empenho em saber q.<sup>m</sup> este anno vem nas *commisões de exames*. O meu illustre am.<sup>o</sup> vem?

Creia-me

Porto, 19-6.<sup>o</sup>-75.

Impr. Litt. Comm. Bomjardim.

Am.<sup>o</sup> obrig.<sup>mo</sup> e cr.<sup>o</sup>,

Joaquim d'Araújo.

A carta que se segue é interessantíssima a mais de um respeito: primeiro, porque nos revela o principio; ou pelo menos a primeira ou uma das primeiras desinteligências entre Teófilo e Adolfo Coelho; segundo, por nela se tratar de um assunto literário — cremos nós — muito pouco ou nada conhecido: a tentativa de publicação de uma nova Revista — o *Mundo Novo*, materialmente dirigida por Joaquim de Araújo, mas superiormente orientada por Teófilo Braga num sentido filosófico, positivista.

Tudo nos leva a crer que já em 1875 Teófilo Braga pensava em promover o aparecimento de uma Revista de filosofia positiva — o que três a quatro anos depois veio a succeder com a publicação de *O Positivismo*. Mas vejamos a extensa, mas curiosíssima carta:

Meu prezado amigo.

É portador desta carta o meu amigo Ernesto Cabrita, um bom e honrado moço, que tenho muita honra em apresentar-lhe. Cheguei ha dias de Penafiel e senti muito não encontral-o aqui. Desejava ainda conversar com o meu amigo: e sinto deveras que tam cedo se retirasse do Porto. A *Harpa* está a sahir: neste n.<sup>o</sup> vem o seu escrito — *Heitor da Silveira, amigo de Camões*. O Coelho não colabora neste n.<sup>o</sup> A desinteligencia que houve entre elle e V. E. senti-a, creia, e senti-a devéras como amigo que sou d'ambos.



REPRODUÇÃO DE UMA PÁGINA DE  
«OS HOMENS DE HOJE», POR C.  
RICHE, 1880.





E logo esta desinteligencia dar-se exactamente na occasião em que cheios de esperanza projectavamos a publicação da nossa revista, que já agora, pelo que vejo não sahirá; com o que todos perdemos, e muito porque esse periodico destinado quasi que todo ao estrangeiro ia lá fóra dar uma ideia do nosso adiantamento progressivo e da nossa cultura scientifica. Eu não desespero ainda de convencer o Sñr. Theophilo Braga da grande utilidade que haveria n'esta publicação — V. Ex.<sup>cia</sup> dirigil-a-ia toda e eu apenas teria a meu cargo a revisão. Havia probabilidades de editor, que certamente se arranjava. A difficuldade hoje está toda em V. Ex.<sup>cia</sup>. A desinteligencia com o Coelho é a causa dessa difficuldade. Creia V. Ex.<sup>cia</sup> que sinto não poder remediar estes obstaculos. No momento em que a *Revista Occidental* se não pode sustentar apezar da *claque* <sup>1</sup>, que orgulho o nosso de podermos sustentar a nossa revista! Diga-me, porém, o meu amigo se está resolvido a abandonar a colaboração da *Romania*, da *Revista de Filologia Romanza* e, para falar de jornais mais modestos, da *Harpa*, simplesmente por nestes jornais colaborar o A. Coelho? Creio que não. Dessa fórma o nome de V. Ex.<sup>cia</sup> apparecendo juncto com o delle na colaboração destes jornais creio que tambem poderia apparecer juncto com elle no *Mundo Novo*, titulo que eu projectava dar á nova revista. Além disto o nome de V. Ex.<sup>cia</sup> apparecia nella firmando entre outros artigos o *programma*. D'accordo com elle deviam ir os artigos do Coelho, e por consequencia *tendo elle de escrever d'accordo com o programma dado por V. Ex.<sup>cia</sup>* creio que não haveria nisso desaire para o meu amigo, em vista do lugar de superioridade em que estava <sup>2</sup>.

Demais a questão com o Coelho é puramente particular, e elle nos seus escriptos sempre julgou V. Ex.<sup>cia</sup> como *um dos homens mais distintos — da segunda metade deste seculo em Portugal*. (Vid. Bibliogr. Crit. de Hist. e Litt., artigo sobre o folheto de Correia Barata (?)).

Creio que estas rasões calarão no animo de V. Ex.<sup>cia</sup>. A meu vêr a sciencia não merece ser sacrificada a estas pequenas questões. O titulo que V. Ex.<sup>cia</sup> deu á revista — a *Falange* — acho-o muito vago: não lhe parece melhor este que agora lhe indico de — *Mundo Novo*? Na America ha uma folha illustrada que tem por titulo — o *Mundo Novo*, mas esta semelhança de nome não prejudica nenhuma das duas revistas porque se percebe bem a *diferença* que ha entre o titulo duma e da outra.

Queira pois, o meu amigo dar-me o seu *ultimatum*; e caso a sua resposta esteja d'accordo com a m.<sup>a</sup> opinião queira enviar o prospecto com o nome dos colaboradores, etc., p.<sup>a</sup> o fazer imprimir dentro em pouco a fim de ainda nest'anno tirarmos o 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup>. E, a proposito do titulo, se não concordar comigo escolha-o á sua vontade.

---

<sup>1</sup> A *Revista Occidental*, a que se refere Joaquim de Araújo, era um jornal literário e, em politica externa, defensor da união ibérica, havendo tido uma vida efêmera, pois só existiu de 15 de Fevereiro a 30 de Agosto de 1875.

<sup>2</sup> Como depois se viu na colaboração de ambos em *O Positivismo*, a incompatibilidade de Teófilo com Adolfo Coelho desapareceu mais tarde.

{Que diz do Lopes Praça e V. Abreu para colaboradores? Eu creio que o primeiro destes é agora positivista.

Pode o meu amigo escrever-me um artiguinho para *A Harpa* acerca do *centenario de Camões*, preparando já os animos para receberem a noticia da commemoração do centenario <sup>1</sup>?

Obsequia-me muito nisto, bem como em enviar-me um artigo qualquer que dê para trez ou quatro numeros, publicando-se *em continuas*, como succedeu com aquelle estudo sobre os *Contos de fadas*, publicado na Rev. de Port. e Braz.

Queira dizer ao Moraes p.<sup>a</sup> publicar no folhetim da *Actualidade* a versão do artigo de G. Pariz, sobre as *Raças*. Era conveniente a vulgarisação deste escrito: eu traduzi-lo-ei gratuitamente porque sou tambem interessado em que se aprendam a conhecer por aí os homens do estofo e valor scientifico do tal Sñr. doutor.

Espero carta sua dirigida para a Imprensa.

Dê-me as suas ordens e creia que sou

Amigo leal e obrig.<sup>mo</sup>,

Joaq.<sup>m</sup> d'Araujo.

27-Outubro de 75.

P. S.—Espero carta de V. E. tão depressa como lhe for possível.

A seguinte insiste no sumário do novo número de *A Harpa*, e promete outra, bastante grande, acêrca do *Mundo Novo*. Vejamo-la:

4-11-75.

Meu illustre amigo.

Muito á pressa: Podendo enviar-me athé domingo um artigo extenso que dê para *continuas* obsequia-me.

Hoje sahe *A Harpa*. Amanhan tel-a-á aí. Eis o summario: Heitor da Silv.<sup>ra</sup> amigo de Camões, Th. Braga, Sertaneja (poesia) por J. de Brito, brasileiro, Uma poesia de Simões Dias, Morte d'um justo, versos, Luiz Guimarães, Officio de Rei, Innocencio Francisco da Silva, Misteriosa, Joaq.<sup>m</sup> de Araujo, Brancas e Morênas, Freitas Costa, Versos d'um padre, Eduardo Cabrita, Um pé, Luiz de Campos, Estudos sobre o Código, Assis Teixeira, Portugal Contemporaneo, A. Villas Bôas, Numa Campa, Alberto Telles, Penafiel, Luiz de Mesquita.

---

<sup>1</sup> O *espírito* do centenário de Camões já Teófilo Braga vinha, de longa data, preparando. Em 1873 apparecia na Imprensa Portuguesa, do Pôrto, a 1.<sup>a</sup> parte da *Historia de Camões*, versando, num grosso volume de 443 páginas a vida do poeta, e no ano seguinte a mesma casa publicava um ainda mais compacto volume — de vi-592 páginas — acêrca da *Eschola de Camões*. Também nesses dois anos Teófilo publica numa edição crítica as *Obras completas de Luiz de Camões*, que preenchem sete volumes agrupados em três tomos.

O proximo numero é a meu ver um specimen de jornal litterario. A *Harpa* continua em bôa altura, creio eu. Diga-me o que lhe parece d'ella. Agradeço o bom acolhimento que V. Ex.<sup>cia</sup> fez ao Ernesto. É um bom moço, character honestissimo e com bastantes aptidões.

Dei os seus recados ao Anselmo, logo que recebi a sua carta.

Espero com certeza os originaes no domingo.

A *Harpa* tem que publicar 16 n.<sup>os</sup> para complemento da serie neste anno, porque em janeiro começa o *Mundo Novo*.

No domingo, se receber carta sua escrevo uma carta larguissima contando o plano e combinações do *Mundo Novo*.

Creia sempre sempre num amigo leal e muito e muito obrigado,

Joaquim d'Araújo.

\*

A carta que segue é muito interessante, pois não só documenta o grande carácter de quem a assina, como demonstra a funda amizade e grande admiração que Araújo dedicava a Teófilo. É, por isso, um documento moral de primeira ordem.

E, como se isso não fôsse mais que sufficiente para lhe emprestar todo o interêsse, há, ainda, a notar nela as referências ao «caso dum Camillo publico galeriano e dum Chagas vendilhão assalariado...». Esta frase é incontestavelmente de Teófilo, tem na sua textura e formação o inconfundível *signé* do seu autor. Araújo apanhou-a admiravelmente, e transcreve-a na integra.

Porém, como tudo, o próprio ódio cansa, e pouco tempo depois é o próprio Joaquim de Araújo — como adiante se verá — quem vem pedir a Teófilo um artigo necrológico por ocasião da morte de Pinheiro Chagas, lembrando ao grande Mestre que Chagas era amigo de Teófilo.

Quanto a «Camillo publico galeriano», também o ódio não devia, felizmente, ser duradouro. Não muitos anos depois os três — Teófilo, Camilo e Araújo eram amigos e, muito justamente, entre admiravam-se. Camilo escrevia o inolvidável soneto *A maior dor humana* à morte dos filhos de Teófilo, êste muito gratamente sensibilizado nunca mais deixou de elogiar Camilo, escrevendo, a abrir a *Revista Portuguesa*, dirigida por Araújo, um notável artigo acêrca do eminente autor da *Caveira da Martir*.

Quanto a Joaquim de Araújo além dos numerosos louvores que a cada momento e propósito dirige a Camilo em vida, pronuncia nobres palavras no entêrro do grande romancista, e publica-lhe a bibliografia. As relações — e muito amistosas foram elas — entre Camilo e Joaquim de Araújo vinham de 1882.



Pela série de onze cartas de Camilo a Joaquim de Araújo, e que este publicou com o seu discurso no funeral do romancista, vê-se como depois viveram em excelentes relações.

Logo na 1.<sup>a</sup> carta — a de 29 de Maio de 1882 —, a fechar, diz: «Esta casa e eu estamos com as portas e com os braços abertos para o receber. Anna Placido retribue muito reconhecida os seus cumprimentos». Na 2.<sup>a</sup> carta diz Camilo, referindo-se, certamente, a quaisquer observações que Araújo lhe fizera, discordando do *Perfil do Marquez de Pombal*: «A maioria dos leitores do *Perfil* concordam com o meu amigo em achar injusto o livro. Como alguns, á imitação de V., tencionam refutal-o, direi depois de minha justiça».

Toda a 5.<sup>a</sup> carta é encantadora, cheia de elogios e recordações do pai de Joaquim de Araújo — o Dr. António Joaquim de Araújo — que então havia falecido. A 7.<sup>a</sup> é impagável de espírito e também de estoicismo, pois Camilo informa que, ao escrevê-la, tinha a livraria encaixotada para ser aqui vendida em leilão, por haver servido de fiador a quem abusou da sua confiança, e escreve: «Um homem de letras, simplesmente alphabeticas, quando se vê onerado com uma responsabilidade de 3 contos de reis, a não poder vender-se a si aos phrenologistas, vende a livraria, e ergue as mãos aos justos céos se tem livros que valham aquillo».

Finalmente, a 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> tratam do Cavalheiro de Oliveira, a propósito de perguntas e pedidos de informações de Araújo, que preparava, por êsse tempo — 1884 — o seu trabalho acêrca do ilustre autor dos *Amusements*. A fechar a 10.<sup>a</sup> carta há uma passagem consagrada a Carolina Michaëlis, onde Camilo escreve, cheio de espírito de justiça: «Recomendo-lhe a collaboração de D. Carolina Michaëlis. O *Sá de Miranda* é assombroso. D'aquillo não se havia feito ainda neste jardim da Europa». E, era verdade.

Decorridos muitos anos, e falecido, muito antes, Camilo, Joaquim de Araújo escrevia, em 1903, no seu belo trabalho — O «*Fr. Luiz de Sousa*», de Garrett — publicado só em 1906, a pp. 81: «Camillo Castello Branco, nos ultimos tempos da sua vida consagrou-me tal estima, que deixou, desde o dia em que nos relacionamos, — o itálico é do próprio Araújo — de aggre-dir sistematicamente os trabalhos de Theophilo Braga. Fiz-lhe ver, sem embages, a injustiça das suas aggressões, e recebi d'elle a confidencia dos nomes de dois ou trez literatos que continuamente o espiçavam nesta ingloria campanha, que empanou as fulgurações do seu talento». E, acrescenta: «Esses nomes estão registrados na correspondencia da livraria Chardron, hoje em poder dos srs. Lellos, e dahi os

conhece ou conhecerá quando quizer, o illustre auctor da *Historia da Litteratura Portuguesa*».

Como se acaba de ver, os quatro antigos adversários literários se não inimigos pessoais tornaram-se, mais tarde, amigos e admiradores mútuos.

Vejamos, finalmente, a curiosa e expressiva carta de Joaquim de Araújo:

Meu bom amigo.

Recebi a sua estimada carta e bem assim o artigo, que a acompanhava. Amanhan começo com o 5.º n.º da *Harpa*.

Amigo leal e dedicado de V. Ex.<sup>cia</sup> vou mais uma vez provar-lhe que o sou. Tenho ensejo de publicar na *Harpa* escritos de Alexandre Herculano e Anthero de Quental. Posto que estes dois escritores não estejam — servindo-mé da frase de V. E. a respeito do Adolfo Coelho — no caso dum Camillo publico galeriano e dum Chagas vendilhão assalariado eu exponho-lhe isto muito lealmente. Ainda recentemente num almanak, publicado nessa cidade apparecem os nomes de V. Ex.<sup>cia</sup> e do Anthero. Por isso é que lhe falo nisto, que, do contrario não iria offender as suas susceptibilidades e perder um dos primeiros collaboradores do meu jornal. A *Harpa* é como sabe uma especie de «grinalda» segundo a sua indicação eu faço apparecer nella o maior numero de nomes possivel. N'uma carta que o meu amigo me escreveu e que não tenho á mão lêem-se pouco mais ou menos estas palavras — «...aconselhe-se com o Coelho sobre as materias a publicar».

Já vê que, em vista disto, eu podia muito bem publicar os escritos dos individuos em questão: o Coelho é de opinião que eu admita no jornal quem tiver merito e tiver um proceder rasoavel, quem não fôr escritor assalariado como o Camillo, Chagas, etc. Mas primeiro que tudo eu sou amigo dos meus amigos e tenho a V. Ex.<sup>cia</sup> nesta conta.

Sube que estas duas collaborações dão certo nome ao jornal; ainda assim não valem a sua, que eu de forma alguma quero perder.

Se o meu amigo transigisse neste ponto obsequiava-me. O Coelho disse-me que enquanto a elle continuava a colaborar e que não tinha incompatibilid.<sup>es</sup> com ninguem. Foi esta a razão que me fez publicar um artigo, que eu muito desejava publicar, do Inocencio Francisco da S.<sup>a</sup>

O Plano do *Mundo Novo* enviarlh'o-ei breve: o 1.º n.º sahirá só para Janeiro. Apenas colaborarão os individuos que lhe aponteí: este jornal não é como A *Harpa* uma colleccionação de escritos de todos os escritores portuguezes. Espero resposta sua na volta do correio, pois o numero vai já entrar em composição.

Espero que o meu amigo acceda ao pedido instante que lhe faço, pe-dido que mais huma vez lhe mostra a lealdade do

Seu am.º certo sempre obg.<sup>do</sup>,

Joaquim d'Araujo.

13 de novembro de 1875.

A carta que segue está indatada e truncada. É possível que não vá aqui no devido lugar. Mas os assuntos literários nela versados são muito interessantes. Olhemo-la:

Meu bom amigo.

Respondendo á sua ultima presadissima carta é devêr meu começar por agradecer-lhe as lisongeiras palavras de animação que me dirige, e que por partirem de tão d'alto, heide apreciar sempre, guardando a sua carta entre os meus papeis queridos.

Vejo o que me diz; respondo:

a) A carta do Soromenho: lembro-me de que podemos obte-la pelos herdeiros de Inocencio Francisco da Silva, por José Pedro Antonio Nogueira ou por outro qualquer bibliófilo. Insisto nisto porque é um elemento grandissimo de vida para o meu jornal: o Vasc.<sup>os</sup> comprou uns poucos de exemplares. Eu desconfio do Soromenho e entendo que nada se lhe deve dizêr, desde o momento em que eu me comprometo sob palavra a não usar do nome do meu amigo.

b) O artigo do Ramalho: peço ao meu bom amigo o obsequio de lhe enviar um bilhete com duas letras, pedindo-lhe o tal artigo. Entendo que assim é muito melhor porque o homem tem menos occasião de se esquivar.

O meu amg.<sup>o</sup> pede-lhe uma coisa ligeira, escrita ao correr da pena *mas inedita*. O mesmo a Gomes Leal e Guilherme d'Azevedo; se elles se encontram casualmente com V. Ex.<sup>cia</sup> não levam concerteza versos nessa occasião e de sorte esquecem depressa o pedido.

Assim, não. V. Ex.<sup>a</sup> pode usar de bilhetes de visita com duas linhas, que eu creio que os homens respondem logo, mandando versos ineditos.

A *Harpa* está ou antes vai entrar num periodo de actividade; tem que competir no aparecimento do jornal do Alexandre da Conceição, e por isso eu peço ao meu amigo o obsequio de expedir já os bilhetes aos tres individuos, porque quero que os versos do G.<sup>mo</sup> e o artigo do Ramalho entrem já nesta primeira folha.

c) Os seus versos: poucas quadras que sejam, fazem-me muita conta. Diz o meu amigo que não tem tempo para *limar*, mas a *Parabola da Semente* está d'há m.<sup>to</sup> limada e muitissimo no caso de *apparecêr*. Não se esqueça, pois, de mandar os versos, visto que o meu amg.<sup>o</sup> trabalha num campo literario, que não exclue a poesia.

d) Artigos do *Cancioneiro* (Antologia e Cantos Aedus): — queira mandar o que puder.

e) Relatorio da Academia.

f) Gramatica Portuguesa.

---

Envio-lhe as *Tempestades Sonoras* que eu havia oferecido ao meu amigo ha já tempos. Em troca delas se tiver exemplares da *Poesia do Direito* e das *Folhas Verdes* obsequieia-me dando-me um.

Está no Prélo a *Vida de Bocage*<sup>1</sup>. Como nela sahem as poesias que vieram de Ponte de Lima e consequentemente seja tambem impressa a que viu a luz na *Harpa* eu rogo-lhe, podendo ser, o obsequio de lhe pôr esta nota: «Publicada em o n.º 6 da segunda serie do periodico portuense *A Harpa*».

Não desejava que mais tarde dissessem que eu fui copiar ao volume e desejava ver *A Harpa* citada em alguns dos livros que saiam dos nossos prélos já que o elogio mutuo e os compadres lhe promovem a conspiração do silencio e a aguerreiam consoante podem.

Não me pode V. Ex.<sup>a</sup> mandar outra dessas poesias, pondo-lhe no livro, nota análoga? Na *Bibliog. Crit.* appareceu um art.º seu, creio que sobre um livro intitulado — *Catalogo dos Livros da Ex.<sup>ma</sup> casa de Sam Lourenço*. No *Jornal do Commercio* dahi appareceu uma carta importante do auctor daquelle livro e ainda sobre aquelles manuscritos. Provavelmente o meu amig.º já a conhece. Eu vou transcrevê-la, mas desejava-a precedel-a duma noticia de poucas linhas, noticia que o meu amig.º me obsequieia fazendo-a. Tambem lhe peço q̃ não se esqueça disto.

Se falar com Antonio de Oliveira Marreca, faz-me favôr dando alguns detalhes sobre o meu character. Elle não me conhece e eu preciso que me conheça, porque tomei a peito a organização do partido republicano da m.<sup>a</sup> terra (Penafiel) e espero ordens de Lisbôa ha m.º tempo nesse sentido.

Assalta-me a ideia pungentissima que *desconfiem* de mim.

Já conhecia de nome o positivista em que me fala. Vou mandar vir o livro; que casa franceza o editou? Não estou dacordo com as suas opiniões sobre a escola satanica posto que as perfilhe *em parte*. Alem disso o meu volume — *Occidentaes* — não é producto da .....

\*

Apesar de já irmos pelo Março de 1876 adiante, a *Harpa* continuava *desferindo sons*, e o *Mundo Novo* ainda não havia surgido.

Meu bom amigo.

Por falta absoluta de tempo não respondi mais cedo á sua ultima prezada carta. Hoje mesmo, escrevendo-lhe á pressa só lhe posso dizêr do *Mundo Novo* que trabalho activamente para que vá por diante a publicação. A propriedade dela pertencerá: a) a tres socios, eu — o Mattos Angra e o Montalverne; b) pertencerá ao Mesquita livreiro; c) ou será d'uma companhia cujas acçoens serão de 5\$000 reis cada uma? É isto que é

---

<sup>1</sup> A obra de Teófilo Braga — *Bocage, sua vida e Epoca litteraria* foi publicada, em 1877, na casa editora do Pôrto, Imprensa Portuguesa, e foi escrita como *Introdução*, à edição das *Obras completas de Bocage*, compreendendo estas sete volumes que appareceram, na mesma casa editora, em 1875 e 1876.



necessario resolver; repito-lhe trabalho com affinco, porque estou convencido, posto que um pouco tarde, de que devo trabalhar tambem na nova direcção que a litteratura leva. Este jornal será a affirmação da *gente nova*: escolhendo o Sr. Theophilo Braga para director da publicação, presta uma homenagem de profundissimo respeito ao seu grande character. Não pertengo ao elogio mutuo e por isso digo e escrevo o q̃ penso.

Peço-lhe o obsequio de me enviar, de forma que eu aqui o receba na 4.<sup>a</sup> feira sem falta, um artigo nem grande nem pequeno.

Sahe antes de sabbado, porque nesse dia abandono o Porto p.<sup>a</sup> hir gosar as ferias lá fóra, outro numero de *A Harpa*. Conto com V. Ex.<sup>a</sup> para a collaboração d'elle e peço-lhe me envie o artigo com muita urgencia.

Gostou d'este ultimo número? V. Ex.<sup>a</sup> tem ahi exemplares disponiveis da *Vida de Camões* (1.<sup>o</sup> vol.) e *Amadis*? São estes os unicos volumes que me faltam p.<sup>a</sup> ter completa a *Historia da Litteratura* e desejava possuil-os. Da m.<sup>a</sup> descoberta litteraria dar-lhe-hei parte.

Porto, 2, 3, 76.

Joaq.<sup>m</sup> d'Araujo.

A carta que inserimos seguidamente é indatada como muitas outras de Joaquim de Araújo<sup>1</sup>. Nela respira-se não só o anseio do director de jornal pela collaboração desejada e já annunciada, como — e sobretudo — sente-se o terror do homem de bem que timbra em cumprir o que promete.

A collaboração de Ramalho Ortigão fôra já annunciada num número antecedente de *A Harpa*, o compromisso estava tomado com o público, e forçoso era realizá-lo custasse o que custasse. Por isso, êle, certamente muito enervado, e quási fora de si, escreve: «ou o numero sahe com o artigo ou não sahe, porque a noticia de procedencia minha não hade ser desmentida». E insiste: «O contrario seria intrugisse, e eu quero afastar-me dessas coisas».

Emfim, esta carta espelha um carácter, marca um grande homem de bem. Contemplemo-la:

Meu amigo.

Escrevo-lhe de Guimarães onde cheguei hontem para assistir ás festas da Citania, convidado pelo Dr. Pereira Caldas, de Braga. As tais festas não se realisam no dia 8, como estava annuciado, mas eu, uma vez aqui não quero perdêr o ensejo de vêr o berço da monarquia.

Junta lhe remetto a folha da *Harpa* que está impressa: as outras não estão impressas, e o numero não está distribuido pelo motivo que sabe.

---

<sup>1</sup> Se bem que a carta que segue seja indatada, tudo nos leva a crer que ela é de 1877, pois foi nesse ano que se publicou a obra de Teófilo acêrca da vida de Bocage, pelo aparecimento da qual Araújo felicita Teófilo.

Está annunciado o numero como contendo, entre outros, um artigo de Ramalho Ortigão: ou o numero sahe com o artigo ou não sahe, porque a noticia de procedencia minha não hade ser desmentida. O contrario seria intrugisse e eu quero afastar-me dessas coisas. Veja V. Ex.<sup>a</sup>, meu amigo, se eu tenho razão ou não nisto.

Da sua amisade com o Ramalho há tudo a esperar, se é preciso o consentimento do Chardron eu arranjo-o.

E, o meu amigo, melhor que ninguem vê o desarranjo, o transtorno em que estão estas coisas da *Harpa*: eu tenho a melhor vontade, e peço-lhe como amigo dedicado que me coadjuve.

O seu silencio para mim é aterrorador: creia que sou deveras amigo de V. Ex.<sup>a</sup> e lastimo mesmo que p.<sup>a</sup> ahi não surja uma questão litteraria qual-quer que o meu amigo havia de me ver a seu lado, firme como uma rocha. Não são palavras banais estas que lhe escrevo, creia que sinto o maior desejo, já não digo de lhe ser util, porque por ora não lho posso ser, mas de lhe ser agradável.

A folha que lhe remeto é a 2.<sup>a</sup>; antes d'ella há 12 paginas e nessas é que deve entrar o artigo do Ramalho.

O meu amigo se puder envie-me outro artiguinho, pequeno de 1 p. e uma poesia. Acceda a meu pedido nesta ultima parte.

A folha que sahiu e que lhe remeto não deve sahir das suas mãos *por coisa nenhuma* antes que o numero saia para a rua o que terá lugar cinco ou seis dias depois de receber o artigo do R.

.....

Há nessa folha uma quadra de V. Hugo que o R. traduziu, dada como do J. de Deus. Effectivamente aquelle epigramma confunde-se com os de J. de Deus.

No expediente d'este n.º ou no do subsequente explicarei o engraçado *qui pro quo*.

Do R. basta uma columna se elle não quizer dar mais — mas a questão toda é que o nome d'elle appareça neste n.º, firmando qualquer composição inédita. E os seus versos? Não se esqueça tão bem. Conto que agora não me faltarão. Conto comsigo e peço-lhe que me não falte ao que lhe peço.

Eu tenho pago um dinheirão de empate da composição. Conto comsigo. Chego na 2.<sup>a</sup> feira ao Porto, espero os originaes na 4.<sup>a</sup> para vêr se na proxima semana se distribue o numero. Ajude-me, meu bom amigo, e façamos da *Harpa*, pois que já leva esta direcção, um documento curioso para a historia da litteratura contemporanea. Façamos com que appareça nella maior numero de nomes conhecidos e obscuros do merito do nosso tempo.

Estou fatigado de escrever-lhe, e o meu amigo neste ponto já fatigado de me lêr. Dê de mão por dez minutos aos seus trabalhos e falle com o R. no Curso, na 2.<sup>a</sup> feira. Escrever para elle é facil, facilimo. Enquanto o meu amigo espera, elle, nesses dez minutos faz o artiguinho.

Li na *Actualidade* o art.º sobre o *autor da Voz da Razão*. As suas affirmações são ali totalmente comprovadas.

Dê-me licença que o felicite pela sua *Vida de Bocage*, para mim é um dos melhores trabalhos litterários de V. Ex.<sup>a</sup> e um dos melhores volumes da *Hist. da Lit.*, a que pertence.

Para o que serve um rapaz de boa vontade, disponha V. Ex.<sup>a</sup> sempre do

Seu amigo leal e obrg.<sup>mo</sup>.

Guimarães, 6 de Abril.

P. S.—Pode fazer com que eu na 2.<sup>a</sup> feira receba no Porto um bilhete seu de apresentação para o Soromenho? É grande obsequio.

Joaquim d'Araujo.

A carta que, a seguir, publicamos é a última das da série relativa à colaboração de Teófilo Braga em *A Harpa*. Ao que parece, pouco depois desta carta êsse jornal de poesias findava a publicação.

Meu amigo.

Recebi a sua carta. Apresso-me a responder-lhe.

Envie-me o prospecto. O que posso fazer é mostral-o ao Coelho e tomar nota do que elle disser para o meu am.<sup>o</sup> ter em consideração as observações d'elle.

O jornal deve publicar versos e romances, medida exigida por uma grande parte do publico com que contamos.

Respeito ao Sr. Ramalho Ortigão vejo o que o meu amigo me diz. Obsequiava-me obtendo d'elle um artigo já publicado, mas precedido d'algumas linhas ineditas. Creio que o contracto d'elle com o Chardron lhe não prohibe o prefaciar um escripto antigo. Ahi está por ex. as *Artes e Lettras*, que teem inserido alguns artigos d'elle.

O folheto do Soromenho desejava immenso vel-o. É bom que o illustre professor tire outra edição d'elle e que a espalhe profusamente. Pela minha parte fal-o-hei transcrever em muitos dos jornaes do paiz, a começar na *Harpa*.—Vejo o que diz com respeito ao Sardinha; tem razão e não serei eu que insista no meu pedido. A sua carta mostral-a-hei ao Anselmo, porque há nella umas palavras, que são a melhor recomendação do nosso amigo: «Bem quizerá interceder pelo meu e seu amigo Manoel Lardenha, para que o Anselmo o admittisse, como elle merecia...».

Respeito aos artigos:

Queira fazer o obsequio d'enviar-me o artigo sobre a *Antologia*, e podendo, junctamente, a poesia de Bocage, com uma nota em que se declare a sua procedencia — se julga isso conveniente — e com uma outra nota declarando que será transcripto no vol. da *Actualidade*, para mais tarde quem vir a *Harpa* e o vol. alludido não julgue que foi copiada d'elle.

Não se me esqueça d'isto, o meu bom amigo.

Respeito ao Chagas: Elle merece uma boa tosa, mas a sua carta poz-me indeciso. Eu tenho os elementos necessarios, não direi para o annullar, mas para que muitos Zé Povinhos deixem de fazer d'elle o seu idolo. O Anselmo é que queria publicar uma tosa nesse senhor; eu como possuidor

de bons elementos para ella offereci-me gostosamente. Lerei porem a sua carta ao Moraes, que em face d'ella resolverá.

Eu peço ao meu amigo que me creia sempre

Amigo certo e obg.<sup>mo</sup>,

Joaquim d'Araújo.

Porto, 9-6-76.

3.º—A COLABORAÇÃO DE TEÓFILO EM A RENASCENÇA

Acêrca da colaboração de Teófilo Braga na revista *A Renascença*, de Joaquim de Araújo, que appareceu, no Pôrto, em 1878, seguem-se cinco cartas dêste para aquele.

A primeira tem, principalmente, por fim pedir a Teófilo um artigo biográfico acêrca do grande poeta João de Deus. Joaquim de Araújo foi atendido, e de pp. 5 a 8 de *A Renascença* vem uma interessantíssima biografia do famoso poeta literário. Outros assuntos literários vêm tratados nessa carta, mostrando sempre a admiração e dedicação de Araújo por Teófilo. Ouçamo-lo:

Lisboa, 2.ª f. á noite.

R. da Magdalena, 273-2.º

Meu caro amigo.

Para meu governo, visto que me é impossivel demorar-me mais, peço-lhe a obrigante fineza de me mandar dizer hoje, podendo ser, se enviou o original da biographia de João de Deus, ao Manoel de Moura,—Porto, Muro da Trindade, como combinamos. É que a typographia exige o maximo de pressa para dar o n.º a 7, a tempo de elle estar aqui em Lisboa a 8 de março, impresso e prompto. Por isso lhe peço me avise immediatamente, num postal, se sim ou não me mandou o artigo. A falta de um dia pode prejudicar inteiramente a apparição do n.º

Tambem lhe escrevo por outro motivo:

Pedem-me de Madrid a indicação do nome de tres portuguezes para collaborarem em um periodico talhado sobre os moldes da *Revue Critique* do G. Paris, já entre nós vistos na *Bibliographia critica*. Na nova revista entram o Cesario F. Duro, Menendez Pelayo, Pi, e toda a falange de eruditos, á antiga e á moderna que lá brilham. Ha a collaboração, entre os estrangeiros, do Hübner e do Gaston Paris. Peço ao Theophilo que me consinta que eu o indique entre os tres portuguezes que tratarão do movimento historico (em publicações) que se fôr dando entre nós. Como a capa do 1.º n.º com a lista dos collaboradores está a sahir tambem me faz favor em, neste ponto, me mandar hoje a resposta numa carta postal.

O director da publicação é um rapaz de valia, meu muito querido amigo pessoal—Rafael Altamira, que de certo conhece, como correlligio-



nario. Elle está com grandes esperanças, e confiou em mim para lhe resolver a questão da collaboração portugueza, em que eu me dirigi ao Theophilo primeiro que a mais ninguem.

Seu leal amigo,

Joaquim d'Araújo.

P. S.—Chegou hoje o original do Edgar Prestage.

A carta que inserimos a seguir é muito interessante não só pelos assuntos literários nela tratados, como pelos dados auto-biográficos que contém. Assim, por ela, vemos que Araújo ao mesmo tempo que dirigia no Pôrto *A Renascença* freqüentava, em Lisboa, o Curso Superior de Letras.

Tais emprêsas, demandando um especial dom de ubiquidade, obrigavam Araújo a faltar, por vezes, às aulas de Teófilo e de Sousa Lôbo, pelo que nesta carta êle pede ao seu professor que lhe releve tais faltas.

É mais que certo que Teófilo deferiu o pedido de Araújo, pois êle pouca atenção ligava à chamada, em calão de estudante, à *freqüência de banco*.

Quando, cêrca de trinta anos volvidos, nos coube a vez de sermos aluno em cursos de muito maiores responsabilidades que os do tempo de Araújo, pois, além de conferirem graus universitários, das classificações obtidas dependia a nossa colocação no quadro do professorado dos liceus, Teófilo Braga continuava ligando pouquíssima importância à tal *freqüência de... banco*, avaliando e classificando os seus alunos muito mais pelas suas manifestações de talento e de saber que pela formalista assistência e regulamentar pontualidade.

Outro dado auto-biográfico muito interessante não só por si como por ser muito ignorado é o que se contém na sua declaração: «Tenho trabalhado um pouco no meu jornal diário, jornal em que eu tenho pensado ha trez annos».

Mas êsse rapaz de 20 anos que freqüentava, em Lisboa, o Curso Superior de Letras e dirigia, no Pôrto, *A Renascença*, e que estava a trabalhar para conseguir ter um jornal diário, como se achasse pouco todo êsse esforço, atirado às mãos cheias durante uma existência bem vívida, ainda queria mais: almejava ter uma typografia sua. E nesse sentido confessa ao seu professor e Mestre, cheio de dedicação e de entusiasmo: «Se eu conseguir uma typographia como espero, creia que a sua *Historia da Lit.* será concluida e não só ella, tambem mais alguma obra do meu am.º será publicada».

A seguir, para não fugir ao hábito, pede a Teófilo um artigo biográfico de Eça de Queiroz, e, num assomo de bela ingenuidade, permite-se fornecer a Teófilo dados e conselhos para, com êles, elaborar tal estudo biográfico. Teófilo, ao ler a carta, devia ter sorrído, cheio de bondade e magnanimidade com a *basófia científica* do rapazote, mas, como homem verdadeiramente superior — ao contrário do que muitos supõem, — longe de *amuar*, fez com o grande material que tinha acêrca da vida e obra do seu querido amigo e condiscípulo de Coimbra um magnífico artigo que se estende de pp. 93 a 98 de *A Renascença*, não fazendo — já se sabe — o menor caso dos tais dados e conselhos de Araújo.

Teófilo Braga, que já havia publicado na mesma revista um admirável estudo sôbre *Eça de Queiroz e o realismo contemporâneo*, neste artigo, que acompanha o retrato do grande romancista das *Cidades e Serras*, — e como lhe pedira Araújo, traça uma magistral biografia de Eça, cheia de colorido local ao traçar o quadro da vida académica coimbrã na época em que o biógrafo e o biografado freqüentaram a Universidade, e, depois de mostrar quanto Ramalho Ortigão deve ao estudo da filosofia e das sciências, incita Eça de Queiroz a imitá-lo, escrevendo: «Falta-lhe uma renovação mental. Não basta observar bem, e pôr em conflito os diferentes factores do meio social, é necessario tirar conclusões... é preciso estudar scientificamente a sociedade, e esse estudo scientifico tem um methodo que só pode ser comprehendido por quem se disciplinar na philosophia que primeiro conseguiu sistematizar em corpo de doutrina a complexidade dos phenomenos sociaes, tornando applicavel a esses phenomenos o criterio das sciencias cosmologicas e biologicas que precedem hierarchicamente a psicologia».

É neste famoso artigo que Teófilo critica com certo ardor um juízo que Eça de Queiroz fizera acêrca de Antero, escrevendo: «Basta este periodo para definir o fundo atrazo mental de Eça de Queiroz, e para explicarmos a superioridade da sua obra unicamente pela intuição do seu genio de artista».

¿Mas, qual era êsse periodo do Eça? Continuemos a ler Teófilo que o vai reproduzir sublinhado: «Chamar a Anthero de Quental, que apenas leu Michelet e Quinet, e que em philosophia amalgamma Vacherot e Renan, Taine e Augusto Comte em improvisos de café, *a mais poderosa organização philosophica e critica da peninsula neste seculo* é uma monstruosidade de grosso calibre...».

Mas vejamos a interessantissima carta de Araújo, que, além de outras informações, fornece dados — cremos que inéditos — acêrca de Eça de Queiroz, que Antero de Quental lhe havia transmitido.

Meu bom amigo.

Escrevo-lhe de Penafiel onde estou, tendo nos ultimos tempos passado bastantemente doente. Conto amanhã seguir para o Porto e na terça para Lisboa.

Peço-lhe me desculpe estas faltas que eu tenho dado ao Curso; o Souza Lobo desculpar-me-á as faltas da cadeira d'elle.

Tenho trabalhado um pouco no meu jornal diario, jornal em que eu tenho pensado ha trez annos. Se eu conseguir uma typographia como es-  
pero, creia que a sua *Histor. da Lit.* será concluida e não só ella, tambem mais alguma obra do meu am.<sup>o</sup> será publicada.

A *Renascença* está bastante adiantada. Sahem *trez* numeros e o original está prompto. Falta apenas um artigo biographico do Eça de Queiroz, p.<sup>a</sup> acompanhar o retrato e esse artigo peço eu ao meu amigo a extrema delicadeza de m'o fazer.

Os primeiros folhetins do Eça de Queiroz estão na *Gazeta de Portugal* (1868 a 1869) publicada em Lisboa pelo Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Um d'elles — *O Senhor Diabo* — foi ha pouco reproduzido no I.<sup>o</sup> vol. do *Muzeu Illustrado* sem data.

Ha um numero das *Farpas*, ignoro qual, com uns dados biographicos do Ramalho Ortigão. Como o meu amigo talvez não queira escrever sobre a vida do Queiroz em Lisboa pela distancia em que se acha d'alguns dos companheiros d'elle, poderia chegada essa altura ceder a palavra ao Ramalho e transcrever-se in extenso esse artigo. Os companheiros — de casa do Eça de Queiroz em Coimbra pelo menos nos ultimos tempos, foram o Lobo de Moura e o Anselmo d'Andrade. Com este veio elle para Lisboa e ali tentou fundar um jornal, revista ou o quer que fosse de satyra e critica de costumes, o que não se realisou por o Anselmo ir advogar para Beja. As futuras *Farpas* foram uma refundição da ideia primitiva. Isto me disse o Anthero.

Nada mais sei com relação ao Queiroz nem ao que elle fez em Coimbra.

A *R.* sai agora terminante e definitivamente. Assim m'o disse o Conde de Margaride e creia que o seu compadre não foge á rêde. Por consequencia obsequie-me o meu am.<sup>o</sup> se na sexta feira ás horas da aula m'o levar para a Academia.

Numa *nota final* da *R.* reivindico para um jornal portuguez a publicação primitiva do seu retracto.

Peço ao meu bom amigo que não se esqueça de me levar a biographia e que me creia sempre

Seu dedicadissimo am.<sup>o</sup> e m.<sup>to</sup> obr.<sup>o</sup>,

Joaquim d'Araujo.

Penafiel, 26.

A carta seguinte é — como tantas outras — indatada, sendo difficil seriá-la.

Nela diz-se que já tem pronta parte dos fasciculos VIII e IX, isto é, de pp. 117 a 128 e de 128 a 144. Diz, também, que já tem impressa

— naturalmente queria dizer *composta* — a *Parábola da Semente*, que, efectivamente, vem a pp. 115, mas informa que por haver estado de cama não pôde ir a casa do Adolfo Coelho buscar-lhe um artigo para *A Renascença*. Ora, o último artigo de Adolfo Coelho vem de pp. 82 a 87, e é um artigo de crítica acêrca da *Introdução á archeologia da Peninsula Iberica*, do Dr. Augusto Filipe Simões, tendo a data de 1 de Fevereiro de 1879.

¿Será a êste artigo que se refere Joaquim de Araújo? ¿Será a outro que não chegou a aparecer em *A Renascença*?

Seja como fôr, parece-nos que é nesta altura que devemos inserir a carta, e, por isso, aí vai ela.

Meu amigo.

Eu cheguei do Porto doente, muito doente. Estive uns dias de cama, e agora acho-me quasi bom. Apenas tenho um grande cançasso que me não deixa tomar folego nas subidas sem parar durante muitas vezes. É por isso que eu não tenho ido a sua casa.

Não lhe tenho escripto tambem, porque fazia nisso grande esforço e d'ante-mão sabia que a sua indulgencia me desculpava. Nem tenho podido ir a casa do Coelho, como lhe prometti, quando elle me veio ver, buscar o artigo d'elle para *A Renascença*.

Já cá tenho uma parte dos fasciculos viii e ix impressa, e vou contractar com o Castro Irmão a impressão, de forma que no fim d'este anno esteja prompto o 1.º volume.

Envio-lhe o prospecto do nosso jornal; queria eu mesmo ser o portador d'elle, mas não pode ser. É necessario combinarmos o 1.º fasciculo. É verdade: houve que fazer uma alteração no primitivo projecto: foi a de serem os fasciculos mensaes. Mas em compensação temos *garantida* a publicação de *doze* (um anno). Parece-me que o primeiro numero deve sahir o mais breve possivel.

Diga a quem se hão de mandar prospectos.

Esperando o cumprimento d'uma sua promessa, peço-lhe que me envie o mais cedo que possa o artigo acerca do livro do José Augusto Vieira e dois trechos do seu poema os *Seculos Mudos*. Já cá tenho impressa a folha em que vem a *Parabola da Semente*.

Preciso tambem do *Parnaso Contemporaneo*.

Já tenho feita a lista dos poetas e a dos livros que em tempo o meu amigo me pediu.

Creio que o *Parnaso* tem um prologo, segundo tambem combinamos.

Eu moro na Rua da Atalaya, n.º 133, 1.º andar. O meu amigo ou me manda isto tudo que lhe peço pelo correio, ou me avisa do dia e hora em que vem cá, por meio de um bilhete postal. Eu não vou á livraria do Carilho, em prejuizo da m.ª correspondencia que para lá vae, pela mesma razão que não vou a casa do meu am.º Fui umas trez vezes á baixa e vim cançadissimo para casa. Sem embargo d'isso, saio de casa, e é a razão



porque lhe peço que me avise do dia e hora a que vem, ou do sitio em que eu posso encontral-o.

Os meus respeitos a sua esposa e envie-me o original o mais cedo que possa.

Creia-me um

Seu m.<sup>to</sup> am.<sup>o</sup> e m.<sup>to</sup> ob.<sup>do</sup>,

Joaquim d'Araujo.

Tenho comigo uma porção de prospectos, a que é necessario dar curso. Indique-me a quem os devo enviar.

Se o meu am.<sup>o</sup> me poder fazer uma apreciação da *Historia de Portugal* do Oliveira Martins, muito e muito me obsequieia.

Na carta que segue, immediatamente, pede a Teófilo Braga que lhe envie o poema *A Vinha do Senhor*, no que foi atendido. Vejamos a carta:

Meu querido amigo.

Depois de ter estado comsigo pela ultima vez, nesse mesmo dia, soube pelo telegrapho da morte de minha boa irmã. Imagine como eu estou.

Escrevo-lhe a pedir-lhe como uma fineza especial que me envie o artigo acerca do livro do Vieira e a *Vinha do Senhor*. Creia que me faz um grande favor na remessa d'esses originaes. Peço-lhe que lembre ao Ramalho a remessa do livro que elle disse mandar-me.

Tenho m.<sup>to</sup> que lhe dizer e breve lhe escrevo. A Revista entrou em composição. Não posso mais. Mande-me o original para a Rua do Bom-jardim, Padaria Sampaio. Seu

Joaquim d'Araujo.

A esta, outra sobrevem, onde Araújo agradece, já, a remessa da *Vinha do Senhor*, escrevendo, cheio de enthusiasmo: «Recebi a *Vinha do Senhor* — que é esplendida. Pondo de parte o lado philosophico, mesmo a parte artistica é esplendida».

Efectivamente, *A Vinha do Senhor* que appareceu na *Renascença*, de pp. 151 e 152, é um poema admirável. É-nos impossível sintetizá-lo, e criminoso seria trancar êsse poema para aqui reproduzir uma ou outra estrofe. Por isso, remetemos o leitor para as citadas páginas da Revista a fim de que êle o leia, na íntegra.

Mas Joaquim de Araújo nunca está satisfeito. Na mesma carta em que agradece e elogia *A Vinha do Senhor*, pede com urgência um artigo de crítica.

Teófilo, como de costume, acede, benemèritamente, e a pp. 130 e 131 da Revista lêmos o artigo amável, animador, incitante, acêrca de um

livro de novelas *Phototypias do Minho* — de um autor desconhecido — José Augusto Vieira: «...um rapaz que ainda não provou a celebridade; — diz Teófilo — passa despercebido no seu curso da escola medica do Porto...».

Mas, ouçamos Joaquim de Araújo:

Meu bom e querido amigo.

Recebi a *Vinha do Senhor* — que é esplendida. Pondo de parte o lado philosophico mesmo, a parte artistica é esplendida <sup>1</sup>. Peço-lhe que me envie o mais cêdo que possa a critica ás *Phototypias*, porque a quero incluir no numero. Eu não tenho sahido: a triste morte de m.<sup>a</sup> irman poz todos os meus numa grande consternação. Morreu aos quinze annos, no dia immediato áquele em que eu estive comsigo, despedindo-me, na Academia.

A nossa *Revista* vae definitivamente por diante. Eu logo que tenha cabeça p.<sup>a</sup> escrever, solicito o artigo do Coelho.

Se vir o Ramalho lembre-lhe o volume, que elle prometeu enviar-me p.<sup>a</sup> aqui. Não se esqueça das *Phototypias*: eu preciso muitissimo do artigo. Seu

J.<sup>m</sup> d'Araújo.

Porto, 2.

O carimbo do bilhete postal é de 7 de Dezembro de 1879.

#### 4.º — A BIOGRAFIA DE TEÓFILO DEVIDA A RAMALHO ORTIGÃO

Entre as biografias que foram publicadas, com os retratos dos biographados, em *A Renascença*, figura a de Teófilo Braga. Trata-se de um estudo magnífico, impressivo, colorido, cheio de verdade e de espirito de justiça.

Essa admirável bio-bibliografia é devida à pena de Ramalho Ortigão. A carta que se vai ler encerra a revelação de uma incógnita até agora por desvendar.

A biografia escrita por Ortigão é demasiadamente conhecida. Foi ella inserta — como dissemos — no n.º 5 de *A Renascença*, depois reproduzida

<sup>1</sup> Joaquim de Araújo era nesta época, exclusivamente, um poeta, e mais ou menos o ficou sendo sempre pela vida fora. Elle é o autor dos versos a *João de Deus*; de *A estatua do Poeta*; do *Estoicismo Divino*, que appareceu em Augsburgo, em 1912; das românticas *Flores da noite*, publicadas em 1894; da ainda mais romântica *Lyra intima*, de 1881; das *Occidentais*, de 1888; do poemeto *Luiç de Camões*, apparecido em 1894; e dos versos *Na morte de Anthero*. Dêsse pendor, dêsse temperamento e dêsse gôsto de poeta é que provém a sua grande admiração pela obra poética de Teófilo Braga, como já se viu pelo que Joaquim de Araújo escreveu sôbre a *Parabola da Semente*, e pelo que aqui diz acêrca da *Vinha do Senhor*.

no n.º ix da *Biblioteca republicana democratica*, 1879; nos n.ºs 932 e 933, dêsse mesmo ano, da *Persuasão*, e, em 1882 no n.º 10 da *Folha de Hoje*; e, também, ela appareceu no primeiro número dos *Homens de Hoje*, em 1880.

Mas, o que a carta de Joaquim de Araújo revela é que essa biografia foi escrita por Ortigão a pedido de Joaquim de Araújo, que confessa a Teófilo, cheio de sincera amizade, que se combinara que fôsse êle, Araújo, quem fizesse o artigo, mas, escreve êle: «Entendo, porem, que nesta occasião e *atendendo principalmente* o fim a que todos nós miramos, essa biografia deve ser feita pelo nosso illustre Ramalho e distribuida tres ou quatro dias antes aos eleitores». E, apesar de ficar muito contrariado por não escrever o artigo com a biografia do seu grande amigo Teófilo Braga, foi efectivamente Ramalho quem o fez. Essa biografia que, em 1878, foi distribuida com o manifesto eleitoral, a propósito da candidatura do círculo 94, é a que por êsse tempo foi publicada em *A Renascença*.

A carta de Araújo sôbre êste assunto é tocante pelo tom de sincera dedicação e amizade por Teófilo. Ela reflecte a alma de um grande homem de bem. Ei-la:

Meu querido amigo.

Ha-de ter decerto reparado no meu silencio: não o tome á conta de menos consideração, nem como falta de amisade. Tenho andado de tal sorte absorvido numas dadas coisas, que nem tempo tenho tido para coisa alguma.

Hoje escrevo-lhe porque é forçoso que o faça: tracta-se da sua biographia que deve apparecer no fim d'este mez a fim de ser distribuida aos seus eleitores conjunctamente com o retracto, em folha volante.

Tinhamos combinado que a biographia do eminente poeta da *Visão dos Tempos* fosse feita pelo mais obscuro dos seus amigos — o signatario d'esta carta. Intendo, porem, que nesta occasião e *atendendo principalmente* o fim a que todos nós miramos, essa biographia deve ser feita pelo nosso illustre Ramalho e distribuida tres ou quatro dias antes aos eleitores.

Neste sentido escrevo hoje ao Ramalho, porque o retracto deve estar prompto e urge não perder tempo. Fico com ferro de não fazer o artigo, mas o que é certo é que devo pôr de parte rhetoricas estereis e fazer com que cheguemos ao nosso alvo: o Ramalho tem na opinião, e na opinião burgueza uma reputação que eu estou longe de ter; e, repito, o nosso primeiro fim é conseguir dominar o mais possivel essa opinião. Peço-lhe o obsequio de ter uma conferencia a este respeito com o Ramalho. Como lhe disse, nesta data escrevo-lhe directamente.

Espero carta sua e mais lhe quero dever o favôr de me enviar um artiguinho seu que dê para tres columnas. Se poder ser sobre algum assumpto de actualidade é duplicado favôr.

Felicito-o pelo que me diz da sua candidatura—mãos á obra e não descansar. Diga se precisa de mim em Lisboa: os amigos conhecem-se nas occasiões. Mande-me com a maior franqueza.

Os meus respeitosos cumprimentos a S. Ex.<sup>ma</sup> espoza e V. E. creia na subida consideração com que me assigno

De V. E.

Am.<sup>o</sup> ob.<sup>mo</sup> adm.<sup>or</sup>,

*Joaquim d'Araújo.*

Queira fazer o favôr de me escrever para a Rua do Bomjardim n.<sup>o</sup> 410.

Finalmente, a biografia da autoria de Ramalho chega às mãos de Araújo. Êste, que se encontrava então em Lisboa, fica desolado. Ramalho fôra omisso, e a biografia do seu grande amigo estava incompleta. Faltavam-lhe factos muito importantes, como o do «capêlo, concurso, etc., etc....». Por isso, vá de mandar com toda a urgência o artigo a casa de Teófilo para êste lhe adicionar tais dados.

Como essa carta é tocante! Admiremo-la:

Meu caro amigo.

Envio-lhe a biographia escripta pelo Ramalho. Visto que elle a não assigna, entendo que se pode e deve ampliar, mencionando factos, taes como o do capêlo, concurso, etc., etc. Peço-lhe que m'os escreva e envie já tudo porque não temos a perder um instante. O portador pode esperar ou então envie-m'os logo. Deve ser em livro ou folha? Entendo melhor em pagina. Não demore e mande o seu

Amigo ob.<sup>o</sup>,

*Joaquim d'Araújo.*

Lisboa, 9-10-78.

5.<sup>o</sup>—MAIS QUATRO CARTAS COM DADOS AUTO-BIOGRÁFICOS,  
SENDO TRÊS INDATADAS

As duas cartas que seguem têm basto interêsse literário e moral.

Na primeira, Joaquim de Araújo pede a Teófilo Braga que lhe consiga maneira de ganhar alguma cousa com os trabalhos do *Diccionario da Academia* e que ponha a sua influência em favor dêle a fim de ser subsidiado para escrever um trabalho acêrca do Cavaleiro de Oliveira, invocando o precedente de D. Maria Amália Vaz de Carvalho haver recebido uma subvenção para escrever o seu trabalho acêrca da Marquesa de Alorna. Ora, como foi em Fevereiro ou Março de 1890 que D. Maria Amália submeteu à Academia o caso da obra sôbre a Marquesa de Alorna, é de concluir que a carta é dessa época, e posterior a êsses meses.



A outra carta trata de um caso íntimo, mas ela, longe de ser comprometedora para Araújo, é sumamente honrosa para a sua memória. Vejamos as duas:

Meu querido am.º

Leio num jornal de hoje que sòb proposta do Chagas o meu am.º foi incumbido de continuar o *Dicc.* na parte dirigida pelo Benalcanfor. Eu tenho talvez que ir para Lisboa e neste caso preciso de todos os auxílios. Poderia contar com que o meu am.º me desse trabalho no *Dicc.*, sob as condições em que o der a outros? É possível isso?

Li também hoje que o meu amigo fora incumbido de dar parecer sobre o plano da Maria Amalia, relativo a uma memoria da Marquessa de Alorna. Eu tenho architectado todo o arcaboço do Cav. d'Oliveira — e vou pôr o plano em um officio, que vou dirigir ao Ministerio do Reino, a fim d'este consultar a Academia e eu ser subsidiado, se esta corporação o approvar. Poderia o meu bom am.º *influir* na brevidade do parecer. Nunca a pediria: sou tão fanatico nestes trabalhos que não peço indulgencia assim como a não concedo. Fica no Theophilo Braga esta declaração; se algum outro a lesse eu seria votado às feras. Comsigo não é mau ter umas abertas de orgulho, porque o meu am.º é homem para as compreender.

Eu desejava *sahir d'aqui*. Sinto-me tão doente, tão abatido que o meu am.º nem calcula.

Rogo-lhe a fineza de reler a m.ª carta de hontem.

Seu m.º ded.º e obrg.º am.º,

Joaquim de Araújo.

Vejamos esta outra carta cheia de sinceridade e nobreza:

Meu querido Theophilo.

Agradeço-lhe de todo o coração, assim como a sua Esposa, as boas horas que me deram na sua companhia.

Meu amigo, eu tenho sido sempre um seu leal e dedicado amigo: vou-lhe pois pedir um favor em nome da lealdade com que desde muito estou a seu lado.

Hontem voltou o Sr. Armando da Silva com nova carga contra mim. Peço-lhe que por minha causa perca um dia, ou antes umas horas e evite-me que na *Batalha* isso «échoe». Tem força para isso. Faça-m'ó.

Não revele, querido Theophilo, uma palavra *única* da questão íntima que determina aquellas aggressões; nem tão pouco revele ao S. P. o nome do individuo que se vinha valer das minhas inimidades para eu o prejudicar na posse de um emprego. Servirá para depois. Diga-lhe só que não é digno que elle entre nessa *questão* — que a abandone.

A minha vida tem sido uma vida de honra e de lucta. Salvo no campo politico — porque eu não creio em politica alguma — tenho estado sempre,

sempre ao lado do meu amigo. Pois bem: peço-lhe *uma vez* que esteja a meu lado!

Escrevo-lhe num estado de espirito extraordinario de excitação.

Faça-me isto que lhe peço.

Sempre seu,

J.<sup>m</sup> de Araujo.

Um aperto de mão bem sincero, e mil homenagens a sua Esposa.

Emfim, com o carimbo do correio, do Pôrto, de 14 de Fevereiro de 1890, Araújo dirige a Teófilo o seguinte bilhete postal, onde mais uma vez se manifesta a admiração daquelle por êste:

Meu am.º

Tenho estado de cama, muitissimo doente e é por isso que só hoje — primeiro dia em que me levanto — lhe posso fazer um pedido. É o de agradecer num cartão de visita um livro que lhe mandei *Les Impératrices*. O *adresse* do auctor é, alem do nome d'elle, Bas-sur-Aube (Aube), France. Mr. Formont vae fazer um estudo sobre poetas portuguezes. Já lhe mandei a *Visão*, a *Ondina* e as *Tempestades*, e bem assim a sua biographia pelo Ramalho.

Não se esquece de mandar um cartão, não?

Peço o obsequio de me recommendar á sua nobilissima Esposa.

Velho e sev.º am.º,

J.<sup>m</sup> de Araujo.

14 fev.

A carta, indatada, que segue, deve ter sido escrita em 1893. Nela fazem-se alusões às *Modernas Ideias na Litteratura portugueza* — famosa obra de Teófilo, publicada no Pôrto em 1892, e a *Alma Portuguesa*, também ali apparecida em 1893. Por outro lado, faz-se ali uma referência ao Relatório e contas sôbre a medalha a João de Deus. E tal Relatório, que Joaquim de Araújo data de Lisboa, a 20 de Maio de 1893, foi publicado nesse mesmo ano, no Pôrto, na Imprensa Portuguesa, Bomjardim, 181.

Êsse opúsculo sôbre *A Medalha a João de Deus* é mais um belo documento da nobreza de carácter e da grandeza de alma de Joaquim de Araújo. Êste caso da medalha a João de Deus trouxe a Araújo bastos dissabores. Logo a abrir o Relatório escreve, ainda com acrimónia: «O *Diario Nacional* de 13 de outubro de 1883 publicava um ingenuo e entusiastico artigo, tracejado por quem estas linhas firma, a um tempo em que a nossa candura não dera de rosto ainda com nenhuma das desilusões, que chovem pelo tremedal da vida. E como quer que preconisas-

semos a consagração de um dos homens mais notáveis que Portugal offerece, na rota d'este seculo, á consagração da humanidade, o artigo alludido dava rebate e lançava pregão de uma grande homenagem nacional a esse grande vulto». A seguir conta a marcha da subscrição, transcreve documentos, etc., terminando por entoar um hino a João de Deus: «o grande Mestre das gerações que depois d'elle appareceram».

Olhemos a carta:

Porto, domingo.

Rua de S.<sup>ta</sup> Catharina, 656.

Meu caro Theophilo.

Cheguei, vi e adoeci. Aqui tem a razão por que lhe não communiquei immediatamente a m.<sup>a</sup> chegada, nem lhe enviei os protestos do meu agradecimento aos seus favores. Estou com o relatorio que não é tão facil de fazer como parece. O resto tudo corre bem, mas ainda não pude tratar das coisas que me são pessoaes para tratar unicamente da medalha e dos *accessorios*. Em oito ou dez dias ver-me-hei livre de tudo, e estarei ahi a abraçal-o. Outro assumpto:

Tem ahi uma poesia de João de Deus, de 1859, que começa

Num valle assim flor mimosa  
Quem jamais no mundo viu?

É a narração de um sonho. É bonito.  
Está ahi um enigma á palavra *Serra*, que começa:

Sou serra de cinco dentes  
Dois iguaes;  
Depende a minha existencia  
De ter juntos esses taes, etc.

Colligi uma poesia de 1859, que começa:

Ai! se eu fora borboleta,  
Violeta  
Por quem ao sol derretera  
As minhas azas de cera  
As azas de borboleta  
D'oiro em pó?

Um epigramma ás ladroeiras das obras da Penitenciaria, simbolisadas nos *ladrilhos* (pedaços de tijolo) tambem se acha reunido? Dois versos d'elle:

Assim o determinou  
O Gran Corso de quem sou  
O ministro e o chancellor.

Diga-me num postal o que precisa d'isto para eu lhe mandar de prompto; e de caminho informe-me tambem da saude de sua Esposa, que oxalá se tenha accentuado nas melhoras.

Rogo-lhe a fineza de dizer ao João que só em Lisboa posso responder ao bilhete d'elle que hoje aqui recebi de torna viagem, conjunctamente com um outro bilhete do Joãozinho, filho do nosso grande poeta.

Jantei hontem em casa do nosso amigo Luzan (?), onde largamente fallamos de si; *As Ideias modernas* teem-se vendido muito — teem sido pedidas do estrangeiro. Vi tambem no Anselmo o volume da *Alma Portuguesa*. M.<sup>o</sup> bonito. Achei feliz a traducção do *Cantico dos Canticos*. Como o livro do João de Deus traz notas, uma das quaes me é indispensavel, como consignaçoão de um facto intimo, de um dos melhores dias da m.<sup>a</sup> vida, entendo que a sua traducção deve ficar numa d'essas notas do João.

Responda-me o mais breve que possa para eu mandar a copia dos versos se forem necessarios.

E que sou *seu amigo* na mais ampla acepção da palavra e que tenho por si a maior consideração — são verdades velhas e apuradas.

Joaquim de Araújo.

#### 6.º — AS CARTAS DE ITÁLIA

As cartas que vão ler-se, e que nós classificamos, globalmente, de cartas de Itália, por haverem sido escritas — ao que nos parece — no período durante o qual Joaquim de Araújo residiu naquele país, na qualidade de cônsul de Portugal, occupam-se de vários assuntos, e muitas delas não têm data nem lugar de origem. Porém, todas elas apresentam uma importância extraordinária não só para a biografia, tanto espiritual como exterior, de Araújo, mas, ainda, porque são cheias de informações bibliográficas e literárias, algumas das quais de tal interêsse que a sua revelação aqui — cremos bem — representa a solução de vários problemas de detalhe em bibliografia — grupo êste de conhecimentos que, exactamente, vive da minúcia e do detalhe.

Porém, é chegado o momento — je êste bem triste para nós! — de dirigirmos ao leitor uma prevenção: como êste trabalhos vai já demasiadamente extenso, abusivamente longo, vêmo-nos forçado a reduzir ao mínimo os comentários e as notas que muito desejávamos escrever a propósito de cada uma das cartas que seguem. Foi também com o mesmo intuito de abreviar, de encolher êste trabalho, que dêmos a êste sub-capítulo o título genérico de *Cartas de Itália*, em vez de multiplicarmos os parágrafos — como fizemos até aqui — segundo os assuntos tratados nas cartas e bilhetes de Araújo.

Assim, nesta ordem de ideas, seguem-se já as primeiras cartas desta série.



Meu caro Theophilo.

Acabo de receber a sua carta que muito lhe agradeço, e como para ahí parte o nosso respeitavel amigo Peragallo por elle lhe mando os meus agradecimentos a todos os seus obsequios. O *fac-simile* de Fr. Bartholomeu chegou na occasião precisa em que vae ser aproveitado.

Lerei com prazer o seu artigo annuncio das cartas do Anthero; eu tenho estado a dispor e codificar o todo que me parece sahirá muito bello. Veremos o que se faz. *Aqui trabalha-se.*

Junto encontrará o pequeno *Parnaso portuguez* impresso em Padua por occasião das festas do Santo; como vê, não foi esquecida a memoria dos seus filhos. As minhas Cartas ao *Primeiro de Janeiro* vão sahir em livro. O dr. verá; em algumas d'ellas ha curiosidades pela primeira vez postas em relevo, e os informes bibliographicos parecem-me de alguma valia. Envio tambem a traducção da *Canção do berço*, visto o meu amigo ligar alguma importancia a essa poesia. Vae tambem um opusculo de *Lendas de Veneza*, que lhe offereço, e outro opusculo sobre um *Romance portuguez* que me devolverá, porque não vejo meio de achar outro e preciso d'elle para a minha collecção Garrett. As *Lendas de Veneza* são para si. Verá que é folheto interessante. Pelo que diz respeito a *Dom Beltrão*, não me parece romance absolutamente popular, nem no *fundo*, nem ainda menos na factura, onde ha versos de relevo absolutamente litterario.

Tambem no *Intermezzo* caracteriza a sua amada «sem odio e sem amor» e Ugo Foscolo tem, ao que me lembro, uma palavra semelhante. O folheto vae em consulta ao dr. para resolver, em definitivo, se ha um aproveitamento de lenda popular ou se o romance representa uma falsificação á Pizarro de Moraes Sarmento, embora com outra elevação. A haver falsificação, essa não é senão de portuguez, e nada tem com quem publicou o romance. Não lhe parece?

Envio-lhe *em reserva* as provas da minha *Bibliographia Antheriana* para que me dê a sua valiosa opinião acerca do meu trabalho. O Th. é citadissimo por todo elle, e combatido ás vezes em algumas asserções com que não concordo. Cuido que o meu amigo é o primeiro a ter orgulho e que a um homem do seu valor ha o direito da gente dizer o que pensa. A transcripção da sua carta a pag. vi parece-me um correctivo aos trastes que invencionaram os intuitos da publicação dos *Raios de extincta luz*. É um caso em que eu defendo energicamente o Theophilo: as poesias estão datadas, e dada a data ninguem poeticamente se expressava mais alto do que o Anthero em 58 a 60. Não é verdade? Onde a má fé? Não gosto do prologo, em parte, mas os intuitos da publicação, esses são para mim indiscutíveis. Estou com curiosidade em ver o que pensa da *Bibliographia*. Não me devolva as provas, porque não preciso d'ellas — essa folha já mesmo está impressa. A *Bibl.* leva as armas dos Quentaes, a marca de encadernador do pae do Anthero, os autographos de André da Ponte e de Bartholomeu do Quental — emfim uma serie de coisas de interesse e a que ahí se não está affeito em trabalhos d'esta natureza. Na *Bibl.* a que eu conservo a forma dos trabalhos d'esta natureza ha, de quando em quando, relances criticos de algum valor. Veja o que eu marquei a lapis vermelho

chamando assim a sua atenção para alguns numeros. Tambem me parece haver revelações um tanto curiosas, como as que se referem á influencia de João de Deus no apparecimento da *Dignidade das lettras e as litteraturas officiais*.

Estou ancioso pela *Visão dos Tempos*. Quando m'a enviar, m'ande outro volume da *Maior dor humana*, de que careço.

Envio junto uma caixa de phosphoros de Veneza, em lembrança da Exposição. Foi comprada, andando eu a passear, na praça de San Marcos, com o Platon de Waxel, conversando muito a seu respeito. Verá tudo isso na ultima das minhas *Cartas ao Primeiro de Janeiro*.

Não me mandou os versos do G.<sup>mo</sup> Braga, mas como eu os sei de cór, é o mesmo. Esta já vae muito longa e é mister cerra-la. Para fecho, um abraço de amigo velho e mil homenagens á sua digna Esposa.

Velho am.º obrig.<sup>mo</sup>,

Joaquim de Araújo.

Genova, 24 de Setembro.

P. S.—Em tempo, tinha-me o dr. promettido um exemplar do seu trabalho sobre lit. port. publicado em collaboração com D. Carolina Michaëlis. É a separata do Gröber. Succede que preciso immenso d'ella, agora, para citações da *Bibl. Anth.* e recorro a si para que m'a envie.

Chamo tambem a sua atenção para o fasciculo da *Revista Critica hespanhola*, que, por carta do meu particular amigo Altamira, sei que já sahiu a lume. Veja se ha modo de ahi fazer uma referencia na imprensa ao Altamira, que nos está ajudando. O meu am.º possui — e manda-me tendo-a — a proclamação do Anthero aos eleitores de Lisboa?

Comentando duas das primeiras cartas de Araújo, onde êste se refere desagradavelmente a Pinheiro Chagas, nós fizemos referência à carta que segue, na qual Joaquim de Araújo pede, com urgência, a Teófilo, lá dos confins da Itália, que escrevesse para a sua Revista um artigo acêrca de Pinheiro Chagas, recomendando: «É facil fazer-lhe um sympathico artigo, sem remordimentos de consciencia». E, já antes, havia escrito a propósito do illustre comediógrafo da *Morgadinha*: «Era bom homem». E, acrescentava: «Seu amigo, era elle, — e ha-de fazer-lhe falta na Academia e no Curso».

Efectivamente, quem percorrer a série de cartas que Pinheiro Chagas dirigiu a Teófilo, e que êste fez inserir nos *Quarenta annos de vida litteraria*, encontra sempre muita admiração, muito respeito e amisade daquele por êste. Numa carta de 25 de Novembro de 1892, diz Chagas, a fechar: «Encontrei em Hespanha o seu nome conhecido e justamente apreciado, e com isto muito folguei, porque sabe os sentimentos de verdadeira estima que lhe consagra o seu Am.º, collega ob.<sup>mo</sup>». Também nos papéis da

Academia são numerosas as referências amáveis de Chagas a Teófilo. Por isso, Araújo tinha razão. Vejamos a carta:

Meu caro Theophilo.

Sinto não ter tido ainda carta sua! Eu não me esqueço em nada de si, e para prova ahi receberá um d'estes dias no correio umas noticias no sentido que me encommendou, dada a morte do pobre Chagas.

É por este motivo que lhe escrevo, e que lhe escrevo com a maxima urgencia. Preciso de um artigo para a *Revista* acerca do Pinheiro Chagas. É preciso que este artigo esteja no Porto em poder do Manoel de Moura até ao dia 18 do corrente ou 19 o mais tardar. O menos de referencias politicas que possa ser — sim? Nós tratamos apenas do Chagas litterario. Alem d'isso, á parte pequenos defeitos — quem os não tem ou quem é responsavel de coisas que lhe são transmittidas no sangue? — era bom homem. Seu amigo, era elle, — e ha-de fazer-lhe falta na Academia e no Curso.

É facil fazer-lhe um sympathico artigo, sem remordimentos de consciencia. Eu mesmo o faria, se não estivesse na cama, doente de rheumatismo e do peito, coberto com um vesicatorio <sup>1</sup>. Mas hei-de escrevel-o em sahindo: o que não pode é o n.º da *Revista* esperar por mim, pois que ha-de fatalmente sahir, a 25 do corrente. Nesta data, num cartão postal, escrevo ao Moura participando-lhe que o seu artigo acerca do Chagas deve ser o fecho do numero.

Gostava de ter noticias suas e de que m'as desse ao menos uma vez por semana com uma nota do que por ahi vae. Eu não me esqueço de si, e ainda num artigo que escrevi (e que ahi lerá) falei da sua *Vida de Boccage*, que trouxe para me auxiliar na *Biographia do André da Ponte*, que acabei e que publico agora na *Revista*.

---

<sup>1</sup> Tais palavras são ditadas por um nobre sentimento de gratidão. Quando Joaquim de Araújo foi eleito sócio correspondente da 2.ª classe da Academia das Sciências, em 1 de Junho de 1886, foi Pinheiro Chagas quem relatou o parecer da secção de literatura, favorável à admissão de Araújo, emparceirando-o, muito elogiosamente, com dois outros poetas ilustres: Cristóvão Aires e o Visconde de Monsaraz. Êsse parecer foi lido pelo próprio relator, como secretário da 2.ª classe, na sessão de 8 de Abril dêsse ano.

A 28 de Agosto seguinte, Araújo officiava a Latino Coelho, agradecendo a sua eleição. Escrevia êle: «Por insuficiencia de direcção só ha dias me chegou ás mãos o officio em que me é participada a eleição de Socio correspondente da Academia Real das Sciencias, com que me distinguui a 2.ª classe d'esta douta aggremação, e para em tudo me ser altamente honrosa, a communicação da Academia traz até a assignatura de V. Ex.ª, que o mesmo é dizer que vem rubricada com o nome de um dos mais illustres escriptores do nosso tempo...».

Votaram a candidatura de Araújo: Vilhena de Barbosa, que presidia à sessão, Silvestre Ribeiro, Visconde de Benalcanfor, Jaime Moniz e Pinheiro Chagas <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Ver *Livro das Actas*, na Secretaria da Academia.

Meu caro Th., tenha muita saude mais sua digna e boa Esposa, de quem eu sou muito amigo e mande o

Seu am.º certo,

Joaquim de Araujo.

12 de Abril.  
Via Roma, 5.

O artigo deve dar 3 a 4 pag.

Mas, Joaquim de Araújo não ficou sossegado, e pouco tempo depois escrevia um postal a Teófilo insistindo pelo artigo acerca de Pinheiro Chagas, como se vai ver:

Meu caro amigo.

Sem notícias suas ainda — ignoro a razão — vou-lhe pedir o obsequio de enviar o *mais cedo possivel* ao Manoel de Moura o terceiro artigo sobre o Camillo <sup>1</sup>. É precisissimo para se adiantar o 6.º n.º que ha-de sahir por motivos de administração a 10 do proximo mez.

O 5.º deve ter ficado hoje prompto. Oxalá o meu am.º tenha mandado o artigo acerca do Chagas! Oxalá! Rogo-lhe o obsequio de perguntar ao Moreira se elle recebeu umas cartas minhas, a nenhuma das quaes recebi resposta! Esquecem-me depressa!

Meu am.º mil homenagens a sua digna Esposa.

Am.º certo,

J.<sup>m</sup> de Araujo <sup>2</sup>.

Vejamos mais uma nova carta, que é mais uma prova de amizade:

Meu caro Theophilo.

Por comunicação do Peragallo soube hoje que foi entregue da minha carta o que muito estimei. Agradeço penhoradissimo a offerta da *Visão dos Tempos*: é uma obra *que se conta*. Li d'um folego todos os elenchos philosophicos, *concatenando-os*, e, agora vou ler, para Veneza, a luminosa serie dos poemas, a que os indicados elenchos se referem. Esta leitura, assim, é mais *systematica* e mais bem conduzida. Estou muito contente de ver convenientemente disposta a sua epopeia poetica, e tenho certo gosto de ter aberto campo á publicação da obra. Aquella entrevista que eu dei na Academia — lembra-se? — ao meu queridissimo amigo Lugan e onde eu lhe fiz a apresentação do meu amigo, combinando-se *logo* a im-

---

<sup>1</sup> O primeiro artigo da *Revista Portuguesa* é de Teófilo Braga acêrca de Camilo Castelo Branco. Nesse estudo de Teófilo figuram transcritas diversas passagens de uma enorme correspondência, de 500 cartas, para o Visconde de Ouguela.

<sup>2</sup> Tem êste bilhete postal a data, no carimbo, de Génova, de 20-4-95.



pressão de dois volumes deu os mais optimos resultados. Nunca o meu amigo se deve esquecer d'aquelle verdadeiro homem de bem, embora elle já não seja livreiro. Eu sei o que elle é, e o que elle vale como character. Voltando ao seu livro, á sua obra, ella é das que ficam, e não vale a pena insistir na sua alta importancia: deixe as mesquinhasarias que o apoquentam e console-se contemplando o que tem feito. Para descansar, tem o coração de sua Esposa, como um abrigo ás dôres. Mande-me *com urgencia* o Gröber que lhe pedi e dois exemplares — dois — da *Maior dor humana*.

Abraço-o seu do C.

Joaquim de Araujo.

25 Outubro.

A carta que segue é um documento de grande valor literário e moral. Araújo diz a Teófilo que num seu artigo para a *Revista de Critica*, de Madrid, se ocupa do grande Mestre da literatura portugueza «como o meu amigo merece», a propósito da obra sobre Bocage.

Tambem nessa carta trata Araújo da candidatura do lusófilo sueco Dr. Goran Björkman a sócio correspondente estrangeiro da Academia, onde efectivamente entrou<sup>1</sup>.

Mas, percorramos a carta:

Meu caro Theophilo.

Recebi o seu postal a que respondo, sentindo muito o seu estado de saude; oxalá que melhore, para bem de nós todos os portuguezes a quem o seu trabalho honra tanto como o de uma academia inteira! Não me diz nada de sua espoza, por onde julgo que S. Ex.<sup>cia</sup> vae regularmente. Queira dar-lhe mil lembranças minhas, com a mais affectuosa admiração pela sua virtude e pelo seu character.

Revi hoje as provas d'um pequeno artigo que mandei para a *Revista critica*, de Madrid; alli me occupo do Theophilo, como o meu amigo merece, alludindo a um trabalho seu — *A vida de Bocage* — bem interessante que elle é. Leia o artigo, e leia outras noticias que lá veem a seu respeito, e que, embora minhas, serão da redacção, diante do publico, o que lhes dá mais valor. Tive uma conversa muito interessante com o Menendez Pelayo, acerca das nossas coisas, e vi que *d'ahi lhe teem incutido juizos extravagantes sobre alguns homens portuguezes*. Eu puz tudo *no são*; e as minhas conversas deliberaram o Ateneo a pedir-me para ir lá fazer duas conferencias sobre litteratura portugueza contemporanea. Tenciono fazer uma conferencia de tres ou quatro horas, que será lida; alli desfiarei muitos pontos de vista do Anthero e seus com relação ao Castilho, que estou vendo com outros olhos e que foi um grande artista. Como litterato aparte a *Harpa do crente*, que é um livro excepcional, o Castilho vale mais que

<sup>1</sup> Ver o 1.º volume do *Boletim da 2.ª classe da Academia*, p. 124, e outras passagens da colecção do *Boletim*.

o Herculano; o seu lado inferior é o philosophico, mas o christianismo do Herculano não vale muito mais.

Na *Revue Finlandaise*, Décembre 1894, pag. 414 e seguintes vem uma larga apreciação acerca do Anthero de Quental: leem-se alli estes periodos: «...l'œuvre poétique de celui-ci d'après trois diverses époques d'inspiration: l'époque religieusement romantique (*Raios de extincta luz*) dont l'étoffe étaient les sentiments essentiellement généraux que les hommes éprouvent devant l'époque, etc.»; o resto não tem que ver comsigo e vel-o-há ahi reproduzido. Folguei de ver que um homem da Finlândia, que não sei quem é (o artigo é anonymo) está d'accordo comigo no valor que eu dei aos *Raios*. Tudo isto ahi será transcripto. O Theophilo sabe como eu julgo crear coisas: não devo a cabeça a ninguem, e digo o que penso em toda a parte. Talvez que isso me tenha custado alguma coisa, embora! hei-de ter o meu dia.

Desejava saber se leu um pequeno esboço que eu redigi para a *Arte Portugueza*, acerca do Francisco da Hollanda: tem algumas novidades em relação á parte que a Academia tem tomado na publicação do trabalho do illustre artista do seculo xvi. Se achar que vale a pena, redigirei mais notas; trouxe para aqui os esboços.

Como já deve saber o Göran traduziu para sueco o soneto do Camillo á morte dos filhinhos do meu amigo; alem d'essa traducção tenho promettidas mais quatro.

Bom seria que eu aqui tivesse cinco ou seis exemplares da *Maior dor humana*; no interesse do livro, e no interesse de se fazer uma anthologia do soneto do Camillo o que é uma coisa bella, escripta com grande elevação de sentimento.

Na Bibliotheca da Academia existe, entregue por mim (está na sala em que reuniamos na Comissão Colombina, ultima estante do lado das janellas), um volume encadernado em azul e branco, contendo a primeira parte do *Parnaso*, do Dr. Göran<sup>1</sup>; é um exemplar especial que o auctor offereceu, a meu pedido.

Hoje envio outros livros d'elle, encadernados em um volume; vão dirigidos ao Moreira, a quem o Theophilo os pedirá, juntando-os áquelle e apresentando tudo em sessão como titulo de candidatura. Depois que entraram o Itorek, Formont, Prestage e Reinhaiditoettues é um preito que se não deve regatear a quem nos está representando perante um paiz, divulgando o nosso movimento intellectual. Creio que é ao Theophilo a quem compete fazer a proposta—tenho quem m'a faça, mas dirijo-me a si como a pessoa a quem de direito competem estas iniciativas. O Th. junte, e apresente juntos os dois tomos, e diga em sessão alguma coisa a respeito do Göran. Depois, envie-me o n.º respectivo do *Seculo*, e da *Maior dor humana*. Eu quero fazer uma anthologia do soneto do Camillo.—Veja

---

<sup>1</sup> Como se vê, Joaquim de Araújo conhecia bem a topografia da sala onde se reunia a Comissão Colombina, o que não admira se recordarmos que êle foi o segundo secretario dessa comissão, nomeada em 1892, pela Academia das Sciências, escrevendo a tal respeito: *Commissão portugueza da Exposição Colombina*.

o meu amigo se pode mandar para o Porto o artigo acerca do Camillo para ir ainda neste numero, 6.º da *Revista*. Eu estimava; e deu-me pena de não ver trabalho algum seu em o numero anterior. Tenho aqui varios planos de trabalho e vou ver se meto mãos á obra. É verdade, deixe-me dizer-lhe que acabo de receber do Gaston Paris o seu ultimo livro recém-publicado, que é uma nova serie de estudos sobre a litteratura franceza medieval. Fiquei contente com este presente e com a dedicatória amavel do grande escriptor. Parece-me m.º bem feito. Só li um dos trabalhos que o compõem, mas esse é de mão de Mestre. Um abraço, — com m.ºs votos pelas suas melhoras.

Discipulo e am.º,

J.º de Ar.º

Pouco tempo depois — ao que parece — Joaquim de Araújo escrevia a Teófilo uma nova carta, falando do que já dissera em Madrid e do que ainda ali tencionava expor acerca da literatura portugueza, a partir de Garrett.

Essa carta que é, toda ela, cheia de enorme interêsse literário, bem merece ser lida com atenção. Vejamo-la:

Genova, 2.

Meu caro Theophilo.

Foi bom que a sua carta me chegasse hoje ás mãos, porque fiquei em casa a trabalhar, e não addio assim a resposta. Como hoje me chega tambem o n.º 3 da *Revista critica de hist. e lit. hespanhola*, chamo a sua attenção para p. 94, no lugar em que se diz que «T. Braga é seguramente el editor critico más esmerado que la obra de João de Deus podria encontrar». Como estas palavras teem a sancção da direcção da *Revista*, e, *officialmente*, são d'ella para todos os effeitos, cite-as o doutor em qualquer nota da nova ed., para mostrar a esses srs. como fora de Portugal se apreciam as coisas, no seu verdadeiro pé. A pag. 78, columna 2.ª, no meu artigo, vem tambem uma referencia á sua bella *Vida de Bocage*, livro que eu trouxe, e a que reuni um par de notas interessantes, que lhe communicarei quando o Th. voltar a pôr mão no assumpto. O seu trabalho é muito notavel; mas Bocage e o seu tempo dar-lhe-hão muito maior volume. Êste é luminoso, mas é esboço.

Eu já sabia da 2.ª edição do J. de Deus e tanto que dei a noticia ao Altamira. Em Hespanha consideravam o João de Deus como anti-hespanhol! Felizmente no Ateneo eu desfiz o equivoco — e lá ficaram tão curiosos, os que me ouviram sobre coisas portuguezas, que fui inesperadamente honrado ha 4 dias com um convite para ir fazer uma Conferencia ou uma serie de conferencias aquella Sociedade! Aceito esse encargo, tencionando *lêr*, como fez o Oliveira Martins, e publicar em livro o meu trabalho. Começo desde o Garrett, com os prolegomenos gerais. Um dos mais promettedores talentos de Hespanha — talvez o rapaz de mais futuro, Ramon Menendez Pidal, acaba de me escrever cheio de entusiasmo pelo Fr. Luiz

de Souza, dizendo-me que eu lhe fiz ler uma das mais bellas obras-primas. Talvez eu publique esta carta na *Revista*, por isso que é interessantissima.

Muito obrigado pela proposta do Björkman. Confio á sua solicitude o apparecimento do parecer. Senão fica na Secretaria<sup>1</sup>.

Voltando ao J. de D., a colleccionação de *todas* as prosas está feita nos meus papeis. Ligo muito valor a essas prosas, e sempre pensei em as fazer publicar, mas a revisão do auctor é um embaraço, e eu não sei adstringir-me a obras que ficam eternamente no prélo. Q.<sup>do</sup> eu ahi fôr, combinaremos isso, eu, o Th. e o Tito — o meu amigo fará umas *notas* e eu *outras*, e far-se-ha uma coisa boa. Mas é conveniente não se fallar nisto desde já, para não surgirem atravessadores e asnos a meterem o bedelho naquillo a que não são chamados. Gosto m.<sup>to</sup> do Tito porque é serio e é amigo sincero de João de Deus. É curioso o que me diz da Academia: no *Primeiro de Janeiro* sahio uma local propondo a candidatura do Ficalho. Viu? O argumento era que d'esta vez pertencia a escolha á primeira classe; e exemplificava com o que se tem passado, e com o *simile* da eleição vice-presidencial. Sahiu depois da morte do Chagas, e é facil ver na Bibliotheca Nacional: pertence á primeira pagina do jornal. Como o não guardo, não guardei a noticia. Se lhe interessar p.<sup>a</sup> citação aqui lhe fica o fio conductor.

Estimo que tenha enviado o 3.<sup>o</sup> art. Fez-me falta no 5.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> e faz-me falta neste 6.<sup>o</sup>, ao qual não chegou a tempo, certamente. Paciencia; irá no 7.<sup>o</sup>, e a composição será aproveitada em outra publicação que estou fazendo, e de que Th. ha-de gostar. Verá depois o que é.

Comprehendo a sua *saudade*, agora que vae lançar ao mundo a *Visão dos tempos* em ultima e definitiva edição! Muito me applaudo e glorio de ter contribuido a antecipar a publicação, que, sem mim, não existiria certamente ainda.

O meu caro dr. falla nos meus enthusiasmos litterarios, invejando-os! O que lhe digo é que tenho estado bem doente, e bem triste; tem-me feito bem o mar que é lindissimo, azul como o nosso céu peninsular, e a leitura d'alguns *companheiros* que d'ahi trouxe e que mal enchem uma estante. Tenho feito um commentario psychologico das *Folhas cahidas*, e escrevi já dois actos de um drama. Um d'esses actos, porem, tem que ser refundido quasi todo. O outro contenta-me e já lhe não bulo.

Não me falla de sua Esposa nesta carta. Oxalá que ella esteja bem. Mil homenagens a sua illustre Senhora. De quem me confesso muito amigo e muito obrigado.

Seu Am.<sup>o</sup> e m.<sup>to</sup> ob.<sup>do</sup>,

Joaquim de Araújo.

---

<sup>1</sup> Efectivamente, Teófilo Braga redigia, a 6 de Junho de 1895, o parecer favorável à candidatura de Goran Björkman a sócio correspondente da Academia, falando das traduções, para sueco, das poesias de Antero de Quental e de outras composições poéticas portuguezas, mostrando como Björkman merecia ser eleito sócio correspondente da Academia como já o haviam sido Storck, Ernesto Monaci e Edgar Prestage. O parecer, também, assinado por Teixeira de Aragão e António Cândido. In Arquivo da Secretaria da Academia das Ciências.



Contudo, Araújo não descansa, não sossega e, como sempre, como de costume, pede, insiste, conclama colaboração a Teófilo para a sua nova Revista e, chegando a perder o sangue-frio, quasi vocifera: «Não quer o meu amigo auxiliar-me?».

Mas percorramos a carta:

Meu am.º

Em data de 18 diz-me o Manoel de Moura que ainda nenhum dos seus artigos estava no Porto. Não quer o meu amigo auxiliar-me? Peço-lhe que m'o diga em duas palavras *ou com o seu silencio*.

A *Revista* poderia ser «alguma coisa—» mas precisava auxiliada ao menos pelos que trabalham. Ora a 18 ainda o meu am.º não havia mandado nem o art. sobre o Camillo, nem o artigo acerca do Chagas!

Que terá havido desde 18 até hoje 22?

Sempre seu am.º,

*Joaquim de Araújo.*

Breve ahí vou ver quem me esqueceu <sup>1</sup>.

Tempo depois nova carta é dirigida a Teófilo. Ali diz êle:

Meu amigo.

Ainda estou (*desde março*) á espera do artigo do Camillo, que me tem feito muita falta. Só espero por elle para abrir o 2.º vol. da *Revista*. Quem me diria, diante de tanta promessa, que as difficuld.ºs me haviam só de advir do Dr. Theophilo?! Também não recebi os ex.ºs da *Maior dor humana*. Não me demore mais o art. do Camillo: a *Revista* agora sae d'aqui, que é para eu saber com quem conto. Já tenho 16 p. impressas ha mez e meio! Mas não é por isto que lhe escrevo: Pode-me dizer que collecção é a das *Cartas*, de Bartholomeu do Quental doadas á Academia pelo Anthero? Pode-me dizer *quantas* são, e a que quali.º de personagens são dirigidas? Pode-me dizer em que epocha foram presentes á Academia, e se nessa sessão os dois academicos que fallaram acerca do valor d'ellas foram o Dr. e o Oliveira Martins ?? Tenho d'isso uma vaga ideia e não queria citar em falso.—Veja se me não demora mais o artigo sobre o Camillo. Ou

<sup>1</sup> Êste bilhete postal é datado de Itália e tem o carimbo do correio de Lisboa, de 27-4-1895.

<sup>2</sup> Efectivamente, entre os manuscritos da Biblioteca da Academia das Sciências, existem 14 maços com a indicação de conterem 334 cartas autógrafas do P.º Bartolomeu de Quental, instituidor e fundador da Congregação de S. Filipe de Néri. O 1.º maço consta de 9 cartas originaes, indo de 29 de Setembro a 29 de Dezembro do 1685, e o 14.º, e último, contém 20 cartas, de 1698. Ao que parece essas cartas foram compradas por Fernando de Quental, pai do grande poeta Antero de Quental, por «14\$400 fracos». Apesar do que se diz num apontamento moderno que está junto a essa collecção, esta

não o quer dar? Neste caso, seja franco e corte a questão com duas linhas, pois aqui pago empate de composição.

Mande-me a indicação do volume onde vem a tradução italiana do Anthero, que o meu am.<sup>o</sup> incluiu nos *Raios*?! — como se chama o livro, e como se chama o poeta?

Seu m.<sup>to</sup> dedicado,

Araujo.

17 de Julho 1.

Depois encontramos uma outra carta indatada! Toda ela é um hino encantador entoado à amizade de Teófilo.

Que belo talento e que lindo coração tinha êste homem! Vejamos essa carta e admiremos o signatário:

Meu querido amigo.

Acabo de receber o lindo e perfumado livro das suas poesias, em edição polyglota. Muito e muito obrigado pelo brinde gentilissimo, que forma na minha theophiliana. O meu amigo merece tudo, e tudo é pouco. A mim lembra-me que seria interessante reunir em opusculo a lista dos livros que se lhe referem e o discutem e que eu publiquei no *Conimbricense*. Terei ainda mais uns cem n.<sup>os</sup> Mas não possuo os *Conimbricenses*; seria preciso dar forma a isso tudo, completando um *todo*, sem duplicados. Se eu tivesse os n.<sup>os</sup> do jornal, todos, faria isso agora, e assim se completava as homenagens. Eu continuo doente. Muito agradecido por tudo. Estimei que se conservasse como documento historico a nota da pag. 155. É a sua primeira data celebrada. Mil homenagens a sua espoza.

Seu do C.,

J.<sup>m</sup> de Araujo.

2 Março.

Não há dúvida de que cada carta de Joaquim de Araújo é um magnifico achado literário. A que seguidamente publicamos é admirável de interesse pelos assuntos que versa, e, se bem que alguns sejam discutíveis e as opiniões de Araújo possam ser contraditadas, o que é indubitável é

---

não se encontra completa, faltando algumas dessas cartas. Como pergunta Joaquim de Araújo, essa colecção de cartas foi oferecida à Academia por Oliveira Martins, dando, sobre o valor histórico e documental, dessas cartas, o seu parecer o Dr. Teófilo Braga. Teófilo fez acêrca delas um extenso relatório verbal, propondo que tal colecção de cartas fôsse publicada, precedida essa publicação de um estudo de Teófilo sob o título: *O P.<sup>e</sup> Bartholomeu do Quental e a Congregação do Oratorio*. Ver: Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico*, vol. 1, p. 336.

1 Carta datada de Itália com a marca do correio: 17-7-1895.

que todas elas mostram a cultura e o engenho de quem as escreveu. Mas admiremos esta de 10 de Outubro de 1900:

x-x-900.

Meu prezado amigo.

Escrevi-lhe um bilhete postal, e hoje pouco mais longo posso ser. Tenho aqui uma serie de folhetos para lhe enviar, esperando apenas as erratas, que a um d'elles, mandei imprimir em Lisboa. É preciso uma paciencia a toda a prova para contar 27 dias sobre aquelle em que pedi para a nossa capital uma coisa de *qui-qui-ri-ki*, que se faz em *duas horas de boa vontade*. Coisas do gallinheiro nacional. Rogo ao meu amigo a fineza de procurar em uma das minhas ultimas cartas, a copia que lhe mandei de uma carta por mim dirigida ao Ferdinand Denis (e que eu lhe pedi para ter de mão ao meu dispor), fazendo-me mais o obsequio de a metter dentro de um *enveloppe* com o papel que vae junto, enviando-o *todo* ao — Coronel F. Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense* — Coimbra.

Desde já muito obrigado.

A carta do Castilho foi já reproduzida por pedido meu, sem commentarios, no *Conimbricense*, em folhetim, visto eu ter precisado d'ella; a lição do *Conimbricense* é a melhor, pois que tem corrigido os erros typographicos. Deve ahi ter recebido o opusculo do meu amigo J. d'Almeida Pessanha, acerca da familia d'este nome existente em Portugal e que toda a gente suppõe descendente dos Pessagna de Genova, o que é *falso*. Vae sobre o assumpto, vêr uma memoria minha — provarás de uma reconstituição historica. O Peragallo hontem sahio d'aqui *corrido*. Vinha argumentar comigo, e ensinar-me, como se eu acceitasse mestres em hermeneutica. Como é que os *Pessagno* que são nobres da decadencia da Republica, deram almirantes nobres a Portugal no tempo de D. Diniz? Eu duvido de que nesse tempo houvesse *Pessagno* em Genova. Sei de historia e de philologia o preciso para conhecer que o uso do castelhano era frequente na corte de D. Diniz, e que a forma Pessagna ou Pessanha, sahio do hespanhol *Passaño*, que tem a forma italiana Passano. Manfredo de *Passau* na Baviera, fixou-se aqui, quando Othão III, procurou acabar com essa dynastia de piratas; trocou o nome em Passano forma italiana, que deu Passanha em Portuguez, através da forma castelhana *Passaño* <sup>1</sup>.

Os condes de Passagno, mercadores do seculo xvii, não tem nada com a familia portugueza, e tudo quanto Peragallo, Canale, Belgrano e os historiadores portuguezes disseram é tudo asnatico. O brazão portuguez não tem *nada* de commum com o Genovez: pelo contrario, o do Marquez Adolfo Da Passano é absolutamente o do meu am.<sup>o</sup> José Benedicto. Sete documentos historicos comprovam absolutamente a minha conclusão phi-

<sup>1</sup> Joaquim de Araújo fez estudos especiais acêrca dos Pessanhas, publicando a tal respeito dois excelentes artigos em *O Seculo*, de 26 e 30 de Abril de 1901. Mais tarde, em 1904, appareceu publicado em Pádua êsse estudo que foi traduzido para italiano por Prospero Peragallo sob o título: *L'ascendenza de Pessagno*.

lologica. Que historiadores! E ha dois seculos que todas as *auctoridades* andam a dizer isto! Noto uma ignorancia completa no modo de ler documentos velhos. O José Benedicto está interessadissimo com as conclusões a que eu cheguei.

Entre os opusculos, que deve receber, e que já agora não acompanharei de carta, estão dois do Benedicto Croce. Como tenho de justificar as pessoas a quem os dou, peço-lhe que não esqueça de os agradecer ao auctor—Via d'Atre, 23—Napoles. *Recommendo isto ao cuidado do meu amigo.*

Dê-me as suas impressões acerca da sua estada no norte. Compoz lá algum novo poemeto?

No fim do mez, conversaremos acerca do Filinto Elisio.

Esteve aqui o nosso amigo Ramalho Ortigão, por quem lhe mandei muitas saudades.

Mil homenagens a sua espoza, a cuja saude de certo deram alento os ares do norte.

Seu am.º m.º ded.º,

*J.º de Araújo.*

Mas, Joaquim de Araújo não sossegava. É difficil encontrar, muito especialmente entre portuguezes, pessoa tam activa, tam laboriosa, tam cheia de iniciativa e do amor da divulgação.

Êle não se contentava com o seu esforço pessoal. Isso não lhe bastava. Não só gostava de trabalhar como de ver e de fazer trabalhar os outros. Daí os seus empreendimentos, daí os seus projectos e, também, as suas realizações. Êle, que aos 15 anos começara por dirigir o jornal literário *A Harpa*, que aos 20 dirigira *A Renascença*, que em 1883 e 1884 dirigira *O Diario Nacional*, e 10 anos depois dirigia, de Itália, a *Revista Portuguesa*, que se publicava no Pôrto, ia, em 1901, começar o seu *Archivo de Ex-libris portuguezes*, que havia de vir até 1908, publicando sete volumes, pequenos, mas muito interessantes<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A publicação do *Archivo de Ex-libris portuguezes* trouxe a Araújo bastante despezas e alguns dissabores, e fê-lo envolver num conflito literário que atingiu grande fragor.

Aníbal Fernandes Tomás que já em 1902 havia publicado, na Figueira da Foz, o seu trabalho *Os ex-libris portuguezes. Alguns subsidios para o seu catalogo*, e que havia visto uma passagem dessa obra criticada e impugnada por Joaquim de Araújo, no seu *Archivo de Ex-libris*, dá, em 1904, à publicidade o opúsculo *Os falsos ex-libris de D. Catharina de Bragança, resposta ao redactor do Archivo de Ex-libris portuguezes*, e no ano seguinte publica *Os ex-libris ornamentaes portuguezes*. Às alusões e críticas directas de Fernandes Tomás, Joaquim de Araújo não se pode conter e dispara-lhe um opúsculo cheio de violência intitulado *Gralhas depennadas*, que appareceu em Génova, em 1905, e é um extracto do vol. iv dos *Archivos*. A êsse escrito de uma mordacidade máxima, indo até o insulto, responde Fernandes Tomás, nesse mesmo ano, publicando um folheto sob o título: *Um sacripanta esfarrapado*, sendo fácil concluir da epígrafe qual será a vivacidade e a crueza de tal resposta.



É acêrca da publicação dêsse *Archivo* que Joaquim de Araújo escreve uma grande parte das cartas que, sucessivamente vamos ler. Vejamos a primeira:

Meu caro Theophilo.

As coisas sahem, grande numero de vezes, d'onde menos se esperam; é assim que, privado de ha muitos mezes de noticias suas, fui achal-as em Padova, por occasião da festa do Santo Antonio, em casa do meu velho amigo Emilio Tese, a quem recentemente o meu amigo escreveu. E agora vou requerel-as directas, suas e de sua Ex.<sup>ma</sup> Espoza, a quem envio todos os meus respeitos e saudades. Fui eu o ultimo a escrever, já ha mezes, e se bem na forma mais breve de postal, não tive resposta. Depois cahiu sobre mim uma verdadeira tempestade de burocracia, officios, visitas,



«EX-LIBRIS»  
DO DOUTOR  
TEÓFILO BRAGA

recrutas, vapores, requisições, *tutti quanti*, e ainda em cima ter de trabalhar no meio de tanta balburdia no *Archivo d'Ex-libris*, sem ter a quem recorrer, nem em homens, nem em livros <sup>1</sup>. Apesar de tudo se revoltar em torno de mim para me tirar tempo e descanso, fiz um capitulo sobre o Conde de Linhares, que se me affigura ter algum valor. Rogo-lhe o obsequio de o ler, assim como todos os fasciculos e de me dar a sua opinião. Como o meu amigo gostou da carta que eu lhe escrevi sobre o Gomes Freire, incluí-a nesse trabalho do Conde de Linhares que são vinte e tantas paginas. Lá verá a que proposito. Estes fasciculos, como verá, estão cheios de citações do seu nome em grande numero de artigos. Tres ou quatro dias depois da recepção d'esta, queira o meu

amigo ter a bondade de passar nos Bertrands, onde o Loureiro deixará cinctados e fechados para o meu am.<sup>o</sup> os fasciculos 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73 e 74, o que abrange o fim do 6.<sup>o</sup> volume e 24 paginas do septimo, com illustrações magnificas —, das melhores que se teem publicado. Agora seguem nos fasciculos de fevereiro-março os capitulos que respeitam ao meu a.<sup>o</sup>, ao Augusto Soromenho e ao Anthero de Qental —, dando 32 paginas os tres.

E o que tem feito?

Eu arranjei 5 dias depois de impresso o *Archivo* e fui passal-os a Padova, Veneza, Vicenza, Milão e Pavia onde comprei cerca de 200 volumes de meu gosto. Agora vou imprimir o poemeto do *Quijote*, de q̄ decerto ha-de gostar.

Dê-me presto as suas noticias e receba um abraço do

Seu do coração,

J.<sup>m</sup> de Araújo.

20 Junho.

<sup>1</sup> O primeiro número do *Archivo* appareceu datado de Dezembro de 1901. No número de Abril de 1902, Teófilo Braga trata, nessa publicação, da Academia das Sciências, e no n.º 75, relativo a Outubro de 1904, occupa-se da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Vejamos esta outra:

Meu querido amigo.

Não me lembro se lancei no correio hontem um cartão para si, ou se me esqueceu em casa. E como o serviço é de tal ordem agora, no fim do anno economico, que nem me deixa ir dormir todos os dias a casa — moro longe — vou escrever-lhe de novo, para o caso de se ter dado o *esquecimento* a que me refiro.

Ha bons 15 dias escrevi-lhe detidamente. Depois, por mão propria, mandei-lhe os n.<sup>os</sup> do *Archivo* até ao fasciculo 74. Foram por mão propria, e como eu dizia na carta, devia o meu am.<sup>o</sup> tel-os recebido na Bertrand. Se lá não procurou, peço-lhe que procure. Estão endereçados em seu nome. Desejaria saber se lhe chegaram ás mãos, para providenciar em contrario caso.

Dê-me noticias suas e de sua Ex.<sup>ma</sup> Espoza, que desejo sejam melhores que as ultimas. Eu vou mal. D'antes ao menos tinha cartas suas, que me faziam bem. Já não é meu amigo? Porquê? Abraça-o affectuosamente

Seu m.<sup>to</sup> dedicado e velho amigo,

9 Julho.

Araujo.

Depois, encontramos êste postal:

Meu bom amigo.

Recebi hoje do Porto o *Paulo e Virginia* do Bocage, gloriosamente prefaciado pelo meu amigo; se é da sua parte, muito lhe agradeço; se não é, dou-lhe aviso para que não me expeça outro —, *double emploi* de volumes, que se torna excusado neste caso.

Se revendo os seus velhos papeis, achar o *Conimbricense* com o meu art. sobre Bocage é favor *emprestar-me* o numero por uns dias porq̃ desejo fazer um folheto, e com elle inserir umas notas sobre Centenarios absolutamente novas. Se por acaso me lembrar a data de alguns centenarios, ficar-lhe-hei muito agradecido.

Creia-me sempre

M.<sup>to</sup> ded.<sup>o</sup> e certo am.<sup>o</sup>,

23-1-61.

Araujo.

Entretanto, a emprêsa de Joaquim de Araújo, o *Archivo dos Ex-libris*, ia continuando. Ao chegarmos a Julho de 1908 escreve êle a Teófilo uma carta obsequiosa e amabilissima, e — como todas as outras — de grande valor literário. Ei-la:

17-7-8.

Meu querido Theophilo.

Não imagina o prazer que me deu com a sua carta que acabo de receber! Ha um seculo, que não via letras suas, e se bem que o saiba, pelo

1 É datado de Génova.

menos com relação a mim, inteiramente inacessível ás intrigalhadas — temia que alguma coisa houvesse, que o affastasse de mim. D'ahi, os meus nervos se irritaram ao ultimo ponto, mas a amizade funda que lhe consagro, estava e estará sempre inabalavel.

Não tem que agradecer a republicação da carta sobre o Gomes Freire. Porque dando-lhe a consideração que deu a essas linhas de momento, eu estava moralmente obrigado a pol-as e guardal-as onde ellas se não perdessem. Com relação ao *Archivo*, pelo menos, os oito volumes hão de publicar-se, com um pequeno supplemento refazendo a historia do *ex-libris*, em maneira indestructivel e dando a lista geral das pessoas e corporações que d'elle usaram em o nosso paiz. Salvo a sua biographia, a do Soromenho, e a do Anthero, o resto d'este volume faz-se num prompto, e entramos com o 8.º Obsequia-me se ahi tem os *Criticos da Historia de litteratura Portugueza* á mão, copiando-me d'elle um trecho que começa: «Não tinham estylo as *Cartas da Religiosa Portugueza*, os *Roteiros*, as *Relações dos Naufragios*...». São quatro ou cinco linhas só. Tambem desejava que me mandasse, se o tem, um n.º do *Occidente* em que sahio o retrato do Soromenho, acompanhado d'uma sua biographia, assignada.

Tenho aqui a impugnação que o J. de Vasconcellos fez a esse artigo e que sahio na *Actualidade*, e necessitava de vel-o podendo ser. Restituirei.

Se não conhece os trabalhos do Mussafia, *Bibliographia dos Cancioneiros* (em allemão) e *Sobre a antiga metrica do Cancioneiro do Vaticano* (em italiano), posso emprestar-lhe para Outubro esses dois folhetos muitissimo interessantes e que o Mussafia mesmo me deu. Elle morreu ha dois annos. O Benedetto Croce achou um cancionero portuguez em Napoles e publicou a lista das Composições, dando o 1.º verso de cada uma. Talvez um dia elle e eu publiquemos esse codice. Entretanto, eu pedi-lhe copia d'umas *voltas* muito interessantes pelo que vi ao lel-as e de um soneto de Camões. Tenho essas duas peças e o livrinho do Croce que lhe posso mandar. Deve-o ler. Diga se quer estes elementos, que são como se seus fossem, e o Croce lhe mandará copia de qualquer poesia que pretenda. Croce é um rapaz, dos nossos, meu am.º e do Farinelli e está dito tudo.

Sinto o que me diz de sua Espoza.

Caro Theophilo, V. deveria fazer uma digressão ao estrangeiro, vir vêr o Leão com azas de S. Marcos, já que tão opulenta e artisticamente o tractou nos seus versos. Tire d'ahi sua Espoza. A viagem á Italia retemperal-a-hia, e com o meu saber disto aqui a viagem seria até economica. Em Veneza, e bem, *os dois* passam com uma diaria de 1:100 reis nem mais um vintem. Saia d'ahi que vae outro Theophilo para Portugal.

Estimo a versão do Camões em inglez.

A lingua ingleza é um grande vehiculo intellectual,—e o triumpho definitivo da sua Obra é ella entrar nessa poderosa lingua, que atravessa todas as civilisações do nosso tempo. A grandeza do Garrett foi inconscientemente determinada pelos criticos inglezes. Muito estimo todas as novas litterarias que me dá a seu respeito. Diz o meu am.º que não sabe se vae para a Foz se p.ª Nazareth, e acrescenta que me escreverá. Quero mandar-lhe o meu poema do Quixote apenas saia, e preciso portanto que me tenha a par do seu endereço no mez de agosto e setembro.

Já que prometeu faça favor de cumprir.

E disponha as coisas para no anno proximo vir a Veneza, onde ha a exposição de arte, a 8.<sup>a</sup> a que eu conto assistir. Receba um grande abraço do seu velho e leal am.<sup>o</sup> que m.<sup>to</sup> bem lhe quer,

J.<sup>m</sup> de Araujo.

À anterior juntemos esta:

Meu prezado amigo.

Não recebi a sua prometida indicação de endereço durante as ferias e por isso, e só agora, findas ellas, lhe posso enviar para Lisboa este bilhete. Precisava immenso de alguns paragraphos seus—sobre o *Real Collegio Pontificio de S. Pedro* inaugurado em Coimbra por meados do seculo xvi pelo d.<sup>r</sup> Ruy Lopes de Carvalho, bispo de Miranda. Como o meu amigo sabe muito d'esses collegios e fundações do sec. xvi, em Coimbra, alinhava-me alguns paragraphos sobre o *de S. Pedro*, e envie-m'os para o *Archivo*, pois que a chapa do respectivo ex-libris está já aberta, e ao menos d'esta vez, eu queria distribuir o volume *a tempo e horas*, pois que a publicação irregular me desarranja tudo, como com a maior verdade lhe digo. Assim meu querido Theophilo, a breve trecho espero com boas noticias suas e de sua Espoza, a realisação do obsequio que lhe peço.

Velho a.<sup>o</sup> Obr.<sup>o</sup>,

26 Set. 1908.

Araujo.

A carta que segue é um documento interessantíssimo, admirável, único. Esta não tem sòmente, como as anteriores, uma grande importância literária, bibliográfica; ela tem um excepcional valor moral, auto-biográfico.

Toda a vida, isto é, as fases mais marcantes, os casos mais palpitantes, os incidentes mais decisivos da vida de Joaquim de Araújo, estão aqui invocados, assinalados, focados admiravelmente. É uma miniatura das suas Memórias, é um sumário do seu Livro de dor. Por esta carta podemos não só reconstituir a existência, formal, exterior, ostensiva de Joaquim de Araújo, mas conseguir a ressurreição do seu espirito, a animação da sua existência íntima.

Da leitura dessa carta, mais ainda do que do estudo das anteriores, tira-se a conclusão do grande carácter, da excelsa bondade e do dedicado patriota que era Joaquim de Araújo.

Mas, vejamos essa linda carta e, através dela, contemplemos o seu autor:

Meu querido amigo.

Tenho varias vezes pegado na penna para lhe escrever, mas tem-me sido impossivel! Carregado de serviço, doente, mais doente do que mesmo me parece, um tédio enorme por tudo e por todas as coisas —, eis o con-



juncto de *casos* que teem dado origem a este meu silencio, que a amizade provada do Theophilo, em face d'elles, certamente me releva.

Que não me desnaturalise —, diz o meu amigo. Mas a verdade, é que sem me desnacionalisar em modo algum, eu estou já desnaturalizado, quasi. No emtanto é para mim ainda d'uma grande alegria poder fallar esta nobre e cantante lingua, sem rival no mundo, e todos os dias *organisei* modo de eu fallar e praticar. Um amigo meu italiano, que dez annos habitou o Brasil, vem aqui ao Consulado fallar comigo quotidianamente: esse é seguro, e os adventicios são tambem certos, passando aqui muitos compatriotas, que, como é seu dever, apparecem a fazer-se conhecidos.

Tenho pensado em ir a Portugal, mas acho em mim uma grande difficuldade em me deslocar. Fui sempre assim. Malas, arranjos de viagem, aprestos varios, causam-me um infinito horror. Depois andei sempre ahi num rodopio de intrigas, em que toda a gente fez de mim bombo de feira, tirando o Theophilo, o Anthero, o LUGAN DO PORTO, NA 1.ª FILA, o Sousa Martins, o Ramalho, o João de Deus, o Chagas — e poucos mais. Torturaram-me a ponto de me não deixarem respirar; todas as minhas palavras, todas as minhas acções, toda a minha vida, eram desvirtuadas, envenenadas, ao sabor dos caprichos de cada qual! Olhe o que se passou na medalha de João de Deus; havia um documento publico, estampado no *Commercio de Portugal*, no *Janeiro* e no *Noticias*, em que o Molarinho declarava ter recebido 100:000 reis da 1.ª prestação do cunho, devendo receber 150:000 reis apenas o concluisse. Não estava concluido, e pedia-se-me a responsabilidade do total da somma, da qual metade estava nas mãos do gravador! Feita a medalha, entrego-a lealmente a uma Associação, e esta trata de eliminar as legendas do cunho, que são um documento historico — e até hoje a medalha está sumida, HA 17 ANNOS, provavelm.<sup>10</sup> pela mesma gente que me censurava a demora da terça parte do tempo! Não houve coisa a que eu metesse hombros, e que não fosse contrariada por puro espirito de combate á minha pessoa, de todo o ponto inoffensiva! Não houve contracto que ahi fizesse em que não ficasse roubado, em toda a linha! E nunca tive um *cão*, nunca pedi dinheiro emprestado a ninguem, senão uma vez ao Anthero, que me emprestou tres libras quando eu precisava de duas. Os *protectores* queriam fazer-me *amanuense de secretaria*, como eu lhe provei com documentos, se o amigo quizer. Uma mariolada, como nunca vi outra. Prestei serviços a rodos; ponta-pés (leia coices) em toda a linha. Depois que estou aqui, roubo da herança de minha tia Adelaide, que fez testamento *forçado*, e que tinha sahido do hospital do Conde de Ferreira com nota de *incuravel*. Houve um medico que a disse boa, e houve um tabellião da força do medico, que fez o diploma legal. Eu devia por-lhe conselho de familia e tutor. Não o fiz. Paguei. Meu tio deixou-me 800:000

---

<sup>1</sup> Joaquim de Araújo trata aqui da medalha de homenagem a João de Deus, mandada por êle cunhar, para o que abriu no *Diario Nacional* uma subscrição, sendo nesse gesto acompanhado por outros jornais. A tal respeito publicou o *Relatorio da medalha João de Deus*.

reis. Roubados. Comecei aqui o *Archivo*; quando viram que a obra ia no 4.º volume, já fazia sombra, toca a escavar! Francamente os Abruzzos de tragica memoria são inferiores a essa Falperra material e moral de que o meu amigo é uma das victimas mais illustres.

Tudo isto, que vem de ler, é um desabafo comsigo; que eu cá fora não consinto que ninguém diante de mim diga seja o que fôr em contrario do meu paiz.

A m.ª visita a Portugal será feita; e uma das coisas que me ahí levam é vel-o e abraçar-o.

Pergunta-me o que faço. Estou revendo as provas do meu poema — trezentos versos alexandrinos que constituem — as *Visões do Quijote*. Fil-os em 905 pelo Centenario Cervantino, metade no claustro de S.º Antonio de Padova, metade numa gondola em Veneza, no dia immediato. Depois, na volta, escrevi-os em Milão d'uma assentada, talvez não iguaes, porque me não lembrava bem d'uma passagem, que era do encontro do Cid com o Quijote depois d'uma batalha.

Tenho no prelo o 7.º volume do *Archivo* e começo do 8.º para sahir d'esta vez a tempo e horas para o mez que vem.

Está tambem a sahir uma commemoração que fiz do Centenario do Tosão de Ouro, que como sabe foi criado pelo casamento da filha de D. João I; e lá cito os seus Doze d'Inglaterra.

Revejo versos para um volume novo quasi prompto.

Isto é: por agora. Seguindo os seus conselhos sustento o *Archivo* por mais um anno.

Ao oitavo volume havemos de chegar <sup>1</sup>.

O meu amigo faz-me um favor; diz-me algumas datas sobre a Bibliotheca do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Sei que alem da grande bibliotheca o Mosteiro tinha uma livraria no seu collegio de Sapiencia, mais conhecido por Collegio-Novo, onde estavam as aulas dos Conegos Regrantes. Mas o que ignoro são as datas, que não posso improvisar e que não veem no Balbi, unico expositor que aqui tenho. Não quero saber senão *datas* p'q o resto tenho cá. Mas estou com uma fl. de impressão emperrada, e por isso uma nota sua, contando apenas dos inicios da Bibliotheca, com datas, — obra para uma pagina de papel como esta em que lhe estou escrevendo — era uma estrella cahida do céu, *nesta occasião*. Poderia, sem demora, enviar-m'a, tão sabedor como o meu amigo é de coisas

---

<sup>1</sup> Efectivamente o último número do *Archivo*, é o 85, relativo a Dezembro de 1908. É o *canto de cisne* da Revista, e êsse é entoado em homenagem a Teófilo Braga. Depois de escrever: «A biographia de Theophilo Braga é um capitulo inapagavel da evolução do pensamento portuguez», confessa-se demasiadamente modesto de fôrças para se ocupar de um gigante como Teófilo, declara-se discipulo dêste, e fala da amizade que sempre e ininterruptamente os tem ligado, da vida do Mestre que lhe tem servido de modêlo e de exemplo admiráveis, dos conselhos que dêle tem recebido. Ao referir-se à obra de Teófilo escreve que ela «ha-de ficar atravez das gerações, como um monumento, que o correr dos tempos tornará, a cada instante, mais poderoso e redivivo».

de Coimbra e dos seus estudos? Se sim, é um favor impagavel —, impagavel creia.

E dê-me noticias da sua Esposa — quando me escrever, apresentando-lhe os meus affectuosos e sinceros cumprimentos. Para si um abraço do

Velho am.º, sempre do C.,

*Joaquim de Araújo.*

15 nov. 1908.

#### 7.º — A ÚLTIMA CARTA DESTA COLECÇÃO

A última carta de Joaquim de Araújo que pudemos copiar é — quanto a nós — de todas as que inserimos a mais interessante e a mais importante, quer pelas questões de carácter literário que nela são tratadas, como pela inconcussa amizade que mais uma vez manifesta por Teófilo Braga, e, principalmente, pelo amor pátrio que documenta.

Percorramos-la:

11-1-10.

Querido am.º

Acabo de receber a sua carta e m.<sup>to</sup> lhe agradeço o que me diz de bom e de affectuoso. Não conheço os trabalhos que me aponta, novos, sobre a Infanta D. Maria, e mesmo o livro da D. C. M. só o vi em janeiro ou fevereiro do morto 1909, offerecido pela auctora, de quem eu não sabia depois que sahi de Portugal.

Era meu intento tratar da Infanta, quando isso viesse a pêllo, e disse-o á D. Carolina, relatando-lhe os materiaes que tinha. Ella instigou-me a publicar o que eu tivesse e lhe fosse extranho, — e assim fiz, aos poucos, o trabalho que o meu am.º tão bem recebeu.

Diz-me o Theophilo que o Padre Rodrigues aproveitára já o Brantome; não li tal coisa, mas se está embutida em These em que se pretendam demonstrar amores da Infanta com Camões, pae do Céu, em que companhia de disparates veiu á luz!

Não conheço o opusculo da D. Olga, que é senhora de talento. Mandou-me um vol. sobre a Marquiza d'Alorna, e eu não lhe agradei, por estas porcarias da vida official que tomam o tempo. Naturalmente não me enviou o segundo volume. Soube depois por M.<sup>me</sup> Suældi que a sra. D. Olga vinha á Italia e reservei-me para me explicar de viva voz.

O trecho de Brantome só <sup>1</sup> nada diz novo —: os depoimentos dos embaixadores é que valem mais alguma coisa, pelo que o confirmam. Duvido que o P.<sup>o</sup> Rodrigues, que conheceu Brantome *por acaso*, como operario

---

<sup>1</sup> A palavra «só» está sublinhada.

*desoeuvré* pudesse provar a veracidade do texto, demonstrando as relações da princesa com os sires da Lorena <sup>1</sup>.

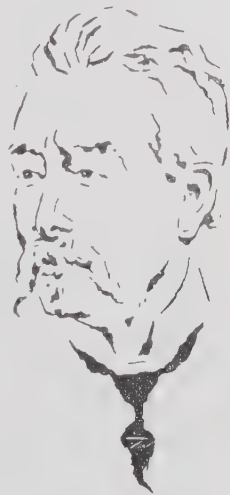
Agora é que penso que com o meu folheto em punho se podem percorrer as galerias de quadros hespanhoes, e que entre as pinturas anonymas, retratos de mulher, alguma nova figura da Infanta appareça em destaque. Não é de admirar. O que me parece *provado* é que o retrato de Antonio Moro *não pode ser* o d'ella, em tempo algum; e o que sei é que o meu amigo achou no retrato, que eu, por ventura minha, descobri «uma luz plena» para a idealisação da pobre e formosissima princeza. É bella, na verdade, muito bella <sup>2</sup>.

Peço ao meu amigo o favor de me emprestar sob registos e por poucos dias o opusculo de Raul Soares, publicado em Campinas. Eu preciso d'elle porque estou tratando de ultimar a revisão das 12 paginas do *Archivo*, que lhe são consagradas e que ficam de primor. Tenho todos os trabalhos do *Archivo* m.<sup>to</sup> avante, e o vol. deve estar prompto em março. Não quero faltar.

Desejo dar um elenco geral de todos os seus livros, *a partir do ponto*, hoje atrasado, *em que o Teixeira Bastos deixou a sua bibliographia*. Isto é-me essencial, mas isto se não vier a tempo de entrar na folha sahe adiante nas *Notas e aclarações*. Não me prendo, mas estou imprimindo seis n.<sup>os</sup> deixando dois para traz para se não perder o tempo.

Ladrões! Ladrões! Não recebi com effeito os dois vols. *Romanceiro* (III) e *Recapitulação da Historia da Litteratura*! E que falta me fazem! Que canalha do diabo! Fiquei verdadeiramente arreliado! Terá o meu am.<sup>o</sup> probabilidades de me substituir as duas obras, uma das quaes me completa uma serie, que fica desimparceirada?

Q.<sup>to</sup> á *Bibl. Critica* desejava que o meu am.<sup>o</sup> escrevesse duas ou tres noticias de livros para o 1.<sup>o</sup> fasciculo, que sahe disposta *unis verbis* como a publicação do Porto. Isto em principios de fevereiro, para o 1.<sup>o</sup> fasc. apparecer nesse mez. Liberdade absoluta! Não se permitem artigos que não sejam sobre obras escriptas em portuguez, ou em lingua estrangeira *tratando de Portugal*. Eu tenciono occupar-me do seu livro sobre Camões, e só esse me dá um contingente de paginas. A publicação tem por intuito mostrar aos estrangeiros o que nós somos <sup>3</sup>; e aos portuguezes a maneira



MÁSCARA

Por Saavedra Machado.

<sup>1</sup> Como se sabe, o estudo do Sr. Dr. José Maria Rodrigues acêrca da infanta D. Maria, é um trabalho notável dêsse eminente Académico e eruditíssimo camonista.

<sup>2</sup> As palavras em itálico acima reproduzidas figuravam sublinhadas na carta original.

<sup>3</sup> Nesta altura da carta, Joaquim de Araújo fez uma chamada em asterisco, a que corresponde a seguinte frase: «menos em livros de versos e sciencias naturaes».



como cá fora se occupam de nós. Estão fora do quadro as publicações que não correspondam a este programma.

Meu amigo receba um abraço, e dê-me melhoras (*sic*) novas de sua Esposa. Oxalá que já me chegassem amanha! Mostrou-lhe o retrato da Infanta.

Velho am.<sup>o</sup> ob.<sup>mo</sup>,

Joaquim de Araújo.

11 de janeiro de 1909<sup>1</sup>.

Dos arts. para a *Bibl.*, é bom pensar nelles mas não se apresse em os mandar, pois temos tempo e eu o aviso do dia certo em que aqui devem estar<sup>2</sup>.

\*

Pela transcrição, que aqui fica muito incompleta, da correspondência do poeta e bibliófilo Joaquim de Araújo para o Dr. Teófilo Braga, fica-se conhecendo, documentalente, como foi grande a amizade que ligou êsses dois homens ilustres, e como essa amizade resultou proficua para o fulgor das letras pátrias.

Duas razões nos impelem a publicar tal correspondência: uma, consiste em fornecer aos investigadores da bibliografia e da literatura portuguesa contemporâneas, alguns elementos que nos pareceram essenciais para a elaboração dos estudos de síntese dos nossos historiadores e críticos literários; a outra, reside no imperativo dever moral de prestar a nossa homenagem à memória dêsses dois portugueses eminentes: Teófilo Braga e Joaquim de Araújo.

António Ferrão.

---

<sup>1</sup> Não há dúvida que Araújo escreveu por lapso, bem podíamos dizer por *velocidade adquirida* «1909», em vez de 1910. Sucede vulgarmente no inicio de um ano escrever-se, por hábito, automaticamente, a data com a indicação do ano anterior. Foi o que, aqui, succedeu a Araújo.

<sup>2</sup> Em vez de «dia» Araújo escreveu primeiramente: «tem epocha» — que depois riscou.

<sup>3</sup> Acêrca de Joaquim de Araújo têm escrito: Cândido de Figueiredo, na sua obra *Homens e letras*; Joaquim Costa em *A alma portuguesa*; e o bibliófilo e académico Henrique de Campos Ferreira Lima, in *Diário de Lisboa*, de 9 de Abril de 1923.



## NA INTIMIDADE

**E**oi já há anos, quando ainda não era aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, que uma vez, aventureiramente, me propus ir lá ver o Cavaleiro da lenda, que para mim era o Doutor Teófilo Braga. E foi ali, transpondo os claustros de mármore do antigo convento, que misteriosamente, com a regularidade de um Kant, eu o vi passar.

Admirando-o sem o compreender ainda, mas com a intuição do gigantesco e assombroso do seu génio, realçou-se-me então o contraste, de como êsse vulto encanecido e franzino pudera albergar todo um Universo na sua alma tam grande!

Como uma sombra ou esfinge do passado, êle então se me afigurou. Gerações de meteoros através daquela existência tinham passado, meteoros que êle vira surgir, para logo, num bruxulear de fogos-fátuos, se extinguírem. E êle só ficara, como o único sobrevivente e vencedor, de entre os da sua geração, *pela vida vencidos*.

À aventura, ousei então dirigir-me a êle, de chapéu na mão, a mendigar-lhe autorização para assistir a uma das suas prelecções. E solicitamente atendido, passados momentos, lá tive o assombro de ouvir da sua cátedra, o Vidente sentado no marco miliário da vida, ostentando ainda o vigor intenso do seu pensamento, que nesses momentos aureolava de uma expressão sobrenatural aquela cabeça branquejante, como uma amendoeira, no inverno florida.

E êle falava... falava... evocando a sua odisséia de cabouqueiro da história, e explicando como desenterrara de entre ruínas tantos vultos

de gigantes ignorados e esquecidos, mundos que a sua alma de navegante descobrira.

\*

Há assim momentos determinantes de um destino.

Confiado nessa bondade única e inegalável, devido à qual êle sabia pôr à vontade as criaturas que desejava sempre perscrutar em toda a sua espontaneidade, nova aventura empreendi, e essa agora decisiva, por visar consultar o profeta sôbre a estrêla que a um destino presidia.

E foi também ali, nessa Faculdade, cuja cátedra tam triunfalmente conquistou, que carinhosamente de novo me acolheu.

Uma vez a sós na aula, e sentindo a necessidade de me abeirar da-quele Universo, para ter a ventura única de poder contemplar-lhe o astro mais em foco das suas noites estreladas, é que o drama íntimo de um sonhador, gestando à margem da vida, eu lhe revelei assim: —

Preocupações morais precoces o atormentaram.

De aspirações insatisfeitas, ao meio social ambiente, muito cedo, por um grande sonho se revelou enlevado.

O mundo dos seus pensamentos o absorveu. Por isso meditabundo, se tornou misantropo.

A sua misantropia, porém, não traduz nêle apatia.

Desprendido do presente, devoram-no as esperanças do futuro.

Ao contrário do vulgo, só vivendo o dia que passa, e de tudo o mais desprendido, êle é antes indiferente ao presente, só se preocupando com o futuro.

Para a realização das suas aspirações, de seu só possui a esperança. Esperança ardente num futuro duvidoso.

Um ideal social em vão concebera. Todas as suas idealizações a realidade desmentia.

Sedento de ideal e de certeza, por todos os dogmatismos sociais baldadamente errara.

Sem nêles encontrar o esteio onde o seu coração pudesse calmo repousar, por isso, em nenhum veio a comungar.

Renegando os dogmas, e tudo o que por êles foi consagrado, como um não conformista e descontente se evidenciou.

Inadaptado ao âmbito das convenções sociais, como objecto de desdém foi encarado.

Sem poder entrar na vida pela porta consagrada, a todos os direitos teve também de renunciar.

Na perseverança e providência própria apenas encontrara o penhor da sua liberdade.

As incertezas da vida lhe despertaram a tenacidade.

Em luta com elas revigorara a sua vontade.

Moralmente só se vendo, a vida teve êle de encarar de frente.

¡Uma nova Odisseia foi então empreender!

Reconhecera afinal como é necessário quebrar de vez os antigos ídolos.

Sombras do passado que outrora o adormentavam, ilusões desfeitas que, na nudez forte da verdade, se lhe evidenciavam, quais ossadas de mortos por um tufão revolvidas, assim se lhe afiguram agora êsses ídolos.

Mas ah! ¡Êle sente-se tam só no mundo!

Despedaçados foram os antigos ídolos, e com êles os laços que o prendiam à terra e ao passado.

Desalentado e sem ilusões, julga-se sossobrar no mar da vida.

Na sua Odisseia prossegue, mas já novo enjôo o acabrunha.

É o desalento cruel. É a vontade solitária que sossobra.

Morrera-lhe o que mais idolatrava. Ilusões perdidas êle chora.

Preso às banalidades da vida, sente-se alquebrado quando se pretende erguer.

Porém, sem do passado se desprender a nova estrêla êle não poderá seguir.

Evocando os mais ternos affectos, entes queridos que sepultados ficaram no deserto do passado, desfalecem-lhe as esperanças do futuro.

Para só viver da esperança, há-de ser implacável para com o coração, cerceando-lhe o bálsamo de uma saúde.

Os seus olhares volver-se hão para o Céu (para o futuro), visto que é lá, acima das banalidades efémeras dêste mundo (do presente), que os grandes ideais se concentram.

Em visões apocalípticas, cantará esperançado a Jerusalém Celeste.

Uma outra terra e um outro céu vai pois demandar.

Para uma nova existência se sente renascer.

Conspurca-o porém ainda o lodaçal das paixões sociais.

Assim parece ter saúdaes da antiga existência.

É que nela se julgava livre, sendo afinal mero escravo de caprichos e preconceitos.

O seu coração era vazio. A vaidade como o vento o preenchia. Nisso estava a sua glória.

Sua ambição seria a do palhaço, e, como tal, mendigaria servil as palmas da platea da sociedade, perante a qual, exhibindo-se, os mais nobres ideais mercadejaria ignòbilmente.



E agora, que todas essas fantasmagorias como sombras, se lhe desvaneceram, acha o céu mais vazio por isso.

Cega-o a nova luz.

Por partir os antigos ídolos se julga sacrílego.

Sombras de amigos, fantasmas de afectos que idolatrava, tais eram êsses ídolos, filhos de um passado tenebroso; e a luz nova, desvanecendo-os, evidenciou-lhe quantas ilusões o acabrunhavam.

Assim o nosso herói, ao reconhecer-se só no mundo, se julgava infeliz.

¿Mas que lhe valiam os outros, que o apoiavam, paralisando-o?

Êle mesmo tem de ser o seu amparo, e, porfiando firmar-se só em si, êle reconhecerá que mais vale ser firme e abandonado, do que paralítico e encostado.

\*

Êle ouvia condescendentemente as minhas divagações, e depois, num tom carinhoso e tocante, exclamou:

«Querido amigo!... no seu coração arde

ainda uma faíscuzinha de fogo sagrado, que é necessário de modo nenhum apagar. ; Apesar de se aprender muitas vezes a poder de ilusões que nos morrem, apesar de serem as lágrimas vertidas que mais iluminados deixam sempre os olhos onde elas brilharam, ah! meu amigo, acredite que não se vive senão pelo pensamento!».

E a comprovar esta asserção, o Doutor Teófilo Braga evocou em seguida as suas lutas épicas, em narrações cheias de vida, tragédias onde



MARIA DA GRAÇA BRAGA, FILHA DE TEÓFILO BRAGA

a sua alma se disciplinara e sublimara, e de cujo triunfo lhe advinha a infinda alegria moral que agora o alentava.

Mas... como, em resposta à necessidade de disciplina que êle também me preconizava, eu ingenuamente lhe confessasse a minha concepção individualista em extremo de encarar a vida, concepção filha da anarquia que no meu pensamento e vontade reinava, êle condescendente e afavelmente atalhou:

«Perdão. O meu amigo assim não reconhece a autoridade de ninguém. Lembre-se que o mundo não começou consigo.

Por isso nós nunca podemos ser tam exclusivistas.

A individualidade, de que o senhor me fala, só se justifica quando integrada na humanidade.

Só então, quando o seu valor se afirma em proveito de um ideal nacional e humano, é que nós, reconhecidos, não podemos deixar de respeitar nela êsses direitos supremos, com os seus méritos conquistados.

Os direitos e os deveres de pensamento, assim compreendidos, eis no que se resume a disciplina intelectual preconizada».

E desta maneira falou... falou... torrencial e impetuosamente. Eu ouvia com profunda religiosidade aquelas e outras revelações, onde o poeta, o historiador e o filósofo sucessivamente se ostentaram.

Mais impressionado ainda pelas suas confidências íntimas, eu pude então ver como, nesse mundo de mistério, também estas palavras ecoaram:

«Ó! imagens e visões da minha juventude! ó! olhares de amor, momentos divinos! como vos desvanecestes depressa!

Penso hoje em vós como nos meus mortos.

De vós, mortos predilectos, chega até mim um suave perfume que faz correr as lágrimas. Verdadeiramente êsse perfume agita e alivia o coração do que navega solitário.

Todas as visões e todos os consolos da minha mocidade morreram... Como as pude suportar? ¿Como pude ser superior a semelhantes feridas? ¿¿Como ressuscitou a minha alma dêsses túmulos?!

É que há o quer que seja de invulnerável em mim, qualquer cousa que se não pode enterrar e que faz saltar os rochedos. Chama-se a minha vontade. Essa atravessa os anos silenciosa e imutável.

Assim vives tu sempre, pacientíssima, e igual a ti mesma. Passaste sempre todos os túmulos.

Em ti vive ainda o irredimido da minha mocidade, e viva e moça permaneces sentada, cheia de esperança, sôbre os amarelos escombros das sepulturas».

\*

Tinha afinal realizado um sonho. De par em par se me deparavam as miragens da sua alma, muito afectuosa e intimamente.

Depois do amigo, toda solicitude pelo humilde e ignorado, foi o professor emérito, o meu guia espiritual, a imprimir-me directrizes, que eu sempre bemdirei na vida.

Só assim, de perto, eu pude compreendê-lo em todo o relêvo intelectual e moral.

Penetrava as criaturas com a mesma intuição profunda com que se revelara apto a compreender as mais diversas civilizações.

O crítico implacável de tantas gerações, intransigente contra todos os farisaísmos e falsos profetas, era afinal aquele que, através da Imitação de Cristo e de um Novalis, se deliciava em aspirar o perfume das almas místicas, nos seus anseios vagos e devaneios crepusculares.

Apesar de criticar a Igreja, quando extemporânea na sua modalidade feudal, ninguém em Portugal teve sempre em tam alto aprêço a Idade-Média pela sua exuberância criadora.

O homem que experimentara em vida todas as emoções nunca deixou entretanto de se nos revelar reconhecido à mais singela e humilde manifestação de afecto.

Igualmente impressionável às demonstrações de hostilidade, ao ver-se moralmente só, como muitas vezes sucedeu, reanimava-o a frescura dos seus jardins interiores, que no inverno da vida ainda se lhe conservavam floridos. Era então também que a sua alma refluía como um vasto oceano para as suas profundidades, e lá, nesse «mais fundo das profundas cavernas altas onde o mar se esconde» se refrigerava, concentrada, para depois jorrar impetuosa nas suas precipitadas criações.

Foi sempre a mais tolerante das criaturas. Nas suas aulas épicas nunca se dedignou discutir as mais ingénuas observações dos alunos.

Uma vez, quando alguém o importunava, expondo-lhe as conclusões de um estudo sobre jesuítas e Inquisição, entre os quais era vista uma oposição profunda e diametral, e ao dizerem-lhe que os jesuítas lhe deveriam ser simpáticos, por se nos revelarem liberais, êle respondeu:

«Mais do que liberais, meu amigo; radicais. Foram êles que já no século XVII, em França, por ocasião do assassinato dos reis Henrique III e Henrique IV, onde muito se comprometeram, pela primeira vez sustentaram as ideias mais revolucionárias, como seja a doutrina da legitimidade do regicídio e outras mais. Ora a tais extremos de liberalismo não vou eu...».

Do mesmo modo, êle, o mais penetrante na análise do século xvii, é que, nas suas aulas, me fez compreender como a Reforma Protestante, pelo seu característico regresso ao cristianismo primitivo — asiático, sectário e anárquico —, se deveria considerar uma regressão.

Como a lenta e fecunda elaboração da Idade-Média, tendente a separar o poder espiritual do temporal, sacerdócio do império, Igreja do Estado, foi pela reforma protestante contrariada, fazendo do Príncipe o dono das consciências, isto é, da religião.

Mas preocupava-o sobretudo o que dizia respeito à História de Portugal.

Nesse estudo de síntese histórica, chave de ouro de toda a sua obra, o Doutor Teófilo Braga ia pôr em foco um aspecto novo, tal como a acção profunda dos monges cluniacenses, representantes de um verdadeiro renascimento, e que, tendo um dos centros de irradiação no ocidente da Península, vieram, segundo êle, a tornar-se preponderantes na génese da nacionalidade portuguesa.

«A nossa História é tam linda!» exclamava muitas vezes encantado! «Ah! se eu agora pudesse voltar à mocidade confinar-me-ia sòmente nas cousas de Portugal».

E a intuição profunda de que, neste «cume da cabeça da Europa toda», estivesse a chave dos grandes problemas da História geral da Civilização, absorvia-o por completo, no anseio vago de uma nova Terra Prometida.

Com êste sonho grandioso é que afinal morreu. Mas o seu espírito, pairando sempre muito alto, será agora para nós a nuvem de fogo guiando o povo escolhido a essa nova Terra da Promissão, Terra que êle antevira, e que para nós constitui o penhor do futuro Portugal maior, de todo integrado na História da Humanidade<sup>1</sup>.

*António Serras Pereira.*

---

<sup>1</sup> Excerpto do Discurso lido na sessão teofiliana, realizada na Câmara Municipal de Lisboa, em 23 de Fevereiro de 1924.







## TEÓFILO BRAGA ENTRE ALFARRÁBIOS



*A* minha maior alegria quando saio das aulas, é dar uma volta pelos livreiros. Estas palavras, que lhe ouvi na livraria Armando Tavares, todo curvado sôbre folhetada, são o significado de uma afeição que toda a sua vida dedicou ao estudo, desde moço, que o levava a guardar alguns vinténs para comprar qualquer alfarrábio que lhe interessasse, tirando mesmo tudo o que podia à sua vida cotidiana, para se instruir, nessa sêde devoradora que têm certos e raros homens e que dia a dia se ia desdobrando por milhares de labirintos, que eram o vasto programa, a que se tinha entregue, de fregar todos os materiais possíveis para a história da literatura e do povo português.

E assim, entre a sua papelada, entre os seus livros, é que se encontrava o mestre. Vasta nomenclatura de obras lhe vinham à lembrança e as citava com uma segurança que espantava, apontando factos que se prendiam a certos capítulos, com uma precisão segura e chamando a nossa atenção para um pormenor, para um indício, aconselhando a leitura de muitos livros, sôbre qualquer ponto de história ou literatura.

— Já leu êste livro?! É muito bom, mas prende-se com outros.

E que satisfação ia nesse passeio e na alegria que tinha de ensinar sempre, explicar sempre; e que avidez em salientar qualquer indicação que afirmava erudição enorme sôbre ramos tam diversos do saber humano.

A sua casa era penhor desta afeição aos livros. O culto da sabedoria estava vincado por todos os cantos, do rés-do-chão até ao sótão. Êsses volumes eram os seus amigos, os seus confidentes, os seus companheiros

inseparáveis. Eram o esquecimento do mundo que o irritava e enervava e que o levava muitas vezes a fechar-se de tudo que julgava inútil e a ter que fazer a crítica acerba e dura sobre os homens e os factos. Efectivamente, é de ver, em transições do estudo para a realidade da vida, como uma modificação extraordinária se dá nesse homem ilustre. A sua sensibilidade modifica-se completamente, geralmente, quando, sentado à sua mesa de trabalho, remexe em papéis, consulta uma obra ou explica qualquer acontecimento. A sua estrutura moral, rígida e por vezes severa quando aprecia qualquer fenómeno político, evoluciona completamente quando analisa uma página lírica, ou um assunto de beleza; por que vos digo que, ao ler certos versos, ou ao descrever certos casos, êsse homem, que muitos só julgavam azêdo e mordaz, se comovia, vivendo uma emoção que guardava de todos, quando fechava a porta a êsse mundo que o hostilizava, e se concentrava na sua obra, como lenitivo a essa grande dor de marido e pai, vivendo ainda de recordações dolorosas, cuja saúde vinha de vez em quando assaltar-lhe o espírito e se traduzia numa grande comoção íntima.

Dessas figuras queridas e já desaparecidas, de tudo isso que os séculos lhe trazia à baila, essa sua casa erguia legião de fantasmas, que viviam com o mestre. Uns tinham sido a sua família, êsses entes que êle tanto tinha amado e em que pusera as suas melhores esperanças; outros vinham da história, vinham da raça, vinham da Pátria; e evocá-los, nessa tela do seu trabalho, era viver sempre nesse além, que no ermo em que vivia mais salientava o fanatismo de os enaltecer, para afirmar que Portugal tivera homens dignos de saírem do esquecimento e de se immortalizarem nas lendas pátrias e entrarem na História.

Creio que, depois da sua tragédia familiar, uma modificação psicológica actuou sobre a vida de Teófilo Braga, fazendo-o um outro homem, surgindo do isolamento um outro personagem. A secura e o sarcasmo que apareceu nos últimos tempos são como uma desilusão completa da vida e da felicidade, mas nunca dêsse trabalho enorme ainda que desordenado. De um lado, um lar em ruínas; a par, um sonho político que não conseguiu ver realizado, porque os homens que tomaram conta do nosso país o enojaram de tal modo, que o levaram a um afastamento gradual, a um aborrecimento constante, a um mal-estar, que são o significado de quanto amava o seu Ideal e o desejava engrandecer; e só o professorado e o culto dos seus livros lhe davam um pouco de lenitivo, lhe mitigavam a sua dor, que se tornava em sarcasmo, que feria, sentindo-se êle rebelde sempre, ante a marcha dos acontecimentos, ante a avalanche de mediocridade, a hecatombe moral que um ciclone lançara sobre Portugal.

Se lhe observamos as representações intelectuais, elas sugerem-nos uma série de quadros que, pela sua vivacidade e pela sua precisão, se destacam sobre o seu espírito, e nós reparamos que essas manifestações do pensamento pertencem a um mundo realmente presente, ainda que sejam fragmentos de um mundo passado. É pois no seu cérebro que se organiza o apainelamento do mundo exterior que êle vai descrever, ainda que as reflexões distintas do espírito presidam à formação da obra e à organização do entrecho. Assim os dois actos espirituais, formados na análise e na síntese, dividem-se em dois aspectos curiosos: de um lado, a análise que lhe permite tirar e enaltecer os elementos de uma figura; do outro lado, a síntese, que estabelece não só o confronto e o paralelo entre a figura e a acção, mas reúne os organismos na sua ordem regular e científica, em demonstrações das causas para os efeitos e dos princípios para as conseqüências.

Tais são os dados gerais em que o seu espírito se desenvolve nesse conjunto de observações que se distinguem umas das outras, porque cada uma tem o seu lugar particular e estão em relação dentro da mesma sistematização. Os caracteres constitutivos da sua obra são todos êsses que a sua observação lhe traz no seu esforço de condensação, e, por muito condensar por vezes, não dá igualdade aos factores, desenvolvendo mais uns em detrimento de outros. Na sua análise, abandonado a si mesmo, os estados da alma e as associações de ideas transformam-se na unidade da sua consciência. Para que a reflexão analítica se aplique ao conjunto de fenómenos que, em barda, lhe assaltam a memória, é preciso que o seu espírito se sinta satisfeito e distinga os elementos. Procura discernir e estabelecer a distinção entre o elemento isolado e o elemento composto e, à medida que a sua reflexão se aplica a um novo facto, o assunto anteriormente pesquisado volta a reunir-se ao grande conjunto da base.

A condição da sua análise está na possibilidade de formar séries variáveis de aspectos, cujos termos não se confundem, estabelecendo a ligação. A sua vida constante de observador, vive nessa carreira espontânea de penetração e fusão gradual de estados psíquicos, onde se concebe a variada figuração de personagens históricos ou literários, sujeitos à transformação continua, transportando-os para o seu meio e fazendo-os vir até nós, em quadros em que as épocas e os tempos marcam sempre uma nota característica. O meio em que os faz viver, dentro das sujeições da análise, cada uma das partes que a êle se referem e são os componentes da sua característica, tomam uma propriedade de definição, entre a categoria, a biografia e o lugar. Temos a considerar, nestas possibilidades de analisar, que o meio influi sobre o carácter da figura e, se há diferenças



intrínsecas, tornam-se perfeitamente homogêneas na maneira de as encarar, e a observação concreta responde efectivamente a certas condições abstractas.

Êste mundo de seres que Teófilo Braga estudou destaca-se num conjunto de estados de consciência como um sistema sempre determinado. À medida que a vida dos seus personagens se desenrola, a figura cresce ou apaga-se e entra no seu lugar, atravessando a sua crise, e a sua localização afirma sempre um trabalho de coordenação mental e em particular a intervenção das sensações que o investigador teve, ligadas à sua acção no mundo em que viveram. A colocação dos personagens, no seu meio, não se limita à representação de posições ocupadas, mas a toda a influência exercida e da mesma maneira que o espírito liga os fenómenos uns com os outros pela sua situação, no meio da exterioridade; da mesma maneira êle descreve as diversas representações. A sucessão dêstes quadros concilia a diversidade de assuntos, apesar de lhe aplicar novas determinações, novas condições de vida, para a organização do seu estudo. E contudo os caracteres gerais salientes na sua variada produção afirmam uma curiosa ligação à individualidade. Sòmente encontram-se em destaque diferenças características entre a figura e o meio; as figuras têm sempre uma sucessão de factos a emmoldurá-las e o meio é um conjunto de acasos políticos ou sociais, simultâneos, que fornecem a visão de uma época ou o choque de um conflito.

Para completar esta impressão sôbre a maneira de um trabalho mental, vamos à síntese, que é o complemento da análise, e que organiza os seres em linhas, em lugares fixos e os resliga, entre êles, nas mudanças que se produzem no decorrer do tempo ou da vida. Para êste trabalho paciente e laborioso, êle faz apêlo a todas as sensações que lhes dão uma nota de movimento, simplificando-as, e vemos que elas dominam no seu mecanismo de ordenação e se destacam da consciência, porque guiam os esforços, condicionam as experiências, de maneira que êle adapte ao seu fim, os movimentos de uma obra. A síntese sai com simetria, à medida que o seu esforço se prolonga em séries continuas, e transportam-no às combinações de factos aos quais ela se associa. Às vezes as imagens podem ser duplas, desviando-se em duas linhas distintas: uma, seguindo o curso da idea geral, outra seguindo o curso do fenómeno; e assim, essa associação natural, têrmo a têrmo, dá a sucessão de movimentos, destacando-se da vida geral como estado dominante. Resulta que, por intermédio de apreciações e pelas experiências repetidas, as conclusões saem em bloco e impõem-se como resultado prático, assim como as concepções. A figura é um todo central que não se confunde, nem que os elementos



NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Reprodução da *Ilustração Portuguesa*, 1910.



a modifiquem. Nós não vemos só as roupagens de uma vida, nós não encontramos só a luta de um ser com o seu meio, representa-nos, no seu desdobramento, a vida mental, psíquica, dolorosa do personagem, nos seus altos e baixos, nas suas crises e nos seus desfalecimentos. Assim os olhos vêem-no como se erguesse de um plano que a nossa perspectiva delineasse, e vamos seguindo os seus movimentos, a sua vitalidade, dando à imagem a orientação; e, logo, pela continuidade se faz a concepção do conjunto, ao mesmo tempo que o nosso espírito dá a cada acontecimento a percepção de seres tam diferentes, e que o mestre soube destacar, apesar da distância que os separava, tornando-os definidos através do seu ponto de vista, que, mesmo que não esteja certo em muitos aspectos, têm sempre a nobilitá-lo a experiência de um estudo nas suas relações com os pormenores, em funções especiais, apreciando-se a distância pelo molde que lhe dá, ou, contrariamente, fervendo nesse molde o presente em comparação.

Desde que inicia a sua mais intensa obra da história da literatura portuguesa nos prolegómenos, que são a elaboração orgânica, começam logo as considerações sobre síntese afectiva, influências, o estudo da literatura grega; e nos factores estáticos inicia um capítulo importante para determinarmos o português: é a raça. Conceber é pois julgar. O núcleo de factos que constitui a representação de elementos é profundamente português; as imagens, que espontâneamente circulam, juntam ao próprio fundo uma afirmação, que toma um carácter de importância capital quando o historiador afirma a existência de uma raça portuguesa e se finca em tudo que pode obter para o provar, para a diferenciar do tipo ibérico, para estudar a Lusitânia dos antigos, pontos que são curiosos apontamentos da sua índole de patriota quando observa o estado de pureza das tribus lusitânicas, e acabando por falar da aspiração nacional de um povo.

Portanto há três pontos que salientam o seu nacionalismo, que vem da raça, se funda na tradição e se fecha na língua nacional. Êste princípio de nacionalidade apresentado por Teófilo Braga é um interessante fundamento para lhe estudarmos certas tendências e certas opiniões reveladoras, principalmente na alma portuguesa, a que chama «rapsódias da grande epopeia de um pequeno povo».

As suas razões nesse entrelaço de imagens de Portugal obedecem a uma lei de organização que se liga à natureza do nosso sentir; e as condições dêste trabalho mental, ainda que as imagens sejam distintas, tendem para o mesmo fim, para o mesmo culto, dentro de um centro geral que tem por base a edificação da Pátria; e, ainda que o seu espírito não possa fugir à necessidade de analisar, como base ainda, há um re-



conhecimento de certos factores que proclamam a existência nacional, ligados, não a uma imagem fantasista, mas a um desenvolvimento de afirmações edificantes e categóricas que o solenizam.

E mesmo o seu espírito tem a necessidade de fundar sôbre a natureza da sua nacionalidade certas leis pelas quais vai grupar essa reünião estável e coerente de símbolos de diversas espécies, que são as raízes da sua obra e que se ligam às modificações que surgem dessas representações.

A reünião de vidas no mundo exterior é por vezes variável e individual; mas essa reünião, desde que esteja organizada, tem uma ordem uniforme que é filosófica e universal. As razões que puseram em ordem êste ciclo de factos existe, não sòmente através de um indivíduo que passa, mostra o seu talento e a sua acção, mas numa infinidade de figuras, que saem de um motivo para outro, e que transitam, dotadas de faculdades e que perfazem a organização do seu estudo.

As suas realidades, sendo absolutamente independentes e querendo-se o historiador colocar fora de si, têm por vezes partes quiméricas; o espírito segue na sua visão, no que êle julga ser, e não pode isolar-se das suas tendências para atingir e determinar o que lhe é estranho. Teófilo Braga, entre as suas observações, dá tudo quanto possui; é êle próprio no sentir da sua existência. A realidade, como necessidade espiritual, a verdade, como afirmação de um estudioso que quer confirmar os fenómenos, funda-se em si próprio, passa sôbre os indivíduos com a sua luz crua, procurando movê-las no inquérito que o seu espírito quer completar; e, se não o realiza algumas vezes, o mestre tem a fôrça e o poder de lhes dar linhas que emmolduram com cuidado certos seres, que o colocam em relêvo, dando-lhes ténues e fortes, e fazendo-os sair dos esboços em que viviam, para os trazer para o mundo exterior.

Se por vezes há mudanças que se observam no decurso de uma biografia, essas mudanças dão lugar a afirmações novas, e, para que o seu pensamento esteja em harmonia com a acção do seu estudo, é preciso que coincida com os acontecimentos, é preciso que se antecipe nas suas considerações. Aqui e além há coincidências notáveis, não só as das lembranças que o passado lhe deixa, como no jôgo espontâneo de hábitos de vida, certas fórmulas, certas opiniões que êle transporta para o futuro; e à medida que os acontecimentos se desenvolvem, se modificam, transitam de uma a mais figuras, as experiências permitem ao seu espírito de se desdobrar em ampliações no decurso dos factos.

É verdade que os seus estudos não nos mostram uma uniformidade absoluta, e que as suas previsões não atingem, por vezes, fora do âmbito da scena em que se movimentam os fantasmas, mas nunca se fecha dentro

de preconceitos e não se resigna a caminhar ao acaso. Para que o trecho o satisfaça é preciso que corresponda, não só a um aspecto, mas tenha o valor de todos os aspectos reunidos na certeza do decorrer dos acontecimentos que se adaptem com justeza à ciência.

Diante dêle está a obra para a qual só tem contemplação, mas esta absorpção não implica nenhum esforço, seja para apreciar os factos, seja para tirar partido dos sucessos. O seu espírito absorve-se em observações. Entre êle e o que êle observa há uma perfeita unidade, e esta unidade não é um resultado laborioso; é ganha pelos acasos dos encontros da sua alma, com certos motivos sentidos por êle. Para que Teófilo Braga chegue a um tal estado de sentimento, é preciso que o acontecimento tenha um lado digno de admiração, porque é neste último aspecto que se avalia a grande transformação do espírito do historiador, marcando atitudes, tendo normas elucidativas; e afasta-se de tudo o que o podia preocupar, para que a sua concentração seja completa.

A preponderância e a firmeza que as suas faculdades ganharam entre alfarrábios, em desdobramentos contínuos e relevantes, aplicam-se a uma multiplicidade de fenómenos que ganhou para o investigador através dos apontamentos, um dom especial de expressão. É preciso tê-lo visto em face de um problema, anotando os seus comentários e apreciando-o ante o sentimento que procurara exprimir de variadas formas, tendo nas descrições evocações concretas em que a figura é desenhada em meia dúzia de linhas, lembranças pessoais, crítica, sugerindo-nos atitudes, tentando reproduzir exacta e fielmente o fim a que se propôs, — para podermos fazer uma idea dos seus dotes. Por vezes, na descrição, enveredava por outros pormenores, como associados, em que se via que nesse cérebro, simultâneamente, surgiam várias ideas, ao mesmo tempo, misturadas com as lembranças, e a execução ressentia-se neste ponto nas transposições e nas percepções.

E contudo, na sua obra, o escritor raramente mostra os estados subjectivos por que passa. As sensações dominantes que vêm até nós são todas intellectuais e só em certas circunstâncias especiais o mestre deixa a sua linha para entrar na pequenez da política e para enveredar por estradas cujo trilho lhe é infiel. Há nestes casos, largamente observados, immediatas faculdades de reacção a êste estado de espírito momentâneo e o seu temperamento pessoal, por vezes cáustico, navega na sua constante derrota a caminho do pôrto salvador, que neste caso é voltar à investigação da história. Nesses apontamentos perdidos por gavetas, em cadeiras, dispersos até no chão, atinge-se o fulgor dessa lucubração constante e persistente.

E esta absorpção faz ressaír da impressão do conjunto, o valor de uma erudição que é perceptível até nos esboços, nas notas, como *croquis* por acabar, em que em meia dúzia de palavras nos traz vasta riqueza, tam cheia de detalhes característicos, seja sôbre um personagem, ou sôbre um capítulo da nossa história, que se lhe pode apreciar a maneira como simplifica para que o compreendamos na dissertação.

O seu processo de estudar é simples e sóbrio. Rodeado de milhares de elementos, abertas as fontes que são os alfarrábios, Teófilo caminha maravilhado. Nascido do trabalho para o trabalho, só assim consegue, depois de sucessivas *étapes*, chegar a uma realização tam importante para o desenvolvimento de uma obra em que, no fundo, surge, como rajada, uma onda de poesia, apesar dos seus modos de criticar, porque se nota que o seu sonho se afirma impregnado de ser poeta, um poeta que, saindo da história, tivesse engrandecimento em certos factos históricos.

Se por vezes foi injusto, essa injustiça nasceu dos homens, da vida mesquinha em que teve de amachucar o melhor da sua existência, nesse labutar cheio de obstáculos numa terra em que o desgraçado escritor que quer ser independente é pôsto à margem, caluniado, criticado por tudo que há de miserável; e porque trabalha no silêncio, nesse empreendimento em honra de uma causa e de uma pátria a que dedicou o melhor da sua vida; e porque trabalha, sem descanso, quando os outros nada fazem; tudo isto junto, foi o suficiente para lhe dar calvário e injustiça muitas vezes.

Na maneira como interpretava e como reproduzia certos factos há feições que são reveladoras. Educado dentro da filosofia, fechado dentro dela e raramente consentindo a si mesmo sair dessa barreira, o filósofo por vezes dá lugar ao lírico e desenvolvem-se nêle duas tendências principais, que são a execução e a reunião de elementos combinados na sua mente perante a natureza do fenómeno e as sensações sentidas pelo seu espírito de português. Êste último aspecto é bastas vezes superior e coloca no primeiro plano os elementos subjectivos.

Para êle, ante o documento, o prazer reside principalmente em desejos de architectar qualquer cousa de grande, depois é que começam as concepções, que se vão ampliando até às impressões. A execução, pelo muito que produz e pela facilidade com que escreve, não lhe é penível. As ideas correm, deslizam rapidamente, afirmando um estímulo de luta e a necessidade absoluta de vencer. Nesta carreira desordenada, por montes e vales, afasta-se muitas vezes do seu panteísmo, para melhor observar os personagens, onde se descobrem possibilidades de aspectos novos que o satisfazem. A reacção de reprodução sôbre o original de certas figuras

históricas e de certos princípios metafísicos de onde tira as deduções, a linha objectiva tem faces curiosas e apresenta ligações entre o sentimento e a natureza, que se vinculam sem difficil penetração.

As suas realizações históricas traduzem-se sempre por telas desenvolvidas, em que entra muita e diferente figuração, dirigindo-se para uma verdade de moldes crus, que se acentua, nas grandes roupagens românticas; contudo, se profundarmos com atenção as *nuances* dessa imaginação, agregam-se a êsses trabalhos certos relevos, sentindo-se viver o seu lirismo e fazendo-o representar um papel capital na transposição de certas figuras para a realidade. Ainda que o investigador vá buscar os elementos à natureza, êles tornam-se preponderantes numa emoção que êle sente quando quere pintar qualquer capítulo de beleza.

Há a considerar, nas ideas gerais que explana, os pontos de vista, na extensão possível das análises se quisermos determinar a sua natureza. A generalização, procedendo do concreto ao abstracto, juntando os caracteres que fazem o fundo de uma construtura literária, vai da idea inicial de uma maneira comprehensiva até à idealização, vindo das altas esferas até aos pequenos nada's e combustionando-se no conjunto; e nesta forma de arcabouço erudito, o seu ideal reúne-se à idea de realidade concreta e perfeita na realização.

E acima de uma grande soma de factos que apparecem no seu espirito, como aspectos; e acima do entendimento e da imaginação na disposição geral de factos, apreciemos a sua vontade, que é realizadora de todas as concepções scientificas e o combate moral para um fim a realizar. Assim a sua moral é uma forma perfeita de actividade, e concebe e impõe-se e realiza.

Um outro ponto a estudar em Teófilo Braga são as reflexões trazidas por uma consciência esclarecida. Desde que nós penetramos na sua infância e nos resultados da mocidade, vemos logo affirmado o futuro homem nessa riqueza de energias espalhadas às mãos cheias e nessa resistência que não lhe conseguiu fazer dobrar o arcabouço, mostrando bem como a sua geração era firme nos propósitos e nos actos. Conscientemente, pouco a pouco, uma afeição ao estudo se desenvolve e o progresso acompanha-o dia a dia. E com os anos, que passam inexoravelmente, as suas reflexões não mudam de natureza, nem o seu sentir se modifica; evolucionam, elucidam-se em factos novos, desenvolvem-se.

A sua vida é clara, sem grandes acontecimentos, sem grandes reclames, apesar de certas alternativas; obedece a uma lei igual, orienta-se num sentido laborioso, e para lhe apreciar a firmeza temos que ir buscar todos os factos que se passaram no seu transitar de rapaz para homem,



como estudante, na sua miséria, na sua independência, sem que o menor acto de rebaixamento lhe pudesse tocar a estrutura moral.

O seu pensamento, como numa absorpção constante, consistia essencialmente em fazer uma obra e ser homem. E quando se pensa, vai-se buscar a vida à realidade percebida, com êsse reflexo embelezado pela idealidade que adeja em redor de todas as almas; nós projectamos diante de nós a visão de futuro que teve Teófilo Braga e que nunca perdeu e que se desdobra melhor à medida que vai realizando o seu empreendimento para poder esboçar o seu perfil. E por isso mesmo se verifica êsse acto positivo: essa série de volumes que afirmam o seu engenho, espalhados em todos os ramos, com noções de literatura e filosofia e história e outras sciências, dão-lhe, na sua universalidade, um carácter enciclopédico; e, ao mesmo, embrenhado sempre nestes assuntos, evidencia-se o aparecimento de um grande número de manifestações intelectuais, ricas de alegorias históricas, tentando realizar um poema que escreveu na língua portuguesa e que é fonte segura onde o caminheiro, que procura saber, encontra sempre qualquer facto que lhe interesse sobre costumes, crenças e tradições de um povo.

É através do seu sonho e conforme a êsse sonho que êle julga os acontecimentos. Mesmo que pretenda qualificar a realidade ou simplesmente verificar, todos os seus actos implicam percepção e divulgação. Pensar, pois, nessa realização é conceber a criação e representá-la em sucessivos apainelamentos. Essas telas imanentes à seqüência dos seus pensamentos e ligadas entre si, reúnem o fio condutor que o leva, e a vontade do autor manifesta-se, fazendo ver que não luta contra os obstáculos, se não antevê um fim digno que o persuada de prosseguir e erguendo o seu pensamento acima de si próprio e em direcção do mesmo fim, a sua alma de investigador e poeta.

E contudo, a par da poesia que nos quiere dar, o cientista surge logo na sua lógica, nas suas observações, nos seus comentários, procedendo da abstracção à vida concreta, qualquer que seja sempre a ordem na qual se desenvolve o seu pensar e mostrando neste progresso as suas tendências. As suas concepções, na especificação dos factos, devem ser observadas pela maneira determinada aplicada à sciência da natureza. Quando o professor observa um fenómeno, profunda um indício ou estuda uma causa, sugere-se logo uma hipótese que dirige as experiências e que procura confirmar na análise.

Esta relação entre factores, ou entre bases, é posta em foco com essa experiência de observação que lhe é particular e que se transforma em lei, no desenvolvimento das ligações diversas que a regem. Por essas leis,

graduadas em ambientes diversos, anotados os casos psicológicos, definidos os caracteres, surgem os géneros literários na ordem da natureza da causa e no tempo. Em todo este trabalho das épocas, Teófilo Braga não se limitou a receber as impressões que lhe trazem os arquivos e as descobertas — a sua ciência quer ir além na sua marcha vertiginosa: tenta profundar em estudos sucessivos e atingir uma espécie de vidência pelo espírito. Mesmo que às suas hipóteses não se aplique um ponto de partida, e a matéria de aplicação que lhe fornece a experiência e a revelação não seja completa, há contudo, sempre, no que faz, uma ponderada visão do acontecimento sob a idea directriz, o sistema da ordem, e ainda, em certos livros, a antecipação da razão sobre o facto.

Nas hipóteses verificadas e seleccionadas largamente, podia o historiador ficar sem exigir as relações particulares de certos factos de unidade; mas parece não ficar satisfeito. Para a sua índole investigadora é preciso não só confirmar o facto, procurar todos os indícios que com ele se relacionem, todos os efeitos vindos de qualquer acto conhecido, é também preciso mostrá-lo mais além nos seus dados, baseá-lo em provas numa afirmação absoluta por uma confirmação cabal. Vê-se que as suas descrições se caracterizam pela primacia da acção. Mas a corrente avassaladora das exigências de ordem prática é que oferece uma base de verdade à procedência ideológica.

A combinação das forças, que é o dinamismo de uma obra, com os seus tópicos, reúne os princípios às circunstâncias, agrupando-se em redor de influências heterogéneas.

Estas observações, estas anotações, estas impressões em que levou a vida, no sentido e na razão de ser de cada fenómeno e cada causa, trouxeram-lhe um desenvolvimento acentuado de faculdades em que a visão se completa e se melhora nos seus aspectos críticos, entre os múltiplos elementos de que dispunha a sua memória e pelas buscas a que se entregou e pela universalidade dos conhecimentos elevou-se a uma verificação importante de factos que, vistos através da sua maneira de ser, se desdobram em explicações sucessivas e notáveis.

Estes exames gerais, que profundam todas as investigações feitas, mostram como o historiador vai até às raízes da acção, esquecendo a superfície móvel e artificial, e, logo que o vemos pender sobre um acontecimento, as medidas de desenvolvimento de observação unificam-se no fundamento geral de conceitos.

Não há factos imprevistos que venham quebrar as suas observações científicas. As suas classificações feitas com cuidado combinam-se, no todo, para chegar à combinação superior. Nesta ascensão gradual, no

desdobramento dos capítulos, os esforços tendem sempre a surpassar o que está feito e descrito. As formas que nós analisamos na massa dos movimentos dos fenómenos estudados por Teófilo Braga, ao mesmo tempo que provisórios, tornam-se subjectivos, unificam-se na pluralidade de conhecimentos, e os delineamentos que se desenvolvem sobre os factos derivam deles, em quadros de maior ou menor esforço, applicando-se às transformações da vida na sua unidade e orientando-se no espírito da obra.

A ciência, para este homem que delineou uma das mais vastas combinações de trabalho mental, é mais que uma cópia; torna-se vida que aspira a um ideal em que as ideas são largamente definidas num mundo que realizasse um desdobramento de razões e de verdades, penetrando e esclarecendo os factores éticos e constitucionais. Esta idea é, de muitas maneiras, a que sugestiona as suas obras, fazendo esforços imensos para ilustrar e ordenar os grupos nessa união disciplinada. Trabalha como se quisesse realizar o romance de uma literatura; e, ao mesmo tempo, trabalha adaptando a esse romance a realidade fígada aqui e além, e o que elle pensa é idêntico do que deve ser.

Esta idea realizadora não é uma imagem simples, mas a unidade de muitas imagens que se ligam, se combinam em ramos, se completam e se tornam ideal. Não se limita a conceber o mundo como um sistema de leis onde se actualiza uma razão abstracta, elle representa-o como uma realidade viva, onde se encontra um pensamento que tende para uma harmonia de factores e para a mais completa série de doutrinas. Nada sai da sua mão que não tenha a vincá-lo uma suposta descoberta que se ligue à unidade do pensamento e que seja a realização intensa de um plano concebido e imaginado que se guia pela visão interior e procura constantemente tirar partido dos descobrimentos.

A sua ciência é pois toda positiva; porque se estende à humanidade em caracteres adicionados no indivíduo e em noções de ordem social; e a sua erudição quer juntar tudo que é verdadeiramente humano para mostrar as obrigações individuais e colectivas.

A verdade é quasi sempre a razão de ser do seu espírito. E dêste modo, a verdade perfeita, realizada em história, não é só uma base sobre que se funda uma obra, vai mais além, porque deixa antever o alto pensamento guiador. É para esse fim que tende o seu enorme esforço; e a aspiração que se funda nos seus livros precisa-se em cada aspecto do seu progresso intelectual, prolongando pela imaginação as linhas convergentes desta harmonia.

A sua vida intelectual, considerada através do seu temperamento e na sua idea geral, requiere uma noção infinita de aspirações pelo progresso,



onde se fixam as ambições, concebendo um sistema geral de ideias que têm unidade pela coerência lógica, revelando o seu desejo íntimo de produzir, construir e completar.

A sua alma inquieta vive de uma maneira abstracta nas sínteses que o seu entendimento sugere; mostra-se nas realizações da sua imaginação; e todo o seu labor se reflecte na sua vida progressiva que passa no seu meio e vai ao passado com essa segurança do ser que está seguro de si e das suas convicções. E nós assistimos a êsse trabalho contínuo. Nessas horas da manhã, cheias de recolhimento e paz, onde um ar de melancolia invade o céu, quando a vida humana sai do silêncio e do esquecimento, o escritor pende sôbre os seus papéis, estuda, confronta, acrescenta, comenta, pensa, observa. Distingue e fixa os traços de um organismo que pouco a pouco se desdobra em volumoso estudo.

E debaixo dessa impressão de realçar a nossa história, de a engrandecer, as páginas sucedem-se às páginas, os capítulos aos capítulos. Nesse silêncio religioso dêsse gabinete onde os livros sobem em pilha, como colunas que sustentam essa casa e abrigam êsse homem, uma nova obra elabora-se com frenesi, com paixão. À porta batem muitas vezes: o escritor não abre. Há horas em que não está disposto a receber ninguém. Só o trabalho existe para êle, o conduz, o domina e aterra-se de pensar que não completará êsse plano que traçou de antemão e que essa mão não trabalhe mais. Ante êle evoca-se a nossa história, a nossa civilização, a nossa vida. O seu fim, dentro da sua arte, como expressão da sua alma, é enriquecer o seu país com mais um trabalho, dar um exemplo de labor inestimável. Escolhe as imagens que lhe oferecem mais simpatia. O seu olhar erra sôbre o mundo e principalmente sôbre Portugal, nos seus recantos, nos seus tropeiros, nos seus romances de amor, nos seus cancioneiros, nos seus cavaleiros, nas suas artes e ofícios, nas suas formas belas que o encantam e cativam, e exprimem o culto nacional. E sôbre isso tudo, vê-se que não é o escravo do seu trabalho: domina o, dando-lhe os materiais necessários para a sua edificação. Quando juntou assim, nessa babilônia de saber, as formas que o seduzem, os elementos que completam a sua descrição, os planos dessa investigação poderosa, começa a reprodução e a junção de capítulos, o esboço de todo o volume. A par, sôbre a mesa, outros trechos, apontamentos para outros livros, muitos livros que não chegou a escrever, porque, se conseguisse realizar o seu sonho de produção, teria deixado a Portugal a mais rica bagagem de todos os tempos, que poucas nações se orgulhariam de ter produzido.

A considerar todos os ramos sôbre que tem elementos, essa colheita constitui um filão precioso e riquíssimo para quem se interessa por lendas



portuguesas. E de que maneira e com que violência as fôlhas seguem às fôlhas, nessa letra miúda, em quadrados pequenos; como isto aumenta hora a hora, páginas e páginas, e enquanto essa febre o domina, são centenas de linguados que essa mão escreveu, que se juntam e que formam grandes volumes, não havendo nada capaz de fazer parar essa produção, nem as horas de almôço, nem as obrigações sociais. Tudo ali vive e se ergue nessas manhãs que são para êle salutareis, que se desdobram em dias inteiros, no mesmo silêncio, esquecendo a vida.

Assim a obra acabada, ante êle abre-se sempre o horizonte estranho de novos trabalhos. A nossa história tem tanto que contar, tanta coisa dispersa, esquecida, que, para êle, coleccionador de apontamentos, não sabe mesmo como realizar, ao mesmo tempo, o que pretende.

E assim, pela tardinha, sempre insatisfeito, lá aparecia, buscando e rebuscando folhetada e livros vários, por essas lojas de Lisboa, mas principalmente, onde mais o víamos, era na antiga livraria Armando Tavares, onde passava horas de conversa, inquirindo sôbre o que tinha comprado e sôbre o que desejava obter. Depois seguia Chiado abaixo até ao Caldas Cordeiro, que nesse tempo era um centro de cavaco mais que uma livraria para comércio. Era nesta loja ao fundo da Rua do Almada, em que êle encontrava êsse escritor interessante, porque êsse Caldas Cordeiro, hoje esquecido, era um espírito cheio de cultura e curioso prosador, que lhe puxava pela língua e então era de ouvi-lo. Teófilo perdia essa serenidade de professor ante a marcha dos negócios políticos e a sua desilusão era manifesta. Por vezes afirmava que ainda havia de deixar um livro marcando tudo quanto a República trouxe de prejudicioso para o galarim, sem selecção, sem cultura e sem dignidade. Previa o que se ia dar. Nunca a excitação o tomava, como nessas horas, em que êle, tendo sonhado uma República de homens superiores, a via nas ruas da amargura por uma má administração e péssimo caminho. E depois calava-se, talvez arrependido de deixar a sua serenidade habitual. Voltava novamente a procurar alfarábios, trémulo e nervoso, sentindo que se abria na sua revolta, que era a de todos aqueles que sonhavam a sua Pátria entregue a uma missão superior de trabalho e de honestidade; e lá se ia, no seu passinho lento, levando debaixo do braço algum livro que Caldas Cordeiro lhe vendia por um preço módico, por ser para êle; lá se ia a caminho dessa sua casinha da Travessa de Santa Gertrudes, para se entregar de novo, no silêncio, à sua obra, a um trabalho fecundo, a um fim útil ao seu País e à literatura.

*Archer de Lima.*



## O CARÁCTER DE TEÓFILO



M gratíssimo cumprimento do amável e gentil convite — para mim honroso e indeclinável mandato — da ilustre Comissão promotora e organizadora dêste Monumento literário à Memória eterna e à imarcescível Glória do grande *Morto-Imortal*, aqui estou, pressuroso e devotado, com o meu humilde e descolorido cá-lamo, a tracejar estas linhas, que só têm o mérito de serem profundamente sentidas, e, portanto, basilarmente sinceras.

Outros, com mais competência, e, conseqüentemente, com mor autoridade e brilho, falarão do prosador e do poeta, do pensador e do erudito, do jurisconsulto e do historiógrafo, do sociólogo e do filósofo, do etnógrafo e do bibliógrafo, do polemista e do crítico, do professor e do cultor de variadas Ciências e Belas Letras.

Eu só falarei do *Carácter*.

\*

Ninguém, como Kant definiu o *Carácter* tam precisa e luminosamente.

No profundo conceito, na definição lapidar dêste grande filósofo, que a reduziu a uma fórmula geométrica, sem deixar de ser profundamente filosófica, o *Carácter* é «A CONSTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA».

Teófilo Braga tinha a verdadeira e lúcida noção, o fundo e basilar sentimento da *Consciência moral*, e bem gravada nesta a *constância* do pensar, sentir e obrar, lógica e congruentemente firme, e rectamente de conformidade com uma *Ética* superior. Exemplificou-o disertamente, e exuberantemente o provou, na sua longa, fecunda e esplendente existência.

Aí estão a demonstrá-lo, com sugestiva eloquência, muitas das suas acções e muitos dos seus escritos.

Para não alongar demais êste modestíssimo trabalho, limitar-me-ei a citar:

— Aquela admirável carta, repleta de ensinamentos e de proficiuíssima lição moral, endereçada de Lisboa, em 4 de Março de 1886, aos estudantes do Liceu Nacional de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, em resposta à dêstes, em que felicitavam o *Mestre* pelo seu quadragésimo aniversário natalício; carta em que, além da clara noção e categórica afirmação da *consciência moral* e da sua *constância*, se põe em relêvo uma das facêtas do seu nobre carácter: a *intransigência* para as ideias e a *tolerância* para as pessoas; a saber: — «Disse Augusto Comte que se deve toda a atenção às pessoas e a maxima intransigencia para as ideias. Infelizmente este principio anda prevertido; vê-se a versatilidade nas ideias e a adulação ou a objurgação cercando as personalidades; d'ahi resulta este cahos moral em que actualmente se acha a sociedade portugueza. Como novos, gravae em vossas *consciencias* este principio da veneração, proclamado pela philosophia positiva, porque, na grande crise por que tem de passar a nossa nacionalidade, o que mais se precisa são *caracteres inquebrantaveis*, para vindicarem as *ideias justas*».

Palavras proféticas de 1886; previsão scientifica e segura de um alto e profundo espirito de Sábio.

— Aquela outra carta, dirigida do Pôrto, em 8 de Julho de 1872, ao seu velho e grande amigo Francisco Maria Supico, então na sua querida Ilha de S. Miguel, em que se evidenciam outras brilhantes facêtas do seu egrégio carácter: como uma elevada *dignidade moral*, e característica *independência*; como a educação e o culto da *vontade*; o amor do *trabalho sério e desinteressado*; o enaltecimento da *solidão* e do *recolhimento* como perenes fontes de energia e de saber. Referindo-se, nessa carta, ao seu brilhantíssimo concurso a uma cátedra no antigo Curso Superior de Letras, hoje Faculdade de Letras, escreve: — «Apresentei-me em campo, não direi, como os heroes antigos, mas despido de influencias, de valimentos e de empenhos; levava comigo esse capital que se amontôa na solidão e recolhimento, com o trabalho serio e desinteressado. Isto chegou a produzir uma impressão profunda em volta dos que me estimavam, que me aclamaram professor e me julgaram eloquente, eu, que vivi sempre calado e sem habito de fallar em publico. Emfim, eu tenho educado a vontade, e posso afiançar-lhe que é a unica força consciente que existe no Mundo».

— Aquelas belas cartas, endereçadas de Lisboa, em 30 de Janeiro de 1903, e 4 de Janeiro de 1904, ao mesmo Supico, e em que revela outras

nobres facêtas do seu grande carácter: a *bondade*; uma certa e medida *humildade*; uma *gratidão* profunda; o culto da *verdadeira amizade*, que tem a sua expressiva fórmula naquele profundo conceito da latinidade clássica: — «*Amicus certus in re incerta cernitur*».

— Da primeira carta: — «A sua carta de 13 do corrente trouxe-me o perfume d'aquella primeira amizade que senti na vida, e que atravez de mais de quarenta annos nunca deixou de me temperar o espirito, dando-me a convicção de que a *força do seu character completo* é a *suprema bondade*. N'esta carreira da vida tambem me consola a ideia de que, por nenhum acto meu, tenho ligado á sua alma uma sombra, e desgosto vago de ter tido fé em um homem».

— Da segunda carta: — «A lembrança d'aquelle amigo, que encontrei no primeiro passo da vida, que me alentou com o bom conselho, e que, mesmo de longe, me acompanhou com affectuoso cuidado, é para mim uma religião. Refugio-me muitas vezes n'essas recordações, e nada tenho de mais grato e consolador quando evoco o passado. A vida de absorpção intensa n'um plano de trabalho, que sigo, é que me impede de conversar de longe comsigo; mas nem por isso deixo de o ter presente sempre em espirito, descançando na sua insondavel benevolencia.

«Agora envio ao meu amigo esses dois exemplares d'esse velho, que foi o pobre rapazinho em quem o meu amigo adivinhou qualquer cousa, scentelha vaga, que bafejou, quando tudo influia para apagá-la. É esse velho que hoje beija a mão ao Santo patriarcha, venerado por uma população inteira, porque a dedicação que teve por mim é a que votou á terra que o seu coração tornou patria adoptiva».

Efectivamente, Francisco Maria Supico — açoreano pelo coração, adoptando como Pátria a formosa e famosa Ilha de S. Miguel — era, como o seu dilecto e gratíssimo amigo, um *Sábio* e um *Santo*, a quem Teófilo deveu os primeiros e vigorosos impulsos, que o levaram à Imortalidade, iluminada pelo Sol da Glória, que é o Sol da Posteridade.

\*

Seria um nunca acabar se eu fôra a respigar em toda a sua vida e em todá a sua obra os rasgos de *Carácter* que as enfloram e nobilitam.

¡Pois foi, precisamente, neste seu superior atributo, neste grande e impoluto *Carácter*, que mais profunda e sangrentamente foi atacado, injuriado e caluniado!...

A razão está neste profundo e judicioso conceito de Tomás no *Elogio de Sócrates*: — «L'envie ne tourment point ce qui est obscure».



Mas, como disse o Poeta:

...nunca tirará alheia inveja  
O bem, que outrem merece, e o Céu deseja

*Lusiadas*, canto I, est. 39.

Certo é que, na vida de um homem, por mais preclaro que seja, e por mais nobremente transparente que haja sido a sua existência, tem muitas vezes mais influência o que dêle se *di*z do que o que êle *fa*z.

É velha e relha a máxima infame — de que muitos se servem, e nunca ninguém teve o cinismo de lhe assumir a autoria e a responsabilidade, antes as endossam aos adversos — «caluniai, caluniai; que da calúnia sempre fica alguma cousa...».

Depois há seres inferiores e vis, verdadeiros réptis, com face de homens, que, por fundos despeitos, mesquinhas invejas, ou interesses inconfessos, traem, enredam, intrigam, mentem e falsificam, num atro e tredo trabalho de sapa, como o da toupeira nas entranhas da terra, e refugindo à plena luz do Sol.

E êsses, por vezes, conseguem cavar profundos abismos entre seres destinados a compreenderem-se e estimarem-se.

Uma dessas situações foi esboçada entre mim e Teófilo por uma dessas toupeiras...

Foi o caso — que encerra lição, e, só por isso, o declino aqui — que, tendo Teófilo Braga manifestado, ao nosso comum e saúdoso amigo Costa Goodolfim, o desejo de possuir alguns dos meus trabalhos forenses, fui eu, pessoalmente, oferecer-lhos, e, entre êles, o meu livro *O Tabaco e o Alcool*, estudo médico, económico e jurídico (antropologia e educação); que, passado um mês, fui encontrar, em certa associação, que eu freqüentava, e não Teófilo, êsse exemplar com a minha dedicatória a êste, e ainda por abrir, ¡como a atestar o abandono e desinterêsse do destinatário pela minha obra!...

Indignado, queixei-me disto a Goodolfim, que, dias depois, me procurou e notificou que, falando com Teófilo, êste lhe dissera que lhe havia desaparecido, sem saber como, êsse livro; e, indignado, visara logo a toupeira... ¡que era, afinal, *um oficial do mesmo ofício*, e que me *cortava na casaca!*..

Já deu contas a Deus!...

E eis aqui como eu, suspeitando de Teófilo, poderia, por obra de tal falcatrua, ficar tendo-o em péssimo conceito, estando êle aliás inteiramente inocente. E no primeiro ensejo, bem pública e solenemente, Teófilo Braga quis afirmar o alto conceito em que me tinha e a lealíssima estima que me devotava.

Do volume *Primeiro Congresso Nacional de Mutualidade*, 1911, transcrevo o seguinte, com nobre orgulho, confesso-o, sob pena de ser averbado de faltar a esta outra «forme de l'orgueil qu'on appelle modestie, et qu'on est convenu de faire semblant d'avoir», como tam conceituosa como espirituosamente escreveu algures Alphonse Karr.

Da sessão, dêsse Congresso, de 22 de Junho de 1911, presidida por Teófilo Braga, e destinada a prestar homenagem à memória de falecidos apóstolos da mutualidade, destaco as seguintes passagens dos discursos do *Presidente* e do meu:

— «Esta brilhante sessão é consagrada aos grandes e beneméritos mutualistas, já falecidos, e especialmente a Costa Goodolfim, êsse tam grande e quási desconhecido economista, tam cheio de merecimentos e tam modesto, cujo elogio histórico vai fazer um homem de nome ilustre, que é honra e glória não só dos Açores, mas de todo o País, advogado dos de maior nomeada, escritor primoroso, orador eloqüente, cuja palavra rendilhada e expressão vernácula, como profundo e sabedor cultor da língua pátria, ides já admirar».

«Uma vibrante e prolongada salva de palmas cobre as últimas palavras do sábio Presidente.

«Dada a palavra ao Sr. Dr. Armelim Júnior, é êste recebido por idêntica demonstração, e, terminada, diz: «Permita-me V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, que, antes de usar da palavra para o fim para que me foi concedida, cumpra um gratíssimo dever de cortesia; gratíssimo ao meu espírito de pensador e à minha emotividade de homem de coração: saudar e agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> Saudar em V. Ex.<sup>a</sup>, não a qualidade oficial, não o Chefe do Governo Provisório, não o Ministro de Estado; mas o Sábio venerando, o grande Carácter, o velho e queridíssimo amigo. (Vivos aplausos). Saudar o sábio e o santo: sábio, pela vastidão e profundidade dos seus conhecimentos; santo, pela bondade e grandeza do seu coração; sábio, pela sua alta cerebração, santo, pela sua nobre emotividade.

«Quero, outrossim, agradecer ao venerando e glorioso Mestre as expressões carinhosas, a generosa benevolência e a rara gentileza com que quis enaltecer e honrar o discípulo modestíssimo.

«A Teófilo Braga aprouve recordar a nossa comum origem açoreana, para daí tirar motivos para generosos encómios, que penhoradíssimo agradeço». (*Ob. cit.*, pp. 495 e 496).

E a p. 512, finalmente:

«Terminado êste (*Elogio histórico de Goodolfim*), no meio dos mais vibrantes e prolongados aplausos, o Sr. Dr. Teófilo Braga dirigiu-se à mesa de onde discursara o Sr. Dr. Armelim Júnior, e, abraçando-o e felicitando-o

pelo seu notável e brilhante trabalho, conduziu-o à presidência e retirou-se. Então o Sr. Dr. Armelim Júnior, tomando a palavra, disse: «Mais uma gentileza e estremada bondade do Mestre e amigo. Quis outorgar-me mais esta honra, que agradeço, mas declino. Tem presidido até aqui o Chefe do Governo; cabe agora presidir o ilustre Chefe do Distrito, a cuja alta inteligência e nobre carácter me apraz prestar agora aqui o meu rendido preito». (Muitos aplausos).

Presidiu, pois, o também já falecido Dr. Eusébio Leão.

\*

Terminando:

Na sua longa, operosa, fecunda, utilíssima e luminosa existência, quantas daquelas *toupeiras* não encontraria o Sábio e o Santo no seu glorioso caminho!...

Mas nem sempre teria a felicidade que ambos tivemos, no meu caso, de descobrir logo a toupeira, contraminar-lhe o trabalho de sapa, restaurar a verdade e a justiça, e não deixar prevalecer desonrosa suspeição sôbre tam nobre e lídimo CARÁCTER.

Se bem que, na bela, expressiva e lapidar máxima oriental: — «A lama

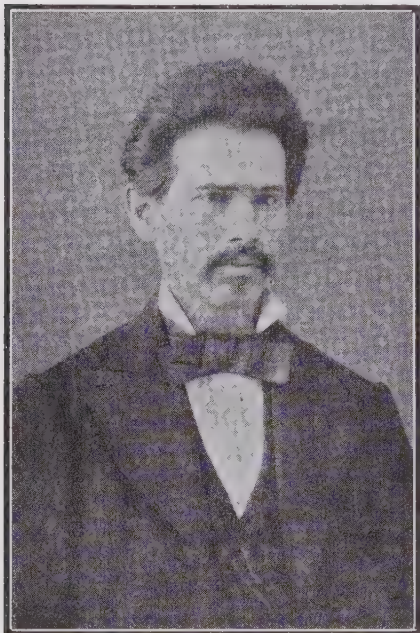
pode esconder o rubi; mas não pode manchá-lo» — para significar que a lama da falsidade e da mentira, da impostura e da calúnia poderá esconder o rubi da verdade, da justiça e do bem; mas nunca o poderá manchar.

Tarde ou cedo reaparecerá em todo o seu fulgurante brilho; como agora aqui, de Teófilo Braga o seu grande e nobilíssimo CARÁCTER.

\*

Em tempo e adindo:

Após haver redigido e entregue aquele meu artigo, sugeriu-me a idea de o documentar com um livro notável, que encerra o mais eloquente depoimento pessoal de uma escritora ilustre, que mais intimamente privou com o Mestre insigne, de quem foi discípula dilecta, a minha sempre querida e venerada amiga, Sr.<sup>a</sup> D. Olga Morais Sarmiento da Silveira.



TEÓFILO BRAGA NO ANO DE 1872



No seu último livro, *Theophilo Braga (Notas e Commentarios)*, 1925, a preclara conferencista e brilhante escritora do *Problema Feminista*, das *Mulheres Illustres*, de *A Marquêza de Alorna*, de *A Infanta D. Maria*, das *Impressões de Viagem*, de *La Patrie Brésilienne*, e de *Sa Magesté la Reine Amélie de Portugal*, diserta e comovidamente diz o que pensa e sente acêrca do seu grande Amigo e Mestre, roborando e documentando a minha tese — *O carácter de Teófilo* —, pondo em relêvo, com emoção e brilho, o seu inalterável bom humor, a sua incomparável bondade, a sua acendrada sensibilidade, a sua tolerância para com as pessoas, sem quebra da sua intransigência nas ideas e pareceres, o seu intenso apostolado moral, o seu constante amor ao trabalho, a sua admirável solicitude em ensinar ignaros, espalhar ideas úteis e sentimentos elevados, inspirando nobilíssimos ideais.

Começa por recordar e descrever o aristocrático *salão* da nobre Senhora Condessa de Proença-a-Velha, «*throno de um pontificado artistico, intellectual e mundano*», em tórno do qual esplendiam superiores individualidades dos dois sexos, como a própria Condessa e D. Olga; como D. Maria Amália Vaz de Carvalho, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide), e D. Virgínia de Castro e Almeida; Dr. António Cândido, Conde de Sabugosa, Ramalho Ortigão, Cristóvão Aires, Batalha Reis, António Correia de Oliveira, Alexandre Rey Colaço, e outros.

Depois destaca a figura inconfundível do Mestre nesse meio peculiar e requintado, pondo-a em relêvo nestes expressivos termos:

— «Theophilo Braga era um dos mais illustres e dos mais assíduos frequentadores do *salão* da Condessa de Proença-a-Velha.

«Guardo a nitida visão do vivissimo respeito com que o rodeavam e o tratavam todos aquelles de quem fallei.

«A voz do Mestre era escutada e respeitada; as suas palavras eram ouvidas n'um silencio reverente; e, quando elle entrava, baixo, sorrindo a uns e outros com uma meia humildade feita de bonhomia, não de servilismo, havia n'aquelle grupo, que estava longe de ser uma reunião de mediocridades, essa indefinivel sensação que provoca sempre em taes meios a entrada de — Alguem.

«Em plena Monarchia, e n'um requintado centro que era marcadamente monarchico, por situação, por sentimento, por indole, Theophilo Braga era querido com uma especie de veneração, que o seu vasto saber, o seu alto merito, e a sua encantadora modestia, lhe conquistavam sem discussão».

Rememorando as «*horas inolvidaveis*» — das quais data a sua «*mais funda admiração por Theophilo Braga*», e a sua «*mais sentida ternura*



*pela sua memoria*» —, em que êste, a pedido dela D. Olga e da Condessa de Proença-a-Velha, fez às duas «*um curso de litteratura*», escreve:

— «Alternadamente, o Mestre expunha durante uma hora o assumpto que se propuzera versar, ou deixava que o interrogássemos sobre o que mais nos interessasse saber.

«Quantas vezes aconteceu, a uma pergunta nossa, Theophilo Braga começar uma dissertação em que, durante quasi duas horas, exgotava o assumpto com uma erudição, uma clareza, um interesse, que nos deixavam positivamente maravilhadas!

«A despeito de ter as suas ideias, marcadamente definidas, a sua grande intelligencia punha-o a coberto de ser um intolerante ou um fanatico.

«Era um sabio, um erudito, um sereno investigador.

«Mais d'uma vez, já depois da implantação do actual regimen, tive ensejo de ouvir o Mestre aplaudir-me por ser fiel, inquebrantavelmente, ao meu credo politico.

— «*Faz muito bem, faz muito bem...*» — dizia-me elle com a sua voz pausada, — «*Não ha peor praga que a dos CAMALEÕES...*».

Pondo em relêvo uma das facêtas do carácter de Teófilo, escreve a ilustre autora:

«Havia em Theophilo Braga aquella *indomavel tenacidade* que o destino concede aos que talhou para a victoria».

Depois exalta e comprova a imensa *bondade* de Teófilo; mas bondade que nunca capitulava, descambando em fraqueza, em pusilanimidade.

Assim é que «O Mestre era ciosamente avaro da sua admiração».

Não a prodigalizava; não a dava a *qualquer...* mas tam só, e exclusivamente, ao verdadeiro e real merecimento.

«Se elle tivesse tido perto de si, como teve Anatole France — escreve a ilustre Critica —, um secretario muito indiscreto como o soube ser, com inegavel espirito, Brousson (*Anatole France en pantoufles*), não ficariam para sempre perdidas algumas apreciações crueis, mas extraordinariamente incisivas, com que o Mestre se comprazia em definir certas individualidades, segundo elle mais devedoras ao *reclame* do que ao merito proprio».

Foi tempo. Hoje a opinião pública, mais esclarecida e experimentada, tem o bom senso pratico e prudencial de extremar profundamente o RECLAME JUSTIÇA, com todo o seu cortejo de obras e merecimentos, que o fundamentam e legitimam, do *reclame ridiculo*, vazio e inane, que só serve para expor o paciente no pelourinho da irrisão.

Armélím Júnior.



## POETA



DISCUTAM e apreciem outros os predicados do historiador, do filósofo, do crítico, do político. Para mim, acima de todos êsses predicados, vejo e admiro o poeta, mórmente na extraordinária e genial manifestação artística, que se chama

### *Visão dos Tempos.*

Vem de muito longe êste meu conceito e êste culto. Há mais de quarenta anos já eu escrevia e publicava as seguintes linhas, referidas a outra época ainda mais afastada: «Para mim e para muita gente, era êle, já nesse tempo (1868), um poeta de primeira plana, porque tinha publicado a *Visão dos Tempos*, a melhor obra de arte que lhe devem as letras pátrias. Só o poema da *Bachante*, na *Visão dos Tempos*, é de per si um título de glória. Opulência de seiva, aromas inebriantes, vivacidade de côres, todas as galas luxuriantes da florida Hêlade instilaram nos versos de Teófilo Braga a vida exuberante, que vislumbra dos mais perfeitos quadros dos artistas gregos».

Em 1868 efectivamente, ainda êle, quási ao sair da Universidade, aceitava pessoalmente o meu preito, preito de moço provinciano e ingênuo, que punha o amor à poesia acima das maiores tentações de celebridade e que, saindo da sua aldeia beirã e entrando na chamada Atenas portuguesa, não encontrou ali mais fiel representante do engenho poético, do que o desprotegido açoreano, que se chamava Teófilo Braga.

Outros o aclamavam já como propagandista da sociologia comteana; e outros o apontavam como continuador da sementeira democrática de



APONTAMENTO  
DE R. B. P.

José Falcão, Antero de Quental e Manuel de Arriaga, sementeira em que prosseguiu depois o meu talentoso condiscípulo Alves da Veiga, com os seus escritos na imprensa periódica, e o meu compadre e amigo Magalhães Lima, com a sua palavra fluente e a sua pena de apóstolo convicto.

Mas eu, tímido aldeão, não sabia nada de sociologia nem de política; e, quando Teófilo atravessava o pátio da Universidade, entre a Porta Férrea e a Biblioteca, soltando ao vento a sua velha capa de veterano, eu só via nessa capa a envergadura potente das asas de uma águia, que concebeu a *Visão dos Tempos*, cujas páginas, em grande parte eu conservava na memória; e, como as tinha de cór, às vezes sucedia que, vendo-o passar, eu monologava instintivamente, por exemplo, a *Canção do marinhheiro grego*, uma das jóias da *Visão dos Tempos*:

Já lancei ferro em Corintho.  
Terra assim de gregas belas  
nunca vi:  
por matronas e donzellas,  
de amor por todas, não minto,  
me perdi.

Mas quando arribei a Athenas,  
doido amor! que dura guerra  
soffri eu!  
Ai que saudades da terra,  
ao lembrar-me das pequenas  
do Pyreu!

Depois dêstes versos, perpetraria delito de lesa-arte, se hoje não cerasse aqui a minha prosa.

18-XI-1924.

*Cândido de Figueiredo.*



## MESTRE!



om as pedras que em vida lhe atiraram  
Bem se pudera erguer-lhe um monumento:  
Aos que a árvore de fruto apedrejaram  
Matou-lhes ela a sêde e deu sustento...

Quando vai alto o Sol no firmamento,  
De roda dêle as nuvens mais o aclaram;  
E, se a encobri-lo chegam um momento,  
Logo de sol as nuvens se douraram!

Mestre! se duma estátua precisasses,  
P'ra que no esquecimento não ficasses,  
O melhor pedestal p'ra ela — tenho-o

Por certo! — fôra a obra que deixaste:  
Obra monumental, em que exalçaste  
A Alma Portuguesa — e o teu engenho!

*Carlos de Lemos.*







## MIS RECUERDOS DE TEÓFILO BRAGA



TEÓFILO Braga es, sin duda alguna, uno de los hombres más grandes, más impares, que ha tenido Portugal.

Yo conocí á Teófilo Braga siendo Presidente de la República, cuando accedió á la audiencia que le pedí, enviandome su automóvil para conducirme al romántico y silencioso barrio de la Estrella, á la sencilla casita donde ha muerto.

No había querido dejar su modestia para ir á habitar en el palacio. Su automóvil, que servía para los amigos, apenas no lo utilizaba él; siempre en tranvía ó á pie, con su paraguas bajo el brazo, aquel paraguas inseparable, de tal modo que los lisboetas llamaban Teófilos á los paraguas.

En aquella entrevista, se elevó de tal manera el hombre intelectual y sabio sobre el jefe de Estado, que no pude hacer el artículo que deseaba *Heraldo de Madrid*. No hablamos más que de literatura. El ilustre Profesor conocía la literatura española tan bien como la portuguesa, había penetrado en su espíritu, había desentrañado sus problemas; su plática sobre el *Falso Quijote*, de Avellaneda, fué realmente asombrosa.

Conocer a Teófilo Braga era tener que respetarlo y que quererlo. Estoy orgullosa de la leal amistad que me unió desde entonces á aquel hombre insigne. Durante los dos últimos años de su vida yo iba casi todos los viernes á la casita donde vivía el hombre glorioso, desde la muerte de su esposa y de sus hijos, sin más compañía que una vieja criada.

Más que una casa era toda ella una gran biblioteca, llena de libros desde el portal. Se veían libros en los estantes, en las mesas, en las sillas,

en el suelo y en los tramos de la escalera. El anciano, ya casi ciego, conservaba siempre su espíritu juvenil y entusiasta. Se hacía leer todos los libros, escribía con pulso firme y cerebro luminoso, sin titubeo ni decadencia, pero á veces su pluma, sin tinta, pasaba sobre el papel sin dejar huella y sin que él lo notara. Se daba el caso de que este hombre de espíritu tan progresivo y liberal, era al mismo tiempo tan aferrado á sus costumbres que no había querido cambiar la clase de plumas con que tenía hábito de escribir, y se negaba á llevar lentes, pensando que eso era contrariar á la naturaleza.

Sencillo, bueno, con esa cosa de infantil que hay en las almas puras, Teófilo Braga se interesaba por todo, preguntaba, se informaba. Era una fiesta para el espíritu aquella conversación, con su voz menguada por los años, oyendolo pasar con ligereza de una cosa á otra, siempre ameno y profundo á un tiempo mismo, matizando su conversación con anedoctas y cuentecillos oportunos.

Conservaba una gran memoria y la sátira de su palabra, lo acerado y sutil de su crítica eran el terror de los que temían ser blanco de las frases que disparaba sin maldad, como un juego, como los niños que disparan majuelas con un canuto de caña.

Con su aspecto candoroso, lleno de bondad y su abrigo gris amarrado á la cintura como un sayal me hacía recordar, por una asociación extraña, a San Francisco, pero un San Francisco alegre y humano, en posesión de toda su virtud.

—Yo no me puedo morir antes de diez años — me solía decir el viejecito optimista — por que es el tiempo que necesito para acabar mi labor.

Y un día, meses antes de su muerte, me dijo:

—Tengo mucho miedo de caerme porque los viejos sanos y castos se mueren siempre por que se caen. Un amigo mío ha muerto de un golpe que se dió en la sien contra la mesilla de noche. Le tengo miedo á la mesilla de noche.

¡No pude entonces pensar que aquellas palabras eran una triste profecía!

Uno de los últimos actos públicos de Teófilo Braga, una de las últimas veces que salió de noche de su casita, fué para hacer mi presentación en la conferencia que di en el salon noble de la Academia de Ciencias. Conservo como una reliquia mi título de socio firmado por el repúblico insigne.

No puedo yo, en un libro donde escriben portugueses, hacer un estudio de la vida y de la labor de Teófilo Braga, como lo he hecho en España. Aquí todos lo conocen y lo admiran, por eso me limito á rendirle el homenaje en mis recuerdos personales.

Vista en conjunto asombra la vida y la actividad de ese hombre tan grande, tan sabio y tan honrado.

¡Que cantidad de dolor, de dificultades, de pobreza y de martirio hay en su infancia, en su adolescencia y en toda su juventud!

Y ese hombre sabe extraer la miel de la cicuta y templar su alma en la adversidad para lograr una mayor clarividencia y una mayor ecuanimidad. Yo he oído el relato de su vida de sus labios, lo he visto en toda su grandeza, en su honradez inatacable; he escuchado sus juicios sinceros sobre personas y cosas, y comprendo que la enemistad de algunas lo siga á la tumba. No se puede ser impugnemente tan grande y tan sincero, un gran carácter recto e inquebrantable, sin énfasis ni prosopopeya. El se lo debía todo á si mismo; jamás pidió nada á nadie, y en vez de darle le restaron.

Su asombrosa fecundidad ha recorrido todas las esferas.

En Teófilo está encarnado el patriotismo portugués; el amó al pueblo el penetró en su espíritu como pocos lo han hecho. Por eso realizó la labor de reunir en su *Cancionero Popular*, su *Romancero Geral* y su *Sylva de Romances* todo el *folklore* portugués. Es cierto que no escribió con frialdad de crítico desapasionado, sino «con la ternura de un padre orgulloso de los altos hechos de los hijos e indulgente con los desfallecimientos y flaquezas».

El á su vez inyectó una nueva savia al pueblo. No se hace toda la justicia que merece al gran innovador, que influyó tan directamente en la reforma intelectual que supuso la *Escola de Coimbra*, orientando hacía los grandes ideales de los hombres de la Revolución Francesa.

Para fijar esa influencia, para aclarar lo que Portugal debe a esa gran figura, me valdré de las palabras de otro tribuno ilustre, Magalhães Lima: «Es indudable — dice — que así como la Revolución Francesa nació en la Enciclopedia, así la República Portuguesa ha sido la consecuencia de la doctrina positivista que en cuarenta y ocho horas transformó un régimen que contaba ocho siglos de existencia y dió al mundo el espectáculo único y asombroso de su resurgimiento unido á su tradición».

Esa fué la obra de Teófilo Braga.



CASA DE TEÓFILO, EM LISBOA  
RUA TEÓFILO BRAGA

*Carmen de Burgos.*







## TRIBUTO DE GRATIDÃO



melhor homenagem que eu devo prestar à memória do grande mestre da geração que vai a extinguir-se é contar, com toda a simplicidade, um facto entre nós passado, há muitos anos.

Teria eu então os meus dezóito, enchiam-me o espírito as mais largas aspirações, como à mocidade do meu tempo, e rabiscava cousas vagas num daqueles jornalitos de rapazes, que por essa época pululavam, pirilampos literários em que se extravasava toda a juvenil ardência dos seus redactores, mas que tinham sempre curta e atribulada existência.

Cedendo à minha tendência para os assuntos históricos, publiquei uns artigos a respeito de Gomes Freire de Andrade, nos quais, como era natural da minha inexperiência, alguns erros passaram... e não pequenos.

Sucedeu ir parar o jornalito às mãos do velho periodista Joaquim Martins de Carvalho, o redactor do *Conimbricense*, e êste, sem saber se se tratava de um plúmítico ou de um experiente, tomou a férula de implacável censor e zurziu-me a valer.

Calcule-se o meu desapontamento! Foi ver marcharem por água abaixo todas as minhas veleidades...

Mas, dias depois, o meu saúdoso amigo Paulo da Fonseca diz-me:

— O *mestre* (era sempre assim que nos referíamos a Teófilo) quiere falar-te, vai no domingo a casa dêle.

E fui. Morava então Teófilo Braga na Rua de S. Luís, ocupando um modesto rés-do-chão.

Recebeu-me o *mestre* com a sua trivial bonomia, ofereceu-me o seu livro ultimamente publicado, a segunda edição da *Historia da Litteratura Portugueza*, e disse-me quaisquer palavras que me compensaram do desgosto que me havia causado a dura correcção do severo jornalista do *Conimbricense*.

Lançou-me assim na senda de publicista. À sua memória aqui deixo estampado este tributo de gratidão, e com elle o preito da minha mais profunda saúde.

*César da Silva.*



## CRÍTICO DE ARTE

**D**E longa data avaliei quanto Rafael Bordalo Pinheiro prezava Teófilo Braga, vulto primacial da literatura pátria, credor do preito de todos os portugueses, como prestante mentor filosófico-literário; como pedagoga, cuja sabedoria desbravou e educou umas poucas de gerações; como crítico político-social; como grande investigador e fértil publicista; como rara mentalidade, emfim.

Algumas dezenas de vezes vi reproduzido pelo insigne caricaturista, e sempre com justiceira deferência, o sapiente professor.

Desconhecia, porém, confesso, o vibrante protesto com que o Doutor Teófilo Braga abroquelou Rafael Bordalo Pinheiro, num processo ignóbil para a justiça, e para os juizes, assim como os louvores que o célebre caricaturista mereceu ao ilustre cultor da nossa história literária. Tudo exarado na p. 252 e seguintes das *Soluções Positivas da Política Portuguesa*, vol. segundo, que recentemente li, e num inédito, que vou ter a honra de tornar público.

Quando um homem, com a envergadura do Doutor Teófilo Braga, tal defesa assume e tais encômios subscreve, caem por terra muitas injustiças e muitas invejas malévolas, que votariam propositalmente ao olvido o mestre máximo da caricatura nacional, se o Museu Rafael Bordalo Pinheiro não houvesse ressuscitado a fama, larga e justificadamente alcançada em vida do glorioso caricaturista, ceramista e ornamentador.

Deram brado algumas ornamentações, devidas à fantasia ubérrima e famosa de Bordalo, em muitos espectáculos públicos, quermesses, festas



particulares, etc. A todas sobrelevou a do nosso pavilhão na exposição de Paris de 1889, louvada calorosamente por nacionais e estrangeiros.

Orgulho-me de encontrar na opinião insuspeita e respeitável do Doutor Teófilo Braga a justificação plena da criação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro e da sua doação à Câmara Municipal de Lisboa.

Logo no começo da alínea e) do livro citado, sob a epígrafe «Bordalo Pinheiro e a perseguição religiosa», o fecundíssimo escritor verbera, com desassombro e audácia, o facto de o caricaturista haver sido processado por publicar no n.º 199 de *O Antonio Maria*, de 22 de Março de 1883, em dupla página, uma espécie de paródia à «Ceia» de Leonardo de Vinci, e profliga com energia o atraso deprimente daquela época. O Doutor Teófilo Braga, logo nas primeiras linhas, chama a Rafael: *artista extraordinário*. Depois, afirma: «Nada mais triste do que ser vítima de tolos».

Ora, tolos, estetas de tarimba, zoilos imbecis, podem considerar-se todos que negam o prestígio glorioso de Rafael Bordalo Pinheiro, assim como a justa razão de ser do Museu, que lhe dignifica e eterniza o nome.

Nas belas e altaneiras páginas de justiça, a que me reporto, o grande escritor patenteia exuberantemente um forte senso crítico, uma vasta cultura artística, bem como larga documentação histórica da arte, principalmente a respeito da origem e vicissitudes sofridas pela célebre pintura de Vinci.

! Onde, porém, com mais entusiasmo o proficiente historiógrafo da literatura pátria exalta o caricaturista, que teve uma benemerente influência nos costumes portugueses, em geral, na política, na sagração dos artistas, na exaltação dos humildes, na mais ampla proficuidade pública, enfim, é numa exígua, mas brilhante e leal prosa, expressamente escrita para figurar num livro rafaélino, que circunstâncias ocasionais, imprevistas, deixaram inaproveitada até hoje!

São inéditas, pois, as palavras justas e sãs, que nos cabe a honra de aqui transcrever:

Rafael Bordalo Pinheiro é um artista completo desde a linha do desenho até às formas opulentas da escultura.

Animado pela compreensão crítica do seu tempo e da sua época, foi o representante do génio artístico da nação portuguesa.

A sua potência criadora dificilmente se podia submeter à pintura a óleo, porque é um trabalho lento, a sua valentia só se conformava com a pintura a fresco dos grandes quadros morais em que podia rivalizar com Kaubac. Infelizmente a sua época era de decadência, porque se limita aos reinados de D. Luís, ou da bambochata, e de D. Carlos, ou da paspalhice, não se prestando a temas da sua arte suprema. Teve de ser arrastado

muitas vezes a gastar a sua actividade na caricatura sobre indivíduos subalternos e situações banais. Neste ponto deixou páginas em que a arte traduz o protesto admirável da consciência recta e do seu espírito puramente democrático. *Antonio Maria e Pontos nos ii*, valem mais do que todos os documentos oficiais. Quem escrever a história desse período, ali tem a crítica acêrba, definindo os caracteres. Para exemplo vejam a caricatura de Alexandre Herculano, onde não há só a parecença material mas também o estudo etnogénico.

Rafael Bordalo era um grande *viveur* e com a sua bondade acedia a milhares de pedidos, deixando dispersos inúmeros pequeninos trabalhos, daqueles a que nenhum artista liga importância. Porém os seus têm o característico, o carimbo, do GÉNIO.

Ainda outra fase importante da sua obra é a de ceramista, quando tentou levantar a indústria regional das Caldas. Então a sua pujança era tal que até o próprio barro se desagregava, e saía-lhe das mãos em figurinhas microscópicas, delicadíssimas! Na jarra Beethoven pode-se admirar como êle sabia simbolizar.

Rafael Bordalo é uma grande e genial figura a que faltou o pedestal, que seria uma outra época, que lhe desse temas para a sua criação. Por isso dispendeu o seu espírito inventivo em belas caricaturas.

As ilustrações de Gustavo Doré, no *Paraiso Perdido*, no *D. Quixote*, e nas *Fábulas de la Fontaine*, são admiráveis provas da arte de desenho. Pois se Rafael tivesse ornamentado assim os *Lusiadas*, ou no desenho, ou na pintura moral, deixaria a prova mais evidente de que estava a par de Doré, porque Rafael é, repito, um grande e genial artista.

Teófilo Braga.

1922.

Afirma que o nosso ubérrimo caricaturista foi «animado pela compreensão crítica do seu tempo e da sua época», base fundamental do verdadeiro crítico, e de todo o homem cuja missão é morigerar, mesmo que seja rindo.

«Foi o representante do génio artístico da nação portuguesa». ¿Que mais se pode dizer para consagrar um artista no justo culto da Pátria?

«Deixou páginas em que a arte traduz o protesto admirável da consciência recta e do seu espírito puramente democrático». A consciência recta é apanágio de raros e suma qualidade dos críticos.

«*Antonio Maria e Pontos nos ii* valem mais do que todos os documentos oficiais. Quem escrever a história desse período, ali tem a crítica acêrba, definindo os caracteres».

Eis uma das fortes razões de ser do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, onde existem as colecções completas de todos os jornais ilustrados pelo grande subsidiário da história pátria, em Portugal e no Brasil, além dos que também ilustrou em Espanha, França e Inglaterra. Afora estes ele-



«SERMÃO DO ENCONTRO»

Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1881.

mentos de estudo, possui ainda o Museu na sua biblioteca, exclusivamente rafaelina — que só rafaelina deve ser porque tal foi o intuito do fundador do Museu e porque a missão da biblioteca é restrita — todos os livros, folhetos, jornais, etc., que Rafael Bordalo Pinheiro ilustrou, bem como a maioria mais ampla de livros, folhetos, jornais, etc., que a êle se referem.

Deixou «dispersos inúmeros pequeninos trabalhos, daqueles a que nenhum artista liga importância».

A máxima maioria dos *dispersos inúmeros*, nas condições aludidas, preciosos para o estudo de uma época e de todos os seus elementos constitutivos, também existe no Museu do Campo Grande a impor-lhe a acção educadora e civilizadora nos milhares de documentos elucidativos que encerra. Não só «trabalhos, daqueles a que nenhum artista liga importância». O Museu expõe alguns milhares de produções artísticas de grande fôlego e da maior importância.

Apraz-me salientar as palavras de justiça e todos os louvores transcritos por dimanarem de um alto espírito, isento dos ardis vulgares dalouvaminha, tam pronta sempre em adular, interesseira, os homens verdadeiramente grandes, emquanto vivos, e não menos pronta, a mor parte das vezes, na mudança para o descaróavel esquecimento, depois de estarem mortos aqueles que exaltou... ¡mesmo que tenham o *carimbo do génio!*...

Note-se que a prosa inédita do Doutor Teófilo Braga é muito posterior à morte de Rafael Bordalo Pinheiro.

Não foi só na «Jarra Beethoven» que o genial caricaturista simbolizou primorosamente; a «Jarra manuelina», que honraria qualquer museu do mundo, e que o abalizado pintor, Columbano Bordalo Pinheiro, considera, senão superior, de igual valia à «Beethoven», é, em tudo, um glorioso símbolo pátrio, uma síntese augusta das nossas prodigiosas conquistas.

A idea de serem os *Lusiadas* documentados pelo *extraordinário*, pelo *genial* artista, encontra-se, felizmente, em via de completa e magistral realização.

Honra-me e desvanece-me a amizade de um outro artista, Julião Machado, que já ilustrou quási oito Cantos do nosso imorredouro poema, por forma a exceder a previsão mais ampla de uma grandiosa e também imortal obra de arte. Êste colossal trabalho lembra o das antigas iluminuras, mas com tal rasgo, sem fugir à meticulosa documentação histórica, com tam inexcédível concepção, fantasia e perícia, que é verdadeiramente empolgante a sensação de pasmo causada por tam peregrina prova da mais complicada e soberba arte.



Julião Machado não se restringe a produzir uma excelsa maravilha, em toda a extensão da palavra, nas magníficas ilustrações do texto; escreve letra a letra, com beneditina paciência, todo o poema em formoso e impecável gótico.

Assim ficará realizado um alto, generoso e patriótico anseio do grande vulto da literatura portuguesa, que se chamou Teófilo Braga.

*Cruz Magalhães.*



## TEÓFILO BRAGA E A REPÚBLICA



TEÓFILO foi um dos maiores e mais persistentes demolidores da monarquia e, indubitavelmente, um dos principais precursores do novo regime. À medida que êle ia construindo a sua formidável obra literária, ia derruindo e escavando lentamente os alicerces das antigas instituições.

Nos seus discursos, nas suas lições, nos seus artigos e, sobretudo, nos seus livros, êle não poupava a realeza, demonstrando sempre, com bem deduzida argumentação, as vantagens da fórmula republicana democrática. E morreu fiel aos seus princípios, sempre coerente com as suas primitivas ideias.

Camilo, outro colosso da literatura nacional, tinha uma instintiva antipatia pelos Braganças, mas, lisonjeado pela visita que lhe fez, em 2 de Março de 1872, D. Pedro II e principalmente pela concessão do título de Visconde de Correia Botelho, calou-se, chegando, a pedido do seu velho amigo, Dr. Bento de Freitas Soares, então governador civil do Pôrto, a inutilizar as sete fôlhas já impressas da *Infanta capellista*, romance que, segundo afirma o Sr. Alberto Pimentel nas *Memórias do tempo de Camilo*, «visava agressivamente a casa de Bragança».

Teófilo nunca transigiu e cerrou os olhos sem nunca ter saído da sua habitual modéstia.

Seria interessante transcrever as passagens da sua obra em que o insigne escritor manifesta uma grande esperança pelo próximo advento da República e em que faz a apologia entusiasta desse regime político.

Mas isso alongaria demasiadamente este artigo. Em todo o caso, não fugimos à tentação de trasladar para aqui a profecia de Teófilo, exarada em 1892, na introdução do seu livro *As modernas ideias da litteratura portugueza*:

... n'estes ultimos annos o systema constitucional perdeu os seus grandes esteios, andando aos tombos dos doutores coimbrões, cahindo nas mãos de jornalistas e dismantelando-se na impotencia moral. Cada anno que avança vae simplificando o caminho da nossa emancipação politica pela eliminação natural dos atrasados elementos conservadores; já não temos generaes lendarios e prestigiosos, nem ministros encartados. Assim, a nação vae-se achando entregue a si mesmo, porque a realza cae de per si como um corpo extranho e sem destino no nosso organismo nacional. A Republica em Portugal é uma aspiração da consciencia, e ainda mais, é uma consequencia implicita na ordem das cousas.

;Devemos confessar que é um perfeito modêlo de previsão!

;Mas nunca o autor destas precedentes linhas de prosa suspeitou, ao escrevê-las, que seria êle o primeiro Presidente dessa República!

Também não desejamos fazer agora o comento da sua acção como chefe supremo da Nação Portuguesa, notando tam sòmente que o nosso antigo professor, pelo seu à vontade, pela sua obstinada desobediência às mais elementares praxes protocolares, não podia exercer, a contento de muitos, as altas funções representativas que o cargo exige.

Êle mesmo devia encontrar-se por vezes contrariado e falho de habilidade para as contumélias officiais.

Teófilo só se sentia bem na sua casinha da Travessa de Santa Gertrudes, rodeado dos seus livros e dos seus papéis. Foi ali que êle orientou várias gerações e lhes insinuou o credo moderno.

A sua propaganda era lenta, mas persistente, infiltrante e sugestiva.

Um espírito muito culto da nossa terra, republicano autêntico e dos que mais contribuíram para a implantação do regime actual, vinha nos últimos tempos criticando acerbamente o grande mestre da literatura portugueza, pondo nos seus ataques uma violência que sempre nos pareceu demasiadamente injusta porque, acima de todos os defeitos que possamos descobrir em Teófilo, sobreleva esta extraordinária virtude, a de êle ter sido sempre um português de lei, amando e nobilitando, como poucos, a sua Pátria.

Não seria um dirigente na pura acepção da palavra, mas, afinal, êle nunca o quis ser nesta terra de videirinhos e de nocivas mediocridades, neste abençoado país onde têm conseguido triunfar muitos pseudo-dirigentes, alguns dos quais, pela sua falta absoluta de carácter, de intelligência e de bom senso, nem sequer serviriam para chefiar o mais sertanejo pôsto



PELO CÍRCULO 95

Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1881.

policial, se os homens de autêntico valor não se tivessem remetido, de há muito, a um lamentável isolamento, que nós ousamos classificar de verdadeiro crime de lesa-pátria.



Teófilo tinha um soberano e profundíssimo desprezo por essa gente, êle no-lo confessou, poucos dias antes de morrer, na sua quási minúscula salinha de jantar, quando lhe levámos as fôlhas impressas de um livro nosso em que o eminente literato se dignou colaborar<sup>1</sup>.

É que êle conhecia bem os homens do seu tempo, a cabotinagem literária e política da sua terra e, como definia sem comiseração os primeiros e nunca lisonjeou a segunda, daí o chamarem-lhe azêdo e impertinente, daí o atribuírem-lhe uma alma caínha, a ressumar ódios, um coração duro, sem afeições. E agora, mais do que nunca se põem em relêvo, com uma impertinência deveras irritante, os defeitos de Teófilo, sem se enaltecerem as suas virtudes.

É sempre assim. Quando a morte derruba os grandes génios, aparecem logo, crocitantes, os críticos diplomados pelos cafés da Baixa a denegrir-lhes a memória, deprimindo-lhes as qualidades, apoucando-lhes o valor, e salientando os seus defeitos, numa irreverência que causa nojo.

Foi o que sucedeu após a morte de Camilo, de Eça e de Fialho.

O bando não tardou a chegar e então vá de desfibrar-lhes a reputação, numa ânsia de rapaces, uns por vingança, outros por sêde de notoriedade e ainda outros por estupidez.

¡E até aqueles que em vida se diziam seus grandes amigos e admiradores lá vieram na revoada dar também a sua debicadazinha!...

Pois a nossa admiração e o nosso respeito pelo venerando mestre é que não esmoreceram. Cai-nos o olhar, por acaso, sôbre a seguinte dedicatória com que êle valorizou o último livro que nos ofereceu: «A E. do Amaral antigo discípulo, hoje colega e sempre amigo».

E é o velho discípulo, o amigo de sempre que, reconhecendo a sua insignificância, mas obrigado pelo dever a redigir estas linhas, hoje lamenta bem sinceramente não poder render-lhe senão algumas palavras de homenagem, tam destoantes no meio daqueles opulentos e bem acepilhados artigos que vão ser arquivados no seu *In memoriam*.

Elas são apenas modestas rosas silvestres lançadas saúdosamente por alguém — que nada é — para o monte de flores com que amigos e admiradores vão construir êsse importantíssimo monumento consagrado a um dos mais brilhantes e mais fecundos escritores da moderna literatura portuguesa.

Lisboa, Janeiro de 1925.

*Eloy do Amaral.*

---

<sup>1</sup> O *In memoriam* de Anibal Fernandes Tomás, organizado por Elói do Amaral e Cardoso Marta.



## GALICIA Y TEÓFILO BRAGA

**S**i con los albores del año 1923 se señala una tristísima efemerides en los fastos gallegos, los del subsiguiente, 1924, nos ofrecen otra fecha dolorosísima. En 1923 sufre Galicia la irreparable pérdida de su ilustre historiador Manuel Murguía y, en 1924, tenemos que llorar, compartiendo el duelo con un pueblo hermano, la del gran polígrafo Teófilo Braga.

La muerte de Teófilo Braga no afecta tan solo a Portugal sino que afecta a nuestra tierra gallega. Al investigar el docto profesor el pasado glorioso de su literatura patria, que es en parte la nuestra, le somos deudores los gallegos de luminosos estudios que aclaran y determinan la acción pretérita de las letras galaicas.

Por eso, como tributo de veneración a su esclarecida memoria, creemos oportuno reproducir, pues suponemos sea desconocida en su país, la hermosa y sentida carta que el egregio profesor dirigió a nuestro llorado Murguía en el 80 aniversario de su natalicio.

He aquí ese documento, revelador del afecto que Braga profesaba a nuestro país y del gran interés con que seguía todo cuanto se relacionaba con Galicia, por tener con Portugal un mismo origen, una misma lengua y una misma tradición.

Senhores:

Com o maior entusiasmo, á homenagem prestada n'este dia ao glorioso patriarcha das Lettras gallegas, D. Manuel Murguía, venho como portuguez apresentar-lhe a expressão mais significativa e fundamentada da admiração que bem merecem os seus trabalhos. Nos nossos Cancioneiros

trovadorescos dos seculos XIII e XIV, o filão do lyrismo gallegio-portuguez vem revelar a primitiva unidade da Lusitania, representada pelas duas Patrias — Portugal e Galliza —, desmembradas por accidentes da reconquista neogótica e desconhecendo-se pela obliteração do passado social. O desenvolvimento dos estudos historicos em Portugal e na Galliza devia conduzir do ressurgimento moral d'estes dois fragmentos luso. Don Manuel Murguía ergueu, na sua *Historia da Galliça*, o monumento imperecível, em que pelo criterio scientifico reconstitue esse estado iniciador da civilização peninsular, tão cedo abafado pela incorporação castelhana. Em Portugal a obra de Murguía correspondia á obra de Alexandre Herculano na forma, mas não no espirito; na sua *Historia de Portugal* considera a nacionalidade formada pela implantação de colonias asturo-leonezas, desprezando os elementos anthropologicos e ethnicos do territorio luso.

Todos os continuados estudos de D. Manuel Murguía, que se concentraram na realização da *Historia da Galliça*, deram-lhe um mais largo e seguro criterio, de que não dispõe o simples cronista regional. É por isso que esta obra importante fortifica a consciencia da autonomia portugueza tantas vezes amesquinhada pelos delirios megalomanicos do imperialismo iberico.

É, portanto, um dever moral para nós, os portuguezes, cooperar sympathicamente a esta homenagem hoje prestada a D. Manuel Murguía, ao attingir esse pincaro da vida, completando os seus bem preenchidos oitenta annos.

Gloria ao sabio historiador, que cimentou na sua obra o titulo da vida ethnica da sua patria, que ainda mantem a caracteristica d'aquella raça á qual pertencemos, e que tira as suas energias da eterna esperança.

Lisboa, 17 de Maio de 1913.

*Theophilo Braga.*

Asóciome de todo corazon al perdurable testimonio de reconocimiento en honor y gloria del eminente Teófilo Braga, uno de los mas esforzados paladines del sentimiento nacional del pueblo luso.

¡Amor y respeto a su venerada memoria!

Coruña, Noviembre de 1926.

*Eugenio Carré,*

del Instituto de Estudios Gallegos.



## TEÓFILO BRAGA E A SUA «PENÚRIA» EM COIMBRA

**T**ÉOFILO Braga, que desde a infância vivera com uma madrasta, que em vez de pão lhe dava pau, quando, em 17 de Abril de 1861, entrou em Coimbra para repetir os seus preparatórios e formar-se em Direito, já trazia a sua mente calcinada pelo espírito da economia. Com dezóito anos de idade, apenas, dir-se-ia que os tormentos do lar lhe haviam dado cinqüenta anos de experiência. Entrou, pois, na cidade dos doutores, certíssimo de que havia de vencer todas as dificuldades, embora, como recursos certos, tivesse unicamente duas libras de mesada, que seu bom pai lhe prometera enviar pontualmente.

Chegado a Coimbra e instalado em casa do Dr. Filipe de Quental, no Largo da Sé Velha, poucos dias depois, Teófilo, pela mão de Antero, entrava no convívio de quási todos os estudantes literatos, que desde logo passaram a considerá-lo espírito fino e erudito para a sua idade. Teófilo, porém, pondo em balanço os seus recursos financeiros, achou que o melhor era recolher-se aos estudos, conviver por tabela com os colegas, e fazer mundo à parte. E assim, satisfazendo ao seu feitio, encontrou por igual a melhor forma de se sair da rascada e de evitar a onda dos estúrdios que, em ocasiões críticas, o poderiam pôr fora do orçamento. Habitado como vinha à leitura e à escrita — pois já havia publicado em Ponta Delgada, aos dezasseis anos, o seu primeiro livro, *Folhas Verdes*, e ali fôra também um dos principais colaboradores do *Meteoro* e *Santelmo*, periódicos da terra —, foi-lhe fácil, e até agradável, o recolher-se a esta espécie de isolamento, imposto pelas circunstâncias, para melhor se poder entregar



aos seus estudos predilectos e às suas lucubrações poéticas, que então cultivava com todo o entusiasmo. Mantendo, pois, relações com toda a rapaziada, que em Coimbra entretinha a labareda da imprensa, o seu espírito metódico e algo desconfiado nunca se esquecia de que só tinha a elasticar as duas librinhas do pai. E o caso é que, segundo elle confessara numa carta ao seu amigo Supico, «das duas libras ainda lhe crescia algum dinheiro que bem aproveitado podia remediar um extraordinario». Como elle conseguia êsse milagre económico sabemo-lo nós, graças ao seu amigo Supico, que teve o cuidado de guardar religiosamente as cartas que elle lhe enviava para Ponta Delgada.

Numa dessas cartas, publicadas no belo volume *Mocidade de Theophilo*, dizia-lhe elle: «Gasto diariamente 135 reis em comestiveis, incluindo o azeite da candeia». Dêste modo, como nunca entrava em pândegas, nem tampouco nos cafés, até conseguia ainda amearhar para estar sempre prevenido.

Mas um belo dia, um estudante seu patricio, desconhecedor do *deve e haver*, surpreende-o a receber as libritas da mesada. Vê-las réceber e pedir-lhas emprestadas foi dito e feito. Teófilo não teve coragem de resistir e... Mas vale a pena transcrever a carta por elle dirigida ao seu amigo Supico. É assim concebida:

Vou relatar-lhe um facto muito particular e para o que peço toda a reserva. Como as ferias grandes começaram muito cedo por effeito das festas da acclamação de D. Luiz, os estudantes deixaram rapidamente Coimbra. O meu patricio H. tendo-me visto receber umas libras da mesada do segundo semestre, pediu-m'as emprestadas por não poder ficar á espera do que lhe era remettido pelo seu correspondente e que da Figueira me remetteria as libras logo que recebesse a sua mesada.

Acabou-se o Julho, Agosto e Setembro, sem o patricio dar conta de si nem ter consciencia da minha situação. Coimbra estava quasi completamente deserta pela sahida dos banhistas; não tinha ninguem conhecido a quem recorresse. Planeei então a minha resistencia, balanceei os meus fundos e vi que tinha para me alimentar trez mezes até ao regresso dos estudantes em Outubro: apenas uma libra e alguns pintos; fiz a divisão d'esta quantia pelos noventa dias que tinha deante de mim, que apenas me davam margem a sessenta reis diarios. Procedi sobre esta base e assim reduzi a alimentação diaria: almoço dez reis de figos, ou variando, um ovo por dez reis, ou variando, dez reis de leite; para o jantar o resto de um vintem de pão e dez reis de sardinhas que eu assava; para a ceia dez reis de figos passados, com outro pedaço de pão, isto tudo reforçado durante o dia com copazios de agua. Para poupar as forças conservava-me a maior parte do tempo deitado de barriga para o ar. E nesta crise pensei muito na vida, nas luctas da existencia e para affastar ideias pessimistas deixei a minha phantasia livre, creando poemas, romances, theorias philosophicas, projectos de trabalhos historicos e criticos. Não senti nenhum momento de des-

fallecimento. Eis que chega o Outubro, começa o regresso da estudantada e ao sahir á rua a primeira pessoa que encontrei foi o dr. Miguel Archanjo Marques Lobo, um indio formado em trez faculdades: Mathematica, Philosophia e Medicina, typo de uma bondade brahmanica que me dava gratuitamente lições de Mathematica elementar. Ao ver-me parou com surpresa e interrogou-me:

— Ó Theophilo! estiveste doente?

— Não estive doente.

— Então dize-me o que tens, estás tão cadaverico! Deste alguma grande queda? Apanhaste alguma coisa syphylitica?

Eu sorri vagamente e disse-lhe:

— Nada d'isso.

Elle insistiu com a sua grande bondade:

— Has-de me contar o que te aconteceu.

Referi-lhe tudo: a alimentação dos trez mezes, a imprevidencia ou o calote do H.; elle deixou-me contristado e foi á procura do meu patricio, que no dia seguinte me veio entregar as oito libras, muito arrenegado, por forma que nunca mais nos fallamos durante a sua formatura e eu fiquei vaccinado para sempre em materias d'essa ordem de favores. Passada esta crise facilmente me reconstitui e fiquei com confiança absoluta em mim para affrontar o futuro mais proceloso <sup>1</sup>.

E assim aconteceu. Desde esta entaladela, que se deve ter dado aí por 1861, não consta que Teófilo Braga tivesse emprestado mais algum centavo a alguém. Ao mesmo tempo, esta carta é interessante porque nos revela uma facêta do carácter que êle conservou até a morte. Outro estudante que não fôsse Teófilo, em idênticas circunstâncias, empenharia

---

<sup>1</sup> Francisco Maria Supico, *Mocidade de Theophilo*, pp. 143 e 144.— Esta carta, como facilmente se depreende da sua leitura, embora venha incluída no número daquelas que êle dirigiu ao seu patricio, foi escrita muito mais tarde, certamente já na velhice do grande mestre, talvez na ocasião em que êle dirigiu a impressão do livro do seu amigo. Todos sabem que foi êle próprio, Teófilo, quem dirigiu a disposição e impressão do livro a que nos reportamos — *Mocidade de Theophilo* — na Imprensa Lucas, em Lisboa, e lhe introduziu grande número de informações, que hoje nos são preciosas para o estudo, não só da sua biografia, como da vida literária do seu tempo de rapaz e de publicista. Teófilo Braga teve, durante bastantes anos, o original dêste livro em seu poder, original, por sinal, algo reduzido — pois pouco devia ir além das suas cartas, da biografia que as precede, e de várias informações referentes à sua família e outros artigos dispersos. Foi Teófilo quem o subdividiu nas quatro fases da sua disposição e o enriqueceu com a grande cópia de subsídios literários, a seu respeito, com que em 1920 appareceu à luz da publicidade. As próprias cartas, dirigidas a Supico, algumas delas, foram acrescentadas, ou emendadas, para melhor elucidação do assunto. Por tudo isto, bem haja o grande mestre, que assim nos quis deixar êste vasto repositório para nosso conforto e exemplo.

os tarecos, empenharia as próprias roupas, e ficaria sem um livro. Teófilo, não. Preferiu passar fome e curti-la de barriga para o ar, em cima da cama, a separar-se de uma única parcela dos seus haveres.

A história desta carta, conhecida de todos aqueles que privaram de perto com Teófilo Braga, e que êle certamente introduziu no trabalho de Supico para avivar as dificuldades com que lutou em Coimbra, indica a mania que tinha de ostentar privações, que de forma alguma atingiram as proporções que êle lhe dava depois. Porque uma cousa é trabalhar muito, outra cousa é ser-se vítima de privações lamentáveis.

Ora Teófilo, em verdade, enquanto durou o seu tempo de estudante em Coimbra, foi um trabalhador incansável; foi durante êsse tempo que, pelo estudo aturado e pelo trabalho persistente, preparou o seu espírito e delineou os alicerces para a grande obra que depois construiu, e que é um monumento de grandeza. Mas a respeito de privações materiais, temos conversado. Qualquer estudante, por mais obscuro que, por êsses tempos, haja passado por Coimbra, teve as mesmas, se não mais, faltas de dinheiro que o próprio Teófilo.

E, se não, vejamos:

Teófilo entrou em Coimbra em Abril de 1861. Admitindo que foi nas férias grandes, dêsse ano, que lhe aconteceu o caso da carta a que aludimos, em Outubro recebeu as oito libras. Pouco tempo depois devia ter recebido nova mesada, correspondente ao primeiro semestre de 1862. Em Fevereiro dêste ano — certamente porque se encontrava com recursos suficientes — comunica ao pai que podia prescindir da mesada. O pai insiste em mandar-lha. «Meu pae, coitado, dizia êle a Supico em carta de 24 daquele mês, insistiu em mandar-me ainda um semestre lembrando-me que eu estava entre gente desconhecida. Pelo meu lado, sustentei o meu proposito, dizendo-lhe que não tivesse cuidado, porque eu procuraria em toda a parte honrar o seu nome, e que só lhe pedia esta prova de confiança em mim. Accedeu, pedindo-me que não deixasse de lhe escrever». Quere dizer: Teófilo, tomando esta resolução inabalável, demonstra que possuía elementos seguros para se poder agüentar em Coimbra sem o auxílio do pai. E depois, atendendo à excessiva economia, quasi avareza, com que vivia, gastando apenas 135 réis por dia, é legítimo concluir que, com as oito libras da carta e mais as doze, que o pai ainda lhe mandou do primeiro semestre, como êle confirma, todo êsse ano de 1862 ficou assegurado, e sem receio de privações. Que isto foi assim, infere-se de uma outra carta sua, para o mesmo amigo, datada de 28 de Dezembro dêsse ano, em que êle, longe de se lamentar, diz apenas que, «embora a parte economica seja instavel, tinha bastante confiança em si para dominar as cir-

cumstancias», e que estava seguro de poder levar até ao fim, facilmente, a empresa da sua formatura.

Neste ano de 1862 colaborou no *Instituto*, jornal científico e literário de Coimbra, redigido por catedráticos e pelos alunos mais distintos, onde fez sair, além de várias poesias, um estudo sobre *Poetas heroe-comicos portugueses*, e outro sobre *Poetas romanos e a poesia amorosa*.

No ano seguinte de 1863, nada se encontra nas suas confidências ao seu amigo Supico que indique falta de recursos ou passadio difícil, como êle muitas vezes nos quis insinuar quando éramos um dos seus mais modestos alunos no Curso Superior de Letras. Pelo contrário, em 28 de Julho dêste ano, já em férias, vamos encontrá-lo no Pôrto, com uma ótima disposição, escrevendo para Ponta Delgada e comunicando: «Cá estou n'este grande aldeão, que chamam Porto... Estou no quartel de Santo Ovidio... no quarto dos sargentos da 8.<sup>a</sup> companhia; n'esta situação, tambem estou no rancho dos sargentos com um bello almoço de café com leite, e um succulento jantar, tudo pela importante quantia de 200 reis». Por esta ocasião, ali mandou imprimir à sua custa o poemeto *Stella matutina*, cuja tiragem de 50 exemplares lhe custou 3\$000 réis, e comprou bastantes livros, embora confesse que eram restos de edições e baratos. Ora se êle, como dizia e queria fazer crer, vivesse em Coimbra na *penúria*, não podia certamente fazer destas extravagâncias — ir passar as férias grandes ao Pôrto, imprimir cousas e comprar livros. Foi durante esta estada no Pôrto que entregou a Gomes Monteiro, gerente da livraria Moré, o manuscrito da *Visão dos Tempos*, que entrou logo em impressão, e por conta do qual, no mês de Dezembro, recebeu em Coimbra, da mão de Posselius, representante daquela livraria nesta cidade, a quantia de dez libras.

Tendo aparecido à luz nos primeiros meses de 1864 a *Visão dos Tempos*, logo em Julho, Teófilo que voltara de novo ao Pôrto, entregava a Gomes Monteiro outro manuscrito, que em Outubro aparecia publicado com o título de *Tempestades sonoras*. Pelo Natal dêste ano, a convite de um grupo de literatos, entre os quais se contavam Fernando Palha, Júlio César Machado, Eduardo Garrido, Ricardo Cordeiro e Eduardo Vidal, veio a Lisboa. É aqui recebido com todas as mostras da mais cordial consideração, sendo o esperançoso rapaz alvo das melhores demonstrações de apreço. São-lhe pagos 30\$000 réis de direitos de autor por duas recitações do seu poemeto *Stella matutina*, recebe mais 40\$000 réis pela publicação na *Revista Contemporanea* do seu poemeto *Ultima gargalhada de Mephistopheles*, e é convidado pelo *Jornal do Commercio* a escrever para êle quatro artigos por mês, recebendo em troca 15\$000 réis. Por último



é-lhe oferecida uma ceia, em que estiveram presentes Castilho, Latino Coelho, António de Serpa, Silva Túlio e José Horta, trocando-se afectuosos brindes. À despedida entregaram-lhe um passe de caminho de ferro, para que êle pudesse chegar a Coimbra sem gastar do seu bolsi-



«VIDAS QUE CADA UM QUER»

Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1885.

nho. Finalmente, como êle declarou ao seu amigo Supico, ficou seguro economicamente para vencer o seu terceiro ano jurídico.

Terminado êste terceiro ano em Julho de 1865, foi de novo ao Pôrto, e aí recebe de Gomes Monteiro, em liquidação de contas da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades sonoras*, vinte e duas libras, depois de descontadas as despesas de impressão do seu novo livro *Poesia do direito*, que acabava de sair do prelo. Ali se demorou os três meses de férias, sendo por essa ocasião que mais se lhe arreigou a impressão da sua *Visão Celeste* — como êle classificou a sua paixão amorosa por aquela que mais tarde foi sua dedicadíssima espôsa, D. Maria do Carmo Xavier. Quando, em Outubro, regressou a Coimbra, já seguro de finanças para o seu quarto

ano, encontrou numa livraria o então, recente *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, em que vinha a célebre carta de António Feliciano de Castilho, dirigida ao editor António Maria Pereira. Nesta carta, como se sabe, Castilho preconizava que ao jovem autor do *Poema*, pelas suas qualidades talentosas, devia ser concedido o direito de preferência para ocupar a cadeira de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras —naquele tempo vaga pela morte de Lopes de Mendonça— *a fim de exercer a sua acção benéfica na crítica moderna e salvar a literatura portuguesa do contacto do estilo coimbrão*. Teófilo, que na sua bagagem de aspirações também contava esta de ser um dos candidatos à referida cadeira, vendo-se, nas alusões de Castilho, crucificado entre Antero de Quental e Vieira de Castro, compreendendo porque é que «o vento soprava assim», declarou logo ali a Antero que ia dar àquilo uma resposta cabal. Antero cofiou a barba ruiva, e respondeu-lhe que deixasse aquilo com êle, porque não tinha aspirações literárias e até *odiava as gloriolas de escritor*. E, poucos dias depois, aparece com o formidável panfleto *Bom-senso e Bom-gosto*, como grito de guerra contra o elogio mútuo do ultra-romantismo de Lisboa, em que desenvolve um cerrado ataque contra a autocracia literária do velho Castilho<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O motivo primordial que levou Antero a usar da grande violência contra o seu velho director do Colégio do Pórtico encontra-se inteiramente esclarecido no excelente livro *Eça de Queiroz*, do sr. António Cabral. Neste belo trabalho diz o erudito escritor a pp. 67, da 2.<sup>a</sup> edição: «Em Dezembro de 1864, estando já formados Antero de Quental e Alberto Sampaio, resolveu o primeiro publicar as *Odes modernas*, e o segundo um romance, que nunca veio à luz e cujo título desconheço. Cada um dêles envergou a sua sobrecasaca preta de bacharel, pôs na cabeça o seu chapéu alto, lustroso e fino, e, assim endomingados, surgiram em Lisboa, à busca de um editor. Antero, cujo pai, e também o tio, dr. Filipe de Quental, que ainda conheci em Coimbra, lente de medicina, mantinham estreitas relações com António Feliciano de Castilho, de quem o próprio poeta dos *Sonetos* tinha sido discípulo no Colégio do Pórtico, em Lisboa, procurou o que então era considerado e tido como o *Sacerdos Magnus* da poesia, com o fim de lhe ler as suas *Odes* e de lhe pedir, depois, acêrca delas, um juízo imparcial, talvez severo. Aceitou o mestre a incumbência, recebendo o manuscrito para o ler e discretamente avaliar.

«Passado tempo, Antero foi, uma noite, a casa de Castilho. Vários poetas rodeavam o autor da *Noite do Castello*, como luzidos fidalgos de uma côrte brilhante e faustosa rodeiam o seu rei e senhor. Perante êsses, Castilho ennastrou com tais gabos e encómios as *Odes modernas*, tantos e tam hiperbólicos louvores lhes teceu, que o autor, reputando êsses elogios uma ignóbil lisonja, vendo em palavras de tam alta glorificação uma afrontosa falta de sinceridade, declarou, irritado, que não vinha ali para ouvir e colhêr loas, mas para que lhe fôsse corrigidos os erros dos versos e indicados os defeitos do livro. Retirou-se depois, chispando iras e tomado de tal furor que pretendeu destruir o seu manuscrito, e certamente o inutilizaria se dêsse acto desapiedado e insensato não fôsse

Teófilo, por sua vez, querê secundá-lo e envia para o *Jornal do Commercio*, para ser publicado em folhetim, um outro ataque a Castilho, subordinado ao título de *Theocracias litterarias*.

Escapam-lhe neste escrito algumas frases violentas e desprimorosas, filhas da sua despeitada impressão, tais como: — «O sr. Castilho assiste de dia para dia ao esfacellamento do seu character; indole viperina, reservado, como o rancor de cego, bifronte como o Deus antigo, cujos fastos ainda commemora, não tem, não tem direito a esta sagração que vae sanctificando a idade e o trabalho». E mais adiante: — «O sr. Castilho deve a sua celebridade á infelicidade de ser cego. O que se espera de um cego? Apenas habilidade. É uma celebridade triste porque tem origem na compaixão, e a compaixão fatiga-se». Foram um fogacho, estas e outras frases do seu escrito.

Em face disto, o *Jornal do Commercio*, não só se recusou a publicá-lo, como também lhe cortou a mesada dos 15\$000 réis, dizendo-lhe que só lhe pagaria os artigos depois de publicados<sup>1</sup>. Teófilo, que não queria perder o ensejo de ser também candidato à cadeira do curso, e, por conseguinte, de molhar também a sua *sópa*, para regalo da sua desventura, não desiste, e apresenta em folheto aquilo que o jornal se recusou a pu-

---

impedido pelo seu amigo e companheiro Alberto Sampaio. Para a irritação de Antero de Quental certamente concorria a crença em que êle estava, segundo o que então era correntio nos centros literários, de que o velho Castilho, depois de ter derramado sôbre os escritores novatos que o consultavam acêrca das suas estreias as mais florentes amabilidades, regalava em seguida a sua côrte de poetas com as galhofas da mais contundente maledicência».

Por esta forma ficam explicadas as frases certeiras e lapidares que Antero vibrou a António Feliciano de Castilho no seu folheto *Bom-senso e Bom-gosto*, e também o prazer com que êle se antecipou a Teófilo Braga, que foi quem, no fundo, despertou a questão.

<sup>1</sup> A carta que o *Jornal do Commercio* lhe enviou, a êste respeito, era concebida nos seguintes termos:

Lisboa, 6 de dezembro de 1865.

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

A direcção do *Jornal do Commercio* encarrega-me de participar-lhe que o seu folhetim *Theocracias Litterarias* não pode ser publicado, e ao mesmo tempo me encarrega de communica-lhe que d'hora em diante os artigos só serão pagos depois de publicados.

Balthazar Radich.

Teófilo percebeu logo. Esta carta representava a forma diplomática de lhe significar que a sua colaboração naquele jornal ficava suspensa. E, por isso, escrevendo mais tarde ao seu amigo Supico, comentou: «Lendo nas entrelinhas, nada respondi e nada mais enviei ao *Jornal do Commercio*, perdendo assim os 15\$000 réis por mez que recebia por cada quatro artigos da minha collaboração».

blicar em folhetim. Entraram logo outros publicistas na contenda, e assim se desencadeou a formidável questão, que foi uma das mais ruidosas de todos os tempos da nossa literatura, e que ainda hoje é conhecida pelo nome de *Questão Coimbrã*.

O resultado de tudo isto para Teófilo foi o fecharem-se-lhe todas as portas para as suas publicações, e o êle ver-se embaraçado para remediar as suas finanças futuras, que, diga-se mais uma vez, era sempre o primeiro problema que êle punha em equação e que, em geral, resolvia sempre sem ter de passar por quaisquer privações grandes.

Em meados de 1866, seu último ano de bacharelato, e também aquele em que os livreiros sistematicamente começaram a recusar-se a aceitar-lhe originaes pagos, Teófilo, que já tinha poucas reservas das quantias acima indicadas, em virtude daquela estúpida decisão dos livreiros, andava algo pensativo, porque não entrevia bem a resolução do problema económico, que êle gostava de ter sempre resolvido antes da entrada de qualquer semestre. A sua estrêla, porém, que não o abandonava nunca, com pequena diferença de meses, deparou-lhe logo nada menos do que uma dissertação inaugural sôbre *Organização judiciaria*, que êle fez por oito libras para o bacharel Luís Jardim, que ia tomar capelo, e uma tradução dos três romancezinhos de Chateaubriand, *Atala*, *René* e *Abencerrage*, que lhe deram doze libras. E com êste «ventinho favoravel se poz a navegar na primeira epocha do seu anno de formatura». Para a segunda, recolheu quinze libras por um serviço de acusação que, em substituição de um advogado de Coimbra, foi fazer à Lousã, e assim ficou habilitado financeiramente até ao fim do ano e do curso.

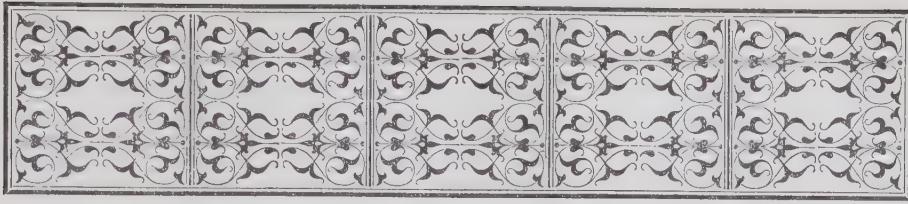
Tais são, em resumo, os recursos de que Teófilo Braga dispôs durante os cinco anos da sua formatura, pelos quais a gente divisa não só o seu feitio providente e económico, mas também o trabalho activo e persistente que durante êsse tempo teve de manter, para se poder equilibrar independente e sem auxílio de ninguém. Como se vê, não dispôs de recursos largos; mas, atendendo à avareza dos seus gastos e à valorização da moeda naquele tempo, é-nos legítimo concluir que, de modo algum, êle devia ter passado grandes privações em Coimbra, embora vivesse constantemente sobrecarregado de trabalho e sempre preocupado com o dia seguinte.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1924.

*Fernandes Agudo.*







## ¡EL GRAN TEÓFILO BRAGA!



TEÓFILO Braga por su potencialidad moral es la figura más grande de su tiempo.

Consustanciado con la Verdad y la Justicia, ha realizado una labor científica titánica derramando luz espiritual desde las alturas de su cátedra como el sol derrama luz natural desde el Zenit.

Su patria, que en grandeza ideal y moral brilla sobre las cumbres de la Historia, al derribar el siniestro régimen del altar y el trono, fué á sacarle del retiro de su cátedra para sentarle en el solio de la soberanía á fin de que repartiera entre sus conciudadanos el bièn supremo de la Justicia.

De su grandeza moral, dejó en la Historia un recuerdo indeleble al llevar á su patria á la guerra en defensa del Derecho á la vez que ofrecía un nuevo testimonio de su lealtad á la alianza secular que venía manteniendo con Inglaterra.

Todos, todos los aliados han quedado á los piés de Portugal en el terreno moral; porque todos han ido á la guerra por algun interés nacional ó para vengar los agravios de los alemanes, incluso los Estados Unidos que fueron á la guerra después que Portugal, mientras que este acudió al combate solo y exclusivamente por cumplir el deber de defender el Derecho.

El desdén con que los gobernantes aliados vienen tratando a Portugal después de firmada la paz confundiendo con los Estados más pequeños que han sido arrastrados al combate por la ola de la guerra, atestigua la inferioridad mental y moral de esos gobernantes al lado de los grandes políticos portugueses y confirma que, si Portugal es una pequeña potencia

por su poderío material es la primera potencia del mundo por su grandeza moral; y no hay más que mirar para convencerse hacia la diferencia de estatura moral entre ese Millerand renegado del socialismo y renegado de la República laica que llegó á poner de rodillas á los piés del Vaticano y ese energumeno de Poincaré, á quien durante la guerra no se oyó gritar sino «Derecho, Derecho», y al terminar, viendose armado de la fuerza, comenzó á gritar con más furia: «Mi dinero, mi dinero» como el avaro de la escena española, yendo á arrancarlo por la fuerza sin escrupulo de cometer el atentado más grande al Derecho que es invadir el territorio sagrado e inviolable de una nación para usurparle en él la soberanía; si,



«PELO DIVORCIO»

De Manuel G. B. Pinheiro, 1900.

no hay más que mirar hacia esos dos soberanos de carton que desde la presidencia de la República han cometido ese escandaloso atentado al Derecho y mirar luego á la figura del soberano de oro, del gran Teófilo Braga, que llevó su patria á la guerra, á derrochar el oro y la sangre sin otro proposito ni otro fin que defender el Derecho.

Es el mismo contraste que han venido ofreciendo en sus revoluciones, el pueblo francés y los dos pueblos peninsulares con sus hijos americanos. Mientras el pueblo francés, apenas proclama el principio del Derecho con sabiduría

suprema, lo viola levantando sobre la República el Imperio napoleónico y viene á imponerlo á la Península anegandonos en sangre y ¡oh asombro! pretende, pasado medio siglo, imponer otro Imperio á la «Nueva España» de America, el pueblo español que acepta y proclama el Derecho en su Constitución gaditana de 1812 y el pueblo portugués que la hace suya por su revolución del año 20, Constitución que España estendió también á toda la America, ya, peninsulares y americanos con su secular lealtad mantienen en su brazo poderoso la bandera del Derecho, derramando á torrentes la sangre hasta afirmarla totalmente; de suerte que mientras que Francia levanta un día la bandera republicana en una revolución para abatirla y no volverla a levantar más que otro día en el 48, y si la levanta de nuevo definitivamente es merced al sable alemán que le derribó su adorado Imperio napoleónico, las Repúblicas americanas se mantienen fieles á su bandera republicana desde hace más de un siglo sin haberla abatido jamás.

Que ese grandioso hecho llene las almas de confianza en la paz futura; porque, llena la Asamblea de la Liga, de naciones hispánicas, pues hay nada menos que 22, ellas impondrán la ley transformando la Liga en Federación, que es lo que resta que hacer, y mantendrán, merced á su fidelidad inmutable al Derecho, brillando por siempre en el cielo el sol de la paz.

Volviendo de nuevo los ojos hacia la figura excelsa de Teófilo Braga, diremos que él fué sobre todo el hombre de la cátedra, el hombre de la Ciencia, de esa Ciencia que, nacida ayer á la libertad, á fuerza de la lluvia de oro de sus descubrimientos derramados sobre los hombres, ocupa ya el trono de la soberanía de las sociedades.

De ello, acabamos de ver la prueba irrecusable.

Cuando por el execrable atentado al Derecho cometido por la invasión del Ruhr, vivíamos en estado de guerra latente viendo y sintiendo por momentos extenderse la espantosa ruina alemana á todos los pueblos de Europa, los Gobiernos aliados, reconociéndose impotentes para conjurar aquél desastre, acudieron á la Ciencia y entregaron la cuestion al dictamen de los técnicos, de los hombres de Ciencia aplicada: economistas, financieros, juristas; y su dictamen iluminó los abismos, siendo aprobado por la Conferencia de Londres confirmada por la reunión de la Liga de Naciones donde el instinto pacifista del buen Mac-Donald vió y proclamó, como es verdad, se encuentra latente la paz.

¿Es que se les ocurrió á los gobernantes aliados entregar el asunto al Vaticano y al Colegio de Cardenales?

¡Ni que pensarlo!

Ello prueba que la Iglesia está ya totalmente destronada de la gran politica mundial y que su intervención que mantuvo en guerra constante á los hombres durante los siglos pasados, no hace falta absolutamente para nada en la nueva era abierta por el triunfo aliado en la Historia de la Humanidad.

Lo mismo, lo propio se vió en la gran paz que puso fin a la gran guerra.

El Papa no cesó durante la guerra de ofrecer sus proposiciones de paz, sobre las cuales los aliados arrojaban su menosprecio, porque veían bien que el propósito pontificio era mantener á sus protectores los Imperios centrales que ellos estaban resueltos á derribar.

La paz vino pues, no de los 12 mandamientos de la Iglesia sino de los 14 puntos de Wilson. ¿Y quien era Wilson? Un hombre de Ciencia, un profesor de Universidad. La paz salió portanto no del altar de la religión, sino de la cátedra de la Universidad.



Ahi, ahi se ve sobre esa cátedra pacificadora dominando á todas la figura del coloso profesor portugués ante la cual la del bondadoso, bendito Wilson es como la del niño ante el maestro.

Pués bién; fué el pueblo portugués el que al derribar á la vez trono y altar corrió á sentar a ese coloso de la cátedra sobre el solio soberano anticipandose así á los aliados que han derribado á la vez los tronos imperialistas y el altar vaticanista sentando para siempre sobre el solio más alto á la Ciencia, reconociendola como su guiadora y aclamandola como la gran redentora y pacificadora de los hombres.

Allí, allí está, allí se le ve al caudillo del pueblo portugués que le guió en su gran empresa libertadora dirigiendo sus dardos certeros al corazón del trono primero, destronando al corrompido rey en plena Camara, y luego al del altar la separación de la Iglesia; si, allí se ve al Prometeo lusitano encadenado sobre el Caucasos revolucionario francés, por haber robado el fuego del cielo mentido catolico, ofreciendolo, á los ojos de sus conciudadanos convertido en cenizas en prueba de su fatuidad.

¡Gloria, gloria al sublime Costa!

¡Gloria al pueblo lusitano!

¡Gloria, gloria eternal al coloso Teófilo Braga!

San Rafael (Segovia), 28 Setiembre 1924.

*Fernando Lozano.*



## TEÓFILO BRAGA, A SUPREMA GLORIFICAÇÃO DO TRABALHO



or verdadeiramente insigne a personalidade intelectual, científica e moral de Teófilo Braga.

Cerebração admirável de robustez; poeta estuante de emotividade; filósofo de grandes sínteses sociológicas; historiador de investigação e análise profundas, ao ponto de poder concluir, de pequenos nada, que Camões naufragara, não só uma, mas duas vezes; crítico assombroso; erudito colossal; polígrafo incomparável; professor e conferencista dos mais scientes e conscientes; trabalhador tenaz, metódico e infatigável, — Teófilo não foi só, como, há anos, na Sociedade de Geografia de Paris, o proclamou Anatole France: «a luz e a consciência do povo português», e «o poeta que em 40:000 versos cantou a Epopeia da Humanidade». Teófilo, se, com efeito, foi o maior poder espiritual da moderna pátria portuguesa, também foi, mais do que isso, um grande cidadão do mundo e uma das mais pujantes figuras humanas de todos os tempos.

Conhecer-se-lhe a vastíssima obra, acompanhá-la desde o seu debute, nas *Folhas Verdes*, que publicou aos quinze anos, e seguir, depois, através todos os seus livros, a trajectória, a evolução e a amplitude daquele alto espírito, investigador e profundo, é cair no assombro e é sentir a vertigem, por mal se compreender que um só homem, sem jamais faltar aos seus deveres de professor e de combatente político, tenha construído tamanho pedestal ao pensamento humano.

E o que ainda causa mais pasmo é a grandeza intrínseca dessa obra, que, se quando estuda as figuras gigantescas de Camões, Viriato, Gil

Vicente, Frei Gil, Gomes Freire, e outras, levanta, anima, estimula e glorifica as másculas energias da nossa raça, dando-nos crença nos altos destinos de Portugal, não menos nos incute, a golpes de talento profético, como na *Visão dos Tempos*, a certeza de que será luminoso e feliz o porvir da até agora crucificada humanidade.

Extraordinário homem! Renovador, revolucionário, educador admirável, ao pé do qual até os enciclopedistas do século XVIII por vezes se afiguram diminuídos, tão certo é que, tendo-se especializado, não foram, cada um de per si, assim múltiplos, completos e complexos.

\*

Eu não falarei aqui do amigo querido, ou do velhinho ingénuo, que me deu a última lição, a mim e a Álvaro Neves, das nove às onze da noite, alguns dias antes da sua morte.

Também não focarei a sua esperança de atingir o próprio centenário, quando, dois meses antes daquela data de luto mundial, sustentava, para mim e para o antigo deputado espanhol, Dr. Rafael Calzada, que «estava novo, pois que sentia o vigor dos trinta anos», e que «não estava cego, visto que, para ver melhor que aos vinte e cinco, lhe bastava concentrar o espírito», duas proposições que Calzada e eu, terminada a visita, e já cá fora, na rua, carinhosamente averbávamos de enganosas, ao mesmo tempo que comentávamos estas lindas palavras do Mestre: — «A velhice não é, como dizem, uma decadência; — é uma sublimação».

O amigo querido, o velhinho ingénuo, — pois que, pelo isolamento em que vivia, mal conhecia a espessura da protérvia dos homens de hoje —, êsse, está-me, saído, no coração.

Aqui, só contemplo o cientista, o pensador, o filósofo, o sociólogo, o poeta, o professor, o polígrafo inconfundível, os seus sessenta e cinco anos de trabalho fecundo e ininterrupto, e, principalmente, as linhas impecáveis da sua coerência, da sua intransigência e da sua honestidade.

O homem de oitenta e um anos foi e era o homem de sempre: — uno, inteiriço, sempre o mesmo, sempre igual.

Tendo tido a iniciação de quasi todos os grandes vultos humanos, passou fome. Em Coimbra, — contou-mo um dia Manuel de Arriaga, que foi seu condiscípulo —, viveu com 60 réis por dia: 10 réis de pão e 10 réis de leite para o almoço, fruta ao jantar, dois ovos e pão à ceia.

A mim, também, me referiu Teófilo, certa tarde, na sala do Conselho de Estado, os prodígios que naquele tempo fazia, para que meias solas nas botas lhe durassem seis meses, o período mínimo compatível com a

estreiteza do seu orçamento. «Era uma questão de pôr os pés sempre muito direitos, para que as solas se gatassem por igual, e não mais de um lado que doutro» — dizia-me o sábio.

Como já naquela época era, mais do que uma promessa, uma gloriosa afirmação, foi perseguido, caluniado e espoliado da cátedra universitária, da Academia Politécnica do Pôrto, e do Curso Superior de Letras, a primeira vez que a êste concorreu, sendo admitido à segunda, — degladiado com Pinheiro Chagas —, mercê da manifestação que lhe fez a academia de Lisboa. Apesar de tudo, o insigne obreiro do Pensamento triunfou em toda a linha; e, caso quási esporádico, sem nunca se ter filiado na porca Sociedade do Elogio Mútuo, nem mandar notícias para os jornais em que, como certo *sábio* do nosso conhecimento, pelo menos se chamasse génio...

Os seus detractores, ao verem, mais tarde, que estavam em presença de um gigante, começaram, à falta de balda certa, a dizer que a Teófilo faltava afectividade. Mentira, ainda. Mentira, também. Falem os que testemunharam o seu agonizante sofrimento, ao morrerem-lhe, quási a seguir, seu filho e sua filha, agonia que inspirou a Camilo o famoso soneto *A maior dor humana*. Ouçam os que o viram antes da morte da espôsa amada, e, meses depois — uma ruína. Ouçam os seus discípulos, alguns por êle amados como a filhos queridos. Ouçam quantos o infatigável trabalhador honrou com a sua amizade, e saberão, de todos nós, os requintes de affecto que estuavam daquela alma.

Azêdo, quando criticava?

Se êle era um revoltado! ; Se mal conhecera a Mãe, e suportara dura madrasta!

Áspero, quando fulminava perseguidores?

Se foi um perseguido!

Implacável com os zoilos?

; Quem mandou aos burros atirar coices ao leão?



CASA DE JANTAR DO MESTRE



Camilo era o protótipo da afabilidade, — ¡que scena eu presenciei entre êle e Tomás Ribeiro!<sup>1</sup> — mas nem por isso deixou de chicotear todos os parvos que se lhe atravessaram no caminho.

A vítima que Teófilo foi, di-lo, êle mesmo, no prefácio dos *Contos Phantásticos*. Ouçamo-lo:

De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na empreza do jornal; nas aulas de direito tiraram-me a mesquinha distincção academica; os criticos espalmaram-me duramente; os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que eu escrevia, e os patriarchas das letras, com o peso da sua authoridade, sorriam, com equívocos, do meu valor intellectual, chegando a circular lendas depressivas do meu character e costumes, que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios.

---

<sup>1</sup> Alguns camilianistas me têm pedido que ponha essa scena em letra redonda. Tratando-se dos nossos Maiores, parece-me que assenta aqui como uma luva.

Foi o caso que, um dia, Tomás Ribeiro, do qual, por fortuna, fui companheiro de escritório, me disse:

— Boto Machado, vamos esperar o glorioso cêguinho Camilo Castelo Branco, que chega hoje a Lisboa para consultar o Wanderlan.

Fomos, e instalámo-lo no Hotel Europa. Ali, sentado o grande romancista num canapé, Tomás Ribeiro e eu nas poltronas laterais, o poeta do *D. Jayme*, alma feita de bondade e em tudo modêlo de virtudes, começou, como lírico que era, a cantar as belezas do dia, que estava vernal.

A súbitas, Camilo irrompeu num chôro copioso, soluçante, de cortar o coração, e exclamou:

— ¡Por Deus, Tomás, tem piedade de mim! ¡Tu não sabes, Tomás, o que é ouvir um amigo dizer-nos o que tu estás dizendo, e não termos olhos para ver!

Ficámos, os três, a chorar. E, à saída, Chiado abaixo, comentava Tomás Ribeiro:

— Que fatalidade! meu querido Boto Machado. É a segunda vez que me encontro em lance igual. Há anos, encontrei o velho Castilho no Pôrto. Estava um dia como hoje, e deu-me para o convidar a um passeio no Palácio de Cristal. Ali, ao tombarmos para o lado do mar, comecei, com êste meu desgraçado sestro, a cantar as magnificências do panorama que de lá se avista; e... deu-se, com Castilho, exactamente o que o meu querido Boto Machado acaba de presenciar com Camilo — um chôro de me cortar a alma.

E, para alívio:

— Mas repare neste jardim de flores que é Lisboa. É claro que tem dias. Quando sair de casa e a primeira mulher que vir fôr linda, caminhe, caminhe sempre, que, nesse dia, caminhará num mar de rosas. Mas, se essa fôr camafeu, fuja para casa, ou só verá rosas fanadas, o que não quer dizer que não sejam todas interessantes, mesmo únicas no mundo, pelo sentimento, pelo desinterêsse, pela dedicação.

¡Que homens eu conheci então, e, salvas raríssimas excepções, que deploráve contraste para os gebos dêstes nossos dias!...

«... de ignorados sacrificios!». Como compreendem bem isto os que também os gemeram, e que feliz e bestial ignorância a dos que não sabem o que isso é. Grande homem! ; Mas queriam-no um favo de mel?!

Ah! eu gosto muito dos meus cães, e por vezes tenho receio de parecer ridículo, ao tratá-los com tanto affecto; mas, verdade, verdade, julgo mais nobre o meu gato. O cão lambe a mão que lhe bate. O gato... arranha. Prefiro o gato, e ainda por isso adorei Teófilo. É que... também sou gato.

A oferta cristã da face direita, depois de esbofeteada a esquerda, só tem servido para criar a floresta de poltrões, cobardes, hipócritas e trantantes com que nos acotovelamos a toda a hora.

Teófilo foi sempre e em tudo coerente. Ninguém pode dizer que tivesse sido comediante, bifronte, acomodaticio, pau para toda a colher, como tantos que nós conhecemos e miseravelmente toleramos. Sempre individualidade de convicções profundas, firmes, uniformes, iguais, sempre as mesmas, sem uma falha, aos quinze como aos oitenta e um anos.

Até nisso foi quasi incomparável. E, se não, digam-me: — a não serem Magalhães Lima e Bernardino Machado, espantoso, êste, porque veio da monarquia, nunca armou em radicalão, e se tem mantido com garbo<sup>1</sup> que o não deixou nunca declarar-se «livre-pensador, graças a Deus» — ; digam-me, digam, onde está a coerência de tantos dos meus companheiros da propaganda, aí a darem a impressão de que vão coroar as suas apostasias a cantar o *Bemdito* pelas ruas?! Mercê de turibulários sem vergonha, que falsificada vai ficar, de entrada, a história política do Portugal republicano, e que pena tenho de me faltar a saúde para a escrever... como ela tem sido!

Teófilo foi grande em tudo, se bem que um ingénuo, um simples, por vezes com longes de infantil. Mas bastar-lhe-ia ter escrito a *Visão dos Tempos* e a *Historia da Litteratura Portuguesa*, para, como filósofo e como pensador, ser imenso, a exceder o Imenso com o qual viveu sempre de relações cortadas, sem que isso prejudicasse a sua glória esplendente e imorredoura, nem a pasmosa glorificação que a alta potência do seu cérebro fez do Trabalho mental.

Morto querido! Um dia, Magalhães Lima apresentou-lhe, na Associação dos Lojistas, para assinar como presidente de comissão, uma representação, que ia ser levada ao parlamento monárquico, sobre obrigatoriedade do registo civil, e disse-lhe que era escrita por mim.

---

<sup>1</sup> Veja-se, ainda agora, o exórdio da sua conferência sobre Rui Barbosa.

— Ah! ¿é escrita pelo nosso jurisconsulto Boto Machado? respondeu o Mestre. — Nesse caso, assino de cruz.

De cruz, Mestre amado, é a República em que nos crucificaram, que nós preconizámos como um regime que fôsse alguma cousa de novo, de bom e de grande na história do mundo, e que, por culpa de alguns dos nossos companheiros na propaganda, deflagrou *nisso*, que aí está, à matroca, sem ideal, sem ideias, sem princípios, sem planos, sem sombra de elevação, e — ó infâmia das infâmias! — sem sequer os vislumbres da honestidade e da justiça, que foram a força locomotriz e justificativa da sua implantação, e a razão triunfante e suprema da sua existência e consolidação.

Grandes criminosos! Trouxeram para a República os vilões que a contagiaram de todas as lepras e sífilis monárquicas e a estão conspurcando com os mais hediondos crimes, e, ainda por cima, assistem, cínicos, sem um protesto, e parece que até com deleite, às tremendas injustiças com que os vilões — sem ao menos respeitarem tradições honradas, honrosas e de grandes serviços —, tratam os que na propaganda foram seus companheiros e panegiristas, aqueles que os endeusaram, aqueles que lhes serviram de escada, aqueles que lhes deram aparências de gigantes, quando, como se tem visto, êles eram pouco mais que pigmeus.

¿E há-de ficar assim falsificada a História?!

1924.

*Fernão Boto Machado.*



## A «VISÃO DOS TEMPOS»



M 1864, na floração dos vinte anos e na angústia de estudante pobre, desprotegido, Teófilo Braga fez-se repentinamente conhecido, por um pequeno livro de versos, com o título *Visão dos Tempos*. Constituíam-no um grupo de poemetos, representando o mundo oriental, a antiguidade helénica, o cristianismo medieval. Acostumadíssimos ao delambido lirismo pessoal, considerava-se poeta todo aquele que sabia medir versos, os quais se martelavam sôbre os modelos dominantes da toada ultra-romântica. Teófilo Braga pagou o seu tributo a essa corrente do gôsto, aos quinze anos, nas *Folhas Verdes*. Camilo Castelo Branco, solerte na pesquisa psicológica, notou com assombro a modificação, no decorrer de um quinquênio, em que o ignoto moço revelava as pujantes faculdades de revestir todas as abstracções, e as mais vagas vibrações sentimentais, pela expressão poética.

Oliveira Martins atribuiu à *Visão dos Tempos* o renôvo da nossa literatura, e isso provocou despeitos, porque o poeta, na sua ingénua ignorância de um deprimente meio mental, não impetrara a chancela prévia dos mestres. E, na ressonância da extraordinária recepção elogiosa, publicou, ainda no mesmo ano de 1864, outro volume de poemetos — as *Tempestades sonoras*. As aclamações prolongaram-se. A *Bacchante* empolgara os leitores, gozando, com as *Ceias de Nero*, o aplauso das emoções sinceras. Nos princípios de 1865, Castilho publicava uma carta do Mestre, sôbre as *Tempestades sonoras*, exibindo a sua admiração, mas ressaltando o que dizia respeito às especulações filosóficas; pelo seu lado, Herculano considerava que Teófilo prejudicava a sua *grande vocação literária*, me-



tendo-se pela porta do abstruso filosófico. Foi no fim dêsse ano de 1865 que irrompeu a ruídsa *Questão coimbrã*, devido à segunda carta de Castilho, ao editor A. M. Pereira, na qual crucificava Teófilo Braga entre Vieira de Castro e Antero de Quental, que deixaram documentos estilísticos, de que então motejavam os literatos de Lisboa.

Desde essa hora, começou para Teófilo Braga uma perseguição sistemática. Com extrema dificuldade, conseguiu imprimir, em 1866, o poema cavalheiresco *Ondina do lago*, que bem revelava, na introdução histórica, a idea de representar a época feudal do fim do século x.

Estendeu-se o manto do silêncio por sobre a rendilhada composição artística. Desenvolvia um pensamento, arrostando insólitas hostilidades: — completar a grande tela social da evolução humana. Em 1869, já doutorado pela Faculdade de Direito, e residindo no Pôrto, para auxiliar um jovem industrial, deu-lhe as *Torrentes*, com outros poemetos. Pôs-lhe o sub-título de *Ultimos versos*, porque as lutas da vida o forçavam à labuta exaustiva da empresa de um Dicionário (o de Domingos Vieira). No preâmbulo avisa:

*Ultimos versos* são os d'este livro, não porque desaparecesse a veia occulta que os produzia, mas porque elle veio fechar os cyclos poeticos da *Visão dos Tempos*. O volume das *Torrentes* remata uma obra largo tempo sentida, delineada e trabalhada; a força das circumstancias fez que sahisse fragmentada por series.

A *Visão dos Tempos*, onde se descreveu o plano completo, foi bem acolhida, por seu mal; roubou o auctor á sancta obscuridade em que trabalhava, expondo-o á vilieza de mal fundadas invejas.

Mezes depois as *Tempestades sonoras* abriram uma nova serie, em que o pensamento da obra se hia realisando mais amplamente. Fallou-se em ambos os hemispherios; mas os thuribularios officiosos accordaram no meio do seu enthusiasmo, vendo que se erguia uma sombra em volta da sua gloria. Os applausos da vespera transformaram-se em tripudio de rancor e em vergonhosas palinodias. O obreiro voltou para a sua mina, a prosseguir no trabalho lento, mas não já socegado.

A terceira serie — *Ondina do lago* — surgiu no fragor da polemica e de calumnias de toda a ordem, dos que andavam agourando um *contagio*, no gosto da litteratura portugueza. O livro passou incolume; não fallaram, não tiveram que dizer. A poesia da historia ficou inaugurada. — Hoje, as *Torrentes* formam a ultima serie, a cupula d'este edificio concentradamente architectado.

Referida a origem da idealização de cada poemeto, termina com êste esquema:

Eis a disposição em que devem collocar-se todos os poemas, que formam o plano geral da *Visão dos Tempos*:

HARPA DO ORIENTE: *Stella Matutina*, *Na torrente de Cédron*, *A sombra do propheta*, *Sémida*, *Ave Stella!*, *O Masthodonte*, *A perola de Ophir*, *A odalisca*.

ANTIGUIDADE HEROICA: *A bacchante, A naiade, O cyclope, Infancia de Homero, Velhice de Homero, As ceias de Nero.*

ROSA MYSTICA: *Baptismo de fogo, Arabesco de uma janella gothica, Spasmo, O extasis do propheta, O rosario.*

CYCLO CAVALHEIRESCO: *A Ondina do lago, O bravo de Uiraçaba, A dor do leite.*

IDADE DE FERRO: *Auto por desaffronta, Poeta por desgraça, Vertigem do infinito.*

Nesta sucessão de poemetos falta ainda um nexo filosófico, que só lhe podia sugerir uma alta síntese da História Universal ou uma compreensão da marcha psicológica da humanidade, desprendendo-se da animalidade e elevando-se, pela racionalidade e pela afectividade, à consciência moral. Na vida tormentosa de Teófilo, até alcançar o subsídio espiritual do magistério, era-lhe impossível a contemplação serena, que exige a elaboração estética. Para se ver o que foi essa estranguladora crise, basta consignar aqui estas linhas do prólogo da segunda edição dos *Contos phantasticos*:

Reuniram-se em volume os *Contos phantasticos*, no meio da refrega da conhecida *Questão de Coimbra*; inserira a maior parte d'elles no *Jornal do Commercio*, em cuja collaboração litteraria auferia uns tantos reis, com que hia seguindo o meu curso na Universidade. De repente, achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres, na empreza do jornal; nas aulas de direito, tiraram-me a mesquinha distincção academica; os criticos es-palmaram-me rudemente; os livreiros negaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das lettras, com o peso da sua auctoridade, sorriam com equívoco sobre o meu valor intellectual, chegando a circular lendas depressivas do meu character e costumes, que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter-se-hia rendido. —Vi-me forçado a inverter as bases da minha existencia, abandonando a Arte, que me seduzia, porque me abandonou a serenidade contemplativa, e lancei-me á critica, á erudição, á sciencia, á philosophia. N'este campo, os meus erros e exageros bem merecem ser perdoados. Só muito tarde é que consegui conciliar em mim estas duas tendencias do espirito...

¿Como é que Teófilo Braga resolveu «êsse dilema dos dois amores, em que a custo se debate o espirito, atraído para a arte e seduzido pela sciência»? Deu-se uma crise mental, em que teve de recompor toda a sua cultura universitária, e tomar conhecimento das sciências positivas, segundo a sua síntese teórica, que o conduziu à posse daquela filosofia. A par das concepções subjectivas dos pensadores escoceses e de Kant, construiu o conjunto sistemático e harmónico das em que se firma o pensamento moderno. Essa crise deu-se em 1872, num longo mutismo forçado, desde Outubro ao seguinte Abril. Meditou o *Curso de philosophia positiva*,

assombrosa disciplina do cérebro, que exerce uma acção coordenadora, intelectual e social, na Europa. Ramalho Ortigão, no belo perfil que traçou de Teófilo Braga, apontou: «De 1872 a 1877 data o periodo da renovação mental de Theophilo Braga, o seu advento á philosophia. Com um ardor de que rarissimas capacidades poderão dar um testemunho tão eloquente, elle, humanista, litterato, graduado em leis, poeta lyrico, passa destemidamente uma esponja por cima de todo o seu passado, e recomeça em novas bases a educação do seu espirito». Pormenorizando êsse esforço, segundo a hierarquia de Classificação das Sciências, continua: «É d'esse trabalho portentoso de revisão de todas as sciencias fundamentaes que procedem as actuaes convicções sociologicas de Theophilo Braga, e os recentes livros *Traços geraes de philosophia positiva* e *Historia Universal*».

Foi à luz dêste critério que o Mestre atingiu uma compreensão melhor da Idade-Média, da Renascença e da Revolução, e a revelação da Idade normal, para a qual a humanidade avança. Nas linhas que precedem o plano das Obras completas, confessa como, pelas escolas filosóficas em que evoluíra, chegou ao influxo da filosofia positiva:

N'este contorno geral de um labor continuo, a concepção philosophica foi-se definindo nas diversas correntes doutrinarias a que o espirito obedeceu, procurando a orientação normal; começámos pela influencia de Vico (de que nos proveu o interesse pelos factos da ethnologia); recebemos de Hegel a comprehensão dos phenomenos estheticos (e um exaggerado germanismo, na evolução litteraria) e, ao entrarmos em nova crise de renovação mental, a síntese positiva de Augusto Comte, onde encontrámos bem explicitas as relações theoricas d'estes trez pensadores.

Esta doutrina completa reflectiu-se, por uma comprehensão mais clara do ideal da Humanidade e pelo seu destino normal, na obra poetica da *Visão dos Tempos*. Reflectiu-se na obra scientifica, relacionando os materiaes para a Historia da Civilisação portuguesa com a marcha geral da Civilisação europeia, do seculo XII ao XIX, nos seus elementos *affectivo, mental e social*, em que assentámos o campo das nossas investigações concretas.

*Quarenta annos de vida litteraria*, p. LXXII.

Sob esta nova orientação científica e filosófica, e sistematizada a existência pela função do magistério, publicou, em 1884, as *Miragens seculares*, com as bases definitivas da epopeia da humanidade. Apresenta aí o poema *Os seculos mudos*, onde se desenha a luta do homem prehistórico ante os grandes cataclismos da Natureza, na transição para a idade quaternária, e idealiza o século excepcional, no *Banquete dos livres*, em que as doutrinas enciclopedistas preparam a Revolução, e os *Grandes gritos*, expondo a reacção napoleónica, a qual deixou os gérmes que,

no século xx (1814-1914), produziram a maior e mais criminosa de todas as guerras que a humanidade tem sofrido nos seus cinco mil anos de história escrita.

Nos poemas das *Miragens seculares* explica-se a imprescindível síntese dêste esboço da epopeia humana:

A compreensão da vida da Humanidade, que é a expressão admirável da solidariedade humana, tende a formar o ideal de todos os espíritos, e a grande realidade de todas as obras de Arte. Foi a História, onde o homem adquiriu a consciencia de si mesmo, como ser social e perfectivel, que trouxe ao nosso seculo a ideia fecunda de Humanidade. Nas epopeias primitivas, nas maravilhas geniaes de todas as litteraturas antigas, não se encontra essa noção, que só o decurso dos seculos e o concurso das civilisações fizeram sentir. Deve ser esta a característica da Arte moderna. O pensamento perde o que tinha de pessoal e egoista, procurando representar todos os esforços empregados, para definir, um dia, esta realidade ideal.

Tentando esta vereda nova, de poesia, a História é o campo largo em que pudemos ir fortalecer essa consciencia da collectividade abstracta, mas predominante, no estado moral de hoje. A simples compreensão da História é o thema fundamental de uma vasta epopeia; a História, *lucta da Liberdade contra a Fatalidade*, dá logar á seguinte trilogia:

A FATALIDADE ou o conjunto das forças naturaes, que o homem teve de vencer; o instincto e as instituições estaticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e o odio nacional.

A LUCTA ou conjuncto dos esforços para alcançar os progressos successivos, na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilização.

A LIBERDADE ou o momento em que o sentimento e a razão, escudando-se no mesmo fim scientifico, tendeu, pela disciplina positiva, a reunir o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição social as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica ou metaphysica.

As epopeias antigas foram productos organicos, que se não podem repetir, porque passou o estado psychologico e social que as inspirou; as epopeias litterarias foram sempre uma falsa e servil imitação das obras seculares e, como falsas, perderam o prestigio. Mas a concepção epica não pode estar extincta, principalmente quando se chegou a determinar o mais bello e maior de todos os ideais. Existe o espirito da epopeia nova; falta ainda dar-lhe forma; que se accumulem os esforços.

Êsse esboço das *Miragens seculares* divide-se em três Ciclos — da *Fatalidade*, da *Luta* e da *Liberdade*: a *Tradição*, a *História* e a *Filosofia*.

Numa nota final, acentua a idea de Comte, que abre o *Systhema de politica positiva*, com estas palavras: «O seculo actual será marcadamente caracterisado pela irrevogavel preponderancia da História em philosophia,



em política e mesmo na poesia». E acrescenta: «A Arte nova ver-se-há chamada para que reviva, dignamente, todas as edades anteriores, das quaes algumas já estão perfeitamente idealizadas». A tragédia clássica do século XVII, e a tragédia histórica de Shakspeare, o romance histórico e o drama nacional da ópera de grande espectáculo, a pintura académica, fundamentam a observação de Augusto Comte. A filosofia buscou para as suas especulações os dados efectivos da filologia, e a política fundou-se na persistência histórica das nacionalidades. De S. Paulo, era Teófilo Braga saído, por, nas *Miragens seculares*, manifestar a verdadeira tendência para a regeneração poética. Pela perda dos seus dois filhos (1886-1887), teve de procurar um refúgio na vida subjectiva. Esse abalo moral levou-o a compreender o sentido filosófico do primeiro canto da epopeia da Humanidade: *Descensão mental e moral do relativo para o absoluto*.

A necessidade da acção impeliu o homem para a observação concreta e a experiência dos fenómenos; mas o fenómeno da morte surgiu-lhe, ante os olhos, como irredutível e à razão como lei inquestionável. Era verdadeiramente o ponto de partida da vida moral e mental do homem, na sua migração pelo tempo sem fim, outra noção absoluta. Sob esse estímulo de emoção pessoal, e como conforto da dor moral, ordenou todos os poemetos elaborados, reconhecendo as falhas da grande epopeia das idades.

Foi surpreendido neste trabalho em 1894, com a proposta do editor Lugan, para a estampa integral da *Visão dos Tempos*. Os cinco tomos de 1864, 1866, 1869 e 1884 englobaram-se em quatro volumes, contendo mais cento e vinte e sete poemetos, ainda inéditos, numa sistematização de treze cantos, com um canto preliminar. No volume primeiro, trata: o *Ciclo da Fatalidade* (Oriente — teocracia inicial); nos segundo e terceiro, o *Ciclo da Luta* (universalismo helénico e romano, e o regime católico-feudal); no quarto, o *Ciclo da Liberdade* (Renascença e Revolução). Pela primeira vez se pode considerar o conjunto da epopeia humana, em que todos os quadros ou poemetos se ligam na sua sucessão histórica, não por datas cronológicas, mas por um móbil psicológico — a aspiração à harmonia mental e moral, pelo acôrdo do sentimento e da razão, sempre difícil de se obter. Já o belo talento de Sophie Germain formulara esta acção em princípio: «A era moderna da Arte resume-se no acôrdo do sentimento com a razão».

A *Visão dos Tempos*, na edição de 1894, entre as várias apreciações críticas, que a enalteceram, mereceu ao erudito professor António Maria de Freitas (*Nicolau Florentino*) uma crítica sintética, sugerida pela leitura em bloco, e sucessiva, que lhe deu a plena impressão da grandiosa epopeia.

Dêste fundamental trabalho disseram: «O estudo de *Nicolau Florentino*, que começa por incidir sobre as modalidades mentaes para a criação da epopeia (aprecia Theophilo Braga como poeta, philosopho e historiador), e continua sobre a realisação da epopeia e a sua estrutura, terminando pela critica dos poemas que formam os trez cyclos. É trabalho d'um alto valor, que, a nosso ver, deve juntar-se ao extraordinario poema, como a mais fiel e lucida interpretação d'elle, tanto mais que foi o primeiro estudo critico da *Visão dos Tempos* que appareceu, tanto em Portugal como no estrangeiro». (De *O Seculo*, de 4 de Julho de 1910).

Na Itália, donde Augusto Comte augurava que viria, pela magia da sua língua, a tentativa da epopeia humana, appareceu um estudo critico do lusófilo António Padula, em pequeno volume intitulado *La visione dei tempi, de Theophilo Braga*. — *Apunti di critica e Saggio de traduzione dal portoghese*, Nápoles, 1902. Para mais valorizar tam delicada análise, apresentaram-na, em Roma, no Congresso Internacional de Sciência Histórica. No *Camões e I nuovi Poeti portoghesi*, António Padula, falando da incorporação de todos os poemetos na edição de 1894, afirma:

«I dotti poemi dispositi per ordine cronologico e filosofico, costituiscono l'Epopea dell'Umanità, nonche uno dei piu grande monumenti poetici di tutti i secoli». (*Ob. cit.*, p. 50). Da França, onde a escola positivista acarinhava o pensamento de Comte — que à sistematização filosófica se tinha de seguir uma correspondente síntese poética, procurando em que parte do mundo fulguraria essa nova idealização, veio Philéas Lebesgue, um dos críticos mais bem informados sôbre as literaturas modernas, e, no *Mercur de France*, oferece a *Visão dos Tempos* como essa consciente realização estética. Demonstra como Teófilo Braga se libertou do sentimento personalista, para vivificar o sentimento da raça, fazendo o perfeito acôrdo das tradições do passado com a aspiração das novas épocas, e reconstituindo-lhes a vida colectiva. Encara o poeta no estado psíquico de aedo épico. Assim coube a Dante sintetizar a Idade-Média, que se extinguiu, perpetuando o seu sentimento na *Divina Comedia*. Da sua parte, Camões, arrancando-os às suas doloridas amarguras, pela catástrofe da nacionalidade, eterniza nos *Lusiadas*, face a face da megalomania do imperialismo



*Theophilo Braga*

TEÓFILO BRAGA NO ANO DE 1857

da Renascença, o pregão incomparável que fez ressurgir a Pátria, e fixar-lhe um lugar preponderante na História. Nas grandes crises políticas da Europa da Renascença, da Revolução, da orgia militar de Bonaparte, e reacção ininteligente da Santa Aliança, reconheceu-se o perigo do sentir exclusivo da raça, pois que a liberdade e a justiça só podem subsistir pelo *Sentimento da Humanidade*. Arrastaram os alemães a crimes inarráveis, pelo eunuquismo dêsse mesmo dom. Com singular previsão, escrevia, em 1906, Philéas Lebesgue: «Demain peut-être, toute l'Europe Occidentale devra s'unir pour sauvegarder la paix du monde — *l'avènement de cette Ere nouvelle* — assurera sans doute à la France un droit d'aïnesse, au Portugal une renaissance. Anatole France, présentant, dernièrement, au public français, le plus grand des Portugais actuels, maître Théophile Braga, n'est ce pas l'annonce que, si l'Humanité doit delbouter son nouveau Cycle en jetant les fondements du Temple de la Paix, ce n'est que sur le sol latin, y compris l'Angleterre, que cette construction pourra l'accomplir. Théophile Braga, en effect, est un croyant de l'Humanité...».

O grande cataclismo, que perturba o mundo, pelas truculentas invasões e devastações germânicas do século xx, destruindo o equilíbrio político da Europa, força as nacionalidades latinas a unir-se sob o mesmo impulso do *Sentimento da Humanidade*. Eis o carácter da nova era, que se inicia em volta de nós. E era nesta scena da *Paç milenária* que trabalhava Teófilo, para encerrar dignamente a epopeia da *Visão dos Tempos*; os acontecimentos vieram dar todo o relêvo da impressionante realidade à sua elaboração artística. Escreve Philéas Lebesgue: «O que Camões operou, pelo sentimento heróico, Teófilo Braga realiza-o e distende-o pelo sentimento puro, pela razão positiva, pela construtibilidade soberana. As aptidões dêste homem são extraordinárias e duplicadas; nêle, o raciocínio e a vontade acham sempre, para a obra a criar, o alimento do pensador e do entusiasmo. A imaginação, aqui, é igual à razão; uma sabe prontamente pôr-se ao serviço da outra».

No fim de uma época histórica, e entre as aspirações da nova idade em marcha, é que as epopeias se criam. A *Eneida* inspirou-se no acabamento das guerras romanas — *Pacis imponere morem*; a *Divina Comédia* concebe-se à luz auroral que elimina a sombria Idade-Média; os *Lusiadas* cristalizam o pregão humano para a posse do mundo, na energia da Renascença; hoje, reclama-se um poder moral, que discipline e dirija o homem, e êsse poder é o Sentimento da Humanidade. Compete à Arte universalizar êsse tema. O concurso está patente. Julgar-se há, sob êsse aspecto, a *Visão dos Tempos*.



Encetada aos vinte anos esta idealização estética, e até aos setenta prosseguida, através de todos os conflitos da vida, por mais de um cinquenténio, ali ficaram corporificadas todas as emoções e estados de consciência, em que o homem reproduz as fases psíquicas e sociais da humanidade, tal como o feto, esboçando a morfologia da escala zoológica. É, segundo a bela frase de Alfredo de Vigny: *um pensamento da mocidade, realizado na idade madura*. O facto de consumir dez lustros nessa elaboração, como invulgar, não passou despercebido. Comemoraram-se as *Bodas de ouro da epopeia humana* (1864 a 1914) do modo mais simpático e significativo. Em tórno do juízo literário ou *Crítica sintética da Visão dos Tempos*, pelo professor António Maria de Freitas, trasladaram-se, em notas, as apreciações de cada poema que saíram na imprensa portuguesa e de outros países, desde os principais escritores até aos estudos particularizados, como o valioso livro de Teixeira Bastos e a monografia de António Padula.

Em notícia especial de *O Seculo*, acompanhada do retrato fototípico, sob o título *Bodas de ouro da epopeia humana*, regista-se o caso: «Há cinquenta anos, em 1864, publicou o sábio professor Teófilo Braga o primeiro dos poemetos, que se encorporaram, com outros inéditos, na *Visão dos Tempos*.

«Celebrando o 50.º aniversário dessa obra extraordinária, em que, pela primeira vez, entre nós, a filosofia se abraçou à poesia, e que representa a modalidade artística do génio de Teófilo, a Livraria Moderna entendeu imprimir em volume uma *Crítica sintética da Visão dos Tempos*, escrita e publicada há dez anos, no *Jornal do Commercio*, por Nicolau Florentino. A *Visão dos Tempos* tem catorze cantos, coordenados em três ciclos de poemetos, onde se idealizam e reconstituem, em surpreendente palpitação de vida, as scenas fundamentais e mais características das grandes fases da existência humana — a da Fatalidade, a da Luta e a da Liberdade. O poeta representou a marcha evolutiva da humanidade de um modo enérgico e vibrante, que se pode colocar, com êste quadro pessoal, e sem exagêro, a par das criações mais notáveis dessa natureza, de Byron, Shelley. É obra que se impõe por uma profundíssima erudição, de que resultam as delicadezas poéticas. É efectivamente uma brilhantíssima *Visão*, vivificada por uma portentosa idealização poética, de que só são dotados raros homens de ciência».

E, escoado um decénio sôbre o estudo do *Jornal do Commercio*, «a mais fiel e lúcida interpretação do extraordinário poema», encontra «as condições mentais para a criação da epopeia (análise de Teófilo, como poeta, filósofo e historiador)». Corre, entre literatos, que o poeta deve



ser ignorante, para possuir inspiração. Transigindo com êste absurdo, Antero de Quental afirmava que a sua poesia era independente da sua vontade, apesar de burilar os seus sonetos com longas pausas. Importa ter presente ao espírito a consideração de Guilherme de Humboldt, o íntimo amigo de Goethe: «a poesia, a ciência, a filosofia e a história não podem andar separadas; representam um todo, nesta época da civilização, em que todas as faculdades do homem ainda se confundem». Escrevendo acerca de Teófilo Braga, Max-Nordau, o aclamado sociólogo teuto-semita, consigna: «Não sei que mais deva admirar nêle, se o poeta, se o pensador ou o erudito. Reflectindo, considerando bem, acho que a poesia é o que mais predomina em Teófilo Braga. Muito novo, deu-nos a sua *Visão dos Tempos*, onde se estadeia magnificamente o dom da síntese, que será, depois, o traço mais natural da sua obra científica». E o dr. Emílio Teza, falecido catedrático da Universidade de Pádua, notou êste duplo atributo: «Verdadeiramente, o filósofo é, para o poeta, um irmão. São senhores poderosos de dois castelos, que se auxiliam e amam. O Braga filósofo é, às vezes, inflexível e audaz; o Braga poeta sabe adaptar-se e também impor-se». O dr. José de Lacerda, um dos maiores talentos da fase do *Ultimatum*, raciocina de igual maneira: «É um sábio superiormente equilibrado, poeta e também filósofo; mas poeta que não alucina o filósofo, e filósofo que não assombra o poeta».

Chega a revoltar, por isso, a censura de Herculano, dando Teófilo Braga como «grande vocação literária», mas «prejudicada pelo abstruso filosófico»; ou Castilho, dando-o como perdido nos supra-mundos transcendententes; ou ainda Antero, irrogando-lhe a falta de critério filosófico. Mas de que forma poderia o Mestre, como poeta, sentir as raças, evidenciar-nos a marca das civilizações, corporificar o Oriente védico, o génio helénico, todos os aspectos da Idade-Média, o terror católico, a cavalaria, as Cruzadas, as ficções anglo-normandas, a Renascença, o criticismo do século XVIII e a Revolução, sem que a fantasia animada do artista se dirigisse pelo influxo energético da filosofia?

No exame dos numerosos poemas que constituem a *Visão dos Tempos*, na sua órbita cronológica e correlação filosófica, marmorizando as correntes da cultura e desvendando o seu sentido ideal, Teixeira Bastos inferiu que, nessa obra, feita de 1863 a 1894, estava implícita toda a evolução mental de Teófilo Braga. Quanto apreendeu o seu espírito, em ardentes investigações, e achou em meditação e nos conflitos da vida, tudo convergia à concentração estética em que procurava realizar a epopeia humana — o desiderato de todas as literaturas modernas. Acompanhou e encheu-lhe a vida êsse pensamento. Mudando de alma, conforme a bela

expressão de Sousa Martins, pôde compreender a aspiração ideal de cada época e cada idade, na civilização, incrustando, nessas transformações, as crises da Humanidade. O seu ser moral passou, na adolescência, por uma fase de religiosidade, que lhe deu as emoções do misticismo cristão, e que transitou para a sensibilidade do romantismo. A precoce orfandade e os travores domésticos lançaram-no nesse *estado de poesia*, que o alentava nas altas contemplanções artísticas, e que lhe proporcionaram a serenidade e a alegria, no desprovido insulamento. Encantou-o a beleza helénica, iluminando a realidade da paixão saudável, que encontrou, na galantaria cavalheiresca do fim da Idade-Média, o culto do feminismo. No período de audaciosa especulação metafísica, conduz-se para a acção revolucionária, e aí se lhe revela o século excepcional, na sua obra demolidora, transitória, mas necessária à reconstrução da cidade universal da concórdia humana. Nesta fase, em que muitos espíritos entreviram a Revolução como um fim da humanidade, Teófilo embebeu-se da filosofia positiva. Esta conferiu-lhe a tranquilidade moral, orientando, sob essa disciplina, a propaganda política, e descreveu-lhe a doutrina humana, com o advento da idade normal de Paz e de Verdade.



APONTAMENTO CARICATURAL

De Rafael Bordalo Pinheiro, 1881.

Por êste encadeamento, o de uma filosofia que faculta a compreensão de um ideal estético, fortalecido por uma realidade ética, imprime a precisa forma à epopeia humana da grande convulsão, em que o século XIX e o século XX se agitam, aspirando a uma nova era de civilização: «L'Humanité est en grand travail de régénération totale». (Comte, *Testament*, p. 207). O estudioso filósofo reconhecia que êsse processo laborioso não se fará pela ciência, pela filosofia e pela política, porque, pela sua complexidade, êsses fenómenos dependem do sentimento, e sobre êle só tem poder a poesia. E, generalizado o *Curso de filosofia positiva*, escrevia, no *Sistema de política positiva*: «L'ensemble du Positivisme n'ayant désormais besoin que de l'essor poétique». (*Ob. cit.*, t. IV, p. 482). Esclarecendo o teor desta

indicação, Comte formulou: «A Arte positiva achar-se há naturalmente levada a traçar os quadros dos antepassados da regeneração humana e a apreciá-la sob todos os prismas susceptíveis de idealização. Regularizará as utopias, subordinando, nelas, a idealidade à realidade».

Desde 1863 que essa tendência, prevista por Comte, se manifestava na *Visão dos Tempos*, nos quadros da antiguidade israelítica, helénica e cristã. Só após 1872 é que elucidou, nas *Miragens seculares*, como tal doutrina filosófica o trouxera à consciente regeneração da poesia, à compreensão da Arte sociológica. Assim, coordena todos os poemas que formaram o conjunto da *Visão dos Tempos*, na edição integral de 1894. No proémio confessa o influxo da filosofia positiva, que lhe desvendara as falhas do vasto quadro:

A philosophia que systematisou a sociologia, como o phenomeno em que mais se accentua a generalidade decrescente e a complicação crescente, ligando-as ás leis geraes do Universo; que estabeleceu a trama da historia pela justa apreciação da Idade-Media e da acção da egreja, bem como do criticismo encyclopedico; que esclareceu a marcha da Revolução occidental, desde o seculo XIII ao fim do seculo XVIII, como a transição do regimen catholico feudal para a democracia, preliminar final para o estado normativo da sociocracia; que fundou a mutua dependencia dos trez phenomenos característicos do nosso ser, *sentimentos, pensamentos e actos*, os quaes explicam todas as manifestações da existencia collectiva e individual — essa philosophia dando a suprema preponderancia á parte *affectiva*, não podia deixar de suggerir á imaginação o grande quadro da victoria da Humanidade, revelado no lyrismo do sentimento, no drama do conflicto dos interesses e na epopeia da sua inexgotavel actividade. Tal fôra o voto de Augusto Comte, presagiando o advento da epopeia nova, resultante do *accordo da acção commum dos estados do occidente*.

A causa que tornou possível a conflagração europeia materializaria a indispensável aproximação defensiva, que firmará a paz milenária, como objectivo da nova era da Humanidade.

Sabendo que Teófilo Braga ainda labora na *sumptuosa Catedral*, na sua epopeia, como já lhe chamaram, aparelhando a edição *Ne varietur*, inquirimos qual o pensamento dessa última remodelação. Com a nótula que nos franqueou, satisfazendo a nossa curiosidade, rematamos estas sucintas linhas:

Seguimos, ao elaborar a *Visão dos Tempos*, o processo organico da formação das epopeias anonymas; pequenos poemas, á maneira dos aedos, que compunham as *rapsodias*, e se tornaram episodios da *Illiada* e da *Odisseia*, foram-se reunindo cyclicamente, em 1864, 1866 e 1869. A variedade obrigava a empregar toda a riqueza da versificação das litteraturas romanicas. Evitámos o defeito da monotonia homeometrica do verso, homeoritonica e homeostrophica, buscando o effeito da symphonia orchestral.



Em 1884, nas *Miragens seculares*, agrupámos os poemetos novos em trez cyclos, da FATALIDADE, da LUCTA e da LIBERDADE, pelo sentimento da Historia, com o relevo da philosophia positiva. Era a phase critica das *Diorthuntes*, quanto ao trabalho estructural das epopeias homericas, na exhuberancia das rapsodias. Em 1894, na edição de todos os poemetos, com os ineditos, conseguira dividil-os por quatorze cantos, seguindo a ascensão psychologica da humanidade, irretorquivelmente formulada por Comte, que delinear a contornos da epopeia da Humanidade. Correspondeu esta phase ao trabalho das *Diacevastas*, dando a todas as rapsodias a artistica e perfeita unidade. Na edição *Ne varietur*, procuramos realisar a *verdade* objectiva, corporisando a concepção subjectiva de Pascal: «Toda a serie dos homens, durante o curso de tantos seculos, deve considerar-se como um mesmo homem, que subsiste sempre, e que incessantemente aprende». Na impossibilidade desta representação *objectiva*, naufragou Schubart, com a sua tentativa de epopeia das edades. Nós tivemos a fortuna de descobrir a tradição, que incarna essa continuidade historica, no velho patriarcha, testemunho do diluvio, que ficou indemne da Lei da Morte, como testemunha da historia, *Hasis Adra*, o qual atravessa a civilisação helenica, sob o nome de *Xisutros*; na era christã, com o nome de *Ashaverus*; entre os arabes, na sua expansão imperialista, é *Kedher*, o propheta verdejante; no sul da Europa, é *João de Spera em Deus*, e, na tradição portugueza, identifica-se ao *Preste João das Indias*. Com esta apparição, tambem notada pelos nomes de *Cartaphilo*, *Judeu errante* e *Laquedam*, chega-se a uma admiravel continuidade objectiva da Historia, seguindo os diversos caracteres das epochas.

*Quinquagenario*, 1858-1898, p. 251.

A *Unidade psicologica*, na marcha da civilização, determina-se nas crises da consciência religiosa, vindas da transformação dos mitos avés-ticos, no conceito moral, que se expandiu pelo mitraísmo, penetrando na cultura helénica pelo idealismo de Platão, no budismo indiano, no *messianismo* de Israel, no *islamismo*, que unificou as tribus árabes, e, de uma forma surpreendente, no cristianismo e nas seitas de essénios e montanistas. Só se tornou possível conhecer esta *unidade* de consciência religiosa depois da assombrosa descoberta dos livros sagrados de *Vedas* e do *Avesta*, e do helenismo, fornecendo a parte dogmática do cristianismo, na doutrina do verbo, em Joaquim de Flores, e nas heresias do século XIII.

Nas três belas epopeias da civilização moderna do ocidente, a *Eneida*, a *Divina Comedia* e os *Lusiadas*, palpa-se o nexo psicologico dêsse grande abalo da consciência religiosa. Vergílio, na 4.<sup>a</sup> égloga, sentia essa corrente do *mazdeísmo*, quando escreveu o significativo exâmetro: *Ab integro Seclorum nascitor Ordo*, e na *Eneida* declamou contra as guerras com a melancolia que o elevou a profeta. Reflectia o idealismo helénico. Essa ordem nova foi perturbada pelas guerras romanas, as quais, no meio das



catástrofes das raças, converteram em proselitico o *messianismo* judaico, compelindo a tomar como heresia dêle o cristianismo e o islamismo, aliás floração do mesmo tronco do *mazdeísmo*. Na *Divina Comédia* vemos a revivescência da doutrina joaquimita, que proclamou a graça, obliterada pelo culto do mediador-filho, explorado pelo catolicismo romano. É essa doutrina que inspira as lendas do *Santo Graal* e a participação dos trovadores na luta de extermínio dos albigenses. Camões, nos *Lusiadas*, mostra o pasmo dos companheiros de Vasco da Gama, ao encontrarem, no templo indiano, símbolos iguais aos cristãos, e acentua o verso: «O falso Deus adora o verdadeiro». O cristianismo é que era o reflexo terciário das doutrinas da *Lux increata*.

As Cruzadas originaram-se no antagonismo das variantes do mesmo credo. A hierologia patenteia o modo por que os mitos astronómicos do *Avesta*, assumindo um carácter de realidade terrestre, produziram os *Mistérios da Grécia*, como nos de Eleusis, sincretizando-se com as ideias egípcias, siríacas e frígias dos cultos orgiásticos.

As maiores guerras da Europa foram de religião, exara Edgar Quinet: «A Reforma explude; o homem avança, de novo, à cata da verdade, que julga possuir; pensava ter aprofundado ao pôrto, e ei-lo arrebatado pelo vendaval. A dúvida apodera-se do mundo; o Deus eterno vacila no imo das consciências; mas os abalos do scepticismo não ficam sem fruto. Tudo se agita; a Filosofia e a Revolução política entreabrem, conjuntas, o porvir, e nós, que incessantemente aparecemos no meio dêste espectáculo, aguardamos o relâmpago, que deve deslumbrar e trazer a paz que o mundo perdera». (*Génio das Religiões*, p. 13). Êsse relâmpago fulgura hoje ante os nossos olhos, e a epopeia da Humanidade bradará: *In ipsa vivimus, movemur et sumus*.

Fran Paxeco.



## O MAIOR DE TODOS OS DEMOCRATAS<sup>1</sup>

... serviu o país com desvelo e carinho,  
Nas campanhas de paz em prol d'este cantinho,  
Fazendo ressurgir as glórias do passado.

DELFIN GUIMARÃES.



ESCREVER acêrca de Teófilo Braga, o pensador insigne, o Mestre de mais de uma geração, sábio Mestre da Democracia portuguesa, não é fácil tarefa.

¡E na verdade não sei qual de nós dois será o mais audacioso:—V., dizendo-me não dispensar a minha colaboração no precioso escrínio que o *In memoriam* constituirá; eu, pretendendo satisfazer a sua amável imposição!

Trata-se de um Homem em que Ramalho Ortigão, já em 1879, reconhecia *tenacidade*, não tendo dúvida em declarar que o «ente debil que passa surrateiro, como quem se evade — é o mais forte, o mais rijo temperamento que tem conhecido»; de um dos primeiros propagandistas da República em Portugal, o MAIOR DE TODOS na concepção das ideas republicanas, porque, como muito bem disse Mayer Garção, «ninguém em Portugal é mais republicano e mais português do que Teófilo Braga».

Posso talvez justificar a temeridade a que me abalanço com razões de vária ordem, comprovativas do meu inolvidável reconhecimento por muitas provas de simpatia que me dispensou — simpatia talvez nascida

<sup>1</sup> Carta ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Álvaro Neves.

de me querer como a seu conterrâneo, pela sua arreigada opinião de ser minhoto o fundo da população de S. Miguel — e de entre as quais destacarei uma que representa suprema consolação de muita amargura silenciosamente sofrida, as palavras que me dirigiu, como a desculpar-se, quando, em Setembro de 1923, acorrendo à sua chamada, o visitei pela penúltima vez na modesta habitação a que um grande torturado digno de todo o meu respeito chamou com toda a propriedade «lugar santo, que deslumbra mais do que sumptuosos palácios, porque tem a sobre-dourá-lo a suprema fulguração do génio e a engrandecê-lo a irreduzível fôrça da virtude» — palavras que ainda hoje julgo ouvir e jamais poderei esquecer, vindas de valor tam alto:

— Precisando encontrar um homem honrado, lembrei-me de si...

\*

Tendo chegado às dezanove horas, despedi-me saúdoso e triste às vinte e três. Triste por ver quási extinta a luz daqueles olhos que tanta luz derramaram para bem da Pátria querida; saúdoso porque daquelas quatro horas encantadoras, rapidamente passadas, me ficaram recordações inapagáveis da memória, e que não me seria fácil reproduzir mesmo em volumoso tômo. Evocações da sua infância atormentada por uma madrasta a quem o nome basta; os seus primeiros versos publicados aos catorze anos, graças à amizade e protecção de Francisco Maria Supico; a sua paixão pela música; a formação do seu espírito sob a influência de Garrett e de Augusto Comte; a sua vida desde tipógrafo a estudante, em Coimbra, onde, depois de uma reprovação teve de vencer dificuldades que aterrariam qualquer outro.

¡Que nobre exemplo para ser imitado!

Como venceu concursos, e como conseguiu carinhosamente, avarentamente, amealhar alguns valores que para ali jaziam no fundo de uma arca, e que destinava a garantir a tranquillidade da sua querida companhia, quando êle lhe faltasse, e que, afinal, se lembrara partir adiante, abandonando-o... deixando-o só...

¡A esperança que mantinha, confiado na sua vida morigerada, absolutamente regrada, de viver mais dez anos, tempo que reputava de sobra para realizar a obra planeada! ¡¡Dez anos que ficaram reduzidos a três curtos meses!!

¡O seu desejo ardente de legar todos os seus livros e a propria casa em que nos encontrávamos à Câmara Municipal de Lisboa, para ali ficar instalada, recordando-o à posteridade, a sua biblioteca especialmente des-

tinada aos visitantes do Jardim da Estrêla onde amigos queridos lhe proporcionaram, na mais linda festa de crianças, a mais grata e perdurável emoção em 1912!...

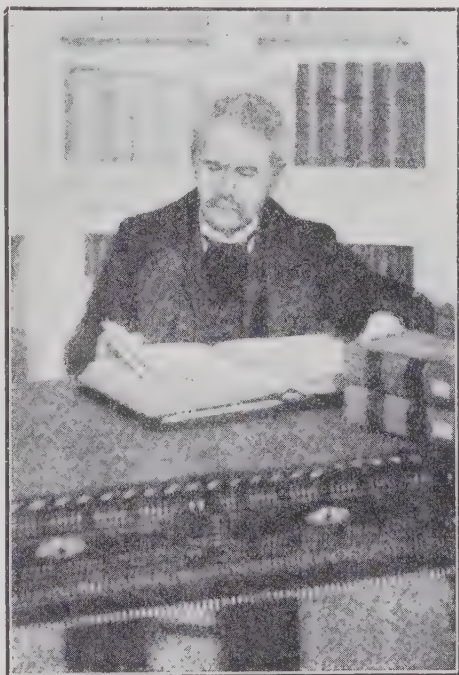
Conversador incomparável, e incansável. Eu ouvia enebriado a sua vozinha mansa, quási ciciante, recordando sempre... Que prodigiosa memória! Depois avivei recordações da sua presidência no Governo Provisório; das minhas visitas quási diárias, a indagar da marcha da *nossa obra* que o seu nome ia acreditando perante o mundo; a querer saber como se portavam os *rapazes* (¡eu chamava irreverentemente *rapazes* aos ministros!), e êle, mesmo ao cantinho de uma mesa grande na grande sala do Conselho, como a querer escapular-se da maçada, desconfiado de tudo aquilo, respondia-me sempre, e sempre sorrindo:

—Vão indo, vão indo, mas precisam ainda muita palmatoada...

Êle recordava-se muito bem de tudo, e, rindo, afirmou terem feito muita falta as palmatoadas...

E passou então a contar casos picarescos, manobras políticas, e as habilidades de que precisava servir-se para escapar de cair em ratoeiras que constantemente lhe armavam e de que o Bensabat mais o Agostinho foram testemunhas algumas vezes, ajudando-o a desenvenilhar-se. ¡Mas tudo isto êle narrava num livro que tinha pronto e que eu, guloso editor a farejar um sucesso, me ofereci para publicar imediatamente! Que inesperada surpresa, que formidável decepção a resposta do Mestre:

—Você está doido! ¡Bem se vê que os não conhece! ¡Prometo deixar-lho em testamento, mas com a condição de o não publicar senão dez anos depois da minha morte! Se o publicasse logo a seguir ao meu falecimento, eram capazes de me matarem de novo, e você também não ficaria em bons lençóis. A História não é para os que cá estão, é para os que hão-de vir.



TRABALHANDO NA BIBLIOTECA DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



Um dia se conhecerá tudo, pois não perdi a esperança de que o manuscrito — precioso documento histórico — ainda venha a aparecer mesmo sem o meu intermédio, visto êle me haver afirmado que o tinha escrito e eu não poder duvidar da sua palavra honrada.

\*

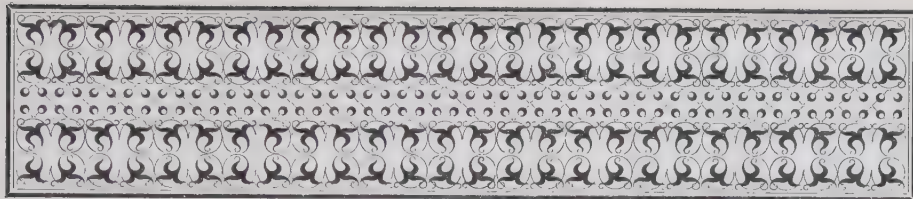
! À falta de competência para apreciar o grande Mestre sob qualquer dos aspectos: literato, historiador ou erudito, ou seja na sua actividade artística, filosófica ou científica, julgo satisfazer o desejo do meu amigo fornecendo notas íntimas, recordação de quatro horas adoráveis, afirmando em público o carácter afectivo de um Homem que muitos julgavam irascível e que levava a sua benignidade ao ponto de enaltecer contendores seus!

Nas palavras que aí ficam sòmente procurei traduzir a minha admiração, o meu respeito, a minha saúde por Teófilo Braga, pelo Homem que, estudante ainda, publicara a sua *Visão dos Tempos*, deslumbrando os literatos seus contemporâneos, que, entre admirados e surpreendidos, lhe ofereceram uma coroa de triunfo, e já em 1868, críticos abalizados o consideravam por ter «contribuído poderosamente para a reconstrução da nossa litteratura, indicando-lhe o caminho verdadeiro; apontado muitas lacunas na nossa Historia litteraria, e ter-se esforçado por encher algumas, nunca se enamorando o seu talento vigoroso de emprêsas que não fôsem dignas de talentos de primeira ordem». Pois dêste Homem, a que ninguém pode contestar a qualidade rara de escritor eminente, que já em 1879 tinha livros traduzidos na Áustria, e em 1906 o seu melhor mercado era na Alemanha, segundo me confidenciou José Lelo num dia em que conspirámos juntos sôbre a forma de introduzir em Lisboa a *Patria*, de Junqueiro, e a crítica, em Espanha, se lhe referia assim: «Campeão infatigável da nova idea, põe ao serviço dela os seus profundos conhecimentos filosóficos e literários, e com erudição pasmosa e perspicaz critério esclarece temas e argumentos cuja elucidação exacta interessa por extrêmo à civilização hispano-portuguesa, o nome de Teófilo Braga repete-se hoje com aplauso em todos os centros civilizados da Europa e da América», houve em Portugal um outro homem que escreveu o seguinte: «escritor que, em vez de mioleira, tem a caixa craneana cheia de água chilra».

! Como êle devia rir, por saber como era detestado pelas gerações que ignoram quais são as suas obras visando o ressurgimento nacional, ou a epopeia cíclica da História!

Fevereiro de 1925.

Gomes de Carvalho.



## DIREITO A DESCANSAR...

Tinha direito a descansar quem tanto lidou na vida, quem dos talentos recebidos tão elevado emprego fez para lustre do seu nome, para interesse do seu paiz e para gloria do seu tempo!



ASSIM disse José Dias Ferreira, do autor do CÓDIGO CIVIL, ao encerrar-lhe o *Elogio Historico*, e não julgo que me fôsse possível fazer melhor, neste momento, do que perfilhar tais expressões, justificadíssimas, em relação à pessoa inconfundível de Teófilo Braga.

Quando um homem, numa existência longa, ergue um edificio, assente nos sólidos alicerces do seu próprio trabalho assíduo e honesto, e o dedica ao ensinamento conceituoso dos seus concidadãos, um semelhante homem ganhou indubitavelmente o seu dia perante os contemporâneos e ninguém pode contestar-lhe a hora de repouso na posteridade.

Nascido na cidade encantadora de Ponta Delgada, capital da luxuriantíssima Ilha de S. Miguel, aos 24 de Fevereiro de 1843, encaminhou-o a vida à Lisboa formosa, que lhe recebeu o último suspiro, a breves dias de distância de completar os seus oitenta e um anos, depois de, por mérito autêntico, revelado na obra máxima, em quantidade e qualidade, que há brotado de mente portuguesa, não incluso Camões, haver passado, mediante libérrima escolha, no seio do Congresso, pela primeira magistratura da República. Presidira, anteriormente, ao Governo Provisório e mantivera em todas as situações aquela modéstia que todos conhecemos, admirámos e respeitámos, bem como a feição típica predominante e proeminente de Mestre insigne.

Foi professor por direito de conquista em provas públicas de ciência consumada e de aptidão indiscutível, e como tal o ouvimos na conferência, no discurso parlamentar, e o lemos no artigo de jornal e no livro.

No campo da Literatura pròpriamente dita, êle exerceu em Portugal um papel semelhante àquele que na Dinamarca foi exercido por Thorvaldsen, na plena estética das Artes, por Thorvaldsen que na escultura sobressaía sem rival e foi também dotado de faculdades inesgotáveis de trabalho.

A Dinamarca inteira acompanhou Thorvaldsen, falecido, ao derradeiro aposento dos que não volvem a acordar.

Justiça idêntica rendeu Portugal em pêso ao Thorvaldsen da Literatura Nacional.

A êste gigante da idea, ao firmissimo apóstolo da Liberdade e do Direito, foi prestada a homenagem a que tinha jus o primeiro cidadão português da nossa idade.

Pode afirmar-se que teve um cortejo triunfal de despedida, em que por excelência figuraram, grata e empolgantemente, os estudantes de todas as escolas do País, particulares e oficiais, nos diversos graus do ensino, e isto, em especial, muito me apraz registrar aqui, pois que traduz belamente um sentimento solidário e nobre que o próprio saudável Teófilo Braga comovido agradeceria se, num relâmpago de tempo, lhe fôsse dado reassumir a visão e a consciência.

¡Grandiosidade inconcussa e invejável destino, eternizados num monumento, que honra e aureola a língua de Camões!

7 de Março de 1924.

*J. Noronha.*



## GARRETTIANISTA



A literatura portuguesa ficam, íntima e justamente, bem ligados, para sempre, estes dois nomes ilustres: o do chefe do movimento romântico em Portugal e artístico compilador do *folklore* nacional, e o do seu panegirista e continuador na recolha científica do cancionero e romanceiro portugueses.

Como escreveu o Sr. Prado Coelho no artigo «Teófilo Braga e a sua formação mental», inserto no volume *Bodas de ouro no magistério, 1872-1922*, «Garrett e Teófilo irmanam-se nas aspirações nacionais do levantamento da alma nacional, vibrando numa unanimidade de consciência, na posse das suas tradições que lhe dão as chaves dos seus destinos».

Logo nos primeiros anos da sua vida mostrou Teófilo Braga a sua predilecção pela obra garrettiana.

Assim, entre as primeiras obras que leu, contam-se as de Garrett, e ao primeiro livro de versos que publicou (1859) deu o título de *Folhas verdes*, como antítese ao das *Folhas caídas*. Em carta de 1861, ao erudito autor do *Diccionario bibliographico*, Inocêncio Francisco da Silva, com quem manteve uma interessante correspondência, há pouco compilada, gabava-se de saber, quasi de cor, a bela elegia que é o *Camões*, de Garrett.

Por essa época, conforme se lê nessa correspondência, escrevia também um drama em três actos, *Quita*, cujo protagonista era o autor da célebre *Cantata de Dido*, drama em que seguia de perto o *Fr. Luiz de Sousa*; projectava uma *Viagem ao redor do meu tinteiro*, no género das *Viagens na minha terra*, e iniciava um poema romântico, *Os doze de Inglaterra*, tema êste já tratado por Garrett e que Teófilo, só muito mais



tarde, concluiu. Influenciado pelo exemplo dado por Garrett, coligiu no *Romanceiro geral português*, no *Cancioneiro popular português* e nos *Cantos populares do archipelago açoreano*, publicados de 1867 a 1869, classificando-as em harmonia com os mais recentes estudos literários, e precedendo-as de uma *Historia da poesia popular portuguesa*, essas formosas composições poéticas inspiradas pela musa popular. Muitos anos depois, a matéria do volume único desta notável obra foi ampliada, desdobrando-se em dois volumes, *As origens* e *Cyclos épicos*, saídos em 1902 e 1905.

Apesar de nela criticar o processo usado por Garrett, isto é, o aperfeiçoamento e embelezamento das poesias que recolhia, Teófilo reconhece o grande serviço por êle prestado, iniciando, na península ibérica, a investigação dos cantos populares. O *Romanceiro* e o *Cancioneiro* foram depois abundantemente acrescidos, constituindo quatro volumes de uma valiosa compilação, para a qual, pode dizer-se, Garrett contribuiu com a sua genial intuição da importância dêstes cantos tradicionais.

Teófilo que, como afirmou Teixeira Bastos no livro que lhe dedicou, estimulou a publicação das *Memorias biographicas de Garrett*, de Gomes de Amorim, pode considerar-se o biógrafo mais entusiasta do grande escritor nos seus volumes *Garrett e o romantismo* (1904) e *Garrett e os dramas romanticos* (1905), nos quais, com grande senso crítico, integra a vida e obras de Garrett nos diversos acontecimentos do seu tempo.

Seria fastidioso enumerar todas as obras em que Teófilo se ocupou de Garrett. Em todo o caso indicaremos, as seguintes: *Historia do romantismo em Portugal* (1880), *Questões de litteratura* (1881), biografias nas revistas *Plutarcho* e *Revista de estudos livres*, *Garrett no Pantheon*, etc. Deve-se a Teófilo Braga a melhor edição das *Obras completas de Garrett*, publicada em 1904, em que elas aparecem classificadas conforme os seus diferentes géneros, e precedidas ainda de uma excelente biografia.

Escreveu Teófilo Braga nos *Estudos da idade media* (1870), que ao Visconde de Almeida Garrett se deve a renovação da moderna literatura portuguesa; a êle se deve, por sua vez, a criação da história da literatura portuguesa, com os seus numerosos trabalhos, cujo valor é indiscutível, não obstante nêles se encontrarem alguns deslizes, como é natural em empreendimentos de tal grandeza.

Terminamos estas despretenciosas notas com esta frase do Sr. Prado Coelho, que sintetiza, perfeitamente, a influência garrettiana na obra de Teófilo Braga: «Garrett introduziu-o na Arte e na História Literária».

*Henrique de Campos Jerreira Lima.*



## MODALIDADES DO CARÁCTER DO DOUTOR TEÓFILO BRAGA



RESPONDER com uma negativa ao delicado convite que me foi endereçado para colaborar numa obra de glorificação de um dos mais ilustres filhos de Portugal seria grosseria indesculpável e que me não está no carácter; mas aceder a êle também se me afigurou que seria sair do âmbito a que a minha apoucada inteligência me cingiu; prefiro, porém, correr o risco de me apodarem de imodesto; impõe-se-me o dever moral de concorrer, como português que me prezo de ser, para esta obra de consagração a uma personalidade de tamanho vulto, como foi Teófilo Braga.

E como se trate de um *In memoriam*, acertado me parece que nêle ache cabimento a narrativa de pequenos incidentes que com a memória do grande Morto se relacionem.

Teófilo Braga deu-me a honra de me distinguir com a oferta de um ou outro livro seu, no espaço que vai de 1889 a 1917; isto mostra que durante alguns anos tivemos relações pelo menos de muito boa estima; conversámos, pois, muitas vezes; natural era portanto que nessas conversas se abordassem questões literárias e se trocassem impressões, sendo, como sempre, de grande proveito todas as suas cavaqueiras, em que êle era inesgotável na lição de cousas novas e inéditas.

Numa dessas conversas em que se aludia à sua monumental *Historia da Litteratura*, permiti-me a liberdade de lhe notar os numerosos ataques que essa sua obra sofrera da parte não só de plumitivos sem importância de maior, mas ainda de pessoas gradas e de renome feito nas letras por-

tuguesas. A sua resposta a esta observação veio provar-me que o insigne pensador não era bem um daqueles homens intolerantes e irreductíveis em cujo número êle era incluído por muita gente.

— Meu amigo: nada há que admirar; e ainda bem que assim tem sido; êsses ataques vêm provar que os contraditores lêem a minha obra; e congratulo-me por lhes haver aberto êsse caminho, para estudarem e investigarem; porque, creia, se não fôra eu, não vejo por aí quem fôsse capaz de se abalarçar a desbravar essa emmaranhada floresta que é a nossa literatura. E se êles conseguissem aclarar os pontos escuros e duvidosos de que está repleta, dar-me-iam com isso uma enorme satisfação.

Não seriam estas as palavras textuais proferidas pelo Mestre; foi, porém, êste o seu sentido.

\*

De outra ocasião, andava eu publicando as obras de António Feliciano de Castilho, de cuja direcção se encarregara o seu filho dilecto, Júlio de Castilho.

Foi êste homem um carácter raro, dos mais iguais e dos mais honestos com quem me tem sido dado encontrar na minha já longa vida; mas, de par com essas inigualáveis qualidades de carácter, era de uma absorvente intolerância politica e religiosa — excepto no que se referia ao Marquês de Pombal, de quem se constituíra um fervoroso admirador, circunstância que nunca cheguei a perceber bem, dada a ferocidade com que o grande estadista perseguiu os jesuítas, de quem o nosso Júlio de Castilho era um estrénuo propugnador.

Além do que, depois da famosa turra que Antero de Quental tivera com o Castilho, Pai, à volta da qual se formara a célebre questão chamada do *Bom senso e bom gosto*, Júlio de Castilho, o mais devotado e incondicional admirador de seu glorioso pai, nunca mais pôde ver ou sequer ouvir falar nem de Antero nem de Teófilo Braga, o qual, como ninguém ignora, entrara na bulha publicando o notável opúsculo *Theocracias litterarias*.

Pois, como acima principiei de dizer, quando se andava trabalhando na publicação das obras de Castilho, e se pensava em confiar ao prelo a sua correspondência, Teófilo Braga disse-me:

— Tenho duas cartas muito curiosas de Castilho a um parente meu; parecia-me importante publicá-las na sua colecção; aqui estão, entregue-as ao Júlio, mas não diga que fui eu que lhas forneci; pois, dado o feitio dêle, se soubesse que as cartas iam da minha mão, de certo não as aceitaria; no meu entender a questões particulares deve sobrepor-se o interêsse

da colectividade, e a publicação dessa correspondência interessa a toda a gente.

Claro que entreguei as cartas a Júlio de Castilho, que tam curiosas as achou, que me pediu encarecidamente lhe dissesse quem as oferecera, para lhas agradecer, como era seu dever, dizia êle. Escusado será dizer que mantive o segredo, e o malogrado investigador da *Lisboa antiga* lá foi para a sua última morada sem saber quem me confiara as tais cartas.

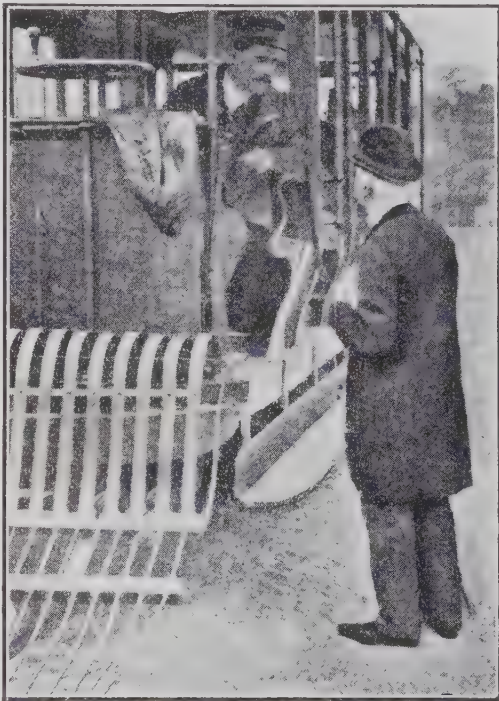
Infelizmente esbarrou a *Correspondencia* de Castilho no seu quarto volume, e as duas cartas não chegaram a ser publicadas. Talvez que outro editor, mais afortunado ou mais arrojado do que eu, as dê à estampa, quando um dia se completar a edição que eu com tanto entusiasmo empreendi, mas que me vi obrigado a interromper ao chegar ao seu octogésimo volume. Que não sei bem se todos os editores teriam ainda assim coragem para tanto...

\*

Ainda outro facto característico do feitio moral do insigne filósofo, e êste foi-me narrado ainda não há muito por pessoa que me merece toda a confiança.

Nos últimos tempos da vida do Doutor Teófilo Braga, uma superior individualidade literária, que por êste grande homem se interessava, lembrou-lhe a conveniência de não viver tam isolado e de ter dentro de casa alguém que por êle velasse, pois que poderia de um momento para o outro — como de facto succedeu — sobrevir-lhe uma síncope ou qualquer outro acidente, e êle não tinha quem de pronto lhe acudisse.

— Estou bem assim, atalhou êle; não me atemorizo; mesmo, quando venha a morte, eu quero encará-la de frente para mostrar que não a temo.



PRESIDENTE DO GOVÊRO DA REPÚBLICA  
PORTUGUESA TOMANDO UM ELÉCTRICO, 1910



Tal era o carácter dêste homem forte que até o seu último instante, numa longa vida de mais de oitenta anos, manteve a mesma linha, sem uma discrepância, sem uma hesitação, sem um desfalecimento.

É para admirar a rija têmpera de tal lutador, mesmo depois de haver assistido à hesitação e à vacilação de altos espíritos que, na mocidade, atacaram os dogmas religiosos e o problema da imortalidade, com um vigor e uma audácia desmedidos, mas que, quando entrados na idade madura, recuaram e se arrependeram das irreverências passadas.

Assombra-me aquela inflexibilidade de têmpera, aquela inquebrantável rigidez de princípios, aquela inexcedível fortaleza de ânimo.

Pode haver homens que, por orgulho e à sobreposse, o queiram imitar; mas, cônscios de si e da sua fôrça intemerata, como Teófilo Braga, são raríssimos.

De mim confesso que me não sinto com coragem para tanto; o Além continua a ser para mim um misterioso e insolúvel problema, apesar da razão me estar continuamente martelando que para lá da morte nada mais existe.

Março de 1924.

*Henrique Marques.*



## O ECLIPSE DOS HERÓIS



ORREU Teófilo Braga, e, tal qual acontecera com Junqueiro, a sua morte não alvoroçou no País afeições magoadas. Frouxamente sentida na inteligência, objecto de moderada curiosidade e brando interêsse pelos dias derradeiros de pessoas consagradas — porventura consagradas convencionalmente, para o desmemoriado e tôsko entendimento de muitos que de todo ignoravam os motivos distantes pelos quais consagradas mereceram ser há perto de meio século —, a morte dêsses homens escandalosamente passou, sem que o coração das multidões se atribulasse um só instante e de leve pela perda do quer que fôsse que sincera e intimamente amasse.

Junqueiro jazeu três dias na basílica da Estrêla em um leito de indiferença e de abandono, a que nem o clamor indignado de raras consciências delicadas pôde abrandar a frieza, chamando os romeiros e verberando-lhes a inércia e as deserções. E Teófilo Braga, embora fôsse recente e lembrado o que com o companheiro sucedera e dera testemunho da ingratidão e da apatia de um abatimento moral profundo, embora a fatalidade oferecesse bom ensejo de emenda e desagravo a uma sociedade que se mostrara decaída e prostrada, Teófilo Braga conseguiu sômente as homenagens externas, muito limitadamente pontuais, que lhe competiam, concedendo apenas o que em direito era devido, sem lhe acrescentar a mais pequenina parcela de enternecimento e de lágrimas que de peitos desolados viessem. Teófilo Braga e Junqueiro baixaram à sepultura amortalhados unicamente no luto e na dor protocolar, e êsses mesmos arrastadamente ordenados. Invocando brios preguiçosos, quisemos pagar-lhes e de facto lhes tribu-

tamos em mera ostentação o que a Pátria lhes devia, entretanto avaramente lhes regateando a unção de peitos comovidos que embalsamasse a lívida algidez dos seus despojos.

*Sunt lacrimae rerum!*

\*

É que, demolidores do liberalismo, Junqueiro e Teófilo Braga haviam ultrapassado a sua hora quando morreram; a sua existência sobrevivera à sua influência e autoridade prática efectiva. O liberalismo demolido estava, muitos anos e tumultuosos haviam já passado sobre os seus destroços; e os obreiros da sua ruína, que a tempo a sorte não afastara para a solidão ou para o túmulo quando concluída tinham a tarefa, os retardatários da campanha caíam soterrados nos últimos desabamentos do edifício cujos alicerces esforçadamente haviam minado.

Revoltaram-se os demolidores contra os compromissos e tibiezas das meias-verdades, transigências e complacências do liberalismo, sem muito ou nada considerarem que nessas conciliações, para justificação da demolição havidas por degradantes e nocivas, tinham lugar obrigado, pôsto que exclusivo não fôsse e tolerasse a assistência de muita miséria, os elementos vitais da dignidade de uma sociedade: — a honra e a gratidão; a dedicação aos que honestamente serviram a comunidade, o respeito e o affecto dos que pelos seus talentos a adornaram e guiaram, e pela sua acção a engrandeceram; o reconhecimento de uma ordem e de uma hierarquia na graduação dos homens; quanto enfim corrige pelo culto das almas eleitas as baixezas da cobiça dos bens da terra.

«O verdadeiro liberal», disse Goethe, «esforça-se por usar todos os meios à sua disposição para efectuar todo o bem que pode. Mas livra-se de atacar a ferro e fogo os males que muitas vezes são inevitáveis, e tenta por um acautelado progresso corrigir os defeitos óbvios, sem por medidas violentas destruir uma igual soma de bem. Neste mundo imperfeito que é o nosso, fica contente com o *bom*, até que o tempo e as circunstâncias favoreçam o advento do *melhor*». Mas os demolidores do liberalismo revoltaram-se, porque na sua fogosa nobreza não se contentavam com o que de virtudes o liberalismo continha; acharam-no minguido, pouco, empírico, parcial, incoerente e medíocre, e, radicais, não queriam consentir partilhas que a imaginação exaltada em arrebatamentos de perfeição lhes acusava de deprimentes. E eis que, quando mal o sonhávamos, se verifica que enquanto por se exigirem virtudes íntegras, absolutas, e a linha recta científica, se tentava demolir o sistema híbrido das meias-virtudes e se duvidava das vantagens do eclectismo a que conduzia, demoliam-se pela

base e de um só golpe as meias-virtudes e as próprias virtudes cujos fragmentos alvejamos. Em vez de se alargarem e completarem, como pretendíamos, ou mesmo em vez de serem substituídas por outras que as valessem, como poderíamos pretender, eram abolidas cerce, sem compensação de espécie alguma.

Dêste modo chegamos à situação em que o desprendimento dos bens do mundo, e a aspiração de elevar a capacidade mental da grei, e a arte de viver para os outros e para o engrandecimento do seu e do nosso espírito, e quanto algum dia fôra reputado o valor supremo dos homens, tudo se tornou em preocupação obsoleta. Na *luta pela vida* triunfante, o antigo credo idealista era preterido pela cobiça e sêde de possuir, de ora avante razão última e única da actividade dos homens e da sua religião.

Foi assim que o remanescente dos demolidores do liberalismo, envolvido nas torrentes de negação que cândidamente soltara, se encontrou perdido em um ambiente adverso, destituído das qualidades próprias para lhes apreciar a grandeza e amar a nobreza, e em admiração e louvor fazer justiça ao esforço heróico a que deram todo o seu sangue, de rara e superior pureza.

\*

Essa injustiça e esquecimento será, porém, o eclipse passageiro da aura de reais e incorruptíveis grandezas. A restauração da escala dos valores morais, sem a qual as sociedades inevitavelmente caem na dissolução trágica de que o tempo presente é angustiada testemunha e vítima, a reacção impreterível da vida que se sente ameaçada, aproxima-se. A natureza humana não muda, demonstra-o a história, e, não mudando, necessariamente restabelece o senso da dignidade onde perdido ou deturpado o achar; e logo lhe atribuirá os poderes de govêrno, resplendor e glória que os arremessos da pura animalidade acidentalmente lhe hajam obscurecido ou estorvado. São já claríssimos os sinais de renascimento em que aquelas meias-virtudes do liberalismo, mutiladas ou incompletas como subsistiam mas em toda a hipótese essenciais e preponderantes, voltarão a reaver e a exercer o seu legítimo domínio salvador. Ciência, política, religião, arte, todas as grandes energias que nos movem e determinam o carácter das sociedades, todas sentimos a agitar-se em renascimento.

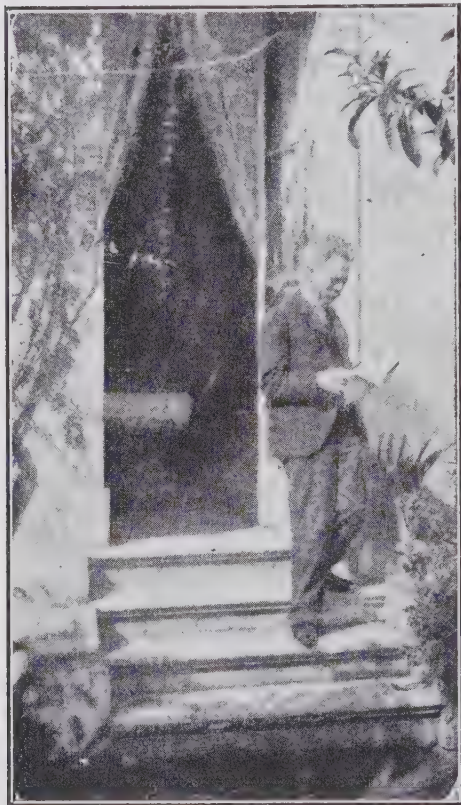
\*

Então, Teófilo Braga, como todos os companheiros das suas lutas e apostolado, voltará a ocupar em a nossa estima e no orgulho da nossa gente aquele lugar de eleição de que a cegueira e turbação de horas lúgu-



bres o teve afastado por breves dias que não tardarão a findar. Então seremos menos lentos em lhe tributar o respeito devido àquilo que êle realmente foi: — um homem forte.

Coragem, resistência e tenacidade; a isenção de toda a pusilanimidade diante dos precipícios em que a coerência ameaçasse despenhá-lo; a audácia ingênua e a tenacidade; a aspiração de consumir obras de



FAZENDO LEITURA MATINAL DOS JORNAIS, 1910

grandeza; a confiança e a fé no vigor inflexível do próprio ânimo que o incitavam a toda a aventura especulativa e prática; a impetuosidade da crença e deificação da Razão, opondo-se ao bando das idolatrias e das quimeras que imaginou perversamente demoníacas; em tudo e por tudo a atitude heroica: — quantas qualidades fundam os homens em fortaleza, todas abundaram no temperamento de Teófilo Braga e lhe dilataram em proporções nada comuns a estatura.

As suas fraquezas foram a confirmação da sua fôrça, simples ampliações naturais cuja latitude, incoercível por efeito da superabundância da energia originária, poderá significar nos resultados últimos a perturbação e desarmonia a que chamamos vícios, mas nem por isso deixa de traduzir uma representação inequívoca de robustez. Se Teófilo Braga errou

muitas vezes nos seus estudos, foi porque o ardor de investigar, saber, apreender e compreender não o deixou quedar-se em análises microscópicas. A impaciência é ainda uma forma do trasbordar da energia.

Fundamentalmente iconoclasta, ¿desrespeitou costumes, homens, deuses e instituições? Aos fortes, quando encontram estorvos no caminho, a veemência com que se movem muito mais os incita a derrubá-los do que a parar, indecisos, ou capitular em concessões e convenções. A integridade catoniana será, por sua natureza, cruel e despótica.

Teve fama de avaro, e a avareza, se envolve quebra de simpatia com os homens e com as cousas, é entretanto uma forma severíssima de austeridade, uma disciplina rígida que por nosso voto e firmeza reduz a proporções ínfimas o nosso quinhão no mundo e pelas nossas privações acrescenta o quinhão alheio. Porventura, da maior avareza resultará por força das cousas extrema caridade. Quanto menos gastamos, mais sobeja para os outros. A abstinência será o viático mais seguramente eficaz da generosidade.

\*

Não me compete, a mim, adversário de Teófilo Braga, julgar a sua obra: confiava êle da razão o que tenho por apanágio da religião; esperava êle do saber sistemático o que eu buscarei apenas na tradição, e da tradição e por tradição subconsciente vive na actualidade; pedia à justiça e ao direito o que eu imploro da magnanimidade e da caridade; fundava em matemática o que eu sòmente pergunto à estética; mudava em arquiteturas feitas de propósito o que não quero senão das criações geradas do mistério; punha em leis e instituições o que no meu sentir só pelos costumes logrará prevalecer; submetia ao engenho dos homens e dêle teria dependente o que só por inspiração divina reputo acessível; pressentiu em reinos despóticos do radicalismo o que não avisto nem experimento senão na moderação e no compromisso; cria piamente na lógica, tanto como eu submissamente me rendo às contradições da história; arrasava e destruía, onde eu me esforço por conservar e proteger; sonhava mundos novos e novas edificações, afoitamente, onde eu, timidamente, me refugio entre paredes velhas e as tenho por abrigo único das contingências dos astros. Habitámos polos opostos do pensamento e da realidade. Mas talvez por isso mesmo, talvez por lhe sentir mais de perto e vivamente a contradita, talvez por isso mais fielmente lhe possa reconhecer a sua rara e admirável robustez.

¡Grande, atlético, soberbo combatente, na verdade!

Eixo, 6 de Junho de 1924.

*Jaime de Magalhães Lima.*





MASCARA DO DE TIO DE B. A. L.  
INEDITO DO SAUVAGE MAGALHÃES.  
1908.







## PERFIL



ODE afirmar-se que a famosa divisa de Voltaire: *Sempre ao trabalho*, foi, em Portugal, admiravelmente compreendida e adoptada por Teófilo Braga. De facto, poucos homens souberam dedicar ao trabalho — como o grande polígrafo dedicou durante uma existência nem sempre desafoçada e calma — um culto mais entusiasta, uma abnegação mais constante e um afecto mais puro e comovido. Foi por meio de um labor persistente de todos os dias e de todas as horas que Teófilo Braga conseguiu disciplinar, desde muito novo, a sua mentalidade, e fortalecer o seu carácter.

Possuiu a qualidade rara de ter, num país de descrentes, acreditado, não só em si próprio, mas também nos destinos da sua Pátria e nos da Humanidade.

Diz Samuel Smiles «que os maiores obstáculos para o cumprimento do dever são a irresolução, a debilidade de carácter e a indecisão. De um lado está a consciência e o sentimento do bem e do mal — do outro a indolência, o egoísmo, o amor do prazer ou a paixão». Teófilo Braga soube afastar-se destes males numa idade em que é difícil escutar a voz da Razão.

No tempo em que viveu em Coimbra, onde chegou a lavar e remendar a própria roupa, tendo algumas vezes passado fome, nunca o abandonaram nem a sua coragem estóica nem a linha de conduta e de coerência moral que soube manter durante toda a sua longa vida. No preliminar da segunda edição dos *Contos phantásticos*, Teófilo Braga descreve-nos as agruras que passou.

De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na empresa do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distincção academica, os criticos espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das letras com o peso da sua auctoridade sorriam com equívocos sobre o meu valor intellectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu character e costumes que só consegui desfazer com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter-se-hia rendido.

Tanto para os espíritos videirinhos, como para os incrédulos homens práticos, que sempre existiram, Teófilo Braga foi então apodado, como já antes fôra também o abade de Saint-Pierre, de — *simples sonhador*. Mas o futuro historiador da literatura portuguesa soube arrostar corajosamente com a tempestade e vencer as maiores dificuldades materiais, lembrando-se de que Spinosa — como mais tarde confessou a Rocha Martins — *mal ganhava quatro vinténs a lapidar vidros...* E do seu nobre e fecundo isolamento começou a revelar-se melhor a sua prodigiosa actividade de lutador, que depois se impôs definitivamente no livro, na cátedra e na tribuna, chegando a elevar-se à mais alta magistratura do seu país.

Aqueles que, já nos nossos dias, acintosa ou irreflectidamente, chamaram egoísta a Teófilo Braga, esqueceram, com flagrante injustiça, os inúmeros artigos que êle escreveu de graça; esqueceram o esforço gigantesco que êle despendeu na realização da sua obra de investigação histórica e literária, verdadeiramente monumental; e olvidaram também — e não deviam ter olvidado! — o respeito que deviam aos cabelos brancos do glorioso escritor e do prestimoso e desinteressado republicano de sempre.

Há no formosíssimo conto *Lava de um craneo*, da autoria de Teófilo Braga, uma figura muito curiosa e original, na qual, por vezes, o escritor a si próprio parece retratar-se, recordando, possivelmente, uma das fases mais angustiosas da sua vida. Chama-se Flávio o personagem a que aludimos e tem, como Teófilo Braga, o condão de conhecer os mais variados ramos do saber humano, conseguindo descrevê-los quando habita num tugúrio modestíssimo, e em meio de uma pobreza material extrema. Fala da evolução dos seres, das fases diferentes da arte e da sciência, chegando até as mais transcendentales e maravilhosas concepções da futura perfectibilidade humana, quando diz: «O homem desprender-se-á da animalidade para absorver-se no anjo ubíquo, onnipotente, dominando o espaço».

Flávio morre de fome e de frio na pobre mansarda. É vencido quando acaba de expor a um amigo o seu belo sonho feito de luz e de

esperança; fica para sempre emudecido, regelado, hirto. Teófilo Braga, porém, não se deixou vencer, embora uma grande maioria o julgue morto como Flávio. É um engano supor-se que os espíritos da envergadura do de Teófilo Braga possam facilmente ser vencidos — mesmo pela morte — pois ficam vivendo eternamente nas obras imortais que nos legaram. E é bem perdurável a obra que Teófilo Braga deixou, porque é das que revelam um amor bem profundo pelos destinos do nosso País. Conhecemos poucas que andem mais ligadas à alma do escritor e melhor prendam os corações de todos nós. Quando nos momentos de desalento vamos buscar às suas páginas um pouco de consolação, é a própria voz de Teófilo Braga que julgamos ouvir — voz clara e animada, vibrante e sincera, sempre cheia de alento, de coerência e de fé...

Hoje, que tentamos esboçar um breve perfil do Mestre, não podemos deixar de recordar, com saudade, a primeira vez que lhe falámos, há já bastantes anos, por uma tarde tempestuosa de Dezembro. Da porta da livraria onde nos encontrávamos, vimos aproximar-se o escritor, mal abrigado da chuva sob o chapéu meio esburacado por onde a água corria impiedosa e veloz. Parece-nos estar ainda ouvindo o som dos passos de Teófilo Braga, ressoando no empedrado escorregadio do passeio; parece-nos estar vendo a sua figura modesta, popular, a esconder-se, a apagar-se, quási rente às fachadas irregulares do casario... ;E reflectimos como as exterioridades sem aparato, quási humildes, de certos grandes homens, contrastam singularmente com os esplendores das suas labutas gloriosas e das suas obras imortais! Aquele Teófilo, que vinha enlameado e risonho ao nosso encontro, nem inclinava a cabeça com a affectação de um Alexandre, nem aspirava a ser um ambicioso *dandy*, como Alcibíades. Ao vê-lo, o observador mais arguto poderia julgá-lo, quando muito, um vulgar empregado do comércio ou um modesto funcionário público — mas nunca o alto poeta de a *Visão dos tempos*, nem o formidável criador da *Historia da litteratura portugueza*. E, no emtanto, era o mesmo Teófilo que nós, daí a momentos, depois de feitas as apresentações por um amigo comum, tínhamos na nossa frente, *transfigurado* pela sua palavra risonha e cantante, que ouvimos desvanecidos e subjugados ao pêso da sua erudição esmagadora.

O autor das *Origens poeticas do christianismo* e da *Historia das novellas portuguezas de cavalleria*, viera, a convite do livreiro nosso amigo, orientar uma *Bibliotheca de educação universal*. Desta biblioteca saiu em 1914 um volume intitulado *Estudo historico sobre a propriedade territorial*, da autoria do Dr. José Maria de Andrade Saraiva, e pena foi que se lhe não seguissem outros que foram anunciados. Aqui transcre-



vemos algumas das palavras com que Teófilo Braga inaugurou a mencionada biblioteca:

A Sciencia, como a diffusão da luz, carece de ser focada em um fim humano, na consciencia da dignidade e solidariedade mutua dos povos, quer sejam grandes ou pequenas nacionalidades, tornando as guerras cada vez mais restrictas e mais excepçionaes, conduzindo para o regimen da Paz pela Arbitragem. Para que a Sciencia não seja desvirtuada pela *Kultur* do egoismo megalomano pandemica, importa que a Instrucção se concilie com a Educação, que subordine as paixões e instinctos disciplinando os sentimentos a um elevado altruismo. Pelo impulso suggestivo d'esta urgencia, empregaremos a *Bibliotheca de educação universal*, bem necessaria para contraminar uma espionagem que nos divide e enfraquece.

Houve quem julgasse Teófilo Braga, que assim pensava e escrevia, um homem rancoroso e deshumano, capaz de brigar constantemente com as gentes dêste mundo de mal-avindos onde cada qual se amanha o melhor que pode... E êle foi, simplesmente, uma criatura bondosa e sabedora, revestida de excepçionais qualidades de paciência, um espírito disciplinado, ponderado, capaz de saber dominar as paixões mais fortes. Dizem certos *críticos* que êle errou algumas vezes. ¿Mas não haverá por aí quem tenha errado muitas mais, sem, todavia, ter deixado ao país uma décima parte da obra que Teófilo Braga lhe legou? O grande escritor possuía o respeito de si próprio e não ignorava que os homens que assim não procedem não respeitam geralmente os outros. Foi um homem de coração. Mirou a vida pelo seu lado amoroso, que é, ainda, o mais belo. Adorou Portugal e confiou nos seus destinos. Deu-lhe todas as suas energias de trabalho, de fé, de carinho desafectado e sincero...

Dizia o Dr. Johnson «que os homens se fazem melhores à medida que vão envelhecendo, graças à experiência, mas isso depende da amplitude, da profundidade e da nobreza da sua índole». Estas palavras, pelo seu verdadeiro significado, podem aplicar-se admiravelmente a Teófilo Braga, que soube sempre aliar à sua comprovada experiência, a nobreza de um carácter rígido e puro, intangível e raro.

*Saavedra Machado.*



## TEÓFILO BRAGA E A ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES



CONVIDADO, pela Ex.<sup>ma</sup> Comissão que promove a publicação do *In memoriam* dedicado a Teófilo Braga, para colaborar nesta piedosa homenagem, muitos dias andei cogitando no motivo da honrosa lembrança. Não sou um escritor; o meu nome nunca andou nas gazetas; cumpri simplesmente o meu dever cívico, conservando-me numa pensada obscuridade, não por orgulho, mas para destacar com maior relêvo, e com menor perigo para a sua pureza, a Idea que sempre me norteou: ¿qual seria a razão por que me chamaram?

Até que um dia descobri...

E descobri, porque só então fui reler a circular do convite e nela vi o nome de alguém que me conhece, é meu amigo, sabe — portanto — que convivi durante largos anos com Teófilo Braga na qualidade de director da Academia de Estudos Livres. Ligando ideas, compreendi depois o que se exigia de mim: um depoimento sincero, que permitisse de alguma forma avaliar o *Homem* pelo aspecto *moral*.

Não o saberia eu fazer sob outra feição, dada a minha ignorância das cousas da Literatura e da História; poderia, porém, trazer a público alguns pormenores inéditos da vida do grande português que perdemos, e que ajudassem os vindouros a formular um juízo mais seguro da sua grande figura moral.

¿Da sua *grande figura moral*!

Não façamos côro com tantos que em vida denegriram o nome de Teófilo Braga — por moda talvez! — e agora lhe concedem uma fingida

benevolência, concordando em que Êle foi um grande cabouqueiro das cousas velhas, rasgou muitas das trevas que envolviam a nossa História literária, juntou imensos materiais, ;que outros, mais felizes por menos perseguidos, aproveitaram sôfregamente! Tudo isto é assim e assim deve ser dito, sem receio do apôdo de *jacóbino* que se atira à cara dos que defendem sincera e convictamente a memória do grande trabalhador, e lhe exalçam o amor pela Pátria, a dedicação de mais de cinqüenta anos pelo estudo. Os que o procuraram uma e outra vez na sua casinha, e o viram curvado sôbre a mesa do trabalho, escrevendo, tomando notas, insensível às seduções da Rua e da Sociedade; aferrado a uma Idea — sempre a mesma — à sua Idea de um *Portugal Maior* — como sói dizer-se agora —: êsses poderão avaliar a verdade com que vou relatar alguns casos...

Sem querer ia levado — de vento em pôpa — por um caminho que não me convinha seguir para não perder pé do assunto, que especialmente me agrada. Vou portanto ao meu depoimento.

\*

Como se sabe, a Academia de Estudos Livres labutou muitos anos pela causa da Educação. Fui dos seus dirigentes durante um largo período. Servi com várias direcções como secretário, por ser, segundo diziam complacientemente os meus colegas, o *homem das ideas*. E porque fôsse isso — ou por outra qualquer razão que não vem para o caso — era eu sempre o escolhido para procurar Teófilo Braga, quando acontecia destinar-se-lhe algum papel na comemoração de um centenário, de uma data histórica, na invocação de qualquer grande figura literária. As minhas visitas fazia-as quási sempre ao domingo. Avisava-o na véspera, porque Êle algumas vezes se negava a importunos, e à hora certa lá estava batendo-lhe à porta, que quási imediatamente se abria enquadrando a figura mirrada de Teófilo Braga; era Êle quem pessoalmente vinha receber-me. Entrávamos na casinha de trabalho — ao lado esquerdo — cheia de livros por toda a parte, pelo chão, pelas cadeiras, em cima da secretária onde trabalhava. Quási sempre levava eu o recado estudado, no propósito de não me demorar: seria fazer o convite, que Êle sempre aceitava, ouvi-lo durante alguns minutos, retirar-me depois. Os meus cálculos saíam, porém, sempre errados, porque Teófilo Braga prendia-me largo tempo, mesmo durante horas, com uma inexcédível cordialidade, desmentindo aquela rigidez que muitos apontavam como o traço dominante do seu carácter. Tratou-me sempre com uma bondade cativante. ;Era obrigado a falar, a



TRATANDO DAS ROSEIRAS DO SEU JARDIM



dizer a minha opinião sôbre os variadíssimos assuntos que abordava tendo sempre em mira a preocupação constante de um Portugal maior! Era a sua Idea fixa e absorvente.

\*

Pensámos na celebração do Centenário de Petrarca. Procurei logo Teófilo Braga, não fôsse alguém passar-me adiante na projectada comemoração. Teófilo Braga acolheu entusiásticamente a idea, e na noite aprazada lá estava no modestíssimo segundo andar da Rua da Boa Vista, n.º 140 — um prédio forrado de azulejos em frente do Instituto Superior Técnico —, onde a Academia de Estudos Livres se instalara.

Falou perante um auditório que por completo enchia a pequena sala. E falou tam bem, desenvolveu tam brilhantemente o tema, que encantou os ouvintes.

Lembro-me que entre estes estava D. Luís Morote, ilustre jornalista e escritor espanhol, já falecido, que andava havia dias atrás de Teófilo Braga no propósito de entrevistá-lo. Eu, que tomara apontamentos para a notícia a enviar aos jornais, sentia-me também preso de entusiasmo pelo Mestre. Parece-me estar ainda a vê-lo com a sua voz velada, a sua figura despretenciosa, quiçá vulgar, mas inconfundível. Repete-se hoje que não tinha alma de artista. Apodam-no de insensibilidade, de frieza: que o ouvissem naquela noite memorável os que assim julgam, e haviam de reconhecer a injustiça com que sentenciavam. No final da conferência o público manifestou-se ruídosamente: Teófilo Braga nunca recebera, decerto, aplausos mais sinceros.

Reünimo-nos depois na casa interior contígua. D. Luís Morote apresentou-se ali mesmo para a entrevista. Mas Teófilo Braga não o atendia, preso na conversa com outros amigos, entre os quais o inevitável e espi-rituoso general Henrique das Neves, e o nosso querido dr. Sá Oliveira, ao tempo reitor do Liceu da Lapa, mais tarde Liceu de Pedro Nunes. A certa altura, Teófilo Braga estava quasi nas mãos de D. Luís Morote. Teve, porém, tais artes de enredar a discussão que conseguiu enfim o projecto que gizara: fugir ao jornalista, sem que até hoje alguém possa dizer como aquilo foi! Esgueirou-se subtilmente, aproveitando, sem dúvida, um momento de distração.

D. Luís Morote vingou-se da partida, publicando no *El Heraldo*, de Madrid, que o enviara a Lisboa para entrevistar os vultos mais proeminentes do partido republicano, um artigo entusiástico, em que descrevia o assombro produzido pela conferência... ¡Da fuga do Mestre, nem uma palavra!

\*

Noutra noite, o dr. Sá Oliveira trouxe-nos alguns rapazinhos do seu liceu, para colaborar numa *sessão vicentina*. Os pequenos estudantes leriam alguns trechos da *Farsa de Inez Pereira*, de Gil Vicente; conferente era Teófilo Braga. Nunca o vimos tam bem disposto como durante a leitura da *Farsa*, em que cada estudante tomara conta de seu papel. Por vezes interrompia-se a execução e Teófilo Braga explicava os pontos obscuros, os termos arcaicos da linguagem vicentina, os usos e costumes populares em que o genial Poeta se estribara. E fazia-o com tanta leveza e arte, que nos dava outra feição do seu espírito, ignorada talvez de muitos. Ao terminar, o Mestre confessava-nos que nunca trabalhara com tanto gosto e boa vontade. A satisfação lia-se-lhe bem no rosto. Fôra Êle um dos primeiros, se não o primeiro, que agitara o problema vicentino; e sentia naquela noite que algum serviço prestara ao seu Portugal: o nome de Gil Vicente era já evocado numa escola moderna, já serviam de tema nas suas aulas as obras do imortal Poeta! Que maior alegria poderia ter do que esta justiça prestada aos seus trabalhos e canseiras?

\*

Aproximava-se a data do 1.º centenário do suplicio de Gomes Freire. Era um facto histórico que a Academia de Estudos Livres não queria deixar passar em claro. Veio Teófilo Braga tirar-nos de maiores dificuldades. O assunto era também seu predilecto. Não admira, portanto, que o estudasse com todos os pormenores, traçando um quadro impressivo da situação do País nessa época memorável. A figura de Gomes Freire foi-nos apresentada magistralmente. Vimos o *homem* a agitar-se naquele meio tórvo; como que palpámos as suas paixões, a sua irascibilidade. Tipo de português antigo, cheio de defeitos sem dúvida, coração nas mãos, impulsivo, cavaleiro andante da sua Pátria, Gomes Freire é uma figura vibrante da História de Portugal, vulto lendário, que não se cala e verbera altivamente a pusilanimidade dos seus contemporâneos, que — por mal da Pátria! — monopolizavam a governação do Reino às ordens do Inglês odiado e odiento. Era esta uma interpretação *jacobina* de Teófilo Braga? Não o sei ainda... Mas aproximava-se a última parte da conferência notável: a tragédia ia ter o seu desfecho. O suplicio infamante de Gomes Freire ia exaltar a sua memória gloriosa com a palma do martírio. Nesta altura notámos todos os que o ouvíamos que Teófilo Braga se mostrava extremamente comovido. No atento auditório perpassou um

calafrio: Teófilo Braga descrevia-nos o último trágico lance. Vêm dizer ao Herói que lhe foi recusado o derradeiro desejo de morrer como um soldado, frente ao pelotão, traspassado pelas balas. Ia acabar na forca, como um vulgar criminoso. Êle tem então um momento de fraqueza física, e desmaia. Mas logo recupera o ânimo, e resigna-se à última afronta ao seu brio de militar valente. Agora vemo-lo a sair da masmorra, a encaminhar-se descalço para a morte, tremendo de frio naquela manhã agreste de Outubro, vestido com a alva sinistra, algemado... O trágico cortejo adianta-se, sai da Tôrre, aproxima-se vagarosamente da pequena colina onde se arvora a Forca. Os cantos dos religiosos, que logo vão ter um emprêgo vil quando abafem as derradeiras palavras do Mártir, tam cheias de grandeza, ouvem-se reboando plangentes. Tropas em volta do infamante patíbulo... Gomes Freire sobe os primeiros degraus com passo firme, assoma à plataforma... Diz as primeiras palavras aos soldados, palavras de saúdade e de despedida, que os religiosos desaustinadamente abafam com as suas rezas... Rápido, o carrasco apodera-se do Mártir...

Nesta altura do seu maravilhoso trabalho de evocação histórica, Teófilo Braga não pôde continuar: as lágrimas que todos vimos correr-lhe dos olhos, os soluços mal reprimidos, sufocavam-no!

\*

Quando daqui a muitos anos, já descansando na sepultura quantos o conheceram em vida, e com Êle privaram, alguém quiser fazer uma idea do verdadeiro carácter de Teófilo Braga, todos os depoimentos hão-de ser evocados. ¡E então far-se há a devida justiça àquele Homem que tanto trabalhou pela sua e nossa Pátria!

*J. Cardoso Gonçalves.*



## CONFRATERNIDAD



o se halla tan alejada nuestra bien amada Cataluña de la heroica y libre nación lusitana, para que puedan dejar de sentirse en ella las repercusiones, vibrantes y halagadoras, de sus alegrías, ni de vislumbrarse los resplandores de sus magníficas realidades que toman aquí el valor y el estímulo de alentadoras esperanzas.

El ideal del porvenir de una gran Iberia unida, pero no uniformada, recibiendo de cada uno de los pueblos peninsulares, que por ley de Naturaleza la constituyen, el tributo de sus anhelos patrióticos tanto mas ricos en eficacia cuanto mas directa y libremente emanen de su genio peculiar, lo sentia ya Cataluña en las exacerbadas luchas del siglo xvii y continua sintiendolo hoy con mas clara concreción y mayor impetu.

Uno de nuestros políticos mas videntes, lo ha dicho y repetido varias veces «La solución del problema catalan se halla en Lisboa».

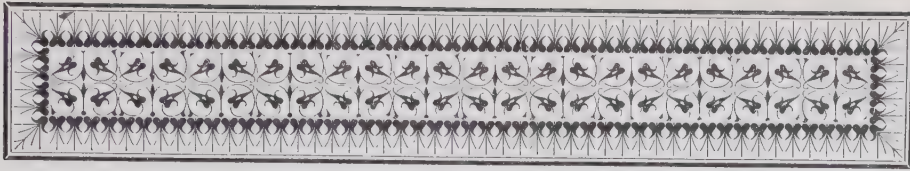
Por consiguiente, todo buen catalan aprecia como propias las glorias de Portugal y las aprecia sobre todo con amor vivisimo y saturado de admiración, cuando, como en la hora presente, recaen en figuras tan excelsas y universalmente reverenciadas como la del ilustre y venerable profesor Teófilo Braga, quién en la catedra ha dado dia tras dia, por espacio de medio siglo, á la juventud intelectual lusitana, la miel de su solida ciencia; y desde la primera y mas alta magistratura de su libre Nación ha hecho videntes á propios y extraños los mas aleccionadores y reconfortantes ejemplos de rectitud, austeridad y patriotismo.

Al acojer con agradecimiento la amable carta de invitación con que se ha dignado distinguirme el Comité de homenaje al sabio preclaro y



eminente patricio que tan admirablemente desempeñó la primera presidencia de la Republica Portuguesa, le ruego no reúse la cordial si que modesta adhesión de quién, como el autor que suscribe, no puede presumir de otro merito que el de haber figurado por espacio de medio siglo en las filas de la Prensa como simple soldado, ciertamente, pero á toda hora fiel al ideal de una Confederación Republicana constituída por todos los pueblos de la Peninsula Iberica.

*J. Roaz Rosa.*



## TEÓFILO BRAGA, MEU QUERIDO MESTRE



IRCUNSTÂNCIAS particulares me impossibilitam de escrever qualquer cousa, medíocre mesmo, em comemoração de Teófilo Braga; mas o desejo de aceder ao atencioso convite da Comissão organizadora do *In memoriam* me faz traçar apressadamente umas palavras, desprovidas de enfeites e saber. Simples, porém, elas aí vão como a mais humilde homenagem de uma das suas últimas alunas, em cujo espírito permanecerá a dedicação e o reconhecimento por quem foi o seu guia literário e pai espiritual.

Nada mais próprio me pareceu para falar de Teófilo Braga, como Mestre, como professor, do que trasladar períodos das suas cartas, da mesma forma que há tempos, num pequeno trabalho que escrevi, apresentei extractos de versos de sonetos inéditos.

Dizer como conheci Teófilo Braga, e todo o nosso convívio intelectual, seria talvez curioso, seria até uma lição reveladora para aqueles que o têm amesquinhado, mas grande empresa para as minhas forças actuais. Limitar-me hei, pois, a contar resumindo.

Fui apresentada a Teófilo Braga antes de ser sua aluna. O meu gosto pelas cousas literárias levou-me a dirigir-me a êle pedindo-lhe orientação e conselhos para os planos que tinha concebido. Atendeu-me com a máxima atenção, e em breve se interessou por mim, muito mais do que qualquer outro professor.

Em palestras ministrava-me as lições mais proveitosas que se pode imaginar, e guiou-me com muito carinho na senda das letras. Dava-me

um tema, e no dia seguinte eu apresentava o trabalho para êle ver se aproveitara a lição. Em seguida ouvia os seus comentários, a sua crítica, e fazia as minhas observações.

Aproveitou o meu especial amor pela poesia e deu-me uma lição prática, lição que me foi mais útil do que todas as obras que tinha lido.

Ora me trazia livros, ora me indicava leituras a fazer, ora me apontava trabalhos a realizar.

O meu gosto pela literatura ia aumentando consideravelmente.

Depois convencia-me de que eu era capaz de vencer várias dificuldades em certas emprêsas literárias, e eu, que me sabia sem fôrças para tais labores, começava-os e conseguia realizá-los.

Muitas vezes me fazia elogios, que eu reconhecia serem imerecidos, mas daí em diante empregava os meus esforços para ser verdade o que o Mestre dissera. Assim me foi desenvolvendo o espírito, e eu me fui libertando um pouco do acanhamento que me coagia e me fazia progredir muito lentamente.

Devo, pois, a Teófilo Braga um grande impulso e orientação na carreira das letras, e interêsse e carinho no trato e no convívio como professor.

Pela história da elaboração das suas obras me fez compreender como as grandes concepções têm anos de gestação, e vêm, finalmente, com perfeição, a luz do dia numa idade já madura.

Pela narrativa dos seus estudos me fez saber como os conhecimentos são absorvidos, cavalgando uns nos outros, e como após uma digestão cerebral êles vão surgindo nítidos, ordenados, conexos, mostrando-nos certos problemas com evidência, e por vezes espontâneamente, e fazendo-nos sorrir das dificuldades que tivéramos. Demonstrou-me muitas vezes a necessidade de dar a todo o saber uma disciplina filosófica, e morreu quando tencionava dar-ma. Mas tudo isto não era o bastante: havia ainda a vida afectiva, e Teófilo Braga, historiando-me os seus amores, o seu casamento, deu-me uma prova clara de que a pureza dos costumes e uma vida sem mácula, bem conhecida de todos, era o factor mais importante para a saúde da alma, para a nossa elevação completa, e um forte baluarte contra a detracção dos inimigos. A simpatia e a comunhão mental são elementos indispensáveis na vida afectiva.

Em 1920, falando-lhe, numa carta, do livro de Supico, êle respondeu o seguinte:

Aí viu V. Ex.<sup>cia</sup> como êste seu servo atravessou uma atmosfera de ódio de uma madrastra durante quinze anos; mais oito anos de ódio em Coimbra entre lentes inquisitoriais; sempre ódio nos concursos ao magistério; mais ódio em quarenta anos de propaganda republicana e apesar disto prevaleceu a minha índole afectiva. Já vê V. Ex.<sup>cia</sup> a verdade da divisa, que adoptei:

*Ne se lasse d'aimer ni de le dire.* Encantou-me a boa nova da sua composição poética e no próximo Outubro teremos ocasião de lhe fazer todas as observações estéticas.

Estou agora preparando uma nova edição dos *Amores de Camões*, que vai ser impressa no Rio de Janeiro, com mais um capítulo em que trato da Bárbara Cativa, que era uma rapariga javanesa e esbelta, que lhe inspirou as apaixonadas endechas.

Com esta envio a V. Ex.<sup>cia</sup> dois sonetos em prova tipográfica, que pertencem a dois poemetos meus — *O eterno feminino* e o *Sorriso de Ariosto*.

27 de Julho de 1920.

Na carta imediata chamei-lhe Meu Querido Mestre, e a isto, e à convivência entre o professor e o aluno se refere êle em missiva de 4 de Agosto de 1920:

A última carta de V. E.<sup>cia</sup> enterneceu-me pela sua desculpa do tratamento que me concede, de querido Mestre. Nenhum título no mundo seria para mim mais glorioso do que êste, que tomo por uma apoteose, e dou as minhas razões: Todos os mestres que encontrei no caminho da vida, no tirocínio das escolas, ostentaram sempre diante de mim aspectos mazonhos, sombrios, encobrindo um fundo de malignidade conduzente a esmagar o pobre aluno e até a cortar-lhe a carreira. Aqui, na Faculdade de Letras, ainda conheci certos professores que se tornavam inacessíveis à comunhão mental com os discípulos. Na minha prática docente reconheci que a simpatia era a base de toda a disciplina e que por ela a própria ciência se tornava mais interessante para acordar o interesse e curiosidade mental. Por isto verá V. Ex.<sup>cia</sup> como aceito o título que me concedeu e que é uma vibração psíquica, que me acompanhará sempre.

Alegrou-me também a notícia do interesse que lhe tem causado o livro sobre a Escola de Coimbra, ponto de partida do movimento literário que sucedeu à falência do Romantismo em Portugal.

Findo, remetendo-lhe um soneto e o meu *ex-libris*.

Da disciplina mental me falou numa carta de 12 de Agosto de 1920:

Tive muito prazer com as suas notícias de Vizela e ao mesmo tempo a comunhão moral que nelas manifesta acêrca das suas leituras, do seu isolamento moral e da necessidade de dar asas ao seu espírito. É esta a idade em que se torna mais necessária uma disciplina mental, em que o Sentimento, o Pensamento e a Acção se conjuguem entre si sob a presidência do Sentimento.

As leituras muito variadas dão conhecimentos largos, mas descoordenados, porque quasi todos os escritores visam mais a originalidade, mesmo paradoxal, do que a uma concepção sintética. Sem uma disciplina filosófica o espírito emmaranha-se no criticismo, ora pessimista, ora no optimismo eclético. Nas nossas relações intellectuais visarei sempre dar-lhe a orienta-



ção filosófica. A leitura de Haeckel abre-lhe largos horizontes, mas quando vi o seu nome, com mais 93 sábios alemães, assinando as fórmulas dirigindo a maior guerra do mundo em que o principal princípio era: quanto mais sangrenta e violenta a guerra, tanto menos tempo dura e se liquida rapidamente... Vê-se que estes sábios se desumanizaram por falta de concepção humana e da incompreensão da Humanidade.

Nesta compreensão, de que todos carecemos, cabe à mulher um grande poder dirigente, dando à sua acção um verdadeiro destino. Sobre êste ponto falaremos muito e por agora limito-me a enviar-lhe o incluso soneto.

Além de Mestre confortava-me muitíssimo, tinha sempre lenitivo para desgostos meus e recordava com saúde a apagada imagem da mãe, que mal antevira:

A sua última carta deixou-me a mais agradável emoção, revelando a coincidência do estado moral da recordação da morte de sua mãe e o ter encontrado nas minhas singelas palavras um leve conforto. A lembrança de sua mãe deve estar sempre presente ao seu espírito porque assim ela tem a vida subjectiva, a única que subsiste na memória dos outros. Eu perdi minha mãe aos 3 anos de idade; só depois dos 14 anos é que comecei a pensar nela, a ligar factos da sua vida, e depois de a ter reconstituído tornou-se para mim uma entidade que me acompanha, e cada hora que vai passando me enche de um delicioso orgulho por ver que alguma coisa dela sobrevive neste mundo e que o seu nome não ficará apagado de vez. Tenho mesmo chegado a atravessar situações violentas na vida e a achá-las resolvidas inesperadamente como se alguém me protegesse com um escudo. É nestes momentos que me lembro que a maior dor que a levou à cova foi a de deixar-me naquela idade dos 3 anos. Em conclusão, só temos além da vida normal a imortalidade subjectiva. Na carta a que respondendo gostei muito da notícia dos passeios, que tem dado, principalmente a digressão no barco, que me lembrou o sonho de Dante descrevendo a scena em que junto com os Fiéis do Amor iam acompanhados pelas suas namoradas recitando poesias em uma viagem fantástica. O Vizela prestava-se perfeitamente a êste quadro ideal. Dando agora conta de mim, já enviei para o Rio de Janeiro o meu estudo dos *Amores de Camões*, com um capítulo novo sobre a Bárbara Cativa, a qual pela descoberta do manuscrito de Diogo do Couto era uma rapariga malaia, que morreu afogada no primeiro naufrágio de Camões, a quem êle chama «A cordeira gentil que tanto amava».

19 de Agosto de 1920.

Com tudo isto continuava a misturar novas das suas obras, referências ao seu trabalho, e em especial a êste último mencionado. Em carta de 28 de Agosto de 1920, diz:

Já mandei para o Brasil o livro *Os Amores de Camões*, com um novo capítulo sobre a Bárbara Cativa. Agora não imagino quando estará o livro impresso, porque ignoro as circunstâncias com que procede o editor. Vi

que não se esqueceu do nosso projecto da tradução do *Amadis de Gaula*; e estou certo que se se realizar êste sonho é possível que resolva o problema literário da redacção portuguesa dessa encantadora novela. Nestes dias de calor intenso e quasi incomunicável, aqui estou recolhido também em concentração intelectual elaborando planos de trabalho, de sorte que, se agora começasse a mocidade, tinha em que despendar toda a existência. Assim não me incomoda a solidão. Não lhe remeti um soneto na última carta, mas faço-o agora.

Lisboa, 8 de Setembro de 1920.

Lisonjeou-me extremamente a notícia, que me deu, de estar lendo a *Crítica Synthetica da Visão dos Tempos*, Epopeia da Humanidade em que trabalho desde a mocidade, passando-se em mim as fases da transformação humana. Nas nossas conversas terei ocasião de lhe comunicar o fio condutor dêste grande Labirinto.

E sempre, num lugar ou noutro, cousas de erudição, que muito vinham aumentar os meus conhecimentos:

A sua última carta trouxe-me um raio de sol da mocidade, que me veio alentar nesta região hiperbórea dos meus 77 anos. Isto me faz compreender a situação invejável do grande lírico Anacreonte, que só achava encanto na sua extrema velhice ao encontrar-se envolvido entre a mocidade helénica no meio das suas alegrias. Não irei mal com tal exemplo, já que o não posso imitar no seu lirismo.

18 de Setembro de 1920.

A leitura do romance *Madame de Bovary* há-de lhe revelar que todo o génio de Eça de Queiroz foi iluminado por esta obra prima.

21 de Abril de 1922.

E dos conselhos e orientação nunca se esquecia:

Estou convencido de que há-de ter horas muito agradáveis na leitura de *Hernani e Doroteia*, de Goethe, que lhe pode suscitar a idealização de um quadro análogo. Lembro que para as suas horas de mais recolhimento não esqueça a poesia, já que chegou a um certo grau de progresso. Convinha-lhe muito que lêsse as *Poesias*, de M.<sup>o</sup> Ackermann, que podia mandar vir de Paris pela casa dos Lelos. Não me esqueço do *Album de Ilvia* para o qual espero mais emoções.

2 de Agosto de 1921.

Em carta de 16 de Agosto de 1921, prossegue:

... a notícia que me deu de que estava lendo o *Romancista Russo* mostra-me que os cuidados literários a atraem e pacificam. No estudo da literatura tem o *exotismo* uma grande influência para acordar o gosto e o

espírito inventivo. Mas nunca esqueça o génio nacional, que só pode ser revelado pelos escritores pátrios. Recebi uma carta dos livreiros Lelos dizendo-me que já têm pronto o estabelecimento de 1:000 metros quadrados e estão agora colocando todas as máquinas em que, desde a composição até à encadernação, pode sair o livro pronto num espaço de dias; dizem-me mais que o próximo mês de Setembro para Outubro é para a afinação dos trabalhos e que no mês de Novembro está tudo em andamento pleno. Pediram-me que fôsse preparando o original para dar aos compositores e é o que agora vou fazendo, concentrando as minhas energias, porque o que agora mais me interessa é a publicação do *Romantismo*, em que trato todo o século XIX na sua deplorável falência.

Refere-se aos seus cinquenta anos de magistério e à sua idade, em carta de 14 de Setembro de 1921:

Tenho grande satisfação em começar no próximo Outubro o meu quinquagésimo ano do meu magistério e sucessivamente a véspera da entrada triunfal nos 80 anos. Não se espante com esta vaidade, e neste ponto lembro-me de Carlos V, que teve o gosto de assistir em vida às suas exéquias solenes. Dos editores Lelos recebi um convite para ir ao Porto assistir á inauguração da sua grande Imprensa Editorial; mas não me movo daqui, porque estou como os navios velhos que só se conservam apodrecendo sobre a amarra.

E continua na data de 24 de Julho de 1922:

Hoje comunico-lhe que já está impresso o livro que contém o testemunho de simpatia, que me confessaram os meus alunos, durante os cinquenta anos de Magistério. Logo que estejam os livros brochados terei o prazer de enviar-lhe um exemplar, com toda a solicitude. O livro intitula-se *Theophilo Braga perante as Gerações escolares de 1872 a 1922*. É um documento de um enorme valor moral porque nenhum professor até hoje alcançou um título de tanta eloquência e significação. Não incluí neste livro os estudos de dez discípulos meus pela extensão que tinham e pela demora que causaria a sua inserção, por causa do desleixo da tipografia, que me dava uma fôlha com um e dois meses de retardo.

Como eu lhe falasse dos deliciosos momentos que me proporcionou a leitura dos seus *Contos phantásticos*, êle disse-me em resposta de 18 de Setembro de 1922:

Tenho saboreado com íntimo gosto a sua carta de 4 de Setembro corrente; nela transparece o espírito de benevolência com que tanto me exalta, revelando-me a impressão que lhe deixaram os *Contos phantásticos* que imprimi primeiramente no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, em 1865 e logo em seguida em volume em 1866. Como vê, já aí tentava dar a ex-

pressão ao sentimento das raças e das épocas. É neste aspecto que assenta o meu aspecto fantástico, isto é, o quadro vivificado psicologicamente pela fantasia. Tenho continuado com outros contos no mesmo género, como *A Eleição do Papa Negro*, no qual exponho o problema de produzir uma grande desgraça que assombre a civilização moderna, obrigando-a a recorrer à intervenção providencial da Igreja.....  
... consolou-me muito a sua carta em que me relata as suas distrações literárias, principalmente a poesia, à qual será preciso acrescentar o espírito filosófico, e muitas vezes me lembra que esta orientação é um pequeno curso íntimo de seis a oito lições.

### Das suas últimas obras fala em carta de 6 de Janeiro de 1923:

Para mim hoje, que todas as horas são de recolhimento, sei o valor que tem a sociabilidade que me vai faltando, porque, quem tem 80 anos e olha em volta de si e repassa as suas memórias, vê tudo por terra e vai-se conformando com o vácuo, que é como que uma noite que desce. Nestas férias dei um grande andamento ao romance filosófico *Uriel da Costa*, e com mais duas sessões do professor Prado Coelho, que escreve ao meu ditado, conto ter acabado a primeira parte do romance. A segunda são os problemas da Cristologia que tenho já redigidos, a que só agora preciso dar-lhe o cenário e é para mim a parte mais encantadora do trabalho. Vou-lhe comunicar a notícia que hoje os meus editores Lelo & Irmão me enviaram já as provas tipográficas do *Romantismo*, que tem estado de mólho na gavêta quatro anos completos desde 1919 a 1922.

Tenho empenhado toda a minha tenção em pôr o meu material em andamento para ver se neste ano dos meus 80 me fica impressa e completa a *Recapitulação da Historia da Literatura Portuguesa*. Para mim o começo do ano foi a abertura da estrada dos 80, que bem desejo transpor para o triunfo indeciso.

### Segue-se a carta de 17 de Julho de 1923:

Todo êste tempo tenho gasto no livro sôbre Camões, em que vou incorporando todas as descobertas históricas e biográficas que nestes últimos vinte anos se têm feito, e que preparo para a celebração do IV Centenário do nascimento de Camões. Tenho com que me ocupar estes meses de férias com todo o absorvente interesse.

### E outra de 31 de Julho de 1923:

Encantou-me a sua carta de 23, deixando-me a ilusão de que a estava ouvindo e respirando em uma atmosfera de poesia pela descrição que me fez tam bela do delicioso passeio no rio Douro. Êsse momento afigura-se-me ao espírito dando vida a um quadro maravilhoso do nosso pintor Silva Porto, em que representa uma encosta elevadíssima da margem do Douro



de uma verdura forte e um pouco assombreada, uma superfície de água de um brilho inexpressivo, mas animando tudo isto com a intensa vida espiritual uma pequena barca com uma vela desfraldada e alvíssima que dá um contraste surpreendente e consolador.

Estou trabalhando no livro *História de Camões. Expressão da Raça e Nacionalidade*, no qual encorpo todas as descobertas que nestes últimos vinte anos se têm feito sobre pontos capitais da biografia de Camões.

Passemos agora à última epístola, às últimas palavras, que o Mestre me dirigiu, em 28 de Dezembro de 1923:

Os livreiros editores Lelo & Irmão tinham parado a sua indústria por circunstâncias que eu julgo efeitos da crise anárquica do operariado do Pôrto; passaram-se quatro anos sem darem andamento ao livro do *Romantismo*, e agora remeteram-me para mais de cento e cinquenta tiras do original que tinham em carteira. ¿Como fazer a revisão de tanto material acumulado, e demais a mais com alguns apensos a intercalar no texto?... recorri a alguns discípulos que realmente supriram a minha impossibilidade. Mas a dificuldade vencida agravou-se mais com a preparação do original para o Pôrto com a continuação dêsse quadro completo do século XIX. Preparo agora o texto do estudo sobre Alexandre Herculano, cuja dificuldade para mim consiste na abundância de materiais que tenho acumulado sobre esta individualidade.

As notícias que me dá dos seus estudos encantam-me, e achei muito natural que o génio supremo de J. Anastácio da Cunha se apresentasse ao seu critério com tanta verdade.

Aproxima-se o ano novo com o aniversário de Camões e estou preparando o documento que deve ficar dêste IV Centenário.

¿Tantos planos, tanto trabalho a que a morte pôs fim!...

Eis o que, dispondo de breves momentos, eu pude escrever a respeito de Teófilo Braga como Mestre, como meu mestre, porque certamente outros alunos dêle se ocuparão.

Como professor e guia de muitos escritores, desnecessário é falar dêle, pois aqueles que conhecem a gratidão em vários volumes o têm homenageado.

¿Velhinho de alvos cabelos, recordo ainda com saúde a última visita, que lhe fiz em Novembro de 1923! Dias antes estivera lendo-lhe trabalhos meus e fôra-lhe entregar uns materiais que do Pôrto lhe levava para o estudo sobre Camões.

Colaborando assim nas suas obras ia-me tornando íntima delas e ia aprendendo a trabalhar. O meu regresso à terra impedia-me de mais o auxiliar, mas êle, porém, deixou-me um legado de bastantes assuntos... labor para dois anos, talvez.



UMA CARICATURA NO JORNAL *O Porto*

De João de Brito, 1911.

Nessa última visita duas cousas me impressionaram. Teófilo Braga, que desafiava o tempo, que quási tinha como certo durar mais quatro ou cinco anos, perguntou-me quando voltava.

— Daqui a um ano, Sr. Doutor.

— Tanto tempo! — disse êle passando os magros dedos pelos cabelos brancos.

Continuámos a conversar, a fazer projectos de estudo e de trabalho, e à saída disse-me, apontando para um grande relógio, dêstes que parece estarem amortalhados vivos num caixão, e que se encontrava à entrada de casa, ou antes, à saída, pois nós encaminhávamo-nos para a porta da rua: — ¡Este relógio marcou a hora do meu casamento, do falecimento de minha mulher, e marcará a minha também!...

E marcou, marcou dentro de pouco tempo o último minuto de vida de um trabalhador incansável, de um pensador, firme sempre na sua fé e nas suas crenças, de uma tenacidade e constância admiráveis, que morreu sem realizar o último sonho, talvez o maior: o de deixar completas todas as suas obras.

Não mais ouvirei da sua bôca as palavras de animação, de incitamento e de confôrto, mas a sua memória continuará a viver, em mim e em todos os seus discípulos, amigos e admiradores.

A sua imagem permanecerá viva sempre, como um dos maiores exemplos de quem sòmente pelo trabalho se elevou o máximo que se pode ambicionar.

Pôrto, Setembro de 1924.

*Júlia Cunha.*



## TEÓFILO BRAGA ATRAVÉS DA CARICATURA



ENDO a caricatura, incontestavelmente, o reflexo das ideias, dos costumes, da moral do seu tempo, creio que uma das formas mais interessante e criteriosa de ajuizar do valor dos homens de grande renome, e da sua influência nas sociedades em que viveram, é observá-los através da caricatura.

A caricatura dá quasi sempre, embora modificado pelos variadíssimos temperamentos dos seus cultores, um conhecimento bastante nítido da individualidade que se pretende estudar.

Os documentos fornecidos pela caricatura são sempre um precioso auxilio para o historiador. Essa manifestação de arte surpreende e fixa com grande nitidez os homens e os factos e ajuda muito à compreensão daqueles e ao estudo da génese destes. Impressiona o pensamento por duas formas diferentes — pela palavra escrita e pela visão.

O artista verdadeiramente dotado para a caricatura, com exclusão do simples desenhador, revela sempre na sua obra o carácter do interpretado. Ele sabe marcar e acentuar qual o traço físico ou moral que caracteriza o indivíduo e o diferencia do seu semelhante.

Mesmo em épocas em que a caricatura, como manifestação de Arte, seja apenas servida por talentos de medíocre valor, até nessas produções de limitado interesse estético, se surpreende a emoção e a influência produzida pelo individuo caricaturado nos seus contemporâneos.

A caricatura entre nós tem sido geralmente mal interpretada, tanto pelo Artista como pelo público.



Em Portugal ela vive mais em tipos isolados do que exteriorizada em símbolos ou protótipos de classes. Mesmo modernamente em que, além fronteiras, a caricatura tem sido acima de tudo social, entre nós ainda não deixou de ser individual ou política. Nesta ordem de ideias, é com

surpreza que observo o curiosíssimo facto de que a personalidade de Teófilo Braga, estudada nas obras dos principais caricaturistas que o focaram, não se revela.

Teófilo Braga atravessou todo o período de mais de quarenta anos em que Rafael Bordalo Pinheiro se revelou e se afirmou, inconfundivelmente, um génio caricatural, um grande talento de exteriorizador de emoções generosas e reverentes, um soberbo lutador seduzido por belos ideais estéticos, sociais e morais.

Na obra de Rafael Bordalo Pinheiro é perfeitamente possível ajuizar do valor de muitos dos grandes homens que viveram na sociedade portuguesa no último quartel do século XIX. Mas uma singular excepção se dá com a figura de Teófilo Braga que o grande caricaturista muita vez desenhou, por vezes primorosamente: apesar de toda a simpatia que lhe merecia Teófilo Braga, do seu aprêço pela sua acção no Centenário de Camões, do respeito pelos seus ideais,



A PROPÓSITO  
DO CENTENÁRIO CAMONEANO

De Rafael B. Pinheiro, 1880.

Rafael Bordalo Pinheiro nunca conseguiu caricaturá-lo com inspiração que se traduzisse em página imorredoura.

Além de Rafael Bordalo Pinheiro, trabalharam, em vida de Teófilo Braga, caricaturistas de valor como: Celso Hermínio, Francisco Teixeira, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Sebastião Sanhudo, Francisco Valença, Julião Machado, Leal da Câmara, Alfredo Cândido, Jorge Colaço, Hipólito Colomb, Amarelhe, etc.

Todas as caricaturas que conheço de Teófilo Braga são quasi completamente destituídas de qualquer interêsse.

A maioria só tem a valorizá-las a legenda, que nem sequer é sempre original... Não se recomendam nem pelo cómico da execução nem pela satírica intenção. A série é numerosa, mas forma uma galaria frouxa, triste, sem nada que nela nos seduza e encante.

A única nota de humorismo, de alegria, de crítica, é dada pelo chapéu de chuva que todos os desenhadores reproduziram, mais ou menos desproporcionado ou deselegante, colocado nesta ou naquela posição, mas sempre o chapéu de chuva a afirmar a estranha falta de inspiração dos artistas, quando se tratava de focar o grande Professor.

De modo algum se adivinha, nas variadíssimas interpretações humorísticas, o homem que pelos seus contemporâneos foi considerado como um lutador enérgico, um intransigente destruidor das velhas organizações sociais, como um historiador e um filósofo, trabalhador infatigável que sabia, como ninguém, dividir a sua vida entre afazeres profissionais e académicos, que brilhantemente conduzidos lhe deixavam ainda tempo para trabalhos que concorressem para o triunfo e consagração da Democracia.

Trata-se de alguém que foi considerado a personificação da Democracia em Portugal, e a caricatura, que foi um poderoso auxiliar para o advento da República em Portugal, não soube tratar com talento um dos principais propulsores da nova fórmula política!

Como explicar tal facto?

Além de Rafael Bordalo Pinheiro — o mestre da caricatura portuguesa —, muitos dos artistas citados desenharam *portraits-charges* de outras individualidades com tam flagrante verdade de crítica, que não se pode suspeitar de falta de talento nos artistas que caricaturaram Teófilo Braga.

Será porque Teófilo Braga não tivesse características físicas, fisionómicas ou dinâmicas que exteriorizassem a sua individualidade?

Problema difícil para que antevejo vagas hipóteses...



Do Almanach do Zé para 1914

De Alfredo Cândido.

Janeiro de 1928.

Julieta Ferrão.





Tipografia Nacional, Rio de Janeiro

REPRODUÇÃO DE UMA PÁGINA  
D'«O ANTÔNIO MARIA», 3 DE JUNHO  
DE 1880.







## UMA OPINIÃO

Os homens predestinados pelo talento de escrever criam ás vezes proselytos, mas não criam amigos, conquistam intelligencias, mas não conquistam corações, tornam-se celebres, mas não se tornam amados.

RAMALHO ORTIGÃO.

**N**ão conheci intimamente Teófilo Braga e tenho pena, porque a observação psicológica de semelhante personalidade devia trazer-me, se não factos novos para a Sciência, ao menos a ocasião de indagações interessantes a respeito do extraordinário mecanismo dessa possante intelligência que nos forneceu, além da *Visão dos Tempos*, os mais variados e documentados capítulos de História, de Filosofia, de Literatura, de Sciência, e prestou à política ainda bastante energia, na propaganda e na acção, para ser dos primeiros, se não o primeiro, no nosso País e fora dêle, como prègador da idea nova.

A psicologia de Teófilo Braga não se acha feita, nem sei se será reconstituída alguma vez e seria curioso reconstituí-la, porque, além do claro ensinamento da sua doutrina e da sua obra imensa, esmagadora, resta ainda o conhecimento a travar com essa estranha intellectualidade de muitos anos, superabundante, inesgotável sôbre os mais diversos assuntos, immortalizada nos seus trabalhos extensos e aprofundados, mas que escapa definitivamente à crítica, sem deixar de se patentear à controvérsia.

Comparo á ingência da obra do Mestre com a de uma dessas majestáticas catedrais góticas, das quais é impossível, por mais que nos cheguemos a distância conveniente para encarar o seu conjunto, dar mais do que o ligeiro esboço, tantas são as faces, e os ângulos, tamanha é a

complicação das suas saliências, dos seus botaréus, a elevação das suas cúpulas e tôrres.

É cedo para empreender com êxito a magna tarefa de dar conta da enormidade assombrosa dessa literatura e dessa filosofia teofiliana, para analisar a qual hão-de ser necessários muitos especialistas, como o tem sido para estudar e escrever o muito que se tem estudado e escrito sôbre Camões e sôbre o Dante, acêrca de Camilo e de Eça.

Matemáticos, filólogos, historiadores, artistas, críticos, pedagogos ou simples devotos, toda essa pléiade se sentirá, a breve trecho, insuficiente para compulsar essa obra e reconhecer-lhe os recessos, obra assás compendiosa, que ficará sem continuação, suspensa, como edificio de complicada architectura, a que não será possível pôr o remate, como algumas dessas pesadas construções medievais, catedral de Colónia ou de Estrasburgo, inacabadas e sempre em obras, amparadas indefinidamente nos seus andaimes construtivos, sem jamais lograrem o têrmo do seu acabamento.

¿Haverá alguém que se possa absolutamente gabar de conhecer na intimidade, nas suas inúmeras modalidades, a obra de Teófilo Braga? Cremos que não, e consegui-lo levará anos de estudo, certamente, para executar tarefa conscienciosa e apreciável, de maneira que revele nos mínimos pormenores, na ignorada riqueza do seu fundo, na inexaurível grandeza da sua documentação, o esforço prodigioso dessa mentalidade excepcional.

Será empresa eriçada de asperezas, entrecortada de dúvidas e de hesitações, lenta e talvez insegura, que nos dará a saber o valor e a qualidade dos factos e das deduições postas à luz pelo Filósofo e Historiador, mas não facilitará uma nota de carácter psíquico, que nos elucide sôbre o pensamento, a psicologia original e complexa dêsse que foi Mestre ilustre de mais de uma geração e conseguiu agitar questões e pôr problemas, ir ao diante da Verdade, excedê-la ou contrariá-la, sempre com intensa fôrça de espírito; assim nas apreciações da poética de Cristóvão Falcão, como na história impenetrável e apaixonada da Custódia de Belém e do fazedor de autos que se chamou Gil Vicente.

\*

Teófilo Braga assombrou, excedeu-se a si próprio muitas vezes, pela sua erudição inigualável, pela invejável memória, disciplinada e firme, mesmo na velhice; acordou os ecos da discussão; enlevou pela eloquência precisa e persuasiva; educou pela perseverança no estudo, pela fé inaba-

lável no Trabalho e pela confiança na Ciência. Criou em torno da sua discutida prosa uma multidão de admiradores e alguns adversários, mas não achegou ao seu íntimo um punhado de amigos, um só que fôsse, que na hora extrema o acompanhasse, ou no momento perigoso em que eles se dão melhor a conhecer e nos facultasse agora a noção exacta do que

DE UMA PÁGINA DA *Seara Nova*

De Leal da Câmara, 1922.

foi essa extraordinária personalidade de pensador e de literato, qual a orientação positivamente moral seguida por êle, a verdadeira doutrina, a religião, fôsse qual fôsse, dêsse homem que é sem dúvida e apesar das contestações odiosas de inimigos e invejosos, uma das maiores glórias nacionais nas Letras e nas Ciências.

Eu apenas conheci Teófilo Braga na Academia das Ciências e, nos fragmentos de conversa com o Mestre, poucos elementos pude colher da sua *psiche*, mas julgo-a, no emtanto, mais rica e nobre do que muitos supõem e afirmam, tentando deprimi-la. Duas qualidades me pareceram porém dignas de menção nêle, pôsto que muita gente as deprecia e suplanta por outras de discutível superioridade: a *memória* e o *amor pátrio*.



Quando, à falta de mais valido argumento, se pretende destituir uma inteligência sã e austera, diz-se, sem pensar, do possuidor: «¡o que êle tem é extraordinária memória!». ¡Como se esta não fôsse uma prenda primacial da inteligência, uma faculdade essencial, suprimida a qual ou obliterada, às vezes por condição mórbida, tudo o mais rui por falta de estabilidade! Sabia contudo o Filósofo servir-se dela, conduzi-la sem a escravizar, obedecer-lhe sem ser vassalo.

Ouvimos, por vezes, satirizar os seus recursos mnemónicos, que aliás não destronaram a superioridade incontestada de Leão XIII, que os empregou semelhantemente. Nem admira que, dada a descentralização dessa mentalidade de invulgar cultura, por campo tam vasto de investigações diversas, necessitasse de classificar e metodizar, com paciência e inapreciado espírito de ordem e arrumação, os preciosos conhecimentos adquiridos, que não se adivinham, mas se conquistam em formidável labor.

Se a sua crítica é contestável, a imensidade e a variedade dos factos postos em foco pela sua pena vigorosa, dos documentos expostos à vulgarização pela generosidade do seu pensamento, resgatam bem o descuido ou deslize do seu espírito crítico.

Das páginas escassas ou múltiplas dos seus escritos transluz sempre com maior ou menor intensidade, o sentimento do amor pelas cousas portuguesas, o nacionalismo mais puro, sem *chauvinismo*, mas verdadeiro.

Vivendo isolado da família, os seus affectos penderam de recordações e saúdaes, que a proverbial modéstia de sábio, não assoalhou comumente, mas que palpita na quantidade de objectos que a sua parcimónia sonegou do uso fácil às preciosidades familiares, que de ordinário são malbaratadas e êle se distinguiu em conservar intactas, não por avareza, mas com ternura, atestada nos seus derradeiros dias.

\*

Acusaram-no de plágio, injustamente, pode dizer-se.

Espíritos mesquinhos tentaram derrubar alguns pedaços do cimento falho do seu velho monumento, erguido pelo próprio escritor, na vasta obra incomensurável.

¿Quem há porém inocente de plágio, consciente ou inadvertido? ¿Por acaso não se sente na 1.<sup>a</sup> sinfonia de Beethoven a influência decisiva da maneira de Haydn, e levantou-se alguém a acusar o mestre de Bonn de plagiário?! ¿Não se afirma cousa assim de Camões, de tantos outros autores célebres, aos quais sobeja em génio o que falta aos críticos e anotadores em ciência?

A sorte estava reservada ao autor imperecível da *Historia da Literatura Portuguesa* e da *Universidade de Coimbra* de, na sua divagação pelas Letras e pela Sciência, pela História e pela Arte, seguindo intemerato a sua rota, traçada com segurança e seguida com denodo, a despeito de malversações e inimizades, levar de caminho grande número de discípulos, prosélitos e correligionários, que a idea política sobretudo avultou; mas, segundo o conceito que acima coloquei como lema, a pena e a palavra de Teófilo Braga, disseminando ideas, promovendo ensinamentos, propugnando pela liberdade e pelo progresso do pensamento, não atraíu amigos; dominou os cérebros, mas não venceu corações.

¿Esperará a critica justa, desapixonada e instruída, a que tem direito? Alcançá-la há um dia?

\*

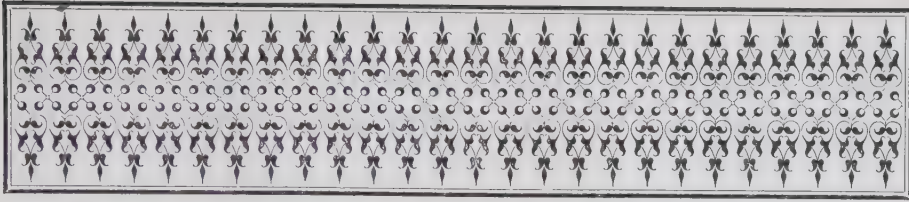
Em algumas conversações fugitivas com Teófilo Braga tive ocasião de reconhecer a variada e profunda erudição do Mestre, a liberalidade do seu espírito tolerante e a disciplina a que era obediente, assim como a regra inflexível da sua conduta. Em algumas passagens da nossa palestra, fora das sessões académicas, suavizada por meigo humorismo e estrelada de bons ditos por parte dêle, revelou-me a bondade de coração e os sentimentos, que não desmereciam do positivismo científico da sua elevada cultura.

Uma memória entre todas saudável, a da própria espôsa, representava para o escritor a convergência de afeições que temperavam aquela alma de lutador e amenizavam o seu viver de espartano.

Creio por isso que existiria na profundidade dessa psicologia mal compreendida, no seu modo de pensar e de sentir, mais do que as acções e os escritos revelavam, o prolongamento da gama de sentimentos que, de ordinário e por natural reserva, não deixava adivinhar.

*J. Bethencourt Ferreira.*





## DETRACTORES DO MESTRE



COMPANHÁMO-LO desde a sua primeira juventude ao sair da Universidade, onde com o seu próprio trabalho custeara os estudos, e só o deixámos na sua última morada — nos Jerónimos — onde há um bom ano baixou, já velho e alquebrado, mas ainda de espírito lúcido e ânimo combativo.

O pouco que somos devêmo-lo ao contacto de meio século bem contado com o erudito Mestre, que nos ensinou a estudar e combater.

Mestre dos mestres, Teófilo Braga deu à sociedade o grande, embora pouco seguido exemplo da persistência e tenacidade, como meio decisivo para se obter a vitória em todos os ramos da actividade humana.

O seu muito saber mereceu-lhe sempre invejas dos que, sabendo menos, fingiam saber mais. Os seus muitos triunfos despertaram os ciúmes dos que não conseguiam exceder a humilde craveira da mediocridade.

A sua constante vitória sôbre os que tentavam acintosamente denegri-lo ou amesquinhar-lhe a obra criou-lhe um exército de traidores em volta, recrutados entre os nulos, de máscara sempre afivelada a disfarçar-lhes a insignificância e bacamarte aperrado à espreita de alguma data por engano mal restituída, que lhes servisse para pedantemente rebaixar a obra gigante do Mestre que êles em geral nem sequer sabiam compreender, quanto mais interpretar nas suas intenções filosóficas.

¡Pobres zoilos da crítica moderna, triste testemunho de um período de decadência nacional! Pobres detractores de Teófilo Braga! alguns tam desprezíveis, a despeito mesmo da reputação literária que o elogio mútuo lhes possa ter alcançado, que, nem mesmo ainda depois de morto, têm

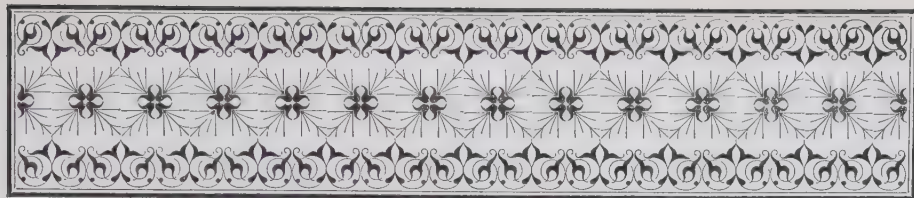


a nobreza de poupar a memória do Mestre que a história e o tempo vão aureolando.

Êsses nossos zoilos da crítica amena, que, sendo os mais numerosos, são também os menos hábeis, a fim de não deixarem os próprios méritos por mãos alheias, julgam ter conseguido uma definitiva conspiração de silêncio em volta do fundador da *Historia da Litteratura Portugueza*.

Crentes de ter gloriosamente alcançado uma decisiva vitória sobre a já ressequida carcassa de um grande sábio, esquecem-se por propósito ou casualmente, que a História, sempre implacável na justiça do seu derradeiro *veredictum*, cedo ou tarde vem a restabelecer a verdade dos factos, restituindo grandeza a quem a soube merecer em vida.

*Ladislau Batalha.*



## COERÊNCIA



verdadeira crítica literária tem de assentar em bases psicológicas, porque um escritor, ao elaborar a sua obra, não pode subtrair-se às influências preponderantes do mundo, hereditariedade, constituição e funcionamento dos órgãos. Inquirir da história ancestral e pregressa, surpreender o curso ideativo, pesquisar o sensorio, medir a capacidade imaginativa, a atenção e a memória, apreciar a gama dos sentimentos e emoções, formam, no conjunto, o processo excelente de investigação, para orientar os passos do analista. Éle é que descobre o veio claro na fonte original onde se coordenam, após a metamorfose, todos os componentes da mais alta síntese humana.

Se fôsse possível, agora, aplicar êsse método scientifico à obra de Teófilo Braga, seria seguro o êxito, mercê da sua forte idiosincrasia e longa vida produtiva que o impuseram ao juízo dos contemporâneos.

Todavia, ainda se me torna fácil empreender e registar aqui a interpretação de uma das suas melhores facetas espirituais.

Quando grande parte da mocidade universitária vinha desprezando o culto das virtudes cívicas, aviltando-se emlouvaminhas de fetichismo anacrónico e ridículas exteriorizações de cabotinice, quando outros homens públicos tergiversaram e debandaram dos caminhos que haviam, antes, apontado ao povo, o eminente criador da *Historia da Litteratura Portuguesa* atravessou uma larga época de vicissitudes políticas, sempre inflexível e coerente.

Apesar de intenso e constante labor mental, traduzido em múltiplas provas da mais diversa natureza intellectiva, as suas principais funções

psíquicas exerceram-se com prontidão e justeza. Em verdade, não foi a amnésia retro-anterógrada, tam característica das demências globais, que marcou a senectude de Teófilo Braga. A velhice gastou-lhe pouco a pouco o arcaboço, mas respeitou-lhe muito o encéfalo que manteve, com relativa galhardia, o lugar supremo na hierarquia orgânica.

Assim, operando-se o bioquimismo cortical, sem virus nem tóxico a perturbarem a célula e a nevroglia, a psique perdurou quasi inalterável até os prenúncios da morte.

Foi, pois, a sua cerebração vivaz que lhe permitiu trabalho copioso, evitando-lhe também o desaire lamentável de se retratar, como sucedeu a Guerra Junqueiro e Gomes Leal com as palinódias da *Patria* e do *Anti-Christo*.

O período involutivo dos autores excelsos do *Hereje* e da *Velhice do Padre Eterno* chegou cedo. Embora, somaticamente, apresentassem situação de equilíbrio, começaram de revelar sinais de misticismo religioso que os adversários exploravam, sem o mínimo respeito pelo nome dêsses extraordinários poetas portugueses. Azado o momento para a captação, foram caindo nas malhas ardilosas daqueles que o aguardavam, há muitos anos, sob o intuito malévolos de os rebaixarem aos olhos da multidão que se arrastara, vibrante de sentimento democrático, atrás das suas estrofes candentes e patrióticas.

Documentam o meu asserto, além de outras manifestações de progressiva decadência, a conversão de Gomes Leal e o poemeto póstumo de Junqueiro — *Caminho do Céu* — onde os versos, pobríssimos de ideal, aparecem vasados em moldes ínfimos que contrastam pungentemente com as modalidades artísticas superiores, dadas à estampa, durante as quadras sadias da juventude e maturidade.

Teófilo Braga, pelo contrário, permaneceu fiel aos princípios. Escrevendo ou falando, sustentou, imperturbável, o facho que iluminava aos Novos os horizontes do Futuro e punha em fuga os corvos espavoridos.

Ainda mesmo na fase pre-agónica, nos legou a tradição preciosa de um Homem que saberia resistir às fantasmagorias infantis do Além-túmulo, se acaso elas se erguessem do sub-consciente.

*Luís Cebola.*



## NOTAS ETNOGRÁFICAS



ão era propósito meu incluir estes apontamentos no *In memoriam* do professor Teófilo Braga. A sua inclusão foi accidental. E não seria intenção: — primeiro, porque me não parece que um livro *In memoriam*, conforme costuma ser, preste homenagem a quem quer que seja; — segundo, porque umas notas colhidas avulso não se coadunam com o público cerimonial fúnebre, nem com a frase incondicionalmente laudatória, como é dos intuitos de semelhante publicação. Dos intuitos e das praxes.

Seria preferível que, em vez de um *In memoriam* inútil e precário para a obra e nome do comemorado — fôsse êle Teófilo Braga ou qualquer outro ilustre sábio, literato ou artista, com política de ciência, literatura e arte ou sem ela —, se realizasse a discriminação do que seria aproveitável em valor efectivo. Isto é, se separasse o trigo do joio, tanto mais abundante um e outro quanto mais extensa e numerosa a obra. E se apresentasse depois aos estudiosos, aos críticos e aos simples admiradores por sentimento, partido ou moda, o resultante dessa não pequena nem desprezível tarefa.

Corresponderia a uma restauração intelectual do homenageado. Mais satisfeitas ficariam assim as consciências dos promotores da comemoração e a memória do comemorado. O joio para o lado, ficaria o trigo ao ar. E peço desculpa se não tenho razão. ¡Mas esta me parecia a verdadeira homenagem!

A *Livraria Classica Portuguesa*, iniciada pelo Visconde de Castilho, auxiliado pelo irmão José, em 1845, ou, melhor, a *Anthologia Portuguesa*,



organizada pelo Dr. Agostinho de Campos, e em via de publicação, poderiam sugerir critério das selecções e método de matérias, assuntos e géneros literários.

Ora na obra de Teófilo Braga, exhaustiva, ansiada, febril, há muito que ver entre o que foi precipitado e prematuro, e já hoje não serve, em teorias, hipóteses, probabilidades não verificadas. Faria em crítica segura a história da mentalidade de uma época, e especialmente de um homem. E, a par de tudo que é discutível, encontra o estudioso o abundantíssimo e variado material de documentação. Não se esgota facilmente a nota bibliográfica, a informação particular, a colheita literária nos livros e nos arquivos, a recopilação das tradições folclóricas.

E Teófilo Braga, como tantos dêsses obreiros do século XIX, é um edifício onde se poderão colhêr materiais copiosos para um futuro trabalhador aproveitar. Mais um motivo a favor de uma antologia, em vez do vulgar *In memoriam* como lápide comemorativa.

\*

Teófilo Braga viveu no «século da História», em que a ânsia de saber, a curiosidade perscrutadora da sucessão histórica, a metodização dos conhecimentos históricos, criaram um espírito próprio. Rebuscavam-se os arquivos e as bibliotecas; esmerilhavam-se os cronicões e os livros velhos. Todo o século é uma vertigem para o descobrimento das verdades históricas, tudo referindo a épocas, períodos, idades, no desejo ardente de pôr em ordem e método. Cada investigador corria a sua corrida de obstáculos, sôbre o problema que estimulava todos.

De Teófilo Braga diz Antero de Quental: «A consideração do que ha de viril e quasi heroico na attitude dos exploradores faz-nos ver na sua obra mais ainda o valor de uma acção pessoal do que o das conclusões scientificas, e dá-lhe o merecimento independente das muitas imperfeições e lacunas, que seria pueril pretender dissimular». (Antero de Quental, *A Philosophia da Historia Litteraria Portuguesa*<sup>1</sup>, Porto 1872, p. 11).

O mesmo se pode generalizar a todos ou à maioria dos exploradores. Frutificou o exemplo das Academias de Setecentos: — a *Academia Real*

---

<sup>1</sup> Título completo do opúsculo: *Considerações sobre A Philosophia da Historia da Litteratura Portuguesa (a proposito d'alguns livros recentes)*; o primeiro capítulo: *Theoria da Historia da litteratura portugueza*; these para o concurso á cadeira de Litteratura moderna, no Curso Superior de Lettras, por Theophilo Braga, Porto 1872. 38 pp.

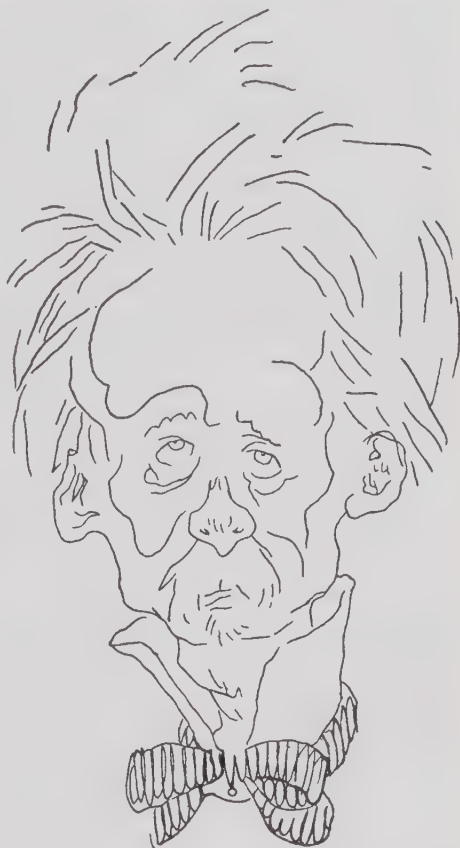
da *Historia Portugueza*, para «purificar da menor sombra de falsidades a narração dos successos pertencentes a uma e outra Historia<sup>1</sup>, e investigar aquelles que a negligencia tem sepultado nos archivos» (decreto de 8 de Dezembro de 1720, de El-Rei D. João V), com os seus 15 volumes da *Collecção dos Documentos e Memorias*; — a *Academia Real das Sciencias*, de 1779, do Duque de Lafões e do Abade Correia da Serra, Cenáculo Vilas-Boas, João Pedro Ribeiro, com as *Memorias*.

Os obreiros da documentação do tombo nacional estimulavam-se reciprocamente na concorrência. Dos arquivos, das crónicas, dos menores ou menosprezados documentos do Estado e de particulares, saía um trabalho insano de colectânea, de prova, de metodização, de pesquisa. A oficina da história aprestava os seus teares. Criava ambiente, desenvolvia-se, fazia maravilhas.

O método histórico applicou-se a todas as sciências, e renovaram-se por êle os ramos do velho saber humano. É que os estudos evolutivos da história produziram uma verdadeira iniciação, ou, melhor, uma revolução. Como nos antigos tempos do Renascimento correu a moda do culto das artes entre os Grandes

da Europa, divulgava-se agora a moda nova do culto da história. É uma renovação destinada à prova da teoria de Taine. E aí vai a ânsia da história, que o Romantismo germânico de Schlegel, Schelling, Tieck, dos Grimm e Uhland, mais estetas ou mais historiófilos, estendeu ao teatro, à novela, ao romance, e Goethe e Schiller fortaleceram.

A classificação histórica, proveniente dos métodos novos, remoçou as teorias da terra e criou a *Geologia*. O exame cuidadoso, objectivo,



REPRODUÇÃO DO *Riso d'A Victoria*

Por Faisca, 1919.

<sup>1</sup> «... uma e outra Historia», ou seja a História Eclesiástica e a Secular.

cronológico das camadas sobrepostas na crusta terrestre trouxe-nos, com a história da formação e a história da estrutura, a *Paleontologia*, a história da vida vegetal e animal nos períodos geológicos. Aí vêm as teorias justificativas das formações biológicas e embriogénicas actuais, ora pelas criações sucessivas e independentes (Cuvier), ora pela cadeia contínua e única dos seres, seleccionados lentamente pela luta da vida e pela reprodução (Darwin), ora pelos protistas mono ou homocelulares de uma forma de cristalografia celular (Haeckel), ora pela procedência inicial de um meio marinho universal (René Quinton), ora pela origem tumultuária das espécies novas nas espécies anteriores, atingido inesperadamente o período favorável (Vries) <sup>1</sup>.

Os restos atribuídos à mão humana, semeados nas mesmas camadas, onde buscaram a fauna e a flora, criam a *Paleoetnologia*, história da formação das raças. A *Arqueologia*, história das indústrias e artes das épocas primitivas, com a pesquisa do *habitat* pre-histórico (*Paleoetnografia*) e o estudo contínuo, comparado no tempo e no espaço, do passado longínquo ao presente (*Etnografia*), completa com a *Antropologia* a história do homem, o plano geral do problema das origens.

Por fim, entra na mecânica comum a *Glottologia*, história da formação das línguas, a ciência da linguagem. A par de Franceses e Ingleses, o mais valioso trabalhador foi Frederico Diez, professor da Universidade de Bona; estudou este sábio germânico as línguas e literaturas modernas da Europa latina e das línguas e literaturas que sobre aquelas vêm trazer influências <sup>2</sup>. Foi este um dos elementos aproveitados para, com a antropologia, architectar as teorias etnogénicas dos povos e das literaturas.

«A escola ethnologica está representada entre os escriptores novos pelo Snr. Theophilo Braga». (Antero de Quental, *ibid.*, p. 23) <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> L. de Launay, *Historia da Terra*, trad. portug.: «Bibliotheca de Philosophia Scientifica». Lisboa 1908.

<sup>2</sup> Friedrich Diez, *Grammatik der Romanischen Sprachen*, 1836-1844 (erste Ausgabe), 1856-1860 (2<sup>te</sup> Ausgabe).

<sup>3</sup> Topinard, *Eléments d'Anthropologie Générale* (Paris 1885); Deniker, *Les races et les peuples de la terre* (Paris 1900); Lawrence Gomme, *Ethnologie in Folklore* (Londres 1892); Th. Henry Huxley, *On the Methods and Results of Ethnology* (Londres 1901); Augustus Henry Keane, *Ethnology* (Cambridge 1896); Elie Reclus, *Ethnography* (In *Ency. Brit.*, 9<sup>th</sup> ed., pp. 613-626, Edimburgo Black); Friedrich Ratzel, *Völkerkunde* (Leipzig 1885-1888); Heinrich Schurtz, *Völkerkunde* (Leipzig 1903); Friedrich Müller, *Allgemeine Ethnography* (Viena 1873); A. Jellinck, *Der Jüdische Stamm: Ethnographische Studien* (Viena 1869); L. Manouvrier, *L'Ethnologie et l'Ethnographie dans l'Anthropologie* (Paris 1884); Vacher de Lapouge, *Race et milieu social* (Paris 1909); Houzé, *L'Aryen et l'anthroposociologie* (Bruxelas 1906); J. Brunhes, *La Géographie*

A origem dos habitantes da Península Ibérica tem prodigalizado teorias que só por si valiam a pena de se enunciar, pelo antagonismo e negatividade recíprocas, em que os sábios aventam, recuam, renovam. E são homens ilustres os que se têm digladiado na discussão. Camille Jullian, Déchelette, Cartailhac, Schaparelli, Diefenbach, Sergi, Angelo Mosso, Belloguet, Atgier, Müllenhoff, Maury, Jubainville, Henri Martin, Adolfo Coelho, Karl von Klassen, com a sua teoria do *iberismo*, Salomon Reinach, o iniciador da *Miragem Ocidental* contra a *Miragem Oriental*. E aí está Teófilo Braga com as suas teorias na *Introdução e theoria da historia da litteratura portugueza* (Pôrto 1896) e na *Patria Portugueza* (Pôrto 1894), até a *Historia da Poesia Popular Portugueza* (3.<sup>a</sup> ed. 1902).

É nesta luta de prioridades de teorias, ôlho alerta na novidade que chega, para a encaixar na teoria em que cada um procura metodizar a ciência — é aqui que passa e vive Teófilo Braga. O problema das origens seduzia todos. Daí os defeitos graves que Antero aponta: 1.<sup>o</sup> «a impaciencia, que leva a conclusões prematuras»; 2.<sup>o</sup> «o espirito systematico, que leva a conclusões falsas»<sup>1</sup>.

As fantasias, à falta de rigor científico e de documentações precisas, multiplicavam-se. Arranjaram-se fórmulas com rigores de cânones infle-

---

*humaine* (Paris); Camille Jullian, *Histoire de la Gaule*; Ripley, *The Races of Europe* (London 1900); Gerrit Miller, *Conflicting views on the problem of Man's ancestry* (American Journal of Philologie Antropol., Washington 1920); Elliot Smith, *The Evolution of Man* («Smiths Report 1912», Washington 1913); Arthur Keith, *Les facteurs de la différenciation des types raciaux* («Revue Générale des Sciences», 1920); *Schema dell'origine umana* («Rev. di Antropolog.», Roma 1916); Trassetto, *Lezioni di Antropologia* (Roma 1909); Giuffrida-Ruggeri, *Schema de classification des hommes actuels* (Genebra 1912), *La successione e la provenenza delle razze europee prenedlitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie* («Riv. Ital. di Paleontologia», Parma 1916), *L'uomo come specie collettiva* (Napoli 1912); Telesforo d'Aranzadi, *Etnografia (Razas negras, amarillas y blancas)* (2.<sup>a</sup> ed. Madrid 1900); Hoyos Sainz, *Etnografia* (Madrid); Franz Boas, *Race problems in America* («Science», 1909); Leite de Vasconcelos, Mendes Correia, *Estudos da Etnogenia Portuguesa (Os primitivos do território)* («Terra Portuguesa», Lisboa 1918), *Raça e Nacionalidade* (Pôrto 1919), *As condições físicas na fixação das raças* («Anais da Academia Politécnica do Pôrto», Coimbra 1919), *Le milieu géographique* («Scientia», Milão 1921), *Homo* (os modernos estudos sobre a origem do homem) (Coimbra 1921), *Os povos primitivos da Lusitânia* (Pôrto 1924); Oliveira Martins, *Historia da Civilização Iberica* (3.<sup>a</sup> ed. 1886), *Raças humanas e a civilização primitiva* (2.<sup>a</sup> ed. 1893), *Quadro das instituições primitivas* (2.<sup>a</sup> ed. 1893); Silvio Romero, *Patria Portugueza* (Lisboa 1906); Fonseca Cardoso, *Anthropologia Portugueza* («Notas sobre Portugal», 1908); etc. Esta resenha mostra o desenvolvimento que tem tido, desde o último quartel do século XIX, a ciência das raças.

<sup>1</sup> Antero de Quental, *op. cit.*, p. 11.



xíveis. Formou-se um dogmatismo hirto a sobrepor-se às descobertas científicas, em vez de irem estas avolumar-se, criar corpo, elasticidade, uniformidade. É o carácter geral dos «trabalhos sem precedentes, filhos da febre de inovação»<sup>1</sup>. «— O grande merecimento d'estes livros, diz ainda Antero de Quental, pode dizer-se que consiste ainda mais em ter levantado as questões do que em tel-as definitivamente resolvido»<sup>2</sup>. Há mais, e é que essas teorias foram prematuras, e passaram; passaram, e bem, as da formação das espécies, as da formação das raças, para darem lugar a outras, menos fantasiosas e mais prováveis no estado actual da ciência. Mesmo hoje esta, quer pelos seus objectivos e métodos definidos, quer pelo equilibrio filosófico, já não se presta nem anima às teorias sumptuosas das iniciações.

E os problemas etnológicos estão hoje tam afastados da sua resolução como no princípio. O mesmo se dá com os problemas da paleontologia.

\*

O trabalho dos cultores da história, ao longo dêsse século e já por êste primeiro quartel do século xx, foi colossal. Esbocêmo-lo, não falando no labor histórico, já enunciado, das duas Academias de Setecentos.

A primazia na iniciação dos métodos novos e na pesquisa aturadíssima dos arquivos tem-na o venerando Alexandre Herculano com os 18 volumes (em 5 séries) da *Historia de Portugal* (1827-1868), a *Historia da Origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, com 3 volumes (1854-1859), e a direcção admirável da *Portugaliae Monumenta Historica*. Segue-o uma coorte de iniciados e cultores das sciências históricas<sup>3</sup>. Não esquecendo num objectivo mais amplo, etnográfico-lingüístico, os trabalhos

<sup>1</sup> Antero de Quental, *op. cit.*, p. 12.

<sup>2</sup> Antero de Quental, *ibid.*, p. 12.

<sup>3</sup> José Silvestre Ribeiro, com a *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da Monarchia* (16 volumes); *Resoluções do Conselho de Estado* (18 volumes). O Visconde de Santarém, com os 8 volumes do *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, que Rebêlo da Silva continuou de outros 10 volumes; *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos de Portugal na costa da Africa Occidental*, e tantos outros trabalhos. Rebêlo da Silva com *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, e os *Fastos da Egreja*. Latino Coelho com a *Historia politica e militar de Portugal desde os fins do seculo XVIII até 1814*; *Luiç de Camões*; *Vasco da Gama*; e outros estudos biográficos. Oliveira Martins, com a *Historia da Civilização Iberica*, a *Historia da Republica Romana* (2 volumes, 1885), as *Raças Humanas e a civilização primitiva* (2 volumes), o *Quadro das Instituições primitivas*; a *Historia de Portugal*; o *Portugal*

de Adolfo Coelho tiveram, como os de Garrett para o folclore nacional, o valor de iniciação, e foi êle quem constituiu em Portugal os estudos modernos da Lingüística: a *Lingua Portuguesa* (1868), os *Negros de Africa*, *Ciganos de Portugal* (1892). E, depós êle, Júlio Moreira, Epifânio da Silva Dias, Leite de Vasconcelos, D. Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, José Joaquim Nunes, desenvolveram a sciência.

Os estudos de história literária, as memórias e monografias de história geral ou local ou especial, de etnografia, de folclore, aumentam. E de todo êste afã, em que não deve faltar menção do *Diccionario Bibliographico* de Inocêncio da Silva, esforço extraordinário de beneditino, ficou a energia que continuam os modernos investigadores, como Leite de Vasconcelos, Joaquim de Vasconcelos, D. Carolina Michaëlis, Gama Barros, Lúcio de Azevedo, Fortunato de Almeida, Mendes Correia e tantos.

Nesta verdadeira luta de investigação, de saber, de ânsia de construir, viveu Teófilo Braga. As polémicas azedavam os espíritos, e, uns mais, outros menos, muito escreveram, mais com intuito agressivo do que com regra científica. Além disso, a luta literária acendia a luta política. As teorias architectadas à maneira de bastidores teatrais eram falazes, atendendo-se de preferência ao efeito, em prejuízo da verdade. E as polémicas de defesa e de ataque transformavam-se em arraial de descomposuras e insultos políticos. Espírito rebelde e azêdo, na espreita da novidade científica para confirmar teorias e hipóteses, Teófilo Braga esteve constantemente na primeira fila de lutador. Lutou bem ou mal para se impor, trabalhou muito para conseguir alçar os seus planos, as suas teorias, a sua obra. Foi um produto do meio e do tempo.

Ao mesmo tempo quimérico e sistemático, apreciava-o Antero, dá às suas doutrinas gerais uma feição dogmática, que lhes tira aquele poder

---

*Contemporaneo*; e *A vida de Nun'Alvares, Os filhos de D. João I, o Principe Perfeito*, que ficou incompleto. Antero de Quental, com as *Causas da Decadencia dos povos peninsulares nos seculos XVII e XVIII*; as *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria Portuguesa*. Filipe Simões com a *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica*, e *Reliquias da Architectura romano-bysantina em Portugal*. Estácio da Veiga, com as *Antiguidades monumentaes do Algarve*. Teixeira de Aragão, com as *Moedas Romanas existentes no Museu Numismatico de D. Luiz*, e a *Descripção Geral das Moedas Cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Sousa Viterbo, com o *Diccionario Historico e documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*; *Trabalhos nauticos de Portuguezes nos seculos XVI e XVII*; a *Armaria em Portugal*; *Memorias sobre Artes e Artistas em Portugal*; *Estudos sobre Sá de Miranda, Caminha, Damião de Goes, Fr. Luiz de Sousa, Duarte Galvão*, etc. Os estudos etnográficos intensificam-se. Tomás Pires, Vieira Natividade, Rocha Peixoto apparecem por toda a parte com os seus estudos. Estácio da Veiga, o construtor da *Carta Archeolo-*

de ductilidade e compreensão, sem o qual uma teoria, para acomodar os factos ao seu rigor inflexível, tem de os forçar aqui, de os pôr de lado além, isto é, não passa de pura abstracção. Foi assim que Teófilo Braga compreendeu e explicou a filosofia da literatura portuguesa<sup>1</sup>.

\*

Na apreciação das origens da grei portuguesa, Teófilo Braga aproveitou todos os dados que as publicações científicas lhe forneciam continuamente. É verdade que todas essas contribuições convergentes provinham de um período de intellectualidade romântica, ainda romântica após o declínio da escola literária. Mas toda a labuta construtiva das origens e das formações enfermava do mesmo romantismo.

A etnografia sob os seus múltiplos pontos de vista e aplicação, mas sobretudo na *hierologia* (fontes supersticiosas e sobreposições religiosas) e o *folclore* (poesia épica, narrativa, lírica; teatro; música e dança) forneceram materiais abundantes para as teorias das origens etnológicas dos povos. Foi uma das alavancas de Teófilo Braga.

Seguindo a escola alemã de Schlegel, considerava a poesia popular a expressão de um estado de subjectividade inconsciente, em que se representa o mundo anterior através de impressões não discutidas, e em que as emoções se comunicam por comparações objectivas e pela forma pitoresca das imagens. Assim, diz êle que «a poesia popular é um phenomeno psychologico do mais alto interesse para o conhecimento do homem primitivo, porque é o producto immediato d'esse estado de impersonalidade».

Sem dúvida que o carácter próprio de uma literatura está no desenvolvimento do carácter da raça, que a impõe através das influências estranhas na forma tradicional. Formas sociais sobreviventes, costumes velhos,

---

*gica do Algarve*, publica o seu *Romanceiro do Algarve* (I—Romances; II—Lendas Cristãs). E o impulso folclórico de Garrett com o *Romanceiro* multiplica-se; o *Romanceiro* é o início (*Romanceiro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, in-8.º de XLVI-301; o 2.º volume, *Romances Cavalheirescos antigos*; id., ibid., vol. 3.º, in-8.º de VI-296, contém romances com forma literária). Vêm: Consiglieri Pedroso com as *Tradições Populares Portuguezas*, e as *Contribuições para um Cancioneiro e Romanceiro Portuguez*; Adolfo Coelho com os *Cantos Populares Portuguezes*; Tomás Pires com os *Romances populares do Alentejo*; Ataíde de Oliveira com o *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, e as *Mouras Encantadas*; estudos do «Cancioneiro Geral» por Leite de Vasconcelos, além das *Tradições Populares Portuguezas* e os *Estudos Ethnographicos*, D. Carolina Michaëlis, Hardung, Teófilo Braga, e do *Cancioneiro mirandez* por Morais Ferreira, e *Cancioneiro açoreano* por Teófilo Braga.

<sup>1</sup> Antero de Quental, *op. cit.*, p. 13.



arcaísmos de linguagem, superstições que mostram resíduos de cultos primitivos e de mitos modificados, manifestam indícios que induzem a uma inegável unidade, uniforme no ocidente da Europa. Esta escola colocava a literatura como expressão do génio da raça, tal qual a arte e todas as outras manifestações sociais, o que era subordinar a nacionalidade à regra etnológica contra a tradição intrusa, anti-nacional e esterilizante. Sem reparar, como observou Antero de Quental, que o génio da raça oferece os elementos, a matéria prima; a cultura e a tradição representam o «trabalho de aperfeiçoamento do espirito humano, accumulado, que desenvolve aquelles elementos e, fazendo por assim dizer fermentar aquella materia prima, lhes dá uma forma nova e superior»<sup>1</sup>. Só a raça era criadora.

Ora, apreciando a importância das formas poéticas populares, Teófilo Braga frisa o elemento nacional cujo tema subsiste na tradição do povo.

«Um outro aspecto da synthese das tradições populares é o da *nacional-litteratura*, em que se estudam os germens tradicionaes, oraes e anonymos, que foram estheticamente elaborados por individualidades cultas». (T. Braga, *Historia da Poesia Popular Portuguesa*, Prefação, p. XII).

Então desenvolve as formas da *canção lírica* cantada: desenvolvida nas canções dos trovadores da Provença, nas canções petrarquianas, generalizadas no Renascimento, em opposição às redondilhas e trovas espanholas da musa popular. A *canção narrativa*, recitada, teve o auge de expansão nas canções de gesta, francesas, e manteve-se rudimentar no romancero espanhol, fixando-se na forma de «novela de cavalaria», pastorelas, alegorias. A *canção dançada* teve a forma de diálogo nos *mistérios*, nos *autos*, nas *farsas*, aperfeiçoadas no auto vicentino<sup>2</sup>.

Acentua continuamente a unidade poética do ocidente europeu e, com esta, a unidade de raça. A diferenciação política não quebrou a unidade poética e religiosa. Nela, as poesias narrativas e dramáticas formam o fundo original da poesia. É este o sentimento de primitivo e de espontâneo, que tirou do seu ponto de vista etnológico. O génio nacional, autenticamente nacional, não procura elementos novos; manifesta-se na maneira especial de dispor os materiais, que pertencem ao fundo da raça.

Para Portugal criou o dualismo activo entre a raça mosárabe espontânea e a tradição clássica da nobreza feudal, asturo-leonesa, monárquica e eclesiástica. É a aplicação da teoria alemã. E foi o mosárabe, mestiço, popular, de acção municipalista, com a tradição popular, jurídica, de costumes e símbolos germânicos, o elemento unificador.

<sup>1</sup> Antero de Quental, *op. cit.*, p. 14.

<sup>2</sup> Teófilo Braga, *Historia da Poesia Popular*, I, XIII.



«A poesia popular portugueza está relacionada com a que repetem os outros povos peninsulares, e ao mesmo tempo com aquella que se conserva oralmente entre os povos do meio-dia da Europa». (T. Braga, *Historia da Poesia Popular*, Prefação, p. v).

Quere assinalar a unidade e similaridade das tradições populares do Ocidente, entrevista por Garrett, Liebrecht, Mainz e Paul Meyer, e sobretudo Jean Roy nas *Origines de la Poésie lyrique de France*.

Na formação e desenvolvimento da poesia popular ocidental, dá primazia ao factor antropológico «para determinar os elementos das nacionalidades, provenientes das grandes migrações das raças».



APONTAMENTO CARICATURAL

De Rafael Bordalo Pinheiro, 1881.

«É neste fundo anthropologico que se devem investigar as origens ethnicas de tudo quanto constitue o saber popular; e como as nacionalidades da Europa são mais recentes no seu agrupamento social, político e historico do que a mestiçagem d'essas raças primitivas, os estudos da Poesia popular, e em geral todo o dominio do chamado *Folklore*, não se podem limitar exclusivamente a uma nação, porque nenhuma nação europeia é constituída por um só elemento anthropologico puro». (T. Braga, *op. cit.*, p. 5).

O plano é procurar a similaridade dos temas e formas poéticas, comuns ao Ocidente da Europa: «o *subtractum* anthropologico, que subsiste entre esses povos separados politicamente, mas unificados por identicas tradições; ao mesmo tempo, o nacionalismo persistente nos cantos de outras regiões historicamente separadas». (T. Braga, *ibid.*, Prefação, p. vi).

Este *subtractum* afirma reconhecer-se na alta Itália, na Bretanha, Irlanda, Portugal. É para êle a *raça prè-céltica*, determinada no *tipo ligúrico* (Belloguet, Celesia, Morton, Martins Sarmiento). Êsse tipo nacional classifica-o de *lusismo*. É o *lusismo*, «que através de seculos de lucta não pode confundir-se com o iberismo imperialista absorvente, apoiando-se sempre na associação local ou o municipalismo.

«O *lusismo* reflecte-se nas tradições poeticas da Galliza, das Asturias, da Extremadura e da Andaluzia, desde tempos quasi immemoriaes separadas arbitrariamente da Lusitania, desmembrada pelos Romanos». (T. Braga, *ibid.*, Prefação, p. vi).

Chegou-se a esta síntese, confessa-o, pelo estilo dos cantos populares de Itália (alta Itália, germânica), Irlanda, Bretanha, Galiza, Astúrias e Andaluzia, estudados a partir de 1867.

O *subtractum* antropológico dá base segura para «o principio da não transmissão tradicional de povo a povo, mas sim de focos communs de persistencia e de irradiação». (T. Braga, *ibid.*, Prefação, p. vii).

«Não é forçoso nem crível que, para todos os povos da história, a uma individualidade étnica tenha sempre correspondido uma perfeita individualidade antropológica», diz Mendes Correia<sup>1</sup>. É a corroboração que a antropologia neste momento pode dar à teoria de Teófilo Braga.

É um erro atribuir o lirismo ocidental, como se tem feito, a uma fonte *siciliana, franca* ou *ocitânica*. Então invoca: — a unidade da poesia medieval; as formas rudimentares francesas; a unidade do lirismo e das narrativas heróicas; a concepção primitiva do ano pelas solenidades culturais dos solstícios; a origem das formas, acentuação e rima; os cantos épicos de que falam os clássicos Diodoro Sículo e Sílio Itálico; o ciclo atlântico em resíduos deformados nalgumas xácaras e romances. E invoca estes factos etnográficos em favor da sua homogeneidade étnica.

Proclama como único método a seguir, no estudo da poesia popular, o método duplo: *comparativo* e *histórico*.

Concluiu que a poesia popular tem origem individual, aliviando-a e simplificando-a ao depois o povo; transmite-se pela expressão oral, exclusiva, da tradição para os cantos divergentes nas versões do romance velho; renovam-se os cantos pela unificação do cânto popular, entre nações com os mesmos elementos de cultura. E a poesia, música e dança provêm do mesmo ritmo, que submete o movimento, fixa a cadência melódica e define a métrica e a estrofe. Mas, para chegar a estas conclusões e arejar o problema antropológico do *subtractum* comum, foi necessário sacudir:

1.º A «*obsessão theorica historica da supremacia dos celtas*». (T. Braga, *ibid.*, Prefação, p. vi);

2.º O «*preconceito philologico da escola de Diez que considera as linguas romanizadas derivadas do Latim*». (T. Braga, *ibid.*, Prefação, p. vii).

\*

A supremacia dos celtas, classificada de obsessão teórica, é substituída pela supremacia ligúrica. Em quem se apoiou Teófilo Braga para formular o *lusismo* ligúrico foi Estácio da Veiga, aplicando as lendas do ciclo oifeico

---

<sup>1</sup> Mendes Correia, *Raça e Nacionalidade*, p. 65.

ao Ocidente, percorrido pelos Argonautas e buscado pelos marujos mercadores do Oriente grego. (*Os Argonautas*, in «Portugalia», 1, 1.º fascículo, 1.º artigo, e o livro com o mesmo título).

Camille Jullian recomenda que se não considerem os Lígures como representação de raça determinada, mas se tomem pelas populações da Europa Ocidental, antes das invasões conhecidas dos Celtas e dos Etruscos. Cartailhac recusa-se a precisar nomes, pois a expansão ligúrica foi grande, se avaliarmos pela identidade das notícias clássicas e pelas verificações modernas do facto, numa unidade de civilização surpreendente. Mas, como desenredar a origem dos Lígures? Diefenbach di-los os mais antigos povos da Europa, antecedendo-se aos Iberos. Sergi assegura-lhes proveniência africana, o mesmo diz Angelo Mosso. Seja como fôr, Belloguet sustenta que o *subtractum* comum, sôbre que se estendeu a conquista céltica, foi a raça ligúrica ou berbere. A discussão alonga-se: por exemplo, Müllenhoff dá os Lígures como não arianos; para Belloguet são arianos; para Maury também, mas diferentes dos Celtas; Jubainville não os considera árias, e diferem, segundo êle, dos Celtas; mas todos afirmando a unidade de civilização e raça dos povos do Ocidente, Lígures ou Iberos.

«Não é, porém, possível por enquanto identificar os povoadores do território português com os primeiros povos citados pelos textos no Ocidente europeu». (Mendes Correia, *Raça e Nacionalidade*, 1919, p. 65).

«As identificações são pelo menos prematuras. De resto, não só é certo que pouco sabemos de caracterização física de muitos dos primeiros povos históricos, como é também certo que a ignorância dos autores antigos a respeito de alguns desses povos, como os iberos e os celtas, é notória e por êles mesmo confessada. Só assim se explicam as obscuridades, confusões, discordâncias e contradições enormes de alguns dos textos». (M. Correia, *ob. cit.*, pp. 66-67).

\*

A propósito do preconceito filológico de Diez, que considera as línguas romanizadas derivadas do Latim, basta citar as opiniões actuais.

«O latim não foi a primeira língua fallada na Hespanha. Antes de a conquista a trazer para ella com a civilização romana, differentes povos fallando diversas linguas se tinham aqui estabelecido». (Adolfo Coelho, *Historia da Lingua Portuguesa*, Preliminares, p. 3).

«Alargando o argumento» (da unidade dos elementos constitutivos da nacionalidade, e da unidade de língua, conseguidas para a Hispania) «com abundantissimos dados historicos resolver-se-hia o problema (problema que não existe em nenhum espirito serio) da origem do portuguez

e do hespanhol quasi inteiramente no campo da historia». (A. Coelho, *ob. cit.*, p. 15).

«Achamo-nos assim levados a olhar o latim rustico como a origem das linguas romanas, e o momento em que estas se começaram a formar como não anterior á invasão do imperio do occidente pelos barbaros». (A. Coelho, *ibid.*, p. 20).

«Como succedeu à mor parte dos povos conquistados pelos romanos, também os hispanos trocaram as suas antigas linguas pela dos conquistadores, com os quais se acharam em contacto logo nos começos da segunda guerra púnica, isto é, no terceiro século antes de Cristo». (José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 1919, p. 10).

«Mas se a língua, trazida pelos vencedores e por estes feita habilmente adoptar pelos vencidos, sem imposições nem constrangimentos, era na sua essência a mesma que se falava no vasto território por êles conquistado, na fonética sobretudo divergia de região para região, até mesmo de cidade para cidade; daí os numerosos dialectos em que o hispano-romano se scindiu». (J. J. Nunes, *ob. cit.*, p. 12).

«É impossível fixar a data do aparecimento do idioma de que hoje nos servimos...; tam pouco se pode determinar a época precisa em que os sons do latim popular se transformaram nos portuguezes que lhes correspondem». (J. J. Nunes, *ibid.*, p. 13).

\*

No estudo das formas poéticas populares, Teófilo Braga recorda com Furiel a confissão de certos trovadores que se referem às canções velhas de que tentaram afastar-se, como Guilherme de Poitiers, Pierre de Auvergne, Guy de Uissel, Cercamons, etc.<sup>1</sup>. Assim êles começaram por dar forma moderna aos contos tradicionais.

Teófilo Braga compara as épocas históricas da poesia popular com as dos mais povos peninsulares. Assim separa as quatro épocas:

— 1.<sup>a</sup> época, séculos VIII a XII: cantos líricos e narrativos, tradição oral, poesia dos jograis, sôbre um fundo comum;

— 2.<sup>a</sup> época, séculos XII a XV: *canções de gesta*, baladas, pastorelas (as mais populares), lendas agiológicas populares, arte poética da Igreja sob a forma musical;

---

<sup>1</sup> Furiel, *Hist. de la Poésie Provençale*, II, pp. 13, 43 e 91; Teófilo Braga, *O Cançãoeiro Portuguez da Vaticana*, p. X.



— 3.<sup>a</sup> época, séculos xv a xviii: restos dos romances dos arquipélagos dos Açores e Madeira (xv); romances de argonância, versos octonários, subjectivos, guerreiros, e sátiras (xvi); romances heróicos de valentões, facínoras, *xácaras* (xvii);

— 4.<sup>a</sup> época, século xix: evocação das formas e tradições medievais.

As formas comparadas na Península guiaram-no ao estudo por grupos regionais:

— A *região Galécio-Asturo-Portuguesa* reúne a canção popular da Galiza, Astúrias e Portugal; pertencem-lhe as lendas odissaicas (Estrabão): *Nau Catrineta*, a *Bella Infante*, a *Noiva Arraiana*, de um mesmo ciclo oceânico. Descreve aqui o romance do *Velho Maioral* recolhido em Tábua (Serra da Estrêla). Pertencem-lhe também os restos, uns visigóticos do *Conde da Allemanha*, do *D. Garfos e Grifos*, etc., outros árabes, como a canção do *Figueiral* e o romance de *Santa Iria*.

— A *região Estremenho-Bético-Algarvia* também nos interessa pela canção popular do Algarve, pelas lendas de *Mouras Encantadas*, pela superstição das *Ilhas Encantadas*, onde ficam as almas dos heróis.

Quando estuda a versificação popular, nos seus géneros poéticos (poesia cantada, dançada), acentua o fundo poético e popular nas canções: *baladas*, *pastorelas*, *serranilhas*; e nos cantos narrativos: *histórias*, *romances*, *xácaras*.

Os cantos épicos, em melodia, em côro, deram depois cantos alternados, sob a influência das formas cristãs, cantados em dois coros. Foram os descantes populares o germe do canto eclesiástico adoptado pelo Papa S. Dâmaso, que era lusitano, e Santo Ambrósio, que era ligure, via directa do *lusismo* de Teófilo Braga. Assim como há fundo poético comum, haverá fundo comum melódico e uma tonalidade característica de raça: ritmos, tessitura melódica, repetidos em numerosas canções de povo para povo<sup>1</sup>. Porque, explica êle, nasce na canção popular simultâneamente a poesia e a música; e comprova-o pelas repetições metabólicas, palavras ou frases renovadas, dictionia para encerrar o ritmo da dança.

É o caso da *caninha verde* e outras canções<sup>2</sup>:

Maria tem pé de neve,  
Pé de neve tem Maria.

Êste ano vou à praia,  
À praia vou êste ano.

<sup>1</sup> Teófilo Braga, *Historia da Poesia Popular Portuguesa*, I, p. 391.

<sup>2</sup> Teófilo Braga, *ibid.*, I, p. 401.

Ao examinar as formas poéticas e sua versificação, não são esquecidas as quadras encadeadas, muito ao uso popular. Dois exemplos:

Á uma hora nasci,	~	A rôla lá vae rolando,
Ás duas fui baptizado,	~	Que lhe furtaram o ninho;
Ás três andava de amores,	~	Não o poseras tu, rôla,
Ás quatro estava casado.	~	Tanto á beira do caminho.

Ás cinco estava doente,	~	A rôla lá vae rolando,
Ás seis estava adoentado,	~	Que lhe furtaram os ovos,
Ás sete já estava morto	~	Não os poseras tu, rôla,
E ás oito sepultado.	~	Tanto á vista dos olhos.

*Historia da Poesia Popular*, 1, p. 403.

Na tradição popular verifica a existência das *endechas de dois* como ao tempo de Sá de Miranda, e os cantos à *desgarrada* ou *ao desafio*, e as *alvoradas* como no S. João, os *puy*<sup>1</sup> das serenadas.

Querendo referir origens de temas poéticos, lança mão da hierologia, e, conforme a tendência do tempo, vai ligar formas líricas e épicas ou narrativas às velhas concepções do ano solar. Dos dois solstícios faz derivar canções líricas e narrativas, que irradiaram da França e se generalizaram depois do século XII, mas com um fundo prè-céltico. E voltam o lígure, o mosarabismo de Muñoz y Romero, o germanismo de Gaston Paris e Jeanroy, o lusismo (ligurismo de Belloguet, Celesia, Martins Sarmento).

Formas líricas de temas solares? *Entrada do Verão* (solstício estival): *Maias*, *S. João*, *Alvoradas*, *Despiques*.

Formas épicas? *Entrada do Inverno* (solstício hibernal): Luta com a serpente (*lendas de S. Jorge*), Rapto das Donzelas (*Figueiral*), Vinda do herói salvador e seu messianismo (*D. Sebastião*), romances.

Formas dramáticas? *Baladas da Canção de Maio*, *Serração da Velha*, *Entérro das Sestas*, *Dança da Morte*, *Çurras*, *Sarabandas*, *Trebelhos*.

\*

As formas poéticas nas compilações em verso só se compreendem como nasceram — *cantadas* e *dançadas*. A canção é cantada em um país, e explica as formas que tem noutros onde é apenas recitada, e quando o *refrém* já não é elemento de côro e se tornou em *retornello* de fim de

<sup>1</sup> Os *puy* são assembleas poéticas e jurídicas, antigamente em uso dos Gauleses do planalto central de França (século XI), as *Côrtés de Amor* da Provença.

estrofe. A evolução correu pela Idade-Média entre a influência dos dois meios activos: a Igreja e a Côrte. Dêstes rudimentos saíram as *canções trovadorescas*, os *mistérios* e *autos*, e os *madrigais* e *motetes*. Estudando a *Historia do Theatro Popular Portuguez* (1871), chama a atenção para o espírito popular das formas dramáticas, fixando-lhes o carácter do *lulismo*, que formaliza toda a teoria teofiliana das origens poéticas. *Mogigangas* e *entremeses populares*, os *provérbios*, dão assunto para vasta historiografia do teatro do século XVIII; companhias ambulantes, espanholas, abundam; reimprimem-se os autos do século XVI, e aparecem outros (o *Auto de Santa Genoveva*, *Princesa de Brabante*, por Baltasar Luis da Fonseca; *Autos do Natal, dos Reis*, e da *Degolação dos Inocentes*; uns dos mais populares em todo o século eram os autos da *Degolação de S. João Baptista*).

\*

O foco tradicional do Arquipélago da Madeira formou o *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, de Álvaro Rodrigues de Azevedo. Recolhem-se formas velhas: as *mouriscas*, os *romances velhos* (*Santa Isabel*, *Santo António*, *Santa Iria*). E Teófilo Braga como demonstração reproduz a versão do romance *Ruy Cid*, o velho romance do Cid — o *Rucido*:

No comenos vem Rucido,	{	Como guardar-te, Rucido,
Vê lo Moiro ir a nado,	{	Esse dardo traídoado,
E de raivoso lhe atira	{	Se me vae a dentro d'alma,
Um dardo bem apontado.	{	No corpo atravessado.

*Historia da Poesia Popular*, II, p. 271.

Tem as *lapinhas* do Natal com os cantos, vilancicos, dialogados, e as *aravias*, que se repetem no foco dos Açôres: Teófilo Braga e Teixeira Soares, *Cantos populares do Archipelago Açoreano* (1868). Dos Açôres enuncia e compara: as *Entradas do Espírito Santo*, *entremeses* ou *autos* ao ar livre, em tablados, danças do *Imperio do Espirito Santo*, as *folgas* (danças da aldeia) do Faial, os *bailhos* do Chama-Rita,

Chama Rita, chama a Rosa,  
Cara linda, tão formosa

*Historia da Poesia Popular*, II, p. 306.

os *romances*: *Casamento malogrado* (Príncipe D. Afonso), etc. Analisa a influência do folclore nacional no Brasil e colónias (Índia e África). Para acabar o segundo volume da *Historia da Poesia Popular* com a enume-

ração de livros, jornais e revistas de folclore, Teófilo Braga faz desde o *Romanceiro* de Garrett a bibliografia portuguesa e cita obras congêneres do Brasil.

\*

No *Cancioneiro Português da Vaticana* (1878, p. 6), a propósito da canção 26, de D. Afonso Sanches, refere um prolóquio:

demo d'uma menina  
d'acolá bem de Çamora.

Com equivalência na tradição popular, *As meninas de Çamora* vêm citadas na cantiga da Estremadura, que Teófilo Braga reproduz:

Salvaterra, Benavente,  
Jericó fica no meio;  
As meninas de Çamora  
Bailam com muito aceio.

(P. LXIX).

Diz que se conservou êste dito popular satirico dos tempos em que a côrte se fixou em Santarém. É equívoco de doutrina. Não passa de uma quadra topográfica. Ora compare-se com esta outra:

Salvaterra mette guerra,  
Samora mette pavor,  
Benavente é praça d'armas,  
Onde tenho o meu amor.

Lisboa, Dezembro de 1924.

*Luís Chaves.*







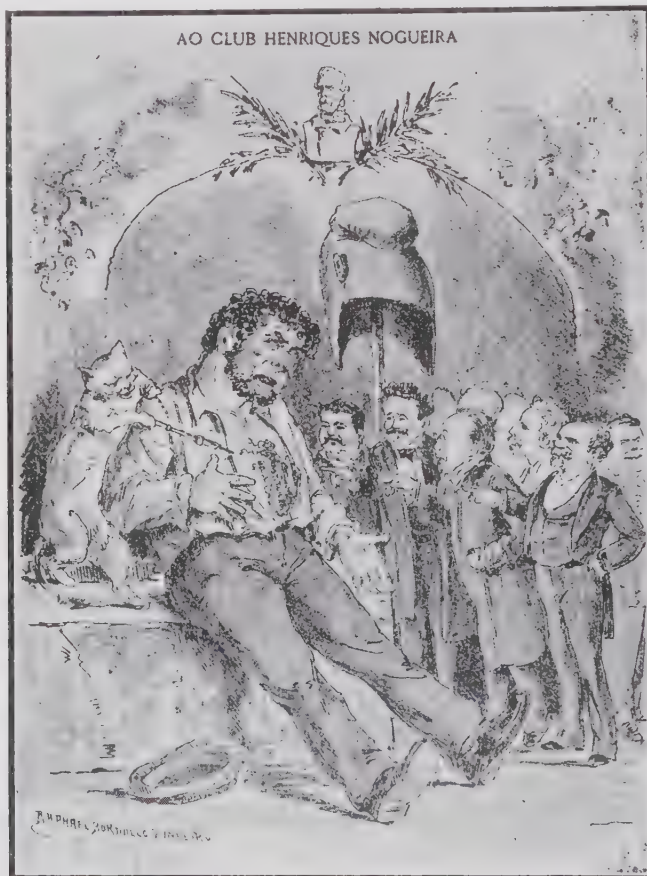
## O MESTRE REPUBLICANO



UANDO, nos últimos meses de 1910, e nos primeiros de 1911, se via entrar para uma secretaria de Estado, no Terreiro do Paço, um velho alquebrado, modestamente vestido, com o seu guarda-chuva debaixo do braço, depois de apertar a mão, com a mesma afabilidade, tanto ao homem do povo como ao intelectual mais distinto e ao aristocrata da mais velha raça, poucas pessoas apreendiam bem a significação de um facto que representava a mais bela comprovação dos princípios da democracia, a expressão mais elevada da ideologia republicana, tal como nós modernamente a concebemos, na sua máxima elevação e na sua máxima pureza. Podíamos jubilosamente afirmar que o destino nos havia favorecido com a ventura de possuímos, no nosso grémio, um cidadão capaz de constituir a viva imagem das novas ideas triunfantes, como Cincinnatus a constituíra para os tempos nobres e singelos da primeira República romana. Muitas vezes Junqueiro me falou, com admiração e enlêvo, dos chefes dessa modelar e encantadora República Suíça, que não necessitam de arrebiques nem galas, imitando papagaios e transformando o peito em cabide de penduricalhos, para merecer o respeito dos seus concidadãos e a consideração dos estrangeiros. As nobres virtudes republicanas brilham por si próprias, sem necessidade de quaisquer exterioridades. Para representar o govêrno do povo pelo povo, nada mais adequado e flagrante do que as apresentações modestas de um homem sábio, despretençioso, trabalhador e austero.

Logo começaram a demonstrar-se as deficiências da educação cívica portuguesa. Aquilo que constituíria motivo para nos orgulharmos, visto

que o primeiro cidadão das novas instituições era o que naturalmente realçava os seus serviços e os seus méritos com uma singeleza que estabelecia flagrante contraste com os atributos, em tantos casos ridículos,



AO CLUB HENRIQUES NOGUEIRA

Página de *O Antonio Maria*, desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, 1883.

por charlatanesco, dos regimes baseados sobre o privilégio dinástico, foi precisamente o pretexto escolhido para uma saraivada de sarcasmos e desprezos, com que se pretendia atingir o supremo magistrado de uma democracia republicana, oficialmente fundida nos moldes das suas ideias. Nem o modelo vivo da mais perfeita das Repúblicas — que por todos assim é considerada a Suíça — conseguiu vencer as mofas dos chocarreiros desmiolados, alguns dos quais se diziam republicanos, parecendo

todavia preferir ao guarda-chuva de Teófilo Braga as alabardas carnavalescas e os fardamentos alargados dos archeiros que a monarquia conservou até ao seu último suspiro. ¿Que importavam o saber, o patriotismo, os serviços cívicos de Teófilo Braga, o seu autêntico patriarcado doutrinário, imposto ao mundo inteiro pelo seu talento de primeira grandeza, aliado a um carácter excepcional, e a uma existência exemplar? Não andava sempre de carruagem, com luzida escolta; falava, acamaradava com o povo; não habitava palácios reais; continuava a trabalhar, como um beneditino, para a glória do seu país; tinha as mãos limpas e o cérebro desempoeirado, mas andava vestido como um operário e usava um guarda-chuva como um pequeno burguês. Portanto, não podia ser um Chefe de Estado, tal como êsses pretenciosos imbecis o visionam em todas as circunstâncias, embora nisso pouco divergisse do próprio Presidente dos Estados Unidos, ou seja do chefe de uma das maiores nações do mundo, sem dúvida a mais activa, a mais rica, e a de mais prometedor futuro.

¿Mas que republicanos eram estes, e que republicanos se podiam formar ao influxo da sua mentalidade mesquinha, rotineira? Teófilo Braga era o republicano de princípios, o Mestre da democracia; os outros eram, e são, quando muito, os republicanos da palavra. Para êsses, podemos continuar envenenados pelos vícios de instituições mortas e costumes justamente proscritos, contanto que a simples palavra *República* cubra a avariada mercadoria dessas ressurreições históricas. Podemos amanhã ter de novo a pena última; já renovámos a brutalidade ascorosa dos touros de morte, e não será difícil sujeitar os homens à mesma sorte dos irracionais. Podemos assistir a todas as mutilações da soberania nacional, sem o que nenhuma democracia tem razão de existir; podemos viver, como num sonho, no mundo das abstracções sem que nada nos conduza à esfera das realidades; podemos ter apenas essa palavra tornada inteiramente vã por nada lhe corresponder no domínio necessário dos factos e das cousas. Não era um republicano dêsse género o Dr. Teófilo Braga. A democracia, essa democracia que é



ESBÔÇO CARICATURAL

De autor desconhecido.



a única expressão social e política da liberdade, êle pensou-a e viveu-a como ninguém. Por isso mesmo foi um grande cidadão, foi o maior dos republicanos portugueses, o seu Mestre perfeito e inolvidável, porque não quis nunca afastar-se do povo, em cuja alma vivem perenemente as nobres e generosas inspirações do dever cívico e do amor à liberdade.

*Mayer Garção.*



## TEÓFILO BRAGA E O BRASIL



M uma nota da sua *Auto-biografia mental de um pensador isolado*, Teófilo Braga transcreveu, com evidente desvanecimento, o seguinte trecho dos *Estudos Brasileiros* de José Veríssimo, a quem chama «intelligentíssimo crítico»:

O Sr. Teófilo Braga... é um dos primeiros e raros escritores portugueses que de nós e de nossas cousas trata, com relativo conhecimento delas e uma inteligente simpatia por nós. Em Portugal, até bem pouco tempo, tínhamos encontrado, a respeito de Literatura, ou uma profunda indiferença, a que se aliava não menos profunda ignorância do nosso movimento literário, ou uma espécie de benevolência protectora, e como quer que seja para nós humilhante e impertinente, ou a sistemática negação desse movimento e má vontade a nosso respeito.

É o arauto destes últimos sentimentos o Sr. Camilo Castelo Branco. Alexandre Herculano e o velho Castilho representam o segundo modo, donde excluo o outro Castilho José, porque êste, apesar de uma ou outra alambicada palinódia, mal conseguiu ocultar-nos a sua má vontade literária.

Com a renovação dos estudos em Portugal, após a defecção do Romantismo, novos espíritos surgiram menos peados por êste estreito chauvinismo português, tam bem representado pelos Srs. Tomás Ribeiro e Pinheiro Chagas.

Repetia-se ridiculamente, emquanto à literatura, o fenómeno que se dera na política, quando foi dos movimentos da independência. Procurava-se, por uma sistemática negação da nossa literatura, conservar-nos na vassalagem intelectual da metrópole, como outrora as Côrtes de 20 tiveram a ingénua veleidade de recolonizar o Brasil.

Isto, porém, por honra de Portugal, parece ter passado, e julgo não exagerar atribuindo ao Sr. Teófilo Braga e seus companheiros da nova

geração esta concepção mais nobre e mais justa das relações literárias entre os dois países. Com efeito, em seus belos estudos sobre a literatura de sua pátria, êle deu um lugar ao Brasil, fazendo sentir a sua influência sobre a mãe pátria e compreendendo o que esta influência teve e poderia ainda ter de salutar e fortificante.—Na introdução que *Sobre a poesia popular do Brasil* pôs o Sr. Teófilo Braga aos *Cantos* coligidos pelo Sr. Silvio Romero, vem clara e sucintamente exposta a nova concepção do brasileiro — aceite-se esta palavra como sintetizando quanto possa fazer o carácter brasileiro — qual resulta dos estudos e trabalhos mais recentes aqui e sobre nós mesmos feitos.

Mais tarde, na quarta série dos *Estudos de Litteratura Brasileira* (1905), José Veríssimo, a propósito do volume sobre *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia*, confirmava os seus louvores:

Desde muito (*Estudos brasileiros*, primeira série, 1889), e mais de uma vez depois, reconheci de boa mente os bons serviços prestados às nossas letras pelo Sr. Teófilo Braga, e bem assim a isenção e simpatia reveladas a nosso respeito, quando na sua obra acertava de ocupar-se de cousas nossas. Com a mesma competência, as mesmas disposições se mostram em toda a extensa parte neste seu livro dada aos poetas brasileiros do fim do século XVIII. Mas o que sobretudo valoriza singularmente o seu trabalho aos nossos olhos é ser sem dúvida o mais completo, o mais seguro de vistas, o melhor informado dos que até agora apareceram sobre a chamada Arcádia brasileira e seus membros. Não que seja exaustivo, ou que não possa ser acrescentado ou melhorado. Do ponto de vista brasileiro, será possível fazê-lo, e o mesmo Sr. Teófilo Braga poderia servir de guia a quem porventura quisesse desenvolver e aprofundar espécies apenas tocadas ou indicadas por êle, que revelou a existência nos arquivos portugueses de materiais dos quais somente aproveitou o indispensável à feição da sua obra, feita do ponto de vista português, e portanto sem necessidade dos desenvolvimentos que o ponto de vista brasileiro requereria. No actual momento, porém, é o seu trabalho a todos os respeitos o melhor que sobre o assunto existe, e lhe devemos por isso graças.

Com a autoridade do seu ponderado espírito, o autor das *Scenas da Vida Amazonica* desagravava assim Teófilo Braga das acres censuras de outros escritores brasileiros, à frente dos quais estão Silvio Romero e Alberto Faria.

O facto de Teófilo Braga ser açoreano, portanto um atlântico mais próximo do Brasil do que os peninsulares, deve ter contribuído para a simpatia e compreensão com que sempre procurou apreciar as cousas brasileiras. Os brasileiros figuram na sua obra de historiador em lugar de honra. Foi dos primeiros a reconhecer, sem as restrições de Garrett, a parte de renovação literária que a colónia trouxe ao estagnamento da

metrópole no século XVIII. Leia-se este período do *Curso de Historia da Litteratura Portuguesa* (Lisboa, 1886), repetido no *Manual da Historia da Litteratura Portuguesa* (Pôrto, 1875):

Quando o século se apresenta exausto de vigor moral e de talento, é da colónia, que se agita na aspiração da sua independência, que lhe vem a seiva das naturezas criadoras.

A tese aparece ainda mais vincada no volume já citado, *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia*:

No último quartel do século XVIII a poesia portuguesa recebe um impulso de renovação, impresso por alguns talentosos brasileiros ainda ligados às normas do Arcadismo. Fazem lembrar em relação a Portugal a situação de Roma, quando os talentos literários das Gálias, da Espanha e da África do norte enriqueciam a Literatura latina com novas criações, como o *Satyricon* de Petrónio, gaulês, ou poemas históricos como a *Farsalia* de Lucano, tragédias como as de Séneca, e *Epigramas* como os de Marcial, hispânicos. Sob a pressão do cesarismo, com a Inconfidência e a Inquisição, o génio português apagara-se na imbecilidade ou na indignidade; a colónia brasileira fortificava-o com organismos fecundos, vigorosos, como vemos desde António José (*o Judeu*) até Dom Francisco de Lemos, que levou à prática a reforma pombalina da Universidade. A Arcádia lusitana não conseguira apresentar um esboço de epopeia moderna; realizou esse empenho o génio brasileiro, inspirando-se nas tradições coloniais e na paisagem americana, nos dois poemas *Uruguay*, de José Basílio da Gama, e *Caramuru*, de Frei José de Santa Rita Durão. Por terem vivido na Europa, e principalmente em Portugal, é que o sentimento pátrio, estimulado pela ausência, os levou a idealizarem as impressões da terra natal e à simpatia pela sua história.

Das figuras do Brasil colonial, mereceram-lhe particular atenção José Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Gonzaga, Francisco de Melo Franco, Caldas Barbosa, Dom Francisco de Lemos, e António José da Silva.

Mas não só dessas se ocupou. Os poetas do Brasil independente também o interessaram. O primeiro a despertar-lhe a atenção parece ter sido Álvares de Azevedo, revelado a Portugal por A. P. Lopes de Mendonça. Num dos seus primeiros trabalhos de crítica, *Historia da Poesia moderna em Portugal* (Pôrto, 1869), aparece o nome do poeta da *Lira dos vinte anos*, juntamente com o do autor das *Inspirações do claustro*, Junqueira Freire, tam apreciado de Antero de Quental:

Observando a poesia lírica do Brasil, encontra-se uma única feição, a constante imitação de Byron, de Musset e Espronceda. A mocidade brasileira, desde que os livros dêsse rapaz de génio, Álvares de Azevedo, morto



em idade prematura, fizeram a apoteose da devassidão, da descrença, do desprendimento da vida, do tédio e cansaço da realidade em estrofes repassadas de uma sedutora melodia, de um timbre ingénuo e quási selvagem, para não dizer virginal, lançou-se sôbre a mesma senda e ainda se não afastou um ápice dela. Junqueira Freire, amarrado à mudez do claustro por um voto inconsiderado, alia o entusiasmo da crença com o desespero; os seus cantos parece que prorrompem do fundo do lajedo do sepulcro; a sua fé tem intermitências de réprobo; ora e de repente amaldiçoa. A mocidade brasileira não se afasta dêstes modelos perigosos, cuja influência tem sido funesta, dando-lhe uma velhice precoce, e arrebatando na flor da idade verdadeiros talentos sacrificados estonteadamente à mania de querer passar por vítimas. O lirismo byroniano desapareceu com as circunstâncias que o propagaram na Europa; o poeta é o que primeiro se sente impressionado com as evoluções de um século, por isso convém deixar essa imitação forçada e artificial, e volver olhos para o estudo das suas tradições nacionais, admiravelmente aceitas pelo renascimento do génio da história.

Tornando a ocupar-se *Da Poesia moderna portuguesa, suas transformações e destino*, no estudo preliminar do *Parnaso português moderno*, escreve:

A poesia lírica do Brasil encerra um grande facto etnológico; dêle derivaremos a sua compreensão e o porque da sua originalidade. Êsse lirismo é superior em veemência sentimental e em novidade de formas ao lirismo português; e contudo dá-se nessas formas tam características um fenómeno de regressão, pelo qual tomam vigor tipos estróficos conservados pelos antigos colonos portugueses, mas totalmente esquecidos na mãe pátria, que só agora por um processo de erudição se vão encontrar nos seus velhos Cancioneiros palacianos. O ardor, a passividade, a morbidez que toma a linguagem das emoções, o desalento ou a acédia da vida, mesmo a facilidade com que tornam natural a imitação de Byron e de Musset, resultam de um temperamento contraído pelo cruzamento dos primeiros colonos portugueses com as raças ante-históricas do Brasil.

E mais adiante, depois de se referir a várias tradições populares:

Ê este elemento tradicional vigoroso que faz despontar na literatura brasileira essa esplêndida efflorescência das criações épicas no século XVIII, como o *Uruguay*, o *Caramurú*, e ainda no século XIX os *Tymbiras*, e *Confederação dos Tamoyos*. Mas deixemos de parte esta ordem de criações que depende do sentimento da nacionalidade nas civilizações modernas. O ardor das paixões do mestiço, a sua dissolução servida por uma voluptuosidade artística, como a poesia ou a música, tornam estas duas formas afrodisíacos inebriantes e comunicativos, que dão em terra prematuramente com os talentos mais auspiciosos, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Varela. . . . . O cruzamento primitivo fez redobrar a intensidade sentimental; quem se lembra da velha frase de Lopo

de Vega: *Eu, senhora, tenho olhos de criança e alma de português*, só a pode compreender agora diante da exaltação do brasileiro. Nós somos hoje menos alguma cousa.

Na *Anthologia Portuguesa*, publicada em 1876, Teófilo Braga, para o século XVIII, inserira trechos de Durão, Caldas Barbosa, Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, e Alvarenga Peixoto. No *Parnaso português moderno*, que é do ano seguinte, dedicou a segunda parte aos *Líricos brasileiros*, representados por Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Gonçalves de Magalhães, Castro Alves, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Bruno de Seabra, Lúcio de Mendonça, Narcisa Amália, Gonçalves Crêspo, Joaquim Serra, Bettencourt Sampaio, Dias Carneiro, Sousa Pinto, Vieira de Sousa, F. de Matos, Filgueiras Sobrinho, Quirino dos Santos, Octaviano Hudson, e por alguns cantos populares brasileiros.

São discutíveis certas opiniões de Teófilo Braga a respeito do Brasil e dos brasileiros. A sua visão americana não é sempre exacta. Com as citações aqui reproduzidas à pressa, devido ao exíguo prazo concedido para a entrega da minha modesta colaboração neste livro de homenagem, pretendi apenas salientar a simpatia com que o historiador da literatura portuguesa olhou homens e factos de além-mar.

Apontarei ainda que, como poeta, também Teófilo Braga tomou uma vez o Brasil por assunto, no seu poemeto indianista *O Bravo de Uiracaba*, incluído primeiro nas *Torrentes*, integrado depois na *Visão dos Tempos*, e primitivamente traçado como libreto de ópera para o maestro Sá Noronha.

*Manoel de Sousa Pinto.*





## DEPONDO . . .



UNCA senti tam nitidamente a miséria do espírito humano — ¡tam sublime na inanidade do seu esforço! — como nesse dia em que fui encontrar sem vida — a fronte aureolada de cabelos brancos — ¡aquele a quem todos chamaram o Mestre! A solidão augusta que o envolvia pareceu-me, então, a dêsse vasto cemitério da História onde êle, sob a mudez dos ciprestes, passara a vida a evocar as almas invisíveis do Passado. Nesse campo santo onde livros sem conta ostentavam, como mausoléus, epitáfios dourados nas lombadas ricas, ou, desconjuntados, sem capa nem título, se amontoavam nos degraus da escada quási a descer à vala comum, acabara Teófilo Braga, súbitamente, de cumprir o seu destino de insuflar nos espectros de outras eras a vida luminosa e serena do seu espírito.

Caíra no próprio chão sagrado onde os seus passos se compraziam, e onde, num recanto ignorado pela curiosidade maldizente do mundo, o Mestre, escondendo-se de si mesmo, tantas vezes desfolhara saúdades diante de uma madeixa de cabelos de sua mãe. ¡Formidável e singular poder o do amor, do qual uma ténue recordação bastou àquele homem para o amparar na sua solidão e para que, dos outros homens, nada mais desejasse senão que o deixassem trabalhar — bem longe dêles — para êles mesmos!



MÁSCARA

Por Cristiano de Carvalho.



Nunca, nunca a miséria humana me pareceu assim tam pequenina, tam tocante — e simultâneamente tam efêmera — como quando vi aqueles adorados cabelos de mãe — oculta fôrça de um Forte — perderem com a sua morte, de chofre, a rara preciosidade, como se fôssem diamantes que, até aí, a luz de uma grande alma irísasse de mil reflexos e que, de repente e para todo o sempre, caíssem, faltos do brilho que essa luz lhes emprestara, na sombra do caixão onde os fiz depositar...

Isolado na tríplice armadura do sofrimento, do labor e da sciência, o seu coração foi como a flor do cardo oculta por espinhos hostis; e só a abelha dourada da intuição nêle poderia pressentir o divino néctar da ternura, envôlto até à última pulsação pela espessa teia de aranha do seu imenso orgulho. Embora unidas numa mesma visão de amor, as imagens da espôsa e dos filhinhos queridos foram, para todos, pérolas ocultas pelo delicado pudor com que durante a vida inteira conseguiu esconder, sempre, a sua generosidade e as suas dores.

Bastaram, porém, as lágrimas sinceras daqueles a quem Teófilo Braga socorria na sombra, desdenhoso dos aplausos do mundo; bastaram as bênçãos dos humildes — reveladas pelo meu fervor de mulher — para que a névoa espessa dêsse irredutível Orgulho, agora, perante o tribunal da História, se dissolva — a nada reduzido! — no clarão radioso da Verdade eternamente triunfadora.

*Maria Clara Correia Alves.*



## SINETIZANDO



DESDE OS tempos de Coimbra (1861-1868), Teófilo Braga concentrou-se no estudo, criando uma Obra que teve um intuito reconstitutivo — o ressurgimento nacional.

Este pensamento — que bastaria para marcar-lhe a alta personalidade — foi o apoio e o móbil da sua vida.

Após um demorado exame ao território português, ao tipo lusitano, à tradição, aos mosárabes e à resultante destes factores — a nacionalidade portuguesa — o sociólogo observou-a no seu génio literário (*Bibliotheca das tradições portuguesas* e *Historia da litteratura portugueza*) e na evolução intelectual (*Historia da Universidade de Coimbra*).

Com estas Obras, em que trabalhou sessenta anos, procurou servir desinteressadamente a Sciência.

\*

À sua actividade estética, onde se destaca a concepção rasgada da epopeia cíclica da História (*Visão dos Tempos*), devemos ainda os quadros e poemas da Alma portuguesa, *Viriato*, *Frei Gil de Santarem*, *Os doze de Inglaterra* e *Gomes Freire* — elaboração artistica das manifestações da psicologia do povo português, em que se pôs ao serviço da revivescência pátria.

\*

Como se vê, a característica capital de Teófilo Braga foi um ardor intelectual apaixonado, que o dominou durante toda a vida.

Muito novo, uma vocação decidida dirigiu para as investigações literárias o seu espírito, que uma forte cultura ia sazonzando.

A ardente curiosidade por todos os assuntos sociais explica a variedade, verdadeiramente enciclopédica, dos conhecimentos que possuiu.

A paixão combativa em várias apreciações literárias e as hipóteses que formulou para explicar numerosos problemas da evolução histórica e literária de Portugal — collocaram-no, freqüentemente, em opposição com as ideas correntes.

As críticas referidas alienaram-lhe simpatias e as hipóteses que apresentou foram muito discutidas, tendo, por vezes, por causa delas, polémicas violentas.

As cóleras que a sua pena incisiva suscitou hão-de levar tempo a apaciar.

Por isso, êle há-de ser apreciado, durante anos, segundo os meios literários e os homens, com critérios muito diversos.

Quando, mais tarde, as paixões se acalmarem e o tempo imprimir às figuras a verdadeira luz e as collocar no verdadeiro plano, e Teófilo Braga fôr estudado na integralidade da sua vida e da sua Obra, só então será formulado o julgamento definitivo sôbre a sua actividade estética e social.

Para quem tiver lido todas as obras de Teófilo Braga, o seu nome quer como crítico, quer como literato, quer como semeador de ideas — quaisquer que sejam os dissentimentos que nos separem sôbre a essência das cousas — é um dos que têm de ser pronunciados com respeitoso sentimento de admiração.

A todos que se aproximaram dêle Teófilo Braga procurou levantar o coração e o espírito para o culto da querida, desgraçada e gloriosa Pátria.

Esta faculdade de animador foi um dos seus dons prodigiosos.

*Marques Braga.*



REPRODUÇÃO DE UMA PÁGINA DE  
«OS VARÕES ASSINALADOS», CARICA-  
TURA DE FRANCISCO VALENÇA, 1911.







## A «SOVINICE» DE TEÓFILO



caso que vou contar passou-se há muito tempo e define o crédito que devem merecer as ideias que por aí correm, ou correram, sobre o espírito mesquinho e ganancioso de Teófilo, baseadas, em parte, na existência sempre modesta e sóbria do Mestre, levando vida sem faustos nem grandezas, mas também sem dever nada a ninguém.

O caso é este:

Quando eu vim para frequentar a Escola do Exército — ¡que soma de anos já passou! — trouxe dos Açores várias cartas de recomendação e, entre elas, uma para Teófilo. Todas entreguei, e todos os destinatários me acolheram como garoto, que era a êsse tempo, exceptuando Teófilo, o qual me fez uma prédica filosófica de cousas graves, da qual pouco retive, mas que me encheu de vaidade ao ver-me tratado como pessoa graúda de corpo e de entendimento por um mestre verdadeiro, sem posições nem mistificações.

Ora aconteceu que, poucos dias depois, acabava eu de receber a mesada, vinte mil réis (ainda o papel só se applicava a usos sérios), uns amigos dos diabos levaram-me a uma batota pataqueira que havia ali para os lados da Bemposta, com tal arte, que saí de lá depenado.

E isto no princípio do mês.

Dei tratos à imaginação em procura da forma de remediar a catástrofe, sem conhecimento da autoridade paternal.

Os senhores já passaram todos, mais ou menos, por estes transe e sabem a coragem que êles desenvolvem na realização das decisões tomadas.

Lembrei-me do acolhimento de Teófilo, e resolvi procurá-lo e contar-lhe as minhas atribulações. E fui.

Recebeu-me como me recebera antes, e como sempre me recebeu depois.

Disse-lhe tudo de entrada, desde os preliminares do começo aos receios do fim.

Ouviu com atenção. Em seguida levantou-se e, num encolher de ombros, apenas o ouvi murmurar: — Rapazes...

Foi lá dentro, voltou, e, com grande espanto meu, porque me preparara para prolongado debate, depositou-me nas mãos dois embrulhitos muito cuidados, que depois verifiquei conterem dez mil réis cada um. Apenas à despedida me recomendou: — Pagará quando puder e quando lhe não fizer falta, ouviu? E fique sabendo que estimei estar em condições de poder servi-lo, e até lhe agradeço o facto de me ter dado preferência.

Três meses de uma vida de inclemências e economias proporcionaram o pagamento da dívida. Queria aceitar só metade, ficando o restante para época posterior. A minha enfiada dignidade é que o não consentiu.

Pois isto passou-se comigo, e, o que é mais significativo ainda, ninguém o soube. E se agora o venho referir, é apenas como elemento qualificativo das ideias que para aí têm corrido a propósito do espírito de avareza e de mesquinhez que incidia sobre o carácter do Mestre e Amigo que foi.

1928, Março.

*Mello e Simas.*



## HISTORIADOR DO TEATRO PORTUGUÊS



ENTRE toda a vastíssima bibliografia teofiliana, avulta, preciosamente, a obra monumental do eminentíssimo polígrafo, que se denomina *Historia do theatro portuguez*. É de ver e de notar, com desvanecida admiração, o que, para a nossa dramaturgia, representa êsse trabalho basilar, cujas raízes investigativas se dilatam por um campo de analismo scientifico e de crítica sintética que raramente se perscrutarão em congêneres indagações psico-literárias. Na formação genésico-espiritual do teatro português há fronteiras de demarcação gestativa que cumpre assinalar, para que se não percam todos os elementos de dissecação moral, todos os meios de especulação de evolutismo facetal.

Em todos os teatros, seja qual fôr o grau de civilização em que êles accionem, há sempre uma irradiação de convergência de factores étnicos, de exhibições de sentimento colectivo que servem a estabelecer a paralelização da essência scientifica e artistica com as flutuações de carácter social imanentes ao sentido directivo dos corações e dos pensamentos.

Um povo sem teatro poderá ser um grande povo na retratação das suas modalidades intellectivas, porém nunca um grande povo na consubstanciação marcada da sua sensibilidade social e artistica.

O teatro é a crónica falada, a reflexão de estados de alma e de cristalizações mentais, em que o poder do discernimento pessoal foca e desce-luliza a imagem colectiva, a face global de uma sociedade. Tudo o que se vê, o que se sente cá fora, à margem das tábuas do palco, tem uma attitude que escapa à nossa argúcia, e escapa porque todos nós, mais ou



menos, somos comparsas do conjunto e ainda ninguém conseguiu «ver-se», a quando do seu actuar como contribuição construtiva de um «todo» que está em nós e nos outros que vivem no mesmo âmbito, dando-se, mas não se penetrando.

O teatro segurou-nos, amarrou-nos aos nossos papéis da vida, onde somos unicamente espectadores, e, atirando-nos para a nossa própria frente, fez com que nos olhássemos e... nos vissemos!

Por isso, a missão objectiva do teatro é mais alta do que a subjectiva. Para que as almas se vejam, para que os pensamentos apareçam com a feição com que se escondem no cérebro, é indispensável que os ponhamos fora de nós, diante dos olhos. Então, sim! As tendências, os caracteres vivem e tomam a estatura que a distância nivela à razão e o desenho plástico da forma moral torna possíveis de verdade, ou insubsistentes de lógica.

A côr não é côr só porque a fazem côr, é côr porque a percepção consciente lhe deu a fixidez marcada pela concepção pre-estabelecida.

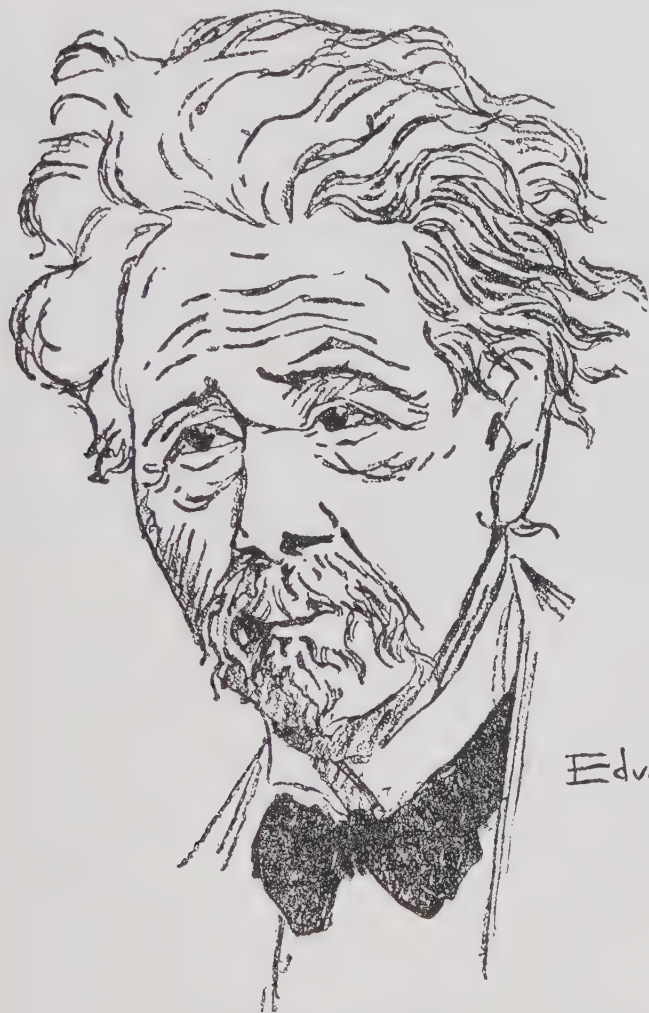
No teatro, quando se sai do contôrno simplesmente delineativo, dêsse contôrno, dessa modelação que constituem só a estética das linhas, é que realmente se entende a natureza do *abstractum* psíquico que permite a pintura das almas e das expressões íntimas e suporta o que está recôndito, no amálgama insólito do organismo moral, mistura de incongruências, de fórmulas equilibradas e de indecisões latentes. O teatro, emoção de superfície, de sentidos fáceis, motivo de gozo, hora fugidia de distração, não é suficiente, e para isso quasi não bastaria alimentar a seiva. Mas, o teatro que arranca às almas os seus rostos e às sociedades o seu nervo vital é qualquer coisa de grande, de solene, de imediatamente proveitoso.

Foi este teatro, verdadeiramente substancial, que Teófilo Braga deixou ficar através das suas lucubrações, e deixou ficar porque da confusão dos géneros e da tumultuação das modalidades aproveitou, como incidência séria, o que, no conceituosismo moral e na acepção mental, tem foros de consistência de análise e de critério de síntese.

Como em quasi todos os livros de Teófilo Braga (posso-o dizer porque os li e pensei-os, nunca como as pessoas que, sem os terem lido sequer, os abocanham), verificam-se a par, sempre no mesmo passo de ombreamento, as duas características máximas que foram no sábio a função de análise e de dissecação moral-artístico-intelectiva e a realização do esquadrinhador, para quem as horas do dia não chegavam aos seus variadíssimos trabalhos de erudição.

E a *Historia do theatro portuguez*, porque discrimina idades dramáticas e especula fases a ela intimamente ligadas, é completamente modelar

como análise de globo, e assume extraordinárias proporções de bio-bibliografia esmeradamente tratada com um escalpelo frio, decisivo, com impetuosidades de vôos de sentimento pessoal e rasgões largos de apostasia



Eduardo Faria

Esboço

Por Eduardo Faria.

ao que não cura de proficuo. A carreira dramática que a literatura do nosso país estabelece desde o vicentismo primário até ao romantismo garrettiano está vista, analisada e desfibrada em conceitos superiores, por Teófilo Braga. Os homens aparecem-nos com as proporções certas. Não

há um centímetro a mais nem a menos. O seu arcaboço moral e intelectual está exacto. ; Sente-se que as cerebrações vieram até nós despojadas ou da ignomínia dos que as malsinaram, ou do incenso que permitiu turvar aos sucessores a vista de incidência perscrutadora!

De Teófilo Braga pode dizer-se que tratou *a sério* do teatro português. Os quatro tomos em que a sua obra se desdobra têm o valor de marcos miliários de construtividade de análise e de fixação metodista. ; A sistematização com que Teófilo Braga efectiva o seu trabalho, a rígida evocação das épocas e dos obreiros dramáticos significam que o historiador compulsou as fontes mais exuberantes de subsídios especiais e, na doseação justa do seu critério e da sua sensibilidade, procurou e achou as dimensões, os fins, a essência mais serena e o conceito mais salutar!

A sua condição andou à cata de sintomas, em demanda de presunções que o repositório documental corroborava de hora a hora e a inteligência confinava em afirmações irredutíveis.

A obra de Teófilo Braga, que abrange na sua produção total tantos e complexos assuntos de aspecto literário, político, artístico e social, ao particular-se no círculo dramático, reveste uma importância que os anos ainda mais irão fortalecendo, porque, além da sua retrospectividade, abre a vindouros um filão inesgotável, e todos terão de a ler para assentarem numa vereda que seguramente trilhem.

*Nogueira de Brito.*



## LA RAÓ SUBJECTIVA DE L'INTERÈS DEL DINER

*Não sendo tam largamente conhecida, entre nós, a rica, formosa e antiga lingua catalã, damos, em lingua castelhana, a versão — feita pelo distinto lusófilo Pio Anfres Alsina — do esplêndido artigo LA RA-  
ZÓN SUBJETIVA DEL INTERÉS DEL DINERO, em honra da memória do Doutor Teófilo Braga, artigo da autoria do ilustre catalanista, Director de la Institució d'Estudis Comercials de Barcelona e homem de letras Dr. Pere Corominas, cujo texto catalão publicamos integralmente.*





ENÇA que Aristòtil (*Política*, llibre I, cap. III) va condemnar com un tràfec vil l'interès del diner, el *part* (*toxos*) de diner pel diner, sempre més hi ha hagut en voga teories que el volien suprimir, però, perxò, l'interès del diner sempre ha persistit i s'ha cobrat. Aquest és un fet d'experiència que ens obliga a reflexionar sobre la possibilitat d'una causa tan consubstancial amb la naturalesa humana, que totes les construccions econòmiques no abasten a destruir.

L'argument d'Aristòtil que un camp fa blat, però que el diner al calaix per anys que passin sempre és el mateix, com l'argument de Rodbertus que la valor és producte exclusiu del treball i que amb ell es manté el diner i el treballador, es diferencien més en la forma d'exposició que en la substància. El profit, el descompte, la plus valia, la prima o el preu del diner, són expressions que corresponen a l'estat actual del capitalisme. L'experiència històrica ens diu que en tots els sistemes econòmics fins ara realitzats existia un fenomen que corresponia a lo que en diem interès del diner.



DESDE que Aristóteles (*Política*, libro I, cap. III) condenó como tráfico vil el interés del dinero, el *parto* (*toxos*) de dinero por dinero, ha habido en voga teorías que lo quisieron suprimir, pero, no obstante, el interés del dinero ha persistido y se ha cobrado. Es este un hecho experimental que nos obliga á reflexionar sobre la posibilidad de una causa tan consubstancial con la naturaleza humana que no alcanzen á destruir todas las construcciones económicas.

El argumento de Aristóteles que un campo dá trigo, pero que el dinero en la caja, por años que pasen, siempre es el mismo, como el argumento de Rodbertus que el valor es producto exclusivo del trabajo y que con él se mantiene el dinero y el trabajador, se diferencian más en la forma de exposición que en la substancia. El provecho, el descuento, la plus valia, la prima ó el precio del dinero, son expresiones que corresponden al estado actual del capitalismo.

La experiencia histórica nos enseña que en todos los sistemas económicos hasta ahora realizados existía un fenómeno que correspondía á lo que llamamos interés del dinero.

Com hi ha sempre una solució de continuïtat entre qualsevolga construcció fisiològica experimental i el més primari fenomen psicològic, hi ha un tall, un salt, un buit que no es pot omplir entre la teoria més acurada de la *plus valia* i el comunisme. Perquè la *plus valia* arribarà a justificar l'expropiació de certes formes de capital, però no la destrucció del capitalisme.

En els darrers estudis de Lenin (*La Malaltia Infantil del Comunisme*) es registra aquest fet d'experiència: que el capitalisme constantment rebrota en la forma que ell en diu *petita burgesia*.

Fins acceptant com a verietat indiscutible la *lleï natural de l'equilibri* de Marx (*El Capital*, III, p. 167) i per tant com a regulador dels rapports de canvi el *temps de treball socialment necessari* i ordenant un sistema econòmic deduït amb rigor científica d'aquella llei amb exclusió de tot lo que d'ella no es dedueixi, el capitalisme rebrotarà. Perquè d'allí al comunisme hi hauria un tall, un salt a fer.

Aquest salt es diu *expropiació del producte del treball*. Mentre el *treballador* disposi del producte del seu treball la primera malla que s'estarà de consumir serà un rebrot del *capital*. I és natural que es tro-

De la misma manera que hay siempre una solución de continuidad entre cualquiera construcción fisiológica experimental y el más primario fenómeno psicológico, existe un corte, un salto, un vacío que no se puede llenar entre la más atildada teoría de la *plus valia* y el comunismo.

Porque la *plus valia* llegará á justificar la expropiación de ciertas formas de capital, pero no la destrucción del capitalismo.

En los últimos estudios de Lenin (*La Enfermedad Infantil del Comunismo*) se refleja este hecho de experiencia: que el capitalismo constantemente retoña en la forma que él llama *pequeña burguesía*.

Incluso aceptando como verdad indiscutible la *ley natural del equilibrio* de Marx (*El Capital*, III, p. 167) y por tanto como regulador de las relaciones de cambio, el *tiempo de trabajo socialmente necesario* y ordenando un sistema económico, deducido con rigor científico de aquella ley con exclusión de todo aquello que no se deduzca de la misma, el capitalismo retoñará, porque de allí al comunismo habría un corte, un salto á practicar.

Este salto se llama *expropiación del producto del trabajo*. Mientras el *trabajador* disponga del producto de su trabajo, el primer eslabón dejado de consumir será un retoño del *capital*. Y es natural que se encon-

baran raons per a aqueixa expropiació, però no tindran resque veure amb la teoria que troba en el treball la causa de la valor.

Les experiències econòmiques fetes fins ara ens diuen que mentres hi hagi un ser individual o col·lectiu que hagi de respectar en un altre ser la lliure disposició de béns, l'interès del diner amb aquest nom o amb un altre, en una forma o en una altra, rebrotarà.

En el supòsit d'un sistema economista com el de la regla de Sant Benet l'agulla de cosir i l'enfilada de l'agulla són de la comunitat. Però aquella comunitat compra i ven, cobra i paga interès a les altres comunitats o als sers econòmics amb els que es relaciona. Mentres existeixi més d'una comunitat rebrotarà l'interès del diner. Si altre més no, aquest fóra el cas de Rússia que compra i ven per centenars de milions de rubles-  
or a Suècia, Anglaterra i Alemanya.

Cal entendre's respecte a què vol dir aqueixa lliure disposició de béns que farà rebrotar l'interès del diner. En primer lloc, no exigeix limitació de temps, i en segon lloc no exigeix limitació de quantitat. El temps pot ser sempre, com pot ser una vida d'home, o un any, o un dia, o un minut, o un segon. La quantitat pot ser un camp, una casa, un

---

trarán razones para esta expropiación, pero no tendrán nada que ver con la teoría que encuentra en el trabajo la causa del valor.

Las experiencias económicas realizadas hasta ahora nos dicen que mientras haya un ser, individual ó colectivo, que deba respetar, en otro ser, la libre disposición de bienes, el interés del dinero, con este ú otro nombre, en una ú otra forma, retoñará.

En el supuesto de un sistema económico como el de la regla de San Benito, la aguja y la hebra de la aguja son de la comunidad. Pero aquella comunidad compra y vende, cobra y paga interés á otras comunidades ó á los seres económicos con los que se relaciona. Mientras exista más de una comunidad resurgirá el interés del dinero. Si otro no, este fuera el caso de Rusia que compra y vende por centenares de millones de rublos-oro á Suecia, Inglaterra y Alemania.

Es preciso entenderse respecto lo que significa esa libre disposición de bienes que hará resurgir el interés del dinero. En primer lugar no exige limitación de tiempo y en segundo no exige limitación de cantidad. El tiempo puede ser siempre, como puede ser una vida humana, un año, un día, un minuto, un segundo. La cantidad puede ser un campo, una

vestit, una poma. En el sistema comunista més absolut i universal sempre hi haurà un home que podrà deixar el seu vestit a un altre que tindrà més fred, o que donarà el seu menjar a un altre que tindrà més gana.

Serà difícil o inútil d'acumular l'interès, però en una mesura o altra l'interès existirà. El benedictí completava el seu comunisme amb la caritat cristiana: el bolchevic té una fe mística en la revolució.

D'algun temps ençà els economistes tracten de trobar a l'interès del diner una raó subjectiva. Fisher ha acabat per dir (*De la Naturalesa del Capital i de la Renda*, cap. x) «Nos-altres definirem, doncs, la renda subjectiva com el corrent de la consciència d'un ser humà. Tota la seva vida conscient, de la naixença a la mort, constitueix la seva renda subjectiva. Les sensacions, els pensaments, els sentiments, les volicions i tots els fets psíquics forment part, en realitat, d'aquest corrent de renda».

Més enllà (*ob. cit.*, cap. xii) suposa l'existència d'una anualitat perpètua i uniforme de renda, perquè encara que aqueixa anualitat realment no existeix, és útil sovint d'usar aquest terme com a vehicle del pensament.

casa, un vestido, una manzana. En el sistema comunista más absoluto y universal, siempre habrá un hombre que podrá prestar su vestido á otro que tenga más frio ó que dará su comida á otro que tenga más hambre.

Será difícil ó inútil acumular el interés, pero en una medida ú otra, existirá. El benedictino completaba su comunismo con la caridad cristiana; el bolchevique tiene una fé mística en la revolución.

De algún tiempo acá los economistas tratan de encontrale una razón subjetiva al interés del dinero. Fisher vino a decir (*De la Naturaleza del Capital y de la Renta*, cap. x): «Nosotros definiremos, pues, la renta subjetiva como el corriente de la conciencia de un ser humano. Toda su vida consciente, del nacimiento á la muerte, constituye su renta subjetiva. Las sensaciones, los pensamientos, los sentimientos, las voliciones y todos los hechos psíquicos forman parte, en realidad, de esta corriente de renta».

Mas lejos (*ob. cit.*, cap. xi) supone la existencia de una anualidad perpetua y uniforme de renta, porque aunque esta anualidad realmente no existe, es útil amenudo usar este término como vehículo del pensamiento.



Empès el pensament per aquest pla inclinat no és estrany que s'acabi trobant una raó purament subjectiva a l'interès del diner: la impaciència és aquesta raó.

Entre dos homes que poden utilitzar un capital el més impacient pagarà a l'altre una taxa, quina raó final és la seva impaciència. Perquè l'un no té tanta impaciència i pot esperar i perquè l'altre és més impacient i no pot esperar, serà possible el mercadeig d'una taxa.

L'afluència de capitals i de necessitats, regularà les oscil·lacions de la taxa, però només el fet relatiu de la impaciència en donarà la raó final.

Considero que encara es pot dur més lluny la investigació de la raó final de l'interès del diner. En aquest esquema em limitaré a dir el meu pensament.

L'home és impacient perquè sap que té de morir. La condició mortal de la seva existència, és, doncs, per a l'home la raó final de l'interès del diner. En la hipòtesi d'una societat de sers immortals, la impaciència i l'interès no tindrien altra raó que la condició mortal dels sers amb qui aquella societat es posés en relació.

---

Empujado el pensamiento por este plano inclinado, no es extraño terminar encontrando una razón puramente subjetiva al interés del dinero: la impaciencia es esta razón.

Entre dos hombres que pueden utilizar un capital, el más impaciente pagará al otro un premio, cuya razón final es su impaciencia. Porque uno no tiene tanta impaciencia y puede esperar y porque el otro es más impaciente y no puede esperar, será posible el regateo de un premio.

La afluencia de capitales y necesidades regulará las oscilaciones de la tarifa, pero solamente el hecho relativo de la impaciencia dará la razón final.

Considero que aun se puede llevar más lejos la investigación de la razón final del interés del dinero. En este esquema me limitaré á enunciar mi pensamiento.

El hombre es impaciente porque sabe que tiene que morir. La condición mortal de su existencia es pues para el hombre la razón final del interés del dinero. En la hipótesis de una sociedad de seres inmortales, la impaciencia y el interés no tendrían otra razón que la condición mortal de los seres con los que estableciera relaciones, dicha sociedad.

Dada aquesta raó final de la impaciència i de l'interès del diner, altres causes subjectives i preeconòmiques, els afectes, els costums, els debers, graduaran encara la intensitat de la impaciència. Però aqueixes altres causes subjectives i preeconòmiques no crearien la impaciència ni l'interès del diner si el sentiment de la nostra condició mortal no els hagués creat.

Damunt d'aquesta raó final obraran les lleis del mercat econòmic. Per aquestes, l'interès del diner pujarà o baixarà o s'estancarà, però per elles o en contra d'elles subsistirà. Perquè aqueixa raó final és anterior a tota concepció econòmica i per tant a la propietat, al capitalisme i al comunisme. L'interès del diner depèn d'aqueixes concepcions per la forma, i per la quantitat, però no per la seva substància.

A primera vista sembla deduir-se de la llei d'aquesta raó final una conseqüència que per la seva oposició constant amb els fets implicaria l'errada de la llei.

L'infant no sap que té de morir, el jove ho sap però hi pensa poc i en la proporció que l'home devé madur i es fa més vell regula les seves accions per un pensament més constant i més dominant de la seva mort. Així, doncs, l'infant no coneixeria la impaciència, ni l'interès del diner,

---

Dada esta razón final de la impaciencia y del interés del dinero, otras causas subjetivas y preeconómicas, los afectos, las costumbres, los deberes, graduaran todavía la intensidad de la impaciencia. Pero estas otras causas subjetivas y preeconómicas no crearían la impaciencia ni el interés del dinero si el sentimiento de nuestra condición mortal no los hubiese creado.

Sobre esta razón final obraran las leyes del mercado económico. Por estas, el interés del dinero subirá, bajará ó se estancará, pero por ellas ó a pesar de ellas subsistirá. Porque esta razón final es anterior á toda concepción económica y por tanto á la propiedad, al capitalismo y al comunismo. El interés del dinero depende de estas concepciones por la forma y cantidad pero no por la substancia.

Á primera vista parece deducirse de la ley de esta razón final una consecuencia que por su constante oposición con los hechos implicaría error en la ley.

El niño no sabe que tiene que morir; el joven lo sabe pero piensa poco en ello y á medida que el hombre llega á la madurez, y se torna viejo, regula sus acciones por un pensamiento más constante y dominante de su muerte. Así pues, el niño no conocería la impaciencia ni el interés

i l'una i l'altre creixerien amb l'edat de l'home. I sent evident que no és així la llei sembla no ser certa.

Però les raons econòmiques que actuen damunt de la raó final no són individuals sinó socials. L'infant obra com si conegués la seva condició mortal perquè tot lo que sap fer, dir, voler i pensar ho ha après en un ambient de sers mortals. L'interès del diner troba, doncs, la seva raó final no en el sentiment que té cada home de la seva condició mortal, sinó en el sentiment comú de la societat dels homes.

Si una agudisació o atenuació d'aquest sentiment devenien socials, es produirien una alça o una baixa irresistibles, o més ben dit una tendència en tal sentit, de l'interès del diner. En una societat a on s'ha encès la fe en la resurrecció de la carn l'interès del diner estarà a punt de desaparèixer. No és possible negar la sinceritat de la repugnància contra l'interès del diner en tota agudisació dels sentiments religiosos.

L'interès del diner deriva, doncs, de la nostra condició mortal, però només els fets econòmics el graduen.

No es pot imaginar un sistema econòmic que faci desaparèixer l'interès del diner, perquè contradiria el sentiment de la nostra condició

---

del dinero y una y otro crecerían con la edad del hombre. Y siendo evidente que no sucede así parece no ser cierta la ley.

Pero las razones económicas que actúan sobre la razón final no son individuales sino sociales. El niño obra como si conociese su condición mortal porque cuanto sabe hacer, decir, querer y pensar, lo ha aprendido en un ambiente de seres mortales. El interés del dinero halla, pues, su razón final, no en el sentimiento que tiene cada hombre de su condición mortal sino en el sentimiento común de la sociedad de los hombres. Si una agudización ó atenuación de este sentimiento pasaran a ser sociales, se produciría un alza ó una baja irresistibles ó mejor dicho una tendencia en tal sentido.

En una sociedad donde se ha inculcado la fé en la resurrección de la carne el interés del dinero está á punto de desaparecer. No es posible negar la sinceridad de la repugnancia contra el interés del dinero en toda agudización de los sentimientos religiosos.

El interés del dinero deriva, pues, de nuestra condición mortal, pero solo los hechos económicos lo gradúan.

No se puede imaginar un sistema económico que haga desaparecer el interés del dinero, porque contradeciría el sentimiento de nuestra con-

mortal. Un comunisme que privés a l'home de la lliure disposició de tota mena de béns, si fos físicamente possible, que no ho és, contradiria la mateixa naturalesa humana.

La darrera forma de retribució del treball ensajada pel comunisme rus és el salari col·lectiu, mes això suposa la distribució entre els membres de la col·lectivitat i la lliure disposició de la part de salari que pertoca a cada membre. Aquesta lliure disposició quedarà naturalment limitada pel sistema econòmic: tota restauració sensible del capitalisme serà ofegada per la llei. Però l'interès del diner subsistirà en els soterranis de la consciència i com més vulguin reduir-se els límits de la seva llibertat més constants i més decisius seran els assalts que la nostra condició mortal produirà contra el sistema.

Heus aquí, l'esquema d'una teoria sobre *la raó subjectiva de l'interès del diner* que sotmeto modestament a la consideració dels homes d'estudi en el cinquantenari de la carrera científica del Mestre Theófilo Braga.

Barcelona, 10 de Juny de 1922.

*Pere Corominas.*

dición mortal. Un comunismo que privase al hombre de la libre disposición de toda suerte de bienes, si físicamente fuese posible, que no lo es, contradeciría la misma naturaleza humana.

La última forma de la retribución del trabajo ensayada por el comunismo ruso es el salario colectivo, pero esto supone la distribución entre los miembros de la colectividad y la libre disposición de la parte de salario que corresponde á cada miembro. Esta libre disposición quedará naturalmente limitada por el sistema económico: toda restauración sensible del capitalismo será ahogada por la ley. Pero el interés del dinero subsistirá en lo recóndito de la conciencia y cuanto más se quiera reducir los límites de su libertad, más constantes y decisivos serán los asaltos que contra el sistema producirá nuestra condición mortal.

Hé aquí el esquema sobre *la razón subjetiva del interés del dinero* que modestamente someto á la consideración de los hombres de estudio en ocasión del cincuentenário de la carrera científica del Maestro Teófilo Braga.

Barcelona, 10 Junio 1922.

*Pedro Corominas.*







## AMADIS DE GAULE ET THÉOPHILO BRAGA



ON excellent ami Gomez Carrillo, qui dans l'*Évangile de l'Amour* m'a fait apprécier toute l'étendue et toute la finesse de son érudition, m'accusait au début de cet an, dans l'une de ses fringantes chroniques de l'*A. B. C.* de Madrid, d'avoir commis, en traduisant l'*Amadis de Gaule* d'Affonso Lopes-Vieira, *un crime de léso-hispanisme*.

Par mon modeste travail, j'aurais contribué à dépouiller le Parnasse castillan de l'un de ses plus purs joyaux. Sachant de quoi sont capables les gens d'esprit, dans la simplicité de leur cœur, j'ai facilement pardonné à Gomez Carrillo et n'ai même point relevé l'inculpation.

Au fait, l'œuvre que j'ai traduite n'a rien de castillan, elle ne contient pas vingt lignes qui aient été directement transcrites du texte de Montalvo, au témoignage d'Affonso Lopes-Vieira lui-même et de Madame Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Affonso Lopes-Vieira, poète, a repensé intégralement le Roman qu'il a fait sien pour la partie que les plus érudits philologues de l'Europe considèrent comme portugaise.

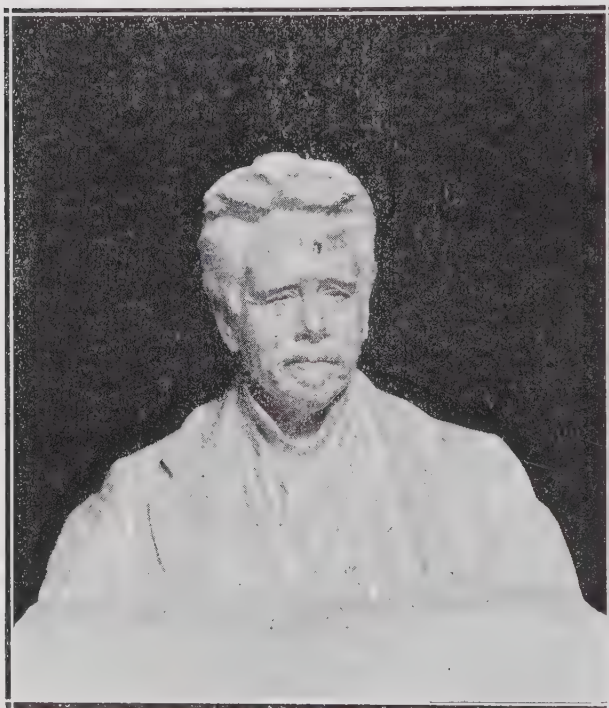
L'on aurait pu cependant jouer à l'Espagne un plus mauvais tour, conformément à une méthode dont Théophilo Braga, si injustement diminué souvent par les nouvelles générations, s'était un instant avisé et qu'il a fragmentairement appliquée dans l'une des dernières brochures que j'ai reçues de lui : *Versão Hebraica do Amadis de Gaula*.

On sait qu'il existe au British Museum un exemplaire d'*Amadis de Gaule* traduit en hébreu.

Le Séminaire israélite de Breslau possède un exemplaire analogue. Théophilo Braga fit copier et traduire les trois premières pages du livre de Breslau et photographier le dernier feuillet de l'exemplaire déposé au British Museum. Le livre de Breslau serait l'œuvre d'un certain Jacob ben Mosché Algabba; il aurait été édité à Constantinople chez Eliezer Gerson Sencino vers 1501; mais le titre hébraïque ne permet pas de dire si la

version a été faite sur un texte portugais ou sur la rédaction espagnole.

Avec sa divination singulière, quand il s'agissait de restituer au Portugal ce qu'il croyait lui avoir été dérobé, Théophilo Braga essaya d'administrer la preuve manquante, en faisant copier les trois premières pages de la version hébraïque et en les comparant avec le texte de Montalvo. Il parvient ainsi à découvrir que la rédaction castillane offre de nombreuses amplifications et que la version hébraïque est beaucoup plus concise et courte. Il en in-



BUSTO

Esculpido por Teixeira Lopes.

fère avec logique que celle-ci aurait été faite sur l'original portugais actuellement perdu. La rétroversion portugaise des deux dernières pages de l'exemplaire du British Museum n'est pas moins démonstrative.

On pourrait donc, par la traduction minutieusement exacte du texte hébreu, obtenir un *Amadis de Gaule* (la toute première partie tout au moins, car l'exemplaire du British Museum n'a que 163 pages) infiniment plus proche de l'original portugais présumé, sinon dans l'*esprit*, du moins dans la *lettre*, que l'œuvre d'Affonso Lopes-Vieira, œuvre géniale au surplus.

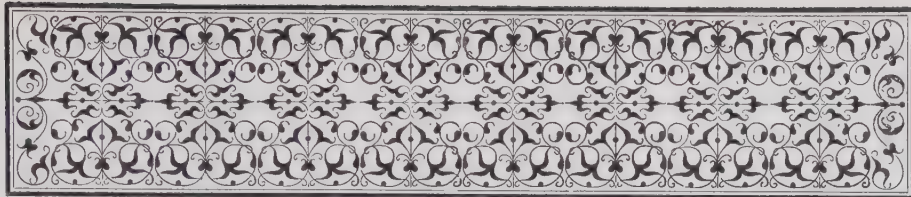
Ce premier travail effectué comparativement avec la traduction castillane décelerait aisément la nature des amplifications et interpolations pratiquées par Montalvo, pour les trois premiers livres, et peut-être Affonso Lopes-Vieira lui-même avait-il songé un instant à s'inspirer de l'exemple de Théophilo Braga; mais il dut le trouver trop étroitement mécanique et scientifique. Rien lui en a pris. Il échappe ainsi, de par la subtilité même du génie, au filet qu'on lui voulut tendre. Avouez, mon cher Gomez Carrillo, que vous avez donné un fameux coup d'épée dans l'eau. Mais que diriez-vous, si quelque savant érudit s'avisait de reprendre l'idée de Théophilo Braga, en espagnol même?

Né poète, Théophilo Braga s'était habitué peu à peu à tout sacrifier à la Science et à son pays. Ce sera là sa gloire la plus durable. Il fut Amadis à sa manière. Honneur à lui!

*Philéas Lebesgue.*







## NACIONALISTA

Há alguma cousa que vale mais do que os gozos materiais, que é melhor do que a fortuna, melhor até do que a saúde, é o sacrificio pela sciência.

AUGUSTIN THIERRY.



nov<sup>a</sup> geração portugueza não só desconhece como calunia também o grande e enternecido historiador da nossa litteratura. Não devia julgar assim Teófilo Braga, esta geração que se diz nacionalista e possuída da sagrada missão de restituir o Portugal decadente de hoje ao seu antigo esplendor. Teófilo Braga é um desconhecido que é preciso revelar, e um caluniado a quem é preciso fazer justiça. Em toda a sua obra palpita um grande e nobre amor da Pátria. E é tam grande o seu sentimento nacionalista que ainda hoje as suas páginas parecem quentes do contacto da mão que as delineou, e das suas palavras convictas e serenas uma voz de esperança se evola e nos chama. Será incerta, talvez, esta hora que passa. A dúvida entrou em muitas almas, o desalento enfraquece as melhores energias. Mas, ao escutarmos as palavras de esperança que Teófilo Braga nos deixou para sempre vivas nas suas páginas, um novo alento consolador e alto nos enche de confiança e coragem. É uma voz profética a voz persuasiva de Teófilo Braga. Escutemo-la todos, e saibamos entendê-la no seu alto significado nacionalista.

Bem sei que algumas vozes discordantes pretendem fazer calar a sua voz magnífica e que, por uma má educação política, nem todos poderão ver ainda em toda a sua pureza e grandeza o vulto assombroso do grande

Mestre. Nêle vêem os católicos um *maçon*<sup>1</sup> e os monárquicos o republicano intransigente, esquecendo-se uns e outros de que êle foi não só um admirável ordenador de ideias mas também, pelo seu consciente tradicionalismo, pela sua obra sempre tam sentidamente portuguesa, o mais avançado e revolucionário dos conservadores.

Ignorado por uns, esquecido por outros, se não fôr a minha, outra geração mais moça fará a reabilitação do grande e caluniado Mestre. Não desespero da hora da justiça — que não andarà longe. Então o escritor e o político serão admirados, e a sua obra melhor compreendida e sentida. É uma obra portuguesa a sua, em que o escritor e o político se confundem, apaixonados ambos no mesmo tradicionalismo, ambos ardendo na mesma chama purificadora do seu nacionalismo consciente. O escritor — apoiado numa vasta erudição e guiado por uma rigorosa disciplina filosófica — colhe e estuda com emoção e inteligência os romances e os contos populares; procura nos poetas e nos escritores a alma portuguesa, e constrói o monumento, grandioso como uma catedral, da História da nossa Literatura, enquanto, por outro lado, completando-o, o político defende o municipalismo e a descentralização administrativa, vendo num e noutra a garantia das liberdades locais. E é no seu municipalismo que o seu ideal republicano se esclarece e fortifica.

Teófilo Braga acreditou sempre na nossa raça. Sentia que um povo tam pequeno, que na história realizara uma tam grande missão, não podia morrer. E ao contrário de Alexandre Herculano, que se retirara, desiludido de tudo e de todos, para a sua quinta de Vale de Lôbos, e ao contrário ainda de Oliveira Martins, que nunca acreditou no *ethos* português, Teófilo Braga refugiou-se na sua pequena casa da Travessa de Santa Gertrudes, e aí, no seu labor constante, foi sempre amontoando os materiais necessários para a demonstração de que Portugal podia ainda confiar num mais alto destino.

Quási toda a obra de Teófilo Braga — é uma resposta consoladora à desilusão de Alexandre Herculano, e uma formidável refutação à teoria nefasta do Acaso que Oliveira Martins defendia.

Quero transcrever aqui as palavras de alguém que, militando num campo político contrário àquele em que sempre se encontrou Teófilo Braga, não pôde deixar uma vez de prestar justiça ao seu alto espírito nacionalista. Essas palavras vou eu buscá-las ao livro — *O valor da Raça*,

---

<sup>1</sup> Teófilo Braga não foi *maçon*. Por vezes afirmou a alguns amigos que, sendo livre pensador, não podia, por isso, ser da maçonaria, que era uma *religião ao contrário*...

de António Sardinha, mestre espiritual e político da geração integralista. Estão a p. 144 dêsse livro. Ei-las:

[Ai de nós, Oliveira Martins não acreditava na Raça! Na sua descrença levou consigo uma oportunidade da fortuna para levantarmos cabeça, e com aprumo, desta feita .....  
... Existia Teófilo, sim, trabalhando como um beneditino, fechado no seu casulo de iluminado, ardendo todo na missão sacerdotal de atrair a um baptismo novo a esperança esquecida do Luso. Percebera-se da importância capital do factor — Raça. E com vislumbres de vidente o que Teófilo mais fervorosamente procurava era a nossa independência étnica, contra o Acaso teórico de Oliveira Martins, o qual contemplava em nós um produto apenas das ambições dos nossos Príncipes. Teófilo subia mais longe, profundando o negrume das Origens, para resuscitar na Lusitânia dos Antigos, segundo o Estrabão da referência do estilo, a vasta actividade de um povo embrionário que ascendera devagar as jornadas custosas para a autonomia. Deixava de ser a Lusitânia uma alusão pedantesca dos humanistas de Quinhentos, conforme pretendia Alexandre Herculano. Volvia-se numa realidade tam viva, tam plena, como a carne da nossa carne, como o sangue do nosso sangue.

Quando um dia a obra de Teófilo Braga fôr estudada com maior serenidade e justiça, o seu espírito revolucionário será acolhido com maior simpatia pelos nossos conservadores, e o seu tradicionalismo, tam conscientemente português, melhor acatado pelos mais avançados portugueses. Uns e outros aprenderão muito na sua obra, e no estudo dela sentirão a necessidade moral de encaminharem os seus passos por outras veredas mais largas, onde os seus esforços e actividades se não percam em discussões estéreis. O nosso feitio atrasado e burguês tem lamentavelmente confundido ideas e doutrinas, embora aparentemente conservadores e revolucionários estejam divorciados uns dos outros. As ideas são quási as mesmas, os rótulos é que são diferentes. E por isso, ao transcrever acima as palavras de António Sardinha, eu não quis sòmente fazer da sua transcrição um depoimento necessário e oportuno, eu procurei também fazer lembrar aos rapazes da minha geração que, a tomarmos um mestre e um mentor da nossa mocidade, devemos ir procurá-lo mais em Teófilo Braga do que em António Sardinha.

E embora a minha afirmação irrite e dê motivo a alguns protestos, eu não posso deixar de dizer que António Sardinha, parecendo à primeira vista um discípulo directo de Charles Maurras, é afinal, tirando-lhe todo o seu catolicismo exagerado, um sucessor de Teófilo Braga.

Se Teófilo Braga foi entre nós o mais apaixonado divulgador de Comte, Charles Maurras não pode também ocultar a grande influência



recebida do criador do positivismo. Teófilo Braga, republicano, e Charles Maurras, monárquico, entroncam-se ambos em Augusto Comte. E António Sardinha, antes de ser monárquico integralista, fôra republicano, e na obra de Teófilo Braga é que aprendeu e fortaleceu o seu nacionalismo. É o próprio poeta da *Epopéia da Planície* quem o declara em uma das suas páginas.

No entanto, apesar de António Sardinha ter morrido confessadamente monárquico e católico — a sua obra, em algumas passagens, não deixa de ser um reflexo curioso do republicanismo iluminado e sincero de Teófilo Braga. Vagamente, os monárquicos constitucionalistas suspeitaram dêsse republicanismo, classificando irònicamente de *bom republicano* o poeta da *Epopéia da Planície*. E num dos seus livros mais curiosos, no ensaio sôbre *Monarquia e República*, António Sardinha escreve:

la um jornalista nosso adversário quási dizendo a verdade quando escreveu que «o integralismo representa nem mais nem menos do que a doutrina de uma República com Rei a dirigi-la». Esta observação, a que é preciso render uma certa homenagem pela inteligência crítica que revela, iliba-nos da divertida nódoa de absolutistas que a toda a hora nos é assacada, ao mesmo tempo que assinala um progresso na inocência mental em que por via de regra vive mergulhado o espirito dos nossos contendores.

#### E António Sardinha comenta:

Claro que *Integralismo* não é de modo nenhum a doutrina de uma república, com um rei por chave de abóbada. Esse foi o êrro da monarquia constitucional, que Lafayette, nas vibrações românticas de 1830, festejava como sendo a melhor das repúblicas. Porque, assimilada pelo princípio monárquico, a doutrina republicana nunca pode dar senão a sua bastardia. No entanto, concretizando um pouco mais o sentido que às suas palavras quis imprimir o jornalista em questão, talvez tenhamos que reconhecer que a liberdade teórica das repúblicas só se efectiva e garante à sombra da Realeza — dentro de uma Monarquia, mas das puras, das verdadeiras.

#### E António Sardinha continua ainda:

Há entre os escritores da *Action Française* uma fórmula que por si só define o problema. No seu advento ao trono de S. Luís, o Rei de França será, como outrora, «o protector das repúblicas francesas». Repúblicas francesas são as comunas, são as administrações provinciais, antigamente autónomas, mas agora agarrotadas pelo centralismo burocrático, desde a vitória do Estado napoleónico.

Por seu lado Teófilo Braga já deixara escrito, nas suas *Ideias modernas*, esta passagem interessante:

Emquanto Portugal se apoiava na sua organização rudimentar foraleira, existiu vida local, espírito de resistência, e a unidade política fazia-se sentir na necessidade da convocação de côrtes; desde que os forais foram abolidos, a pretexto de codificação geral por D. Manuel, as côrtes foram caindo em desuso, e a nação tornando-se em mísero rebanho de quem o rei, segundo a frase dos églogos quinhentistas, era o maioral.

Quem conhecer regularmente as obras de Teófilo Braga e de António Sardinha encontrará muitos pontos de contacto, muitas conclusões semelhantes. Se Teófilo Braga deixou um formidável libelo de acusação à dinastia bragantina, António Sardinha mais tarde havia de vir completar-lhe o processo com as suas memoráveis campanhas anti-constitucionalistas; ambos se insurgem contra o pessimismo perigoso de Oliveira Martins; ambos atacaram a *Carta*; e se Teófilo Braga analisou duramente a personalidade de Alexandre Herculano, António Sardinha por sua vez o vem definir como uma vítima dos defeitos de uma doutrina incompleta.

É um estudo curioso a fazer, o da influência de Teófilo Braga nas modernas ideias da literatura portuguesa. Demoremo-nos, por isso, um pouco mais neste cotejo entre as ideias de Teófilo Braga e as de António Sardinha. Teófilo Braga defendeu sempre que «Portugal é uma nação por condicionalismo geográfico e étnico» e não uma nação moral, uma nação de consciência, como pretendia Oliveira Martins. António Sardinha, anos depois na sua conferência «O Território e a Raça», inserta no volume *A questão ibérica*, — acumula depoimentos sôbre depoimentos, de Elisée Reclus, D. António Garcia del Real e outros, para provar também que a nossa nacionalidade é um produto natural de um território e condições étnicas especiais.

Sabe-se que António Sardinha era anti-parlamentarista, como anti-parlamentaristas são todos quantos no integralismo militam. Pois Teófilo Braga era também anti-parlamentarista. Ouçamos, por isso, agora o grande crítico e sociólogo:

—O constitucionalismo é a ditadura dos faladores, que visam unicamente ao triunfo da palavra, impregnada de sentimentos liberais, mas vazia de opiniões definidas, sérias, peremptórias, que dirijam as reformas de que a sociedade moderna tanto precisa.

O parlamentarismo é a forma clara e bem característica da hipocrisia liberal; é a liberdade da palavra, acobertando a irresponsabilidade do governo monárquico-constitucional, que emquanto se exerce no arbitrio e

na sofismação das garantias, deixa à larga abrir-se essa válvula de segurança aos descontentamentos e às ambições das personalidades.

O parlamentarismo tornou-se uma necessidade geral; freqüentam-se as câmaras para ouvir os oradores mais pomposos, como quem vai disfrutar um actor ao espectáculo; os discursos imprimem-se como peças de literatura. Esta circunstância explica-nos a razão da persistência do constitucionalismo; esta forma de governo pertence exclusivamente à Inglaterra, e depois da preconização que fizeram dela Montesquieu e Voltaire, Luís XVIII pô-la em moda em França, e daí se propagou por toda a Europa ocidental, com uma facilidade contagiosa, sem que existissem nem na França, nem na Itália, nem na Espanha, nem em Portugal as condições sociais e orgânicas para a implantação desta forma de governo. Faltava a estes povos uma forte aristocracia territorial, e um elemento popular poderoso pela indústria; porque se propagou pois o constitucionalismo? Únicamente pela macaqueação parlamentar.

E Teófilo Braga remata a sua acerada crítica:

Nós concluímos com o dito de Proudhon: — *Maldizemos êste odioso engenho de mentira a que se dá o nome de Parlamentarismo, e que tira aos homens toda a coragem e toda a dignidade.*

António Sardinha defendeu a descentralização administrativa e o municipalismo, e Teófilo Braga igual defesa já fizera no seu esquecido opúsculo, publicado em 1879, com o título — *Soluções positivas da Política portuguesa.*

Republicano, e discípulo confesso de José Félix Henriques Nogueira que compôs os *Estudos sobre a Reforma em Portugal*, Teófilo Braga adopta e desenvolve a idea municipalista do nosso maior teórico da república portuguesa. São de Teófilo Braga estas palavras:

A centralização administrativa foi com justiça considerada uma nova forma do feudalismo, e todos aqueles que compreendiam a origem falsa e o poder abusivo das monarquias constitucionais acharam que o município, que se mantivera através de todas as transformações sociais, devia desenvolver-se, como o núcleo de vida local, para educar os povos a resistirem contra a absorpção centralista.

Mas há ainda um outro ponto de contacto entre o poeta da *Visão dos Tempos* e o mestre do Integralismo.

Ambos se insurgem contra a aliança inglesa, ambos a combatem, nela vendo um perigo de absorpção lenta das nossas riquezas e da nossa liberdade, opondo-lhe ambos, para segurança da nossa independência e renovação da nossa fôrça, um, a federação de repúblicas, o outro, a aliança de monarquias.

Não. Não duvidemos mais do nacionalismo de Teófilo Braga. E se êle fazia a apologia da Humanidade, opunha-lhe, como justo e necessário equilibrio, o amor consciente e ardoroso da Pátria. Pela primeira revelava um sentimento altíssimo de solidariedade humana, pelo segundo afirmava o seu orgulho de portugueses. Patriotismo é independência e não isolamento, e ninguém como Teófilo Braga teve uma mais completa e perfeita noção de um Portugal restaurado, de um Portugal europeu.

Livre pensador e anti-clerical, êle era, no entanto, uma natureza impregnada de misticismo, e não pôde nunca ocultar um sentimento de religiosidade indefinida e vaga, embora êle a sinta a seu modo e a seu modo a defina. ¿Quem é que pode esquecer os poemas delicados do *Evangelho da Lagrima* e da *Rosa mystica*, em que o seu misticismo se reveste de emoção e beleza incomparáveis?

No primeiro volume das *Modernas Ideias*, a p. 145, encontra-se êste curioso exemplo da sua religiosidade:

— A natureza, que nos cria e nos devora implacável, condena-nos a um permanente sacrificio; mas cada geração que passa, estorcendo-se em sua agonia, deixa-nos as descobertas, as invenções, as riquezas e a cultura que é a nossa progressiva redenção. Os teólogos inverteram os dados da história, prégando que Deus se fez homem; mas a realidade que se impõe ao culto, à veneração e à idealização artística, é que a Humanidade se fez Deus.

Teófilo Braga estava com Renan, citando-o e transcrevendo-o. É admirável êste passo de Renan, do historiador e do artista, do sábio e do analista que escreveu a *Historia das origens do Christianismo*:

A humanidade é o ser que faz milagres; porque, no decurso da história, o espírito domina cada vez mais a natureza fóra do homem, e esta natureza em frente dêle desce à condição de matéria morta, sôbre a qual se exerce a sua actividade; a humanidade é o impecável, porque a marcha do seu desenvolvimento é irrepreensível, porque as máculas só tocam o indivíduo e não atingem a espécie nem a sua história. A humanidade é o ser que morre, ressuscita e sobe ao céu, porque do abandono de sua naturalidade procede uma vida espiritual cada vez mais alta, e do abandono do finito, que a limita como indivíduo, nação ou planeta, procede a sua unidade com o espírito infinito do céu.

Anti-clerical e republicano intransigente, o jesuitismo e a Igreja tiveram nêle um inimigo acérrimo, como a casa de Bragança teve nêle também o seu mais implacável crítico. Mas antes de condenarem Teófilo Braga a um silêncio injusto e a um ódio revoltante, ¿porque não reabilitam



primeiro alguns dos nossos reis, como D. João IV, que ofereceu Pernambuco aos Holandeses, ou D. Maria II, que, para se manter no trono, não vacilou em chamar uma intervenção estrangeira armada?

Teófilo Braga viu sempre na Igreja e nos jesuítas os aliados naturais e temíveis do despotismo dos reis. Mas os nossos conservadores ignoram por certo que, alguns anos antes de Teófilo Braga, já Almeida Garrett dirigira contra o catolicismo as suas primeiras flechas. Garrett também vira na Igreja católica e no jesuitismo o braço direito e amparador dos reis e dos déspotas, e a essa aliança entre a Igreja e a realza classificou-a êle de «liga sacrílega». E Garrett vai mais longe, Garrett não esconde a sua admiração pela Reforma. E vale a pena ouvir o nosso Garrett:

Então se formou essa funesta liga sacrilegamente chamada do trono e do altar, como se o trono alevantado para padrão e tribunal de justiça, o altar erguido à majestade de Deus, pudessem jamais prostituir-se para tais fins, sem perder sua augusta natureza. Os sacerdotes sacrílegos fizeram leis suas, e blasfemaram chamando-as de Deus; os reis sancionaram e invocaram a blasfêmia dos sacerdotes para as fazer acreditar divinas e cumprir como tais. Assim a religião cristã, que tanto favorece, que tanto protege a liberdade, que a ensina, que a prega, que a manda guardar—a religião cristã foi feita o maior e mais poderoso auxiliar dos déspotas. Escusamos deduzir mais documentos: nomeemos a inquisição, e tudo está dito e provado.

E Garrett, com a sua eloquência, faz em seguida a apologia da Reforma:

Mas a índole do Cristianismo era outra; a pureza de seu espírito foi penetrando através das imposturas dos homens: a Providência, que tolerou tanto sacrilégio, pôs-lhe termo emfim. Os homens começaram a abrir os olhos e a pretender examinar como era possível que a Lei do Criador fôsse o maior flagelo da criatura. Pouco a pouco se conheceu a verdade: distinguuiu-se entre Cristo e Barrabás; viu-se que a religião era boa e divina, seus traidores ministros péssimos e infernais. Então se arvorou o estandarte da Reforma—caíu a máscara à hipocrisia, e com a tirania sacerdotal vacilou o despotismo dos reis <sup>1</sup>.

E não é sòmente em Teófilo Braga que encontramos a denúncia de que a nossa decadência se deve à acção do catolicismo. Vamos encontrá-la também noutro sábio português, o filólogo e pedagogo Dr. Adolfo Coelho.

---

<sup>1</sup> *Portugal na balança da Europa.*

É êle quem nos diz nas suas «Questões pedagógicas», publicadas no *Instituto*, em 1912:

—O progresso realizado pelas nações em que o protestantismo, ainda que sem chegar a final vitória, manteve todavia longa luta e deixou traços permanentes, foi geralmente considerável. Mas quando chegamos aos países católicos, à parte da Europa em que a primeira faísca da reforma foi apagada com violência, logo que ali surgiu e donde procedeu o impulso que fez recuar o protestantismo, achamos, nas melhores circunstâncias, muito lento progresso e no todo retrogressão. Comparem-se a Dinamarca e Portugal. Quando Lutero começou a prègar, era inquestionável a superioridade dos portugueses. Presentemente não o é menos a dos dinamarqueses.

E Adolfo Coelho fortalece o seu depoimento citando alguns críticos estrangeiros como o inglês Thomas Macaulay e o belga Émile de Laveleye. Não será inútil lembrá-los. Diz o primeiro:

Não temos razão de crer que no comêço do século xvi o castelhano fôsse a qualquer respeito inferior ao inglês. É nossa firme convicção que o norte deve a sua grande civilização e prosperidade principalmente ao efeito moral da reforma protestante e que a decadência dos países meridionais deve ser attribuída principalmente ao grande revivescimento católico.

Émile de Laveleye, por sua vez, no seu livro — *Le protestantisme et le catholicisme dans leurs rapports avec la liberté et la prospérité des peuples*, atribui também a decadência espiritual e material das nações românicas ao catolicismo.

Citei estes nomes para não deixar Teófilo Braga desamparado e sòzinho no meio da feira, desta feira das nossas letras. Se ainda teimarem em lapidá-lo, atirem também aos outros as suas pedras. Já é tempo de se começar a organizar o processo de reabilitação de Teófilo Braga. Um homem que escreveu a *Historia da Litteratura portugueza* merece não só a nossa admiração mas também o nosso maior carinho. São como um novo *Lusiadas* essas páginas escritas em louvor da nossa nacionalidade, um novo e grande poema em que a esperança de um destino mais alto estremece e se incendeia.

Poeta e filósofo, se na poesia êle procurou e achou a emoção do povo e, dentro dela, a alma nacional, foi na filosofia que êle retemperou a sua fé lusiada, e, ainda guiado por ela, construiu os alicerces em que assentará o nosso ressurgimento.

São de Teófilo Braga estas palavras nobres, escritas com calor e veemência:

— O sentimento da Nacionalidade é a maior força de Portugal; já transpira nos documentos do século XII, quando nos constituímos em Estado livre; é elle que nos cria fronteiras, que é o característico da nossa raça e serve de estímulo à nossa actividade. Ferir esse sentimento, amesquinhá-lo, atentar contra elle, é arrastar-nos à condição de povo morto, é preparar uma inevitável ruína<sup>1</sup>.

Teófilo Braga compreendeu bem esse sentimento da nacionalidade. É elle que dirige toda a sua vida e palpita em toda a sua obra. Por elle e com elle, Teófilo Braga estuda a nossa etnografia, a poesia popular, os contos e as lendas, e põe em relêvo as grandes figuras literárias, especialmente aquelas em que mais arde o amor da pátria, como Camões, e melhor floresce o nosso lirismo, como João de Deus. ¿Porque estudou elle as tradições e lhe votou o mais enternecido respeito e carinho? Porque sem esse estudo nunca chegaria à compreensão e à elaboração da *Historia da Litteratura portugueza*.

E Teófilo Braga confessa:

Sem esse trabalho prévio sobre a Literatura oral nunca teríamos compreendido a Literatura escrita.

E noutro passo da sua obra acrescenta e completa:

A investigação das tradições populares e a história da Literatura nacional são dois factos de tal forma conexos e solidários, que encerram a luz filosófica de todas as criações literárias. Rigorosamente, nas tradições populares conserva-se uma *Litteratura oral*, não fixada pela escrita, a qual se transmite através de todas as modificações sociais e históricas, até chegar a inspirar a elaboração do génio individual que funda sobre ela a obra prima que sintetiza uma civilização. Mitos, lendas, contos, superstições, cantigas, jogos, anexins, adivinhas, formam essa matéria complexa da Tradição, umas vezes transmitidas de idade em idade pelo encanto sugestivo da frase rítmica determinada pela melodia, outras vezes entregue ao efeito casual da linguagem pitoresca e improvisada do narrador. Lirismo, Epopeia e Drama, são as formas universais das Literaturas escritas, que em cada raça e nacionalidade os génios individuais foram constituindo com esse fundo primitivo, e pelo qual conseguiram despertar a simpatia social, e dar expressão ao génio e aspiração de um povo no momento em que entrava na vida histórica. A relação entre estas duas literaturas, a oral e

<sup>1</sup> *Modernas Ideias*, 1.º vol., p. 112.

a escrita, constitui a história de todas as manifestações do génio estético, desde a mais vigorosa fecundidade criadora até às imitações servis e inexpressivas dos produtos académicos.

E Teófilo Braga, logo a seguir, escreve estas palavras, que nenhum escritor deve perder de memória, e constituem um programa de arte:

—A aproximação entre o povo e o escritor provoca a bela efflorescência literária, como na Grécia; a separação dêstes elementos reduz a literatura a uma hábil curiosidade, como se vê no periodo do pseudo-classicismo das literaturas românicas.

Na verdade os escritores e os poetas não devem nunca andar longe da alma do povo, devem ser os seus intérpretes, a sua voz, a sua palavra. O artista é a voz e a consciência por que o povo fala e se afirma, e escreve com emoção e mais ritmo a sua história — a sua história que vem do passado e que, se ainda existe, é porque crê no futuro. E Teófilo Braga aprendeu com Augusto Comte que o passado não morre por completo e que os mortos não deixam nunca de comandar os vivos. É só compreendendo êsse sentimento de solidariedade entre o passado e o presente, entre os mortos e os vivos, que se alcança o verdadeiro sentido e valor das tradições.

Quero crer que nenhuma dúvida nos restam mais sôbre a disciplina da sua inteligência e da sua cultura, e da sinceridade do seu nacionalismo apaixonado e consolador. E mesmo que outras ideias, que não as dêle, venham dirigir e renovar o mundo, a sua obra ficará como um documento flagrante e sincero da sua fé e da sua esperança, do seu patriotismo e do seu orgulho lusíada, e ainda como um reflexo completo das ideias e dos sentimentos do seu tempo, dos seus impulsos, das suas generosidades e também das suas fraquezas. E hão-de os anos passar na sua vertiginosa carreira — ;mas a sua voz, a sua voz magnífica e serena, que um acento patriótico enche de esperança e ternura, não se calará nunca, antes adquirirá maior eloquência e calor, para nos dizer, para nos afirmar que Portugal há-de manter a sua independência pelos séculos fora! A sua voz não se calará nunca. Em consolação e doçura nós podemos compará-la à água generosa e límpida das fontes que não se negam nunca à bôca sequiosa dos que passam. Como a água cantante e fresca — ela mata-nos a ansiedade e a dúvida, dá-nos a esperança e alenta-nos o coração para um amor mais alto e mais tranqüilo.

Perante a tua memória, ó Mestre, venho trazer-te a oferenda humilde, mas sincera, destas minhas palavras. São palavras de gratidão e arrepen-



dimento. ¡Porque eu, pecador, a ti me confesso e arrependo, por nem sempre ter escutado a tua voz e me ter esquecido, nas minhas horas de desânimo, de ouvir o teu conselho e seguir o teu exemplo!

Sinto-te cada vez mais vivo nas páginas dos teus livros. Nas tuas palavras de fé e de esperança, palpita, quente e vermelho, num ritmo largo, o teu sangue generoso e português. E é a um pasmoso e estranho milagre de ressurreição que eu assisto: ¡vejo-te de novo, de novo eu te oiço, em corpo e alma, no lirismo apaixonado da tua doutrina e na esperança consoladora da tua profecia.

Lisboa, Fevereiro de 1928.

*Rebêlo de Bettencourt.*



## O IBERISMO DE TEÓFILO BRAGA



oi o meu mestre, e foi o meu amigo. Na formação do meu espírito, Teófilo Braga tem um largo quinhão. Era quasi um adolescente quando a fortuna fez aproar a minha nave a Portugal. Era em 1900. Era a hora incerta da minha juventude, hora côr de rosa, hora quimera, hora ilusão. Dêsse momento solene inicial, ao enfrentar o caminho a seguir pela vida fora, depende a felicidade ou a desventura do homem. Naquele instante de indecisão, o meu espírito estúrdio encontrou a companhia amiga e preceptora de Teófilo Braga. No Curso Superior de Letras — raro estudante *snoob* entre os escolares officiais sentados nas bancadas da aula — ou no acolhimento familiar na Travessa de Santa Gertrudes, a casinha franciscana do Mestre, foi-se dando pouco a pouco a transformação espiritual, a orientação social e política que tem, depois, dirigido como um mandato iniludível o processo laborioso da minha actividade como homem público, como homem de letras, e, sobretudo, como cidadão.

A vida de Teófilo Braga, quer como homem de letras, quer como cidadão, quer como político, é de uma rara exemplaridade. No país do *deixa tudo para amanhã*, êle desenvolve a sua energia criadora, numa constante, metódica e ordenada labuta de todos os dias e de todas as horas. Entregue em corpo e alma à sua alta tarefa didáctica, realiza êle só o esforço múltiplo das actividades dispersas e perdidas na ineficácia de uma sociedade ociosa, que ainda lhe não perdoa a sua enorme capacidade de trabalho. É quasi durante o lapso de três gerações que Teófilo

Braga, na vida literária portuguesa — como outrora Herculano na vida histórica e Oliveira Martins na crítica —, se agiganta como a única figura ordenadora do pensamento lusitano. É o profissionalismo seguro e porfiante em luta permanente contra o diletantismo ôco e pedante dos amadores improvisados. É o bom senso e o bom gosto desentranhando da turba caótica os verdadeiros valores estéticos. E é, finalmente, a sistematização dos estudos literários e críticos, apresentada à inquietude dos estudiosos como elemento primário de investigação lúdica.

Durante os melhores anos da minha mocidade, a sombra de Teófilo Braga acompanhou-me protectora e solícita. Êle fez nascer em mim o amor à civilização lusa e fez de mim um lusófilo convicto. Por êle eu compreendi o quinhão insigne que na cultura ocidental pertence à pátria portuguesa. Por êle descortinei a verdade política que liga e separa, na maré histórica, a existência das pátrias peninsulares. Por êle soube descobrir essa supra-condição ibérica que envolve as almas e os povos da Península.

Supra-condição ibérica pressentida pelos federalistas de Portugal e de Espanha — Henriques Nogueira e Pi y Margall, entre os definidores — e que logo os poetas exaltaram subtilmente — Maragall e Pascoais, os poetas da *Saudade* e da *Añoranza*. A unidade espiritual na variedade política. A irmandade aliada ao respeito. A ciência, a geografia e a história consagrando e reconhecendo a coexistência livre e autónoma das pátrias ibéricas, rodeadas cada uma delas dos supremos atributos da soberania total e intangível, movendo-se independentes dentro da órbita definida e comum do seu destino histórico.

Sem se aceitar nobremente a vívida realidade da coexistência no solo ibérico das várias pátrias históricas e actuais, rodeadas sem preferências ou hegemonias injustificáveis de todos os atributos da liberdade e da soberania, os homens e os povos peninsulares não chegarão nunca a uma coincidência fraterna. Querer contrariar a natureza, é o mesmo que querer negar a realidade. E não por fecharmos os olhos à luz, a luz deixará de existir. Pôr os homens e os povos face a face, a olharem-se nos olhos para verem-se as almas, é melhor que virá-los de costas e empurrá-los a andarem numa marcha apressada e medrosa. Faz anos, faz séculos que os homens e os povos da Península andam desnorteados e afastados numa marcha célere por caminhos opostos. Um dia talvez venham a encontrar-se cara a cara, depois de dar a volta ao mundo, nas terras ubérrimas da América que o génio ibérico fez surgir do Mar Ignoto. E então, seguramente, virão a deplorar o seu louco e secular afastamento. Para se encontrarem e abraçarem, não era preciso dar a volta ao mundo. Aqui,



ESBOÇO

Desenho de Rocha Vieira, 1929.



na velha terra ibérica, podiam êles ver-se, conhecer-se e amar-se se alguém os tivesse pôsto face a face.

O ideal político de Teófilo Braga, desde os tempos inflamados da juventude até a época próspera da velhice, foi êsse: — colocar face a face os homens e os povos ibéricos, insuflando-lhes na alma o anseio de se darem as mãos.

Sobre as utopias e os egoísmos, êle punha a eficácia das realidades. E era sobre os firmes alicerces das realidades que êle baseava as suas soluções políticas.

Quanta vez, nas longas discussões sobre êsse tema favorito, o Mestre me dizia, convicto:

— Desconhecendo essas realidades, o problema político peninsular não tem solução possível. Portugal e Espanha só no federalismo hão-de encontrar a lógica solução do seu problema político. Viver contrariando a própria natureza é absurdo. É definhar e morrer. O unitarismo é uma ameaça, um elemento dissociador. Os dois Estados peninsulares formando dois blocos à parte e desproporcionados, aglutinados por um centralismo unitarista brutal, quebram de tal forma o equilíbrio ibérico, que toda a convivência fraternal e confiada é impossível entre ambos, pela desproporção económica, geográfica e política entre êles. Obrigar-nos-ia, isso, a vivermos sempre alerta e em pé de guerra. O Federalismo, que consagra a coexistência autónoma das pátrias ibéricas, destruindo hegemonias e ponderando devidamente os vários elementos nacionais, é o único sistema que pode restabelecer o equilíbrio peninsular e colocar face a face Portugal e a Espanha para que se vejam nos olhos.

No prólogo que Teófilo Braga escreveu para o meu livro *Iberisme* (1907), o Mestre desenvolve superiormente êsse sistema político. Define primeiro a nacionalidade portuguesa — que já Pi y Margall reconhecia de formação mais lógica que nenhuma outra peninsular — e a rodeia de todos os seus atributos de soberania e independência. Passa depois a tratar das soluções federalistas, e escreve:

A política científica e geral, que é verdadeiramente a política que se destaca dos empirismos governamentais, tem de reconhecer os antecedentes históricos e disciplinar em um conjuncto social essas energias persistentes. Catalunha, Castella e Portugal — nucleos creadores de nacionalidades inconfundíveis — accentuaram a sua individualidade ethnica, destruindo a unidade do Imperio arabe na Peninsula, expulsando os musulmanos, e constituindo-se em Estados livres. Hoje ha a destruir uma falsa orientação ou miragem de unidade iberica, fundando esses tres organismos inconfundíveis uma Confederação consciente, racional, historica e democratica das tres impereciveis nacionalidades peninsulares.

Foi êsse ideal tam belamente formulado por Teófilo Braga o que decidiu a minha vocação política. Ideal de fraternidade que só os beócios mercadores do patriotismo aqui e ali têm contrariado e perseguido. Mas a verdade há-de triunfar algum dia, e uns e outros, homens e povos da Península ibérica, encontrar-nos hemos face a face, mergulhando as almas nos olhos uns dos outros, conhecendo-nos e amando-nos.

Quando a minha obra de lusófilo, durante vinte anos prosseguida sem descanso, produziu os seus efeitos salutareos, foi ainda Teófilo Braga quem notou a sua transcendência. Não estava investido dos supremos poderes: não era ainda o primeiro Magistrado da Nação. Mas por sua bôca falava o Portugal novo. Era num momento solene. Na noite de 19 de Março de 1907 reuniu-se no Real Instituto de Lisboa um público selecto e numeroso de intellectuais. Presidiu Teófilo Braga. Eu devia dissertar sôbre o tema: *A Educação dos Povos peninsulares*. O Mestre fez a apresentação do conferente, seu discípulo e seu amigo. Referiu-se à minha obra de lusófilo, aos meus ideais políticos, ao meu amor por Portugal, e terminou dizendo: «que não tendo poder para premiar tanta dedicação com as honras públicas, eu, para mim e em minha consciência, o proclamo Cidadão Português, desta pátria mental e moral que êle dignifica».

¡Oh, meu chorado amigo, meu leal companheiro, meu saúdoso Mestre!

Barcelona, 11 Fevereiro 1928.

*Ribera-Rovira.*





## CAMONISTA



HAZ um ano que o sono implacável da morte imobilizou para sempre o cérebro prodigioso do grande pensador a quem a humanidade deve apreciável trabalho para a sua perfectibilidade. Teófilo Braga marcou um lugar de destaque na sua época. Obra gigantesca, manter-se há através dos séculos, para glória da Pátria que tam querida lhe foi.

Mergulhando a vista perspicaz através das neblinas seculares, conseguiu divisar estrêlas fulgurantes, afastando as nuvens que os anos condensaram.

Camões mereceu-lhe particular atenção. Os trabalhos sôbre o grande épico encheram os seus dias, não chegando, por capricho do destino, a ver realizadas as suas aspirações. Celebrando o quarto centenário do nascimento de Camões, esperava que, evocando as glórias do passado, a raça lusa caminhasse com segurança para a verdadeira democracia.

A vida não lhe chegou para completar o seu programa, que todos os dias ia aumentando num incessante labor. «Mi descanso es pelear», dizia-me Teófilo Braga na sua última carta, pouco tempo antes de morrer: falava-me entusiasmado dos trabalhos que tinha entre mãos, sem que cousa alguma (a não ser a proximidade dos oitenta e um anos) me fizesse prever que dentro de dias o mundo perdesse o sábio mais completo dos últimos tempos, e eu o grande Amigo que durante oito anos, com o seu nobre exemplo, me fez reagir contra o sentimentalismo doentio que me invadia, agravado pelas agruras do destino e pelo isolamento quási completo em que vivo.



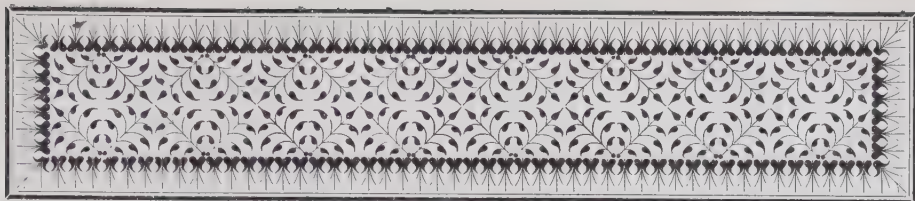
É incontestável o valor intelectual e moral de Teófilo Braga: a sua obra é vasta e ela o glorifica.

Não me compete a mim apreciá-la. A avezinha implume que no seu primeiro vôo se propusesse atravessar o oceano seria menos temerária. É mais modesta e mais dolorosa a minha missão: a saúde a dita. O lutador indomável, de carácter austero, que sabia vencer todos os obstáculos, tinha uma alma sensível e um coração amorável, onde me acolhi muitas vezes nos meus desalentos. O trabalhador infatigável interrompia o seu labor científico, para me dirigir palavras de conforto e carinho paternal, incutindo-me a fé, com a sua autoridade de Mestre querido; e os nossos ideais fundiam-se na mesma aspiração.

Ínfimo satélite ofuscado pelo brilho fulgurante do astro que seguia, empalidece lacrimoso em volta do seu túmulo.

Tenho fé na comissão de amigos e admiradores do grande escritor. Ela saberá exaltar a memória do ilustre português e recolher todas as relíquias do seu labor, na sua pequena casa da Travessa de Santa Gertrudes, para que o povo, que êle tanto amou, aí vá, reverente e comovido, conhecer melhor o grande cidadão que se chamou Joaquim Teófilo Braga.

*Sabina Camões.*



## FRAGMENTO DE HOMENAGEM



individualidade do meu querido amigo e nosso amado Mestre Teófilo Braga, querendo observá-la como político e idealista, tenho de recordar o início das minhas relações com êle, nos saudosos tempos de Coimbra, quando eu frequentava o primeiro ano universitário, em 1870, e Teófilo Braga, já notável como democrata, tentava ser professor, nessa linda cidade banhada pelo Mondego, o que não conseguiu devido aos ódios dos inimigos.

Já então Teófilo Braga era um revoltado. Essa revolta foi causada pela orfandade atribulada que tivera. Essa revolta foi agravada pelos inimigos procurando barricar-lhe o caminho para a marcha da sua vida de trabalhador indefesso e persistente propagandista.

A revolta é a característica dos espíritos de eleição. Não se compreende um filósofo, um poeta, um artista que não sejam revoltados. Teófilo Braga, que era um revoltado, lutou, lutou sempre contra o crime, contra o preconceito, contra as mentiras convencionais. Na luta a sua vontade não conhecia desfalecimentos. Era um idealista. Pertenceu a uma geração de idealistas que tinha o culto da beleza moral e a paixão da liberdade. Eram dessa têmpera José Falcão, Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, Gilberto Rôla, Latino Coelho, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Silva Pinto e tantos outros, que constituem a minha galeria de estimados mortos.

Era na livraria de Carrilho Videira, na Rua do Arsenal, onde se reuniam alguns dêsses ardentes democratas para discutirem a proclamação da República, e era daí que irradiava toda a propaganda. Pensava-se

então em fazer em Portugal uma república federalista. Era a única em que se pensava. E eu ainda hoje não compreendo uma república que não assente em bases federalistas. Se a actual República Portuguesa fôsse federalista — como desejavam os seus precursores —, talvez fôsse mais livre, mais republicana. Não se compreende uma democracia que não reconheça a plena autonomia dos municípios. Não se justifica uma república com os municípios regulados pelo Código Administrativo do tempo da monarquia.



ÚLTIMO ACTO PÚBLICO. EM 1920  
TEÓFILO BRAGA VAI DEPOR FLO-  
RES NO MAUSOLÉU DE MANUEL  
FERNANDES TOMÁS.

Teófilo Braga escreveu e Carrilho Viçeira editou o folheto *Soluções positivas da politica portugueza*, o qual foi guia e mentor de todos os propagandistas dessa época. Então havia paladinos abnegados, sempre dispostos ao sacrificio. Hoje a maior parte dos republicanos, os maus republicanos, não dão um passo senão por interesse. Lembro-me o que algumas vezes ouvi em França: — «a república era uma bela cousa no tempo da monarquia». Recordo, também, que, visitando Castelar, lhe escutei esta frase: — «Pela República farei tudo, com os republicanos é que não quero nada».

A tenacidade de Teófilo Braga era admirável. Para se avaliar a sua importância, temos o êxito, nacional e internacional, da comemoração do terceiro centenário da morte de Luís de Camões. Durante sema-

nas e meses Teófilo Braga difundiu a idea. Essa comemoração marca uma data na política portuguesa. Foi ela que alevantou os corações e tornou possível a proclamação da República. Foi dela que saiu a inspiração de se fundar *O Seculo*, fundação que obedeceu à idea de dar pensamento e acção às forças republicanas.

Quando se proclamou a República, estava eu com José Relvas no estrangeiro por conselho político de Teófilo Braga, a fim de prepararmos atmosfera simpática ao advento do novo regime. No *Foreign Office*, onde Lloyd George nos declarou: — «Tudo quanto interessa à liberdade interessa à Inglaterra». Observei, nessa ocasião, quanto Teófilo Braga era admirado e a sua obra apreciada no estrangeiro.

Anatole France, êsse crítico adorável e por vezes mordaz, pronunciou em sessão de homenagem a Teófilo Braga as seguintes palavras:

Braga est poète dans un peuple de poètes. Il est aussi philosophe, critique, jurisconsulte et toujours uni à la muse, car de muse, chez les modernes, s'appelle Encyclopédie.

Théophile Braga, comme on l'a dit, est l'homme des grandes tâches. Poète, il chanta l'épopée humaine en quarante mille vers; critique, il écrivit l'histoire de la Littérature portugaise en trente-deux volumes.

Il est le fondateur de l'École dite de Coïmbra qui procède à la réforme intellectuelle par la philosophie positive. Comment il a interprété et développé la doctrine d'Auguste Comte, c'est ce qu'Émile Corra va nous apprendre. Je veux seulement marquer les deux traits caractéristiques de cet esprit qui exerce dans son pays un puissant empire sur les intelligences. Théophile Braga est libre penseur et républicain.

Il fit connaître, comprendre, admirer dans son pays la pensée française. Il aime la France en Diderot, en Michelet, en Auguste Comte. Qu'à notre tour nous connaissions, nous aimions en Théophile Braga la grande famille de langue portugaise.

Et ce n'est pas assez; connaissons, aimons ce peuple portugais, ce peuple brésilien, dont Braga est, à cette heure, plus que tout autre, la lumière et la conscience...<sup>1</sup>.

Teófilo Braga não teve nunca uma incoerência. Mais: não teve sequer um ponto de interrogação na sua vida.

Foi um idealista. Sentia-se estranho dentro desta sociedade. Não compreendia negócios. Não aceitava o triunfo da judiaria internacional, que hoje domina o mundo. Viveu na solidão e no silêncio, porque, como dizia Alfredo de Vigny: «só o silêncio é grande tato, o mais é fraqueza». Últimamente vivia cego, mas vendo espiritualmente melhor do que nunca tinha visto.

Escrevi algures a seu respeito: — Teófilo Braga foi, em vida, a mais alta expressão do sentimento nacional. A história registará o seu nome glorioso ao lado dos maiores filhos da Lusitânia. Em toda a sua obra monumental ressalta a confiança cega nos destinos da raça, a confiança nos destinos da Pátria, de que êle foi a encarnação mais pura e mais viva. Amou Camões e tornou-o amado. Sob a invocação do sublime

<sup>1</sup> Anatole France — *Vers les Temps meilleurs*, décoré de onze portraits dessinés par Auguste Leroux et Steinlen et gravés par Ernest Florian et Perrichon. — Éditions d'art. Edouard Pelletan. Paris 1906 — p. 89.



épico, criou uma sociedade nova. Foi decisiva e fecunda a sua acção espiritual. E por isso a sua memória perdurará através da injustiça e da ingratidão dos homens.

*S. de Magalhães Lima.*



## PORQUE ÊLE ERA ASSIM

**N**um período de estagnação em que quási se obliterou aquilo que a si própria a personalidade se deve, Teófilo, com as características que lhe vincam relêvo, não podia senão transitar na vida como um caso ingrato de anormalidade psíquica. Vínhamos de Herculano afogando nos lagares da Azóia o despeito de vil prémio das suas freimas civisto-mentais se não ver guindado aos corutos da cousa pública, por sorte que um homem como Teófilo, dia a dia sinalando a obra produzida sob um cunho de fé isenta, entrou de suscitar, não apenas surprêsa, mas rancor, graças aos conluios de uma geração bipartida em pedantes e pedintes. Nada de acurvar-se, à maneira da época, no acêrvo de transigências, mediante as quais se perfura acesso a instalações pingues; nada de subordinar o livre exame para que se julga propellido às convenções que se transvertem, oportunamente, em regalos magníficos de logradouro permanente. Assim, pois, a ociosidade que coscovilha, vá desde logo entrar forcejando a soledade estudiosa, para que em troca de aleivosias encapotadas ela expendá — uma vez dispersos os frades, e não querendo escalar uma situação política —, a que mira aquele sumir-se em tam aprofundado poço de saber. Intoxicado da moral precária que o brigantinismo, sem que dessem por isso instilara, o país encarou a vida de Teófilo entre vontades de o acoimar de maniaco, sempre que carreando para o edificio nacional uma pedra mais, contavam que êle impava de alegria, essa alegria de ouro das almas excelsas... ? Oliveira Martins, Eça, Junqueiro, Ramalho mesmo, que mais fizeram, também, nessa quadra podrida, que não fôsse regatear aquelas energias que a

raça apenas trazia solapadas? Como uma estaca em terreno propício, o scepticismo do valido de D. Pedro V começava a deitar raízes, chegando a ser galante menoscabar quanto trespalasse a português, a português de nação, como ainda hoje diz a canalha. Pois, se Garrett, havendo caído na arola de amassar obra com os dizeres do povo, não teve, alfim, outro remédio senão o de refundir de cabo a rabo o que, aqui e além, tinha escutado...

E assim o cerco a uma independência de carácter se travou, sem descanso, revertendo a torpezas o que emergia em raro desassombro: — as teses com que o Valenças saíra lente da Universidade pagas a vinte e cinco tostões cada; as sopas do almôço e jantar, para que não constasse que nem um naco de toucinho coalhavam, cozinhadas por êle próprio num fogareiro rachado; uma libra em ouro, salário de aprendiz de compositor, na Ilha, embrulhada em três papéis, sempre na algibeira do colete... Portugal que intrigava ou escarnecia onde quer que se apercebesse de um assômo de rebelião, prepara o ambiente para ser denegada a cadeira da Politécnica, no Pôrto, e de tal arte o preparou que, ascendido em palácio o conhecimento da protéria, D. Luis a comentou entre o vozeio de um auditório atinente ao lance: — metam-no na cadeia, mas levem-lhe papel e tinta com que escrever, que o homem fica lá satisfeito... «De repente achei-me cercado de ódios, — escreve Teófilo, que fragmenta notas bio-intelectuais em toda a sua obra — cortaram-me os viveres na empresa do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distinção académica, os críticos espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarcas das letras com o pêso da sua autoridade sorriam com equívocos sobre o meu valor intelectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu carácter e costumes que só consegui desfazer com uma vida às claras e cheia de ignorados sacrificios». O que, porém, constitui um expoente é que aleives, de ordem a mais soez, nem ainda nos derradeiros tempos cessaram de ilaqueá-lo, se acaso lhes fôra sensível, Teófilo expiando entre hordas de eunucos a audácia de dispor de um carácter, e através dêle manobrar dedutivo o trabalho jucundo a que se consagrou. Eu sei que organizações tam só de aplicação ao estudo perdem (se é que em quantidade verificável alguma vez as possuíram) as reservas brutas de violência com que rechaçar as malsinarias da jolda açulada pelos invejosos, pelos despeitados, pelos inscientes, eu sei... Todavia, bem revocado na sua longa vigília, o mestre só mui fortuito individualizou a freima de um ataque, donde procede que nêle as diatribes acerbas estabelecem antes seu ponto geral de comentário para displicências de toda a sorte. «O prazer da criação artística eleva

o homem e dá-lhe o primado entre todas as gerações; o prazer de mandar tem uma certa sensualidade de canibalismo que dura pouco, mas que fascina muito as organizações imperfeitas. Êsses poetas ministros, embaixadores, presidentes de repúblicas e ditadores momentâneos são, como dizia Comte, vocações frustradas, abortivas, que nasceram estéreis: corromperam a arte e corromperam a política». O leitor, se pertence à cerada falange que desconhece mais de metade da obra de Teófilo, e da restante houve notícia por inculcas, delirou com a transcrição, e *in mente* a está acertando nas cabecinhas de alvéola de personagens coevas que perpassam por nós ao dobrar de cada esquina. *Pange, lingua...*

A legenda que foi redatada em 1880, para o estudo sobre o romantismo, comenta duas gerações que funambularam entre a política e a literatura, mas, a despeito dessa pecha viltosa, duas gerações de pôlpa... Teófilo, na linha hirta de prosequência a que sem se contrariar pôde obedecer, convizinha, indiferente, das cavilações maquinadas para o chofrarem, dando-nos a impressão evidente de que, através do tempo, o que mais cada vez elevado erguia era a obra própria. E porque a efectividade da sua emoção para ela se inclinava de preferência, e porque os júbilos da sua alma por ela, em especial, rebrilhavam, eis de atalaia o zoilo conceituando o homem eminente em ser gafo, perante a gama de afectos que honorabilizam a criatura em contacto com o seu par! Camilo, como versejador, possuía quando muito o mérito de nos indiciar uma amargura intransitiva, contudo, releia-se o que do soneto baptizado «A maior dor humana» deduziu Teófilo, agradecendo por ocasião da morte de Maria da Graça e do Teófilo êsse cartão de pêsames enviado de S. Miguel de Seide. Os inimigos do pensador valeram-se sobremaneira das suas exterioridades, difficilmente interpretadas pelo que resvalam em desapêgo aos picarescos de uma sociedade, para o apontarem com pusilânime recato às vaías de um critério ignaro, uma vez que nem sequer conseguiram imitá-lo no seu inflexível amor pátrio...

\*

Perante a idea nacional a azáfama de Teófilo ultrapassa seja a crítica, a integração ou o inquérito, pois que, dada a convicção em que ela transparece, o nome que melhor lhe cabe é o de apostolado lusiada. Depois de passar em revista os vínculos do morgadio étnico, o estudioso não se esquece de difundir as suas qualidades, afirmando que elas, no tempo, sempre sobrepujarão remarcáveis. «O sentimento de Pátria é essa força moral que suscita os altos caracteres e as sublimes dedicações.



Portugal é de todas as nações da humanidade a que com menos recursos materiais, e antes pelo impulso moral do sentimento autonómico da sua nacionalidade, assinalou mais profundamente o seu lugar na história da civilização. O sentimento da nacionalidade é a maior fôrça de Portugal; já transpira nos documentos do século XII, quando nos constituímos em Estado livre...». Um dos nossos derradeiros encontros foi uma tarde, ali, cêrca da Biblioteca, a escutármo-lo na sua visãoção intuspectiva:— Lisboa, o empório mercantil do universo; Portugal restaurando na latiniidade o predomínio da Descoberta e da Conquista; o Mar-Nosso, graças a uma situação geográfica incomparável, acostando um pôrto de maravilha e de opulência excepcionais... Ao invés do que lhe assacavam, Teófilo não desertou a vanguarda dos que lúcidamente confiam no país; os seus juízos analisando, sempre, para além das raleiras desalentadoras do momento que transcorre, mais ou menos alucinatório. Por sua mão levando-nos à presença do que há para admirar na alma portuguesa, Teófilo elaborou um programa nacionalista, onde, à parte, cada um de nós podia haver escolhido temas para estudo, consoante a nossa predisposição mental. Actuando a seguir imediatamente a uma camada onde a mândria assolava de lés a lés, Teófilo secunda Camilo, trabalhando os dois até a cegueira sangrenta os inutilizar com rudeza:— um prodigalizando, incôscio, documentos de um estranho talento disperso, o outro preocupado a todo o transe em que bem liados ficassem os elos das suas investigações. Por vezes ressentindo-se da espécie de critério ao qual subordinava indivíduos ou eventos — critério flutuando, em regra, à mercê de pesquisas ulteriores — chegou a imbuir-nos da impressão, mais que dolorosa, de êle a si próprio, psicológicamente, se ferretear do estigma atinente a uma rectificação sistemática...

As críticas sôbre Garrett, sôbre Soares de Passos, sôbre Antero, exarçadas aqui e aspidas acolá; intromissões de elementos como o turaniano contrastados agora para logo serem menospreçados; o positivismo comteano embora aceito mas denegado pelo seu contexto na exegese da estrutura peninsular, oura-se a cabeça de quem, a oito, uma vez, pretendeu caminhar nesta selva obscura! E isto, que a vários parecia estar tumescendo a sua epiderme moral em aleijões vergonhosos, fez com que êle fôsse agredido com virulência, não se perdoando à creatura que nós queríamos íntegra, versatilidades de chischibéu em arenga de comício, destinada a embair insanos. A propósito de Antero eu me travei de razões com o mestre e com o amigo, como a propósito e em termos similares se haviam travado tantíssimos, sem exceptuar Camilo. Teófilo, porém, valha a verdade, jamais abandonou semelhante método de criticismo,



NO LEITO MORTUÁRIO

Aos funerais de José Pereira (1911)

procedendo como o escolar que lição a lição vai cogulando o pecúlio do saber e, portanto, nos cadernos diversos, desbasta, amplia, corrige, transforma... Merecem ser cotizadas estas duas passagens bio-bibliográficas, a primeira reportando-se aos arrebois da sua elaboração espiritual, a segunda da época em que era já timbrante o seu primado entre criaturas de cultivo seleccionado: — «Vi-me forçado a inverter as bases da minha existência, abandonando a Arte, que me seduzia, porque me abandonara a serenidade contemplativa, e lancei-me à crítica, à erudição, à sciência, à filosofia» —. «Nas Literaturas, a falta de uma concepção filosófica, e por isso de um destino social, manifesta-se por uma cultura exclusiva da expressão ou *parnasianismo*, ou pela confusão dos recursos da arte com os da sciência, ou numa deplorável amotinação de sentidos, ou na preocupação de uma originalidade de alucinação, em que triunfam as mediocridades». Escultor que, para fazer a *maquette* de uma estátua, tomasse de uma poia de barro e começasse por vincar o aspecto geral, para em subsequêntes sessões (uma, dez, vinte, um cento, se de tanto carecer) chegar até às extremas minúcias, assim Teófilo foi, como elaborador de uma série de monografias.

Idêntica preocupação de assazonar a matéria em análise, primeiro que lhe apusesse o *ne varietur*, preleccionando ali a Jesus para uma assistência de quatro alunos, se tanto. Quando me recordo do corpo docente do recatado Curso de Letras reagia salubérrimo sôbre o infusório cate-drático teúdo e manteúdo em Coimbra, faço-o com saúde. Teófilo deixou nesse magistério as melhores lições da história da literatura que até hoje alguém escutou, ditas numa voz de quem conversa com pessoas amigas, modesto, desprevenido, correntio — porque êle era assim.

Lisboa, 1925.

Severo Portela.



## TEÓFILO BRAGA E LITTRÉ



UEM folhear a interessante e vasta colecção de cartas que Teófilo Braga publicou em 1903, sob o título *Quarenta annos de vida litteraria*, encontrará, a pp. 214 e 215, as que lhe dirigiu Emile Littré, de 1874 a 1878.

Essas cartas, reveladoras da solidariedade e simpatia que em vida uniu os dois espíritos, tam semelhantes pela coerência de princípios como pela obra formidável que deixaram, trabalhando incessantemente durante mais de meio século<sup>1</sup>, trazem-me hoje à memória o compromisso que tomei quando, na noite de 26 de Novembro de 1916 e após uma notável conferência do Mestre, na Universidade Livre, subíamos, os dois, a Calçada da Estrêla, em direcção à Travessa de Santa Gertrudes, onde costumava acompanhá-lo.

A lição que acabava de ouvir tinha sido imensamente curiosa não só pelos assuntos que abordara, pontos de vista novos que trouxera, como ainda, e sobretudo, pela lógica das suas deducções. Afirmações houve, todavia, que, à maneira do grão de areia no sapato, cá ficaram roendo...

---

<sup>1</sup> Littré morreu em 1881, com 80 anos completos, e Teófilo Braga em 1924, com 81. O primeiro já em 1828 fundava e dirigia *Le Journal hebdomadaire de médecine*, terminando a sua carreira literária e científica com a publicação *De l'établissement de la troisième République*, publicado em 1880. O segundo aos 16 anos (1859) publicava as *Folhas Verdes* e desde então, até que a morte lhe immobilizou a mão, nunca mais deixou de trabalhar, agitando, como Littré, os mais variados assuntos: crítica literária, história, filosofia, jornalismo, poesia, romance, etc.



Como saímos conversando, procurei encaminhar a cavaqueira na direcção das minhas dúvidas, que iam principalmente ao encontro dessa federação dos Estados Ibéricos, tantas vezes sonhada e defendida com calor por muitos espanhóis e portugueses cultos.

Teófilo Braga, concretizando melhor alguns pontos da sua prelecção, foi aclarando os factos duvidosos<sup>1</sup> até que, a certa altura, um de nós, a propósito do conceito que certos historiadores de profissão faziam do ensino da História, invocou o nome de Littré, tam grato ao Mestre. Teófilo recordou a lição de abertura que êle fizera na Escola Politécnica, em Bordéus, durante a guerra de 70.

Uma das cousas que mais admirava em Teófilo Braga era a facilidade com que retinha, evocando rapidamente, e por vezes com singular relêvo, os factos mais complicados, as ideias mais subtis.

Essa faculdade não a perdera ainda, nessa altura dos seus 73 anos.

Um mês antes, na abertura do meu curso de História, tinha eu aludido à referida lição, resumindo o programa traçado pelo autor *Des origines organiques de la morale*.

Pois Teófilo Braga foi admirável de precisão nas referências feitas.

Ao manifestar-lhe a minha discordância em relação às lacunas verificadas nesse programa, especialmente na passagem da pre-história para a civilização egípcia e ainda quanto à prioridade desta sobre a caldaica<sup>2</sup>, Teófilo preparou a defesa, iniciando uma dissertação sobre as populações

<sup>1</sup> Pelo sumário da lição, de que transcrevemos um excerpto, se pode avaliar a natureza dessas dúvidas.

«O futuro e não longínquo equilíbrio da Espanha tem de ser a *Federação*; com ela acabará o parasitismo da Espanha central, que só tem servido o egoísmo particularista dos planaltos de Castela, à custa do retrocesso de toda a Espanha, isolando-a dos contactos com a Europa. Feita a federação sobre as três nacionalidades hispânicas: Portugal, Castela e Catalunha, triologia formada pela natureza física, pela condição de raça e pelos separatismos históricos, com certeza neste acôrdo das três nacionalidades a sua harmonia intrínseca só podrá ser realizada pela *Hegemonia de Portugal*. O seu longo passado, de uma cultura e civilização sempre progressiva, o seu génio renovador e afectivo, a sua situação geográfica sobre o Oceano Atlântico, e portos de mar depois da abertura do istmo de Panamá, tudo lhe garante um concurso simultâneo dos estados peninsulares e das potências europeias, marítimas e continentais: Portugal não é o detentor egoísta do mais belo trato geológico do planeta; é um depositário inteligente e honrado, cuja missão política tem de ser a absoluta e iniludível *Neutralidade*».

<sup>2</sup> Transcrevemos os seguintes capítulos do programa, para melhor compreensão do que vimos tratando:

3<sup>o</sup> Leçon. L'homme préhistorique et l'homme sauvage. 4<sup>o</sup> Leçon. Comme entre l'homme préhistorique et les Egyptiens, dont la civilisation apparaît toute formée, une lacune existe, j'intercalais une civilisation intermédiaire dont je prenais le type chez les Mexicains et les Péruviens. 5<sup>o</sup> Leçon. Les Egyptiens. 6<sup>o</sup> Leçon. Les Babyloniens. 7<sup>o</sup> Leçon. Les Indiens et les Iraniens... 8<sup>o</sup> Leçon. Séparation des peuples progressifs et des peuples improgressifs, qui semblaient jusqu'à cette date confondus. Chinois, etc.

dos planaltos asiáticos, suas origens étnicas e correntes migratórias a que deram origem.

Como eu atribuisse a prioridade, nesses movimentos migratórios, à população ariana que, bem cedo policiada, se entrincheirou fortemente nos socacos e maciços do Irão e do Tibet, donde desceu às potâmias Chinesa, Indo-gangética e Assiro-caldaica, originando assim os aglomerados humanos que aí proliferaram, dando lugar, mais tarde, a novas correntes migratórias (Egipto, Palestina, etc.), Teófilo objectava dizendo não encontrar o traço de união entre a civilização iraniana e a cultura caldaica.

Lembrei a luz trazida pelas últimas investigações arqueológicas praticadas em diversos pontos da Mesopotâmia e região elamita, com as quais se está refazendo a história das primitivas civilizações asiáticas... Como eu, porém, não pretendia ensinar mas aprender, breve tornámos a Littré, ao seu programa e teorias.

Na altura do Palácio das Côrtes, Teófilo, que subia agora lentamente, fechou a série das suas considerações sobre a matéria em discussão, observando: «Pena foi, meu amigo, que um homem de tam grande carácter e de tam singulares talentos deminuisse a sua Obra consentindo que um abade qualquer lhe ministrasse os sacramentos e apregoasse, depois, a sua conversão ao catolicismo, que sempre combatera».

— Mas não é verdade, querido Mestre, obtempereei eu com o entusiasmo de quem encontra, enfim, ocasião de esclarecer um alto espírito e em matéria que sabe lhe falará ao coração.

— Meu caro amigo, interrompeu logo o colaborador de Littré; infelizmente conheço bem o que foi êsse passo, tam doloroso para os amigos do filósofo. Não só pelo que escreveram os católicos, nas suas revistas e jornais, como ainda pelo que afirmou a própria *Revue de Philosophie Positive*, que êle fundara e dirigira até morrer. Foi um grande desastre. Tam grande, que muitos dos seus discípulos choravam de desespero, a caminho do cemitério<sup>1</sup>...

---

<sup>1</sup> La biographie de Littré paraissait en des brochures multiples, confites en devotion et toujours avec ce thème qui revenait comme un refrain :

*Dieu voulait cette ame. Ah! c'est maintenant dans le ciel, disait un de ces biographes d'Eglise, que Mr. Littré sait ce que c'est que la science général. Un autre déclarait: Le baptême de Mr. Littré est un des faits les plus considérables de nos derniers temps. (L'Irréligion de la science, p. 323).*

Quand on vit le clergé prendre ce cadavre et le porter à son Eglise, lui donner sa bénédiction... il y eut une protestation énorme... (Ibid., 322). Avant que le cortège mortuaire s'éloignât de la maison, le docteur Galopin s'était approché du char qui contenait la bière, et s'était écrié: — «On nous a trompés pour te voler à l'humanité pensante. Mais l'avenir se charge de juger tes ennemis et les nôtres. Maître! nous te vengerons en faisant lire tes livres». (Ibid., 328).

É preciso justificar esta insistência de Teófilo. Na faina, a que se votara, de concluir trabalhos começados, antes que a vida lhe findasse, o escritor, fugindo ao mundo, alheara-se também do movimento renovador que se estava fazendo sôbre os destroços gloriosos das escolas realista e filosófica, que lhe formaram o espírito. Poucas revistas lia; quanto aos jornais só um ou outro, que lhe trouxesse novidades políticas ou o esclarecesse em pontos controversos da sua *Historia da Litteratura Portuguesa*, que andava revendo e refundindo. Não admira, pois, que Teófilo ignorasse a repugnante fraude cometida, 35 anos antes, na pessoa do seu amigo e Mestre. Esse conhecimento datava apenas de 1910.

Como o soubera eu?

Entre outras fontes, pelo interessante livro de Lesigne, *L'Irréligion de la science*, que de França chegara um ou dois anos antes.

Fomos subindo a ladeira e resumindo *le ténébreux affaire*:

Um dia, Hyacinthe Loyson preguntara ao pretenso confessor de Littré, o abade Huvelin, se com efeito tivera, com o filósofo, a tam falada entrevista acêrca da redenção de Cristo. Ao que o abade replicou:

«Mais il s'agissait bien du Christ! je vous répète que Littré ne croyait pas même en Dieu».

Loyson, que mantivera sempre boas relações com Huvelin, quis saber o que havia por trás dessas palavras misteriosas. O que não foi difícil. Huvelin, de resto, tinha perdido já, nessa altura, todas as suas ilusões. Além disso a Igreja nunca lhe perdoou o facto de não ter dirigido a *conversão* de Littré de maneira a constituir um facto bem definido, para ter mais retumbância ainda. Depois, a Igreja sabia bem que Littré permanecera fiel aos seus princípios até ao último momento<sup>1</sup>, tornando-o a êle responsável pela perda da sua alma. Foi por isso que nunca o arrancaram da modesta paróquia onde o fôra encontrar a agonia do fundador da *Revue de Philosophie positive*. Por outro lado, o remorso de ter mentido, fazendo à imprensa declarações que deram lugar à afirmação categórica do arrependimento e baptismo do filósofo, causava-lhe fundas apreensões, que o deprimiam, pelo que resolveu abrir-se, confessando a Loyson toda a verdade, em memória por seu próprio punho escrita. Nessa memória,

---

<sup>1</sup> Et, quand ces tentatives de suggestion avaient échoué, et que dans l'intervalle des crises Madame Littré insistait pour qu'il se préparât à aller vers ce Dieu qu'elle lui préconisait, il répondait:

*Quel attrait aurait pour moi une vie future? Voir Dieu? mais je ne le connais pas. Dieu; ce mot n'a pas de sens pour moi. (Ob. cit., p. 320).*

cujá publicação a Igreja nunca lhe permitiu, o padre Huvelin justificava-se do cheque sofrido, não obstante todos os esforços e processos empregados para um êxito certo.

Essa exposição foi lida também pelo filho de Loyson, mas só em 1910 é que a morte de Huvelin os desobrigou do segredo que lhes haviam confiado.

A publicação da memória fez-se, ficando assim completamente esclarecida essa indecorosa fraude, em que a Igreja católica, uma vez mais<sup>1</sup>, pretendeu desonrar a memória daqueles que, acima da imposição das seitas, põem sempre a verdade, venha de onde vier, atinja quem atingir.

Já alguns anos antes da confidência a Loyson, o abade Huvelin tinha declarado a um redactor de *L'Ami du Clergé* que *Littré n'avait plus sa connaissance quand il reçut le baptême*.

Estas declarações explicam e completam as que o mesmo fizera a um redactor do *Clairon*, que no próprio cemitério conseguira entrevistá-lo, em meio dos protestos de muitos amigos de Littré, que continuavam negando a sua conversão.

Umas e outras, mesmo que não viesse a publicação póstuma da memória, confirmam o facto hoje incontroverso: Littré foi baptizado pela espôsa, na altura em que êle perdera já todo o conhecimento. Isto equivale a dizer-se que não foi baptizado nem sacramentado, morrendo como tinha vivido, na coerência da sua nobre vida.

A exposição que deixo resumida foi escutada por Teófilo com o mais vivo interesse, manifestando o seu contentamento — êle que tam pouco dado era já a comoções e entusiasmos — por uma ou outra interjeição, bem significativa do seu estado de alma.

---

<sup>1</sup> Estas vexações e indignidades vêm de longe. Já em 1670 a Assembleia do clero, em França, estatuiu o seguinte: «Qu'il soit permis au curé, assisté d'un échevin, de se présenter *de force* chez les réformés malades». São conhecidas as tentativas sobre Voltaire, que fracassaram ruidosamente. «Laissez-moi mourir en paix», respondia êle ao cura de Saint-Sulpice, encarregado de conseguir dêle uma retratação ou desmentido da sua obra. O mesmo cura insistiu também junto de Diderot, que manteve igual firmeza na morte.

«Cela ferait un si bel effet dans le monde!», suplicava o cura.

«Mais avouez que ce serait un impudent mensonge», replicava o filósofo.

Depois destas seguem-se muitas outras tentativas, entre as quais convém lembrar as feitas junto de Louis Blanc, Raspail, Michelet, Quinet, Victor Hugo, Waldeck-Rousseau, Renan, sendo as mais notáveis, pela sua insistência e categoria dos enviados de Deus, as de Lamennais e Claude Bernard, êste último vigiado noite e dia pelo Padre Didon, bem conhecido pela sua eloquência e erudição.



Ao pararmos junto à sua residência, e como eu não quisesse subir, Teófilo pediu-me, com manifesto empenho, que relatasse o que acabava de expor-lhe, visto que no jornal e no livro continuava a lenda da conversão de Littré.

—É um grande serviço à verdade e um acto de justiça que presta à grande memória de Littré. Eu de bom grado o faria, mas o tempo que me resta de vida mal chegará, decerto, para concluir o meu testamento literário.

Aceitei o encargo, declarando, ao mesmo tempo, que preparava um livro—*Tentações do Diabo*, onde englobaria êste e outros casos, que se prendiam com a intervenção da Igreja à cabeceira dos moribundos.

Aproveitei a boa disposição do escritor para lhe solicitar duas linhas, que serviriam de prefácio. Teófilo acedeu com viva satisfação.

Infelizmente a Guerra, que já estava desencadeando os seus horrores, não perturbou apenas os profissionais das armas. Abalou todas as nações que nela entraram, sem esquecer as suas instituições de cultura, que forneceram também soldados para o grande conflito, dos quais alguns recolheram aos cárceres. De maneira que nem eu concluí ainda o livro, nem Teófilo Braga chegou a dar-me as tais palavras de abertura.

No entanto, aí fica desempenhado, em parte, o compromisso que tomei nessa noite de 26 de Novembro de 1916, subindo a calçada da Estrêla, em direcção à Travessa de Santa Gertrudes, onde, infelizmente já não mora êsse que foi amigo e Mestre de sucessivas gerações académicas, e que será sempre uma das maiores glórias de Portugal.

\*

A fim de valorizar e esclarecer, de certo modo, as considerações feitas acima, aqui registamos uma das cartas que Teófilo Braga escreveu a Littré. Falta a data, mas ela é, certamente, posterior à primeira carta do filósofo francês, publicada na colectânea *Quarenta annos de vida litteraria*, a que nos referimos no início dêste modesto trabalho, de reparação histórica.

Segue o interessante documento, comunicado pelo seu e meu erudito amigo Alvaro Neves, zeloso organizador dêste *In Memoriam*.

Monsieur.

J'ai l'honneur de vous écrire au lieu de mon cher ami Vasconcelos d'Abreu, qui est encore beaucoup malade; et je vous écris aussi à cause de vos généreuses expressions envers moi à propos de la tendance philosophique à laquelle mon esprit est graduellement arrivé par l'étude du Droit et de l'histoire des Littératures jusqu'à se trouver pleinement dans la

discipline positive. Ce qui Mr. Littré dit a pour tout homme sincère le pouvoir de lui communiquer la force morale et dans cette nouvelle et définitive affirmation de la science moderne, dans cette époque où la tradition nous combat par l'inertie, il faut quelques fois avoir des relations personnelles avec ces intelligences supérieures, de même que Antée touchait la terre pour recouvrer ses forces. Mais l'intention de cette lettre est de faire part à Mr. Littré, que son idée de publier dans la *Revue de Philosophie positive* un léger compte rendu de nos efforts pour la propagation de la doctrine de Mr. Comte en Portugal sera toujours pour nous la plus haute distinction, et principalement un moyen de réunir nos peu travailleurs autour de la même aspiration philosophique.

Vous avez, Monsieur, de la raison, quand vous montrez vos appréhensions de parler du positivisme d'un pays qui a refusé dans son Académie des Sciences de Lisbonne Mr. Renan comme associé correspondant, et surtout de compromettre ceux qui professent la doctrine positive dans un établissement d'instruction du gouvernement. Il est aussi certain que ces manifestations du retardement intellectuel de mon pays s'expliquent naturellement par la profonde inertie qui règne dans tout ordre d'idées ici; et par conséquence on peut impunément être révolutionnaire ou retardataire mais qu'on ne fasse pas de l'apparat. Vous pouvez, Monsieur, parler de notre petite pleiade positiviste comme il bien vous semblera, parce que nous soutenons à travers tous les attaques la discipline positive, qui est la santé de l'intelligence dans son harmonie avec la conscience. Voici les conditions dans lesquelles est paru en Portugal la Philosophie positive. Depuis le <sup>xii</sup><sup>ème</sup> siècle jusqu'au <sup>xvi</sup><sup>ème</sup> siècle a dominé en Portugal l'aristotélisme *averroïste*; au milieu du <sup>xvi</sup><sup>ème</sup> siècle les jésuites ont monopolisé l'instruction publique, et à l'*averroïsme* s'est succédé l'aristotélisme *alexandriste*, en gaspillant toute notre force intellectuelle dans le casuisme moral et dans les rêveries malades d'un théologisme à outrance. Voyez par ce petit tableau des œuvres publiées au <sup>xvi</sup><sup>ème</sup> siècle en Portugal l'histoire de notre activité intellectuelle:

Théologie et Mystique. . . . .	391 volumes
Histoire, Voyages, Relations . . . . .	100 »
Littérature . . . . .	142 »
Sciences naturelles et exactes . . . . .	45 »
Polygraphie, Humanités, etc . . . . .	94 »
Droit, Législation. . . . .	58 »

La Théologie a dissipé notre intelligence. Quand nous sortimes de ce régime bestialisant, la Métaphysique nous a attrapés après les réformes de Pombal. Non la Métaphysique hegelienne ou schlegilienne, mais cette métaphysique qui est une évolution naturelle de l'état théologique, c'est la que domine encore aujourd'hui en Portugal, en procurant se concilier avec le catholicisme et avec la science et la morale publique; par cette manière l'Université de Coimbre est absolument métaphysique dans ses Facultés de Droit, de Médecine, et de Physique et Chimie, et malgré tout les professeurs ignorent les systèmes métaphysiques allemands. Dans le Cours

Supérieur de Lettres le Gouvernement a institué il y a peu d'années une chaire de Philosophie transcendante, c'est-à-dire de la quintessence de la Métaphysique. Je professe l'Histoire des Littératures neo-latines dans cet établissement scientifique; dans l'année de 1872-1873, le conseil du Cours m'a nommé pour la régence temporaire de la chaire de Philosophie transcendante. Or j'avais déjà pressé de moi toutes ces toiles d'araignées, et je ne pouvais sans manquer de probité revenir sur un état de mon esprit déjà passé. Alors j'ouvris mes leçons par un Cours d'Esthétique positive, que j'ai organisé en m'efforçant pour compléter cette partie de la Sociologie pas encore systématisée. L'Esthétique a été créée par la Métaphysique, mais aussi la Métaphysique paralysée dans ses questions absolues; j'ai abordé le problème en développant selon les principes positivistes le problème de la création artistique et de sa destination sociale.

La plupart de mes leçons est écrite, et je désirerais bien exposer à Mr. Littré la méthode par laquelle j'ai cherché constituer l'Esthétique positive.

Au commencement de l'année de 1874 le conseil du Cours m'a nommé nouvellement pour la régence de la chaire de Philosophie transcendante; cette fois j'ai abordé l'œuvre de Mr. Comte, et malgré la médiocrité des auditeurs et l'exiguïté du temps, j'ai pu traiter les problèmes suivants: De la méthode philosophique — Classification des connaissances humaines — De la conception du monde extérieur selon l'état théologique, métaphysique et positive — De l'âme selon la tradition théologique jusqu'à rentrer dans le domaine de la Biologie —. Constitution de la science sociologique, et des préliminaires sur l'idée générale de l'Histoire, du Droit, de la Morale, Industrie, Economie et de l'Art. Tels ont été les problèmes traités dans quinze leçons; si Mr. Littré veut honorer nos efforts en les citant dans la Revue, peut bien le faire sans égards ni contemporisations pour ce milieu scientifique qui est tombé dans la morte inertie.

Ce qui vit vainquera ce qui est mort, comme la nature nous montre chaque jour. En terminant je vous avoue le grand plaisir qui est pour moi de m'adresser à l'homme pour qui l'Europe a plus de respect par son travail et par son caractère, et dans l'avenir il sera toujours pour moi un noble orgueil d'avoir eu des relations avec le grand Littré.

Tout à vous,

*Theophilo Braga.*

Notável por mais de um título, o documento acima, se por um lado revela o atraso mental dos portugueses em relação aos problemas científicos que, nessa altura, agitavam o mundo culto, mostra, por outro, a independência concedida aos professores na organização dos programas e regência dos cursos, perante os quais se debatiam êsses ou outros problemas, que hoje dificilmente compreendemos num Estado cuja religião oficial era o catolicismo.

Coimbra, 7 de Fevereiro de 1928.

*Tomás da Fonseca.*



REPRODUÇÃO DE UM DESENHO A PENA,  
INÉDITO, DE J. C. RIBEIRO.







# DOUTOR TEÓFILO BRAGA

## BIO-BIBLIOGRAFIA

### GENEALOGIA



A genealogia do eminente historiador da literatura, exemplar cidadão e glorioso Presidente do Governo Provisório da República Portuguesa, o Doutor Joaquim Teófilo Fernandes Braga, tem conhecida origem em D. Diniz, monarca amante das letras, e em D. João V o benemérito protector da Academia de História. Antepassados de nobre estirpe e notáveis individualidades ornaram as páginas do canhenho de sua fidalga linhagem.

Júlio de Matos, o mestre-psiquiatra, perguntava em 1893:

Como é que, a despeito das hostilidades, do meio e das fatalidades da sorte, pôde este homem, que apenas conta cinquenta anos (1893), produzir uma obra que, partindo da poesia, com a publicação das *Fóllhas Verdes*, em 1859, sucessivamente abrangeu o direito, a história, as religiões, a política, as tradições populares e os sistemas filosóficos? Porque estranho processo de auto-estimulação pôde elle, perseguido e pobre, manter durante trinta e cinco anos numa inalterável frescura, o seu trabalho literário dentro de uma sociedade sem corrente de ideias e sem interesses superiores?

A integral solução deste problema de psicologia concreta não pôde ser tentada sem o conhecimento, que eu infelizmente não possuo, da história ancestral do eminente escritor.

As vocações, com efeito, não são produtos casuais das circunstâncias, nem resultados de uma determinação voluntária, mas invencíveis destinos que só a hereditariedade explica. Nascem fadados, diziam os antigos, a respeito dos homens de génio como dos loucos e dos delinquentes.

Rejeitando a interpretação teológica, a psicologia actual aceita, contudo, a concepção implícita naquele termo, reconhecendo a hereditariedade, a força que a gera, os candidatos à alienação mental e ao crime, como à glória artística e científica. Ao lado, com efeito, do psico-nervótico, do criminoso ocasional e do simples homem de habilidade, tipos médios, que as influências físicas, económicas e educativas podem quasi completamente explicar, há o degenerado, o criminoso nato e o génio, seres de excepção que somente pela hereditariedade podem interpretar-se. E é por isso que eu neste momento lastimo a minha absoluta ignorância sobre os ascendentes de Teófilo Braga.

Conhecidos êles, é possível que eu conseguisse explicar a extraordinária e complexa fisionomia moral do escritor, cujo combinado trabalho frutificadamente assombra quantos têm conhecimento desta dormente sociedade portuguesa.

Todavia, Teófilo Braga com justificada curiosidade ia monteando documentos contributivos para conhecimento de sua ascendência. Em Outubro de 1922 escrevia a seguinte missiva:

Minha prezadíssima prima e tia D. Eugénia Violante da  
Câmara Albuquerque:

Foi com muito prazer que recebi a estimadíssima carta de 6 de Setembro findo, por saber que ainda gozava invejável saúde. Pelo conteúdo dessa carta, sei que se trata de celebrar o centenário do dr. Gaspar Frutuoso, homenagem que todos nós, os açoreanos, devemos ao homem incansável, que organizou e reuniu as bases para o conhecimento histórico do arquipélago açoreano. Um dos primeiros objectivos deve ser um trabalho biográfico dêsse fecundo espírito e, em seguida, a publicação, em formato monumental, do texto da opulenta obra *Saúdades da Terra*.

Eu tenho em meu poder os seguintes manuscritos, que a prezadíssima prima me confiou, há diversos anos:—Cópia do livro atinente à Ilha de Santa Maria, do dr. Gaspar Frutuoso; um volume sobre os *capitães-donatários dos Açores*, com um apênsio, escrito no princípio do século xix; numerosas cópias, em folhas soltas, dos documentos de natureza administrativa e jurídica, extraídos de vários cartórios de paróquias e municípios. Além das espécies referidas possuo numerosas folhas de apontamentos genealógicos dos Câmaras e Albuquerque, trabalho de meu tio Manuel Barbosa da Câmara e Albuquerque, em que fica estabelecida a nossa ascendência das de João Soares de Albergaria, filho de Teresa Velho, irmã de Gonçalo Velho Cabral, descobridor do arquipélago dos Açores. Casou-se, em 1492, com D. Branca de Sousa, neta do conde-prior e bisneta de Lopo Dias de Sousa, mestre da Ordem de Cristo, a que, com o seu opulento tesouro, deu base para os descobrimentos geográficos, realizados pelos comendadores desta gloriosa Ordem de Cavalaria.

Tenho estudado estes documentos com interesse histórico e literário, chegando a alguns resultados, que muito glorificam esta linha genealógica,

a qual se prende aos trovadores da côrte do rei D. Diniz e aos poetas palacianos das côrtes de D. Afonso V e D. João II, cujas obras se lêem hoje no *Cancioneiro da Vaticana* e no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende.

Com todo o gôsto, entrego todos êsses papéis para um fim tam nobre como é a homenagem projectada; espero, a cada momento, que o dr. Manuel Monteiro Velho Arruda, digno médico em Vila Franca do Campo, me indique a maneira mais segura para a remessa de documentos tam importantes, parecendo-me, desde já, que o melhor seria apontar qualquer pessoa da sua confiança, aqui em Lisboa, para lhos entregar de mão, e sem perigo.

Aproveito esta ocasião para participar à minha Ex.<sup>ma</sup> prima que me acho à distância de dias da encantadora idade dos oitenta anos, o que, não sendo vulgar, é também uma glória. Neste ano, completei cinqüenta de magistério, festival a que se dá o nome de Bodas de Ouro; foram celebrados por entusiásticos estudos dos meus antigos alunos das diversas gerações escolares, que passaram diante de mim, desde 1872 a 1922. Neste relógio da vida, não tenho corda para larga actividade e vou colhendo as velas ao meu baixel, para poder, em pôrto seguro, apodrecer sôbre a amarra.

Desejando à Ex.<sup>ma</sup> prima todas as felicidades que merece, e pela simpatia do mesmo sangue, sou sempre admirador grato.—*Theophilo Braga*.

Perante a supracitada e elucidativa documentação o médico-linhagista Manuel Arruda organizou um *esbôço genealógico* de Teófilo. Êsse estudo foi enviado ao Dr. José Bruno acompanhado de carta (datada de Vila Franca do Campo, de Janeiro de 1925), na qual declara:

O que se diz sôbre a genealogia materna está garantido visto tratar-se de assuntos sôbre que tenho feito estudos e assentar sôbre os documentos dos arquivos. Da parte paterna, escrevo o que o pai do Dr. Teófilo Braga afirmou ao filho Luís Gonzaga Fernandes Braga, e êste transmitiu ao Sr. José Pedro da Costa e a sua familia.

Na referida carta do autor do esbôço há um parágrafo digno de registo:

Não será fora de propósito explicar que, na ascendência materna e colateral, especialmente no ramo do morgado Larache, existem certas psicopatias em alguns dos seus membros; isto, de alguma forma, explicará certas obsessões, que o escritor (Teófilo Braga) apresentou, desde a infância, como, por exemplo, a perseguição da madrastra, a fobia do clero e da casa real.

Afirmada a veracidade dos parentescos, o Dr. José Bruno deu publicidade no *Correio dos Açores* (1 de Fevereiro de 1925) ao labor do Dr. Manuel Arruda antecedido das preditas cartas. Cartas e esbôço foi,



por Fran Paxeco republicado em opúsculo com o título: *Sobre Teófilo Braga*.

Passado um triénio o erudito investigador açoreano Sr. António Ferreira de Serpa publicou em *O Século* desenvolvida notícia genealógica, intitulada: *Teófilo Braga, descendente de reis pelo lado paterno e materno*. Observa-se ter sido essa notícia baseada no esboço anteriormente reimpresso, conquanto seja muitíssimo desenvolvida.

Marginando êsses labores de Monteiro Arruda e Ferreira de Serpa, com nótulas apostas por simples curiosidade, encorpora-se no *In memoriam do Doutor Teófilo Braga* a sua geneologia como subsídio para o estudo psicológico.

## ESCÓLIOS TEOFILIANOS

### ASCENDENTES PATERNOS

1—DOM JOÃO V—Era de estatura proporcionada e elegante, olhos grandes e pardos, nariz quasi aquilino, lábios grossos, de um forte relêvo sensual (cf. José Barbosa, *Elogio histórico dos senhores reis de Portugal*, p. 171). Fisicamente era ágil, desembaraçado e robusto (cf. *Hist. Gen.*, VIII, 321).

Além dos Meninos de Palhavã «é fama haver o monarca freirático tido outros filhos das suas muitas aventuras amorosas» (cf. Benevides, *Rainhas de Portugal*, II, p. 153).

São muito incompletas as notícias que se referem à origem dos bastardos de D. João V (cf. Alberto Pimentel. *As amantes de D. João V*, p. 131). Assim, em Maria de Jesus, mulher de Tomé Dias, houve a:

2—JOSÉ DÂMASO DAS NEVES—«Irmão do arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança (Menino de Palhavã), infante e filho bastardo, legitimado, de D. João V. Segundo a tradição na família de Teófilo, José Dâmaso é também filho bastardo, mas não legitimado, de el-rei D. João V.» Isto escreveu Manuel Arruda no seu *Esboço genealógico*. Feita a necessária inquirição ficou apurado o seguinte: No livro seis de *Baptismos* da paróquia de São Sebastião da Pedreira, fl. 58, encontrei o assento feito a 18 de Dezembro de 1726, do nascimento de José Dâmaso, «filho de Tomé Dias e de sua mulher Maria de Jesus». «Aos 29 de Abril de 1726, nesta paroquial igreja de São Sebastião da Pedreira», casou «Tomé Dias, baptizado na freguesia de S. Gregório do lugar de Cabanas na vila de Tôrres Vedras, termo de Alenquer, filho de Felipe Dias e de Teodósia Nunes, com Maria de Jesus, filha de Nicolau Cardoso e Simoa Francisca, baptizada nesta freguesia em que são ambos moradores». Analisando as datas supracitadas verifica-se que José Dâmaso nasceu sete meses e dezóito dias após o casamento dos pais nominativos. São demasiado omissos os registos paroquiais da época para se identificar a posição social de Tomé Dias. Todavia é aceitável a hipótese de o casamento ter por fim cobrir os amores régios.

«Aos 2 de Junho de 1729 faleceu Tomé Dias, casado com Maria de Jesus, e foi sepultado nesta igreja de São Sebastião da Pedreira na casa dos irmãos do Senhor». Isto é: quando morreu tinha o filho dois anos e meio.

Tomé Dias não deve pertencer «à numerosa confraria dos pais acomodaticios», na frase do escritor Alberto Pimentel. (*ob. cit.* p. 142).

No arquivo de São Vicente o conservador sr. Avelino de Sousa facultou-me o livro seis de *Casamentos* da citada paróquia, onde, a fl. 59 verso, se verifica que em 6 de Outubro de 1753, «na ermida desta quinta no sítio das Laranjeiras» se casou «José Dâmaso, baptizado e morador nesta freguesia, filho de Tomé Dias (natural de Alenquer), já defunto, e de sua mulher, Maria de Jesus, com Teresa Maria, natural de Aldealega<sup>1</sup>, termo de Sintra, freguesia de São Domingos de Rana, filha de Francisco Pedroso e de sua mulher, Maria Pedroso». Dêste matrimónio houve:

- a) JOSÉ MARIA DAS NEVES—Nascido a 17 de Setembro de 1759, em São Sebastião da Pedreira, de Lisboa, e casou em Braga, a 16 de Janeiro de 1780, com Francisca Eufrásia, filha de João da Silva Pereira, escrivão do eclesiástico.
- b) ANTÓNIO JOSÉ DAS NEVES—Natural da Sé de Braga, onde nasceu a 10 de Fevereiro de 1764, e casou a 31 de Dezembro de 1785, com Isabel Maria, filha de Francisco Ferreira, da Rua dos Biscainhos. À data dêste casamento, já a mãe de António José era falecida.

Alguns dêstes informes devemos às investigações realizadas pelo sr. Dr. Alberto Feio, director da Biblioteca Pública de Braga, que ali encontrou também o seguinte registo: «José Dâmaso das Neves, criado de S. A. o Arcebispo e viúvo que ficou de Teresa Maria de Jesus, natural da freguesia do Salvador (aliás São Sebastião) da Pedreira da cidade de Lisboa, e assistente na Rua do Campo dos Touros» da freguesia da Sé da cidade de Braga, realizou segundo matrimónio naquela igreja, em 20 de Maio de 1786, com D. Maria Antónia Caetana, viúva que ficou de Bento Ribeiro Freire, de Ponte do Lima.

Aos dois filhos do primeiro casamento, acresce:

- 3—MARIA TERESA DE SÃO JOSÉ DAS NEVES—Casou com Henrique José Fernandes da Graça, filho de Manuel Fernandes da Graça, bastardo dos Mendanhas, fidalgos de Barcelos, e de D. Francisca Teresa Duarte, de Braga (cf. Arruda, *Esboço*). Dêste matrimónio houve:
- 4—JOAQUIM MANUEL FERNANDES BRAGA—*Pai de Teófilo Braga*. Por diligência do escritor Fran Paxeco, discípulo e amigo do Doutor Teófilo Braga, aqui se arquiva a seguinte certidão:

O bacharel Alberto Feio Soares de Azevedo, director do Arquivo Distrital de Braga,—certifica que, tendo sido requerida verbalmente certidão de teor do registo de nascimento de Joaquim Manuel Fernandes Braga, filho de Henrique José Fernandes da Graça e de Dona Maria Teresa das Neves, se procedeu à necessária busca, e, na secção do Registo Civil, no livro de nascimentos, número seis, a fôlhas cento e quarenta e seis, verso, da freguesia de Santa Maria da Sé desta cidade, foi encontrado o registo referido, cujo teor é, *verbo ad verbum*:—Joaquim Manuel, filho legítimo de Hen-

rique José Fernandes e de sua mulher, Teresa Maria, digo Maria Teresa de São José, moradores na Rua da Cónega, limite desta freguesia, foi por mim solenemente baptizado nesta Sé, no dia onze de Janeiro do presente ano de mil oitocentos e quatro, e também lhe pus os Santos Óleos; nasceu no dia nove do dito mês e ano; avós paternos, Manuel Fernandes da Graça, já falecido, e Francisca Teresa Duarte, da mesma rua; avós maternos, José Dâmaso das Neves e Maria de Jesus, já defuntos, e moradores que foram nesta freguesia; padrinho, o reverendo beneficiado João Joaquim de Sá Vale, da Rua de São João, freguesia de São João de Souto, desta cidade; madrinha, Nossa Senhora do Carmo, e lhe pôs a sua coroa seu tio paterno, o beneficiado Domingos José Fernandes, da mesma rua; e, para constar, fiz êste assento, que assino, era, dia, mês, e ano *ut supra*.—Diogo José Correia, vigário da Sé Primaz. À margem, contém a seguinte nota:—Avó materna é Teresa Maria Jesus.—*Cunha*.—E nada mais se continha no referido registo, de que se passa a presente certidão, que vai selada com o sêlo branco dêste Arquivo.—Arquivo Distrital de Braga, 28 de Abril de 1928.—O Director, *Alberto Feio Soares de Azevedo*.—Reconheço a assinatura supra de Alberto Feio Soares de Azevedo.—Braga, 1 de Maio de 1928.—A notária ajudante, *Cristina Gualtieri*.

#### ASCENDENTES MATERNOS

##### DA AVÓ

5—DOM AFONSO III—De seu régio casamento (1253) com Dona Brites ou Beatriz de Guillon, filha de Afonso X de Castela, sepultada no mosteiro de Alcobaça, em 1304 (cf. *Hist. Gen. da Casa Real*, 1, p. 172), nasceu:

6—DOM DINIS—Homem «entendido, de ânimo grande, liberal, amigo da verdade e da justiça, favorecedor das sciências, e boas letras, a que teve notável propensão, o que lhe facilitava o sublime do seu engenho, especialmente na poesia, em que compôs com primor, sendo naquele tempo excelente poeta, e foi o primeiro, que em Espanha, e na língua portuguesa compôs versos em rimas e nela fez traduzir alguns livros (cf. *Hist. Gen.*, 1, 196).

Teófilo escreveu: «... deu largas às suas predilecções, cultivando como seu avô e seu sogro a poesia com um talento excepcional, tornando-se o principal trovador português pela sua fecundidade, 138 *Canções* conhecidas, e pelo sentimento delicado e finamente artístico (cf. *Hist. Lit. Port. Edade Média*, p. 231).

Apaixonou-se veementemente por «Aldonsa de Sousa Telha, da Galiza que era filha de Dom Rui Gomes Telha e de sua mulher, Maria Gil. Os nobiliários chamam infançona a esta Mãe de Afonso Sanches» (cf. F. Serpa *loc. cit.*). Maria Gil ou Teresa Gil (?) segundo a *Historia Genealogica* (cf. 1, p. 237). Dêstes amores nasceu:

7—DOM AFONSO SANCHES—«Conde, mordomo-mor do rei seu pai, e senhor de muitas terras. Dom Dinis tinha muita predilecção por êste filho». Casou com Teresa Martins de Meneses, «filha de Dom João Afonso de Meneses, senhor de Albuquerque, conde de Barcelos, alferes-mor do reino e de sua mulher, Teresa Sanches, bastarda de D. Sancho IV de Castela» (V. F. Serpa, *loc. cit.*). Afonso

Sanches nasceu em 1286 e morreu em 1329. Seu túmulo está no Mosteiro de Santa Clara, em Vila do Conde, de que foi fundador.

«No *Cancioneiro da Vaticana* existem quinze canções de Dom Afonso Sanches extremamente deturpadas; ainda assim conhece-se que tinha um elevado sentimento poético e que compreendia a beleza das formas populares (cf. T. Braga, *Hist. Lit. Port. Edade Média*). Dêstes houve a:

- 8-DOM JOÃO AFONSO DE ALBUQUERQUE—«Por alcunha o do *Ataúde*, mordomo-mor de Dom Afonso, o último, de Castela». Casou com Isabel de Meneses, «filha de Dom Telo Afonso, filho do infante Dom Afonso de Molina e de sua mulher, Maria de Portugal, filha do infante Dom Afonso, irmão do rei Dom Dinis» (cf. F. Serpa, *loc. cit.*). Dêste escelso matrimónio não houve geração, mas (João Afonso) teve bastardo sem Maria Rodrigues Barba (cf. *Hist. Gen.*, 1, p. 241), entre os quais:
- 9-DOM FERNANDO AFONSO DE ALBUQUERQUE—«Mestre da Ordem de Santiago, embaixador de Dom João I, em Londres, onde houve de uma inglesa, de nome Laura, duas filhas, Ave e Teresa (cf. F. Serpa). Foi senhor de Vila Nova de Anços e alcaide-mor da Guarda. Pessoa de grande autoridade e merecimentos (cf. *Hist. Gen.*, 1, 234). Dêstes descende:
- 10-D. TERESA DE ALBUQUERQUE—Casou com Vasco Martins da Cunha, o *Velho*, senhor de Tava, Pinheiro e Angeja, e outras terras, de quem foi segunda mulher, tendo entre outros filhos a (cf. *Hist. Gen.*, 1, 244):
- 11-D. ISABEL DE ALBUQUERQUE—Casou com Gonçalo Vaz de Melo, senhor da Póvoa e de Castanheira. Gonçalo Vaz de Melo, o *Moço*, foi alcaide-mor de Évora (*V. Hist. Gen.*, 1, 251). Houve a:
- 12-D. LEONOR DE ALBUQUERQUE—Casou «com João Gonçalves de Gosmide. Foi assassinada pelo marido e êste, que era alcaide de Óbidos, foi sentenciado a ser degolado, o que se cumpriu em Lisboa» (cf. F. de Serpa). João Gonçalves, senhor de Vila Verde, foi escrivão da puridade de Dom João I e de D. Duarte (cf. *Hist. Gen.*, 1, 252 e Baião—*Alguns ascendentes de Albuquerque e o seu filho*). Era avô de Afonso de Albuquerque, o célebre navegador. Houveram a:
- 13-PEDRO DE ALBUQUERQUE—«Por alcunha o *Azeite e Vinagre*. Casou com Guiomar de Sampaio (*V. F. Serpa*). Pedro era primo de Afonso de Albuquerque, e sua mulher, prima de Nuno da Cunha, governador da Índia. Descende de Pedro de Albuquerque:
- 14-FRANCISCO DA CUNHA DE ALBUQUERQUE—«Rui Gonçalves da Câmara, capitão de São Miguel, entre outros filhos naturais que teve, houve uma filha chamada Beatriz da Câmara, a qual casou com um fidalgo de Portugal chamado Francisco da Cunha (filho de Pedro de Albuquerque) etc... Rui da Câmara é filho de João Gonçalves Zarco, descobridor da Madeira (cf. *Esbôço*). Dêles descende:
- 15-GUIOMAR DA CUNHA—Casou com João Soares de Sousa. 3.º capitão donatário da ilha de Santa Maria (*V. Arruda, Esbôço*).  
(Segue êste ramo no n.º 24).

#### Do avô

- 5-DOM AFONSO III—Pai de Dom Dinis, houve em mulher desconhecida a:
- 16-INFANTA DONA URRACA AFONSO—Casou com Dom João Mendes de Briteiros. «O conde Dom Pedro dá a esta senhora por primeiro marido a D. João Mendes



de Briteiros, de que nasceu Gonçalo Annes de Berrêdo em quem continua a geração» (cf. *Hist. Gen.*, I, 179):

- 17-DOM GONÇALO ANNES DE BERRÊDO—Casou com Sancha de Guzmán, dos quais desce:
- 18-MARIA GONÇALVES DE BERRÊDO—Casou com Dom Rui Vasques Pereira (V. F. Serpa). Houveram a:
- 19-CONSTANÇA RODRIGUES PEREIRA—Casou com Diogo Afonso de Figueiredo (cf. F. Serpa e Marquês Jácome Correia, *História da descoberta das ilhas*, p. 209). Constança casou primeiro com seu primo Gonçalo Garcia de Figueiredo. Diogo Afonso foi vedor do infante Dom João, irmão do rei Dom Fernando I, tendo ensinado o infante a matar Dona Maria Teles, sua mulher. Em sua geração houve a:
- 20-DONA URRACA N. PEREIRA DE FIGUEIREDO—Casou com Alvaro Gil Cabral (cf. F. Serpa). No quadro genealógico publicado pelo Marquês Jácome Correia na *História da descoberta das ilhas*, cita: «D. ? de Figueiredo» (p. 209) e poucas páginas adiante, no quadro do parentesco dos Velhos com a casa de Bragança, escreveu: «uma filha dos anteriores casou com Álvaro Gil Cabral, alcaide-mor da Guarda» e senhor de Belmonte. Álvaro Gil foi por Dom João I investido na alcaidaria da Guarda «transmitindo-lhe os direitos que anteriormente exercia no território o conde Dom Enrique». Tomou parte na batalha de Aljubarrota. Jaz na Sé Velha de Coimbra. Dêste matrimónio houve a:
- 21-MARIA ÁLVARES CABRAL—Casou com Fernão Velho, «país de Frei Gonçalo Velho, o descobridor e colonizador dos Açôres» (cf. Arruda, *Esbôço*). Os propriamente Velhos destacam-se na nobreza portuguesa entre os trovadores trecentistas, e entre os senhores de coutos e honras da província de Além-Douro (Minho) (cf. Marquês Jácome Correia, *História da descoberta das ilhas*, p. 209). Do supracitado casamento houve entre os filhos: D. Violante Velho Cabral e D. Teresa Velho Cabral, ascendentes, respectivamente, do avô e da avó materna do Doutor Teófilo Braga. Houveram a:
- 22-TERESA VELHO CABRAL—Casou com Fernão Soares de Albergaria (cf. Arruda). Fernão era descendente de Payo Delgado, cavaleiro do tempo de Afonso Enríques, a quem acompanhou na conquista de Lisboa e aonde fundou a igreja de São Bartolomeu. Tiveram a:
- 23-JOÃO SOARES DE ALBERGARIA—«Segundo donatário das ilhas de São Miguel e Santa Maria, fidalgo da Casa Real, que se casou a 20 de Junho de 1492, na cidade de Lisboa, por mandado de el-rei Dom João II, com D. Branca de Sousa Falcão, filha de João de Sousa Falcão, o *Captivo*, e D. Mécia de Almada, parenta do célebre poeta Cristóvão Falcão e (prima-coirmã) do conde de Abranches. D. Branca era donzela da senhora D. Filipa, tia da rainha Dona Leonor e bisneta de Lopo Dias de Sousa, filho de D. Maria Teles e de Álvaro Dias de Sousa, descendente de Afonso III, rei de Portugal (cf. Arruda, *Esbôço*; F. de Serpa, e V. Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga*, I, tábuas v. Dêste matrimónio houve a:
- 24-JOÃO SOARES DE SOUSA—Terceiro capitão donatário da ilha de Santa Maria, fidalgo da Casa Real, com brasão de armas, passado a 18 de Junho de 1527, o qual se casou com D. Guiomar da Cunha (V. n.º 15), filha de Francisco da Cunha de Albuquerque, de que trata Garcia de Resende, na sua *Crónica de D. João II*, e D. Brites (ou Beatriz) da Câmara, filha bastarda de Rui Gonçalves da Câmara,

terceiro capitão donatário da ilha de São Miguel, e filho de João Gonçalves Zarco, descobridor da Madeira (cf. Arruda, *Esbôço*). Seu filho:

- 25—NUNO DA CUNHA—Que se casou, na ilha de São Miguel, com D. Francisca Ferreira, filha de Sebastião Lôbo e de Leonor Ferreira (cf. Arruda, *Esbôço*). Houve a:
- 26—JOÃO SOARES DE SOUSA—Moço fidalgo, natural da ilha de São Miguel, que se casou, na vila do Pôrto, com Filipa da Cunha, filha de Fernão Monteiro de Gamboa e D. Branca de Sousa, filha de Heitor Gonçalves Minhoto. Dêste casamento nasceu:
- 27—MANUEL DA CÂMARA ALBUQUERQUE—Moço fidalgo da Casa Real, que se casou com a Marquesa de Meneses, filha de Fernão de Andrade Velho e de Jordoa de Sousa Faleiro, filha de Álvaro de Sousa Falcão (cf. Arruda, *Esbôço*). Houveram a:
- 28—JOÃO SOARES DE SOUSA—Que se casou, em 20 de Maio de 1643, na matriz da vila do Pôrto, com D. Ana de Melo, viúva de Pedro Soares de Sousa, sexto capitão donatário da ilha de Santa Maria e filha do capitão sargento-mor Francisco Nunes de Melo (cf. Arruda, *Esbôço*). Houve a:
- 29—MANUEL DA CÂMARA ALBUQUERQUE—Capitão-mor, que se casou com D. Inês de Chaves, filha de Estêvão Gonçalves de Resende e Ana de Melo. (cf. Arruda, *Esbôço*). Houve a:
- 30—JOÃO SOARES DE SOUSA [ALBUQUERQUE]—Sargento-mor «que casou, na ermida de Nossa Senhora da Boa Nova, na vila do Pôrto, a 15 de Outubro de 1709, com D. Bernardina Margarida da Conceição Fragoso Delgado, filha do capitão-mor Manuel Fragoso Delgado e D. Mariana de Carvalho. Tiveram filhos, entre os quais: o capitão João Bernardo de Sousa e Albuquerque, que se casou com D. Bernarda Antónia do Canto Côrte Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, morgado, administrador do vínculo instituído por seu tio, o padre Manuel Delgado Fragoso, hoje representado pela família Canto e Albuquerque, da ilha de Santa Maria e do morgado Diogo Tavares do Canto, da Ribeira Grande; e D. Francisca Tomásia da Câmara Albuquerque, casada com o capitão Luís Manuel da Silveira Estrêla, morgado, morador na vila da Ribeira Grande, hoje representado pela família Silveira Estrêla, da qual faz parte o Dr. Luís Bernardo Leite de Ataíde. (cf. Arruda, *Esbôço*).
- 31—BERNARDO SOARES DE ALBUQUERQUE—Que se casou, a 27 de Março de 1765, em S. Pedro da ilha de Santa Maria, com D. Simiana Francisca Coutinho, bisneta do sargento-mor João Falcão de Sousa, fidalgo de geração, herói do castelo de São João Baptista da ilha Terceira, 1641 (cf. Arruda, *Esbôço*). Dêles descendem:
- 32—D. JOANA TOMÁSIA DA CÂMARA ALBUQUERQUE—Que se casou, em 21 de Janeiro de 1797, com Manuel Barbosa Pacheco, neto de Joaquim de Andrade de Sousa, morgado do Serrado, vínculo instituído em 1583 por Baltasar Velho de Andrade, fidalgo do Pôrto (cf. Arruda, *Esbôço*). Sua filha:
- 33—D. EUGÉNIA VIOLANTE SOARES DE ALBUQUERQUE—Casou com Inácio Manuel da Câmara, em 25 de Agosto de 1814. D. Eugénia nasceu a 14 de Outubro de 1798 e morreu a 17 de Março de 1829, tendo sido sepultada na igreja dos frades de São Francisco. Houve a:
- 33—A—D. MARIA JOSÉ DA CÂMARA ALBUQUERQUE—Mãe de Teófilo Braga.

## Do avô

- 21—FERNÃO VELHO—E de Maria Álvares Cabral «já citados (V. n.º 21) nasceu outra filha chamada Violante Velho Cabral» (cf. F. Serpa).
- 34—VIOLANTE VELHO CABRAL—Casou com Diogo Gonçalves de Travassos, aio dos filhos do infante D. Pedro, sepultado no mosteiro da Batalha, junto da capela do fundador, Dom João I (cf. Arruda, *Esbôço*). Diogo Gonçalves foi escrivão da puridade e companheiro de armas de Dom João I.
- 35—NUNO VELHO CABRAL—Casou com África Anes, sua segunda mulher. Nuno, que veio de Portugal, com seu tio frei Gonçalo Velho, foi dos primeiros povoadores das ilhas de Santa Maria e São Miguel (cf. Arruda, *Esbôço*). África Anes era já viúva. Houveram a:
- 36—DUARTE NUNES VELHO—«Fidalgo da Casa Real, cavaleiro do hábito de Santiago, instituidor do vínculo de Larache, no sítio da Praia, e da capela do Bom Jesus, na matriz da vila do Pôrto, onde se mandou sepultar, e colocar sôbre a sua sepultura o seu brasão de armas» (cf. Arruda, *Esbôço* e *Arquivo dos Açores*, 1906).  
 Por testamento de 18 de Outubro de 1554 «diz ter mais de noventa anos e ter casado a primeira vez com Isabel Fernandes de Portugal (cf. Santarém, *Estudos de Cartographia Antiga*, I, p. CLXXI, nota). «Larache foi o nome pôsto a umas vinhas de Duarte N. Velho, antepassado de Teófilo, e que constituíam o vínculo que tomou aquela designação e . . . ficam para a banda da ribeira de Água do Alto, na ilha de Santa Maria, onde se chama Larache por serem as terras chans e bem assombradas como a costa de Larache em África» (cf. F. Serpa, trans. Gaspar Frutuoso das *Saúdes da Terra*, Liv. III, ed. do centenário). Seu filho:
- 37—NUNO FERNANDES VELHO—Fidalgo de geração, administrador do vínculo de Larache. Casou com Isabel de Andrade, filha de Catarina Fernandes, a Maia, e do almoxarife Álvaro Fernandes de Andrade, seu marido (cf. Arruda, *Esbôço*).
- 38—FRANCISCO DE ANDRADE—«Cavaleiro fidalgo da Casa Real, almoxarife de Setúbal, casado com Isabel de Queiroz, filha de Gaspar Vieira e Ana de Queiroz (de Caparica, Almada). Tiveram filhos: primeiro António Velho de Andrade (citado sob o n.º 39); segundo Dr. Gaspar de Andrade, cônego da Sé de Coimbra, 1628. Entre os descendentes de Francisco de Andrade houve, no século XVII, uma série de diplomados pela Universidade de Coimbra, que foram cônegos na Sé da mesma cidade, e ainda em 1848 ocupava a mesma cadeira o seu descendente Miguel Ribeiro de Vasconcelos, da casa de Santa Eulália (cf. Arruda, *Esbôço*).
- 39—ANTÓNIO VELHO DE ANDRADE—Casou com Maria de Alpoim (cf. Arruda, *Esbôço*).
- 40—ISABEL DE QUEIROZ DE ALPOIM—«Casou na matriz da vila do Pôrto, a 1 de Outubro de 1626, com Duarte Velho de Mendonça, filho de Pedro Curvelo e de Isabel Nunes» (cf. Arruda, *Esbôço*). Houveram a:
- 41—FRANCISCO DE ANDRADE DE ALPOIM—Casou com Maria de Andrade de Melo. Foi administrador do vínculo de Larache (cf. Arruda, *Esbôço*). Houveram a:
- 42—ANA DE ANDRADE DE ALPOIM—Casou, na matriz da vila do Pôrto, em 8 de Janeiro de 1680, com o alferes Pedro Francisco de Bairos (cf. Arruda, *Esbôço*).
- 43—MANUEL DE ANDRADE DE BAIROS—Morgado de Larache, que se casou na matriz da

vila do Pôrto a 22 de Setembro de 1717, com Mariana de Meneses» (cf. Arruda, *Esbôço*). Houveram a:

- 44-ANTÓNIO DE ANDRADE DE BAIROS—«Administrador do vínculo de Larache, que se casou na matriz da vila do Pôrto aos 28 de Maio de 1755 com D. Ana Rita da Câmara, neta do morgado Heitor da Câmara, administrador do vínculo instituído, na ilha de Santa Maria, por Heitor Gonçalves Minhoto, em 1551, e do morgado de Jorge Pinto, instituído no Funchal a 14 de Abril de 1559, cujo representante vincular actualmente (1925) é o Sr. António Borges do Canto da Câmara Falcão. Por esta linha da Madeira é o ilustre escritor [Teófilo Braga] descendente dos *Criados do Infante*, Gonçalo Aires Ferreira, Luís Álvares da Costa, Lopo Pinto e outros, hoje com representação nas casas do Conde da Calçada, Conde de Carvalhal e Torre Bela, de que foi ornato, nesta última, o celebre académico madeirense Henrique Henriques de Noronha (1721)» (cf. Arruda, *Esbôço*). De Henrique de Noronha tratou Inocêncio F. Silva no *Diccionario Bibliográfico*. Seu filho:
- 45-MANUEL JOSÉ DA CAMARA—«Que se casou, na matriz da vila do Pôrto, em 15 de Outubro de 1784, com D. Ana Margarida do Céu» (cf. Arruda, *Esbôço*). Esta senhora era filha de António Francisco de Braga e de sua mulher Esperança do Sacramento, casados em 12 de Maio de 1740, (?) na matriz da vila do Pôrto, San Miguel, com dispensa em 3.º e 4.º grau de consangüinidade.
- 46-INÁCIO MANUEL DA CAMARA—*Avô materno de Teófilo*, casou com D. Eugénia Violante Soares de Albergaria (V. n.º 33) na igreja matriz da vila do Pôrto, a 25 de Agosto de 1814 (cf. Arruda, *Esbôço*). Nasceu Inácio Manuel em 6 de Julho de 1784 e morreu a 12 de Julho de 1846, sendo sepultado no cemitério de San Francisco a 6 de Setembro de 1825. Do seu matrimónio houve filhos: *Tios maternos de Teófilo*:
- a-LUÍS INÁCIO DA CAMARA—Nascido a 13 de Setembro de 1817.
- b-MANUEL BARBOSA DA CAMARA ALBUQUERQUE—Nascido a 15 de Dezembro de 1820.
- c-D. ANA ERMELINDA—Nascida a 15 de Março de 1822.
- d-D. JOANA VIOLANTE SOARES DA CAMARA—Nascida a 12 de Setembro de 1824, casada com Inácio de Resende Monteiro.
- e-ANTÓNIO SOARES BARBOSA—Nascido a 12 de Fevereiro de 1828.
- D. MARIA JOSÉ DA CAMARA ALBUQUERQUE—*Mãe de Teófilo Braga*.

#### PAIS E IRMÃOS DE TEÓFILO BRAGA

- 4-JOAQUIM MANUEL FERNANDES BRAGA—(citado n.º 4). Nasceu em Braga, em 1804, e morreu em Ponta Delgada, San Miguel, a 14 de Abril de 1870. Francisco Maria Supico publica-lhe a biografia na *Mocidade de Theophilo*. Casou a primeira vez na matriz da vila de Pôrto Santo, San Miguel, a 6 de Fevereiro de 1833 com:
- 33-A-D. MARIA JOSÉ DA CAMARA ALBUQUERQUE—Já citada sob o n.º 33-A. Nasceu na freguesia matriz de N. Senhora da Assunção da ilha de Santa Maria, a 8 de Setembro de 1815. Morreu de encefalite letárgica, na sua casa no bairro de Santa Clara, na ilha de San Miguel, com 31 anos de idade, em 17 de Novembro de 1846. Do predito matrimónio houve os seguintes filhos:
- D. MARIA JOSÉ DA CAMARA BRAGA—Nasceu na vila do Pôrto, a 14 de Setembro de 1834. Órfã de mãe aos «doze anos foi metida em um colégio inglês, a expensas



da Viscondessa da Praia» (cf. Supico, *Mocidade de Theophilo*, p. 41). Foi freira no convento da Esperança, em Ponta Delgada. Faleceu em 20 de Julho de 1922. Além do citado livro de Supico, há referências a esta senhora em: Fran Paxeco, *Cartas de Teófilo*, Lx. 1924.

—JOÃO—Morreu ao nascer.

—JOÃO MARIA FERNANDES BRAGA—Nasceu a 10 de Agosto de 1836. Foi alferes de caçadores n.º 3. Morreu no desastre de Tete em 1867. Casou com Maria José Pereira. Com descendência.

—JOAQUIM—Nasceu e morreu a 14 de Agosto de 1838.

—LUÍS GONZAGA FERNANDES BRAGA—Nasceu em São José de Ponta Delgada, a 5 de Outubro de 1839. Foi farmacêutico em Ponta Delgada e depois no Rio de Janeiro. Casou em Vila Franca do Campo com D. Ermelinda Augusto de Melo Botelho. Morreu em 1918, com descendência (V. Supico, p. 49). Seu filho Eurico da Câmara Braga morreu em 1927.

—JOAQUIM—Nasceu a 17 de Março de 1842 «sendo baptizado em casa, por perigo de vida» e no dia 26 do dito mês e ano foram-lhe conferidos os santos óleos. (cf. Supico, *Mocidade de Theophilo*, p. 51, nota).

—JOAQUIM TEÓFILO FERNANDES BRAGA—Nasceu a 24 de Fevereiro de 1843, como se prova pela certidão, publicada no opusculo *Sobre Teófilo Braga (esboço genealógico)* dado à estampa por Fran Paxeco, no Pará, em 1925:

Certifico que no livro número trinta e nove dos Baptizados (nesta igreja de São José) a fôlhas sessenta e cinco, está o termo seguinte:—Joaquim, filho de Joaquim Manuel Fernandes Braga, natural da Sé de Braga, em Portugal, e de Dona Maria da Câmara Albuquerque, natural da matriz da Senhora da Assunção, da ilha de Santa Maria, neto paterno de Henrique José Fernandes Braga e de Dona Maria Teresa das Neves e materno de Inácio Manuel da Câmara e de Dona Eugénia Violante, nasceu aos vinte e quatro de Fevereiro de mil oito centos e quarenta e três, e foi baptizado aos vinte de Março do mesmo ano, nesta igreja de São José, paroquial de seus pais, por mim, José de Medeiros Sousa, cura dela: foi padrinho José Martins Cardoso, solteiro, e morador na freguesia de São Sebastião, matriz desta cidade, e foram testemunhas o sineiro António Joaquim e José Furtado, ambos solteiros, e moradores desta frêguesia. *Era supra*—Cura José Medeiros de Sousa—De António Joaquim uma cruz—De José Furtado uma cruz. Concorde com o próprio termo do dito livro a que me reporto, com o qual este conferi.

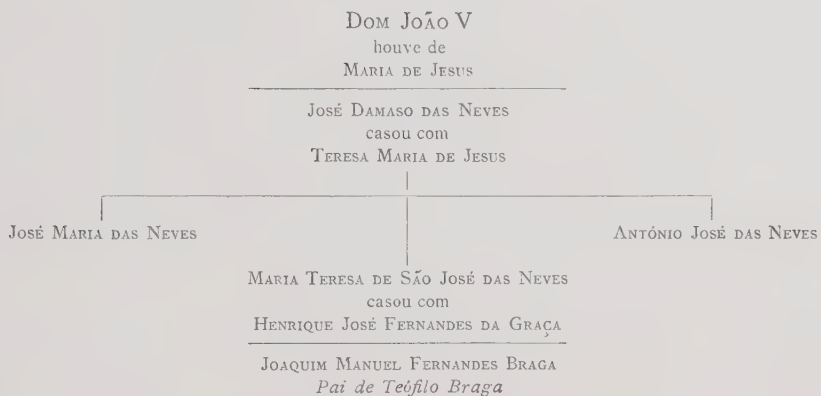
Do segundo matrimónio do pai do Doutor Teófilo Braga, em 1848, com D. Ricarda Joaquina Marfim Pereira, a *terrivel madrasta*, filha de Luís Alves Pereira e de D. Leonor Cândida de Serra, houve:

—D. MARIA DA GLÓRIA.

—D. MARIA DO ESPÍRITO SANTO BRAGA GEORGE—Casou com Augusto Pacheco George.

ASCENDÊNCIA REAL DO DOUTOR TEÓFILO BRAGA

PATERNA





ASCENDÊNCIA REAL

DO

DOUTOR TEÓFILO BRAGA

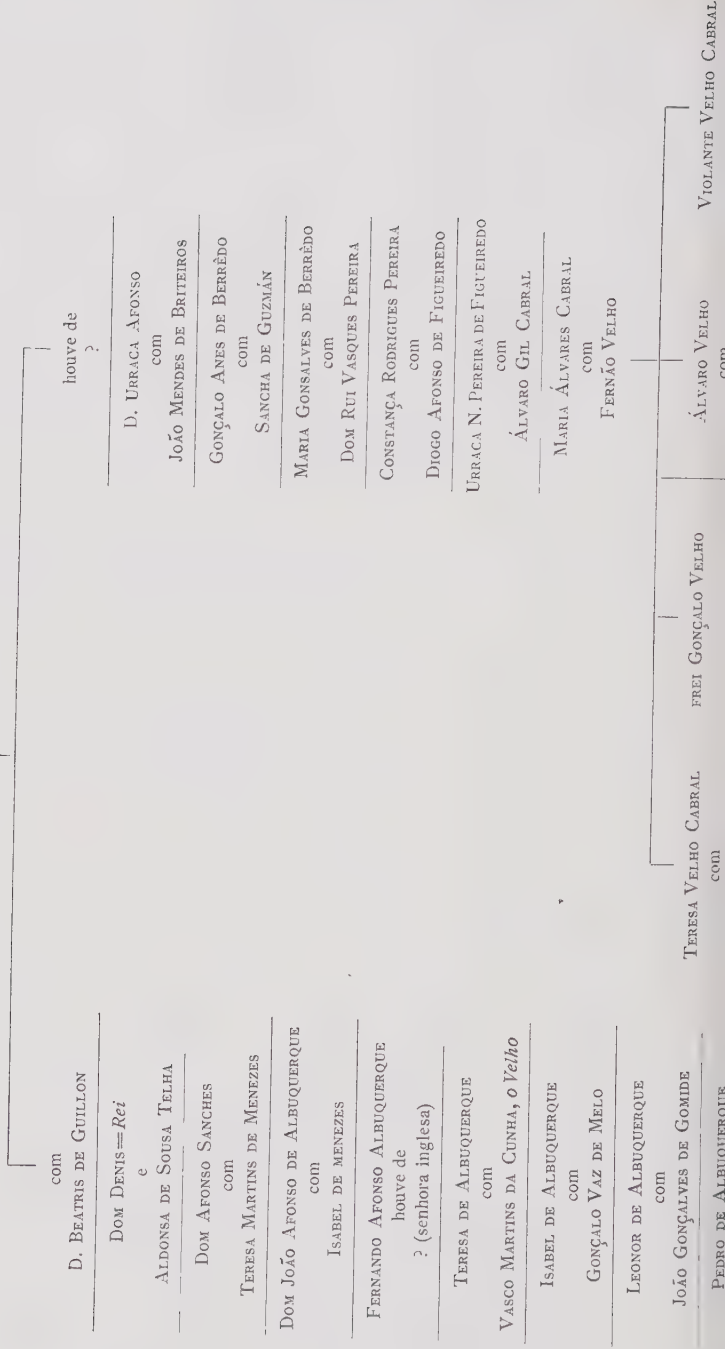
ÁRVORE GENEALÓGICA BASEADA  
——— NO ESTUDO DO ———  
SR. ANTÓNIO FERREIRA DE SERPA



# ASCENDÊNCIA REAL DO DOUTOR TEÓFILO BRAGA

## MATERNA

DOM AFONSO III



ISABEL FERNANDES	
NUNO FERNANDES VELHO	com
ISABEL DE ANDRADE	
FRANCISCO DE ANDRADE	com
ISABEL DE QUEIRÓS	
ANTÓNIO VELHO DE ANDRADE	com
MARIA DE ALPOIM	
ISABEL QUEIRÓS DE ALPOIM	com
DUARTE VELHO DE MENDONÇA	
FRANCISCO DE ANDRADE DE ALPOIM	com
MARIA DE ANDRADE DE MELO	
ANA DE ANDRADE DE ALPOIM	com
PEDRO FRANCISCO BAIROS	
MANUEL DE ANDRADE DE BAIROS	com
MARIANA DE MENEZES	
ANTÓNIO DE ANDRADE BAIROS	com
ANA RITA DA CÂMARA	
MANUEL JOSÉ DA CÂMARA	com
ANA MARGARIDA DO CÉU	
INÁCIO MANOEL DA CÂMARA	com
Avó materna	

GUOMAR DA CUNHA	com	JOÃO SOARES DE SOUSA
NUNO DA CUNHA	com	
FRANCISCA FERREIRA		
JOÃO SOARES DE SOUSA	com	
FILIPA DA CUNHA		
MANUEL DA CÂMARA DE ALBUQUERQUE	com	
MARQUEZA DE MENEZES		
JOÃO SOARES DE SOUSA	com	
ANA DE MELO		
MANUEL DA CÂMARA DE ALBUQUERQUE	com	
INÊS DE CHAVES		
JOÃO SOARES DE SOUSA	com	
BERNARDINA MARGARIDA DA C. F. DELGADO		
BERNARDO SOARES DE ALBUQUERQUE	com	
SIMIANA FRANCISCA COUTINHO		
JOANA TOMÁSIA DA CÂMARA ALBUQUERQUE	com	
MANUEL BARBOSA PACHECO		
EUGÉNIA VIOLANTE SOARES DE ALBUQUERQUE	com	
Avó materna		

MARIA JOSÉ DA CÂMARA ALBUQUERQUE  
Mãe de Teófilo Braga



## ENSAIO DE CRONOLOGIA TEOFILIANA

O estudo biográfico de Teófilo Braga, após o conhecimento e análise das influências de seus antepassados, depende da cronologia dos factos individuais actuaes no seu espirito. Neste propósito reunimos apontamentos que permitem conhecer a prodigiosa actividade do incansável pensador. Especialmente no campo académico-científico, evidencia-se bem a sua erudição, e, todavia, algumas notas ficaram desprezadas. Presidindo às sessões da Academia de Ciências de Portugal, após cada comunicação sobre os mais divergentes assuntos, elle fazia o seu comentário que constituía, por vezes, outra comunicação. Elaborado este ensaio do seu diário, acrescentado do registo de preitos póstumos glorificando o artista, para vindouros criticos e estudiosos biógrafos, eis o guia proveitoso.

- 1843 - Fev. 23 - Nasce Joaquim Teófilo.  
 1846 - Nov. 17 - Morre D. Maria José da Câmara Albuquerque. Mãe de Teófilo.  
 1854 - ? - Faz Teófilo exame de instrução primária.  
 1857 - Julho 1 - Aprovado *nemine discrepante* na 4.<sup>a</sup> cadeira do Liceu Nacional de Ponta Delgada — Liv. assentos, fl. 49.  
 » - Out. 7 - Aprovado em latinidade no mesmo Liceu. Liv. assentos fl. 50.  
 1858 - Jan. 3 - Na *Estrêla Oriental* é publicado o seu primeiro escrito.  
 » - Maio 3 - Sai o primeiro número do *Meteoro*, redigido por Teófilo Braga.  
 1859 - Julho 26 - Aprovado no exame da 6.<sup>a</sup> cadeira no Liceu Nacional de Ponta Delgada.  
 1861 - Março - Sua chegada a Lisboa, instalando-se na Rua do Carrião, n.º 60, freguesia de São José.  
 » - Abril 3 - Chegada ao Pôrto, tendo feito a viagem no vapor *Lusitânia*. Naquella cidade esteve quinze dias.  
 » » 17 - Chegada a Coimbra.  
 » - Agosto - Visita ao Buçaco. (V. *Mocidade de Theophilo*, por F. M. Supico, p. 141, e *Teófilo Braga e Inocência Francisco da Silva, correspondência*, p. 73).  
 1862 - Julho 14 - Exame de preparatórios no Liceu de Coimbra.  
 1863 - Agosto - «Viagem artística do Pôrto a Braga». (V. *T. Braga e Inocência*).  
 1864 - » 27 - Serviço militar. Eis o documento de isenção :

Aos Senhores que a presente certidão virem, e della conhecimento tomarem, certifico, que no registo do recenseamento para o recrutamento do exército, a que se procedeu n'este Concelho no anno de mil outocentos sessenta e quatro, se vê, que foi recenseado na freguesia de San José, o mancebo Joaquim, filho de Joaquim Manoel Fernandes Braga e de Dona Maria da Camara Albuquerque, da idade de vinte annos, estudante, a quem tocou no sorteamento o numero *trinta e nove*, tendo sido isento do recruta-



mento pela Comissão Districtal em vinte sette de Junho do mesmo anno, por ter um irmão praça de pret effectiva.—Por ser verdade passei a presente em Ponta Delgada aos sette de Março de mil outocentos sessenta e oito—o Escrivão da Camara *João Luis de Moraes Pereira*.

- 1864— Dez. ? — Vem passar as férias a Lisboa. Na véspera da partida para Coimbra Simone Gattai oferece uma ceia a Teófilo Braga (V. Supico, *Mocidade de Teophilo*).
- 1865— Abril 29—Primeira representação da peça *Sêde de Justiça* ou *Resignação*, no Teatro Académico de Coimbra—(V. *Bibliografia Teofiliana*).
- 1866— ? — Vai à Lousã advogar uma causa crime no impedimento do Dr. Sacadura (V. Carta a An. Fernandes Tomás *cit.* na *Bibliografia*).
- 1868— Maio 27—Eleito sócio correspondente do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco.
- Julho 26—Seu doutoramento:

In Dei Nomine Amen—Doctor Josephus Ernestus de Carvalho e Rego, Regiae Majestatis a Consiliis, Domus Regiae Patricius, Equestris militiae Chhisti e Beatae Virginis a Conceptione de Villa Viçosa, nec non et Imperialis Ordinis da Rosa in Brasilia Commendator, in Theologiae Facultate Professor Primarius Emeritus, Universitatis Conimbricensis Pro Rector, etc.: simulque Alma Academia ipsa, universis et singulis; Nas Litteras Doctoralis Gradus in Juris Facultate inspectoris, visuris paritus et auditoris, salutem in Deo, qui est omnima vera salus. Dignum videtur et congruum ut ih, qui per studiorum salebras iterque elivosum se fatigarunt, praerogativa aliqua utantur, et privilegio spuriali prae carteris gandeornt, emolumenta ac fructus secdoris sui post exactos laboris merito aliquando suscipiemt, et ex onnoris studiorum raclicibus dulces et gloriosos ruoligant suceos, praemioque opurose perquisito tandem post cursum potiantur, ut eorum remunerationis exemplo ad similem consequendam victoriam conteri adiciomtur, et adluti sine haesitation ferventius animentur. Quum etaque dilectus Nobis, Joachimus Theophilus Braga, filius Joachimi Emmanuelis Ferdenandii Braga, apud Insulam S. Michaelis natus pro adipiundo Doctorali Gradu in hac Conimbricensi Academia pluribus annis studuerit, adsideris et homstis laboribus deditus, vitae exemplo et studiorum vigiliis simul proficiens; tandem Gradum illum landabiliter et honorifice in eadem Academia adeptus est, legitimo studiorum tempore adimpleto, praemissoque diligenti praeceptorum Examine, et adprobatione, Nemine Discrepante. Doctor in Juris Facultate Auctoritate Regia creatus fuit et ex commissione nostra a Doctore Adriano Pereira Forjaz de Sampaio, ejusdun Facultatis Decano, insignibus Doctoralibus decoratus, factaprius professione Fidis, die xxvi Julii A. D. m̄ccc̄clxviii: quibus omnibus interfuerunt Praeceptores Cui. Fredericus de Asevedo Faro e Noronha et Franciscus Ferreira de Carvalho, ejusdun Facultatis Professores Emeriti et alii quamplurimi, astum ipsum celebrantes, quemadinodum in libro Examinum, Actuum et Graduum ejusdun anni fol. lxix vers, lenjusris testimonium publice perhibentes, has Litteras, a Nobis subscriptas, adpue-

soque etiam Academiae Sigillo, praedicto benemerito Doctori dedimus. Doctor Conimbriae die 7 Augusti anno Domini milesimo octingentesimo sexagesimo nono.

Ego Emmanuel Joachimus Fernandes Thomar Secretarius, subscripse Josephus Ernestus de Carvalho e Rego, Pro Rector—Joannes de Sonede Magalhães de Mexia Salema—Pro Sigello, cento e vinte reis—Logar do Sello pendente das Armas da Universidade—Numero setenta e cinco—Pagou déz mil reis de sello. Coimbra sete d'Agosto de mil oito centos e sessenta e nove—Falcão—Pelo Recebedor, José Joaquim da Cruz.

E trasladada a conferi, digo E trasladada em publica forma, a conferi e vai conforme com a propria a que me reporto em poder do apresentante. Coimbra sete d'Agosto de mil oito centos e sessenta e nove annos. E declaro que, na lauda retro, na linha desesete leva uma entrelinha que diz =, digo na primeira lauda a folhas desesete, leva uma entrelinha que diz =emolumenta= E eu Guilherme Augusto de Vasconcellos Abreu a subscrevo e asigno em público e raso.

- 1868 - ? - Casamento com a Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Xavier.
- » - ? - Concurso para lente da economia política e direito comercial na Academia Politécnica do Porto.
- 1870 - Março 24 - Sócio honorário do Retiro Literário Português, do Rio de Janeiro.
- » - Abril 14 - Morre Joaquim Manuel Fernandes Braga, pai do Doutor Teófilo Braga.
- 1871 - Fev. - Concurso para lente substituto na Faculdade de Direito em Coimbra.
- 1872 - » 22 - O Duque de Ávila e Bolama apresenta na Academia das Sciências de Lisboa a candidatura do Doutor Teófilo Braga a sócio correspondente. Ficou suspensa até 1889.
- » - Abril 16 - Sócio honorário do Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro.
- » - Maio 22 - 27 - Concurso para a 3.<sup>a</sup> cadeira do Curso Superior de Letras.
- » - Junho 19 - Decreto nomeando o Doutor Teófilo Braga professor do Curso Superior de Letras.
- » - » 22 - Toma posse da 3.<sup>a</sup> cadeira no Curso Superior de Letras. (V. documento no artigo do Doutor Agostinho Fortes neste *In memoriam*).
- » - Dez. 6 - Sócio correspondente da Real Academia de la História de Madrid sob proposta de D. José Amador de los Rios.
- 1873 - Março 14 - Sócio correspondente da Academia Matritense de Jurisprudência y Legislación de Madrid.
- \*1877 - Junho 10 - Conferência, promovida pelos federais portugueses, à memória de *Michelet*.
- » - Out. 10 - Sócio honorário da Asociación de Escritores e Artistas Españoles, de Madrid.
- 1878 - Maio 31 - Comemorando o centenário de Voltaire, os republicanos federais promovem um sarau literário, no grémio operário, em Alfama, Lisboa, sendo conferente o Doutor Teófilo Braga.
- » - Julho 15 - Sócio honorário do Grémio Literário Português do Pará.
- » - Out. 13 - Como candidato republicano a deputado obtém 434 votos.
- 1880 - Março 16 - Pelo Centro Republicano Federal é enviado ao Doutor Teófilo Braga um mandato imperativo como candidato por aquele círculo.

- 1880 - Março 18 - Conferência inaugural, no Centro Republicano Federal de Lisboa.  
 » - » 26 - Assina, em Lisboa, o supracitado mandato imperativo.  
 » - Abril 8 - Na reunião de jornalistas para tratar da comemoração do tricentenário da morte de Camões propõe que se realize o «Congresso das Associações».  
 » - Maio 5 - Conferência no salão do Teatro da Trindade, sobre: *Camões e a nacionalidade portuguesa*.  
 » - » 23 - Conferência no mesmo salão acêrca d'A *vida íntima de Camões*.  
 » - » 28 - Conferência na sala da Associação «Pelicano», acêrca de: *Camões e o espirito popular*.  
 » - Junho 2 - Conferência no Curso Superior de Letras sob o tema: *Camões*.  
 1881 - Jan. 27 - Eleito presidente do Centro Republicano Federal de Lisboa.  
 » - Fev. 18 - Conferência no Club Republicano Federal comemorando a morte de Carlos Campeão.  
 » - » 24 - Do Pôrto enviam-lhe uma mensagem de felicitação, assinada por industriais, estudantes e operários.  
 » - » 24 - Sarau comemorativo do aniversário do Doutor Teófilo Braga, no Centro Federal de Lisboa.  
 » - Março 13 - Preside ao segundo comício promovido pelo *O Seculo* contra o tratado de Lourenço Marques. Foi realizado num recinto da rua de São Bento, 635.  
 » - » 18 - Conferência no Centro Republicano Federal, ao Poço do Borratém, comemorando a Comuna de Paris.  
 » - Agosto 16 - É dissolvida pela polícia uma reunião de republicanos do círculo 94 para apresentação do candidato Doutor Teófilo Braga.  
 » - Set. 1 - Constitui-se no Terreiro do Trigo uma associação republicana Teófilo Braga, denominação substituída por Associação Escolar e Eleitoral Pinto Ribeiro, em virtude da carta publicada pelo Doutor Teófilo Braga em o jornal a *Vanguarda*.  
 » - » 11 - Obtém maior votação (1:105) na eleição de desempate entre quatro candidatos a deputados republicanos.  
 » - Nov. 4 - Sócio correspondente da Real Academia Sevillana de Buenas Letras, Sevilha.  
 1882 - Jan. 22 - Discursa na inauguração da escola pelo método de João de Deus, na Associação Escolar e Eleitoral Pinto Ribeiro.  
 » - » 23 - Discursa no Club Henriques Nogueira.  
 » - Fev. 5 - Discursa, no sarau a favor do operário Paulo Rodrigues, no Centro Republicano Democrático.  
 » - » 19 - Operários de Lordelo do Ouro resolvem fundar o Club Eleitoral Democrático de Instrução Teófilo Braga, homenagem que o patrono recusa.  
 » - Março 12 - Discursa no comício, realizado na Teatro Chalet, ao Salitre, contra as medidas tributárias apresentadas ao Parlamento. Foi encarregada de redigir o protesto e de o entregar às Câmaras uma comissão composta dos Doutores Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Magalhães Lima, Jacinto Nunes e Silva Lisboa.  
 » - Março 18 - Conferência acêrca da Comuna de Paris, no Centro Republicano Federal de Lisboa.

- 1882 - Abril 2 - Conferência no Club Henriques Nogueira acêrca do *Marquês de Pombal e o jesuitismo*.
- » - » 9 - Conferência promovida pela Comissão Académica Executiva do Centenário do Marquês de Pombal. Anunciada para o Teatro D. Maria II, o Governo proibiu a cedência da sala. Foi realizada no Teatro do Rato.
- » - Julho 15 - Sócio honorário da Fraternidade Açoreana, do Rio de Janeiro.
- 1883 - Jan. 22 - Discursa na inauguração das aulas do Club Mousinho da Silveira.
- » - » 23 - Discursa na sessão aniversária do Club Henriques Nogueira.
- » - Fev. 11 - Sócio honorário da Associação Tipográfica Lisbonense e Artes Correlativas.
- » - » 24 - Carta dos estudantes do Liceu de Ponta Delgada, saudando Teófilo Braga pelo seu 40.º aniversário.
- » - Abril 8 - Eleito director político do Centro Eleitoral Republicano Federal de Lisboa, criado pela fusão daquele Centro com o Centro Eleitoral Republicano Federal do Círculo 97.
- » - » 22 - Preside à distribuição de prémios aos estudantes da Associação Escolar Fernandes Tomás.
- 1884 - » 13 - Discursa no comício de protesto contra o projecto da reforma penal, no Teatro Chalet, do Rato, ao qual assistiram oito mil pessoas.
- » - » 20 - Inauguração da Escola Infantil para os Filhos do Povo, que dirige. Era na Travessa das Bruxas, às Amoreiras.
- » - Junho 12 - Na Madeira realiza-se um comício eleitoral para defesa das candidaturas de Manuel de Arriaga, Latino Coelho e Teófilo Braga.
- 1885 - Jan. 22 - Discursa na inauguração do retrato de Febo Moniz, no Centro Febo Moniz.
- » - Fev. 15 - Sócio honorário da Associação Académica Funchalense, do Funchal.
- » - Março 1 - Discursa na grande reunião de republicanos no Club Henriques Nogueira.
- » - Maio 28 - Conferência na Associação Escolar Eleitoral Republicana.
- 1886 - Jan. 3 - Toma posse do lugar de vereador da Câmara Municipal de Lisboa.
- » - » 22 - Discursa na sessão aniversária do Club Henriques Nogueira.
- » - Maio 22 - Preside à sessão fúnebre de homenagem a Vítor Hugo no Centro Federal de Lisboa.
- » - Dez. 6 - Morre Teófilo, filho do Doutor Teófilo Braga. Jaz no jazigo do pai no cemitério dos Prazeres, de Lisboa.
- \*1887 - Jan. 22 - Discursa na festa aniversária do Club Henriques Nogueira.
- » - Março 18 - Morre Maria da Graça Xavier Braga, filha do Doutor Teófilo Braga. Jaz no jazigo do pai no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.
- » - Out. 16 - Eleito por 4:557 votos na eleição municipal de Lisboa.
- 1888 - Jan. 29 - Discursa na homenagem a Magalhães Lima no Club Razão e Justiça.
- » - Fev. 25 - Apresenta o seu programa aos eleitores no Club Borges Carneiro.
- » - Dez. 6 - Na Academia das Ciências de Lisboa é lido o parecer relativo à candidatura do Doutor Teófilo Braga para sócio efectivo.
- 1889 - Jan. 3 - Eleito sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa.
- » - » 17 - Comparece na sessão da citada Academia para agradecer a sua eleição.



- 1889 - Maio 19 - Preside ao comício na Quinta da Torrinha para protestar contra os actos do Governo, sendo a reunião dissolvida arbitrariamente pela polícia, que acutilou o povo.
- » - Junho 26 - Sócio honorário da Associação dos Professores Primários, de Lisboa.
- 1890 - Jan. 22 - Discursa no Club Henriques Nogueira.
- » - Março 23 - Preside ao comício no Teàtro da Rua dos Condes para apresentação dos candidatos republicanos à eleição de deputados.
- » - Dez. 18 - Eleito vice-presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1891 - Jan. 11 - Teófilo Braga, com Bernardino Pinheiro, José Jacinto Nunes, Manuel de Arriaga, Azevedo e Silva e Francisco Cristo, publicam um manifesto com o programa do partido republicano.
- » - » 25 - Teófilo Braga e restante Directório Republicano publicam um manifesto aconselhando as forças do partido a não receberem instruções de indivíduos estranhos ao Directório. Parece que o fim era evitar a revolução de 31 de Janeiro.
- » - Out. 12 - Em reunião dos presidentes das comissões paroquiais do Partido Republicano Português é nomeada a comissão para dirigir os trabalhos eleitorais e escolher candidatos. Entre estes figura o Doutor Teófilo Braga.
- 1893 - Agosto 3 - Sócio correspondente do Instituto Geográfico Argentino, de Buenos Aires.
- » - Out. 15 - Sócio correspondente do Grémio Literário Português do Pará.
- » - Dez. 17 - Na sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa, o secretário Manuel Pinheiro Chagas refere-se à *Historia da Universidade de Coimbra*.
- 1897 - Jan. 6 - Sócio honorário da Academia Dafnica di Scienze, Lettere e Belle Arti.
- 1898 - » 13 - Na sessão da Academia das Ciências de Lisboa ocupa-se dos elementos para o estudos das origens da Academia nas cartas de Vandelli e Visconde de Barbacena.
- » - » 28 - Eleito (por cinco votos) vogal do conselho administrativo da Academia das Ciências de Lisboa.
- » - Fev. 10 - Na sessão da mesma Academia trata do manuscrito acêrca da *Vida de Santa Maria Egípcíaca*.
- » - » 24 - Apresenta à mesma Academia uma proposta para impressão dos *Cancioneiros Trobadorescos Portugueses*.
- » - Março 10 - Faz, em sessão da Academia, considerações sobre a função da velha colectividade.
- » - » 24 - Requereu, em nome do conselho administrativo, a reunião da assembleia geral extraordinária para tratar de assuntos económicos da Academia.
- » - Abril 29 - Ocupa-se dos *Autos Vicentinos*, em sessão da velha Academia.
- » - Maio 26 - Na sessão da Academia lê uma carta de Assis Brasil sobre a uniformização da ortografia.
- » - Dez. 22 - É eleito sócio do Instituto de Coimbra.
- 1899 - Jan. 9 - É eleito, por aclamação, presidente da 2.<sup>a</sup> Classe da Academia das Ciências de Lisboa.

- 1899 - Jan. 26 - Na sessão da Academia das Ciências de Lisboa trata de Paulo Toscanelli, cosmógrafo florentino. É reeleito membro do conselho administrativo. Apresenta o parecer favorável à publicação por conta do Estado do *Dicionário Jornalístico Português*.
- 1900 - Junho 24 - Conferência na Associação dos Lojistas de Lisboa, sob o tema: *A paz como ideal e destino da arte moderna*.
- 1901 - Março 3 - Conferência acêrca de *Eça de Queiroz e a sua obra*, promovida pela mocidade das escolas superiores.
- 1902 - Agosto e Setembro - Esteve em Airão escrevendo o *Frei Gil de Santarém* (V. *Cartas a Fran Paxeco*).
- » - Dez. 20 - Sócio honorário da Societá Luigi Camoens, de Nápoles.
- 1904 - Agosto - Esteve em Airão, quinta do Pereira, Joane.
- 1905 - Maio 9 - Comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, sôbre *Quem foi o autor do 2.º D. Quixote?*
- » - Junho 10 - Discursa no Ateneu Comercial de Lisboa na sessão comemorativa do 25.º aniversário da referida colectividade.
- » - Julho 27 - Sócio de mérito da Associação das Escolas Móveis pelo método de João de Deus.
- 1907 - Fev. 24 - Sessão de homenagem ao Doutor Teófilo Braga no Grande Club de Lisboa.
- » - Abril 16 - Apresenta aos fundadores o *plano orgânico* da Academia de Ciências de Portugal.
- » - Junho 4 - *Injusto mando*, frase dos *Lusíadas*, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 8 - Sócio correspondente da Academia General de Ciencias Belas Letras y Nobles Artes de Cordoba.
- » - Nov. 12 - *Camões e Gomes Freire*, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 26 - Apresenta à Academia de Ciências de Portugal o *Plano para a História de Portugal*.
- 1908 - Fev. 18 - *O que são as raças sociológicas*, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Abril 22 - *A Academia Moderna*, oração inaugural da Academia de Ciências de Portugal, no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa.
- » - Junho 30 - *Sôbre o poder de fixação da lingua portuguesa*, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Julho 14 - Apresenta a divisa que deve ser usada pela citada Academia, e disserta acêrca das origens étnicas da nacionalidade portuguesa.
- » - Dez. 1 - *Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão*, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 29 - Comunicação à Academia de Ciências de Portugal acêrca do *sentimento estético do povo português*.
- » - » 31 - Sócio correspondente da Real Academia de Buenas Letras de Barcelona.
- 1909 - Março 2 - Trata do valor da antropologia e etnografia, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 30 - Fala na Academia de Ciências de Portugal sôbre a «teoria antropológica».

- 1909 - Maio 7 - Sócio correspondente da Sociedad Arqueologica Terraconense, de Terragona.
- » - » 25 - Inauguração do retrato do Doutor Teófilo Braga e homenagem académica na sala da Academia de Ciências de Portugal, agradecendo o homenageado: «Tratando da evolução e objecto da sua obra, disse que não tem procurado originalidade, mas apenas novas deduições dos princípios anteriormente conhecidos. Mostra que nenhum autor se deve julgar satisfeito com a sua obra, que vai sucessivamente aperfeiçoando-se com novos estudos, e que, muitas vezes, das audácias de dedução resultaram novas investigações que conduziram à verdade definitiva».
- » - Junho 8 - Allocução na sessão pública da Academia de Ciências de Portugal, sobre terremotos.
- » - Julho 6 - Comunicação à Academia de Ciências de Portugal acerca do poeta Mistral.
- 1910 - Fev. 22 - Na Academia das Ciências de Portugal trata do carácter da individualidade nacional, e faz o confronto de Descartes com Spinoza.
- » - Abril 23 - Na Câmara Municipal de Lisboa, em sessão da Academia de Ciências de Portugal, trata dos caracteres antropológicos de Alexandre Herculano.
- » - Maio 3 - Na Sociedade de Geografia de Lisboa preside a uma conferência do sr. Melo e Simas *Sobre o cometa de Halley*.
- » - » 31 - Trata de *Nuno Gonçalves* na sessão da Academia de Ciências de Portugal.
- » - Junho 30 - *Nicolau Tolentino*. Comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Out. 5 - É proclamado Presidente do Governo Provisório da República Portuguesa.
- » - » 13 - Preside à sessão inaugural do Segundo Congresso do Livre Pensamento, proferindo um curioso discurso (V. *Vanguarda*. Lisboa, 16 de Outubro).
- » - Nov. 8 - Ocupa-se da *Iconografia de Inês de Castro e Pedro o Cru*, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Dez. 31 - Sócio honorário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonense.
- 1911 - Fev. 24 - Na Academia de Ciências de Portugal, sessão de homenagem ao Doutor Teófilo Braga.
- » - Março 16 - Preside, na Sociedade de Geografia de Lisboa, à conferência do Dr. José Júlio Rodrigues acerca da obra musical de Luís de Freitas Branco.
- » - Junho 18 - Preside à sessão solene da inauguração do Primeiro Congresso Nacional de Mutualidade, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, pronunciando notável discurso.
- » - » 20 - Sócio honorário do Grémio Republicano Português, do Rio de Janeiro.
- » - » 22 - Preside à nona sessão do citado Congresso Mutualista no salão nobre do Teatro Nacional Almeida Garrett, em homenagem a Costa Goodolfim e outros mutualistas falecidos.

- 1911 - Set. 14 - Morre D. Maria do Carmo Xavier Braga. Jaz no jazigo do marido no cemitério dos Prazeres.
- » - Dez. 12 - Trata de *Ribeiro Sanches* na sessão da Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 29 - Presta homenagem a Gabriel Pereira na Academia de Ciências de Portugal.
- 1912 - Jan. 16 - Comunicação à Academia de Ciências de Portugal, acêrca de *Os Dois Naufrágios de Camões*.
- » - Fev. 13 - Manifesta-se acêrca do estudo de Patrocínio Ribeiro sôbre *A verdadeira Célia de Sá de Miranda*, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Março 12 - Acêrca da política colonial discursa na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Abril 16 - Sôbre a obra de Gil Vicente, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Julho 2 - Na Academia de Ciências de Portugal trata do significado moral da glorificação de Camões em Paris, e mostra o alcance filosófico do livro *Quod nihil sictur*, de Francisco Sanches.
- » - » 30 - Trata dos hebreus em Portugal, na sessão da Academia de Ciências de Portugal.
- » - Nov. 5 - Acêrca do «Cântico dos Cânticos», comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 19 - Etologia e etnológica açórica, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- 1913 - Jan. 22 - Ocupa-se do compositor Rui Coelho, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Fev. 11 - Trata do significado da palavra «hispano»; descreve episódios da vida do bispo D. Francisco Gomes; e ocupa-se das inscrições encontradas nos barros de Marajó.—Academia de Ciências de Portugal.
- » - Março 4 - Na Academia de Ciências de Portugal refere-se à existência de duas damas, em Inglaterra, com o nome de Beatriz.
- » - » 25 - Sôbre o critério histórico pelas concepções da antropologia e etnologia. Comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Abril 15 - Sôbre a lenda de Santa Maria Egípcíaca. Comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 29 - O «etos» português, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Junho 1 - Psicologia de Camilo, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Nov. 18 - «Sôbre o tema: a vida de um pensador é a realização de um ideal de mocidade». Comunicação na Academia de Ciências de Portugal.
- 1914 - Jan. 13 - Comunicação acêrca da obra lusitanófila de Phileas Lebesgue, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Março 3 - *Versão hebraica do Amadis de Gaula*, comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - Abril 21 - Comunicação à Academia de Ciências de Portugal sôbre o significado moral e fisiológico da velhice.



- 1914 - Maio 23 - Comunicação à Academia de Ciências de Portugal acerca da superioridade da raça portuguesa.
- » - Junho 19 - Segunda comunicação à Academia de Ciências de Portugal, acerca da *Versão hebraica do Amadis de Gaula*.
- » - Julho 17 - Comunicação sobre «uma página ignorada da vida de Camões», na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Out. 20 - Fala acerca da obra de Joaquim Bensaúde, na Academia de Ciências de Portugal.
- » - Dez. 2 - Comunicação sobre a «Inocência de Gomes Freire no Diário do Conde do Lavradio», na Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 18 - «Acêrca da Autoria da Arte de Furtar», comunicação à Academia de Ciências de Portugal.
- » - » 29 - Visita ao *Diário de Noticias* (V. artigo do Dr. Alfredo da Cunha neste *In Memoriam*).
- 1915 - Jan. 8 - Trata do *folklore* na sessão da Academia de Ciências de Portugal.
- » - Fev. 16 - Na Academia de Ciências de Portugal disserta sobre o descobrimento da Madeira, e define dois anexins do Minho.
- » - Maio 29 - Em consequência da renúncia do Presidente da República Dr. Manuel de Arriaga, é eleito o Doutor Teófilo Braga, por 98 votos, Presidente da República.
- » - Out. 3 - Preside na Câmara Municipal de Lisboa à sessão comemorativa do centenário de Ceuta, promovida pela Academia de Ciências de Portugal, fazendo uma erudita alocução.
- » - » 5 - Termina o seu mandato como Presidente da República.
- » - Nov. 14 - No salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa realiza-se a sessão inaugural do *Instituto Teofiliano*.
- » - Dez. 14 - Na Academia de Ciências de Portugal trata da autoria do 2.º D. Quixote.
- 1916 - Fev. 8 - Na Academia de Ciências de Portugal ocupa-se das colgaduras simbólicas que impressionaram Camões, e também das origens do *Fidalgo aprendiç*, de D. Francisco Manuel de Melo.
- » - Abril 25 - Na Universidade Livre de Lisboa, conferência sobre o tema: — *Tricentenário de Cervantes*.
- » - Maio 23 - Na Academia de Ciências de Portugal declara que a carta, escrita em 1846, e encontrada na Biblioteca da Ajuda, assinada por Camilo Castelo Branco, é apócrifa.
- » - Junho 10 - Conferência na Sociedade Nacional de Belas Artes acerca de *Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta*.
- 1917 - Out. 28 - Sócio de mérito da Universidade Livre.
- 1918 - ? - Morre no Rio de Janeiro o irmão Luís Gonzaga Fernandes Braga.
- 1920 - Fev. 26 - Eleito sócio emérito da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1922 - Abril 7 - É eleito Cidadão da cidade de Lisboa.
- » - Julho 20 - Morre D. Maria José da Câmara Braga, irmã do Doutor Teófilo Braga.
- 1923 - Fev. 24 - Foi-lhe entregue solenemente o diploma de Cidadão de Lisboa documento do teor seguinte:

A Câmara Municipal de Lisboa, em virtude da deliberação tomada, em sessão plenária de sete de Abril de mil novecentos e vinte e dois, con-

feriu o título de cidadão de honra do Município de Lisboa ao Doutor Joaquim Teófilo Fernandes Braga—poeta, filósofo, historiador, sábio professor e eminente patriota, que, numa longa vida de trabalho ininterrupto, tem procurado vincar na alma de gerações sucessivas a grandeza e glória da Pátria Portuguesa.

Este diploma lhe é entregue hoje —dia do seu 80.º aniversário— em sessão solene, para êsse fim realizada no salão nobre dêstes Paços do Concelho de Lisboa, aos 24 de Fevereiro de 1923.

O Dr. Agostinho Fortes declarou, autorizado pelo Mestre:— «Teófilo vai demonstrar mais uma vez a sua alta grandeza moral, porque no seu testamento lêga a sua casa e os seus livros à Câmara Municipal de Lisboa para ali se criar uma biblioteca popular» (cf. *O Século* do dia imediato).

1923— Fev. 26— *O Século* publica uma desenvolvida notícia de homenagem popular ao Mestre.

1924— Jan. 28— Morre o Doutor Teófilo Braga.

» — Fev. 3— *O Século* insere uma fotografia, tirada em casa do Doutor Teófilo Braga, quando êste «convidou alguns amigos mais íntimos para lhes comunicar que, podendo morrer antes de ter formulado devidamente os seus últimos desejos, queria que todos os seus papéis fôssem entregues ao Município da capital».

» — » 7— Em casa do Dr. Magalhães Lima reúne a Comissão Teófilo Braga, a qual toma como fins: criar a Casa de Teófilo, organizar um livro *In Memoriam*, e procurar sepultura condigna para os restos mortais do notável cidadão.

» — » 17— Pela Comissão Teófilo Braga é expedida a seguinte circular:

Os signatários, amigos e admiradores de Teófilo Braga, constituídos em comissão, acordaram em, entre outras manifestações de homenagem e defesa da memória de tam excelsa individualidade literária e científica, promover a publicação de um *In Memoriam*.

Para êsse fim, necessitam da colaboração daqueles que, por testemunhos de aprêço dados em vida do Mestre, têm contribuído ou procurado contribuir para que, em tórno da sua monumental obra, persista aquela atmosfera de respeito e simpatia que —exige-o a mais rudimentar noção de justiça social— as gerações novas devem respirar.

Teófilo Braga foi um dos construtores máximos do sentimento nacional e, o que é mais, do ideal de humanidade que iluminará o porvir.

Não podia esta Comissão ignorar os serviços por V. Ex.<sup>a</sup> prestados a esta causa, com direito a lugar de eleição entre as mais dignas e elevadas, e, por isso, vem solicitar de V. Ex.<sup>a</sup> a honra de cooperar com ela, abrilhantando as páginas do referido *In Memoriam*, por meio do qual diligenciaríamos todos levar o País a uma mais nítida consciência do singularíssimo valor intelectual e moral do maior português dos últimos cinquenta anos.

A Comissão agradece uma resposta, tam pronta quanto possível, até 1 de Maio próximo. Saúde e Fraternidade. Lisboa, 17 de Fevereiro de 1924. A Comissão: *S. de Magalhães Lima*, Presidente—*Agostinho Fortes*—*Alexandre Ferreira*—*Álvaro Neves*, Secretário—*António Ferrão*—*António do Prado Coelho*—*Fran Paxeco*.

- 1924 - Fev. 23 - Sessão teofiliana na Câmara Municipal de Lisboa.  
 » - » 28 - Os jornais publicam uma nota dos inéditos legados pelo Doutor Teófilo Braga (V. *Bibliografia*).  
 » - Nov. 21 - Compreendendo o objectivo da Comissão Teófilo Braga, o presidente do Ministério, sr. Alfredo Rodrigues Gaspar, oficializou a mesma pela portaria seguinte:

Ministério do Interior—Direcção Geral Política e Civil.—Considerando que aos Governos compete prestar as devidas homenagens póstumas e nacionais às individualidades que no campo da arte, sciências e letras se tornaram notáveis;

E desejando o Govêrno da República render o devido preito ao Doutor Joaquim Teófilo Braga, o maior apóstolo da Democracia Portuguesa;

Conhecendo quam valiosos e dedicados trabalhos em honra dêsse Morto ilustre têm já prestado os cidadãos abaixo citados:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, nomear uma comissão composta dos Srs. Sebastião de Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Alexandre Ferreira, António Ferrão, António de Prado Coelho, Fran Paxeco e Álvaro Neves, servindo o primeiro de presidente e o último de secretário, à qual fica confiada a tumulização definitiva dos restos mortais do Doutor Teófilo Braga, bem como a organização de um livro *In Memoriam* que, reunindo depoimentos literários e iconográficos respeitantes a êsse grande Escritor, contribua para futuros estudos acêrca do Homem e do Pensador, livro que será editado pela Imprensa Nacional de Lisboa, a expensas da mesma oficina do Estado, sendo entregues gratuitamente à comissão cem exemplares.

Paços do Govêrno da República, 21 de Novembro de 1924.—O Presidente do Ministério e Ministro do Interior, *Alfredo Rodrigues Gaspar*.

- 1925 - Fev. 24 - Trasladação do caixão com o cadáver do Doutor Teófilo Braga para o 4.º confessionário da nave lateral norte do templo dos Jerónimos, entrada pelo claustro, sendo colocada junto do caixão uma coroa de bronze, oferta dos ferroviários do Sul e Sueste.  
 » - Agosto 7 - Pela Comissão é entregue ao Presidente do Ministério uma exposição referente à Casa de Teófilo.  
 » - Out. 6 - Resolve a Comissão Teófilo Braga: pedir que a Travessa de Santa Gertrudes se passe a denominar «Rua Dr. Teófilo Braga», e erigir um monumento, no Jardim da Estrêla, ao preclaro cidadão.  
 1926 - Jan. - É profusamente expedida a seguinte circular à imprensa do País, colectividades e indivíduos:

Ex.<sup>mo</sup> Sr.—O Doutor Teófilo Braga, pode afirmar-se sem sombra de lisonja, que pela sua independência, seu carácter, seu saber, seu amor entranhado à Pátria, —a mais alta e sacrossanta divindade para o seu espírito—, encheu, em Portugal, com o seu nome, metade do século XIX, e um quartel do século actual. Perpetuar-lhe a memória, apresentá-lo como exemplo vivo e límpido de civismo, da honradez e amor ao trabalho é obra

meritória que se impõe a todo o português qualquer que seja o seu credo político. Ele foi o mais desinteressado, o mais egrégio e intransigente propagandista da Pátria e da República.

No Jardim da Estrêla, no coração do bairro de Lisboa onde passou a maior parte da sua afanosa e produtiva vida intelectual, pretende esta Comissão erigir o seu busto, esculpido pelo notável artista Teixeira Lopes, como deseja nacionalizar a casa e biblioteca do Doutor Teófilo Braga. Carece, porém, a Comissão, para efectivar este objectivo, de recursos materiais. Como preito ao glorioso mestre, cuja integridade moral é exemplo admirável para as gerações futuras, espera a Comissão o concurso de V. Ex.<sup>a</sup>, o que agradece.

1927 — Abril 13 — Publicam os jornais o programa do concurso para a construção do monumento.

» — » 30 — Em reunião pública é adjudicado o trabalho ao industrial canteiro António Máximo Ribeiro, sendo assinado o contrato a 7 de Maio de 1927 perante o notário Dr. António Tavares de Carvalho.

» — Out. 14 — Os jornais publicam o seguinte convite da Comissão:

A Comissão Teófilo Braga, considerando que o douto cidadão é uma individualidade nacional, convida o povo, — sem distinção de categoria social, credo político ou crença religiosa —, a comparecer à inauguração do monumento ao ínclito cidadão Doutor Teófilo Braga, cerimónia que se realiza no próximo domingo, 16 de Outubro, pelas 15 horas, no Jardim da Estrêla. A Comissão recorda que esta homenagem é prestada antes de tudo ao grande patriota, ao primeiro historiador da literatura portuguesa, ao notável biógrafo do épico Camões; ao incansável paladino das ideias democráticas em Portugal, por consequência Promotor da República, e que pela sua integridade de carácter e pela sua mentalidade foi garantia para o reconhecimento do regime republicano pelas nações estrangeiras, ao cidadão que nunca recebeu benesses nem interveio em mercantilismos; ao homem que apenas viveu do seu labor constante e probó.

Recordam-se estas circunstâncias como síntese da vida de um bom e exemplar português.

» — Out. 16 — Inauguração do monumento de que consta o seguinte auto:

Aos dezasseis dias do mês de Outubro de mil novecentos e vinte e sete, — undécimo dia do décimo-sétimo ano da República —, pelas quinze horas, no Jardim da Estrêla, estando presentes Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Ministros representando o Governo, presidente e vereadores do Município de Lisboa, representantes de outros municípios, juntas de freguesia, presidente e vogais da Comissão Teófilo Braga (oficializada por portaria de 21 de Novembro de 1924), e todas as demais pessoas que este auto assinam, se procedeu à inauguração do monumento, que, por iniciativa da predita Comissão e por subscrição pública, foi erecto ao primeiro historiador da literatura portuguesa e eminente camonista; extrênuo paladino das ideias democráticas, como tal Promotor da Repú-



blica e que por sua integridade de carácter e acção científica foi garantia para o reconhecimento do regime republicano pelas nações estrangeiras; ao ínclito patriota e cidadão:—o Doutor Joaquim Teófilo Braga.

Depois de o presidente da Comissão, Dr. Sebastião de Magalhães Lima, expor o objectivo desta homenagem e declarar que entrega o monumento à cidade de Lisboa, representada pelo Município, discursaram representantes do Governo, da Faculdade de Letras — onde o homenageado exerceu o magistério durante mais de cinquenta anos —, o Dr. Manuel V. de Armelino Júnior, como açoreano e presidente do Grémio dos Açores, e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

E para constar, como documento autêntico desta inauguração e entrega solene do monumento, eu, Álvaro Neves, secretário da Comissão Teófilo Braga, exarei o presente auto que assino com as pessoas presentes e se vai guardar no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa.—*General Carmona—José Vicente de Freitas—J. Belo—Eugénio Carlos Mardel Ferreira—António Augusto da Veiga e Sousa—João Baptista Gomes—Pela Comissão, S. de Magalhães Lima—Agostinho José Fortes—A. do Prado Coelho—António Ferrão—Secretário, Álvaro Neves, etc.*

1927 - Out. 25 - Pela Comissão é distribuído o opúsculo intitulado: *Monumento ao Doutor Teófilo Braga, apontamentos para a sua história e contas da Comissão.*

## BIBLIOGRAFIA TEOFILIANA

### SUBSÍDIOS

A bibliografia Teofiliana, começada em 1917 e ora impressa, foi coordenada cronologicamente e pormenorizadamente comentada, como factor consentâneo à laboriosidade do infatigável historiador. Da observação desta cordilheira de materiais bibliacos evidenciado fica que o motivo da incansável tarefa do investigador é somente averiguar a veracidade da *História da Literatura Portuguesa*.

Cada estudo inicialmente imperfeito, pelas condições como pôde ser trabalhado, patenteado foi ao público, e quedava-se até melhor ferramenta subsidiário permitir retoques ou total refundição. Imprescindível é conhecer êsses pequenos informes para se aquilatar a obra do desajudado artista.

Sabedor dêste propósito bibliográfico, amigo Teófilo indicou-me o aproveitamento das notas de Teixeira Bastos — nas quais colaborára —, de alguns escritos me doou exemplar, e mais nótulas ditava se a morte não aniquilasse o mais invejado dos talentos portugueses do último quartel do século XIX e primeiro quartel dêste século da sua celebração.

Eis aqui o inventário da sua obra intelectual:

## I—SEUS ESCRITOS

### \*1<sup>1</sup>—*A canção do guerreiro. Offerecida a meu irmão João Fernandes Braga.*

Foi publicada na *Estrella Oriental*, jornal da Ribeira Grande, dirigido por Francisco Maria Supico, n.º 84, de 3 de Janeiro de 1858, com a seguinte advertência:

«A poesia que adiante vai ler-se é produção de um mancebo que apenas principia a abrir os olhos ao mundo das letras. Não a publicamos persuadidos de que seja uma obra completa, mas sim como incentivo ao desabrochar do talento do seu autor, que já se manifesta em algumas das suas estrofes. É A SUA PRIMEIRA PRODUÇÃO LITERÁRIA IMPRESSA, e basta esta sua circunstância, para implorarmos para ela a indulgência dos leitores».—Cf. F. M. Supico, *A mocidade de Theophilo*.

Republicada em *O Regional*, semanário de Sintra, n.º 17, Fevereiro de 1924.

### 2—*O Meteoro. Ponta Delgada. 1858.*

«Para ter onde ir publicando o que produzia, criou o moço poeta o jornal literário *O Meteoro*, fôlha de pequeno formato, de 4 páginas a duas colunas, aparecendo o 1.º numero em 3 de Maio de 1858 e o último (27) em 1 de Novembro, aceitando de uns rapazes amigos alguma colaboração para o variar.....

«A colecção do *Meteoro* (só conheço a minha) ao mérito próprio como o das fôlhas congêneres, reúne o grande valor histórico de ter sido o início da evolução do talento assombroso de Teófilo. Foi impresso na Tipografia dos Botelhos».—Cf. Supico, *A mocidade de Theophilo*, p. 76.

### 3—*Folhas verdes | por | Theophilo Braga. | — | Ponta Delgada | — |* MDCCCLIX.

No ante-rostro: «Obras | de | J.—Theophilo F.—Braga | — | I | (Lyrica)». Retrato de Teófilo aos 14 anos, de um Daguerre de 1857. Dedicatória: «Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde da Praia, par do reino», 2 páginas com a dedicatória em verso, depois na ix Carta a Supico, de x a xx introdução de Supico. Segue-se o retrato dêste e depois o texto.

«Por aquela época o Visconde da Praia, fidalgamente generoso, era considerado o Mecenas da terra, pelas protecções dispensadas a estudiosos, e a cultores de letras e artes. Tentou-se fazer-lhe conhecido o jovem poeta na intenção de receber dêle protecção para poder no continente frequentar qualquer academia.

«Para fazer êsse conhecimento assentou-se em mandar fazer um livro de papel escolhido e boa encadernação, no qual Teófilo com a sua melhor caligrafia escrevesse as suas produções já publicadas e inéditas as que mais apreciase, e êle mesmo apresentasse ao nobre Visconde a oferecer-lhe o livro como seu autor, dizendo-lhe com os seus escolhidos e claros termos a intenção da oferta.

<sup>1</sup> Os números antecidos de asterisco indicam os estudos dispersos, e os sem asterisco indicam volumes, folhetos e fôlhas sôltas.

«Assim se fez; porém, ou porque Teófilo, acanhando-se não exprimisse bem, ou porque a hora não foi propícia a certo é, que o generoso fidalgo, supondo que a aspiração do jovem poeta se limitava a ver impressa a obra que lhe apresentava, lhe deu ordem para na Tipografia de Botelhos fazer imprimir com asseio o número de exemplares que quisesse. Embora fôsse bem outro o favor desejado, aceitou-se êste.

«A impressão fez-se rápida e raras pessoas a quem os exemplares se ofereceram a 600 reis cada um, regeitaram».—Cf. F. M. Supico, *Mocidade de Theophilo*. Lisboa, 1920, pp. 63-64.

4—*O Santelmo. Jornal de sciencias, litteratura, bellas-artes, agricultura, industria e noticias. Ponta Delgada. Tip. de Moraes.*

Êste quinzenário foi fundado por T. Braga, Francisco Maria Supico, António Pereira, e Baltasar Joaquim da Luz. Tinha «também habilitação política para poder tratar, como tratou, de assuntos daqueles domínios no campo dos interêsses micae-lenses».

Supico informa-nos: «... sendo de Teófilo a maior e melhor soma de trabalho. O *Santelmo* deu o primeiro número a 15 de Janeiro de 1859 e o último, 44, a 31 de Outubro de 1860. Teófilo ausentava-se para ir no continente cursar estudos; e como a empresa dava «deficit», cessou aquela publicação». Deu um volume de 352 páginas.

5—*Novissima Castro. Tragédia.*

Não foi impressa. Aparece citada na carta de T. B. para Inocência F. da Silva, escrita em Ponta Delgada. 3 de Novembro de 1860.

6—*Sepulveda. Tragédia.*

Não foi impressa. Citada por T. B. na carta a Inocência. 3 de Novembro de 1860.

7—*Arrefens por Ceuta. Tragédia em verso.*

Não foi impressa. Citada por T. B. na carta a Inocência. 3 de Novembro de 1860.

8—*Garção ou Ermita de Agoas Santas ou Poeta por desgraça ou Resignação ou Séde de Justiça. Drama em 4 actos.*

Em Novembro de 1860, Teófilo informava Inocência: —«Com a mesma penada de tinta com que acabo de escrever um drama em 4 actos, sôbre a morte do infeliz Garção, começo esta...».—Cf. *T. B. e Inoc. F. Silva*, p. 19.

Três meses depois voltava a referir-se ao «mal alinhavado *Ermita de Agoas Santas*... «No pobre *Ermita* passa-se o 1.º acto na Fonte Santa, em casa de Garção, o 2.º num baile de D. Leonor de Almeida (Alcipe). O 3.º passa-se numa azinhaga. E o 4.º no Limoeiro».—Cf. *obr. cit.*, p. 46.

Elucida-nos Teófilo no livro de Supico: —«Tivemos sempre uma simpatia filial por êste árcade [Garção] e desde uma idade em que mal o entendíamos. Por 1857,

entre uns alfarrábios comprados por meu pai, deparou-se-me um volume das obras de Garção (1778). Foi o primeiro livro da minha biblioteca, e que ainda hoje conservo. Li-o, reli-o, imitei-o, como árcade extemporâneo, aos catorze anos,—e quando absorvido pelas criações geniais do Romantismo, deixei essa errada vereda, não perdida a lição do autor da *Cantata de Dido*. Devi-lhe o conhecimento dos efeitos da metrificacão endecassilábica, e a importância que tem os epítetos na linguagem poética, empregados em geral como adjectivos, para encherem o verso. O livro de Garção foi o meu companheiro de adolescência. Quando, mais tarde, conheci a tradição da morte do poeta, sob a pressão violenta e iníqua do despotismo de Pombal, admiração e simpatia confundiram-se numa idealização estética, de que nasceu um pequeno drama, *Poeta por desgraça*, representado no Teatro Académico».—Cf. Supico, *loc. cit.*, p. 116, transcrito das *Modernas ideias da literatura portuguesa* e no volume *Teófilo Braga e Inoc. F. Silva*, p. 19, nota.

Em Outubro de 1863 escrevia o autor: «O meu drama *Garção* (assunto que o inspira e não me inspira menos) reduzi-o a três actos, e pu-lo em verso lírico, com o título de *Poeta por desgraça*».—Cf. *T. B. e Inoc. F. Silva*, p. 101.

Em carta a Supico [Maio de 1866], Teófilo informa: —«Está em ensaios, no Teatro Académico, um drama meu em que se representa a prisão e morte do poeta Garção, vítima do despotismo feroz do Marquês de Pombal; intitula-se *Resignação*. O título verdadeiro é *Sêde de Justiça*, que foi substituído por não agradar à direcção do teatro. A figura principal é desempenhada pelo quintanista Eça de Queirós, que tem um grande talento dramático. Pelas outras figuras não tenho confiança no êxito final».—Cf. Supico, *loc. cit.*, p. 254.

Registo ainda outro depoimento autorizado concernente ao título do predito drama: —«T. B., farto da França, escreveu um drama caseiro e violento, que se chamava *Garção*...». [Cf. Eça de Queirós, *Últimas paginas*, p. 435]. Intitulado *Poeta por desgraça*, foi publicado no volume *Torrentes, últimos versos*, Porto 1869. Carneiro & Moraes, editores. Representou-se a 29 de Abril de 1865, e pelo autor foi o drama excluído do plano definitivo da sua obra.—Cf. Teixeira Bastos, *T. B. e a sua obra*, p. 47.

Consoante fica documentado êste trabalho de T. B. teve cinco títulos, dos quais subsiste o *Resignação*, com que foi representado, e *Poeta por desgraça* o da publicação.

## 9—*Quita*, drama em 3 actos.

Em Janeiro de 1861 escrevia T. B. a Inocência: «escrevi outro drama em três actos, pautado pelo Frei Luís de Sousa, a que dei o nome de *Quita*, e que versa sobre os amores ocultos do poeta, com Tircêa, e envenenamento propinado —dizem— pelo Dr. Baltasar Tara, marido de D. Teresa Teodora de Alvim. O assunto inspirou-me bastante e comecei-o fazendo escrever o poeta os primeiros oito versos do Idílio ix da p. 151, 1.º tomo. Já por aqui vê que são os homens de letras os meus heróis». O primeiro acto passa-se em casa do poeta e os dois últimos em casa do Dr. Tara. [Cf. *loc. cit.*]. Três meses decorridos informou a Supico: «O Teatro Académico está em baixo. Nomeou-se novo conselho de que o Dr. Filipe [do Quental] é presidente. Êle pretende também pôr em scena um drama em três actos, meu, chamado *Quita*».—Cf. Supico, *loc. cit.*, p. 145.



10—*Lembranças do melhor tempo.* Romance.

Romance sôbre o poeta Chiado, citado em carta a Inocência, datada de Ponta Delgada em 6 de Janeiro de 1861.—Cf. *T. B. e Inoc. F. Silva*, p. 37.

11—*Maria Telles.* Tragédia.

Escreve T. B. a Inocência: «...encontrei não menos de três tragédias, e uma quarta em embrião, sôbre *Maria Telles*, com suas pretensões a *Othelo*».—Cf. *loc. cit.*, p. 46.

12—*Viagem ao redor do meu tinteiro.*

«Romance humorístico da escola de Stern, Goëthe, Maistre, Karr e Garrett que nela se matriculou com as *Viagens na minha terra*».—Cf. *T. B. e Inoc. F. Silva*, p. 46].

13—*X. Poema.*

Em Julho de 1861 escrevia T. B.: —«Passo as horas escrevendo um poema inclassificável, chamado o *X*, poema sem principio nem fim, a minha *Divina Comedia*, e que os meus amigos entendem a extensão matemática. Cheguei já à parte que trata da «Epopéia de Cristo» e brevemente seguirá o «*Novo Apocalipse*».—Cf. *Mocidade de Teófilo*, p. 147.

Noutra carta [Agosto de 1861] a Supico: —«O *X* é o prólogo de dois poemas épicos chamado o primeiro *Xpº*, cujo assunto é o Cristo considerado como filósofo da Igualdade. O outro é o *Novo Apocalipse*, em que se trata da vida de alguns épicos».—Cf. *loc. cit.*, p. 148.

14—*Septimo Sacramento.*

«Há dias escrevi uma comédia lírica, em um acto, modelada pelos *Aitos* do nosso Plauto. Chama-se o *Septimo Sacramento*».—Cf. *T. B. e Inoc. F. Silva*, p. 101.

15—*Stella matutina* | *Poema Biblico* | *de* | *Theophilo Braga* | —◆— |  
*Porto* | *Typographia de Sebastião José Pereira*, | *Rua do Al-*  
*mada, 641* | — | 1863.

Opúsculo de 14 páginas. Tiragem de 20 exemplares.

Camilo apreciando esta composição poética escreveu: —«É uma donosa e encantadora fantasia. A lágrima fala com Jehovah em termos tam ameigadores, que, por isso fica radiante estrêla, engastada no empíreo».

Em Julho de 1864, Guilherme Braga escrevia a Teófilo: —«Está agora aqui no Pôrto a companhia dramática do Teatro D. Maria II, e já sei que a Manuela Rey, aquela ingénua sublime, recitará brevemente o seu poemeto incomparável *Stella matutina*». Foi recitado no Teatro de S. João, no Pôrto, em 27 e 29 de Agosto. Depois, foi

também recitada, em Lisboa, no Teatro D. Maria, actualmente Nacional, em 3 de Setembro do mesmo ano.

Está incluído com variantes e nota explicativa na *Visão dos Tempos*.

16—*Visão dos Tempos* | por | *Theophilo Braga* | — | *Antiguidade Homérica* | *Harpa de Israel* — *Rosa Mystica* [V. M.] Porto | *Em casa da viuva Moré-Editora*.

Este volume de xxxi + 183 + 3 páginas abre com um retrato do autor, em cobre, feita pelo gravador J. P. de Sousa. Est. da Academia Real de Belas Artes de Lisboa.

T. Bastos escreve: «A *Visão dos Tempos*, publicada em 1864, causou uma sensação indescritível. Bravos e aplausos espontâneos rebentaram de todos os lados. A literatura oficial curvou-se diante do fogoso poeta. Os salões de burguesia opulenta abriram-se-lhe como por encanto. Foi um triunfo».

17—*Visão dos Tempos* | por | *Theophilo Braga* | ∞ ∞ | *Antiguidade Homérica* | *Harpa de Israel*—*Rosa mystica* | *Segunda edição* | *Com um juízo critico do Sr. M. Pinheiro Chagas* [vinh.] Rio de Janeiro | *Vende-se na rua da Quitanda n.º 48* | — | 1864.

No verso do frontispício: — «Typ. Lisbonense de C. A. Mello, rua do Sabão n.º 130». Segue-se carta «Ao senhor José Gomes Monteiro», datada do Porto, 18 de Setembro de 1863. Na p. vii o «juízo critico» que termina na p. ix, e é extraído do *Anuario do Archivo Pittoresco*, da autoria de Pinheiro Chagas. Nas pp. xi-xxiii «Generalisação da Historia da Poesia», segue o texto até p. 125, sendo a 127 de index.

18—*Tempestades Sonoras* | por | *Theophilo Braga* | ——— | *Segunda serie* | da | *Visão dos Tempos* [V. M.] | Porto | *Em casa da Viuva Moré-Editora*, | Praça de D. Pedro | A mesma em Coimbra, | rua da Calçada || Casa de Comissões em Paris | 2<sup>bis</sup>, rue d'Arcole | ..... | 1864.

No verso do frontispício. «Porto: 1864. — Typographia Commercial, rua de Bello-monte n.º 19». Na página seguinte: «A minha irmã»:

Como o aroma rescende na magnolia,  
Minha alma vai na strophe impaciente:  
Não se separa a toada da harpa còlia,  
O murmúrio da languida corrente.

Na p. vii começa: «Parte esthetica—sobre a evolução da poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a forma». Esta introdução é datada do «Porto, Junho, 1864», termina na p. xxx. Na imediata as «erratas» e uma de index. São 199 versos.

No *Instituto* saiu o *Pardalsinho de Lesbia*, e um trecho do poemeto *Sémida* com título *A volta*.

Na *Revista Contemporanea* saiu o *Masthodonte*  
Em o *Tira-teimas* saiu o poemeto *O Rosario*.

19—*Poesia | Do Direito | por Theophilo Braga* [Ao centro duma combinação de filetes: V. M.] *Porto. | Em casa da Viuva Moré—Editora | — | 1865.*

No verso do frontispício: «Porto: 1865—Typographia Commercial, rua de Bello monte n.º 19». Na página seguinte a dedicatória: «À Academia Real das Sciencias de Lisboa».

Na p. vii começa a «Introducção» que termina na p. xvi. Segue-se a «Primeira parte.—Ensaio da generalisação da symbolica do direito universal», ocupando 138 páginas; depois a «Segunda parte.—Origens poeticas do direito portuguez procuradas no velho symbolismo juridico da Allemanha e da França», terminando na p. 178. Nas 179–180 «Obras que convem consultar para a intelligencia d'este livro»; 181–184 índice.

Nota Teixeira Bastos:—«A parte que se refere ás *Origens poeticas do Direito portuguez* foi reescripta com novos factos na *Historia do Direito portuguez*. D'esta obra extraíram o Dr. Oliveira Valle e Dr. Caetano de Andrade duas teses para o seu acto de conclusões magnas na Universidade.—Ha um pequeno excerpto publicado no *Archivo Pittoresco*».

Em officio, datado de 9 de Dezembro de 1865, assinado por J. M. Latino Coelho, na qualidade de Secretário Geral da Academia Real das Sciências de Lisboa, esta corporação agradecia o exemplar oferecido e comunicava que o mesmo «foi remetido á secção de Sciencias Moraes e Politicas e Bellas Letras para a tomar em consideração».

20—*Contos | phantasticos | por | Theophilo Braga | ——— | Lisboa | Typographia Universal | Rua dos Calafates, 110 | — | 1865.*

Volume de 216 páginas. Na v–xi: carta do autor ao editor datada de «Coimbra, 8 de março de 1865».

«Os contos *Azas brancas* e *O Véo* saíram na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*; os restantes foram publicados no *Jornal do Commercio*, á excepção dos dous últimos, que pela primeira vez appareceram neste livro. Em 1886 foram casualmente reproduzidos em folhetins da *Folha Nova*, do Pôrto. Existe um conto avulso na *Renascença*, do Pôrto, reproduzido depois na *Selecta Infantil*, de Joaquim de Araujo, e outro *A Rosa de Saron*, em uma pequena Revista académica de Lisboa».—Cf. T. Bastos, *loc. cit.*

21—*Theophilo Braga | — | As | Theocracias Litterarias | relance sobre o estado actual | da | litteratura portugueza | ——— | Lisboa | Typographia Universal | Rua dos Calafates 110 | — | 1865.*

Opúsculo de 14 páginas, datado de Novembro de 1865.

Constitui o quinto escrito da Bibliografia da polémica denominada «Bom senso e bom gosto», consoante o labor de Fran Paxeco em *A escola de Coimbra e a dissolução do romantismo*. Supico na *Mocidade de Theophilo* conta os antecedentes das *Theocracias litterarias* que o autor destinava a folhetim para o *Jornal do Commercio*, onde colaborava. Teófilo informa:

«Força-me a consciência a erguer a voz:

Estamos numa terra em que a verdade para ser ouvida precisa trazer a forma do escândalo. A não vir dêste modo é uma cousa ininteligível, obscura. Tanto melhor

para quem aspira a ser entendido somente por aqueles que se pagam da sua obscuridade pela firmeza da consciência, e integridade de carácter».

22—*A Ondina do Lago* | por | *Theophilo Braga* | — | *Porto*: | *Typographia Commercial*, | Rua de Bellomonte, 19 | — | 1866.

Começa este livro, de xxxvii + 200 páginas, com o estudo sobre a «Poesia da Historia nos cyclos cavalleirescos»: «Muitos sonetos, que no poema representam o subjectivismo amoroso da época trobadoresca, formavam, enquanto inéditos, a colecção escrita de 1864 e 1865 intitulada *Bianco vestita*».—T. Bastos.

\*23—[*Organisação Judiciaria*].

Nos *Estudos sobre organisação judiciaria*. Coimbra, *Imprensa da Universidade*. 1866. A propósito escreveu Teófilo:

«Em 1866, quando tomei conhecimento com Luiz Jardim, contratou comigo o escrever-lhe parte da Dissertação inaugural do seu doutoramento, intitulada *Organisação Judiciaria*, por oito libras; em vez de receber o dinheiro, preferi pagar logo com elle o aluguer de uma sobre-loja no predio de seu pai, pelos dois anos de 1867 e 1868».—Cf. Supico, *Mocidade de Theophilo*, p. 340 nota, e p. 254.

24—*Historia* | da | *Poesia Popular* | *Portuguesa* | por | *Theophilo Braga* | — | *Porto* | *Typographia Lusitana* | Rua de Bellomonte n.º 74 | — | 1867.

Na capa: «Cancioneiro e romanceiro geral portuguez. Confecção e estudos por Theophilo Braga—I. Historia da poesia popular portugueza». Volume de viii + 222 páginas.

«Uma grande parte deste livro foi publicada em artigos no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, no periodo de colaboração de 1865 a 1866. Saiu com os dois volumes seguintes com o titulo na brochura *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*. Na *Revista Contemporanea* saiu em artigo a *Lenda popular da Hospitalidade*».—T. Bastos.

25—*Cancioneiro popular* | colligido da tradição | por | *Theophilo Braga* | *Quem tiver*..... | *Coimbra* | *Imprensa da Universidade* | 1867.

No verso da capa: «II. Cancioneiro popular». Volume de viii + 223 páginas.

«É a primeira colecção de cantigas soltas colhidas da tradição oral portugueza. Acham-se algumas comparadas com as cantigas espanholas, na obra de Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*. Os Anexins poéticos da lavoura, pela primeira vez impressos destacando as suas formas métricas, foram tomados como elemento comparativo no estudo do Dr. Jules Cornu, *Una Panerá de Revi fribordzey*».—T. Bastos.

26—*Romanceiro Geral* | colligido da tradição | por | *Theophilo Braga* | ..... *Coimbra* | *Imprensa da Universidade* | 1867.

«Neste volume [de viii + 216 páginas] foram pela primeira vez coligidas todas as «variantes» dos Romances populares, com notas comparativas em quanto às tradições



do Ocidente da Europa, e em relação com as origens consuetudinárias do Direito português. Uma grande parte dêste Romanceiro foi transcrito pelo Dr. Hardung, na edição do *Romanceiro portuguez*, de Leipzig.—T. Bastos.

27—*Chateaubriand* | (*Traductor Theophilo Braga*) | ——— | *Obras primas* | *Atala-Renato* | *Aventuras do Derradeiro Abencerrage* [vinh.] *Coimbra* | — | *Imprensa Litteraria* | 1867.

Volume de 248 páginas.

Na biblioteca do autor existe um exemplar com a dedicatória manuscrita: —«Á minha linda mulher, como recordação d'aquellas risadas das feras do quinto anno».

Do contrato editorial dêste livro dá informes a carta para Supico, escrita em Outubro de 1866, e publicada a p. 225 da *Mocidade de Theophilo*, pela qual se vê que pela tradução recebeu «doze libras».

28—*Villa Nova de Gaia* | *Romance* | por | *João Vaz* | de *Evora* | ——— | *Publicado segundo a edição de 1630 e acompanhado de um estudo sobre a transformação do romance anonymo* | no romance com *fôrma litteraria* | por | *Theophilo Braga* | ——— | *Coimbra* | *Imprensa Litteraria* | 1868.

Êste opúsculo de 40 páginas tem a capa com os seguintes dizeres:

*Rariedade bibliographica—Gaia. Romance por João Vaz—publicado segundo a edição de 1630 e acompanhado de um estudo sobre a transformação do romance popular no romance com fôrma erudita nos fins do seculo XVI por Theophilo Braga. ...*

29—*Theses* | ex | *Universo Jure* | *selectae*, | *quas, praeside clarissimo ac sapientissimo D. D. Adriano Pereira Forjaz de Sampaio.....* | *Theses Escolhidas* | de | *Direito* | as *quaes*, | sob a *Presidencia* | do *illustrissimo e excellentissimo* senhor | *Doutor Adrião Pereira Forjaz de Sampaio* | do conselho de Sua Magestade, | moço fidalgo da sua Real Casa | Decano e director da Faculdade de Direito, | socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, | Socio honorario do Instituto de Coimbra, | e da Associação dos Artistas da mesma cidade, | etc., etc., etc. | *Se propõe sustentar* | no seu | *acto de conclusões magnas* | nos dias do mez de | *Joaquim Theophilo Braga*.

Na capa: *Theses sobre diversos ramos de direito as quaes na Universidade de Coimbra em 1868 defenderá Joaquim Theophilo Braga*.

Opúsculo de 21 páginas, tendo no verso da última em baixo e sob filete: «Conimbricæ — Typis Academicis — MDCCCLXVIII». Tem a dedicatória «Ao Ill. e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde da Praia. Par do Reino. Off. Joaquim Theophilo Braga», que em carta para

Supico, datada de Agosto de 1868, declara porque convidou o benemérito titular para Padrinho do doutoramento, e como tal lhe custeava a impressão dêste folheto. Cf. *Mocidade de Teófilo*, p. 312.

30—*Características | dos | Actos Commerciaes | por | Theophilo Braga | Doutorando em direito na Universidade de Coimbra, | socio effectivo do Instituto [vinh.] Porto | Typographia Lusitana | 74, Bellomonte, 74 | — | 1868.*

É a dissertação para o concurso das cadeiras de comércio e economia política na Academia Politécnica do Porto. Opúsculo de 47 páginas.

«Foi rejeitado o autor nesse concurso, contudo êste trabalho era citado na aula de Direito comercial no 4.º ano da Faculdade de Direito».—T. Bastos.

31—*Historia do Direito Portuguez. | Os Foraes. | Coimbra. | Imprensa da Universidade. | 1868.*

«No cap. III dêste livro [de xv + 157 páginas] foi desenvolvida a parte que se intitula *Origens poeticas do Direito Portuguez* na obra *Poesia do Direito*».—T. Bastos.

Diz o ilustre autor no próemio: «A relação entre os Foraes do seculo XIII e os romances populares actuaes estabeleceu-se no nosso espirito, pelo encontro frequente de numerosissimas referencias dos principaes romances nas obras dos escriptores quinhentistas Gil Vicente, Prestes, Sá de Miranda, Jorge Ferreira e Camões. Avançando constantemente, e sentindo, comprehendendo a expressão do nosso genio nacional, organisámos então a *Historia da Litteratura portugueza*, onde cada escriptor seria julgado segundo a intuição que teve das fontes tradicionaes de que mais ou menos conscientemente se aproximou. Assim pelo estudo dos cantos do povo é que comprehendemos o que havia de caracteristicamente nosso nos Cancioneiros provençaes portuguezes, considerados por Wolf como imitações sem character nacional; pelo estudo das superstições é que conhecemos as origens de alguns *Autos* de Gil Vicente, onde este homem de genio dramatisou costumes populares, como no *Triumpho do Inverno*. Pertence tambem a esta ordem de estudos a observação da persistencia ethnica das raças peninsulares, base do nosso esboço sobre os *Elementos da Nacionalidade portugueza* e da *Historia de Portugal* em que trabalhamos».

32—*Revista critica de Litteratura moderna por uma Sociedade de Litteratos.—A Delphina do Mal, de Thomaz Ribeiro. Porto, Imprensa Popular de J. L. de Sousa, 1868.*

Opúsculo de 31 páginas.

33—*Floresta | de Varios | Romances | por | Theophilo Braga | .... | — | Porto | Typ. da Livraria Nacional | Rua do Laranjal, 2 a 22 | — | 1868.*

Nas páginas LIII o estudo sôbre as «Transformações do romance popular do século XVI a XVIII»; nas 217 páginas seguintes «Romances com forma litteraria dos cul-

tistas portugueses» e «Romances da historia de Portugal, tirados das collecções hespanholas».

Neste livro «coligiu o Dr. Teófilo Braga as trovas, romances, cantigas que têm mais ou menos um carácter de reacção contra a poética estrangeira, ou que manifestam uma influência da alma popular. Álvaro de Brito, Garcia de Resende, Francisco de Sousa, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão, Sá de Miranda, Jorge de Monte-Mór, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Luís de Camões, Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco de Portugal, Baltazar Dias, D. Francisco Manuel de Melo, Quintana de Vasconcelos e Francisco Lopes são os contribuintes. Há também uma parte extraída das colecções espanholas e que se refere a assuntos da nossa história».—T. Bastos.

34—*Excavações bibliographicas.—Seculo XVI: As Poesias e Prosas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Porto, Typographia do Diario Mercantil, 1868.*

Opúsculo de 15 páginas cujo texto «foi incorporado depois na *Historia de Camões* quando se estudou a personalidade de Soropita. É da maior raridade. Simples tiragem de um artigo sobre a edição de Soropita, publicado no *Diario Mercantil*, do Porto».—T. Bastos.

35—*Torrentes | — | Ultimos versos | de | Theophilo Braga | 1869 | Porto | Carneiro e Moraes, editores | Rua do Almada, 171.*

«Neste volume [de VIII + 318 páginas] já se acha indicada «a disposição em que devem ser collocados todos os poemas que formam o plano geral da Visão dos Tempos». Os poemas *A sombra do Propheta*, *Fim de Satan* e a *Infancia de Homero* foram traduzidos em verso castelhano por M. Curros Enriquez na sua colecção *La Lira lusitana, Poemas portuguezes originaes de los mejores vates contemporaneos*. (*El Provenir*, año II, n.ºs 464, 465, 469, 470, 471, 474;—1883).

Também vem um drama em verso acerca do árcaide Garção, intitulado *Poeta por desgraça*, representado com o título *Resignação*. O poemeto *A Vertigem do Infinito* appareceu primeiramente na *Revista Contemporanea* com o título *Ultima gargalhada de Mephistopheles*, do qual um fragmento intitulado *O piano de Elvira* saiu no jornal de versos *A Grinalda*.—T. Bastos.

36—*Visão | dos Tempos | por | Theophilo Braga | — | Antiguidade Homérica — Harpa de Israel | Rosa mystica | — | Segunda edição | correcta e augmentada | — | Livraria Internacional | de | Ernesto Chardron | 96, Rua dos Clerigos, 98 | Porto || Eugenio Chardron | 4, Rua S. Francisco, 4-A. | Braga | 1869.*

Na capa: 1870. Volume de XLVII + 219 páginas.

«Esta segunda edição portuguesa não traz retrato nem dedicatória. Diz-se na Advertência: «Vão tres novos poemas: *A Estrella dos Magos*, *O Fim de Satan* e o *Dithyrambo dos Mortos*. Na *Historia da Poesia*, onde se explica a theoria do livro,

introduzimos bastantes ampliações, que mais confirmam os primeiros modos de vêr, etc.». Os poemetos apresentam muitas variantes em consequência de retoques do autor». — T. Bastos.

- 37—*Os Lusíadas*. | *Epopea de Luiz de Camões*. | *Edição popular, conforme a 2.<sup>a</sup> de 1572, com um prospecto chronologico da vida do poeta e um retrato*. | Porto. | *Imprensa Portuguesa*. | Rua do Almada, 161 | MDCCCLXIX.

Volume de xxiv + 449 páginas.

- 38—*Folhas Verdes* | *Versos dos quinze anos* | por | *Theophilo Braga* | ——— | *Segunda edição* | *correcta e augmentada*. | Porto | *Livraria de Anselmo de Moraes* | Rua do Almada, 171 | — | 1869.

Ao frontispício segue-se (p. v) a dedicatória, em prosa, ao Visconde da Praia, datada do Pôrto, 24 de Fevereiro de 1869. Nas pp. vii-viii uma advertência do autor. Da p. 1 a 196 o texto, e de 197 a 212 «Sobre o genero heroi-comico». Notas e índice. De 213 a 290 juízo da imprensa portugueza e estrangeira sôbre as obras do autor.

«Nesta edição foi suprimido o prólogo de F. M. Supico, e acrescentou-se o poemeto em quatro cantos *Graves Nadas* (continuação do *Hyssope* de Diniz) e uma farsa da escola nacional, segundo a tradição de Gil Vicente: *O Lobo da Madragoa*». — T. Bastos.

- 39—*Cantos populares* | do | *Archipelago* | *Açoreano* | ——— | *Publicados e annotados* | por | *Theophilo Braga* | . . . . | Porto | — | *Typ. da Livraria Nacional* | Rua do Laranjal, 2 a 22 | 1869.

Na capa: «Cancioneiro e romanceiro geral portuguez», e os restantes dizeres do frontispício. Volume de xvi + 478 páginas.

«Pela primeira vez foram coligidos neste livro as Parlendas e Jogos infantis. A maior e melhor parte dos romances desta colecção appareceu reproduzida pelo Dr. Victor Eugène Hardung, em 2 volumes da Colecção de Autores portuguezes (n.ºs vii e viii) da casa Brockhaus, em 1877, com o título *Romanceiro portuguez*. O conde Du Puymaigre traduziu-os também nos *Vieux Chants Portugais*, com notas importantes. Morel Fatio, na *Romania*, tom. II, fasc. 1.º, «fez justiça aos trabalhos de compação e colleccionação sôbre a Poesia popular do autor...» (*Bibl. crit.*).

«Na *Revista Lusitana* vêm novos Aditamentos aos Cantos açorianos». — T. Bastos.

- 40—*Historia* | da | *Poesia moderna* | em | *Portugal* | ——— | *Carta a J. M. Nogueira Lima sobre a Grinalda* | por | *Theophilo Braga* | ——— | Porto | *Typographia da Livraria Nacional* | 2, Rua do Laranjal, 22 | — | 1869.

Opúsculo de 20 páginas.

«Foi encorporado este Estudo na *Introducção á Historia da Litteratura portugueza*. Animou Nogueira Lima a completar o seu vasto repositório de Poesia moderna,



dedicando por isso ao autor o quinto volume. Nesta colecção da *Grinalda* publicou o *Piano de Elvira* (encorporado nas *Torrentes*), a *Noite escura da alma*, de S. João da Cruz, e das pequenas versões de Runeberg». — T. Bastos.

41 — *Balzac | A Duqueza de Langeais | A missa do atheu | Uma paixão no deserto | Porto | na Typographia de Manoel José Pereira | 1869.*

Um volume de xxxii páginas de introdução às obras de Balzac. Texto 263 páginas. (Na capa da brochura anunciava-se a tradução do *Primo Pons*).

A *Introducção geral á Comedia humana* foi desenvolvida e encorporada na obra *As modernas Ideias na Litteratura portugueza*.

42 — *Historia | da | Litteratura Portugueza | por | Theophilo Braga | ——— | Introducção | ——— | Porto | Imprensa Portugueza-Editora | 1870.*

Ao frontispício seguem-se duas páginas de índice e mais uma onde se lê:

«Em 1867, em uma nota do *Cancioneiro popular* appareceu pela primeira vez a promessa de uma *Historia da Litteratura portugueza*. A obra está prompta; não sabemos se será possível vencer a indiferença geral por esta ordem de trabalhos. Se a parte principal tiver de jazer inedita ou se perder, aqui fica desde já a *Introducção*, como o fio conductor para o que aventurar-se a examinar os páramos da nossa litteratura.

Estão lançadas as bases, determinado o elemento nacional, discriminadas as influencias das litteraturas e civilisações estrangeiras que actuaram sobre nós, e ligada a cultura portugueza ás grandes tradições da Idade Media da Europa.....

.....Trabalho modesto a par dos iniciadores, é grande em uma terra aonde nada se estuda e nada se respeita».

Ocupa-se das raças e suas criações artisticas, génio dos mosárabes em Portugal, epopeias da Idade Média em Portugal; primeiras bibliotecas portuguezas; a Renascença e a Reforma; Academias literárias; origens da poesia moderna no nosso país. São 355 páginas + 1 de erratas e o registo: «Porto—Imprensa Portugueza, Rua do Almada».

«Nesta obra foi incluído o opúsculo intitulado *Historia da Poesia moderna em Portugal*, escrito como introdução geral à *Grinalda* de Nogueira Lima. As ideas anthropológicas e ethnológicas dêste livro foram successivamente comprovadas em outros trabalhos». — T. Bastos.

43 — *Historia | do Theatro | Portuguez | por | Theophilo Braga | — | Vida de Gil Vicente e sua escola | seculo xvi | Porto | Imprensa Portuguesa-editora | 1870.*

Volume de viii + 326 páginas.

«Na parte relativa à biografia de Gil Vicente está atrasada, e completa-se com as descobertas históricas consignadas nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*». — Cf. T. Bastos.

Sobre a introdução às formas populares do Theatro portuguez acha-se do autor um artigo na *Revista Lusitana*, n.º 1, do Pôrto, 1887.

44—*Historia | do Theatro | Portuguez | por | Theophilo Braga | ———*  
*A comedia classica e as tragicomedias | Seculos XVI e XVII*  
*—o— | Porto | Imprensa Portugueza—editora | 1870.*

Volume de VIII + 364 páginas.

«Este volume encerra a história das causas da decadência do elemento nacional do teatro português.

.....  
 «Pobre e constantemente combatido, em tudo se conhece que o teatro português foi sempre a forma vital da nossa literatura».

45—*Estudos | da | Edade media | ——— | Philosophia da Litteratura |*  
*por | Theophilo Braga [vinh. com as letras E. C.] Livraria Inter-*  
*nacional | de | Ernesto Chardron | 1870.*

Volume de VII + 332 páginas.

«O estudo relativo às Cartas da Religiosa portuguesa foi fundamentalmente reescrito sobre novos dados históricos na *Era Nova* (p. 103). A *Poesia da Navegação Portugueza*, anteriormente publicada na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, foi reescrita fundamentalmente na *Historia de Camões*. O estudo sobre *Romantismo em Portugal* foi desenvolvido e comprovado largamente na *Historia do Romantismo*».

46—*Espirito | do | Direito Civil | Moderno | ——— | Direito subsidiario,*  
*propriedade, | contractos | por | Theophilo Braga | Doutor em*  
*direito | ——— | Livraria Internacional | de | Ernesto Chardron |*  
*98, Rua dos Clerigos, 98 | Porto || Eugenio Chardron | 4, Rua*  
*de S. Francisco, 4 | Braga | 1870.*

Opúsculo de 40 páginas, composto e impresso na Imprensa Portuguesa da Rua do Almada, 161. É a «Dissertação para o concurso de um logar de lente substituto na faculdade de direito na Universidade de Coimbra».

\*47—*Sobre a litteratura portugueza.*

Nas pp. CCIX–CCXLVIII do *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da lingua portugueza pelo Dr. Frei Domingos Vieira dos eremitas calçados de Santo Agostinho publicação feita sobre o manuscrito original inteiramente revisto e consideravelmente augmentado. Porto. E. Chardron e Bartholomeu H. Moraes. 1871.*

«... os livreiros Bartolomeu de Moraes e Podestá, procuram-me para me consultar sobre a seguinte emprêsa: Receberam um manuscrito de um dicionário da língua portuguesa, obra em cinco volumes, de um velho frade, Frei Domingos Vieira. A mitra do Pôrto possui esse manuscrito e cedeu-o para ser impresso por uma casa editora.

«Apresentaram-me o manuscrito, que tem o titulo de *Thesouro da Lingua Portugueza*; folheei lentamente a obra e reconheci que era um simples resumo do *Vocabulario* de Bluteau, mas muito abaixo do dicionário de Moraes e Silva. Disse isto aos livreiros, mostrando-lhe que só havia a aproveitar o nome do frade pela tradição que o aureolava. Aceitando o meu ponto de vista, pediram-me que fizesse um prospecto

descriptivo do *Thesouro da Lingua Portugueza*, para o submeter á assinatura pública por parte da Empresa. Disse que fazia o prospecto seguindo o modelo do dicionário francês de Littré. Aceitaram, imprimiu-se o prospecto e lançou-se à assinatura do público. Quando menos esperava appareceram os prospectos cobertos de assinaturas, quasi ás centenas..... A Empresa satisfeita combinou dar-me cinco libras por cada caderneta. E assim me vi entalado em um trabalho exgotante, dando original para cinco compositores que me vinham chorar à porta, dizendo que trabalhavam por tarefa e que dependia de mim levantarem uma fêria razoável no fim da semana».— Cf. Supico, *Mocidade de Theophilo*, p. 322.

48—*Historia do Theatro Portuguez | por | Theophilo Braga | ——— |  
A Baixa Comedia e a opera | seculo XVIII | —. —. | Porto |  
Imprensa Portuguesa-Editora | 1871.*

Volume de vi + 400 páginas.

«A história do teatro português neste período é o retrato mais completo do nosso estado social».— T. Braga.

49—*Obras | de | Christovam Falcão | contendo: | A Ecloga de Crisfal,  
a Carta, Cantigas, Esparsas e Sextinas | com um | Estudo sobre  
a sua vida, poesias e época | por | Theophilo Braga | ——— |  
Edição critica | Reproduzida da edição de Colonia de 1559,  
com a | Segunda parte apocrypha de 1721 | ——— | Porto |  
Imprensa Portuguesa-Editora | — | 1871.*

Corre o estudo de Teófilo Braga de pp. 3 a 24 e mais 40 páginas de texto.

O prólogo foi desenvolvido na obra *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*.

Acêrca desta edição escreveu o Dr. Rodrigues de Gusmão:

«Assevero, com a verdade que é própria do meu carácter isento e independente, sem a mínima sombra de ênfase ou lisonja, que admirei a sagacidade e crítica esclarecida com que aproximando as espécies dispersas e interpretando várias passagens das poesias, reconstruiu a formosa estatura do cavaleiro poeta, dando-lhe vida e fazendo-o caminhar perante nossos olhos, trabalhado por essa doce melancolia que lhe inspirou mimosos versos, que constituem a substância da sua Égloga célebre.

«Para mim foi uma maravilha esta rara criação.

«Emquanto li o estudo era dominado de um sentimento indefinível de admiração pelos preclaros dotes de V. Ex.<sup>a</sup> que soube tirar luz donde os outros sòmente acham trevas ou quimeras».

50—*Historia do Theatro Portuguez | (Seculo XIX) | Garrett e os Dramas  
Romanticos | Porto | Imprensa Portugueza-Editora | 1871.*

Volume de viii + 296 páginas.

«Um resumo geral desta obra foi feito pelo aluno do Curso Superior de Letras João Salgado, professor de instrução complementar em Setúbal, publicado na *Bibliotheca Corazzi*».— T. Bastos.

51—*Historia dos Quinhentista (Eschola italiana | I—Seculo xvi) | Vida de Sá de Miranda e sua Eschola | Porto | Imprensa Portuguesa Editora | 1871.*

Nêste volume, de viii + 328 páginas, appareceu pela primeira vez a Oração de Francisco de Sá, achada pelo autor no Catálogo dos Manuskriptos portuguezes do Museu Britânico, donde se prontificou a mandá-la copiar o Sr. Jacinto Inácio de Brito Rebêlo. Como êste cavalheiro ofereceu uma cópia a Inocência Francisco da Silva, que a publicou um mês antes no *Diccionario Bibliographico*, daqui resultou ser acusado o autor de tomar a sua própria descoberta da obra supracitada. (Vid. *Dicc. Univ.*, artigo SÁ DE MIRANDA).

52—*Historia da Poesia Portuguesa | (Eschola Nacional) | Epopéas | da | Raça | Mosárabe | por | Theophilo Braga | — | Porto | Imprensa Portuguesa-Editora | 1871.*

Êste volume, de viii + 378 páginas, é uma «refundição do primeiro trabalho sôbre a *Historia da Poesia popular portugueza*. Pertence êste livro rigorosamente às *Fontes tradicionais da Litteratura portugueza*, onde deve ser encorporado». — T. Bastos.

53—*Historia da Poesia Portuguesa | (Eschola Provençal) | — | Seculo xii a xiv | Trovadores | Galecio-portuguezes | por | Theophilo Braga || — | Porto | Imprensa Portuguesa-Editora | 1871.*

Volume de 345 + 1 br. + 1 página de índice. Livro «defeituoso por incompleto, porque incompletos eram os documentos sobre que se fundava». — T. Braga.

Após o frontispício vêm três páginas de intróito [v a vii] justificativo:

«Na renovação dos estudos historicos do seculo xix um dos ramos que mais importancia tem adquirido é a exposição da origem e do desenvolvimento das creações artisticas e sentimentaes de cada povo. Todas as nações modernas possuem hoje completo o corpo da sua historia litteraria .....

Depois que a ethnographia e a linguistica abraçaram os processos analyticos das sciencias naturaes, a historia litteraria recebeu uma nova luz, procurando em todas as manifestações da intelligencia e do sentimento aquellas formas caracteristicas do genio nacional. É n'esta direcção que está escripta a *Historia da Litteratura portugueza...*. Termina êste volume com o Catálogo dos trovadores portuguezes dos séculos xii a xiv.

«Êste livro foi fundamentalmente reescrito com novos elementos literários na Introdução ao *Cancioneiro da Vaticana*. Novos resultados se acham também no *Curso da Litteratura Portuguesa*, em consequência da descoberta do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*». — T. Bastos.

54—*Historia da poesia portugueza | (Eschola Hespanhola) | — | Seculo xv | Poetas | Palacianos | por | Theophilo Braga | — | Porto | Imprensa Portuguesa-Editora | 1871.*

Na capa, em seguida ao nome do autor, há um pequeno filete e o sub-título: «Formação do Cancioneiro de Resende».



Na página seguinte ao frontispício elucida o autor:

«O título d'este livro explica perfeitamente o character da poesia do seculo xv. A tendencia erudita, que persagiava a Renascença, fazia com que o nome de «trovador» perdesse a sua importancia, e se considerasse só como honroso o de «poeta». Os cultistas palacianos não percebiam o mysterio d'esta palavra, que encerra a ideia da creação e expontaneidade, mas adoptaram-na porque era uma expressão consagrada pela antiguidade classica».

Este volume, de 434 + 1 páginas de índice, divide-se em três livros ou partes: Escola espanhola, côrte de D. Afonso V, e côrte de D. João II, fechando com o Catálogo geral dos poetas portuguezes do século xv.

55—*Historia da poesia portugueza* | (*Eschola Hispano-Italica*) | — | *Seculo xvi* | *Bernardim Ribeiro* | e os *Bucolistas* | por | *Theophilo Braga* | —♦— | *Porto* | *Imprensa Portugueza-Editora* | 1872.

Segue-se ao frontispício o índice [p. v], a advertência [pp. vii e viii] e mais 316 páginas.

«O presente volume completa o estudo sobre a formação do *Cancioneiro* de Resende, começado nos *Poetas palacianos do seculo xv*; dividimol-o no ponto em que o novo espirito da poesia italiana, com o idealismo e com o sensualismo da Renascença, ia penetrando com vida as pallidas imitações da eschola hespanhola.

Deu-se este phenomeno de conciliação de um modo tão natural, que se não suscitaram luctas. . . . . Na *Historia dos Quinhentistas* já havíamos narrado as luctas da eschola italiana com Portugal; faltava ainda reconstruir a vida moral dos seus antecessores, dos que desbravaram o campo que produziu a vigorosa seiva do seculo xvi. É o que apresentamos na vespera de um concurso para a Cadeira de Litteraturas modernas e especialmente a Litteratura portugueza. Em uma terra aonde o trabalho intellectual é uma cousa sagrada, e aonde os resultados positivos da sciencia asseguram ao homem que estuda, respeito e tranquillidade, o auctor dos dez volumes da *Historia da Litteratura Portugueza* estava seguro que o seu direito ao magisterio estava acima dos programmas officiaes, nem seria vilipendiado pela expectativa de provas oraes e pelo acaso d'uma votação. Esses livros são pedidos para a Allemanha, Inglaterra, França, Hespanha e Brazil; mas em Portugal não são conhecidos, e é por isso que o unico tribunal para que podiamos apellar — a opinião publica — não fortalece a nossa voz, e fica mudo na hora do protesto». — T. Braga.

56—*Theoria da Historia da Litteratura portugueza* | *Dissertação para o Concurso da 3.<sup>a</sup> cadeira* | (*Litteraturas modernas da Europa e especialmente a Litteratura portugueza*) do *Curso superior de Lettras* | *Porto* | *Imprensa Portugueza-Editora* | 1872.

Sôbre êste livro, de 102 páginas, escreveu Adolfo Coelho: «A *Theoria* é a meu ver o trabalho histórico mais profundo que tem sido escrito em português. Só se podia chegar a traçar um quadro de traços tam firmes e acentuados dirigido por um verdadeiro espirito filosófico, à altura das grandes questões históricas e com um conhecimento perfeito do objecto especial. Com um espirito brilhante apenas, produzir-se-ia só retórica e «aperçus» superficiaes com aparência de mais ou menos profundeza; só

com o segundo chegar-se-ia apenas à erudição com a aparência de um estôfo mais ou menos mal urdido. Salvo alguma parte particular e insignificante, a *Theoria* há-de ficar na sciência, e a tese que desenvolve, adquirida como um facto demonstrado, evidente». (*A proposito da Historia da Litteratura portugueza*, carta ao autor).

57—*Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza* — | *Exame das affirmações dos srs. Oliveira Martins, Anthero de Quental e Pinheiro Chagas* | por | *Theophilo Braga* | —♦— | *Porto* | *Imprensa Portugueza-Editora* | 181, Rua do Bomjardim, 185 | — | 1872.

Êste opúsculo de 48 páginas: «provocou dois violentíssimos folhetins de Anthero de Quental no jornal *Primeiro de Janeiro*», do Porto.

58—*Hispania. Archivo para o estudo da historia, raças, linguas, litteraturas e antiguidades da Peninsula Ibérica publicado por Theophilo Braga e F. Adolpho Coelho.*

Em Agosto de 1873 foi distribuido o prospecto, composto e impresso na «Imprensa Litterario-Commercial-Editora, Rua do Bomjardim 489 a 493», no qual se lê:

«A *Hispania* não tem fim algum politico: é uma publicação que aspira unicamente a estabelecer a verdade scientifica nas complicadas questões que constituem o seu dominio; a sua divisa é—absoluta independencia na apreciação das cousas e dos homens; o seu fim—determinar as leis que presidiram á formação das civilizações peninsulares, ao seu desenvolvimento e decadencia,—investigar a vida peninsular em todas as suas phases desde os tempos mais antigos até ao fim do seculo XVIII, limite que julgamos conveniente não ultrapassar, excepto no que respeita á lingua e á litteratura popular.

A antiga unidade politica da Peninsula, o parallelismo perfeito das phases historicas de cada uma das duas nacionalidades principaes, e hoje ainda subsistentes, em que ella se scindiu no momento da reconstituição da monarchia christã, as intimas relações ethnicas d'essas nações, formadas com elementos quasi identicos de população, apenas diversificados segundo as provincias, a influencia reciproca e tão activa exercida por ellas no seu genio, costumes, litteratura, instituições, principalmente até ao seculo XVII, justificam completamente esta publicação e o seu titulo.

O espirito local tem dominado geralmente nas investigações historicas e philologicas feitas na Peninsula iberica: d'ahi resulta reduzir-se o que ha feito, no dominio que a *Hispania* se propõe estudar, quasi exclusivamente a materiaes; por exemplo, a maior parte dos escriptores hespanhoes que teem tratado da litteratura do seu paiz revelam uma ignorancia muito consideravel da litteratura portugueza, para não fallar da sua ignorancia das litteraturas não peninsulares. Ora o ponto de vista comparativo nas sciencias historicas e philologicas é a condição de todo resultado solido.

Já o facto de a *Hispania* ultrapassar no seu dominio os limites que as nacionalidades peninsulares teem geralmente imposto até aqui denuncia as nossas aspirações ao verdadeiro methodo, mas ainda isso não basta. Se a Peninsula hispanica pôde ser considerada como um todo independente nas suas phases historicas, ethnologicas, linguisticas e litterarias, é mister estudar que correntes vieram do exterior actuar sobre ella; só d'esse modo é que se chegará a resultados definitivos.

Attento o estado actual de historiographia, da ethnologia, da glottologia e da historia litteraria da Peninsula iberica, não se pôde aspirar ainda a apresentar já resultados geraes, nem mesmo sempre materiaes elaborados. Em consequencia d'isso a *Hispania* comprehenderá artigos das seguintes especies:

1.º Artigos d'um caracter geral, baseando-se sobre resultados especiais já adquiridos;

2.º Monographias mais ou menos extensas, mas tendendo sempre a dar sobre o seu objecto o maior numero de noticias possivel;

3.º Documentos e notas de toda a especie que possam offerecer uma base ou elementos para estudos ulteriores.

A *Hispania* tem já promessa de alguns sábios estrangeiros de collaborarem n'ella, e para facilitar a collaboração estrangeira, de que ella muito espera, publicará artigos não só nas linguas cultas da Peninsula, mas ainda em francez, italiano e inglez».

Desta publicação não encontrei outra noticia.

59—*Historia | das | Novellas | portuguezas | de | Cavalleria | por | Theophilo Braga | — | Formação do Amadis de Gaula | — | Porto | Imprensa Portugueza-Editora | 1873.*

Nas pp. v e vi a introdução, aonde o autor elucida:

«Este estudo, que estava por fazer entre nós, é tentado agora na *Historia das Novellas portuguezas de cavalleria*; a formação do *Amadis de Gaula*, vae explicar-nos não só a grande lei litteraria da transmutação das Canções de *Gesta* em prosa novellesca, mas ao mesmo tempo dar-nos o sentido vital para comprehender estas creações da sociedade aristocratica do seculo xv».

Segue-se ao introito 298 páginas de texto e mais 1 de indice.

Desta obra safu um resumo na *Rivista di Filologia Romanza*.

60—*Sobre a origem portugueza | do | Amadis de Gaula | por | Theophilo Braga | — | (Extracto da Rivista di Filologia Romanza, vol. I, fasc. III) | — | Imola | Imprensa de Ignacio Galeati e Filho | Rua do Corso, 35 | — | 1873.*

Opúsculo de 11 páginas. Diz T. Bastos: «Encorporado nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*. Por êste artigo é que Du Puymaigre apreciou a questão do *Amadis*, retomada por Braunesfel».

61—*Cronica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente dos Conegos regrantes: da hordem do aurelio doctor scto Augustinho: en a cidade de Lisboa. Porto, Imprensa Portugueza, 1873.*

Opúsculo de 25 fôlhas inumeradas. Tiragem em papel de linho e em pergaminho.

62—*Bibliographia critica de historia e litteratura (1873-1875).—Porto, Imprensa Litterario-Commercial, 1875.*

Um volume in-8.º grande de 390 páginas.

Nesta revista pertencem-lhe os artigos:

- *Cronica da fundação do mosteyro de Sam Vicente dos Conegos regrantes*, 1873 (a p. 240);
- *Considérations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes*, 1872 (a p. 148);
- *Discours de reception de Mr. Littré*, 1872 (a p. 274);
- *Retrato de la Lozana andaluza*, do padre Francisco Delicado, 1875 (a p. 97);
- *As Saudades da Terra*, do Dr. Gaspar Frutuoso, 1873 (a p. 215);
- *Helena*, fragmento de um romance inédito de Garrett, edição de 1871 (a p. 226);
- *Don Juan Ruiç de Alarcon y Mendoza*, por Guerra y Orbe, 1871 (a p. 309);
- *Opusculos*, de Alexandre Herculano, 1873 (a p. 193);
- *Camões e os Lusíadas*, por Francisco Evaristo Leoni, 1872 (a p. 65);
- *Os Lusíadas, ensaio sobre Camões e a sua obra*, por Oliveira Martins, 1872 (*Ibid.*);
- *Camões e os Lusíadas*, por Joaquim Nabuco, 1872 (*Ibid.*);
- *Musicas e canções populares*, coligidas por Neves e Melo, 1872 (a p. 204);
- *Romancero del Cid*, coligido por D. Carolina Michaëlis, 1871 (a p. 337);
- *Canti antichi portoghesi, tratti dal Codice Vaticana*, por E. Monaci, 1873 (a pp. 244-318);
- *Noticia dos manuscriptos da Livraria da ex.<sup>ma</sup> casa de Sam Lourenço*, 1871 (a p. 224);
- *La literatura portuguesa en el siglo XIX*, por Romero Ortiz, 1870 (a p. 33);
- *Beiträge zur Textkritik der Lusíadas der Camões*, 1872 (a p. 257);
- *Cancionero de Lope de Stuniga*, 1873 (a p. 321);
- *Cervantes y el Quijote*, por Tubino, 1872 (a p. 230);
- *Historia y juicio crítico de la Escuela poética sevillana*, 1871 (a p. 17).

63— *Os novos criticos de Camões por Theophilo Braga* (Extrahido da Bibliographia Critica, tomo 1, pp. 65 a 84) Porto. Imprensa Portugueza-Editora. 1873.

Opúsculo de 22 páginas.

64— *Obras completas de Luiç de Camões.*

Vol. I. *Sonetos*. Porto. Imprensa Portugueza-Editora, 1873. Volume de viii + 221 páginas.

Vol. II. *Canções, sextinas e odes*. Porto. Imprensa Portugueza-Editora, 1874. Volume de viii + 192 páginas.

Vol. III. *Elegias*. Porto. Imprensa Portugueza-Editora, 1874. Volume de viii + 121 páginas, e *Eclogas*. 3 a 46 p.

65-66— *Historia da Poesia Portugueza | (Eschola Italiana—II) | ——— | Seculo XVI | Historia | de | Camões | por | Theophilo Braga | ——— | Parte I | A vida de Luiç de Camões | ——— | Porto Imprensa Portugueza-Editora | 1873.*

Publicou-se êste labor teofiliano em três partes ou pequenos volumes. Na primeira parte trata da *Vida de Luiç de Camões*, em viii + 443 páginas. As páginas 82 a



112 foram substituídas porque o autor acreditara na autenticidade duma carta que apareceu no jornal *Imprensa e lei*, em 1856, dirigida por Aires Barbosa a André de Rezende.

Na segunda e terceira parte estuda a *Escola de Camões*, dividindo em: *Livro I—Os poetas liricos*, e *Livro II—Os poetas epicos*, formando ao todo um volume de 592 páginas, que apareceu à venda em 1875.

Diz Inocêncio:—«O Sr. T. B. copiou na sua *Historia de Camões*, parte II (volume III, pp. 480 a 496) a notícia em que Soares Toscano descreveu a composição da *parodia* [ao primeiro canto dos *Lusiadas de Camões*] e os seus autores». Cf. *loc. cit.*, XIV, p. 397.

67—*Os Lusiadas de Luiç de Camões. Edição reproduzida da 2.<sup>a</sup> de 1572, e revista por Theophilo Braga. Porto. Imprensa Portuguesa. 1875.*

Volume de VII + 446 páginas. «Edição especial de que se tiraram apenas 16 exemplares, conforme a de 1874 da mesma casa, e aproveitando o mesmo texto, segundo a nota da pag. 19 do *Catalogo da exposição camoniana do centenario no palacio de Cristal do Porto*. A tiragem foi em papel de linho». Cf. Brito Aranha, *Dic. Bibl.*, XIV, p. 173.

68—*Manual | da | Historia da Litteratura | Portuguesa | desde as suas origens até ao presente | por | Theophilo Braga | Obra approvada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica para os Cursos do 3.<sup>o</sup> anno de Portuguez dos Lyceus, por despacho de 28 de abril de 1875. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz-Editores, 1875.*

Neste livro de VII + 474 páginas corrigem-se muitos pontos dos diversos volumes da *Historia da Litteratura portugueza*.

69—*Constitution de l'Esthétique positive.*

Artigo na *Philosophie positive*, revista dirigida por E. Littré et G. Wyrouboff. (VIII année, n<sup>o</sup> 1, Juillet-Août, 1875).

70—*Curso de Litteratura Portuguesa | — | Antologia Portuguesa | Trechos selectos coordenados | sob a classificação dos generos litterarios e precedidos de uma | Poetica historica Portuguesa | por | Theophilo Braga | Professor de litteraturas modernas no Curso Superior de Lettras | — | Porto | Livraria Universal | de | Magalhães & Moniz-Editores | 12, Largo dos Loyos, 14 | — | 1876.*

Nêste volume de XXVII + 350 páginas encontram-se «algumas composições inéditas de Sá de Miranda, extraídas do *Cancioneiro* manuscrito de Luís Franco, da Biblioteca

Nacional, incorporadas depois na monumental edição de D. Carolina Michaëlis e uma outra de Bernardim Ribeiro. Chegou a ser adoptado em alguns liceus».—T. Bastos.

71—*Grammatica Portugueza | Elementar | — | Fundada sobre o methodo historico-comparativo | por | Theophilo Braga | Professor do Curso Superior de Lettras | — | Editora | Livraria Portugueza e Estrangeira | de || João E. da Cruz Coutinho | 15, Rua do Almada, 17 | Porto || A. A. da Cruz Coutinho | 75, Rua de S. José, 75. | Rio de Janeiro || — | 1876.*

Volume de xxi + 153 páginas.

Deixou o autor um exemplar com imensas notas inéditas para 2.<sup>a</sup> edição.

72—*Bocage | Sua vida e epoca litteraria | por | Theophilo Braga | — | Porto | Imprensa Portugueza-editora | 1876.*

Volume de 307 páginas.

Foi escrito para servir de Introdução à edição das Obras completas de Bocage.

A parte relativa à *Conjuração dos Pintos*, e o estudo sôbre o autor da *Voç da Rasão*, em que o nome do *Lidio* é equiparado a *L'Hedois* com que se assinava Bocage, completa-se na obra *Questões da Litteratura e Arte portugueza*, onde se reüniram os estudos separados do *Plutarcho Portuguez* e da *Actualidade*, do Porto.

«Este livro é um excerpto da obra intitulada *Historia da Nova Arcadia*, um volume que faz parte da *Historia da Litteratura*, ainda inédito [em 1892], e trata em especial de José Agostinho de Macedo».—T. Bastos.

73—*Explicação prévia.*

Nas pp. III-IV da *Doutrina do Real Catecismo para uso dos que se não contentam com palavras por Prospero Pichard, precedido de um prefacio por Mr. E. Littré. Porto. 1876.*

74—*Traços geraes | de | philosophia positiva | comprovados pelas descobertas | scientificas modernas | por | Theophilo Braga [vinh.] Lisboa | Nova Livraria Internacional | 96, Rua do Arsenal, 96 | 1877.*

Volume de 240 + VII páginas ao qual T. Bastos comentou:

A parte desta obra que não entrou transformada no *Systema de sociologia*, é restrita à Psicologia, e será incorporada com novos resultados na *Esthetica positiva* (obra que pertence à *Dynamica social*, segunda parte do *Systema geral de sociologia*. Na advertência do editor, no fim do primeiro volume da *Historia Universal*, se lê: — «Os Traços geraes de philosophia positiva, são formados das lições na cadeira de filosofia no Curso Superior de Letras (1874-1878)...».

- 75—*O Cancioneiro portuguez da Vaticana | e suas relações com outros Cancioneiros dos seculos XIII e XIV |* (Schluss).

Opúsculo sem frontispício pp. 179-190 do *Zeitschrift für romanische Philologie*, Breslau 1877.

Foi incorporado na introdução ao *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*.

- 76—*Bibliotheca Republicana Democratica | dedicada | ás novas gerações de Portugal e Brasil | — | IX | Michelet | Conferencia historico-litteraria | por | Theophilo Braga | Nova Livraria Internacional, | 96, Rua do Arsenal, 96 | 1877.*

Opúsculo de 31 páginas incluído no livro *As Modernas Ideias da Litteratura Portuguesa*. «Foi celebrada esta conferência para concorrer com uma subscrição portuguesa para o túmulo de Michelet».—T. Bastos.

- 77—*Parnaso Portuguez | Moderno | Precedido de um estudo da poesia moderna portugueza | por | Theophilo Braga | Lisboa | Francisco Arthur da Silva, editor | 1877.*

«Aparecem neste livro [de LXIV + 320 páginas] elementos aproveitados nos *Cantos populares do Brasil*, por Sylvio Romero; uma parte da introdução foi desenvolvida largamente com o título *Velho lyrismo portuguez*, nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*. Pela primeira vez o elemento galego foi aproximado da sua unidade étnica. Por via dêste livro foram traduzidas para italiano algumas poesias líricas portuguesas por Marco António Canini, no seu *Libro del Amore*».—T. Bastos.

- 78—*Typo do Romance popular hespanhol.*

Na *Academia*, de Madrid, de 29 de Abril de 1877.

- 79—*Literature. The Lusiads of Camoens. Translated into english verse by J. J. Aubertin.*

Artigo nas pp. 627-628 do n.º 2:638 da revista *The Atheneum*. 18 de Maio de 1878.

- 80—*Bibliotheca Historico-Scientifica | ——— | Historia Universal | Esboço de sociologia descriptiva | por | Theophilo Braga | ===== | Lisboa | Nova Livraria Internacional | 96, Rua do Arsenal, 96 | 1878.*

Na capa a data «1879».

Na Advertência do Editor, no fim dêste volume [de 284 páginas] lê-se:— «O livro que hoje publicamos encerra o estudo para as lições professadas na regência interina da Cadeira de História universal e pátria (1878-1879) no Curso Superior de Letras;

e como documento do seu trabalho o Dr. Theófilo Braga entendeu devê-lo publicar como independente do plano, cuja realização depende em grande parte do acidente das assinaturas».—T. Bastos.

### 81—O Rapaz da Escola.

Poesia. Imitação de M<sup>me</sup> Desbordes Valmore, na *Cartilha Infantil*, 2.<sup>a</sup> parte, por Simões Lopes. Lx. 1878.

### 82—*Cancioneiro | Português | da Vaticana | ————— | Edição critica | Restituída sobre o texto diplomatico de Halle, | acompanhada de um glossario | e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneros | portugueses | por | Theophilo Braga | Professor de Litteraturas modernas e especialmente de Litteratura portugueza, | no Curso superior de Lettras | —◆◆◆— | Lisboa | Imprensa Nacional | — | MDCCCLXXVIII.*

Edição feita a expensas do Dr. Francisco Ferraz de Macedo.

Volume de cxii + 236 páginas.

No verso do frontispício a:—«Prevenção—Seguimos na reprodução do texto dêste *Cancioneiro* o respeito que se deve ter pela integridade de qualquer monumento histórico, não amputando aquelas frases que repugnam aos costumes modernos, por isso que êste livro é para estudo e não para recreio; como o serviço que prestamos à literatura e história pode ser mais uma vez deturpado por insídias de uma moral capciosa, declaramos que nesta reprodução seguimos o exemplo do historiador Herculano na sua edição critica dos *Nobiliarios*».

Nas pp. iii-viii, Teófilo noticia os excerptos extraídos e publicados pelos brasileiros D. Caetano Lopes de Moura, Francisco Adolfo Varnhagen, — «que suprimiram canções quando as não sabiam ler», — pelos alemães W. Grützmacher, Ferdinand Wolf e Friedrich Diez; aprecia a edição diplomática feita pelo italiano Dr. Ernesto Monaci, e critica acerbamente a função acomodaticia ao interesse próprio dos dirigentes da Academia Real das Sciências de Lisboa, desinteressados na publicidade do *Cancioneiro*. Teófilo conta as diligências para a publicação.

«Havíamos perdido toda a esperança de honrar o serviço do ilustre Monaci, publicando o nosso estudo fundamental sobre o *Cancioneiro Português da Vaticana*; ..... Nestas circunstâncias visitou-nos o dr. Francisco Ferraz de Macedo, medico pela escola do Rio de Janeiro», e acrescenta: «Soube das dificuldades insuperáveis que embaraçavam a entrega dêste monumento à nação portuguesa e insurgiu-se, pondo imediatamente às nossas ordens todos os meios materiais para que a edição critica do *Cancioneiro Português da Biblioteca do Vaticano* viesse a público» (p. vi). «A publicação do *Cancioneiro Português da Vaticana* deve-se exclusivamente ao patriotismo do dr. Francisco Ferraz de Macedo, os que estudam conhecerão o seu acto, e para êles o seu nome ficará sempre venerado» (p. vi).

«A introdução histórico-literária é quasi inteiramente nova porque na refundição do livro *Trovadores galecio-portugueses* pouco aproveitamos diante da riqueza dos factos desconhecidos» (p. viii).—T. Braga.



«Algumas Canções foram anteriormente publicadas no *Manual da Historia de Litteratura portugueza* e na *Antologia portugueza*. Desenvolve a obra *Os Trovadores galecio-portuguezes*».—T. Bastos.

83—*O Positivismo, revista de philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos, 1878-1879. Primeiro volume. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz—editores, 1879.*

Volume de 484 páginas. Pertencem-lhe os artigos:

- Disciplina mental* (p. 1);
- Gram Vasco, determinação da sua personalidade historica* (p. 50);
- Bases positivas das doutrinas socialistas* (p. 84);
- A impressão artistica* (p. 110);
- Ainda a questão do Amadis de Gaula* (p. 145);
- Organização da sociedade romana* (p. 160);
- Formação da lenda do Fausto* (p. 213);
- Mentalidade positiva* (p. 245);
- Origem dos Ciganos* (p. 269);
- Voltaire, conferência pública* (p. 325);
- A Edade-média segundo a Philosophia positiva* (p. 369);
- Constituição da Esthetica positiva* (p. 409).

Bibliographia:

- Amadis von Gallien, von Ludwig Braunsfels* (p. 145);
  - Las Nacionalidades, por Pi y Margall* (p. 300);
  - Historia da civilização iberica, por Oliveira Martins* (p. 385).
- Segundo volume. (1879-1880). Ibidem, 1880. Com 523 páginas.

Artigos:

- O centenário de Camões em 1880* (p. 1);
- Tradições das raças selvagens do Brazil* (p. 22);
- Moral na sciencia e na industria* (p. 100);
- Systematisação da moral* (p. 203);
- As faculdades poeticas* (p. 253);
- Gil Vicente, ourives e poeta* (p. 348);
- Sociologia, esboço deductivo* (p. 405);
- Bibliographia. *Historia de Portugal*, por Oliveira Martins (p. 140);
- As festas do Centenario de Camões* (pp. 167, 245, 317);
- O Centenario de Camões no Brazil* (p. 513).

Terceiro volume. (1880-1881). Ibidem, 1881, com 449 páginas.

Artigos:

- Sociologia* (pp. 22 e 165);
- Gil Vicente ourives e poeta* (p. 127);
- O Centenario de Calderon* (p. 207);
- Politica positiva* (p. 291);
- Superstições populares portuguezas* (p. 391);
- Bibliographia. *Portugal contemporaneo*, por Oliveira Martins (p. 345).

Quarto volume. (1882). Ibidem, 1882. Typographia Elzeviriana, com 504 páginas.

— *Marcha da politica europêa em relação aos destinos da civilização ocidental* (pp. 3, 81, 253);

— *O Centenario do Marquez de Pombal* (p. 62);

— *A lenda de D. João* (p. 333);

— *Formação das lendas christãs* (p. 341).

84—*Voltaire* | ——— | *Conferencia publica* | *para celebrar* | *o primeiro centenario de Voltaire* | *no Gremio Operario de Lisboa* | *em* | *30 de Maio de 1878* | *por* | *Theophilo Braga* [vinh.] *Porto* | *Imprensa Commercial* | 16, Rua dos Lavadouros, 16 | — | 1879.

Opúsculo de 25 páginas. Incluído depois no livro *Centenários*.

85—*Canção do marinheiro grego*.

Nas pp. 139-140 das *Noções elementares por Arsenio A. Torres de Mascarenhas*. Lisboa. 1879.

86—*Bibliotheca Republicana Democratica* | ——— | *Volume X* | *Soluções positivas* | *da politica portugueza* | *por* | *Theophilo Braga* | *Da aspiração revolucionaria* | *e sua disciplina em opinião democratica* | *Lisboa* | *Nova Livraria Internacional* | 96, Rua do Arsenal, 96 | 1879.

Volume de 131 páginas e 2.º volume com 387 páginas.

87—*Cartas Curiosas* | *do* | *Abbate Antonio da Costa*. (*Separata do Boletim de Bibliographia Portugueza*, n.ºs 6 e 8) Coimbra 1879.

Opúsculo de 24 páginas cujo texto foi depois incorporado nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*. Acêrca da separata escreveu Teófilo Braga ao editor Anibal Fernandes Tomás:—«Quanto ao artigo sobre o abbate Costa creio que elle não merece o sacrificio de uma tiragem em separado, mas visto que o amigo se quer dar a esse encommodo, os vinte exemplares chegam para todas as minhas offertas». [Cf. *In Memoriam Anibal Fernandes Tomás*. Lisboa 1924].

88—*A Satyra da perda da nacionalidade portugueza em 1580*.

Artigo nas pp. 109-117, vol. 1 do *Boletim de Bibliographia Portugueza*. Julho, 1879.

89—*Os Lusíadas de Luiz de Camões. Edição consagrada ao terceiro centenario do poeta*. Porto. *Imprensa Portugueza*. MDCCCLXXX.

Volume de LV páginas contendo: introdução dos editores, e biografia do poeta por T. Braga. Alvará de licença e censura da primeira edição + 450 + 1 página. Frontispício

impresso a duas côres, assim como os filetes de tôdas as páginas. Tiragem de 250 exemplares com o nome do possuidor impresso. É conhecida pela «edição dos Tipógrafos do Pôrto». Texto da de 1572. Veja-se ácerca desta edição o *Dicionário Bibliográfico Português*, xiv, p. 175.

90—*Historia | do | Romantismo | em Portugal | por | Theophilo Braga |*  
 ——— | *Ideia Geral do Romantismo | Garrett—Herculano—Cas-*  
*tilho | —o— | Lx. | Nova Livraria Internacional |* 96, Rua do  
 Arsenal, 96 | 1880.

Saíu em 2 volumes: o primeiro até p. 240 e o segundo, sem frontispício, de 241 a 515 + 4 páginas de índice. Edição custeada pelo editor Carrilho Videira.

«Este livro chegou a ter duas fôlhas impressas na Imprensa Portuguesa, do Pôrto, em 1873. A introdução foi formada de três lições do Curso Superior de Letras. A parte referente a Castilho appareceu em um primeiro esbôço nos *Estudos da Edade-média*. O ponto de vista crítico acêrca de Herculano foi apresentado ainda em vida dêste escritor, na *Bibliographia critica*».—T. Bastos.

Escreve o autor:—«A difficuldade de escrever a *Historia da Litteratura portugueza* moderna não está em manter a imparcialidade no juizo que se emite sobre cada escritor; para isso, basta ter sempre presente que se dá uma prova de probidade diante do tempo que julga todos, para não ousar fazer da historia um tribunal de resentimentos pessoases.....

«Para nós, porém, subsiste uma forte difficuldade, que não será possível vencer: n'este periodo da historia moderna da litteratura portugueza temos de pé com todo o seu prestigio a opinião fundada sobre as primeiras emoções produzidas pelas tentativas romanticas de 1824 e de 1838. Esta opinião está atrasada mais de meio seculo e em desaccordo com o estado actual da critica. Tendo de analysar aqui as reputações que se nos impozeram por costume e auctoridade não discutida, e que vemos respeitadas por habito, quando procurámos o fundamento d'essas admirações, só achamos com pasmo talentos sem disciplina entregues a um humanismo insciente e sem intuitos philosophicos.

....., estamos na situação em que se achava Phocion, que suspeitava sempre ter dito alguma tolice quando se via applaudido pelo vulgo. As criticas acerbas e pessoases com que temos arrostado em vinte e tres annos de actividade litteraria (1857-1880) têm-nos fortalecido profundamente, porque nos provam a cada instante a phrase de Hume, em uma carta a Adam Smith: «Nada produz uma maior presumpção de falsidade do que assentimento da multidão». No dia em que nos cercassem os applausos unanimes julgavamos-nos perdidos, deixariamos de escrever».

91—*Carta a José Tavares de Macedo—Lisboa 23-III-1880.*

Publicada no *Relatorio feito em nome da comissão nomeada por portaria de 30 de Dezembro de 1854 para buscar os ossos de Camões, escripto por José Tavares de Macedo, secretario da mesma comissão. Lisboa. Imprensa Nacional 1880.*

- 92—*Parnaso de Luiz de Camões. Edição das poesias lyricas consagrada á comemoração do centenário de Camões. Com uma introdução sobre a historia da recensão do texto lyrico por Theophilo Braga. Porto. Imprensa Internacional. Bomjardim, 489—1880.*

São três volumes tendo na página seguinte ao rosto de cada um: «Edição de Bibliographos».

Volume 1.º de XL + 192 páginas. Contém os Sonetos, e é dedicado aos fundadores da Associação dos Jornalistas do Pôrto.

Volume 2.º de 6 ins. + 176 páginas. Contém Canções, Sextinas, Odes e Oitavas. É dedicado a Joaquim Pedro de Oliveira Martins.

Volume 3.º de 6 ins. + 269 + 2 páginas. Contém Elegias e Éclogas. É dedicado ao pai do editor Francisco José Monteiro.

Houve duas impressões: uma de 45 exemplares para bibliógrafos e outra de 25 exemplares para coleccionadores. Todos numerados. Brito Aranha no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo xiv, p. 184 dá a nota dos coleccionadores e bibliógrafos.

«Tem composições inéditas de Camões, de um manuscrito da Academia das Sciências. O prólogo completa a *Bibliographia Camoniana*. Foi reproduzido com largos desenvolvimentos no livro *Camões e o Sentimento Nacional*». — T. Bastos.

- 93—*Bibliographia | Camoniana | por | Theophilo Braga [vinh.] Lisboa. | Imprensa de Cristovão A. Rodrigues | 145, Rua do Norte, 1.º | ——— | MDCCCLXXX.*

Esta edição constou de 325 exemplares assinados e numerados por Teófilo Braga e editor António Augusto Carvalho Monteiro. De n.º 1 a 25 foi impresso em papel de linho «Whatman», e n.º 26 a 325 em papel de linho branco «Montgolfier».

- 94—*Retrato e biographia | de | Camões | escripta especialmente | por | Theophilo Braga | e offerecida gratis pela casa Minerva | 276, Rua do Ouro, 278 | Lisboa | ——— | 10 Junho 1880.*

Folheto de 8 páginas e retrato de Camões, desenho de Pastor. Foi incorporada na Biografia da edição dos *Lusiadas*.

- 95—*Estancias a uma joven de Byron, acompanhando as Rimas de Camões. Tradução.*

Inserto a p. 4 do *Cancioneiro portuguez. Collecção de poesias ineditas dos principaes poetas portuguezes. Publicado por Joaquim José Leite de Vasconcellos e Ernesto Pires. Primeiro anno. Porto. Typ. Occidental. 1880.*



- 96—*O Poema | de | Camões | por | Theophilo Braga | ——— | Poesia consagrada ao centenario do poeta | ————— | Lisboa | Imprensa de J. G. de Sousa Neves | 65, Rua da Atalaia, 67 | 1880.*

Opúsculo de 8 páginas. Na capa tem os preditos dizeres com a seguinte variante: «Poesia consagrada ao centenario do poeta para ser recitada na «matinée» dos actores no Theatro Normal».

Teve duas edições ou impressões com a variante da cercadura da página. Foi incluída nas *Miragens Seculares*, acrescida de uma estrofe recitada no Pôrto, pela actriz Carolina Falco, em 1880.

- 97—*Historia das ideas republicanas em Portugal. Lisboa. 1880.*

Volume de 385 + 15 páginas.

- 98—*Sciencia das Religiões. Origens poeticas do Christianismo por Theophilo Braga. Porto. Livraria Universal de Magalhães & Moniz-editores. 12, Largo dos Loyos, 14—1880.*

Volume de viii + 296 páginas «pela primeira vez anunciada em 1864 no Prologo da *Visão dos Tempos* com o titulo geral de *Historia da poesia do Christianismo*, e outra vez em 1869, na 2.<sup>a</sup> edição pag. xliii. Tanto as *Origens* como as *Lendas Christãs* formam a primeira e a segunda parte desse livro, cuja primitiva elaboração serviu de estímulo ao autor para os seus estudos sobre a Idade-Média».—T. Bastos.

- 99—*O Centenario de Camões. Porto. Imprensa Commercial. 1880.*

Opúsculo de 13 páginas. Tiragem limitada.

- 100—*O titulo dos Lusíadas.*

Artigo no *Camões. Número único consagrado ao 3.º centenário do imortal poeta pela Biblioteca progressista*. 1880.

- 101—*Catherina de Athayde.*

Artigo no *Bombeiro Portugues*. Porto. 10 de Junho de 1880.

- 102—*A Era Nova—Revista do movimento contemporaneo, dirigida por Theophilo Braga e Teixeira Bastos. Proprietarios: Silva Lisboa e Joaquim dos Reis. (1880-1881), Lisboa, 1881. (Sousa Neves, e depois Ferreira).*

Volume de iv-572 páginas, sendo de Teófilo Braga os artigos:

—*Os livros populares portuguezes;*

—*Da tradição poetica provençal na litteratura portugueza;*

- *A historia de Portugal na voz do povo*;
- *As Cartas da Religiosa portugueza*;
- *As adivinhas populares*;
- *Henriques Nogueira*;
- *Monumentos da litteratura portugueza*;
- *O centenario de Calderon*;
- *Os jogos populares infantis*;
- *Littre*;
- *Mesologia das civilisações*.

Poesias:

- *A linguagem dos mythos*;
- *Os semeadores da peste*.

Variedades:

- *A Civilisação arabe em Portugal*;
- *O romance popular de Virgílio*;
- *O descante como origem da musica moderna*;
- *A canção do Amadis de Gaula*;
- *Uma salva do seculo XVI*.

Bibliographia:

- *Sonetos*, por Anthero de Quental, e *Filigranas*, por Freitas e Costa;
- *Lyra intima*, por Joaquim de Araujo.

103— *Sobre uma | salva de prata cinselada | do | seculo XVI | (Pêso, 1065 grammas—Diametro, 30 centímetros—Altura total, 5 centímetros e 5 milímetros—Base ou pé, 3 centímetros) | Possuida pelo Dr. Henrique Nunes Teixeira.*

Fôlha impressa a duas colunas, no formato (da impressão) 307 × 170 milímetros, tendo no fim da 2.<sup>a</sup> página, a meio do verso:—«Porto—Imprensa Portugueza, Bomjardim, 181».

Nem Teixeira Bastos nem Simões Ratola, em seus esbôços bibliográficos teofilianos, citam êste trabalho de que tenho presente um exemplar.

104— *Theophilo Braga | ——— | Questões | de | Litteratura e Arte | Portugueza | ——— | Lisboa | Editor—A. J. P. Lopes | Rua dos Douradores, 69, 3.º, direito.*

Na capa o nome do editor foi substituído por:—«Imprensa de J. G. de Sousa Neves. 65, Rua da Atalaia, 67. 1881». Escreveu T. Bastos:

«O titulo de *Pequenos Escritos*, definindo assim despretenciosamente a natureza desta publicação, encerra um certo número de trabalhos scientificos e estudos criticos, a maior parte dos quais havia sido publicada antes em periódicos e revistas literárias e que foram modificados, corrigidos e aumentados de acôrdo com as novas descobertas feitas no campo da litteratura e da arte pelo distinto escritor. «Estes cavacos e aparas do material em que trabalha, estas varreduras da gaveta» como pitorescamente lhe chama o autor, reuniu-os em volume subordinando-os ao nexo cronológico».

«O primeiro estudo desta colecção foi publicado no jornal *A Instrucção*, do Pôrto, tendo sido proferido em uma Conferência pública nessa sociedade.—Os estudos sôbre

o *Velho lyrismo portuguez* saíram na *Bibliographia critica*, *Actualidade* e *Parnaso portuguez moderno*, sendo fundamentalmente desenvolvidos. A influência bretã na literatura portuguesa foi o primeiro estudo feito sôbre o Cancioneiro Colocci-Brancuti. *Sobre a Origem portugueza do Amadis de Gaula* appareceu parte na *Revista de Philologia Romanza*, outra parte no *Positivismo*, vol. 1, p. 145; sôbre a *Canção do Amadis de Gaula*, já o carácter provençal dela tinha sido definido nos *Trovadores galecio-portuguezes* antes de Monaci ter noticiado o seu achado na *Rassegne settimanale*, e de D. Carolina Michaëlis escrever no *Zeitscherifte für romanische Philologie*, t. iv, pp. 347 a 351 (8 de Maio de 1880), com o título *Etuas neues zur Amadis-Frage*. O artigo *Primordios da Historia de Portugal*, appareceu na *Bibliographia critica*. A escola espanhola em Portugal saíu pela primeira vez na *Era Nova*.

Noutro local diz T. Bastos: «o estudo sôbre o Marquês de Pombal merece especial menção, porque o erudito professor analisa os actos do grande ministro com a imparcialidade e com o rigor imposto pelo critério histórico; Sebastião José de Carvalho e Melo é apeado do pedestal a que inconscientemente foi elevado e fica reduzido às verdadeiras proporções do homem de certo notável, mas bastante selvagem, ambicioso louco e pouco a par com o desenvolvimento intelectual da época». (P. 216).

105—*Memorias de Paulina. Episodios do seculo XVIII.*

No *Brinde aos Senhores Assignantes do «Diario de Noticias»*. Lisboa 1881. É um extracto das *Memorias de Casanova* referente às perseguições do Marquês de Pombal.

106—*Theoria | da | Historia da Litteratura | Portugueza | por | Theophilo Braga | ——— | Terceira edição | totalmente refundida | ——— | Porto | Imprensa Portugueza-editora | Rua do Bom-jardim, 181 | — | 1881.*

Volume de viii + 206 páginas.

107—*Calderon e o ideal Catholico.*

Na *Homenagem a Calderon*. Porto 25 de Maio de 1881. Numero extraordinario da *Gazeta illustrada O Atheneu*, offerecido á imprensa jornalística e á Associação dos escriptores e artistas hespanhoes. Porto.

108—*Confissão de Calderon.*

A p. 58 do *Album Calderoniano. Homenage que riden los escritores portugueses y españoles a Calderon de la Barca*. Madrid 1881.

109—[Ignoro o título].

O *Commercio Portuguez*, n.º 117. 1881. 6.º anno. Quarta feira 25 de maio. *Homenagem a Calderon de la Barca*. Porto Typ. Lusitana.

110—*Os Lusíadas* por Luiz de Camões. Edição da Bibliotheca Nacional revista e prefaciada por Theophilo Braga, e illustrada com os retratos de Luiz de Camões e Vasco da Gama. Lisboa. Pereira & Amorim, Editores. Escriptorio da Empreza, rua dos Fanqueiros, 312, 1.º 1881.

1.º Tôm com 9 + 155 + 2 páginas. Edição com os retratos de Camões e Vasco da Gama.

2.º Tôm com 4 + 140 + 1 páginas.

111—*Os Lusíadas*. Edição revista e prefaciada por Theophilo Braga. Lisboa. Nova Livraria Internacional. 1882.

Diz Brito Aranha:—«É o aproveitamento da edição acima, quanto ao texto; mas a Advertência e os retratos são diversos». Volume I de xx + 155 páginas. Volume II de iv + 140 páginas.

112—*Bibliotheca Republicana Democratica* | — | volume xxii | — | *Dissolução* | do | *systema monarchico-representativo* | por | *Theophilo Braga* | — | *Preço 300 reis* | Lisboa | *Nova Livraria Internacional* | 1881.

Volume de iv + 204 páginas. Reprodução sistemática de artigos do *Rebate*, *Vanguarda* e *Seculo*, jornais da democracia portuguesa.

113—*O Assassinio da Duqueza de Bragança*.

Nas pp. 76-77 do *Almanach do Trinta*, 1882.

114—*Bibliotheca Historico-Scientifica* | — | *Historia Universal* | *Esboço de sociologia descriptiva* | por | *Theophilo Braga* | — | *As civilisações cosmopolitas propagadoras* | *das civilisações isoladas*; | *Hegemonia das raças semitas: phenicios, hebreus, arabes*. | — | Lisboa | *Nova Livraria Internacional-Editora* | 96, *Rua do Arsenal*, 96 | — | 1882.

Volume de 319 páginas impresso no Pôrto, na Tipografia de A. J. da Silva Teixeira.

115—*Marquez de Pombal*.

Artigo em *O Seculo* n.º 406. Lisboa, segunda-feira, 8 de Maio de 1882. Não tenho ensejo de verificar se foi este mesmo artigo, ou outro com o mesmo título que saiu na *Galeria Republicana*, número de Maio de 1882.



116—*Retalhos Litterarios.*

Artigo extraído das «Memorias de Casanova», no jornal *A Voz do Povo*. Porto, sexta-feira, 12 de Maio de 1882.

117—*As Civilisações semitas. Phenícios, hebreus, arabes. Porto: Typographya de Antonio J. da Silva Teixeira ... 1882.*

Nunca vi nenhum exemplar. Será separata do n.º 114.

118—*José Felix Henriques Nogueira.*

Artigo na *Galeria Republicana*, Lisboa, número de Fevereiro de 1882.

119—*Plutarcho Portuguez | Collecção de retratos e biographias | Volume 1 | Porto | J. Costa | E. Biel & C.ª | 1881.*

Direcção literária do Dr. Teófilo Braga que escreveu:

—*Introducção. Theoria dos grandes homens*, no fasc. I;

—*Camões*, no fasc. III;

—*O Padre Antonio Vieira*, no fasc. VI;

—*Marquez de Pombal*, no fasc. VII;

—*Bocage*, no fasc. X;

—*Gomes Freire de Andrade*, no fasc. VIII, vol. II;

—*Almeida Garrett*, no fasc. XI, vol. II.

120—*Arte semita.*

Artigo in *Chronica Illustrada*, revista artistica dirigida por Alberto d'Oliveira, illustrado com desenhos de Casanova e de C. Martins. 1882. N.º 3 do 1.º anno.

121—*José Garibaldi.*

Discurso pronunciado no Club Henriques Nogueira, em 11 de Junho de 1882.

122—*Discurso.*

Nas pp. 62-64: *Junta do Departamento do Sul. Primeiro Congresso das Associações Portuguezas realizado na Camara Municipal de Lisboa. Desde 10 a 18 de Junho de 1882. Lx. 1883.*

123—*Sobre as trovas.*

In: *Excerptos de um Cancioneiro Quinhentista. Trovas que se fizeram nas terças em tempo de elrei Dom Manoel com uma introducção do Dr. Theophilo Braga. Publicados por Antonio Francisco Barata. Evora. Typ. Minerva. 1883.*

- 124—*Cantos populares do Brazil, colligidos pelo dr. Sylvio Romero acompanhados de Introdução e Notas Comparativas por Theophilo Braga. Lisboa, Nova Livraria Internacional-Editora. 1883.*

São 2 volumes. «No primeiro volume (com xxxii + 286 páginas) vem alguns Romances pela primeira vez publicados no *Parnaso portuguez moderno* e a *Grande decima da obra da criação*, inédita. No segundo volume (com 240 páginas) completam-se as Notas das colecções anteriores com romances populares inéditos ou dispersos em jornais».—T. Bastos.

- 125—*Homenagem a Camões* | ===== | *Grande edição manuscripta* | dos | *Luçiadados* | pelos | *contemporaneos illustres* | de | *Portugal e Brazil* | dirigida pelo | *Dr. Theophilo Braga, | Dr. Santos Valente, Jaime Victor, Francisco de Almeida, Salvador Marques* | Com o retrato do grande epico | *Vinhetas e desenhos á pena de artistas notáveis dos dois paizes* | e prefaciada por | *Manuel Pimheiro Chagas.* | *Lisboa.* | *Typ. Elzeviriana.* | 1883.

Ficou interrompida a impressão no canto v, estância 79.

- 126—*Carta do* | *Dr. Theophilo Braga* | *Aos estudantes da Academia Michaelense que lhe dirigiram uma carta* | *por ocasião do seu quadragessimo anniversario.*

Na capa antes dos dizeres o ret. de Teófilo desenhado por João Cabral.  
2 páginas no fim da 1.<sup>a</sup> (J. Cabral cop.—Lit. Lusitana 1883).

- 127—*Encyclopedia Republicana. Revista de Sciencias e Litteratura ao alcance de todas as intelligencias.* Director Xavier de Paiva.  
*Lisboa 1883.*

Artigos:

- Usos funerarios em Portugal;*
- Quem faz a Republica;*
- Os grandes homens;*
- O Prisioneiro* (diante de uma cabeça de Miguel Angelo) poesia;
- Conferencias preliminares do Centenario de Camões.*

- 128—*João de Deus.*

Biografia pp. 4-12 do *Almanach Litterario Charadistico* para o ano de 1884. Lx.

- 129—*Theophilo Braga* | ——— | *Contos tradicionaes* | *do* | *Povo portuguez*, | *com um Estudo* | *sobre a Novellistica geral* | *e Notas comparativas* | ——— | *Volume 1* | *Contos de fadas, Casos e Faccias* | — | *Porto* | *Livraria Universal* | *de* | *Magalhães & Moniz-editores* | *12, Largo dos-Loios, 12* | *1883*.

São dois volumes: o primeiro com 11 + 232 páginas, o segundo com 30 + 243 páginas.

«Este livro esteve anunciado desde 1871 com o título *Lendas, Tradições e Contos portuguezes do seculo XII a XIX*.

«No segundo volume o estudo sobre a *Litteratura dos Contos populares em Portugal*, appareceu em um primeiro esboço na *Rivista di Letteratura popolare*, de F. Sabatini, e com ampliações importantes na *Evolução de Coimbra*, de Alexandre da Conceição. Aqui apparece pela primeira vez um resumo completo dos *Contos de proveito e Exemplo* de Trancoso. Pertence a este trabalho o romance de *Gaia*, de João Vaz, não incorporado». — T. Bastos.

- 130—*Os Centenarios como Synthese efectiva nas Sociedades modernas*. — Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1884.

Um volume de x + 234 páginas (N.º 1 da Bibliotheca moderna Luso-Brazileira, de Matheus Perez).

O primeiro estudo serviu de prólogo à *Bibliographia camoniana*, porém aqui ampliado com a Biografia de Camões (vid. n.º 52) e uma apreciação do Congresso das Associações portuguesas. — O segundo estudo appareceu na *Era Nova* (p. 337) aqui ampliado com a parte referente à sua influência política (artigo do *Seculo*). A terceira parte appareceu no *Positivismo* (vol. x). O quarto estudo sobre Diderot appareceu na *Revista de Estudos Livres*, vol. 1; o quinto estudo sobre o Marquez de Pombal appareceu parte no *Positivismo* (tom. iv) e parte no *Seculo*.

- 131—*Theophilo Braga* | ——— | *Miragens seculares* | — . — | *Lisboa* | *Nova Livraria Internacional-Editora* | 96, Rua do Arsenal | — | *1884*.

Volume de 240 páginas; foi impresso no Porto. Imprensa Portugueza.

Em uma nota no fim do volume explica-se como fica realizado o pensamento de uma Epopêa cyclica da Humanidade, e indica-se a ordem em que devem ser dispostos os poemas em uma edição integral. — Alguns dos poemetos dêste livro foram publicados em diferentes épocas.

Na *Era Nova* appareceram *Quando as pedras fallavam*, *Primus in orbe fecit Deus timor*, *Os Semeadores da peste*.

No *Parnaso portuguez moderno* saíram *O sepulchro de Virgilio*, *Phrase de Miguel Angelo*, *O Prisioneiro*, *Napoleão moribundo*, *Parabola da semente* e a *Onda viva*.

Na *Academia*, de Madrid, dirigida por Tubino, saíu *O Riso de Cervantes*.

Na *Renascença*, do Porto, *A Vinha do Senhor*.

No *Album Calderoniano*, Madrid 1881, veio *A confissão de Calderon*. O *Poema de Camões* foi publicado por ocasião do centenário de Camões.

No aniversário da Escola Infantil dos Filhos do Povo distribuiu-se *O Canto das crianças*, no fim do Banquete dos Livres, impresso em cartão. No *Almanach republicano para 1883* vem reproduzida a poesia *A grande muralha*.

Dêste livro escrevia Guilherme Moniz Barreto: «Superior aos outros volumes da série na concepção filosófica, esta colecção é em si um trabalho completo, e contém em resumo não só as ideias que inspiraram toda esta longa obra poética, mas ainda o espírito geral da filosofia do autor. Porque é condão da obra de arte exprimir com uma nitidez e concisão soberanas a verdade despedaçada pela laboriosa análise científica ou penosamente organizada pela lenta generalização filosófica. Se eu tivesse de escrever um estudo psicológico sobre Teófilo Braga, escolhia este livro entre todos os seus numerosos volumes, como o mais precioso documento de um tal espírito». (Na *Revista de Estudos Livres*, t. III, p. 200).

132—*Systema | de | Sociologia | por | Theophilo Braga | ... | Lisboa |  
Typographia Castro Irmão | 31, Rua da Cruz de Pau, 33 | 1884.*

Volume de xvi + 528 páginas ao qual T. Bastos fez a nótula seguinte:

«Uma parte dos Preliminares são desenvolvidos dos *Traços geraes de Philosophia positiva*. O primeiro capítulo appareceu pela primeira vez no *Positivismo* (vol. II, p. 405, e vol. III, pp. 22 e 165). O segundo capítulo desenvolve a *Mesologia das Civilizações* (*Era Nova*, p. 481). O terceiro capítulo, dos *Traços geraes*, desenvolvendo a teoria da população; e a *Theoria dos Grandes Homens*, que serviu de introdução ao *Plutarcho portuguez*, e appareceu com ampliações na *Encyclopedia Republicana*, até à sua redacção e encorporação definitiva. No terceiro capítulo entrou a *Organização da Sociedade romana* (*Positivismo*, t. I, p. 160) com modificações capitais, e a *Marcha da politica europêa* em relação ao destino da Civilização ocidental (*Positivismo*, t. IV, pp. 3, 81 e 253). No quarto capítulo entrou a *Constituição da Esthetica positiva* (*Positivismo*, vol. I, p. 409), a *Systematisação da Moral e Moral na Sciencia e na Industria* (*Ibid.*, vol. II, pp. 100 e 203) e parte da *Disciplina mental*, vol. I, p. 1. No quinto capítulo desenvolve a *Classificação dos Conhecimentos humanos*, primeiramente apresentada nos *Traços geraes de Philosophia positiva*, com retoques essenciaes e novos esquemas.

Esta obra é a Introdução de um *Systema geral de Sociologia* (em elaboração).

Os Preliminares da *Sociologia* foram traduzidos em italiano, por Tebaldo Falcone, publicados na *Rivista scientifica*, de Morselli (1886) e transcritos na *Revue socialiste*, n.º 18, 3.º ano».

133—*Revista de Estudos Livres. Directores litterarios em Portugal,  
\* dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. No Brazil drs. Ame-  
rico Braziliense, Carlos Koserik e Sylvio Romero. Lisboa,  
Nova Livraria Internacional-Editora. 1884.*

Artigos:

- *Programa da revista*;
- *Elementos da Nacionalidade portuguesa*;
- *Sciencia pre-historica*;
- *Lucros e perdas*;
- *Principios de Economia politica*, de Rodrigues de Freitas;
- *Diderot*.



(1884 a 1885). *Ibid.*

Artigos:

— *Historia da Pedagogia em Portugal*;

— *Pequeno estudo sobre o Conto da Carochinha*;

— Almeida Garrett.

Bibliografia:

— *Fanfarras*, de Teófilo Dias;

— *D. João I e a aliança inglesa*;

— *Bosquejos ethnologicos*;

— *O Cancioneiro da Ajuda*.

(1885 a 1886). *Ibid.*

Artigos:

— *O Padre Antonio Vieira*;

— *Sobre a Poesia popular da Galliza*;

— *Gomes Freire de Andrade*;

— *Historia da Pedagogia*;

— *Ensaio sobre a moderna concepção do Direito*.

— (1887):

N.º 1: *A Grecia e a sua missão historica*.

#### 134—*Distico*.

In: *A Folha Nova*. Diário democrático da tarde. Número extraordinario à honrada memória de Manoel Valles e Manoel o polícia, victimas de auctoridade em 4 de Janeiro de 1885. Porto. Typ. Occidental.

O original foi reproduzido em *fac-simile* no jornal *O Seculo*, em 1931, a pretexto do autógrafo ter sido oferecido pelo Sr. Roque Manuel d'Arriaga àquele jornal, revertendo o produto da venda em beneficio da Colónia Balnear Infantil.

Conta-se que o Terror, na velha idade  
Sugerira dos Deuses a entidade,  
Que os crédulos espanta!  
Os Deuses hoje ante o Terror se sommem,  
E—Providencia de si mesmo o homem  
Das ruinas se levanta.

#### 135—*La Invasión de los arabes en España y su influencia en el desenvolvimiento de la población libre*.

É a tradução do estudo intitulado *Elementos da Nacionalidade portuguesa* (inserto na *Revista de Estudos Livres*), a qual foi publicada na *Ilustracion Iberica*. Año II. Barcelona, n.ºs 95 e 96.

#### 136—*Sobre a novellistica brasileira*.

In: *Contos populares do Brazil coligidos pelo Dr. Sylvio Romero professor do Collegio Pedro II com um estudo preliminar e notas comparativas por Theofilo Braga*. Lisboa. Nova Livraria Internacional-Editora. 96, Rua do Arsenal, 96. 1885.

Exemplar n.º 2. Pertence ao Dr. Teófilo Braga. Volume de xxxvi + 235 páginas.

137—[*Estrophe*].

No Porto-Andaluza. Porto 1 de fevereiro de 1885. A imprensa portuense aos povos da Andaluza. Porto, imp. de Ferreira de Brito, 1885.

138—*Sobre a poesia popular da Galiza.*

Estudo servindo de prólogo, de pp. vii-xlvii, do livro: *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas. VII, IX e XI. Cancionero popular gallego y en particular de la provincia de la Coruña* por D. José Perez Ballesteros. T. I. Madrid 1885. Teófilo relaciona os cantos das Muífeiras com as Serranilhas dos cancioneros provençais portugueses.

139—*Epocas Historicas da Litteratura Portugueza.*

In: *Um feixe de pennas. Lisboa. Typ. Castro Irmão.* 1885.

Volume coligido por D. Maria Athália Vaz de Carvalho, em favor de um asilo de raparigas abandonadas.

140—*O Povo Portuguez | nos seus | costumes, crenças e tradições | por | Theophilo Braga | Les vivants sont toujours et | le plus en plus dominés par | les morts. | A. Comte, Politique | positive t. II, p. 61. | — | Volume I | Costumes e vida domestica | — | Lisboa | Livraria Ferreira-Editora | 132, Rua Aurea, 134 | 1885.*

Volume de viii + 416 páginas.

141—*O Povo Portuguez | nos seus | costumes crenças e tradições | por | Theophilo Braga | volume II | Crenças e festas publicas, | tradições e saber | popular | — Id. | 1885.*

«A parte que se refere aos *Jogos populares e infantis*, appareceu no seu primeiro esboço na revista *Era Nova*, p. 343, em 1881, suscitando trabalhos ulteriores. Pitré, Machado y Alvares e Rodrigues Marin, referem-se a êste esboço nos seus estudos comparativos. No *Folk-Lore andaluz* também appareceu o esboço de um estudo comparativo da similaridade dos jogos entre Portugal e a Andaluza.—Foram encorporados neste trabalho os seguintes ensaios: *Ritos funerarios* (da *Encyclopedia Republicana*); *Superstições populares portuguezas* (da *Volta do Mundo*); *Sobre o Trangolo-Mango* (da *Volta do Mundo*); *Pequeno estudo sobre o Conto da Carochinha* (da *Revista de Estudos Livres*); *Os Livros populares portuguezes* (da *Era Nova*); *Adivinhas populares e infantis* (*Era Nova*); *Jogos populares* (*ibid.*); *Historia de Portugal na voz do Povo* (*ibid.* e da *Actualidade*); *Sobre as Superstições populares* (do *Positivismo*)».

142—*O Marquez de Pombal e a restauração da litteratura portugueza.*

Nas pp. 211-231 do livro: *O Marquez de Pombal. Obra commemorativa do centenario da sua morte, mandada publicar pelo Club de Regatas Guanabarenses do Rio de Janeiro. Lisboa. Imprensa Nacional.* 1885.

143—*Causas historicas do Christianismo.*

Artigo em *O Livre Exame*, revista mensal, órgão do Centro de Lisboa da Associação Propagadora do Livre Pensamento. 1.º ano. Novembro de 1885. N.º 3.

## 144—[Ignoro o título].

No *Bazar do Bom Pastor*. (Brinde de D. Laura Villar Cardoso de Castro) *Es-mola. Corbeille de versos e prosas. Porto. Typ. Elzeviriana 1885.* Director: Joaquim de Araujo.

145—*Curso | de | Historia da Litteratura | Portugueza | adaptado ás aulas de instrucção secundaria | por | Theophilo Braga. | Lisboa | Nova Livraria Internacional-Editora. | 96, Rua do Arsenal, 96 | — | 1886.*

Volume de 412 páginas, impresso na «Typ. A. J. Silva Teixeira. Porto, 1885».

«É uma refundição fundamental do *Manual*, com novas informações literárias, e um espírito crítico-filosófico, resultante de uma melhor compreensão da Idade-Média e da solidariedade da civilização ocidental. Anula o *Manual*». — T. Bastos.

«A primeira tentativa de renovação dos estudos sobre a historia da litteratura portugueza, no nosso ensino official, appareceu em 1875, com a publicação de um *Manual da Historia da Litteratura Portugueza desde as suas origens até ao presente*, approved pela extincta junta consultiva de instrucção publica. Apesar de ser este *Manual* um consciencioso resumo de mais de quinze volumes sobre questões especiaes da historia litteraria de Portugal, novas descobertas philologicas e bibliographicas, no decurso de dez annos, tornaram-no manifestamente atrazado, impondo a necessidade de uma fundamental refundição para corresponder ao seu intuito pedagogico. A disposição de novos materiaes, levou o auctor a revisar as bases methodologicas do seu antigo livro, e a concluir pela impossibilidade de uma nova edição do *Manual*, preferindo compôr integralmente o *Curso de Historia da Litteratura Portugueza*, onde já se acham aproveitados os documentos poeticos dos *Cancioneiros da Vaticana* e *Colocci-Brancuti*, os novos dados sobre o problema de *Amadiç de Gaula*, o exame das lendas de *Barlaam e Josaphat* e *Visão de Tundal*, da bibliotheca de Alcobça, e a noticia do poema da *Batalha do Salado*. Em cada época da nossa historia litteraria apparecem novos subsidios; como: no seculo xv a descripção da Bibliotheca do Condestavel D. Pedro, e reivindicção das *Coplas do Desprezo do Mundo*, erradamente attribuidas ao Duque de Coimbra; no seculo xvi, apparecem novos achados sobre Gil Vicente, Sá de Miranda, Ferreira, Jorge de Monte-Mór e Francisco Sanches; no seculo xvii, amplia-se o estudo de Frei Luiz de Sousa, do Padre Antonio Vieira, de Vicente Nogueira e de Marianna Alcoforado; no seculo xviii, figura pela primeira vez o eminente epistolographo o Abade Antonio da Costa, a Academia dos Occultos como precursora da Arcadia Ulyssiponense, a acção do cartesianismo em Portugal sob a influencia da Congregação do Oratorio; no seculo xix, trata-se pela primeira vez da transformação do Romantismo, apresentando as biographias dos iniciadores em Portugal, Garrett e Herculano, e na resistencia pela auctoridade classica Castilho; termina esta época pela phase do ultra-romantismo, representado no lyrismo por Soares dos Passos, Rebello da Silva no romance historico, e no theatro pelos dramas sanguinarios». — T. Braga.

146—*Processo artistico de Lafontaine, e*147—*O Homem e a sua imagem. Tradução.*

Publicados no: *Fabulas de Lafontaine, illustradas por Gustave Doré. Texto portuguez de Bocage, Filinto Elysio, Curvo Semedo, Costa e Silva, Malhão e Couto Guerreiro, e pelos mais poetas contemporaneos de Portugal e Brazil. Obra acompanhada de estudos criticos pelos Srs. Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. Lisboa. David Coraizzi. 1886.*

148—*A função politica dos Orléans.*

Nas pp. III-VI de: Cecilio de Sousa. *Os Orléans. Esboço historico e bibliographico com uma introdução pelo Dr. Theophilo Braga. Lisboa. 1886.*

149—*A primeira Poesia impressa de Luiz de Camões, no livro do Doctor Garcia d'Orta intitulado Coloquios dos Simples e Drogas, com um Estudo pelo Dr. Theophilo Braga. Anno 363 do nascimento de Luiz de Camões, auctor dos Lusíadas. Lisboa.*

Opúsculo de 10 páginas com a reprodução fotolitográfica da *Ode ao Conde Redondo*. Trabalho de José Eusébio dos Santos, litógrafo da Imprensa Nacional de Lisboa. Há outra edição feita em Lisboa, off. de Modesto & C.<sup>a</sup>, em 1887, de 10 + 7 páginas.

150—*Carta a Manuel Medeiros do Canto agradecendo as condolencias, do Centro Republicano Federal de Ponta Delgada, pela morte dos filhos do Dr. T. Braga.*

Na *Actualidade*, n.º 140, de 15 de Junho de 1887 foi publicada a carta, aqui integralmente reproduzida, como mais um documento demonstrativo da sensibilidade do notável pensador:

«Ex.<sup>mo</sup> Amigo e Patrício Sr. Manuel Medeiros do Canto.— Quando recebi a piedosa homenagem de sentimento com que o Centro Republicano Federal de Ponta Delgada se dignou acompanhar-me na perda de meu filho, eu ainda não tinha cahido em miseria total; restava a Maria da Graça, uma creança de dezesseis annos, que tendo consciencia da sua missão consoladora, calava comsigo a tristeza da morte de seu irmão e companheiro de brinquedo e de estudo, para não affligir os paes. E esta mesma creança, este organismo delicado de mulher, que tão cedo começava a viver para os outros, e que durante a sua curta doença estava sempre pedindo desculpa do trabalho que dava, apagou-se tambem com uma luz intensa que se consumia rapidamente. Mas a intelligencia, a precocidade mental, a vivacidade do espirito, produzindo um desequilibrio no organismo que não a deixou entrar em puberdade e dessabrochar como mulher. Eu via de longe este desequilibrio, e temeroso evitei toda a cultura systematica d'aquelle espirito que se precipitava para a luz; a creança attingia por si esse estado tão bem definido por Molière: o *clairté de tout*. A sua é para a minha situação domestica o que a lenda evangelica chama soledade. Com a morte do filho perdi a esperanza de apresentar á sociedade um homem prestante, com o qual faria



o que se conta de um rei que, ao afogar-se em um rio na retirada de uma derrota, atirara a sua corôa para a margem distante, dizendo: «Aonde eu não posso ir vae a minha corôa». Com a morte de minha filha perdi a principal causa do meu aperfeiçoamento moral, perdi a consciencia que me havia de julgar com mais conhecimento e justiça. Não são sômente as ideias e os interesses que nos ligam; a base de toda a concordia social assenta sobre os impulsos affectivos. Por isso a homenagem de pesar que o Centro Republicano Federal de Ponta Delgada dirige ao seu correligionario e patricio compartilha da dôr privada; é a prova clara de que ha ahi um sentimento que combate pela liberdade, e que se liga intimamente pela fraternidade. Escrevendo-vos, querido patricio, sob a minha desolação profunda, peço-vos o favor de tornar patentes diante de tão respeitavel collectividade politica os testemunhos de uma gratidão sem limites de quem se assigna. Correligionario convicto e leal».—Theophilo Braga.

151—[Ignoro o título].

In: *A Apotheose. Jornal commemorativo do setimo centenario e inauguração da estatua de D. Affonso Henriques. Numero unico. Director Domingos Guimarães. 19-Outubro de 1887. Lisboa.*

152—*O Conde de Luz-Bella. Introdução ás fórmãs populares do theatro portuguez.*

No n.º 1 da *Revista Lusitana*, *archivo de estudos philológicos e ethnológicos relativos a Portugal*, dirigida por José Leite de Vasconcelos. 1887.

153—*Ampliações ao romanceiro das ilhas dos Açores.*

No n.º 2 da *Revista Lusitana*, cit.

154—*Cancioneiro popular das ilhas dos Açores.*

No vol. III da *Revista Lusitana*, cit.

155—*Sobre as cinzas. Porto. Abril 1888.* Publicação, em beneficio dos sobreviventes da catastrophe do Teatro Baquet, promovida por Carneiro de Melo & Irmão.

156—*A Epopea da Humanidade.*

Artigo na *Revista de Portugal*. Director Eça de Queiroz. I. Porto. 1889. pp. 182 e 333.

157—*O seculo XVIII em Portugal.*

Estudo sôbre a literatura portuguesa e o despotismo daquelle século. Na *Revista de Portugal*. I. pp. 574-606, cit.

158—*Proposta* [apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 14 de Março de 1889, para «que se publique um Boletim intitulado *Revista das Sciencias moraes e politicas e bellas-lettras*].

Folheto de 3 páginas, não numeradas, impresso na tipografia da Academia.

«PROPOSTA.—Os Estatutos d'esta Academia, approvados por decreto de 13 de dezembro de 1851, estabelecem no seu art. 2.º, n.º 8, a publicação regular de um Boletim, comprehendendo as Actas das sessões litterarias e a revista dos principaes trabalhos dos sabios nacionaes e estrangeiros. Começou-se a dar cumprimento a este artigo, quando em 1858 se encetou a publicação dos *Annaes das Sciencias e das Lettras*, que consistiam em duas revistas correlativas ás duas Classes da Academia. A revista scientifica tem continuado com a compativel regularidade archivando importantes trabalhos de mathematica, physica, chimica, botanica e zoologia, que são um documento de invejavel actividade. A revista litteraria, redigida principalmente por Lopes de Mendonça e Rebello da Silva, não durou mais que um anno, porque pela creação do Curso Superior de Lettras a sua actividade foi desviada para o magisterio. Desde 1858 até hoje a Classe das Sciencias moraes, politicas e de bellas lettras está privada de uma revista que acompanhe a grande renovação das doutrinas sociologicas. Já se reconheceu a necessidade de um órgão tal, mas a Classe hesitou diante da difficuldade economica de subsidiar os seus redactores. Estas publicações são essencialmente gratuitas, renovando-se em determinados periodos a commissão de redacção; são um estimulo constante de trabalho, e mesmo algumas Academias existem pelo influxo vital que recebem das suas revistas, como se vê com o Instituto de Coimbra, que possui um importante gabinete de leitura devido ás suas trocas com outras publicações nacionaes e estrangeiras.

No Regulamento d'esta Academia Real das Sciencias, approved por decreto de 22 de outubro de 1852, art. 49.º, n.º 1, consigna-se a natureza das despesas com a publicação do Boletim. Portanto apresento á discussão da Segunda Classe a seguinte proposta:

1.º Que se publique um Boletim intitulado—*Revista das Sciencias moraes e politicas, e bellas-lettras*, no mesmo typo e formato do Boletim que ha doze annos publica a Primeira Classe, e em periodos bi-, ou trimensaes.

2.º Que a redacção d'essa Revista seja gratuita e dirigida por uma commissão annual eleita pela Classe, e podendo ser reconduzida.

§ 1.º A commissão de redacção será composta de dois academicos, procurando-se nas renovações subsequentes representar cada uma das secções da Classe.

§ 2.º Cada um dos auctores dos artigos, ensaios ou estudos que se publicarem na Revista terá direito a receber, quando o exija, uma edição—Separata—dos seus trabalhos, em numero de 50 exemplares.

3.º Constituem a materia da Revista, além dos Estudos sobre cada uma das Sciencias especiaes que pertencem á Segunda Classe, os seguintes assumptos:

§ 1.º Todas as Communicações scientificas feitas á Academia.

§ 2.º Os Pareceres sobre obras offerecidas, quando seja conveniente a sua publicidade. Critica e bibliographia das principaes obras offerecidas pelas outras Academias.

§ 3.º Relatorios sobre as obras que alcançaram os premios academicos.

§ 4.º As actas das sessões da Classe, e a lista de todas as obras offerecidas, tanto nacionaes como estrangeiras.

§ 5.º Publicação de Documentos para a Historia Litteraria de Portugal, como os processos do Santo Officio contra Damião de Goes, Antonio Homem, Vicente Noqueira, José Anastacio da Cunha, Filinto Elysio, Bocage; bem como Cartas de homens

illustres, e Ineditos de escriptores, que possam coadjuvar as edições criticas das suas obras.

§ 6.º Traducções dos trabalhos estrangeiros ácerca de Portugal, quando pelas suas dimensões sejam compatíveis com a indole da Revista.

§ 7.º Lista annual dos socios da Segunda Classe, tanto effectivos, como correspondentes nacionaes e estrangeiros; e os Elogios historicos dos fallecidos e Discurso de recepção dos recém-eleitos.—Lisboa, 14 de março de 1889».—Theophilo Braga.

159—*Um soneto de Camões glosado por Philippe II. Lisboa. Livraria Ferin. 1889.*

Opúsculo de 19 páginas editado por Manuel Gomes. Tiragem em papel do Japão, numerados de I a III, e em papel Holanda de I a 20.

A capa da brochura traz:—«1524-1580. Camões e Filipe II».

160—*Os Lusíadas como epopéa da civilização moderna.*

Das pp. IX a XXIV da *Edição da cidade do Porto. Luiz de Camões. Os Lusíadas com um prefacio de Theophilo Braga...* Edição revista aproximativamente sobre a chamada segunda de 1572 por Joaquim de Araujo... Porto. Typ. Elzeviriana MDCCCLXXXIX. Tiragem de 56 exemplares.

161—*Circulo Camoneano. Revista Internacional. Joaquim de Araujo—Director. Redacção: 656, Santa Catharina, Porto. 1889-1890.*

Teófilo Braga colaborou com os seguintes artigos:

- Camões e a poesia popular na India portugueza* (n.º 2);
- Camões e a gruta de Macau* (n.º 3);
- O nome de Luiz de Camões* (n.º 4);
- Homenagem a Camões por um poeta judeu* (n.º 8);
- O Visconde de Juromenha* (n.º 9);
- O maravilhoso nos Lusíadas* (n.º 10);
- Camillo e Camões*;
- Camões e a historia da Provincia de Santa Cruz.*

162—*O mytho de Istar em uma lenda extremenha e asturiana. O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Istar na tradição occidental.*

Carlos Ribeiro.—*Revista scientifica*, 1889-1891.

163—[Ignoro o título].

Artigo in: *O Herege. 3o Germinal. Anno 98. Lisboa. Typ. Phenix.*

164—*Prefacio.*

Nas pp. VII-XI do *Diccionario de nomes de baptismo, comprehendendo mais de quatro mil nomes por Silva Mengo. Porto. 1889.*

165—*Linhas Physiognomicas.*

No *Guilherme de Azevedo*. Numero especial dedicado pela redacção do *Jornal de Santarém á memoria do malogrado poeta e prosador*. Lisboa. Typ. Portuense. 1889.

166—*Estrophe da Epopeia Humana.*

In: *Anathema*. Numero unico dedicado aos estudantes portuguezes pelos seus collegas Antonio Vaz de Macedo e Arthur Pinto da Rocha. Coimbra. Imprensa Independencia.

167—[Ignoro o título].

In: *Um feixe de plumas*. Porto 1 de Abril de 1890. Numero unico. Redactores [aliás Directores] Bruno e Joaquim de Araujo.

168—[Ignoro o título].

In: *Lusitania*. *Jornal commemorativo de revivescencia patria*. Numero unico. Porto. Typ. de Arthur & Irmão. 1890.

169—*Tercetos | de | Luiz de Camões | Impressos pela primeira vez, em 1576, na Historia da Provincia de Santa Cruz, de Pedro de Magalhães | Gandavo, fac-simile photo-lithographico | precedido d'um Estudo pelo Dr. | Theophilo Braga [vinh.] Anno 370 | do | Nascimento de Luiz de Camões | Auctor dos Lusíadas. Lisboa.*

Dêste opúsculo de 12 páginas de texto critico, e mais outras de *fac-simile* houve exemplares em papel Japão, Whatman, Holanda, Velino, seis de cada; em papel Lusíadas e Mezena, nove de cada; e 200 em linho: todos numerados e assinados por Joaquim Eusébio dos Santos.

170—*Camões | e | o sentimento nacional | por | Theophilo Braga [L. G.] \*Porto | Livraria Internacional de Ernesto Chardron | casa editora | Lugan e Genelioux, Successores | 1891.*

Êste volume [de vii+324 páginas] é formado por diferentes estudos que appareceram á frente das obras de Camões e em várias revistas. Capitulo 1: (Edição dos *Lusíadas* de 1880), com desenvolvimentos. Capitulo 11: (Parte do n.º anterior, e da edição dos *Lusíadas* da Cidade do Pôrto), um artigo do Circulo Camoniano, (vol. 1, p. 301) outro da Bibliografia critica (p. 257) e ainda ampliado com novos factos. O capitulo III contém a introdução ao *Parnaso de Camões*, de 1880 e um artigo do Circulo Camoniano: *Camões e a Poesia popular portugueza na India*, bem como o folheto sobre *Um Soneto de Camões glosado por Filippe II*. Artigos do *Positivismo*, da *Revista Lusitana* e do *Circulo Camoniano*.



171—*No Cerco do Porto.*

Nas pp. 91-97 das *Primeiras Leituras. Selecta infantil coordenada para uso das escolas primarias por Joaquim de Araujo. Porto. 1891.*

172—*Manifesto e programma do Partido Republicano Portuguez. Lisboa. 1891.*173—*Historia | da | Universidade de Coimbra | nas suas relações | com a | instrução publica portugueza | por | Theophilo Braga | socio effectivo da Academia Real das Sciencias | ——— | Tomo 1 | 1289-1555 | ——— | Lisboa | Por ordem e na typographia da Academia Real das Sciencias | — | 1892.*

Ao ante-rôsto e frontispício segue-se na p. 5:—«Em commemoração do vi centenario da Fundação da Universidade de Coimbra. D.» Nas pp. vii-xv «Preliminar». De 1 a 600 o texto.

Escreve o autor:—«Temos desde 1871 annunciada em um prospecto a História da Universidade de Coimbra como formando parte de um plano mais vasto, e quasi totalmente realizado, sôbre a História Literária de Portugal. As relações entre as criações da Historia Literária e as transformações da pedagogia eram então por nós mais presentidas que comprehendidas».

Em sessão pública o secretário geral da Academia das Sciencias disse:

«Honra-se a classe fazendo imprimir na typografia académica a *Historia da Universidade* do nosso sócio o Sr. Teófilo Braga, que tem ido traçando um quadro verdadeiramente suggestivo da vida escolar portugueza nas épocas decorridas e indirectamente da sociedade portugueza, porque a vida social, nas suas complexas manifestações, sempre com a vida escolar se relaciona. As assíduas investigações feitas para reünir os materiais dêste monumento têm habilitado o Sr. Teófilo Braga ora a fazer communicações à classe acêrca de pontos obscuros da história ou da filologia portugueza, ora a encontrar documentos preciosos, cuja publicação a Academia não hesitou em empreender. Tal é o curioso relatório acêrca do estado da Universidade, feito pelo seu reitor e reformador D. Francisco de Lemos, relatório que está no prélo, e a collecção de numerosas cartas do Padre Bartolomeu do Quental, importantes para a história dessa congregação do Oratório, que tam notável papel desempenhou nas evoluções e nas lutas, a que deu lugar a direcção de ensino público em Portugal». [Cf. Sessão pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 17 de Dezembro de 1898, pp. xxii-xxiii].

[Idem] *Tomo II* | ——— | 1555 a 1700 | ——— | Lisboa 1895. Volume de 486 + 1 página de erratas.

[Idem] *Tomo III* | ——— | 1700 a 1800 | ——— | Lisboa 1898. Volume de 771 páginas.

[Idem] *Tomo IV* | ——— | 1801 a 1872 | ——— | Lisboa 1902. Volume de 4 in. + 656 páginas.

- 174—*As modernas ideias | na | litteratura portugueza | por | Theophilo Braga | ——— | com um estudo sobre Theophilo Braga e a sua obra | por | Teixeira Bastos | ——— | volume 1 [L. G.] Porto | Livraria Internacional de Ernesto Chardron | livraria editora | Lugan & Genelioux | 1892.*

Volume 1.º com vii + 446 páginas.

Volume 2.º com 514 + 1 página, com aviso dos editores, comunicando que o labor de Teixeira Bastos constituirá um livro especial. Veja-se na 2.ª parte desta Bibliografia.

- 175—*As Lendas | Christãs | por | Theophilo Braga | [L. G.] Porto | Livraria Internacional de Ernesto Chardron | Casa editora | Lugan & Genelioux, Successores | 1892.*

Volume de xii + 400 páginas, do qual «o primeiro capítulo appareceu no tomo iv do *Positivismo*, p. 431.—O capítulo sobre *Virgilio na Edade-média* é a refundição do que primeiro appareceu nos *Estudos da Edade-média*; o capítulo sobre *O Doutor Fausto* e a *Lenda de Dom João* appareceram pela primeira vez no *Positivismo*, t. ii e iv. As lendas do *Santo Graal* e do *Judeu Errante* foram fundamentalmente rescritas, aproveitando poucos dos elementos contidos nos citados *Estudos da Edade-média*, que ficaram totalmente anulados».—T. Bastos.

- 176—*A Terceira Poesia impressa em vida de Camões. A Elegia a D. Leonis Pereira. Lisboa. 1892.*

Saíu primitivamente no *Circulo Camoneano*, II.

- 177—*Anthero de Quental | ——— | Raios de extincta luz. | — | Poesias ineditas | (1859-1863) | com outras pela primeira vez colligidas, | — | publicadas e precedidas de um Escorso biographico | por | Theophilo Braga [marca editorial] Lisboa, | M. Gomes, livreiro editor | 70, Rua Garret, 72 | 1892.*

Volume de xxii páginas com o Escorso + xlviii + 258, tendo nesta o colofon: —«Acabado de imprimir em 10 de Junho 1892 comemorando o 312 da morte de Camões Na typographia da Academia Real das Sciencias por M. Gomes, livreiro. editor». Teve tiragem especial de 4 exemplares em papel Japão e 16 exemplares em Whatman.

- 178—*Sobre a Synthese Cartesiana.*

In: *A Synthese Cartesiana—Influencia do cartesianismo sobre o racionalismo Estudo historico-critico da evolução da Syntese Cartesiana por Abel Andrade precedido de um prefacio por Theophilo Braga. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1892.*

179—*Alexandre da Conceição.*

In p. v-xv *Outomnaes. Versos por Alexandre da Conceição.* Porto. Imprensa Portuguesa. 1892.

## 180—[Ignoro o título].

In: *A Correspondencia do Norte. Braga, 24 de Dezembro de 1892, n.º 1:228.* Número comemorativo do Natal.

181—*A quem ler.*

In: *Exposição popular do Positivismo por Camille Monnier. Tradução de Libanio da Silva. Precedida de uma exposição por Theophilo Braga.* Lisboa. Typ. da Companhia Nacional Editora. 1892.

182—*Camões. A Typographia e as Sciencias no seculo 16.—Conferencia feita pelo dr. Theophilo Braga na sala da Associação typographica lisbonense, no mez de junho de 1880, por ocasião e para festejar o tricentenario de Luiç de Camões. Impresso em Lisboa e offerecido á Associação typographica lisbonense, no dia do seu anniversario. 1892.*

Opúsculo de 8 páginas, impresso em caracteres góticos a preto e vermelho.

183—*João de Deus e a renovação do moderno lyrismo.*

Artigo na *Revista de Portugal.* Director Eça de Queiroz. iv, pp. 257, 412, 556.

184—*Revista da critica litteraria. Novos dados sobre Bernardim Ribeiro.*

Artigo na citada *Revista de Portugal.* iv, pp. 244-251.

185—*Parecer da Academia Real das Sciencias mandado ao ministro da Instrução Publica sobre o livro do doutor Garcia Perez intitulado Catalogo razonado biográfico y bibliográfico de los Autores portugueses que escribieron en castellano.*

Opúsculo de 7 páginas não numeradas, sem data nem lugar.

186—*Theophilo Braga | ——— | Alma | Portuguesa | ——— | Selecção de poesias lyricas | [vinh.] Porto | Imprensa Portuguesa-Editora | — | MDCCCXCIII.*

Volume de viii + 207 páginas com o retrato do autor.

187—*Dom Francisco de Lemos | e | a Reforma da Universidade de Coimbra | por | Theophilo Braga | socio effectivo da Academia | — | Memoria | servindo de introdução á Relação do Estado da Universidade de Coimbra de 1772 a 1777 | apresentada ao Governo | por | Dom Francisco de Lemos | — | Lisboa | Typ. da Academia Real das Sciencias | 1894.*

Volume de XLII + VI + 168 páginas acêrca do qual elucida o autor:—«publicado o primeiro volume da *Historia da Universidade*, foi apresentado um exemplar na exposição dos livros juridicos da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro. O livro, embora mediocrementemente escripto segundo os meus mesquinhos recursos, teve a consagração de provocar interesse pelo assumpto; um portuguez illustre, residente no Rio de Janeiro, o Sr. Francisco Ramos Paz, governador do Banco do Brazil, lembrou-se que possuia um livro manuscrito referente á Universidade de Coimbra, que comprara em uma livraria, e em uma viagem á Europa, ao passar por Lisboa, teve a amabilidade incomparavel de me procurar para mostrar o precioso codice. A simples vista do livro revelou-me logo a sua extraordinaria importancia: *Relação geral do estado da Universidade de Coimbra, desde o principio da nova Reformação até ao mez de Setembro de 1777, para ser presente á Rainha Nossa Senhora pelo seu Ministro e Secretario de Estado da Repartição dos Negocios do Reino, o Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Vila Nova da Cerveira, dada pelo Bispo de Zenopie coadjutor e futuro successor do Bispado de Candor e actual Reformador e Reytor da nossa Universidade*. O livro está encadernado em marroquim vermelho dourado a ferros, com as armas reaes, e tendo 310 paginas, na lettra que então se chamava «de secretaria».

«Encareci, como devia, ao Sr. Francisco Ramos Paz o valor do thesouro que me apresentava, e que me confiou para examinar e tirar apontamentos, emquanto ia passar alguns mezes em Paris. Receiando porem que um tal monumento viesse a perder-se de vista, este benemerito patriota declarou-me que tencionava offerecel-o ao Archivo da Universidade de Coimbra, para ahi ficar como um dos mais valiosos titulos da epocha da sua Reforma. Admirando este alto desinteresse, propuz-lhe que para maior conveniencia dos estudos historicos e pedagogicos seria bom fazer uma comunicação á Academia Real das Sciencias sobre um tão precioso achado, e que sendo votado que se imprimisse este documento nas suas memorias litterarias, seria depois o manuscrito entregue á Universidade de Coimbra ficando assim o documento ao alcance de todos os estudiosos.

«O Sr. Ramos Paz acedeu prontamente com a sua clara intelligencia e amor civico e em sessão da assemblea geral da Academia foi votado unicamente que se imprimisse nas suas memorias a Relação de Dom Francisco de Lemos, a que estas linhas servem de introdução».

188—*João de Deus. Campo de Flores. Poesias lyricas completas. Edição autentica e definitiva. Coordenada por Theophilo Braga. Lisboa. Imprensa Nacional. MDCCCXCIII.*

189—*A Historia de Portugal na voz do povo.*

Artigo no *Correio Elvense*, ano v. 3o de Julho de 1894



190—*A alampada.*

Artigo in *O Trasmontano*, n.º 23, Agosto de 1894 (Vila Real).

191—*A Patria portugueza por Theophilo Braga. O Territorio e a raça. Porto. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora. Sucessores Lello & Irmão. 1894.*

Volume de xvi + 320 páginas, impresso na tipografia de A. J. da Silva Teixeira.

192—*Obras poeticas completas | ——— | Visão dos Tempos | Epopêa da humanidade | por | Theophilo Braga | ——— | Edição integral | ——— | Tomo 1 | Cyclo da Fatalidade [M. L. intercalada] Porto | Liv. Internacional de Ernesto Chardron | Casa editora | 1894.*

Volume de xxi + 376 páginas.

Tomo II | *Cyclo da Lucta (universalismo hellenico e romano)*. Volume de 392 páginas.

Tomo III | *Cyclo da Lucta (Regimen catholico-feudal)* 1895. Volume de 334 + 1 página.

Tomo IV | *Cyclo da Liberdade*. Volume de 507 páginas.

193—*Collecção Antonio Maria Pereira | Theophilo Braga | —. — | Contos phantasticos | —. — | Segunda edição | correcta e ampliada | AMP. | Lx. | Liv.ª de Antonio Maria Pereira, editor | 50, R. Augusta, 54 | 1894.*

Volume de vii páginas,—com o «Preliminar da 2.ª edição» datado de:—«Fevereiro de 1894»,—e mais 216 páginas.

194—*O Mar | Tenebroso | poemeto | por | Theophilo Braga [vinheta] Porto | Imprensa Portuguesa | Rua Formosa, 112 | — | 1894.*

Opúsculo de 44 + iii páginas tendo a última o colofon: «Acabado de imprimir em 2 de março de 1894, commemorando o quinto Centenario do nascimento do Infante Dom Henrique, na Imprensa Portuguesa. Rua Formosa 112. Porto». Tôdas as páginas com o texto dentro de moldura formada por dois filetes, iniciais e vinhetas impressas a cores. Teve tiragem especial.

- 195—*Nove poesie portoghese ristampate in Padova nella occasione del VII Centenario di Sant'Antonio de Lisbona. Padova, 1895.*

Tip. Fratelli Gallina.—Tiragem de 26 exemplares.

- 196—*Ao entrar na arma.*

Prólogo ao livro: *Manhã Dourada por Alfredo Serrano. Lisboa 1895.*

- 197—*A uma nova luz historica.*

Nas pp. 9-13 do livro: *Bernardim Ribeiro pelo Visconde de Sanches de Baena. Lisboa 1895.*

- 198—*Historia da Litteratura Portugueza | = | Introducção | . | Theoria da Historia | da Litteratura Portugueza* [iniciais dos editores] *Porto | Livraria Chardron | Casa editora | Successores Lello & Irmão | 1896.*

- 199—*João de Deus.*

Artigo na publicação: *Homenagem a João de Deus, Lisboa, 15 de Janeiro de 1896.*

- 200—*João de Deus—Campo de flores. Poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor, por Theophilo Braga. Segunda edição—Ne Varietur. Lisboa. Imprensa Nacional MDCCCXCVI.*

Edição num volume de xxv + 689 + 1 páginas ornamentadas com vinhetas decorativas, retrato e fac-simile dum autógrafo do autor.

- 201—*Theophilo Braga | = | Anthero de Quental | In Memoriam | Rodrigues de Freitas | commemoração biographica* [vinheta] *Lisboa | Typ. da Companhia Nacional Editora | Largo do Conde Barão, 50 | MDCCCXCVI.*

Tem uma advertência do editor A. R. na qual se declara que este opúsculo de 21 páginas é constituído por dois artigos publicados anteriormente no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

- 202—*Historia da Litteratura | Portugueza | = | Sá de Miranda | e a | eschola italiana | por | Theophilo Braga | [L. & I.] Porto | Livraria Chardron | Casa editora | Succesores Lello & Irmão | 1896.*

Volume com o retrato do autor e viii + 402 páginas.

203—*Poucas palavras.*

In: *Subsidios para um Dicionario de pseudonymos iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes contribuição para o estudo da litteratura portugueza por Martinho Augusto da Fonseca*—*Com poucas palavras servindo de prologo pelo academico Dr. Theophilo Braga.* Lisboa. Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias. 1896.

204—*Un enigma na vida do poeta Bocage.*

Artigo na *Revista critica de historia y literatura española* n.º 12, Novembro de 1896. No n.º 10, de Setembro do mesmo ano, com o mesmo titulo appareceu na citada *Revista* um artigo de F. Adolfo Coelho.

205—*Parecer.*

Acêrca da obra de Alberto Braga *O Estatuario*, peça em quatro actos. Pôrto MCCCCXCVII, pp. VII a XI.

206—*Breves palavras.*

De pp. VII-XI da *Breve historia da Casa Pia de Lisboa por Cesar da Silva com um prefacio de T. Braga.* Lisboa. 1896.

207—*Historia da Litteratura Portugueza* | = | *Bernardim Ribeiro* |  
 e | *O Bucolismo* | por | *Theophilo Braga* [L. & I.] *Porto* | *Livreria Chardron* | *Casa editora* | *Successores Lello & Irmão* |  
 1897.

Volume de VII + 435 páginas.

208—*Litteraturgeschichte der romanischen völker* | ——— | *B. Die Litteraturen der romanischen völker* | ——— | (4) *Geschichte der portugieschen Litteratur* | von | *Carolina Michaëlis de Vasconcellos* | und | *Theophilo Braga.*

Pp. 129-382 do segundo volume:—*Gundriss der Romanischen Philologie Herausgegeben von Gustav Gröber.* Strassburg. K J. Trübner. 1897.

209—*Aos Camonianos.*

Nas cinco páginas primeiras de *Os Lusíadas de Luiz de Camões Fac-simile da primeira edição dos Lusíadas com um prefacio do Dr. Theophilo Braga.* Anno CCCLXXIV do nascimento de Luiz de Camões, auctor dos *Lusíadas.* Lisboa. Edição de Joaquim Eusébio dos Santos.



REPRODUÇÃO DA PENÚLTIMA FOTOGRAFIA DO DR. TEÓFILO BRAGA,  
FOTO POZAL.





- 210—*Teophilo Braga* | ——— | *Visioni dei Tempi* | *Camoens—Cervantes—Petrarca* | *Michaelangelo—Tasso* | *Traduzione* | *di* | *Francesco Paolo Pace* | *Padova* | *Tip. All'Università—Fratelli Gallina* | M.D.CCC.XCVII.

Ao frontispício segue-se a seguinte dedicatória: «Á Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria do Carmo Xavier Braga digna esposa de Theophilo Braga commemorando o xxv anniversario (Bodas de prata) do glorioso concurso do illustre professor da litteratura moderna do Curso Superior de Lettras de Lisboa (1872-1897) offerece respeitosamente. Genova, 97. Joaquim de Araujo. Editor e propugnador desta consagração». Opúsculo de 15 páginas comportando «Il poema di Camoens», «Il Riso di Cervantes», «Delirio di Petrarca», «Motto di Michelangelo», «Il Bacio del Tasso».

- 211—*Dai canti di T. Braga* | ——— | *La Stella Mattutina* | *Infanzia d'Omero* | ——— | *Versione di E. Teza* | *Padova* | *Tip. Gio. Batt. Randi* | 1898.

No verso do frontispício:—«Dagli Atti e Memoria della R. Accademia di Padova. Vol. xiv, pp. 11-28». Opúsculo de 22 páginas.

- 212—*Proposta para a impressão dos Cancioneiros Trobadorescos portuguezes apresentada na sessão da segunda classe da Academia Real das Sciencias, de 24 de Fevereiro de 1898.*

Foi publicada no *Boletim da Segunda Classe*. (Actas, Comunicações, Pareceres). Volume I. 1898-1902. Lisboa. Typ. da Academia. 1903. Sobre esta proposta incidiu um *Parecer*, assinado em 11 de Abril de 1898 e publicado no vol. II do citado *Boletim*, pp. 75-83.

- 213—*Sobre as prosas de João de Deus.*

Nas pp. v-xii do livro de: *João de Deus—Prosas—Narrativas singelas. Cartas, prologos e Criticas. Cartas sobre o methodo de leitura. Cartas intimas. Atraves da Imprensa. Traducções. Coordenadas por Theophilo Braga* ———. Lisboa. Antiga Casa Bertrand—José Bastos ... 1898.

- 214—*A Livraria de Pereira Merello (A proposito do presente Catalogo).*

Nas pp. v-vii do *Catalogo das obras mais raras, valiosas e estimadas da Livraria do bem conhecido e afamado bibliophilo Agostinho Vito Pereira Merello ex-corrector do numero da Bolsa ... Precedido de um breve prefacio por T. B.*—Lisboa 1898.

- 215—*Historia da Litteratura Portugueza* | = | *Gil Vicente* | *e as* | *origens do theatro nacional* | *por* | *Theophilo Braga* [L. & I.] | *Porto* | *Livraria Chardron* | *Casa editora* | *Successores Lello & Irmão* | 1898.

Volume de VIII + 544 páginas.

- 216—*Bibliographia* | de | José Agostinho de Macedo | ——— | *Separa-  
rata* | das | *Memorias para a vida intima e litteraria* | de José  
Agostinho de Macedo | ——— | Lisboa | *Typographia da Aca-  
demia Real das Sciencias* | 1898.

Tiragem especial de 12 exemplares numerados, em papel velino, com o pertence impresso. Volume de 105 + 1 branca + 1 página de colof. «Acabou de imprimir-se aos 24 dias do mez de Agosto de 1898 na Typographia da Academia Real das Sciencias». Com o retrato de José A. de Macedo.

- 217—*Historia da Litteratura Portugueza* | = | *Eschola de Gil Vicente* |  
e | *desenvolvimento do theatro nacional* | por | Theophilo Braga  
[L. & I.] Porto | *Livraria Chardron* | Casa editora | *Successores*  
*Lello & Irmão* | 1898.

Volume de 586 páginas impresso na Imprensa Moderna.

- 218—*Rhapsodias da Epopea Portugueza* | ——— | *O Velho* | do Restello |  
*poemeto* | por | Theophilo Braga [escudo com a Cruz de Cristo] |  
Lisboa | *Editores—Libanio & Cunha* | Rua do Norte, 145 | 1898.

Dêste opúsculo de 28 páginas tiraram-se três exemplares em papel Japão, e doze em papel Whatman, numerados respectivamente de 1 a 3 e de 4 a 15 e rubricados pelo autor.

- 219—*Historia da Litteratura Portugueza* | = | *A Arcadia Lusitana* |  
——— | Garção—Quita—Figueiredo—Diniz | por | Theophilo  
Braga [iniciais dos editores] Porto | *Livraria Chardron* | Casa  
editora | *Successores de Lello & Irmão* | 1899.

Volume de 644 páginas.

- 220—*Commemoração centenaria do nascimento de Garrett* | 4 de Feye-  
reiro de 1799 | ——— | *Os Doze* | de Inglaterra | *Poema* | por |  
Theophilo Braga | ——— | *Exceptos* | *Proemio narrativo—Invo-  
cação lyrica* | ——— | Lisboa | *Por ordem e na Typographia*  
*da Academia Real das Sciencias* | 1899.

Opúsculo de 19 páginas em papel de linho.

- 221—*Garrett e a Instrução publica.*

No Garrett. Numero unico em homenagem á memoria do insigne reformador da litteratura, do theatro e do jornalismo publicado em Lisboa no primeiro centenario do seu nascimento. Lisboa. Imprensa Lucas.

222—*O Rei dos Olmos (Goëthe-Schubert).*

Poesia publicada nas 3-4 páginas do programa do *Concerto*, 9 de Junho, 1899. Na Companhia Nacional Editora se compôs e imprimiu.

223—*Confissão de amor (Poema em prosa).*

In: *Almanach illustrado do Jornal O Seculo*, 1900.

Esboço do capítulo «Ela amou-me» publicado na 3.ª edição dos *Contos fantasticos*.

224—*Sobre estes ineditos.*

Nas pp. v-xlvi do volume: *Obras ineditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e Opusculos documentando as memorias para a sua vida intima e successos da historia litteraria e politica do seu tempo. Com uma prefacção critica por T. B. Lisboa. Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias*, 1900.

225—*Caiel.*

In: *Caiel. Genoveva Montaña. Version española por un Lusófilo. Prólogo de Teófilo Braga. Madrid 1900. Lib. de Fernando Fé.*

226—*Biblioteca Universale* | ——— | *L'Ondina del Lago* | *Poema cavaleresco* | di | *Teofilo Braga* | *Traduzione dal portoghese* | di | *Antonio Padula e Giovanni Voltan* | [marca editorial] *Milano* | *Società Editrice Sonzogno* | 14, Via Pasquirolo, 14.

É o n.º 265 da Biblioteca Universale. Opúsculo de 95 páginas.

227—*Collecção Antonio Maria Pereira* | ——— | *Chateaubriand* | ——— | *Obras primas* | *Atala-Renato* | *Aventuras do derradeiro Abencerrage* | *Traducção de* | *Theophilo Braga* | — | 2.ª edição [marca editorial] *Lisboa* | *Parceria Antonio Maria Pereira* | (*Livraria-editora*) | 50, 52, Rua Augusta, 52, 54 | 1900.

228—*Theophilo Braga* | ——— | *Garrett e o Pantheon* | Artigo estampado no n.º 5:454 | do *Conimbricense* | ——— | *Coimbra* | 1900.

Separata de *O Conimbricense*. Opúsculo de 8 páginas. Tiragem de 4 exemplares em linho para: o autor, Joaquim de Araújo, Cândido Nazaré e Martins de Carvalho, e 100 em comum.



- 229 — *Rapsodias da Epopéa Portuguesa* | — [escudo Brasileiro e armas reais de Portugal tendo aos lados grifos em pé] *Mais .:. Mundos | Poemeto | Commemorando o IV Centenario do Descobrimento do Brazil | por | Theophilo Braga |*

Mas é também razão que no Presente  
De um Lusitano um Feito ainda vejaes...

CAMÕES, *Lusiadas*, x, 138.

De Santa Cruz o nome lhe poreis.

Idem, *idem*, 140.

[emblema mostrando uma caravela] 1900 | *Editor-Fran Paxeco | Rio de Janeiro.*

Opúsculo de 16 páginas metidas em iv impressas em papel côr de rosa com *A Bibliografia Teofiliana*, e mais uma fôlha solta de *Notas explicativas*. O poemeto é datado de «3 de Janeiro de 1900».

- 230 — *Theophilo Braga | === | Homenagem | a | João Francisco Lisboa | (A proposito da | nova edição das «Obras Completas» | do eximio publicista e | austero pensador mara- | nhense). | Maranhão—1901 | — | Typographia do Jornal da Manhã.*

Opúsculo de 22 páginas.

- 231 — *Sobre as estampas ou gravuras dos livros populares portugueses.*  
Artigo nas pp. 497-512 do vol. I da revista *Portugalica*.

- 232 — *Historia da Litteratura Portuguesa | === | Filinto Elysio | e os | Dissidentes da Arcadia | — | A Arcadia Brasileira | Francisco de Mello Franco | José Basilio da Gama, Frei José de Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Gonzaga | por | Theophilo Braga [L. & I.] Porto | Livraria Chardron | Casa editora | Successores Lello & Irmão | 1901.*

Com o retrato do autor, tem êste volume 735 páginas impressas na Imprensa Moderna.

- 233 — *Eça de Queiroz e a sua Obra | ——— | Conferencia | de | Theophilo Braga | ——— | Na sessão solemne em Homenagem | do grande romancista, effectuada pela Mocidade das Escolas Superiores | em 3 de Março de 1901 | — | Lisboa | Typographia Lusitana—Editora de Arthur Brandão | 52, Rua do Norte | 1901.*

Opúsculo de 14 páginas. Teve tiragem especial de 6 exemplares numerados e rubricados pelo editor.

234—*Sobre a linguagem da Gíria em Portugal.*

Nas páginas 7-31 do livro *A Gíria portuguesa. Esboço de um dicionário de calão* por Alberto Bessa. Lisboa. 1901.

235—*Breve estudo sobre a Historia da Censura Litteraria em Portugal.*

De pp. v a xxiv do livro: «*Obras Ineditas de José Agostinho de Macedo—Censuras a diversas obras (1824-1829). Composições lyricas, didacticas e dramaticas. Com um breve estudo sobre a Historia da Censura Litteraria em Portugal por Theophilo Braga*, socio effectivo da Academia. Lisboa. Por ordem e na Typographia da Academia. 1901».

236—*Autobiographia de um pensador.*

Nas pp. 5-16 do opúsculo: *Uriel da Costa. Espelho da vida Humana. Versão de A. Epifanio da Silva Dias com uma introdução sobre a Autobiographia de um livre pensador por Theophilo Braga*. Lisboa. Imprensa Lucas. 1901.

237 — *Quarenta annos | de | Vida Litteraria | (1860-1900) | — | Cartas | de | Inocencio Francisco da Silva, Gomes Monteiro, Camillo Castelo Branco | A. F. de Castilho, Alexandre Herculano, Silva Gayo, Rodrigues de Freitas, Luciano Cordeiro, | Anthero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, | Ernesto do Canto, Martins Sarmiento, João Teixeira Soares, Conde de Villa Franca | Teixeira Bastos, Dr. Alexandre Braga | Silva Tullio, D. Antonio da Costa, Alexandre da Conceição, Dr. Augusto Rocha, Saldanha Marinho | Michelet, Littré, Ferdinand Denis, Avezac, Amador de los Rios | Py y Margall, Nuñez d'Arce, Marquez de Valmar, Emilio Castellar, etc., etc. | — | Com um prologo | Autobiographia mental de um pensador isolado | por | Theophilo Braga [vinh.] Lisboa | Typographia Lusitana—Editora de Arthur Brandão | 11, Rua Ivens, 13 | MCMII.*

Volume de LXXI + 244 + 4 páginas.

238—*Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

Primeiro artigo de Teófilo no *Archivo de «Ex-Libris» Portugueses. Director: Joaquim de Araujo*. Genova. Vol. I, pp. 65-71. 1901-902.

Na mesma revista publicou os artigos:

—*O Principal Mendonça*, no vol. II, pp. 38-40. 1902.

—*Biblioteca da Universidade de Coimbra*, no vol. III, pp. 153-159. 1904.

—*Torre do Tombo*, no vol. iv, pp. 93-99. 1904.

—*Congregação do Oratório*, no vol. v, pp. 121-124. 1905.

—*Pascoal José de Melo*, no vol. vi, pp. 9-13. 1906.

—*Collegio de San Pedro*, no vol. vii, pp. 73-75. 1907.

239—*Historia da Litteratura Portugueza* | === | *Bocage* | — | *Sua vida e epocha litteraria* | por | *Theophilo Braga* [marca editorial «Decus»] *Porto* | *Livraria Chardron* | *Casa editora* | *Successores Lello & Irmão* | 1902.

Volume de 611 páginas.

240—*Gil Vicente e o nacionalismo*.

Artigo na *Revista de Lisboa*, Julho de 1902.

241—*O Mutualista*.

In: *Numero commemorativo da Associação de Soccorros Mutuos dos Carpinteiros, Pedreiros e Artes Correlativas. 1852-1892. Lisboa*.

242—*Alma Portugueza* | ——— | *Os Doze de Inglaterra* | *Poema* | por | *Theophilo Braga* [L. & I.] *Porto* | *Livraria Chardron* | *De Lello & Irmão, editores* | 1902.

Volume de vii + 304 páginas.

No exemplar oferecido à espôsa do autor existente na biblioteca dêste, hoje em Ponta Delgada, lê-se a seguinte dedicatória manuscrita:—«Como lembrança dos dias serenos passados n'este retiro do Airão, em que foi elaborado e escripto este Poema, no romanso da tua providente companhia, offerece-t'o com toda a effusão da alma o teu marido.—Airão-1902».

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em carta publicada na *Voç Publica* diz:—«Temos nêsse grandioso quadro (um entre sete que V. planeia!) uma lúcida síntese da época de D. João I e, ao mesmo tempo, a idealização conscienciosa e carinhosa de tôdas as manifestações medievais do génio amoroso do povo português e do espirito cavalheiresco que animou a nação nos séculos xiv e xv, impelindo-a a acções heróicas».

243--*Bibliotheca d'«O Amigo do Povo»* | === | 1 | *A questão religiosa* | em | *Portugal* | por | *Theophilo Braga* | *Portalegre* | *Typographia Minerva Central* | 1902.

Opúsculo de 34 páginas.

Simões Ratola regista outra edição como «Folha avulsa do jornal *O Norte*, do Porto».

244 — *Theophilo Braga* | — | *Historia da Poesia Popular Portuguesa* | — | *Origens* | — | 3.<sup>a</sup> edição reescripta [marca editorial] *Lisboa* | *Manuel Gomes, editor* | 61, *Rua Garrett (Chiado)* | 1902.

245 — *Historia da Litteratura Portuguesa* | = | *Garrett e o Romantismo* | por | *Theophilo Braga* [marca editorial «Decus» etc.] *Porto* | *Livraria Chardron* | *Casa editora* | *Successores Lello & Irmão* | 1903.

Na capa a data de 1904. Volume de 544 páginas. Na sessão da Academia das Sciências de Lisboa, em 20 de Outubro de 1932 o D.<sup>or</sup> António Ferrão ofereceu à douta colectividade o original dêste trabalho.

246 — *Alma Portuguesa* | = | *Viriatho* | *Narrativa epo-historica* | por | *Theophilo Braga* [marca editorial «Decus» etc.] *Porto* | *Livraria Chardron* | *Lello & Irmão, editores* | — | 1904.

Na capa a data 1903. Volume de ix + 367 páginas.

247 — *Novelística*.

Estudo publicado no livrinho da *Bibliotheca das Creanças. Historias da Carochinha dos Irmãos Grimm* colligidas por *Henrique Marques Junior*. *Lisboa. Livraria Moderna*. 1904.

248 — *Influencias do clima no temperamento da raça humana*.

Artigo in *Os Serões*, revista de recreio e instrução, Novembro de 1904.

249 — *Associação do Registo Civil* | = | *O Martyr* | da | *Inquisição Portuguesa* | *Antonio José da Silva* | (*O Judeu*) | por | *Theophilo Braga* [vinheta] *Lisboa* | *Typographia do Commercio* | 3, T. do Sacramento, 7 | — | 1904.

Opúsculo de 31 + 1 página com a indicação de algumas obras que falam de Antonio José. Gravura representando a estátua do poeta como está erecta no salão do Teatro de S. Pedro de Alcantara, no Rio de Janeiro. Antecede o texto uma nota «Ao Leitor» justificando a publicação feita por motivo do segundo centenário do nascimento do «Judeu». Assina essa nota Carlos Cruz.

250 — *Haydn 1732-1809*.

Artigo em *A Revista*. Porto, Abril 1904.



251—*Como Introito.*

Nas pp. III-IV de *O Japão por dentro. Esboço analytico da civilização nipónica por Ladislau Batalha com prefacio do Dr. Theophilo Braga. Lisboa. 1904.*

252—*Abraço Magalhães Lima.*

Na *Consagração*, numero unico. Lisboa. Dezembro 1904.

253—*Obras completas | de | Almeida Garrett | Grande edição popular, illustrada | ——— | Prefaciada, revista, coordenada e dirigida | por | Theophilo Braga | ——— | Volume I | Poesia—Theatro (prosa e verso) [marca editorial] Lisboa | Empresa da Historia de Portugal | . . . . . 1904.*

Desta edição, feita por iniciativa do arrojado editor Henrique Marques, imprimam-se 12 exemplares em papel de linho especial, sendo o n.º 1 de Teófilo Braga, autor do estudo inserto no começo do primeiro volume, com o título:— *Garrett e a sua obra*. Segue-se-lhe a *Auto-biographia*, reproduzida do tomo III da *Universo Pittoresco* (1843) e a *Bibliographia das obras de Garrett* também da autoria de T. Braga. Tem o I volume LIX + 836 páginas, e o volume II (*Prosas*) 840 páginas tôdas a duas colunas.

254—*Obras completas | de Almeida Garrett | Edição revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga | =XXVIII= | Garrett | e a sua obra | pelo | Dr. Theophilo Braga [marca editorial] Lisboa | Empresa da Historia de Portugal | Sociedade Editora | Livraria Moderna | 95, Rua Augusta || Typographia | R. Ivens, 47 | 1905.*

Volume de 173 páginas constituído pelo estudo que antecede a edição anterior —da qual se aproveitou a composição tipográfica—, a *Autobiographia*, a *bibliografia das obras de Garrett* e as palavras escritas por Alexandre Herculano para o prospecto anunciativo da edição de 1839.

255—*Alma Portuguesa | ——— | Frei Gil de Santarem | Lenda faustiana da Primeira Renascença | por | Theophilo Braga | Porto | Livraria Chardron | de Lello & Irmão, editores | — | 1905.*

Volume de XXII + 376 páginas. Houve tiragem especial.

256—*O Estylo de Garrett.*

Artigo na revista *Arte & Vida*. Coimbra, 1905, n.º 8.

- 257—*Historia da Litteratura Portuguesa* | ——— | *Garrett e os Dramas Romanticos* | por | *Theophilo Braga* [marca editorial] *Porto* | *Livraria Chardron* | *Casa editora* | *Successores Lello & Irmão* | 1905.

Volume de iv + 800 páginas. Contém uma *Bibliographia Garrettiana*. Para o Museu da Academia das Sciências de Lisboa, ofereceu (em 20 de Outubro de 1932), o D.<sup>or</sup> António Ferrão o original dêste estudo.

- 258—*Viver na sympathia*.

Artigo no *In Memoriam*. Souza Martins. 1905, Lisboa.

- 259—*Theophilo Braga* | ——— | *Historia* | *da* | *Poesia popular* | *portugueza* | ——— | *Cyclos Épicos* | — | 3.<sup>a</sup> edição reescripta [marca editorial] *Lisboa* | *Manuel Gomes, editor* | 61, Rua Garrett, Chiado | 1905.

I volume de xiii + 11 + 480 páginas. II volume de viii + 569.

- 260—*Cervantes e o Don Quixote*.

Artigo em *O Occidente*, n.º 949, Lisboa, 1905.

- 261—*Apotheose do Poeta—O Festival de João de Deus. 8-III-1895. Estudos litterarios, manifestações da imprensa e collectividades scientificas, na Celebração do LXV anniversario do Poeta, pela Mocidade das Escolas. Com um Escorso biographico de João de Deus por Theophilo Braga. Lisboa. Antiga Casa Bertrand—José Bastos, editor . . . 1905.*

Volume de xxxii + 508 páginas. Ilustração de Rafael Bordalo Pinheiro.

- 262—*Annaes da Academia de Estudos Livres* | ——— | *Tricentenario da publicação* | *do* | *Don Quixote* | *1605-1905* | ——— | *Conferencia na Academia de Estudos Livres* | *em 9 de Maio de 1905* | por | *Theophilo Braga* | [marca editorial] *Lisboa* | *Ferreira & Oliveira Limitada, Livreiros-editores* | 132, Rua do Ouro | 1905.

Opúsculo de 24 páginas.

- 263—*Theophilo Braga* | ——— | *Quem foi o auctor do Segundo Don Quixote?* | ——— | *Extracto da sessão commemorativa* | *pela* | *Academia Real das Sciencias de Lisboa* | *em 9 de Maio de 1905* [emblema academico, editorial] *Lisboa* | *Por ordem e na Typographia da Academia* | 1905.

Opúsculo de 21 páginas.

- 264—*Centenario do Bocage* | ——— | *Historia* | *de* | *Paulo e Virginia* | ——— | *Traducção inedita* | *de* | *Manoel Maria Barbosa du Bocage* | ——— | *Com um perfil biographico de Bocage* | *por* | *Theophilo Braga* [marca editorial] *Porto* | *Livraria Chardron* | *De Lello & Irmão, editores* | — | 1905.

- 265—[*Carta ao Bondoso e Ex.<sup>mo</sup> Amigo Antonio de Portugal de Faria apreciando o livro «Portugal e Italia».*—30 de Outubro de 1905].

A p. 21 do opúsculo de A. de Faria.—*O Dragão dos Soares de Albergaria (cartas trocadas com Joaquim de Araujo. Polemica «inter amicus»)* Bordighera. 1906.

- 266—*Joaquim Silvestre Serrão e a musica religiosa em Portugal*, por *Theophilo Braga*. *Separata da «Arte Musical».* *Lisboa.* *Typ. do Annuario Commercial.* 1906.

Opúsculo de 61+11 páginas com o retrato do célebre compositor e uma photographura representando o túmulo do mesmo, em Ponta Delgada.

- 267—*O «Fr. Luiz de Sousa», de Garrett. Notas com um prefacio de Theophilo Braga.* *Lisboa.* *Livraria editora Viuva Tavares Cardoso.* 1905.

- 268—*Annaes da Academia de Estudos Livres* | *Spinosa* | ——— | *Conferencia philosophica e historica* | *realisada na Academia de Estudos Livres em 8 de Dezembro de 1905* | *por* | *Theophilo Braga* [vinheta] *Lisboa.* 1906.

Opúsculo de 24 páginas com o retrato do autor. Edição única.

- 269—*Carta a José Sampaio.*

No livro de: *A. Moreira Lopes—Alma Sonora (Sonetos e Canções). Com uma carta a José Sampaio (Bruno), acêrca do auctor pelo Dr. Theophilo Braga.* *Porto.* *Empresa do Jornal de Bordados.* 1907.

270—*Alma Portuguesa* | = | *Gomes Freire* | *Drama historico* | por | *Theophilo Braga* [vinheta] | *Porto, 1907. Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores. Rua dos Carmelitas, 144.*

Volume de xii + 301 + 3 páginas.

271—[*Sobre a paisagem portuguesa*].

Publicou o mensário lisboeta *Serões*, em 1907, um inquérito aos homens de letras e artistas, feito por Albino Forjaz de Sampaio. Eis, na íntegra, a resposta de Teófilo Braga inserta no n.º 31, pp. 384-385:

«A paisagem portuguesa é como quem diz um aspecto moral exprimindo o génio dêste povo, ou um reflexo objectivo da sua alma.

Temos uma paisagem que os nossos olhos contemplam inconscientemente, mas que só os estrangeiros souberam compreender na tonalidade da luz opalina dos pintores portugueses e na tonalidade singela das nossas melodias populares. Montanhas e horizontes, vales, encostas cobertas de vegetação, águas correntes, tudo recebe os efeitos da luz que lhes dá desenhos e relevos, um sentido melancólico ou sorridente consoante a sua intensidade: é por isso que o nosso céu, a luz opalina que nos envolve dá-lhes a expressão particularíssima que bem merece chamar-se—a paisagem portuguesa.

País estabelecido por uma raça sofredora e resistente sobre a orla ocidental de Espanha, e em contacto activo com o Oceano Atlântico—o mar é a paisagem suprema, que nos subjugua e fascina. Se toda a nossa história, independência nacional e descobrimentos, deriva do mar que nunca para Portugal foi barreira defensiva, mas prolongamento do território e caminho de acção, a nossa vida sentimental e poética acha no mar a mais concentrada e deliciosa emoção, a mais profunda inspiração poética, como se patenteia nos *Lusiadas*.

Passam os anos, vêm as decepções, envolvem-nos as tristezas, até as paisagens que nos encantam tornam-se inexpressivas; disse-o Gonzaga:

São estes os sítios,  
São estes, mas eu  
O mesmo não sou...

Há uma paisagem que nunca se apaga, porque tem infinitas expressões em que se compraz todo o estado psíquico: e essa paisagem é o mar.

Nascido em uma ilha (arquipélago dos Açores) a algumas centenas de passos do Oceano Atlântico, só me fala à alma a paisagem que revele o efeito da nossa luz, dêste céu incomparável, ou me deixe ver o mar «a grande solidão melancólica das águas» que acordou o génio de Garrett».

272—*Historia da Litteratura Portuguesa* | === | *Camões* | *Epoca e Vida* | por | *Theophilo Braga* [marca editorial com o lema: «Decus in Labore»] *Livraria Chardron de Lello & Irmão, editores. R. das Carmelitas, 144, Porto* | = 1907=.

No verso do frontispício: Pôrto—Imprensa Moderna, de Manuel Lello. Rua Rainha D. Amélia, 61. Na 5.ª página a dedicatória:

«A' | Sociedade Scientifica-Artistica | -Litteraria | Luiz de Camões | em Napoléon. | — | Agradecendo: | = la sua grande medágla d'Onore | come testimoniánza



di alta ammirazione | pel più insigne illustratore dell' immor | tale Poeta di Lusiadi e del Parnaso | = (li 13 Giugno 1905) | Offerece | O Auctor».

Na p. vii vem a seguinte advertência «Preliminar»:

«Nos numerosos trabalhos sobre a vida de Camões, que até ao presente não satisfazem ás condições da verdadeira historia, em todos elles se observa uma constante conflagração das interpretações criticas e da tradição inconsciente em volta do facto. Umas vezes é a tradição, mal compreendida, que se toma como facto positivo; outras vezes é a sua interpretação ou as inferencias tomadas como realidade, prevalecendo a imaginação sobre a verdade.

Há sempre que dizer de novo sobre a Vida de Camões, corrigindo ou restabelecendo pelo criterio severo estas relações que envolvem o facto historico. O verdadeiro estudo só se realisarà quando pelo conhecimento geral da Epocha em que viveu Camões, da psychologia da sua individualidade, e do quadro biographico contornado nos topicos irrefragavelmente conhecidos pelos documentos authenticos já achados, se limitarem as interpretações criticas á localisação dos factos em um quadro definitivo, e á determinação dos residuos de verdade historica, que se encerram nessas tradições ou lendas pessoas. Porque a verdade nas tradições consiste no testemunho do facto pelas impressões que d'elle ficaram, e é pela analyse psychica dessas impressões, obedecendo a normas embora inconscientemente, que nos aproximamos da verdade da realidade historica .....».

Às viii páginas do «preliminar» seguem-se as 85o de texto e índice.

### 273 — Bernardino Machado — 28 de Julho de 1907.

Pequena fôlha de papel, impresso a duas colunas, na «Typ.—Rua da Barroca, 135». A raridade dêste manifesto politico, justifica aqui a sua reprodução na integra:

BERNARDINO MACHADO.—28 DE JULHO DE 1907.—A crise profunda que soffre a Nação portugueza manifestada nas consequencias de um Regimen politico de liberdade de «outorga», que, atravez de todas as ficções do parlamentarismo procurou sempre apagar a consciencia da Soberania nacional, fonte de todos os Poderes do Estado, torna-se actualmente mais temerosa porque veiu patentear, em frente de uma Dictadura desvairada que tudo anarchisa e affronta,—a fallencia completa dos caracteres individuaes.

Aspira-se a que Portugal acompanhe a corrente da civilização europêa, remodelando as suas instituições anachronicas; mas deante da impotencia degradante dos partidos, conclue-se com a phrase de Mickiewich: «Com lama não se edifica». Pelo facto de não poderem os partidos politicos operar esta revolução saudavel, nem por isso deixa de produzir-se e de agitar os espiritos uma revolução inextinguível e decisiva—a «Consciencia civica», reconhecendo hoje o egoismo parasitario dos que governam Portugal, e como para sua propria defesa tem de reorganisar-se politicamente.

Este estado dos espiritos na hora presente viram-o bem os estrangeiros, que aqui vieram expressamente observar o desmoronamento de um regimen resultante das provocações estolidas de uma Dictadura inopportuna: encontraram o delirio nos actos do governo, e a tranquillidade nas relações sociaes.

Como uma tal antithese?

É porque a revolução não se exhibe nas ruas; passa-se nos espiritos, na dissidencia e insurreição das intelligencias, das vontades, das aspirações.

É —a «Consciencia civica»,— aspirando a que lhe dêem expressão, e quem a represente, e a unifique. Sômente os altos caracteres, que sabem conformar os seus actos com os princípios que subordinam os impulsos da personalidade ao espirito da sociabilidade, esses é que exercerão o poder da concordia, realisando a —«união civica».

Eis a fôrma superior e amplissima da affectividade, sempre necessaria para conjugar todos os esforços da existencia material, mental e moral de uma sociedade. Sem esta por mais numeroso que seja um povo, está na impotencia.

Bernardino Machado acha-se investido do ascendente moral perante a Nação, que elle dignifica: pela conformidade dos seus actos com os princípios que proclama; pelo sacrificio da sua personalidade á sociabilidade que acata e serve por um impulso affectivo, que sem quebra de ideal o torna conciliador mesmo ante os elementos retro-grados e antagonicos.

Disciplinado pela cultura scientifica e pela pratica das funcções publicas, o seu magisterio de trinta annos, suggestivo e fecundo, deu-lhe a venerabilidade sacerdotal, que é tambem uma força.

Quantos confiam na vitalidade e energia progressiva da Nação portugueza, procurando um mobil de —união civica— congregam-se para prestarem a Bernardino Machado uma consagração significativa ao seu alto character, proclamando o seu ascendente moral.

Pódem os poderes acephalos prohibir a parte objectiva de uma tal homenagem; ficará o que é intangivel ao arbitrio—o resurgimento da «Consciencia civica», consagrando o homem que melhor traduz e serve a aspiração que tem de seguir até á realisação inevitavel.—Theophilo Braga.

#### 274—*Oração inaugural. — A Academia Moderna.*

Discurso na inauguração da Academia das Sciencias de Portugal, em 22 de Abril de 1908. Opúsculo de 13 páginas. Separata dos *Trabalhos* da citada Academia, vol. I, pp. 3-13.

#### 275—*Plano Organico da Academia de Sciencias de Portugal.*

Opúsculo de 3 páginas. Separata dos *Trabalhos da Academia de Sciências de Portugal*. Vol. I, pp. 15-17. Foi lido na sessão de 16 de Abril de 1907.

#### 276—*O que são as raças sociologicas | por | Theophilo Braga.*

Opúsculo de 2 páginas numeradas de 139-140. Separata dos *Trabalhos da Academia das Sciências de Portugal*. Vol. I. Comunicação na sessão de 18 de Fevereiro de 1908.

#### 277—*Plano para a Historia de Portugal | por | Theophilo Braga.*

Opúsculo de 4 páginas numeradas de 268-270. Separata dos *Trabalhos da Academia das Sciências de Portugal*. Vol. I. Comunicação feita em 26 de Novembro de 1907.

## 278—*Carta a Xavier de Carvalho ácerca da inauguração de um curso de lingua portugueza em Paris.*

Foi publicada no *Bulletin de la Société des Études Portugaises*. N.º 1, Maio de 1908, e é do teor seguinte :

CARO AMIGO X. DE CARVALHO. — Como eu desejaria estar presente a essa solemne inauguração d'um curso de lingua portugueza em Paris, na capital do pensamento. Não possuo o dom da ubiquidade, limito-me a enviar algumas concisas palavras evidenciando a importancia da fecunda iniciativa da Sociedade dos Estudos Portuguezes.

A lingua portugueza foi sempre uma emancipação organica do individualismo nacional ou autonomia do pequeno estado de Portugal contra o esforço de absorpção das monarchias hispanica, leoneza e castelhana. No seculo XVI ella cimentou o nosso imperio na India e no Brasil, perdido o nosso dominio em Ceylão, ahi ainda hoje persiste a lingua portugueza, na qual está publicada a Biblia da Propaganda e outras obras religiosas. Na joven e vigorosa nação brasileira é tambem a lingua portugueza que prende ainda ao seu tronco europeu esse enxerto da Civilisação europeia no continente europeu.

Quando Portugal soffreu a incorporação castelhana em 1580, foi a lingua portugueza sublimada nos *Lusiadas*, que falada entre o povo, fez com que se não apagassem o sentimento nacional, que se affirmou na revolução de 1640. O estudo da lingua portugueza revelará as causas immentes que separam o typo luso do typo ibero; a brandura do caracter portuguez, a sua sentimentalidade profunda encontram-se na sua lingua, que além do trato de facil sociabilidade brilha no lyrismo apaixonado e na eloquencia vehemente e classica.

Quando Portugal soffreu esse processo de desnacionalisação do regimen liberal sophismado sob D. Maria II, na cumplicidade do Coburgo, seu marido, Garrett deu á lingua portugueza o maximo do seu relevo esthetico: foi por isso que a sua obra se admirou como uma nacionalidade que revive e ainda hoje é uma forte barreira, que não deixa apagar a nossa nacionalidade.

Ahi n'esse salão da Missão Brasileira devemos repetir as memoraveis palavras, que foram publicadas em 1879 no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ácerca de Portugal :

«Não é uma nação que subsiste com pouco mais de quatro milhões: são dezoito milhões de pessoas falando a mesma lingua, accusando o mesmo molde ethnographico, a mesma polidez de caracter, que além do reino estão espalhadas pela margem americana do Atlantico, Golpho da Guiné, costa oriental e costa occidental da Africa, Mar Vermelho, Golpho Persico, Oceano Indico, mar da China e Pacifico».

É a lingua portugueza, como vibração psychica, que unifica estes dezoito milhões de portuguezes. É o documento sociologico d'um povo, que além das Grandes Descobertas creou uma bella literatura, expressão do seu genio esthetico e no qual pela sua situação geographica está destinada uma alta missão historica. Congratulando-me pela sua generosa iniciativa, creia-me seu, etc. — Theophilo Braga.

## 279—*Carta.*

In: *Espirito Sereno. Versos de Angelo Jorge com uma carta do Dr. Theophilo Braga ao auctor ácerca da poesia e dos poetas modernos*. Porto. Livraria de Francisco Joaquin d'Almeida, 1912.

280 — *Programa do Partido Republicano Português. Lisboa. 1908. A Liberal Officina Typographica.*

Opúsculo de 8 páginas, 3.<sup>a</sup> edição.

281 — *Bodas de ouro na Litteratura | (1858 a 1908) | ——— | Theophilo Braga | Visão dos Tempos | Versões hespanholas, italianas, francesas, allemãs e suecas | por | Curros Henriquez, — Drs. Emilio Teza — F. Paolo Pace — Marco | Antonio Canini — Giovanni Voltan — Antonio Padula — Diego | Garoglio — Prospero Peragallo — Henri Faure — Philéas Lebesgue | Brinn'Gaubast — Dr. Wilhelm Storck — Dr. Goran Bjorkman [marca editorial «Decus»] Porto — 1908 | Livraria Chardron de Lello & Irmão | editores, Rua das Carmelitas, 144.*

Volume de xvi + 317 páginas com dois retratos do autor: um de 1858, outro de 1908.

282 — *Theophilo Braga | ——— | Historia da Litteratura Portuguesa | ——— | I | Edade Media [marca editorial] Porto — 1909 | Editores: Livraria Chardron, de Lello & Irmão — Rua das Carmelitas, 144.*

Volume de 8 in. + 519 páginas, primeiro da Recapitulação assim justificada pelo autor:

«Quando se faz um resumo sem a preparação prévia de trabalhos especiaes, fica sempre um apanhado concretamente mesquinho; se provêm da condensação necessaria de monographias exhaustivas, constitue uma synthese, pondo em evidencia o systema em que assenta a obra.

Já por trez vezes o vasto corpo da *Historia da Litteratura Portuguesa* tem sido submetido a este processo de condensação: em 1875 no *Manual de Historia da Litteratura Portuguesa* (in-8.<sup>o</sup> de vii + 474 paginas), destinado ás lições oraes. Em breve ficou atrazado pela publicação dos *Cancioneiros trovadorescos*, e pelo aperfeiçoamento do methodo historico e philosophico, dando logar á remodelação do plano em 1885 no *Curso de Historia da Litteratura Portuguesa* (in-8.<sup>o</sup> gr. de 412 paginas). Desde essa data até ao presente, o campo da litteratura portugueza da Idade Media tem sido desvendado por insignes romanistas francezes, alemães, italianos, hespanhoes e americanos, e foram publicados numerosos textos dos seculos xiii a xv. Urgia encorporar esses subsidios dispersos. Emquanto não realisamos esse empenho na reimpressão dos *Trovadores portuguezes*, *Formação do Amadis de Gaula*, *Poetas palacianos* e *Os Historiadores portuguezes*, suprimos esta deficiencia de tempo com a prometida *Recapitulação da Historia da Litteratura Portuguesa da Edade Media* como a sumula da primeira Epoca, tratada nesses quatro livros».



- 283 — *Encyclopedia Portuguesa illustrada. Dicionario Universal publicado sob a direcção de Maximiano Lemos. Porto, Largo de S. Domingos, 63, 1.º*

Artigos:

No vol. II: *Bocage, Luiz de Camões; Camillo Castello Branco, Visconde de Castilho.*

No vol. III: *Conferencias democraticas do Casino, João de Deus.*

No vol. IV: *Eça de Queirós.*

No vol. V: *Herculano.*

No vol. VI: *José Agostinho de Macedo.*

No vol. IX: *Sá de Miranda.*

No vol. XI: *Gil Vicente.*

- 284 — *De uma carta de Theófilo Braga.*

No livro de: *Marcelino Mesquita—Margarida do Monte. Episodio da primeira metade do seculo XVIII. Lisboa. A Editora. 1910.*

- 285 — *Carta.*

Nas páginas 3-5 do livro de Paulo Osório—*Camilo. A sua vida. O seu génio. A sua obra. Opiniões de Theophilo Braga, Max Nordau e Silva Pinto. Porto, editores Magalhães & Moniz. 1910.*

- 286 — *O anno litterario.*

Artigo na *Revista de Lisboa*. Dezembro de 1909.

- 287 — *Dr. Magalhães Lima.*

Artigo no *Archivo Republicano*, n.º IX. Fevereiro de 1910. Lisboa.

- 288 — *O martyr | da | Inquisição portugueza | Antonio José da Silva |  
| (o Judeu) | por | Theophilo Braga | Lisboa | Publicação da  
Junta Liberal | — | 1910.*

No verso do ante-rostro:—«Imprensa Libanio da Silva, Trav. do Fala-Só, 24—Lisboa». Opúsculo de 29 páginas com uma fôlha em *couché* mostrando a Estátua do poeta judeu no salão do Teatro de S. Pedro de Alcântara no Rio de Janeiro. É a 2.ª edição do n.º 249 suprimida a nota justificativa da 1.ª edição.

- 289 — *A Igreja | e | a civilização moderna | ——— | Conferencia | por |  
Theophilo Braga | Inaugurando a serie de Conferencias | pro-  
movidas pela Junta Liberal, em 15 de fevereiro de 1910 | na  
Associação Commercial de Logistas de Lisboa | = | Lisboa |  
Publicação da Junta Liberal. 1910.*

Volume de 103 (?) páginas.

290 — *Prefacio.*

No opúsculo de *Ilda A. Jorge* — *Mutualidade infantil* — Conferencia realizada em 28 de Janeiro de 1910 na sede do nucleo da Liga Nacional de Instrução em Paço de Arcos. Prefacio pelo Dr. T. Braga. Lx. Typ. da Empresa de Historia de Portugal. 45-R. Ivens-47. 1910.

291 — *La fin des Religions et des monarchies*, par T. B. «président du gouvernement provisoire du Portugal».

In: «*La Raison*», journal-revue. 21.º ano, n.º 307. 10 de Agosto de 1911. A tradução francesa deste artigo é do Dr. Angelo da Fonseca.

292 — *Historia da Litteratura Portugueza* | ===== | *Camões* | *A obra lyrica e epica* | por | *Theophilo Braga* [marca editorial] *Porto* | *Livraria Chardron, de Lello & Irmão* | editores | *Rua das Carmelitas, 144* | — | 1911 | (*Anno I da Republica*).

Composto e impresso na Imprensa Moderna. Êste volume com retrato do autor tem viii + 878 páginas. É o xiii volume da História da Literatura, segundo o plano da «edição integral», que se publica no fim desta bibliografia.

293 — *Indicações* | *para a* | *Constituição Politica* | *da* | *Republica Portugueza* | *Apresentadas á consideração* | *da Assembleia Constituinte* | *de 19 de Junho de 1911* | *Offerece* | *Teophilo Braga*.

Opúsculo de 21 fôlhas, impresso dum só lado. Foi distribuído no conselho de ministros do Govêrno provisório, e depois à Assembleia Constituinte.

294 — *Discursos* | *sobre a* | *Constituição politica* | *da* | *Republica Portugueza* | ——— | *Proferidos na discussão da generalidade* | *e especialidade, nas Sessões de 18 de julho* | *e 2 de agosto de 1911* | *na* | *Assembleia Nacional Constituinte* | *por* | *Theophilo Braga* [marca editorial] 1911 | — | *Livraria Ferreira*. | *Ferreira, L<sup>da</sup>, editores. 132, Rua Aurea, 138* | *Lisboa*.

Opúsculo de 91 páginas. Em frente do frontispício o retrato de T. B. Foto Vasques. Saiu no mesmo mês com 105 páginas assim coordenadas: depois do frontispício «A orientação politica do Sr. T. B.» por Almachio Diniz, reproduzido do *Diario da Bahia* (v-viii); «O primeiro Presidente de Portugal» reproduzido do *Frankfurter Zeitung* (viii A-viii D); Primeiro Anniversario da Republica», pp. ix-xiii; xiv em branco, xv de rosto: «Discursos», os quais vão nas pp. 7-42. Depois «O Governo provisório e o Projecto de Constituição», pp. 43-48, no qual se inclui um artigo de Joaquim de Vasconcelos; «Constituição politica da Republica Portugueza», pp. 53-71; «Pro-

gramma do Partido Republicano Portuguez», pp. 72-82. (É datado de 11 de Janeiro de 1891). «A questão Presidencial, transcrições», pp. 83-97. «Post Scriptum», pp. 99-100. «A obra do governo provisório» por Carlos de Melo e index, p. 105.

- 295 — *Prévisions sociologiques* | par | *Theophilo Braga* | .... | *Traduction française de E. Chauffard* | ——— | (*Extrait de la Revue Internationale de Sociologie*) | Paris | *M. Giard & E. Brière* | 1911.

É o último capítulo do *Systhema de Sociologia*. Lisboa, 1884.

- 296 — *A Barca de Pedro*.

Nas pp. 95-96 de *A Victoria da Republica. Almanach ilustrado para 1912*.

- 297 — *XIV de Setembro* | (1911) | *Stoicismo Divino* | por | *Joaquim de Araujo* | *Carta ao autor* | por | *Theophilo Braga* | Editor: *Visconde de Faria* | *Impresso em cincoenta exemplares, fóra do commercio* | *Augsburg 1912*.

Opúsculo de 8 páginas servindo a primeira de capa; na 3.<sup>a</sup> o soneto de J. Araújo feito pela morte da esposa do Dr. T. B.; em branco a p. 4, e nas 5-7 a carta de Teófilo, datada de Lisboa, 17 de Outubro de 1911.

- 298 — *Theophilo Braga* | ===== | *Soluções positivas* | da | *politica portugueza* | ——— | *Volume I* | — [marca editorial «Decus in labor»] *Porto* | *Livraria Chardron de Lello & Irmão* | editores — *Rua das Carmelitas, 144* | — | 1912.

Volume de 4 in + 360 páginas, e o 2.<sup>o</sup> volume, com a data de 1913 tem 338 páginas.

Abre o I volume com o seguinte trecho: — «A obra do grande mestre é uma obra fecunda, que influenciou toda a nacionalidade portuguesa. Todos os que escreveram ou pensaram, todos os que fizeram a República, foram influenciados pela sua palavra e pelo seu pensamento. A sua obra educadora se deve a victoria das novas instituições. A existência de Teófilo é um exemplo, uma lição.» — Palavras de Alexandre Braga, na sessão solene de homenagem nacional de 24 de Março de 1912, no Coliseu dos Recreios.

- 299 — *Os dois Naufragios* | de | *Camões* | ===== | *Separata dos Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal* | *Primeira serie* — *Tomo III* | == | *Coimbra* | *Imprensa da Universidade* | 1915.

Comunicação realizada em 16 de Janeiro de 1912. Opúsculo de 18 páginas.

300 — *A Egípcia* | *Santa Maria* | *Poema* | *de* | *Francisco de Sá e Miranda* | ——— | *Pela primeira vez publicado* | *por* | *Theophilo Braga* [marca editorial «Decus in labor»] *Porto* | *Livraria Chardron, de Lelo & Irmão* | *editores* | *Rua das Carmelitas, 144* | — | 1913.

São da autoria de T. B. as pp. v a viii.

301 — *Biblioteca das Escolas e das Famílias* | ——— | *Luiz de Camões* | ——— | *Sonetos* | — | *Coordenados e acompanhados com um esboço biographico do* | *immortal poeta e com a lista* | *dos sonetos apocriphos que lhe são attribuidos* | *por* | *Theophilo Braga* | ——— | *1.<sup>a</sup> parte* | ——— | *Lisboa* | *A Educadora — Empresa Editora* — *Rua da Boa Vista 140, 1.<sup>o</sup>* | — | 1913

302 — *Preambulo.*

In: *Adelaide Felix. Shakespeare e o «Othello»*. *Esboço critico prefaciado pelo Dr. T. B.* 1913. *Tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa.* 6 páginas.

303 — *Ironia de Camões.*

Artigo n.º 1 da revista *Les Amis de Camões*. Paris, Setembro de 1913.

304 — *A morte de Camões.*

Poesia no livro de Rui Coelho — *Symphonia Camoneana para grande orchestra, céros e fanfaras*. Berlim 1913.

305 — *Poetica Historica.*

Nas pp. 5 a 36 do *Diccionario de Rimas para uso de Portuguezes e Brazileiros com uma Poetica Historica Portuguesa*. Lisboa.

306 — *A Lenda Infantista. Carta ao Prof. J. Tomé da Silva.*

In: *A Lenda de Sagres*, por J. Tomé da Silva prefaciado pelo Dr. Teófilo Braga, 1914, Porto-Gráfico.

307 — *Fins e oportunidade da Biblioteca de Educação Portuguesa.*

Como que programa da *Bibliotheca de Educação Universal. Estudo historico sobre a propriedade territorial* por José Maria de Andrade Saraiva. Lisboa, 1914.



- 308 — *Obras completas — Pequenos Escriptos* | Theophilo Braga | ——— | *Contos phantasticos* | ——— | 3.<sup>a</sup> edição correcta, com inéditos e as versões | francezas e italianas [emblemata editorial] Porto. Livraria Chardron, de Lello & Irmão | editores — R. das Carmelitas, 144 | — | 1914.

Volume de xv + II + 358 páginas.

- 309 — *Biblioteca Lusitana* | ——— | *Tristão o Enamorado* | *Quadros de conjunto* | do *Romanceiro Popular Português* | ——— | *Coordenação e Prefácio* | de | Theophilo Braga [marca editorial] Edição da | *Renascença Portuguesa* | Porto.

Volume de 156 + 1 página de indículo + 1 branca + 1 com o colofon:

Acabou de se imprimir na Tipografia da Renascença Portuguesa, Praça da Republica 160, 161, 162, Porto, aos 30 de dezembro de 1914, tirando-se dez exemplares em papel *couché* numerados e rubricados pelo autor.

- 310 — *O Protesto de Portugal contra os vandalismos alemães. Entregue aos senhores ministros da Belgica e da França. Em 4 de Outubro de 1914.*

Opúsculo de 4 páginas, texto em português e francês.

- 311 — Theophilo Braga | ===== | *Historia* | da | *Litteratura Portuguesa* | ——— | II | *Renascença* [marca editorial] Porto | *Livraria Chardron, de Lello & Irmão* | editores, Rua das Carmelitas, 144 | — | 1914.

Volume de 8 in. + 696 páginas com o retrato do autor, que apresenta o livro escrevendo:

«Condensando todos os nossos trabalhos sobre a grande epoca do seculo XVI — a Renascença portuguesa, contem este livro as sumulas dos volumes: *Gil Vicente e as origens do theatro portuguez* (1898) *Gil Vicente e o desenvolvimento do theatro nacional*; *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (1897); *Sá de Miranda e a eschola italiana* (1895); *Ferreira e a Pleiada portugueza* (1873); *Camões, Epoca e vida* (1907); *Camões, Obra lyrica e epica* (1910) *Eschola Camoniana* (1874); *O Humanismo portuguez* (1891). Milhares de páginas resumidas em algumas centenas, com o intuito de evidenciar a vista de conjunto, são corrigidas em factos e detalhes, metendo em construção contribuições criticas dispersas.

«... a discussão de problemas acêrca de Gil Vicente, de Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Cristóvam Falcão, Francisco de Moraes, Ferreira, Diogo Bernardes, Camões e Damião de Góes provocou um movimento de estudos especiaes, com achados felizes que anularam hipóteses provisórias.

«A historia litteraria, como revelação do genio de um povo, no seu poder de emotividade e de aspiração generosa, pela expressão do sentimento da nacionalidade é um aspecto que completa a historia social e politica. Actuaes acontecimentos obrigam a reconhecer a solidariedade destas duas historias».

312—*Bernardim Ribeiro e a exegese da Menina e Moça.*

Da p. v a xxii do volume: *Colecção Lusitana. Livro das Saudades de Bernardim Ribeiro. Texto segundo a edição de 1557 com um estudo sobre Bernardim Ribeiro e a exegese da Menina e Moça por Teófilo Braga.* Porto. Livraria Chardron. [1915].

313—*As tradições nacionais no theatro.*

Da p. vii a xi do volume da: *Colecção Lusitana. Almeida Garrett. Alfageme de Santarem. D. Filipa de Vilhena, com um prefacio de Theophilo Braga.* Porto.

314—*Biblioteca Lusitana | — | Obras | de | Christovam Falcão | — | Trovas de Chrisfal | Carta, cantigas e esparsas | — | Com um estudo | sobre a Vida, Poesias e Época | por | Theophilo Braga [marca editorial] Edição da | Renascença Portuguesa | Porto.*

Nas pp. 9-61, o estudo critico, depois o texto até p. 179. De 183-188 bibliografia das obras de Cristóvão Falcão; 189-190 de índice e 191 de coíofon: «Acabou de se imprimir na tipografia da Renascença Portuguesa, R. Martires da Liberdade 178. Porto aos 8 de Dezembro de 1915». Houve uma tiragem em papel *couché*.

315—*Versão Hebraica | do | Amadis de Gaula | — | I | Os exemplares do Museu Britanico | e do Seminario judaico de Breslau | por | Theophilo Braga | — | Separata | dos | Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal | Primeira série—Tomo II. Segunda parte | — | Coimbra | Imprensa da Universidade | 1915.*

Opúsculo de 21 páginas. Comunicação realizada em sessão de 3 de Março de 1914.

316—*Mensagem ao Congresso da República.*

Nas pp. 7-8 do: *República Portuguesa. Diário do Congresso. 15.ª sessão ordinária (ampliada) em 29 de Maio de 1915.*

317—*Theophilo Braga | — | Historia | da | Litteratura Portuguesa | — | III | Os Seiscentistas [marca editorial] Porto | Livraria Chardron | de Lelo & Irmãos, editores | Rua das Carmelitas 144 | 1916.*

Volume com o retrato do autor e 8 in. + 688 páginas. Termina o pequeno intróito declarando o autor que a «riqueza de matetial» legado pelos *Seiscentistas* «fez-nos quebrar as proporções de uma recapitulação».

318—*O problema christologico.*

In: *O Mitraismo por Almeida Paiva. Prefacio pelo Dr. T. B. Lisboa* 1916.

319—*Camillo Castello Branco.*

Artigo na *Revista Bibliografica Camiliana*. Lisboa, Manuel dos Santos, editor. 1917.  
Esta notícia sôbre Camilo saíu em separata:

320—*Camillo Castello Branco* | ——— | *Esbôço biografico* | por | *Theophilo Braga* [marca do editor com a legenda «Ad gloriam contendere»] *Lisboa* | *Livraria de Manoel dos Santos* | 13 *Largo do Calhary* 14 | — | 1916.

Composto e impresso na Tipografia Mendonça, da Rua do Corpo Santo, 48.

Volume de 62 páginas e mais uma de colofon: «Edição de 125 exemplares. Terminou a impressão a 8 de Agosto de 1916». Com o ex-libris, reduzido, do editor-director da *Revista Bibliografica Camiliana*, marca com a legenda:—«curaui posteres prodesse possis».

Em consequência dum artigo da autoria de Júlio Dias da Costa, corrigindo inexactidões, Teófilo emendou este esbôço biográfico, motivo das variantes que se notam entre os dois textos impressos.

321—*Versão Hebraica* | do | *Amadis de Gaula* | ——— | II | A) *Versão das primeiras tres paginas do texto hebraico copiadas pelo Dr. Brann, | director do Seminario Israelita de Breslau.* | B) *O Texto castelhano da versão do Amadis por Ordoñez de Montalvo.* | *Comparação com o texto portuguez original.* | C) *Retroversão das duas últimas paginas do exemplar do Museu Britânico, | pelo prof. Joseph Benoliel sobre a reproducção photographica.* | III | *Correspondencia sobre a traducção das paginas iniciais e finaes do livro I | (unico existente) do Amadis de Gaula* | por | *Theophilo Braga* | ——— | *Separata* | dos | *Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal* | *Primeira serie*—*Tomo III* | = | *Coimbra* | *Imprensa da Universidade* | 1916.

Opúsculo de 27 + 2 páginas de *fac-simile*. Comunicação realizada em 19 de Junho de 1914.

322—*Preface.*

«*Portugal an anthology*». Edited with English versiones by George Young. Formerly secretary of Legation Lisbon. With a preface by Dr. Teofilo Braga Ex-President of Portuguese Republic. Oxford at the Clarendon Press. 1916.

- 323 — *No terceiro centenario | da | morte de Cervantes (23 de Abril de 1916) | Solução do problema de Avellaneda, | durante tres seculos irreductivel | por Theophilo Braga | ===== | Separata dos Trabalhos da Acad. das Sciencias de Portugal | Segunda serie — Tomo v | ===== | Imprensa da Universidade | Coimbra — 1916.*

Opúsculo de 28 páginas.

- 324 — *Gil Vicente ourives | e | Gil Vicente poeta | Conferencia na Sociedade Nacional | de Bellas Artes em 10 de Junho | de 1916 | ===== | Separata | dos | Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal | Primeira serie — Tomo vi | ===== | Coimbra | Imprensa da Universidade | 1916.*

Opúsculo de 74 páginas. Teve tiragem em papel especial.

- 325 — «*Eu sei quem é Ricardo...*».

Fôlha, tendo impressa (em cinco colunas de 235 milímetros de alto por 43 milímetros de largo) a resposta a um artigo publicado no jornal de Lisboa *A Capital*, de 24 de Novembro de 1916, pelo Dr. Ricardo Jorge. Em consequência da raridade desta fôlha aqui se reproduz o texto integralmente:

«Por vezes na minha vida literaria tenho observado o facto de deploraveis illusões mentais de individuos se darem por autores de obras que não escreveram. Ahi se viu na imprensa como defendi Soares Passos de quem se apresentou como o verdadeiro autor do *Firmamento* e do *Noivado do Sepulcro*. A mim me aconteceu um erudito lendario soprar ao odio que então me votava Camilo, que eu lhe tinha apanhado tudo quanto por mim estava constituindo a *Vida de Sá de Miranda*. Camilo deu logo curso a essa insinuação. Ainda pelo centenario da morte de Cervantes observei de perto este fenomeno, que agora se repete com o dr. Ricardo Jorge, em um artigo da *Capital* de 24 de novembro de 1916, declarando que elle é o autor da pequena biografia de Francisco Rodrigues Lobo, no volume *Os Seiscentistas*, que é parte organica da *Historia da Literatura Portuguesa*, em que trabalho e trago em publicação desde 1870 até hoje, ininterruptamente. É preciso bôjo e descaramento para praticar um tal acto, não se lembrando que deixa um misero documento de loucura moral. Lembra-me aquelle vesânico de Porto Pireu, que apontava como pertencendo-lhe os navios que entravam ou saíam. Se a afirmativa se limitasse á exposição do curioso ilusionismo, não deixaria eu de sacudir os salpicos desse vômito. Mas, para mais caracterizar a doentia inconsciencia, elle proprio me empraça para em publico declarar as fontes de que me servi para construir a biografia de Francisco Rodrigues Lobo. Não hesito um momento; basta repetir a explicação que faço no começo da biografia: «Por circunstancia das tremendas crises sociais e politicas do seculo xvi e começo do xvii, ficaram ignoradas as principais datas da sua vida; são elementos para essa reconstrução referencias dos escritores contemporaneos, as tradições literarias colhidas pelos bibliografos Nicolau Antonio, Barbosa Machado e o bispo de Grão Pará Fr. João de S. José Queiroz, com os elementos pessoais que se encontram pela sua obra, com o sincronismo das individualidades preponderantes contemporaneas com quem con-



viveu. Pela coordenação de todos estes esparsos subsidios a vida do poeta é um verdadeiro poema». (*Os Seiscentistas*, pag. 19). Começámos o nosso estudo desde 1875, desde que na elaboração da *Historia da Literatura Portuguesa* reconhecera que Francisco Rodrigues Lobo era o mais proeminente poeta lirico do seculo xvii. Já tínhamos começado a escrever sobre os *Seiscentistas* no volume a *Tragedia classica e as Tragicomedias dos Jesuitas*, tendo de interpor a sua publicação para acudir a volumes em que era urgente encorporar os documentos achados.

«Suscitado pela lenda dos amores de Rodrigues Lobo, insinuada pelo bispo de Grão Pará, esse elemento vivo da inspiração do poeta me fez ler pausada e reflectidamente todas as obras de Francisco Rodrigues Lobo nas intimas particularidades. Não vim a este campo como a pôr uma *pista casual* no aborrecimento de uma doença, nem por diletantismo literario, como o proprio sr. Ricardo Jorge declara por que se pôs a catar a vida e a obra do poeta de Leiria. Pela nossa parte obedecemos a um plano organico a que para executá-lo votei toda a minha vida. Tambem ao tratar do scientista, investiguei na Torre do Tombo factos importantes que relacionam Leiria com as inspirações de Lerenó; tambem li e trasladei versos de velhas colecções poeticas, que se prendem com a sua vida, e nas investigações para a *Historia da Universidade de Coimbra*, no seculo xvii, na epoca em que convivera com Fr. Luís de Souto Mayor, ao qual dedicou as suas *Eglogas*. Pelo estudo das Obras, chegámos a aproximar-nos da data do seu nascimento por 1578, pela alusão que elle emprega na dedicatória da *Côrte na Aldeia*; e a roçar pelo anno da sua morte, pela publicação da *Jornada de Filipe III*, que elle escrevera em 1621, e que com a Censura appareceu, não se falando já no seu nome quando veio á luz em 1623. Com o estudo das genealogias das casas de Vila Rial e de Bragança e seus mutuos enlacs vim a definir o meio culto em que viveu o poeta, e pelo anagrama de *Tionca*, o nome de D. Antonia de Noronha, nem aia nem duqueza, mas filha natural do marquês de Vila Rial. Estava desvendado o misterio dos sofrimentos, celebrado no veemente lirismo. Prosseguindo nas continuadas pesquisas, só tarde vim a conhecer dois numeros da *Revista da Universidade de Coimbra*, depois de 1913 (porque a Faculdade de Letras de Coimbra nunca oferecera a sua Revista á Faculdade de Letras de Lisboa); e levando de frente a leitura de paginas digressivas e estilisticas, de quem quer estender a massa, amplificações banais e impertinentes, até encontrarmos passagens citadas de tres escritores contemporaneos, que se referem a Francisco Rodrigues Lobo, e que ajudavam a fixar datas: o Sermão de Fr. Antonio dos Inocentes, de 1621, o *Tratado de las Eufensidades*, de Aleixo de Meneses, de 1623, e a tradução castelhana da *Côrte na Aldeia*, com o soneto de Morando aludindo á sua morte, de 1622. Todas estas referencias aproveitámos, citando dignamente o autor, o livro e a pagina. É este o processo em todos os trabalhos scientificos. O proprio sr. Ricardo Jorge reconheceu legitimo e normal este processo quando escreve no seu desvairado artigo: «Trouxe é claro essas achegas para o bem comum, á plena disposição dos trabalhadores, da gleba das letras patrias. Á sua autoridade as entregava e entrego para contrastar-lhes os valores, rejeitar-lhes os erros, espremer-lhes o prestimo».

Mas em seguida, como triste inconsequencia, assalta-o a vesania e escreve: «Mas não é de consentir a ninguem, por alto que esteja—que faça mudança de nome e autor pela calada. Dê-se o pai á criança, que o tem... Tal é o feito do sr. Teófilo Braga; não o fará á mão salva...».

E nesta preocupação põe-se a bradar para o ar, sem prova nem fundamento, uma especulação, que ficará uma vergonha do seu nome: «Foi-se á *Revista da Univer-*

sidade de Coimbra e não teve mais que estender a mão e deitar na abada. Fontes, dados, datas, citações, inferências, confrontos, todo um material penosamente carregado e lavrado, a começar pelo próprio plano sujeito, estava ali ás ordens. Não ha senão desmascará-lo e assim se fez».

Ora bem, tirou a mascara e está sob a alçada de um homem justo e honrado, que lhe diz perante o mundo e para todos os que estudam estes assuntos—que mente ignobilmente. Começa logo por se contradizer na mesma linha em diante: «A autoria safou-se-lhe nos dedos, porque o professor Th. Braga *não cita o autor, nem o titulo do trabalho expropriado*».

Nessa biografia é citado o nome de Ricardo Jorge sete vezes, a paginas 35 e trinta e seis, com relação á matricula de Rodrigues Lobo na Universidade; pagina 94, falando no seu soneto do Sermão de Fr. Antonio dos Inocentes; 95, citando o soneto escrito por Lobo no *Tratado de las siete Enfermedades*, de Aleixo de Meneses, e outra vez citando o soneto de Bautista Morando, de 1622, na edição em castelhano da *Côrte na Aldeia*, em que alude a pag. 96, pela explicação do D. Lopo da Cunha, que se salvou do naufragio em que morreu Rodrigues Lobo, sendo conde de Assentar; e por ultimo, a pagina 98, é ainda citado a proposito o soneto satirico á morte de Lobo, em que se insinúa que era cristão novo<sup>1</sup>.

Mas como isto está patente e não o pode encobrir, vai-se sangrando em saude, e atenua a mentira: «Apenas muitas paginas andadas já, como que por demais, lá despontam *citações* consignadas *tam sómente a permenores*».

O que mais existe nesse trabalho, que é uma palhada, de palanfrorio, o que é aproveitavel para quem quer fixar a cronologia da vida de Lobo, são esses pormenores. E, berrando para a galeria, diz que até deitei na abada «a começar pelo *proprio plano sujeito*».

O meu trabalho consta de 88 paginas, é laconico e fundamental e só teve o plano natural e logico da sucessão cronologica dos factos, com estas duas epigraphes:

1.º Nascimento, Mocidade e Amores;

2.º Vida literaria em Leiria, inspirada pelo sentimento nacional. É empolgado pelo Castelhanismo. — Sua morte desastrosa.

Este plano está implicito nos factos. O trabalho do sr. Ricardo Jorge começa pela morte do poeta, e vai assim á ventura. E vem este cavalheiro para publico gritar:

«Um plagio dos mais caracterizados; um plagio e uma contrafacção. O que é propriedade intelectual e autorial de outrem imponta-se ao pio leitor como fazenda propria».

Faz lembrar o conto do vigario para fazer passar como ouro a corrente de pagaio: é um modo de valorizar essas paginas incompletas que ainda estão em andamento na *Revista da Universidade de Coimbra*, e que o autor tenciona trazer a publico em uma separata. O meu trabalho pertence a uma *Recapitulação da Historia da Literatura Portuguesa*, e por isso tem um laconismo imposto; da obra do sr. Ricardo Jorge sabemos apenas o que elle diz, irá «completando a *monografia* do bucolico em *tomo volumoso*, escrito nas horas vagas do modesto literato das letras velhas». Que pôde haver de comum entre dois trabalhos, sobre tudo do que *ainda está saindo*, e outro laconico, completo, em 88 paginas, por quem professa ha quarenta e quatro annos uma disciplina da Historia da Literatura Portuguesa?

---

<sup>1</sup> O Dr. Ricardo Jorge é ainda citado a pp. 103, 105 e 108, nota.—A. N.

Por isso considero a frase *Contra um plagio do professor Teófilo Braga* com o valor de uma nota falsa posta a correr em um barril do lixo para gaudio de algum lôrpa. Invocando ahi o seu direito de propriedade literaria, bem mostra que tem errada noção da propriedade. E por coincidencia, quando me chegou o jornal com a droga do conceituado higienista, recebia pelo correio um folheto com o titulo *A questão das aguas do Gerez*. Pela leitura do acordam do Supremo Tribunal de Justiça, de 27 de abril de 1911, ahi se vê o reu Ricardo Jorge e outro medico acusados pelo concessionario das Aguas do Gerez, por considerarem-se em maioria, excluindo esse terceiro e vendendo a propriedade do privilegio a outrem. O concessionario apitou, por mais de vinte annos, até que conseguiu darem-lhe a noção de propriedade o seu verdadeiro sentido. É este mesmo higienista com a capa de diletante literario que vem envenenar as minhas aguas com a sua droga de plagio. Acode-me agora á mente a frase de Shakespeare: — *Tu não sabes quem é Ricardo!*

E invertendo-a na sua sublimidade, digo: — Eu sei quem é Ricardo, e serenamente lhe lembro: *Vá para o Porto Pireu.* — Teófilo Braga.

(Revisto pelo autor).

326 — *Biblioteca Lusitana* | ——— | *Os* | *Amores de Camões* | *Comentario biographico das suas Lyricas* | *por* | *Theophilo Braga* [marca editorial] *Edição da* | *Renascença Portuguesa* | *Porto*.

Volume de 199 páginas + 1 branca + 1 de índice + 1 branca + 1 de catálogo e uma de colophon:

«Acabou de se imprimir na tipografia da Renascença Portuguesa. Rua dos Mártires da Liberdade 178, aos 30 de Agosto de 1917. Porto».

Começa o texto: — «Os factos coordenados neste estudo acham-se vagamente esboçados no nosso trabalho *Camões — Época e vida*. . . . . A largueza do quadro não permitia o desenvolvimento dos detalhes, e sómente diante da vista do conjunto é que melhor se conhecem os lugares que precisam de retoques. . . . . O quadro da *Vida e Obra* de Camões é de tam alta importância histórica e literária, que embora levado à perfeição condigna, há-de haver sempre vantagem em acompanhar a actividade de curiosos investigadores . . . . . «bem desejaríamos que o estudo sobre os *Amores de Camões*, se tornasse o comentário perpétuo dos seus versos, conduzindo a novas descobertas biográficas e à compreensão da delicadeza e verdade do seu sentimento».

327 — *Na Tomada* | *de* | *Jerusalem* | ——— | *As nações alliadas* | *comemorando o feito das tropas britannicas* | *e dos contingentes francezes e italianos* | *O.* | *Theophilo Braga*.

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres, 1918. Opúsculo de 40 páginas. É um poema em três cantos.

328 — *A um Crucifixo*.

Soneto do livro *Torrentes*, in: Nuno Catharino Cardoso — *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros. Antologia contendo dados biograficos e bibliograficos acerca de cento e oitenta e nove poetas*. Lisboa, 1918.

329—*Theophilo Braga* | ——— | *Recapitulação* | *da* | *Historia da Litteratura Portuguesa* | ——— | *Os Arcades* [marca editorial] *Porto* | *Livraria Chardron* | *de Lello & Irmão, editores* | *R. das Carmelitas 144* | 1918.

Vol. iv da Recapitulação, sem retrato do autor, com 7 páginas in. + 536 páginas.

«Abrange o presente estudo o importante quadro do seculo XVIII em Portugal.

«O estudo dos *Arcades* é um laborioso resumo dos livrões em que já tratamos os factos e os individuos que em Portugal singularisam esta epoca. Os livros que substanciamos são: *Historia do Theatro portuguez*, 1871; a *Arcadia Lusitana*, 1899; *Filinto Elisio e os dessidentes da Arcadia*, de 1901; *Bocage sua vida e epoca*, de 1902; e especialmente, sob o aspecto mental (scientifico e pedagógico, a *Historia da Universidade de Coimbra*, tomo III, de 1898).....

Retoco com materiais novos as biografias de Antonio José «O Judeu», Garção, Diniz, Quita, D. Leonor de Almeida «Alcipe», José Anastacio da Cunha.

«Uma parte do trabalho fez-se ao estampido do bombardeamento de Lisboa de 5 a 9 de Dezembro de 1917....».

330—*Universidade Livre* | *Congresso Nacional de Educação Popular* | *Lisboa-1921* | ——— | 5.<sup>a</sup> *Secção* | *Educação Ética e Cívica* | ——— | *A educação ética e cívica como cúpula do edificio* | *da educação nacional* | *A que objectivos deve obedecer* | *pelo* | *Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Teofilo Braga* | 1921 | *Tip. Rodrigues & Luz, L.<sup>da</sup>* | *Rua Pascoal de Melo 73* | *Lisboa*.

Fôlha de 4 páginas estando o texto nas 2-4, no fim da qual a data «30 de Novembro de 1921».

331—*Eça de Queiroz*—*Problema bibliographico*.

Nas pp. 121-124 do livro: *Eça de Queiroz* «In Memoriam» 1922. *Parceria Antonio Maria Pereira. Lisboa*.

332—*Representação ao Congresso sugerindo a candidatura do Dr. Sebastião de Magalhães Lima á Presidência da República*.

Foi primitivamente impressa em fôlha solta, na Imprensa Lucas, da Rua do Diário de Notícias, de Lisboa, e depois no opúsculo:—*República Portuguesa. Documentos históricos referentes á 7.<sup>a</sup> eleição presidencial e candidatura do senhor Dr. Sebastião de Magalhães Lima publicados pela Comissão apresentante da mesma candidatura. Lisboa, Imprensa Lucas, 1923*, opúsculo de 32 páginas coordenadas por Álvaro Neves. A representação foi entregue em 8 de Junho de 1923, e o opúsculo, sem as três páginas finais de texto ou sejam a reprodução dos documentos:—carta do senador brasileiro Lauro Sodré, carta de Renuncia do Candidato e o *Epilogo* escrito por T. Braga, foi distribuído aos parlamentares em 3 de Agosto do citado ano.



333 — *O Bibliophilo-Bibliographo*.

Artigo nas pp. 25-26 do livro: *Aníbal Fernandes Tomás «In-Memoriam» organizado por Eloy do Amaral e Cardoso. Martha. Lisboa-1923. Livraria Universal.* Insere mais (pp. 225-229) duas cartas interessantes de Teófilo a F. Tomás, datadas de Abril e Maio de 1879.

334 — *Biblioteca Universale* | ——— | *L'Ondina del Lago* | *Poema cavalleresco* | *di* | *Teofilo Braga* | *traduzione dal portoghese* | *di* | *Antonio Padula e Giovanni Voltan.* [marca editorial] *Milano* | *Società Editrice Sonzogno* | 14—*Via Pasquirolo* — 14.

É o n.º 255 da colecção. Da p. 3-11 tem uma notícia sobre o autor, firmada por A. Padula, e nas pp. 13-19 uma carta de Teófilo àquele lusófilo e por êle traduzida.

335 — *O moderno progresso e L'attività agricola e pastorale*.

Dois pequenos escritos no opúsculo: *Biblioteca del Popolo. Pequeno livro de lectura portugueza. Milano. Società Editrice Sonzogno, vol. 275.*

Colaborou T. Braga nas seguintes publicações conimbricenses — indicadas pelo Dr. José Pinto Loureiro<sup>1</sup> —, as quais não tive ensejo de consultar:

336 — *A Harpa*, fundado por F. A. Martins de Carvalho. 1861.

337 — *Tira-Teimas*, semanário dirigido pelo Dr. Rodrigo Veloso. 1861-62.

338 — *Gremio Alemtejano*, semanário. 1861-1862.

339 — *Ensaio Litterarios*, quinzenário de Adolfo Coelho e Elísio Almeida. 1861-1862.

340 — *Chrysalida*, semanário. Directores: D. de Vasconcelos, José S. Dias e T. Braga. (Cf. Carta de J. Nunes a p. 499 dêste *In memoriam*).

341 — *Revista de Coimbra*, director: Guimarães Fonseca. 1865-1866.

342 — *A Academia*, semanário. 1866-1877.

343 — *O Aristarco Portuguez*, revista anual. 1868.

344 — *Evolução*, quinzenário de Alexandre da Conceição. 1876-1877.

345 — *Litteratura Occidental*, revista de sciências e letras. 1877-1878.

346 — *Portugal Pittoresco*, director: A. M. Simões de Castro. 1879.

347 — *Arte*, directores: Eugénio de Castro e M. Silva Gayo. 1895.

348 — *Argus*, directores: A. Albuquerque, F. Lemos e J. Marques. 1896-97.

349 — *A Verdade*, jornal republicano. 1906-1907.

350 — *A Harpa*, director: Joaquim de Araújo. Porto. 1873-1876.

António Ferrão nas pp. 68-69, e 74 a 91 dêste *In memoriam* trata desta colaboração, e nas pp. 91-97 da colaboração em:

351 — *A Renascença*, director: Joaquim de Araújo. Porto. 1878.

<sup>1</sup> Cf. *Jornais e Revistas de Coimbra no Arquivo Coimbrão*. 1931.

## II—PÓSTUMOS

352—[*Última Carta*,] aos editores Lelo & Irmão, ditada e assinada na ante-véspera de morrer:

«Lisboa, Janeiro de 1924.—MEUS PRESADÍSSIMOS AMIGOS.—Desde que recebi os linguados de todo o original manuscrito do *Romantismo*, tratei de organizar os meus materiaes que ha quatro anos tinha posto para a banda pela força das circumstancias que atravessamos durante todo este tempo. Por isso foi absolutamente impossivel enviar na *volta do correio* mais original como na sua carta me avisava. Entrei logo no exame do material que se seguia: *Alexandre Herculano e o Romantismo religioso*. Esta biografia é extremamente difficil pela abundancia de material compilado de que eu tinha de tomar conhecimento d'aquilo que só convinha a uma recompilação e não para um volume especial. Já envio tres capitulos d'esta biografia que em uma parte do texto é impressa, levando os competentes aditamentos que esclarecem o quadro biografico. Na proxima semana conto remeter o quarto e ultimo capitulo, julgando a sua *Historia de Portugal* e a *das Origens da Inquisição em Portugal*.

Todos os dias tenho esperado provas d'estas tres remessas, que me são muito necessarias para medir as proporções d'este estudo.

Eu estou n'uma situação deploravel, não vejo para lêr, nem para escrever; preciso de um secretario inteligente que leia e que escreva ao meu ditado. Por dinheiro não ha ninguem que me preste este auxilio; sómente o favor de antigos discipulos meus que me cedem cada um duas horas na semana, ás terças, quintas, sextas e sabados e assim consigo dar fôrma ao meu pensamento. Pedia agora que a remessa das provas fosse d'acordo com a situação em que me acho, que resulta do favor que me prestam os discipulos que me mostram tão boa vontade. Se já estão impressas algumas folhas do *Romantismo* muito me interessava para ir fazendo o indice final. Embora tarde, envia a felicitação do ano novo, o seu velho amigo, *Teófilo Braga*.

353—*Sobre a genealogia de Camões*.

Artigo redigido, poucos dias antes do seu falecimento e propositadamente para a revista *Contemporanea*, pp. 25-27, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1924.

354—*Frân Paxêco — Cartas de Teófilo (com um definitivo trecho autobiográfico do mestre e duas «confissões» de Camilo). Lisboa. Tip. da Emprêsa do Diario de Noticias, 1924.*

Volume de 101 páginas. Foi a terceira publicação póstuma.

355—[*Cartas a Cândido de Figueiredo*].

No livro: *Carias Inéditas de oitenta e cinco escritores portugueses da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual prefaciadas e anotadas por Cândido de Figueiredo*. H. Antunes & C.<sup>a</sup>. Liv. editora, Rio de Janeiro, 1924.

I—Na p. 194 é datada do Porto, 20 de Fevereiro de 1870, Rua do Almada n.º 298, refere-se aos *Quadros Cambiantes* e ao folheto *Generalização da Historia do Direito Romano*.

II—Pp. 195-196, do Porto mesma morada, 25 de Março de 1870, referente ao poema *Tasso de Cândido de Figueiredo*.

III—Pp. 197-198. Porto, 18 de Fevereiro de 1875, agradecendo a revista *Cenáculo*.

IV—Pp. 199-200. Lisboa, 14 de Janeiro de 1878, respondendo a uma consulta acêrca do concurso para a cadeira de História Universal e Pátria.

356—*Uma carta do Dr. Teófilo Braga* [a Hemetério Arantes a propósito de «Frei Agostinho da Cruz»].

Publicada a pp. 143-145, do número de Janeiro-Março de 1924 da revista de Delfim Guimarães—*Arquivo Literário*.

357—*A Obra de Camillo*.

Nas páginas 103-105 do *In Memoriam de Camillo coordenado por E. A. e V. A. Direcção artistica de Saavedra Machado. Casa Ventura Abrantes, livraria editora. Lisboa, MCMXXV*.

358—*Teófilo Braga | e | Inocência Francisco da Silva | Correspondência trocada | entre o historiador e o | bibliografo da literatura | portuguesa | anotada por Alvaro Neves | Noticia preliminar | do prof. A. do Prado Coelho* [emblemata da «Insignia Universitatis Conimbrici»] *Imprensa da Universidade | Coimbra, 1928*.

Volume de xv páginas com a Notícia, nas xvii-xxvii a *Nota Bibliográfica*, de 1 a 134 o texto, nas 135-139 índice. Retrato de Teófilo em 1864, ampliado da gravura em cobre de J. P. de Sousa. Retrato de Inocência reproduzido do *Diccionario Bibliographico*.

Desta edição fez-se uma tiragem de 50 exemplares numerados e rubricados.

359—*João de Deus | Escorço biogrâphico | por Theophilo Braga |* [marca editorial] *Lisboa | Portugal-Brasil | Sociedade editora | Arthur Brandão e C.<sup>a</sup> | Rua da Condessa 80*.

Opúsculo de 30 páginas.

360—*Cartas | de | Teófilo Braga | a | Marques Braga | == | Lisboa—Imprensa Nacional—1931*.

Opúsculo de 36 páginas, servindo a primeira e última de capa, no qual se publicam trinta cartas, escritas de 1902 a 1923.

---

NOTA.—Omitiu-se por dispensável neste labor o asterisco, junto do número da cota, indicativo de pequeno escrito, prometido na p. 387 (nota).

III—INÉDITOS

- 361—*Paremiologia dos Escriptores portuguezes*. (Memoria para ser apresentada á Academia das Sciencias). Com um *Estudo sobre a formação poetica dos Refraneiros*. (Inedito).

Este trabalho aparece anunciado por Teixeira Bastos. Ignoro se existe entre os manuscritos legados pelo autor.

- 362—*Recapitulação da Historia da Literatura Portuguesa. V. Romanismo*.

Acêrca dêste trabalho elucida a *Ultima carta* aos editores Lelo & Irmão, publicada a pp. 465 dêste *In-memoriam*.

- 363—*Uriel da Costa. Romance de um livre pensador*.

Deixou o autor quási totalmente redigido.

- 364—*Vida de Camões*.

Revisão completa e sintética, mas ampliadíssima dos volumes do autor já impressos. Pertence, por oferta, à Câmara Municipal de Lisboa, a propriedade editorial dêste livro. Era destinado a comemorar o 4.º Centenário do nascimento do épico, devendo ser distribuído pelas Associações, bibliotecas e escolas em Junho de 1924. Desejava o autor que a revisão tipográfica fôsse confiada ao Dr. Agostinho José Fortes.

- 365—*Autos Vicentinos*.

Estudo feito perante as edições primitivas.

- 366—*Cartas de Marcelo*.

São as cartas de amor de Teófilo Braga a sua esposa D. Maria do Carmo Xavier Braga. Existem provas tipográficas dêste interessante livro.

- 367—*Depoimento para a História da República Portuguesa*.

Simples apontamentos desordenados. Não existe o autógrafo de um livro, como uns supõem e outros querem. A propósito dêste muito discutido labor teofiliano leia-se *O Povo*, jornal de Lisboa, 28 de Janeiro de 1929.



## IV—PLANOS SCIENTÍFICOS DA OBRA COMPLETA

Elaborado em 1903 e publicado nos *Quarenta annos de Vida Literária* e no *Catalogo* da casa editora Lelo:

«Desde 1858, em que Theophilo Braga deu ao prélo o seu primeiro livro de lyrismo pessoal (*Folhas verdes*), até á hora presente em que traz em circulação para mais de cem volumes, acha-se toda esta actividade mental, que abrange um periodo certo de quarenta annos, subordinada a um ponto de vista synthetico que o dirigiu sempre em todos os seus trabalhos.

As suas Obras, inspiradas por uma noção philosophica, visam a servir uma intenção patriotica ou nacional. Assim todo esse vasto corpo coordena-se naturalmente em tres ordens de concepções, que psychologicamente se subordinam em manifestação ascencional e que mutuamente se completam: primeiramente, a elaboração esthetica, em que se patentêa o artista, e em que a idealisação poetica provocou o desenvolvimento da meditação; seguiu-se-lhe uma phase scientifica, especialmente dedicada á Ethnographia como base de investigação para a Historia litteraria, juridica e politica, tendo exclusivamente em vista a Civilisação portugueza, como um dos factores da grande Civilisação occidental. Por ultimo, a anterior idealisação da Epopêa da Humanidade e o estabelecimento da solidariedade dos povos romanicos pela Historia coadjuvaram os trabalhos de especulação philosophica, que se concentram fundamentalmente em uma systematisação da Sociologia.

N'este contorno geral do um labor continuo de quarenta annos, a sua concepção philosophica foi definindo-se nas diversas correntes doutrinarias a que o espirito obedeceu procurando a orientação normal: começa pela influencia de Vico (de que lhe proveiu o interesse pelos factos da Ethnogenia); recebe de Hegel a comprehensão dos phenomenos estheticos, (e essa exagerada importancia que ligou por algum tempo ao *germanismo*) e assimila, em uma crise de renovação mental, a Synthese positiva de Augusto Comte, onde foi encontrar bem definidas as relações theoricas d'estes trez eminentes pensadores.

Reflectiu-se esta completa doutrina n'uma mais clara comprehensão do ideal da Humanidade e do seu destino normal, na obra poetica da—*Visão dos Tempos*.

Reflectiu-se na obra scientifica, relacionando os—*Materiaes para a Historia da Civilisação portugueza* com a marcha geral da Civilisação europêa do seculo XII a XIX, nos seus elementos *affectivo, mental* e *social*, em que assentou o vasto campo das investigações concretas.

Reflectiu-se nas suas concepções philosophicas, pela comprehensão da unidade sympathica, synthetica e synergica como base da normalidade humana para attingir o progresso por um concurso consciente.

Comprehende-se que a Obra de Theophilo Braga, em uma tão larga trajectoria, apresente todas as vacilações de um espirito que procura fixar um methodo, e as desigualdades de exposição de um escriptor que fez a sua educação á vista de todos. Apesar de derivarem de um plano fundamental, os seus livros acham-se desmembrados, conforme os accidentes da publicação. Não são escriptos de um polygrapho; mesmo desconhecido o nexu que os liga entre si, o publico presente-o accetando essas contribuições pelo simples valor concreto das amplas informações que encerram

sobre todas as modalidades da Civilização portugueza. Como taes são pedidos da Allemanha, Inglaterra, França, Italia, Hespanha, America e Brazil, onde apparecem discutidos e citados como auctoridade.

A quasi totalidade d'esses livros acha-se em edições esgotadas; reimprimir um ou outro volume seria prejudicar a importancia da Obra no seu conjunto, de cujo espirito ou unidade tira toda a luz.

Segue-se o plano da reedição:

## I

### OBRAS POETICAS

Visão DOS TEMPOS (Epopêa da Humanidade):

- |  |   |
|--|---|
| i. Cyclo da Fatalidade, 1 vol.                                     | iii. (Regimen Catholico-feudal), 1 vol. |
| ii. Cyclo da Lucta (Universalismo hel-<br>lenico e romano), 1 vol. | iv. Cyclo da Liberdade, 1 vol.          |

## II

### OBRAS SCIENTIFICAS

#### MATERIAES PARA A HISTORIA DA CIVILISAÇÃO PORTUGUEZA

(Elemento affectivo, mental e social)

##### A) ELEMENTO AFFECTIVO:

##### ETHNOGENIA PORTUGUEZA

A PATRIA PORTUGUEZA:

- |  |                                    |
|--|------------------------------------|
| i. O Territorio e a Raça, 1 vol.         | iv. As Tradições nacionaes, 1 vol. |
| ii. As Instituições locaes, 1 vol.       | v. As Prophecias nacionaes, 1 vol. |
| iii. A Formação da Nacionalidade, 1 vol. |                                    |

O POVO PORTUGUEZ NOS SEUS COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES:

- |                                       |                                  |
|---------------------------------------|----------------------------------|
| i. Costumes e Vida domestica, 1 vol.  | iii. A Sabedoria popular, 1 vol. |
| ii. Crenças e Festas publicas, 1 vol. |                                  |

FONTES TRADICIONAES DA LITTERATURA PORTUGUEZA:

- |  |  |
|--|--|
| i. Historia* da Poesia popular portu-<br>gueza, 1 vol. | iv. Contos tradicionaes do povo portu-<br>guez, 2 vol. |
| ii. Cancioneiro popular portuguez, 2 vol.              | v. Refraneiro portuguez, 1 vol.                        |
| iii. Romanceiro geral portuguez, 2 vol.                |  |

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA:

- |  |  |
|--|--|
| i. Introducção e Theoria da Historia<br>da Litteratura, 1 vol. | v. Os Historiadores portuguezes, 1 vol.            |
| ii. Trovadores portuguezes, 1 vol.                             | vi. Bernardim Ribeiro e os Bucolicos,<br>1 vol.    |
| iii. Amadis de Gaula, 1 vol.                                   | vii. Novellas de Cavalleria e Pastoraes,<br>1 vol. |
| iv. Poetas palacianos, 1 vol.                                  |  |

- |   |  |
|---|--|
| <p>viii. Gil Vicente e as Origens do Theatro, 1 vol.<br/>Eschola de Gil Vicente, 1 vol.</p> <p>ix. Sá de Miranda e a Eschola italiana, 1 vol.</p> <p>x. Ferreira e a Pleiada portugueza, 1 vol.</p> <p>xi. A Comedia e a Tragedia classicas, 1 vol.</p> <p>xii. Vida de Camões, 1 vol.</p> <p>xiii. Lyricos camoneanos, 1 vol.</p> <p>xiv. Epopêas historicas, 1 vol.</p> <p>xv. Bibliographia camoneana, 1 vol.</p> <p>xvi. Os Culteranistas, 1 vol.</p> <p>xvii. Epicos Seiscentistas, 1 vol.</p> <p>xviii. As Tragicomedias dos Jesuitas, 1 vol.</p> <p>xix. A Arcadia de Lisboa, 1 vol.</p> | <p>xx. Dissidentes da Arcadia, 1 vol.</p> <p>xxi. A Baixa Comedia e a Opera, 1 vol.</p> <p>xxii. Bocage—Vida e epoca litteraria, 1 vol.</p> <p>xxiii. José Agostinho de Macedo, 1 vol.</p> <p>xxiv. Garrett e o Romantismo, 1 vol.</p> <p>xxv. Os Dramas Romanticos, 1 vol.</p> <p>xxvi. Alexandre Herculano, 1 vol.</p> <p>xxvii. Castilho e os Ultra-Romanticos, 1 vol.</p> <p>xxviii. João de Deus e o moderno Lyrisimo, 1 vol.</p> <p>xxix. A Eschola de Coimbra, 1 vol.</p> <p>xxx-i. Recapitulação da Historia da Litteratura, 2 vol.</p> <p>xxxii. Indice geral analytico, 1 vol.</p> |
|---|--|

#### B) ELEMENTO MENTAL:

##### HISTORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NAS SUAS RELAÇÕES COM A INSTRUÇÃO PUBLICA PORTUGUEZA:

- |   |  |
|---|--|
| <p>i. Primeira e Segunda Epoca, 1 vol.</p> <p>ii. Segunda Epoca (<i>continuação</i>), 1 vol.</p> <p>iii. Terceira Epoca, 1 vol.</p> | <p>iv. Quarta Epoca, 1 vol.</p> <p>v. Documentos etc. Indice, 1 vol.</p> |
|---|--|

*N. B.*—Estes volumes são in-8.º grande e impressos por ordem da Academia das Sciencias. Darão 14 volumes in-8.º pequeno, no caso de convir reproduzil-os n'este formato:

##### HISTORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA:

- |   |   |
|---|---|
| <p>i. Introducção—Fundação da Universidade de Coimbra, e sua fixação em Lisboa, 1 vol.</p> <p>ii. A Crise da Renascença: A Universidade de Lisboa e os Humanistas, 1 vol.</p> <p>iii. A trasladação da Universidade para Coimbra em 1536, 1 vol.</p> <p>iv. Historia do Collegio Real, e influencia do Humanismo francez: Os Gouvêas, 1 vol.</p> <p>v. Historia do Collegio das Artes, de Coimbra, e da Philosophia Conimbricense, 1 vol.</p> <p>vi. A decadencia da Universidade ante a Crise do baconismo e cartesianismo, 1 vol.</p> | <p>vii. A Inquisição e a perseguição dos Lentes da Universidade, 1 vol.</p> <p>viii. A Crise pedagogica e social do seculo xviii, e degradação da Universidade, 1 vol.</p> <p>ix. Historia das Reformas pedagogicas pombalinas, 1 vol.</p> <p>x. Reacção contra a obra de Pombal no dominio da Instrucção publica, 1 vol.</p> <p>(<i>Contem-se até aqui nos trez tomos impressos por ordem da Academia</i>).</p> <p>xi. O regimen transitorio das Cartas, e a Universidade como orgão da Pedantocracia portugueza, 1 vol.</p> |
|---|---|

xii. Reformas da Universidade de Coimbra segundo o espirito polytechnico, 1 vol.

xiii. O Centenario da Reforma da Universidade, e a falta de ideia philo-

sophica na organização do Ensino publico, 1 vol.

xiv. Indice geral analytico.—Indice chronologico dos Documentós.

### C) ELEMENTO SOCIAL:

#### HISTORIA DA NACIONALIDADE PORTUGUESA:

i. Formação da Nacionalidade Portuguesa, 1 vol.

ii. As grandes Navegações portuguezas, 1 vol.

iii. Os Braganças e a restauração da Nacionalidade, 1 vol.

iv. Futuro politico de Portugal, 1 vol.

Estes volumes são em 8.º grande.

#### HISTORIA DAS IDEIAS POLITICAS EM PORTUGAL:

A Crise social sob os aspectos absolutista, parlamentarista e revolucionario, 1 vol.

## III

### OBRAS PHILOSOPHICAS

#### SYSTEMA GERAL DE SOCIOLOGIA:

i. Prolegomenos: Historia das Doutrinas sociologicas, 1 vol.

ii. Sociologia statica:  
Historia universal, como estabelecimento da continuidade humana, 5 vol.

iii. Sociologia dynamica:  
Psychologia positiva, como base de concurso simultaneo:

a) Synthese affectiva (Theoria da Arte e da Moral), 1 vol.

b) Synthese especulativa (Systematisação das Sciencias e

das Concepções philosophicas), 1 v.

c) Synthese activa (Theoria da Industria e da Economia publica), 1 vol.

iv. Aplicações immediatas das Doutrinas sociologicas:

a) Tratado de Pedagogia positiva, (do elemento especulativo). 1 vol.

b) Tratado de Politica Positiva, (do elemento activo). 1 vol.

N. B.—Estes volumes são in-8.º grande.

## IV

### PEQUENOS ESCRITOS

Origens poeticas do Christianismo, 1 vol.

As Lendas christãs, 1 vol.

A Synthese affectiva nos modernos Centenarios, 1 vol.

Questões de Litteratura e Arte, 1 vol.

Paginas de Critica moderna, 1 vol.

Juvenilia (Contos phantast.—Versos dos Quinze annos—Disjecta membra, etc.).

Polemicas, Dissertações, Artigos, etc., 1 vol.

Da «edição integral» da *Historia da Litteratura Portugueza*, elaborado em 1911:

1. Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza.

I

EPOCA MEDIEVAL

- |                            |                                   |
|----------------------------|-----------------------------------|
| 2. Trovadores portugueses. | 4. Poetas palacianos.             |
| 3. Amadis de Gaula.        | 5. Os Historiadores portugueses.* |

II

EPOCA CLASSICA

A) QUINHENTISTAS :

- |  |  |
|--|--|
| 6. Bernardim Ribeiro e os bucolistas.                                | 10. Ferreira e a pleiada portugueza.             |
| 7. Novelas da Cavalleria e Pastoraes.*                               | 11. A comedia e a Tragedia classicas.            |
| 8. Gil Vicente e as origens do Theatro nacional.                     | 12. Camões—Epoca e vida.                         |
| 8-A. Eschola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Theatro Nacional. | 13. Camões—A obra lyrica e épica (Bibliografia). |
| 9. Sá de Miranda e a eschola italiana.                               | 14. Eschola Camoneana (Lyricos e épicos).        |

B) SEISCENTISTAS :

- |                            |  |
|----------------------------|--|
| 15. Os Culteranistas.*     | 17. Tragicomedias dos Jesuitas e a Comedia de capa e espada. |
| 16. Epicos seiscentistas.* | 18. Vieira e a Paranetica portugueza.*                       |

C) ARCADISTAS :

- |   |  |
|---|--|
| 19. A Arcadia Lusitana.                         | 21. A baixa Comedia e a Opera.           |
| 20. Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia. | 22. Bocage, sua vida e epoca litteraria. |
|   | 23. José Agostinho de Macedo.*           |

III

EPOCA ROMANTICA

- |   |  |
|---|--|
| 24. Garrett e o Romantismo.                     | 27. Castilho e os Ultra-romanticos.                                  |
| 25. Garrett e os Dramas romanticos.             | 28. João de Deus e o moderno lyrismo.                                |
| 26. Alexandre Herculano e o romantismo liberal. | 29. A eschola de Coimbra e a dissolução do romantismo <sup>1</sup> . |

---

<sup>1</sup> Observarei que em 1917 — ainda em vida de Teófilo, com seu conhecimento e «alumiadores» subsidios —, publicou Fran Paxeco o livro com título idêntico ao que figura neste plano com o n.º 29.



- |  |  |
|--|--|
| 30. Recapitulação da Historia. Edad Media.       | 33. Recapitulação da Historia. Os Arcades. |
| 31. Recapitulação da Historia. Renascença.       | 34. Recapitulação da Historia. Romanismo.  |
| 32. Recapitulação da Historia. Os Seiscentistas. | 35. Indice geral analytico.                |

Os números notados com asterisco \* estavam ainda inéditos — segundo informou o Mestre em 1911.

V—ESCRITOS REFERENTES AO DR. TEÓFILO BRAGA  
E SUA OBRA

1864—ANTHERO DE QUENTAL—*Visão dos Tempos*, artigo no *Seculo XIX* de Penafiel, n.º 11, de 1864, transcrito na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*.

—BELFORT DUARTE—*Visão dos Tempos*, artigo no *Correio Paulistano*.

—J. J. RODRIGUES DE FREITAS—*Poesia do Direito*, artigo no n.º 3:511 do *Jornal do Commercio*.

1865—CAMILO CASTELLO BRANCO—*Esboços de apreciações litterarias*. Porto.

—ABILIO GUERRA JUNQUEIRO—*Ao Sr. Theophilo Braga*:

Curvado perante as asas,  
Onde está a sancta imagem,  
Vai o crente fervoroso  
Prestar a Deus homenagem;

Dá tambem que eu, qual romeiro,  
Seguindo d'outros o exemplo,  
Corra a cortina que veda  
Entrar do genio no templo,

E que vá humildemente  
Aos degraus do teu altar,  
Por entre as nuvens de incenso  
Um grão de myrra queimar.

A pobre offerta que levo  
Não tem valor, não é bella;  
Porém o Senhor acolhe  
Tambem a prece singela.

*A. Guerra Junqueiro.*

Esta poesia foi impressa numa fôlha sôlta, com cercadura, de filetes duplos, ornamental tendo em baixo:—«Imprensa da Universidade».

Foi distribuída na noite da primeira representação, no teatro Académico de Coimbra, do drama *Resignação*, no sábado, 29 de Abril de 1865.

1866—MANUEL PINHEIRO CHAGAS—*Ensaio critico*. Porto 1866. Tem um capítulo acêrca da *Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras* anteriormente publicado na *Gazeta de Portugal* e no *Annuario do Archivo Pittoresco*.

1869—[JOÃO AUGUSTO DA] GRAÇA BARRETO—*Perfis da Comedia litteraria. Tentames criticos. N.º 1. Os livros do Sr. Theophilo Braga*. Lisboa.

Neste opúsculo de 16 páginas o autor acusa Theófilo de plagiário, por ter intercalado uma poesia sua publicada no *Instituto*, no seu poemeto *Semita*. Inconscientemente, o correspondente em Lisboa (J. C. Melicio) do *Commercio do Porto*, renovou a accusação. Passado tempo foi êste folheto retirado, pelo autor, do mercado.

—LUCIANO CORDEIRO—*Livro de Critica. Arte e litteratura portuguesa de hoje. 1868-1869*. Porto.

—J. P. OLIVEIRA MARTINS—*Revista critica de Litteratura moderna por uma Sociedade de Litteratos. N.º 2. Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*. Porto.

1870—J. P. OLIVEIRA MARTINS—*Estudos da Edade-Média*, artigo no *Jornal do Commercio*.

1871—[JOAQUIM JOSÉ MARQUES]—*Epopeas da raça mosarabe*, artigo no *Jornal do Commercio* n.º 5:360. Lisboa.

1872—J. P. OLIVEIRA MARTINS—*O Snr. Theophilo Braga e um dos criticos da historia da litteratura portuguesa*, artigo na *Revolução de Setembro* transcrito no *Primeiro de Janeiro*.

—SILVA PINTO—*Theophilo Braga e os criticos. (Aos Snrs. Anthero de Quental e Camillo Castello Branco)* Lisboa.

—SILVA PINTO—*A critica e Theophilo Braga*, carta ao *Jornal do Commercio* n.º 5:629.

—ANTHERO DE QUENTAL—*Duas palavras a proposito do folheto do Snr. Theophilo Braga, mas não em resposta ao Snr. Theophilo Braga nem ao seu folheto*, artigo no *Primeiro de Janeiro* n.ºs 168 e 169, de 1872.

1872—DON JOSÉ AMADOR DE LOS RÍOS—*La critica literaria en Portugal. Historia da Litteratura Portuguesa*. Estudo no tomo xxvii da *Revista de España*.

—JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO—*Resumo de historia litteraria*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, editor.

—[FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEM]—*Theophilo Braga e os antigos romanceros de trovadores*. Provarás para se juntarem ao Processo. Viena.

—FRANCISCO ADOLFO COELHO—*A proposito da Historia da Litteratura Portuguesa. Carta ao auctor*. Porto, Imprensa Portuguesa.

Tiragem limitada e em parte inutilizada, segundo o depoimento de Brito Aranha. Não chegou a ser pôsto à venda. Trata do livro *Bernardim Ribeiro*. Nêste folheto anunciava-se:

«A natureza da influencia exercida pela Renascença foi identica em todas as litteraturas romanicas? Exame da *Historia da Litteratura portugueza*, de Theophilo Braga, com um lance de olhos sobre outros escriptos ácerca da litteratura portugueza, recentemente publicados».—Nota de T. Bastos.

—MANUEL PINHEIRO CHAGAS—*Desenvolvimento da Litteratura Portuguesa*, these para o concurso da 3.<sup>a</sup> cadeira do Curso Superior de Lettras. Lisboa. 1872.—Refuta a *Teoria da Historia da Litteratura*.

—[Autor desconhecido]—*O Concurso no Curso Superior de Lettras. Curiosidades. A questão juridica das admissões*.

—SILVA PINTO—*O Concurso no Curso Superior de Lettras*, artigo no *Correio do Sul*, n.º 30.

—ANTHERO DE QUENTAL—*Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza a proposito de alguns livros recentes*. Porto.

Foi primitivamente publicado em folhetins no *Primeiro de Janeiro*. Trata da *História da Litteratura portugueza*.

—F. A. BARATA, doutor em filosofia—*As raças historicas da peninsula iberica*. Coimbra.

Nêste opúsculo são refutadas as doutrinas antropológicas das *Epopeas Mosarabes*.

1872—DON JOSÉ AMADOR DE LOS RIOS—*La raza mosarabe y la literatura portuguesa. Carta al Sñr D. Teófilo Braga, autor de la Historia da Litteratura Portuguesa*, datada de 30 de Outubro de 1872 e publicada na *Revista de la Universidad de Madrid*. 2.<sup>a</sup> epoca, t. 1, n.º 1.

—FRANCISCO ADOLFO COELHO—*Elenco dos primeiros nove volumes da Historia da Litteratura portugueza*. Porto. Imprensa Portuguesa.

—J. P. OLIVEIRA MARTINS—*Os Lusíadas, ensaio sobre Camões e a sua obra*. Porto.

Neste livro (p. 170) vem a nota sôbre as doutrinas etnológicas da Introdução à Historia da Litteratura portuguesa.

—MODESTO FERNANDEZ—*Retratos y Semblanzas*. Madrid.

—GASTON PARIS—Artigo na *Revue critique d'histoire et de littérature*, n.º 47.

1873—JULIO MARQUES DE VILHENA—*As raças historicas na peninsula iberica e a sua influencia no Direito portuguez*. Coimbra.

1874—SILVA PINTO—*Balzac em Portugal. Reflexões sobre a critica portuguesa*. Lisboa. Republicado no *Terceiro livro de combates e criticas*. Porto 1886.

—CAMILO CASTELO BRANCO—*Bibliotheca de Algibeira. Noites de Insomnia offerecidas a quem não póde dormir*.

No n.º 3—Março. Tem um artigo «Os dois Joaquins».

1875—OLIVEIRA MARTINS—*Os poetas da eschola nova*, artigo na *Revista Occidental*. II.

—J. P. OLIVEIRA MARTINS—*Manual de historia da litteratura portugueza*, artigo na *Revista Occidental*.

—VIRIATO [DON BENIGNO MARTINEZ]—*Theophilo Braga*, artigo no *Imparcial* de Madrid, traduzido e republicado no n.º 679 do jornal *Persuasão*, de Ponta Delgada, e no n.º 179 do *Jornal de Coimbra*.



1875—FRANCISCO ADOLFO COELHO—*Bibliographia critica de historia e litteratura*. Vol. I. 1873-1875. Porto.

Refere-se ao trabalho *Obras de Christovam Falcão*.

1877—RAMALHO ORTIGÃO—*Bocage sua vida e época literaria*, artigo nas *Farpas*, número de Janeiro.

—DR. KARL VON REINHARDSTOETTNER—*Historia do Romantismo em Portugal*, artigo no livro *Aufsätze und Abhandlungen vernehmlich zur litteraturgeschichte*. Berlim.

—TEIXEIRA BASTOS—*Um livro de philosophia*, artigo no *Jornal do Commercio* n.º 7:224, ano xxv.

1878—JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO, BRUNO—*Historia Universal*, artigo no *Museu Illustrado*. Vol. I. Pôrto.

—DR. CORRÊA BARATA—*O positivismo e a sciencia actual, a proposito dos Traços geraes de philosophia positiva*, ensaio crítico em *O Seculo*, publicação de philosophia popular, 2.ª série, Março.

— — — — *Curso Superior de Letras*. Declaração dos alunos contra a acusação de professarem doutrinas revolucionárias, in *Diario de Noticias*, de 26 de Novembro.

1879—COMTE DE PUYMAIGRE—*Les Littératures méridionales depuis dix ans*—Paris.

—CARLOS DE MELLO—*Historia Universal*, artigo no *Jornal do Commercio*, n.ºs 1:641 e 1:648.

—J. D. RAMALHO ORTIGÃO—*Bibliotheca Republicana Democratica* ix. *Theophilo Braga*. Lisboa. Foi primitivamente publicado no n.º 5 da *Renascença*, do Pôrto, sendo aumentada no opúsculo com Nota do editor, desenvolvendo tópicos biográficos. Republicado nos n.ºs 932 e 933 da *Persuasão*, de Ponta Delgada, e em 1882 no n.º 190 da *Folha de Hoje*.

1880—J. MARTINS DE CARVALHO—*Historia do Romantismo em Portugal. Retoques*, artigo no *Conimbricense*, n.º 3:434, ano xxxiii.

1880—REIS DAMASO—*Origens poeticas do Christianismo*, artigo na *Vanguarda*, n.º 28.

—REIS DAMASO—*Era Nova*, artigo bibliográfico, no *Commercio de Portugal*, n.ºs 374 e 375.

—GERIO VAZ—*As Farpas modernas. Chronica mensal*. Pôrto.

«Fala da influência intelectual de Teófilo e replica a Camilo Castelo Branco sobre as insolências que lhe provocou o livro *Portugal à vol d'oiseau*».

—*Mensagem dos Republicanos e Positivistas de S. Paulo*—A propósito da comemoração do Tricentenário de Camões. Na *Vanguarda*, n.º 26.

—E. A. RAPOSO—*D. Joaquim Teófilo Braga. Assuntos biograficos*, na *Nova Europa*, n.º 6.

—CRISTOVÃO AIRES DE MAGALHÃES SEPULVEDA—*Perfis litterarios*. III. *Theophilo Braga no Diario de Noticias*, n.º 5:124.

—CYPRIANO JARDIM—*Theophilo Braga*, artigo biográfico no *Diario de Portugal*, n.º 675, ano IV. Reproduzido na *Actualidade*.

—CAMILLO CASTELLO BRANCO—*Historia e Sentimentalismo I Poetas e Raças finas II Eusebio Macario continuação II. Porto*.

Tem um capítulo sobre «Gil Vicente—embargos a fantasias de T. B.».

1881—TEIXEIRA BASTOS—*Theophilo Braga*, artigo no *Contemporaneo*, n.º 104, ano VII, 1881. Reproduzido: na *Galeria Republicana*, ano I, n.º 13, 1882; na *Homenagem*, 1843–1883. Pernambuco.

— — — — *Os Homens de letras em Portugal*, artigo na *Nação Portuguesa*, n.º 48, ano II. Rio de Janeiro.

—CANDIDO DE FIGUEIREDO—*Homens e Letras. Galeria de poetas contemporaneos*. Lisboa. O capítulo referente a Teófilo Braga foi traduzida no *El Baluarte*, de Sevilha, n.º 21, ano XIV, 1890.

—ADOLPHE DE COLENEER—*Bibliografia Camoneana*, artigo no *Polybiblion*, t.ºm.º XXX. Traduzido no n.º 44 da *Vanguarda*.

1882—DON RAFAEL M. LABRA—*Portugal Contemporaneo*—Teófilo Braga, artigo na *Tribuna*, de Madrid, n.º 39.

—JOÃO TEIXEIRA SOARES—Carta ao Dr. Ernesto do Canto, datada de 14 de Junho de 1880 e publicada no t.º IV do *Archivo dos Açores*, em que diz:

«A ideia do *Centenario de Camões* (de que o dr. Theophilo Braga ha já quatro annos me falou) vingou de um modo estrondoso e superior, decerto, á espectativa d'elle proprio».

—SYLVIO ROMERO—*Carta* em resposta ao convite do editor da *Historia do Romantismo em Portugal* para fazer um estudo critico sôbre Teófilo Braga (datada de 20 de Setembro), na qual diz:

«Como v. s.ª bem comprehende, não se pôde escrever ahi ao correr da penna sobre obra de tanto valor. É-me necessario relêr o 1.º volume, que li ha dous annos, e ainda mais, é por certo preciso relêr o Theophilo Braga nas seis cathogorias diversas de sua actividade mental: a *poesia*, as collecções de *tradições*, a *historia litteraria*, a *politica*, a *philosophia*, e finalmente a *Historia universal*. É um escriptor cuja evolução intellectual é complicada e larga, dando aberturas para avenidas varias do pensamento; portanto, elle não se analisa sem muito cuidado. Si tiver tempo farei um trabalho vasto e completo sobre elle. Si não, não. É um luctador que deve ser tratado muito ao sério e com elle a peleja deve ser collocada n'uma altura muito fóra do commum na litteratura dos dous paizes onde se falla o portuguez».

—CAMILLO CASTELLO BRANCO—*Narcoticos. II. Notas bibliographicas, historicas, criticas e humoristicas*. Pôrto. Livraria Clavel & C.ª

No capítulo acêrca dos descendentes do famoso poeta quinhentista doutor Antonio Ferreira refere-se ao estudo de Teófilo acêrca do mesmo poeta.

1883—*Numero Unico. Pernambuco. Edição 1.000—24 de Fevereiro 1843-1883. Laboremus. Homenagem ao preclaro escriptor moderno Theophilo Braga, pelo seu quadragésimo anniversario.*—*Dirigida pelos seus mais sinceros admiradores.*

Colaborado por: Isidoro Martins Junior, Teixeira Bastos, Claudino dos Santos, Alfredo Pinho de Mello, Eduardo de Carvalho, Soares Quintas, A. Sousa Pinto, Phaelante da Câmara, Feliciano d'Azevedo, E. de Carvalho, Pereira Simões, Arthur Orlando, Onilho Victor, J. C. Gomes da Silva.—Foi impresso na Tipografia Mercantil.

—CHRISTO ANIL—*Perfis Contemporaneos. I. Theophilo Braga no Universo Illustrado*, t. 1, 2.ª série.

- 1883—H. A. SALGADO—*Theophilo Braga*, artigo n' *A Razão*, n.º 1, ano 1.  
Pôrto.
- 1884—TEBALDO FALCONE—*Theophilo Braga*, artigo no jornal *Il Pungalo della Domenica*, n.º 38.
- HELIODORO SALGADO—*Theophilo Braga*, artigo na *Discussão*, n.º 181.
- RUBEM TAVARES—*Theophilo Braga*, esboço biográfico na *Gazeta do Commercio*, de Victoria, província do Espirito Santo, Brasil.
- FRANCESCO SABATINI—*Contos tradicionais do povo portuguez*, artigo no n.º 37 da *Roma Antologia*, série III, v ano.
- LACERDA E MELLO—*Theophilo Braga*, artigo na *Aurora do Cavado*, n.º 837, ano XVII.
- M. R.—*Theophilo Braga*, artigo no *Serpense*, ano 1, n.º 4.
- 1885—REIS DAMASO—*Théophile Braga. Esquisse biographique*, traduzido por Albert Savine e inserto no *Le monde de l'Esprit*, anuário internacional, liv. III, p. 40.
- MONIZ BARRETO—*Miragens Seculares*, artigo na *Revista de Estudos Livres*, t. II.
- JOSÉ DE SOUSA—*Contos e canções populares do Brasil*, artigo na *Verdade*, jornal de Tomar, n.º 262.
- ALVES CORREA—*Theophilo Braga*, artigo no *Almanach do Seculo para 1886*.
- [ANÓNIMO]—*Les Poètes portugais contemporains*, artigo no n.º 2 de *Le monde poétique*, 2.º ano, Paris.
- EDUARDO PERIÉ—*Rezumo da historia da litteratura brazileira*, Buenos Aires.
- 1886—LEO QUESNEL—*Contos e canções populares do Brasil*, artigo no t.º XXXVIII da *Revue Bleu*, de 1886. Foi traduzido por Francisco José Sá Chaves no n.º 20 da *Actualidade*.



1886—DO MESMO—*Curso de historia da litteratura portuguesa*, artigo na *Revue politique et littéraire*, n.º 19, de 8 de Maio. Traduzido em *O Seculo*, n.º 1:678, ano VI.

—JAIME COUTINHO—*Theophilo Braga no Almanach illustrado para 1887*.

—REIS DAMASO—*Curso da Historia da Litteratura portuguesa*, artigo no n.º 48, do VI ano da *Folha Nova*, Pôrto.

—TEIXEIRA BASTOS—*As epopéas da humanidade na poesia portuguesa contemporanea*, artigo na *Revista de Estudos Livres*.

—Artigo na *Rivista di Filosofia scientifica*, dir. E. Morselli, vol. v.

1887—SYLVIO ROMERO—*Uma esperteza. Os cantos e contos populares do Brazil e o sr. Theophilo Braga. Protesto por Sylvio Romero—Rio de Janeiro. Typ. da Escola*.

—A. M. ELLIOTT—*Curso de Historia da Litteratura Portuguesa*, artigo na *American Journal of Philology*, appareceu uma tradução no n.º 1:984 de *O Seculo*, de 25 de Junho, e na *Sentinella da Fronteira* n.º 486.

—A. M. SEABRA DE ALBUQUERQUE, artigo na *Bibliographia da Imprensa da Universidade*. Coimbra.

1888—REIS DAMASO—*Theophilo Braga*.

1889—A MAIOR DOR HUMANA—*Coroa de Saudades offerecida a Theophilo Braga e sua esposa para a sepultura de seus filhos e entretrecida pela piedade de* Camilo Castelo Branco, Bulhão Pato, Luiz Guimarães, Gomes Leal, Candido de Figueiredo, Fernando Leal, Teixeira Bastos, João Diniz, Cristovam Aires, N[arciso] de Lacerda, Cirilo Machado, Henrique Lopes de Mendonça, José de Sousa Monteiro, C[oe]lho de Carvalho, Alvaro Castellões, D. Maria A. Vaz de Carvalho, A. de Azevedo Castelo Branco, Joaquim de Araujo, Alberto Telles, A. Vidal, Alberto Bramão, Fernandes Costa, C. M. Silva, Albertina Paraíso, Alice Moderno, Filinto de Almeida, J. I[nácio] de Araujo, Alfredo Gallis, M. Augusto do Amaral, M. J. Dias, A. C. Faria e Maia, Eugenio Monis, M. Pereira de Lacerda, E. Rebelo, João Hermeto, Alfredo Avelar, A.

Moraes Pinto, Julio Cesar Machado, J. Cecilio de Sousa, P. Chagas, A. Pimentel, Gomes da Silva, Armando da Silva, F. M. Supico, Guerra Junqueiro. *Dado á estampa pela amizade de Anselmo de Moraes. 1889.*

Nas páginas dêste livro foi, por provável iniciativa de João de Deus, prestada sentida homenagem ao extremo pai que vira morrer, em Dezembro de 1886 e Março de 1887, os dois únicos filhos do seu grande amor.

Começa o texto pela carta de Camillo Castello Branco enviando a João de Deus o primoroso soneto que deu título ao livro. Em Abril de 1888 o jornal *Novidades* publicava:

«Ainda não ha muitos dias que Guerra Junqueiro, referindo-se ao prodigioso talento de Camillo Castello Branco, nos dizia:

— O soneto que elle dedicou a Theophilo Braga, na occasião em que morreram os dois filhos d'este poeta, é uma verdadeira obra prima! Na poesia portugueza devem ficar tres sonetos, o de Camões:

Alma minha gentil que te partiste

o de João de Deus:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo

e o soneto de Camillo Castello Branco.

Esse soneto é realmente admirável de sentimento e perfeitissimo na fôrma».

Quando em 1929 conferi, officiosamente, o inventário da biblioteca de Teófilo af encontrei, da carta e soneto, os respectivos originaes camilianos, aqui reproduzidos.

Cotejando os manuscritos com o supracitado texto impresso verifica-se que neste, a carta tem as abreviaturas desdobradas e omitida a data:—«27-6-87», e o soneto apparece com o sub-título:

A MORTE QUASI SIMULTANEA  
DE DOIS FILHOS DE UM PAE EXTREMOSO  
INSPIROU ESTES FROIXOS VERSOS

As linhas dos versos começam sempre por letras maiúsculas, e com minúscula a palavra «Homem» da primeira quadra, além da seguinte variante no primeiro terceto:

Nascer, florir, morrer!...

Desastre infando!

Republicado bastantes vezes o soneto, tem apparecido com variantes de sub-título e pontuação, como por curiosidade bibliográfica, registarei servindo-me apenas dos elementos que possuo:

A—CAMILLO CASTELLO BRANCO—*Nas Trevas. Sonetos sentimentaes e humorísticos Lisboa 1890.* Tem por sub-título: (Na morte quasi simultanea de dois filhos unicos de Theophilo Braga), e as variantes de pontuação: «A fê implora...», «Nascer, florir, morrer!...», e «Ao teu abysmo, pai, não vão confortos...».

*um grande pai de Deus*

*Nas onze dúzias de livros q' fabricou  
já ha uma elegia. As muitas elegias  
são fronteiras incommunicaveis.  
Lêa a sua estimada carta, e aqui isso  
se remette. Consulte T. Braga. Somos in-  
evitavelmente inimigos em letras. Que nada  
há a minima intervenção na sua dor  
causar-lhe desgosto.*

*Aqui estou mais cego,  
paralytico, no leito de um filho querido  
acometido que já tentou matar-se. Ha  
vários grandes deprimidos, que comparados com  
q' se consideram quasi felizes.*

*Adeus a todos os amigos*

*C. Castello Branco.*

*27/6/87.*

B—CAMILLO CASTELLO BRANCO—*A maior dôr humana*. Lisboa, Tip. H. Pereira, 1917.

Tem por sub-título: «Soneto que Camillo dedicou a Theophilo Braga, na ocasião em que morreram os dois filhos deste poeta» e as mesmas variantes da primeira publicação

C—NUNO CATHARINO CARDOSO—*Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*. Lisboa 1918.

Tem por sub-título «Na morte quasi simultanea de dois filhos unicos de Theophilo Braga» e as variantes de pontuação nos seguintes versos:

Erguidas buscam Deus. A Fé implora...  
Ao teu abysmo, pai, não vão confortos...

D—NUNO CATHARINO CARDOSO—*Cancioneiro da saudade e da morte*. Lisboa 1920. Com a dedicatória e variantes de pontuação registadas no número anterior.

E—ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO—*Os Escriptores. Camillo Castello Branco*, n.º 1 da *Collecção Patricia*, 1924. No sub-título:—«Na morte quasi simultanea dos dois filhos unicos de Th. B.» e mais como foi publicado *Nas trevas*.

*et maior dor hum anam .*

*Era immensas agonas se formaram.  
sob os olhos de Deus! Sinistria hora  
em que o Homem surgiu! Que negra aurora,  
que amarga condições o escravizaram!*

*As mãos, que um filho amado amortalharam,  
erguidas buscam Deus. A Fé implora.  
E o ceo que responde? As mãos baixaram  
para abraçar a filha morta agora.*

*Depois, um pae que em trevas vai sonhando;  
e apalpa as sombras d'elles onde os viu  
nascer, florir, morrer! Desastre infando!*

*Ao teu abysmo, pae, não vão confortos.  
É coração que a dor impiedreniu,  
sepulchro vivo de dois filhos mortos.*

*S. Miguel de Lude,  
27 de junho de 1887*

*Camillo Castello Branco.*

F—ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO—*As Anthologias. Os Eternos sonetos de Portugal*, n.º 9 da *Collecção Patricia*, 1924. Sem o sub-título, e tendo a única variante das reticências a seguir à palavra «confortos...».

G—OLGA MORAES SARMENTO—*Theophilo Braga*. Lisboa 1925. Com as seguintes variantes de pontuação:

As mãos que um filho amado amortalharam,  
erguidas buscam Deus. A Fé imploram...

Depois um pae que em trevas vae sonhando,  
nascer, florir, morrer!... Desastre infando!  
Ao teu abismo, pae, não vão confortos...

H—ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO—*As melhores paginas da poesia portuguesa*, 1931.  
Sem o sub-título. Na segunda quadra:—«A Fé implora...» e «não vão confortos...».

Demonstrado fica que os publicistas do soneto alteraram a pontuação ou por descuido quando o copiaram, ou para dar a inflexão recitativa consoante o seu sentimento individual.

1889—ADOLFO VASQUEZ GOMES—*Perfiles de republicanos portugueses ilustres: Teófilo Braga*, artigo no *El Telegrama*, da Coruña, n.º 4:563, ano XVI.

—RAFAEL MARIA DE LABRA—*Portugal contemporaneo*. Madrid.

1890—DON JOSÉ CARRACIDO—*Publicistas portugueses. Teófilo Braga*, artigo no *Imparcial*, de Madrid, 1 de Fevereiro. Foi a tradução portuguesa publicada na *Actualidade*, n.º 31, ano XVII. Porto.

—M. L.—*Theophilo Braga*, artigo nos *Echos da Avenida*, n.º 25.

—M. CURROS ENRIQUEZ—*Teófilo Braga*, artigo em *El País*, de Madrid, n.º 978, ano IV.

—MAXIME FORMONT—*Le mouvement poétique contemporain en Portugal*, estudo na *Revue mensuelle du monde latin*, Maio.

—HEDWIG WIEGGER, artigo no *Modern Dichtung*, Abril.

—D. MILELLI—*Il Libero delle prose*.

1891—MAXIME FORMONT—*Bernardim Ribeiro, poète portugais, d'après une recente biographie*, artigo na *Revue mensuelle du monde latin*, tomo XXIII.

1892—LADISLAU BATALHA—*Theophilo Braga*, artigo em *O Recreio* n.º 1. XIII série. Lisboa.

—TEIXEIRA BASTOS—*Camões e o sentimento nacional*, artigo na *Revista dos Lyceus*, ano 1.º, n.º 9, Porto.



1892—[ANÔNIMO]—*Camões e o sentimento nacional*, artigo na *Revista de Portugal*, vol. III.

—CANDIDO DE FIGUEIREDO—*Historia da Universidade de Coimbra*, artigo em *O Portuguez*, n.º 1:304.

—LINO D'ASSUMPÇÃO—*Idem*, artigo em *O Dia*, de 26 de Janeiro.

—MANUEL PINHEIRO CHAGAS—*Idem*, artigo no n.º 3:596 d'O *Paiz*, do Rio de Janeiro.

—ANGELO DE GUBERNATIS—*Idem*, artigo na revista *Natura ed Arte*, n.º 6. Fevereiro. Milão.

—TEIXEIRA BASTOS—*Ideas geraes sobre a evolução da Pedagogia em Portugal*. Coimbra.

—MANUEL PINHEIRO CHAGAS—*Os descobrimentos portuguezes e os de Colombo. Tentativa de coordenação historica*. Lisboa.

Escreveu o autor referindo-se ao volume intitulado *Lendas Christãs*:

«Este livro do snr. Teófilo Braga é na verdade excelente e foi-me de um grande auxílio neste estudo acêrca das viagens da lenda do Prêste João. A não ser o livro de Marco Polo e os artigos do illustre sinólogo Pauthier, que consultámos directamente, as fontes que citamos são as que o snr. Teófilo Braga aproveitára e indicára. Folgamos de prestar esta homenagem ao nosso illustre confrade, porque, apesar de estarmos muito em desacôrdo com alguns dos pontos de vista dêste seu novo livro, não deixamos de reconhecer que é mais uma prova do muito talento e da muita erudição do seu autor».

—[FRANCISCO JOSÉ] TEIXEIRA BASTOS—*Theophilo Braga e a sua obra. Estudo complementar das modernas ideias da litteratura portugueza*. Porto. Lugan & Genelioux, ed.

—CALDAS CORDEIRO—*Critica bibliographica. Theophilo Braga e a sua obra*. Porto 1893.

1893—MANUEL PINHEIRO CHAGAS—*Relatorio dos trabalhos lidò na sessão pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 17 de Dezembro*, publicado nas *Memorias da Academia*. Segunda classe, VII pt., I.

Refere-se à conferência de T. Braga sôbre a *evolução das litteraturas romanicas*, á *Historia da Universidade de Coimbra* e *Cartas do Padre Bartolomeu de Gusmão*.

1896—ANTONIO PADULA—*I Nuovi Poeti Portoghesi. Studio. Edizione fuori di commercio. Napoli. Stab. Tip. Pierro e Veraldi.*

1897—OLIVEIRA LIMA—*Aspectos da litteratura colonial.*

—LAURO SODRÉ—*Crenças e opiniões. Belem do Pará.*

—CAMILLO CASTELLO BRANCO—*A Maior Dor Humana. Tradução italiana de Diego Garoglio. Genova. 1897. Ed. de Joaquim de Araujo.*

1898—ADRIANO AUGUSTO DE PINA VIDAL—*Sessão Publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 11 de Dezembro de 1898.*

Na p. xxxi, com referência ao labor de Teófilo sobre *Dom Francisco de Lemos*, escreveu:

«O nome que firma este trabalho dispensa qualquer elogio; a vasta erudição e incansável actividade scientifica e literária do nosso ilustre consócio grangearam-lhe uma tam justa reputação, que o seu nome é como que um sêlo autenticando o grande valor da obra em que se impõe».

1899—FRAN PAXECO—*Os escritores portuguezes. I. Teófilo Braga—Esboços. Tip. do «Diario de Noticias». Manaus.*

—GOMES LEAL—*Fim de um mundo. Satyras Modernas. Porto. Liv. Chardron. 1899. No cap. «Caricaturas a carvão»:*

Magro, sobrio, modesto, eis um sabio de *arromba!*...

Mal no beiral a pomba

arrulha... põe-se a pé, como um somnambulo sabio.

Se fosse um bom senhor de castellos roqueiros,

dêra donas e archeiros,

não por noiva ducal... mas por velho *alfarrabio*.

1900—FRAN PAXECO—*O sr. Sílvio Romero e a litteratura portugueza. [Apreciações das criticas de Tobias Barreto, Araripe Junior, Clovis Bevilacqua, José Verissimo, Joaquim Nabuco e outros. Com uma carta final sobre umas insinuações de Sílvio por Teofilo Braga]. Editores—A. P. Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup> Maranhão.*

—*Mensagem do Centro caixeiral ao Dr. Teofilo Braga. Maranhão. 1900.*

1912 — HOMENAGEM. Número unico, dirigido por Annibal Cruz e Roque dos Reis e dedicado ao Dr. Theophilo Braga. Gloria da litteratura portugueza e apostolo insigne da Democracia. Figueira da Foz, 24 de Março de 1912.

Nas quatro páginas dêste pequenino jornal escreveram: Pedro Fernandes Thomaz, Carlos Batista, tipógrafo; M. Cardoso Martha, João de Barros, João Gil Junior, Annibal Cruz, Manuel Cruz e Agostinho Fortes.

—FERNANDES AGUILO—*Theophilo Braga e a «Alma Portuguesa»* (Critica aos Doze de Inglaterra). Porto. Liv. Chardron.

—MAGALHÃES DE AZEVEDO—*Homens e Livros*. Rio de Janeiro.

—J. A. RAY DALLAS—*Portuguezes e Brasileiros. Theophilo Braga. Esboço*. Livros Modernos de Alvaro Abranches & C.<sup>a</sup> Porto.

—ANTONIO PADULA—*La Visione dei Tempi di Teofilo Braga. Appunti di critica e saggio di traduzione del portoghese*—(Pel Congresso internazionale di scienze storiche)—... Napoli. Stab. Tip. Pierre e Veraldi nell' Instituto Casanova. 1902.

1903 — CANTO da Poesia da Velha (M. Grinalde)—*Os nossos poetas. Melodias portuguesas*, (letra e musica). Lisboa MCMIII.

1904 —XAVIER DE CARVALHO—*De Garrett a Théophile Braga et à Eça de Queiroz*—Discours prononcé le 10 décembre 1903 à la Société d'Études Portugaises. Paris 1904.

—POMBALE LEBLANC—*Le Portugal littéraire d'aujourd'hui*. Paris.

—LUIZ MORAIS—*Perfil de Theophilo Braga*, crônica no *Heraldo de Madrid*, reproduzida na *Vanguarda*, de Lisboa, n.º 5767 de 7 de Agosto.

1906 —SILVIO ROCHA—*A Patria Portuguesa. O territorio e a raça. Apreciação do livro de igual titulo de Theophilo Braga*. Lisboa. Liv. Classica Editora.

—ANATOLE FRANCE—*Vers les Temps meilleurs. décoré de onze portraits dessinés par Auguste Leroux et Steinlen et gravés par Ernest Florian et Perrichon*.—Éditions d'art. Edouard Pelletan. Paris.

**SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE**

184, Boulevard Saint-Germain, 184

**LE SAMEDI 24 FÉVRIER, à 8 h. 1/2 du soir**

En l'Honneur du Grand Savant Portugais

**THEOPHILO BRAGA**PROFESSEUR, HISTORIEN, POÈTE, CRITIQUE PHILOSOPHIQUE  
ET CHEF DE L'ÉCOLE POSITIVISTE DU PORTUGAL**FÊTE LITTÉRAIRE**

SOUS LA

Présidence de **M. Anatole FRANCE**, de l'Académie Française

Organisée par la

**SOCIÉTÉ DES ÉTUDES PORTUGAISES****SIÈGE SOCIAL : 11, rue Bergère — PARIS****BON POUR UNE FAMILLE**1906—ROCHA MARTINS—*Cincoenta annos de litteratura*, artigo na *Illustração Portuguesa*. Lisboa. N.º 1, de 26 de Fevereiro.—JOAQUIM DE ARAUJO—*A «Vida de Bocage» do sr. Theophilo Braga*. Genova. Tip. e Lit. Pietro Pellas.

1906—PHILÉAS LEBESGUE, artigo no *Mercure de France*. Dezembro.

—FRANCISCO SIMÕES RATOLLA (Allotar)—*Traços biographicos do Dr. Theophilo Braga*. Lisboa. Typ. do Commercio. 1906.

1907—ANTONIO CABREIRA—*Allocução proferida na sessão de homenagem a Theophilo Braga realizada no Grande Club de Lisboa em 24 de Fevereiro de 1907 pelo presidente . . . (Separata do «Instituto»)*. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1907.

—Prof. ANTONIO PADULA—*Camoens e Teofilo Braga. (Estratto dalla Rassegna Italiana)*, fasc. IV. Anno XVI. 1908. Edizione della Rassegna Italiana. Napoli.

—ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO—*Como trabalham os nossos escritores*, artigo publicado em 1907 no mensário *Serões*, e republicado em 1916 no livro *Grilhetas*...

«Theophilo Braga mora num prêdiosinho azulejado e estreito da travessa de Santa Gertrudes. É ali que tem o seu gabinete de trabalho, uma sala cujas paredes estão revestidas pela livraria e inteiramente cheia de papéis e documentos de que o escritor se vai servindo para os seus trabalhos a fazer. Escreve em largas fôlhas de papel, de um lado e outro. A sua caligrafia é rápida, fina e irregular, e a sua forma, espontânea, regular e natural. Quando tenciona fazer algum trabalho leva para junto da sua mesa todos os livros e todos os materiais que com êle se relacionam. Então começa escrevendo, isoladamente, sem convivências mais que as dos seus livros e a dos seus alunos e em curto espaço de tempo dá-nos um volume cheio de erudição. Com êste método, escreveu o melhor de cem volumes que compõem a sua obra. A manhã passa-a a fazer a sua correspondência. É metade do dia passado a fazer a «desimpedir a outra metade» segundo a sua frase. Nunca pediu nada e nada deve senão ao seu próprio esforço. Uma vida de trabalho que é uma vida de exemplo. Que os que começam e mesmo muitos que já começaram ponham ali os olhos!».

1908—ALMACHIO DINIZ—*Zoilos e esthetas (figuras literarias)*, Porto 1908. Livraria Chardron.

Crítica ao volume *Garrett e os dramas romanticos*.

—MANOEL CARDOSO MARTHA—*Desenhadores Portugueses de «ex-libris»*. Figueira da Foz.

—DELFIN [de Brito Monteiro] GUIMARÃES—*Bernardim Ribeiro (o Poeta Crisfal)*. *Subsidios para a historia da literatura portuguesa*. Lisboa.



1908—[JOSÉ TIMOTEO] DA SILVA BASTOS—*Perfis de intelectuais*. Lisboa 1908. Foi republicado o capítulo *Theophilo Braga, sua disciplina mental*, no livro *50 anos de magisterio*.

—*Quinquagenario. 1858 a 1908. Cincoenta annos de actividade mental de Theophilo Braga julgado pela critica contemporanea de tres gerações litterarias. Homenagem organizada por Marques Braga, Afonso Lopes Vieira, Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Mayer Garção, Botto Machado, Alvaro Afonso Barbosa, Frederico Parreira, Urbano Rodrigues, Heliodoro Salgado (falecido)*, Lisboa. José Bastos & C.<sup>a</sup>

1909—JOAQUIM COSTA—*Alma Portuguesa (Ensaio de critica litteraria)* Porto.

—DELFIN [de Brito Monteiro] GUIMARÃES—*Theophilo Braga e a lenda do Cristal*. Lisboa.

—MARTIM BÉSSA—*Teofilo Braga*, conferência no Culto Literário Machado de Assis, em Belem-Pará, a 24 de Fevereiro.

—HEMETERIO ARANTES—*Fr. Agostinho da Cruz. Notas á margem duma Historia dos Quinhentistas*. Lisboa. Guimarães & C.<sup>a</sup>

1910—ROCHA MARTINS—*O Chefe do Governo Provisorio*. Na *Illustração Portuguesa*. 244, 24 de Outubro.

—MAYER GARÇÃO—*Theophilo Braga*, artigo no bi-mensário *Varões assinalados*. Número de Outubro de 1910.

—FIDELINO DE FIGUEIREDO—*Historia da critica litteraria em Portugal*. Lisboa.

Tem um capítulo acêrca d'«o positivismo applicado à crítica—o Sr. Th. Braga».

1911—FRANCISCO SIMÕES RATOLLA—*Theophilo Braga—Traços biographicos. Segunda edição muito augmentada, com o retrato e fac-simile da assignatura do biographado. Comp. e imp. na Tip. A Nacional. 38 R. Conceição da Gloria 40*. Lisboa.

1911—VEIGA SIMÕES—*A Geração Nova. Estudo sobre as tendencias actuaes da literatura portuguesa. Coimbra F. França Amado, editor.*

Além da dedicatória, tem um capítulo (pp. 65 a 67) acêrca de Teófilo Braga.

—MIGUEL MELO—*Eça de Queiroz, a obra e o homem.* Rio de Janeiro. Refere-se a Teófilo.

—FLEXA RIBEIRO—*Fialho de Almeida,* Lisboa.

—ABDIAS NEVES—*Psychologia do christianismo.* Terezina.

—PAULO BARRETO (JOÃO DO RIO)—*Portugal de Agora.* Rio de Janeiro.

1912—RIBERA I ROVIRA—*Portugal literari. Barcelona.*

—*Trechos Lapidares. Na homenagem nacional a Theophilo Braga (LXIX anniversario) Imprensa Libanio da Silva, Lisboa.*

Opúsculo de 20 páginas colaborado por: A. Herculano, A. F. Castilho, Gomes Monteiro, Bulhão Pato, A. Quental, C. C. Branco, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, R. Ortigão, L. Cordeiro, A. Conceição, A. Botelho, R. Capella, F. Adolfo Coelho, José de Lacerda, Basilio Telles, José d'Amaral, C. de Figueiredo, A. Braga, José Caldas, Veiga Simões, Alice Pestana, Condessa Proença a Velha, C. Michaëlis Vasconcelos, A. Rocha, M. Alcoforado, H. Salgado, Bruno, A. M. Freitas, Silva Cordeiro, Conde de Villa Franca, J. de Barros, Silva Bastos, A. Pimenta, Reis Damaso, Julio de Mattos, R. Velloso, Gaston Paris, Littré, M. Nordau, A. France, E. Corra, P. Lebesgue.

—JOAQUIM DE ARAUJO—*XIV de Setembro (1911). Stoicismo Divino, por.... Carta ao autor por Theophilo Braga. Editor: Visconde de Faria. Impresso em cincoenta exemplares, fóra do commercio. Augsborg 1912.*—Pelo falecimento da esposa de Teófilo, o poeta J. de Araujo enviou ao seu «amigo de tantos anos, mestre de sempre» o seguinte soneto:

Que deserto! Dois filhos immolados  
Nas mãos geladas da Ceifeira escura,  
Guiando-se, um ao outro, á sepultura,  
No alvorecer de sonhos incantados!

E da lança da Dôr atravessados,  
Os paes, unidos na afeição mais pura,  
Acorrentados pela desventura,  
Olhavam-se, no vácuo, hallucinados...

Mas o Deserto é bem maior agora :  
—Cae no abismo da Morte a companheira  
Do ingente sabio, que a encontrou na aurora

Da Mocidade, como guia e exemplo...  
E Elle, evocando a sua vida inteira,  
Sente-se um stoico—, no Universo, um templo...

Agradeceu Teófilo em 17 de Outubro, nos seguintes termos :

BOM AMIGO JOAQUIM DE ARAUJO.—Não sei com que palavras agradecer as suas consoladoras cartas, no meio de mais este descarrilamento da minha vida. Sentir uma piedade, ainda que de longe, é um grande alento para não succumbir; e quando essas palavras fixam uma emoção na forma bella da Arte, como é a do seu soneto *Stoicismo divino*, sente-se o alivio de que essa dôr se prolongará na condolencia dos outros. Conservarei o soneto, sumamente bello pelo seu realismo, pois que é um documento altamente expressivo. Aqui estou sosinho na mesma casa, e na mesma forma de viver, mas cerca-me o vacuo. De ha muito tempo ia minha mulher decahindo physica e intelectualmente; os medicos diagnosticavam uma neurasthenia banal, que eu ia combatendo fortificando-lhe a vontade. Mas, no meu intimo, pela observação das ideas e movimento, ia reconhecendo as manifestações de amollecimento cerebral. Preparava-me para acompanhar esta lenta decadencia, sem pensar que tomasse tam rapidamente a fórma aguda; custava-me muito a vel'a desinteressar-se de tudo em volta de si; já não dirigia a casa, não comprehendia as coisas e afligia-se pelo seu esquecimento. Quando menos se esperava, veio-lhe uma congestão do figado, e dahi um desmoronamento rapido. No momento do ataque eu vi logo pela physionomia, pelos suores do rosto e apasiguamento dos olhos, que era a morte. Ao fim do tratamento de alguns dias, disse-me o medico que nada havia mais a fazer e que restava a enfermagem. Pela enfermagem consegui prolongar-lhe a vida desde maio até 14 de setembro e para que? Para vel'a perder a consciencia, a intelligencia, os movimentos, as formas de mulher, secando-se com um emagrecimento, que lhe alterava a physionomia. Já nada restava daquella criatura da alegre mocidade; e esta forma de morte é mais terrivel para quem sobrevive. Já não me conhecia e não falava nas ultimas horas, no largo paroxismo da quarta-feira para a quinta. Assisti-lhe a todos estes momentos, e vi o afundar-se e apagar-se do seu ultimo alento; um combate, como o de um remador que luta contra a ressaca, e, cansado, pára e recúa cada vês mais. Depois, chega-se a comprehender, neste esforço de arrancamento, que a morte é um descanso. Senti isto no seu ultimo gesto. Depois vi um quadro para mim novo: a physionomia pacificou-se, e tomou o aspecto suave de uma outra época minha conhecida. Até as creadas, que velaram comigo junto della, não quizeram que tivesse o rosto coberto, porque o seu aspecto natural e seu conhecido não lhes infundia medo. Emfim, querido amigo, volto a ser o antigo estudante solitario. Amei, fiz a minha familia, trabalhei para ella, e, nesta trajectoria da vida, perdi os filhos, agora a esposa—, e acôrdo de um sonho, de um idillio, de uma tragedia, de um naufragio, de quarenta e três anos. Valeu a pena? Anthero diria que não; eu acho que foi uma revelação da vida equilibrada entre duas realidades e altos ideaes. E já é uma grande coisa poder dizer:—VIVI.

Um abraço do seu amigo.—*Theophilo Braga.*

Joaquim de Araujo escreveu, pouco depois estoutra carta até agora inédita:

MEU QUERIDO THEOPHILO.—Cuido que se perdeu a ultima que lhe enderecei, e tenho pena porque foi sob a impressão das bellas palavras que o meu amigo me dirigiu—, que eu a tracejei. Que linda, que admiravel, que *verdadeira* carta a sua! É um destes documentos humanos, que consolam, porque dão a bella, a magnifica medida do que vale um homem. A minha carta pedia-lhe o favor de me deixar publicar a sua com o soneto, de que ella é um magnificante commentario. Seria uma edição de cincoenta exemplares, fóra do mercado, para amigos seus e meus. E eu pediria ao Emilio Teza para traduzir em italiano o soneto, o que daria mais realce á brochurasinha, que, acaso, se eu sahisse d'aquí, seria o meu adeus bibliografico a esta cidadesinha, onde livre de odios e paixões, passei alguns annos numa quietude, que me alumiará pela vida fóra com saudades.

O opusculo com a sua carta *ficaria*, porque a sua carta tem o valor extraordinario; e a referencia final ao Anthero —único nome nella citado— dá-lhe um enorme valor moral. Á hora a que o meu am.<sup>o</sup> me descreve os anceios crueis do seu naufragio, visto do hymalaia da Serenidade e da Paz—, que é que lhe lembra? É o seu companheiro de Coimbra, para o citar sem um laivo de despeito—, para o citar *ali*, naquella carta! É de uma grande belleza moral!

Se, porém, o meu am.<sup>o</sup> recebeu a epistola que eu julgo perdida e o seu silencio quer dizer que não approva a minha idea, então basta o mesmo silencio a esta, e a publicação fica de parte. Mas, reputo isso como m.<sup>to</sup> aceitavel, embora tenha ideias oppostas. E eu que puz no regaço de sua Esposa a unica commemoração feita ao seu jubileu de professor, queria agora sobre a sua derradeira jazida depôr as violetas daquelle Soneto, com o mais enternecido commentario que elle poderá jamais despertar.

Vi o seu nome entre os dos eleitos do seu Directorio. Não sei porquê, mas, *muito criticamente*, acredito que o meu am.<sup>o</sup> não aceita... Mas como não foi para politica que tomei da penna, abraço-o, estreitamente, finalizando esta. Seu m.<sup>to</sup> do c.—5 de novembro de 1911.—*Joaquim de Araujo*.

1912—ANTONIO EDUARDO DA COSTA FERREIRA—*Hymno Theophilo Braga*.  
24 de Março de 1912. Verso de Levi Bensabat.

1913—Dr. JOSÉ DA SILVA DIAS—*Theophilo Braga e a sua obra*. Tema da conferência realizada no Ateneu Literário de Pôrto Alegre a 13 de Maio.

—RUY COELHO—*Symphonia Camoniana. Sobre a poesia de Theophilo Braga*. Argumento. Imprensa Nacional. Lisboa.

—RUY COELHO—*Symphonia Camoneana para grande orchestra, coros e fanfarras sobre a poesia «Á morte de Camões» de Theophilo Braga*. Berlim.

1913—SILVIO DE ALMEIDA—*A máscara de um poeta* (Bernardim Ribeiro). Lisboa. Guimarães & C.<sup>a</sup>

1914—ANTONIO MARIA DE FREITAS—*Bódas de Ouro da Epopéa Humana (1864 a 1914)—Crítica Synthetica da Visão dos Tempos de Theophilo Braga*—Lisboa. Livraria Moderna.

—FIDELINO DE FIGUEIREDO—*Historia da Litteratura Realista*. Lisboa. 1914. no capítulo *os poetas*.

—DR. MARTIN BRUSSOT—*Theophilo Braga*, artigo na revista *Das Literarische Echo*, de Berlim, número de 1 de Junho de 1914. Foi traduzido, para português, pelo Prof. Gustavo Ramos e impresso em folha solta, que não entrou no mercado nem tem indicação de tipografia.

1915—RICARDO [DE ALMEIDA] JORGE—*Contra um plágio do prof. Theophilo Braga. Dados para a etho-psicologia literaria duma pedantocracia*. Lisboa. Teve 2.<sup>a</sup> edição em 1917.

—FILIPE FRANCO DE SÁ—*A lingua portuguesa*. Maranhão.

—ANTERO DE QUENTAL—*Cartas de Anthero de Quental*. Coimbra, *Imprensa da Universidade*.

De pp. 269 a 281 restampa oito cartas dirigidas por Antero a Teófilo, já primitivamente publicadas nos *Quarenta annos de vida literária*.

João Machado de Faria e Maya na introdução a esta compilação histórica refere-se bastante a Teófilo.

1915—FRANCISCO SIMÕES RATOLLA—*Teofilo Braga. Traços biograficos e bibliografia teofiliana. Com um breve prologo de M. da Silva Reigoso*. Lisboa.

1916—JORDÃO DE FREITAS—*Cervantes e Argensola (A proposito duma comunicação academica do Sr. dr. T. B.)* Lisboa Soc. ed. José Bastos. 1916.

—*Notas bibliográficas [versão hebraica do Amadis de Gaula] in Revista de Filologia Española. Tômoo III. Madrid 1916.*



1917—FRAN PAXECO—*A Escola de Coimbra e a dissolução do romantismo*. Lisboa. Casa Ventura Abrantes, ed. 1917.

—FRAN PAXECO—*Teófilo no Brazil*. Lisboa ed. 1917.

—MARQUES BRAGA—*A obra de Teófilo Braga e as tradições portuguesas*. Conferência realizada em 21 de Fevereiro de 1917. Sep. dos Trabalhos da Acad. de Sciencias de Portugal. 1.<sup>a</sup> Serie. Tomo VI. Coimbra, Imp. da Universidade. 1917.

—FRAN PAXECO—«Visão dos Tempos» *Epopéa da humanidade*. Conferência realizada em 21 de Fevereiro de 1917. Sep. dos Trabalhos da Acad. de Sciencias de Portugal. 1.<sup>a</sup> Serie. Tomo VI. Coimbra, Imp. da Universidade. 1917.

—A. DO PRADO COELHO—*Teófilo Braga e a História da Literatura Portuguesa*. Conferência realizada na Universidade Livre em 22 de Fevereiro de 1917. Sep. dos Trabalhos da Acad. de Sciencias de Portugal. 1.<sup>a</sup> Serie. Tomo VI. Coimbra, Imp. da Universidade 1917.

—ANTÓNIO CABREIRA—*Teófilo Braga e o positivismo. As filosofias da inteligência, do sentimento e da acção*. Conferência realizada em 22 de Fevereiro de 1917. Sep. dos Trabalhos da Acad. de Sciencias de Portugal. 1.<sup>a</sup> Serie. Tomo VI. Coimbra, Imp. da Universidade 1917.

—JORDÃO DE FREITAS—*Dom Bento de Camões e o Principe dos poetas lusitanos*. Lisboa. 1917.

1918—CAMILO CASTELO BRANCO—*Como Deus castiga e Esparsos*. Lisboa.  
No capítulo acêrca de José Gomes Monteiro.

1920—FRANCISCO MARIA SUPICO—*Mocidade de Theophilo—Subsidios bio-bibliographicos para o estudo da obra de Theophilo Braga*.—Lisboa Instituto Theophiliano.

1921—A. DO PRADO COELHO—Prof. do Liceu de Pedro Nunes.—*Teófilo Braga. (Subsidio para a História Literária Contemporanea, com documentos inéditos)*. Tip. Eduardo Simões & C.<sup>a</sup> Lisboa.

Na capa «Bodas d'ouro no magistério. 1872-1922. T. B. por ... Instituto Teofiliano, Lisboa».

1922—BODAS DE OURO NO MAGISTÉRIO. 1872-1922. [mascara de T. B. por Humberto Pelágio] *Livraria Chardron de Lélo & Irmão, L.<sup>da</sup> ... Porto.*

No frontispício desenho de Anthero Leal, com três fotos do homenageado em 1872, 1880 e 1922. Este álbum foi organizado pela comissão de amigos: Dr. S. Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Alexandre Ferreira, Alvaro Neves, Dr. Carlos de Lemos e A. do Prado Coelho.

Colaboraram: Agostinho Fortes, Gabriel Séailles, João Grave, Gilberto Beccari, Julio Brandão, Eduardo Juliá Martinez, A. Aurelio da Costa Ferreira, Philéas Lebesgue, Marques Braga, Francesco Consentini, A. do Prado Coelho, Tomás da Fonseca, Paulina Luisi, José M. Cordeiro, Julia Cunha, Teresa Leitão de Barros, Madalena Prieto, Maria Clara Correa Alves, Gabriel Alomar, Cruz Magalhães, Fernão Boto Machado, J. Roaz Rosa, Fernando Lozano, Mayer Garção, Magalhães Lima, Antonio Serras Pereira, Carvalho Neves, Pere Corominas, Albano Coutinho, João A. Fonseca Junior, Xavier da Silva, A. Pigiwer e Giuseppe Leti.

—A. DO PRADO COELHO—*Theophilo Braga no ensino público.* Lisboa.

—JOÃO SARAIVA—*Satyras.* Lisboa. Portugal-Brasil ed.

—*50 Anos de magisterio 1872-1922. Theophilo Braga perante as gerações escolares de 1872 a 1922 por ... Lisboa. Instituto Theophiliano. Tipografia «Eco musical». 1922.*

Volume de VIII + 232 páginas. Insere os estudos dispersos acêrca do notável professor:

Teixeira Bastos—*Theophilo Braga e a sua obra.* Excertos do livro publicado no Pôrto em 1892.

Caldas Cordeiro—*T. Braga e a sua obra.* Excerto do volume publicado no Pôrto em 1893.

Reis Damaso—*T. Braga e o inicio de uma época.* Saíu antes em folheto.

Agostinho Fortes—*J. Theophilo Braga. Caracter e individualidade,* artigos publicados no *Seculo*, n.º 676, suplemento, 20 de Outubro de 1910 e em *A Verdade*, n.º 154, 1 de Novembro de 1907 e 3 de Janeiro de 1904.

Prado Coelho—*Theophilo Braga e a História da Literatura Portuguesa.* Conferência na Universidade Livre em 22 de Fevereiro de 1917.

Antonio Ferrão—*O Estheta e o Pedagoga.*

Pedro A. de Azevedo—*T. Braga e a resolução do pseudonimo Avelaneda.* Saíu na *Revista pedagogica*, 2.º ano, n.º 89.

Ladislau Batalha—*T. Braga e a Historia Universal,* artigo de *O Recreio.* 1892.

D. Tomaz de Noronha—*Perfil de T. Braga,* parte do artigo do jornal *Novidades* n.º 6:810, 25 de Julho de 1906.

Cristovam Aires—*T. Braga. Perfis Litterarios,* do *Diario de Noticias*, n.º 5:124, 12 de Maio de 1880.

Ginestal Machado—*T. Braga no seu 50 aniversario de actividade literaria*, artigo no *Debate*, 20 de Fevereiro de 1908.

Joaquim d'Araujo—«*A vida de Bocage*» do Sr. Th. Braga.

Eloy do Amaral—*Homenagem ao Dr. Th. Braga*, do número único publicado em Março de 1912 na Figueira da Foz.

Fernandes Agudo—*Subsidios para a vida de José Agostinho de Macedo por Innocencio F. da Silva*.

Fernando Reis—*O mentor intelectual e moral das novas gerações*.

Silva Bastos—*Th. Braga sua disciplina mental*, do livro *Perfis intellectuais*. Lisboa 1908.

D. Julia Cunha—*Th. Braga, o mestre e guia, sua disciplina mental*. Homenagem na Câmara Municipal de Lisboa em 22 de Julho de 1922.

1923—HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA—*Garrett e o Brasil—Notas bibliographicas. Rio de Janeiro*—separata da «Revista da Lingua Portuguesa».

—DELFIM GUIMARÃES—*Um livro de T. Braga anotado por Camilo*. Artigo no *Arquivo Literario*. Vol. I, pp. 185-191.

1924—JACINTO NUNES—*Teofilo Braga*, carta datada de *Grandola 22 de Fevereiro de 1924* e publicada n' *O Jornal*, de Lisboa, número de 26 de Fevereiro do mesmo ano:

«Na sua sessão de 5 do corrente mês prestou a Comissão Executiva a devida homenagem á memória de Teófilo Braga, consignando na acta um voto de sentimento pela sua morte.

Ao comunicar para *O Jornal* tão justa deliberação, aproveito o ensejo para prestar aos encarregados de traçar a biografia do portentoso homem de letras elementos que por ventura desconheçam, e a que importa dar publicidade, como vai ver-se:

Um estudante que em 1864 frequentava com muita intelligência a Faculdade de Direito viu-se, por falta de meios, na dura necessidade de ter de sair de Coimbra, recolhendo-se à terra da sua naturalidade.

Ao saberem de tão triste situação, reüniram immediatamente alguns dos seus amigos para tratarem de obter os meios indispensáveis para êle poder continuar em Coimbra até concluir o curso. E, porque nenhum deles dispunha de meios próprios para auxiliar o estudante, propôs o Teófilo Braga e os companheiros aprovaram que se desse com a maior brevidade possível à publicidade uma fôlha exclusivamente literária que tivesse por titulo *A Crisalida*.

Poucos dias depois, começou a fôlha a publicar-se, e tão bem foi acolhida, principalmente pelos estudantes, que começou logo por render o suficiente para o estudante passar a viver desafogadamente em Coimbra até concluir a sua formatura.

Dois anos depois, se bem me recordo, foi nomeado delegado do procurador régio para uma comarca qualquer, seguindo assim a carreira da magistratura até se elevar ao Tribunal da Relação do Pôrto, onde faleceu, não sei já, ha quantos anos.

Em *A Crisalida* que era dirigida por Teófilo Braga colaboravam o referido estudante e outros académicos, de cujos nomes me não recordo já, mas tenho uma vaga idea de que dois de entre elles eram Preto Pacheco e o illustre poeta Simões Dias, também já falecido. Um outro colaborava em *A Crisalida*, mas esse não o nomeio, por não ter merecimentos para ser Plutarco de si próprio.

O que fica exposto prova sem a menor dúvida que Teófilo Braga foi *também* dotado dum bom coração, o que a ignorância, ou a inveja, por vezes lhe negou.

1924—MARGARIDA DE PADUA LEAL—*Na morte do Dr. T. B.* Soneto no mensario *O Pirlampo* n.º 4, de Fevereiro.

—ANATOLE FRANCE—*T. Braga.* Artigo no quinzenário académico *A Revolta*, Coimbra, 15 de Fevereiro.

—MANUEL MONTEIRO—*Teofilo na morte.* No citado número do quinzenário *A Revolta*.

—C. L.—*Uma grande figura que desaparece.* Artigo no jornal *A Batalha*. 29 de Janeiro.

—COLOMBINE [D. CARMEN DE BURGOS Y SEGUI]—*Recuerdos de Teofilo Braga*, artigo no *Heraldo de Madrid*, 31 de Janeiro.

—FRAN PAXECO—*A morte de T. Braga. Os ultimos trabalhos e as ultimas vontades do grande escritor*, artigo em *O Seculo*.

—ROCHA MARTINS—*A morte de Teofilo*, artigo no n.º 57, 2 de Fevereiro de 1924 do panfleto semanal *Fantoches, bastidores da politica e dos negócios*.

—ROCHA MARTINS—*O dinheiro do mestre Teofilo*, artigo no n.º 58, 9 de Fevereiro, do *Fantoches*.

—ROCHA MARTINS—*Os bastidores da historia contemporanea. Ditos, sínteses e comentários de Teófilo*, artigo no cit. n.º 58 do *Fantoches*.

—Juízo de Direito da 3.<sup>a</sup> Vara Cível [de Lisboa]. Escrivão: Lopes Ferreira. Inventário Orfanológico. Inventariado: Dr. Joaquim Fernandes Teófilo Braga. Cabeça de casal: D. Maria do Espírito Santo Braga George.

1924 — FRAN PAXECO — *Teófilo Braga, poeta, mestre e historiador literário*. AGOSTINHO FORTES — *A obra do sociólogo*. MAGALHÃES LIMA — *Teófilo político e idealista*. Discursos pronunciados na Sessão teofiliana, promovida pela Comissão Teófilo Braga, realizada na Câmara Municipal de Lisboa em 23 de Fevereiro de 1924 e publicados quasi na íntegra em *O Seculo* e *Diario de Noticias* do dia immediato.

— DE VÁRIOS — Acêrca do manuscrito de Teófilo sôbre *Camões*, consulte-se: *Diario de Lisboa*, dos dias 25, 27, 28 de Fevereiro e 1 de Março; *O Mundo*, de 13, 19 e 20 de Fevereiro de 1924.

— AGOSTINHO FORTES — *Teófilo Braga*, artigo na *Illustração Portuguesa*, n.º 940, de 23 de Fevereiro de 1924.

— FIDELINO DE FIGUEIREDO — *A lição de uma vida*, artigo no *Jornal do Rio de Janeiro*, n.º 5, de Março de 1924, reproduzido no livro *Epicurismos*, Lisboa 1924.

— MATEUS MORENO — *Figuras do mês. Dr. Teófilo Braga*, artigo na *Alma Nova*, Janeiro-Março.

— J. M. DE QUEIROZ VELOSO e ANTÓNIO FERRÃO, discursos de homenagem na sessão da classe de letras da Academia de Ciências de Lisboa, de Março de 1924.

— FIALHO DE ALMEIDA — *Figuras de destaque, livro postumo*. Lisboa.

No capitulo «Bohemios» escreve:—«Em Portugal, bohemios de tipo creador, *meneur de foules*, em perpetua e fecunda reacção contra o existente poucos póde contar o livro d'ouro. T. Braga é de todos os tempos talvez o mais illustre, pela complexidão duma obra que não fulge só pelo talento e pelo methodo, senão condensa a mais prodigiosa soma de trabalho que a resistencia humana pode dar».

— EMILIA DE SOUSA COSTA — *Estes sim... venceram!* Lisboa.

— REBELO BETENCOURT — *Epistolário. Teófilo Braga na intimidade*. Duas cartas inéditas do illustre professor na *Alma Nova*, número de Abril-Julho.



1924—MISAEEL SEIXAS—*Theophilo Braga, génio da raça*, capítulo no livro *Estudos e paisagens*, 1.<sup>a</sup> edição, Pará. Livraria Clássica.

—FRAN PAXECO—*Cartas de Teófilo com um definitivo trecho autobiográfico do mestre e duas «confissões» de Camilo. Lisboa. Portugalia, editora.*

1925—ANÓNIMO—*Camões e Teófilo*, artigo no jornal *A Colonia*, de Belém-Pará, 28 de Fevereiro.

—RAUL BRANDÃO—*Memórias. Volume II. Lisboa, Livraria Aillaud & Bertrand.* No primeiro volume há duas referências sem importância, e neste reproduz uma entrevista publicada no *Diário de Lisboa*, um trecho de outra inserta no *Petit Parisien* e outras notas.

—OLGA MORAES SARMENTO—*Theophilo Braga (Notas e comentários)* Lisboa. É muito elucidativo para o estudo do distinto musicólogo.

—FRAN PAXECO—*Sobre Teófilo Braga (Esboço genealógico). Off. Graphics Guajarina. Pará 1925.*

—BOURBON E MENEZES—*Figuras Extintas. Teófilo Braga, presidente do governo provisório*, artigo no *Diário da Tarde*, 3 de Outubro.

1926—JOSÉ DO VALE—*No 2.º aniversário da sua morte*, artigo no *Rebate*, número de 28 de Janeiro.

—EDUARDO FRIAS—*Teófilo Braga, amoroso.* Palestra com o Dr. Agostinho Fortes publicada na revista *ABC*, n.º 288, de 21 de Janeiro de 1926, e porque contém notas, até então inéditas, aqui integral e excepcionalmente se reproduz:

«Foi uma magnífica, uma deliciosa tarde, essa em que o Dr. Agostinho Fortes, nos revelou um aspecto inédito da vida mental de Teófilo Braga.

O historiador hirsuto, misantropo, que vivia exclusivamente para a sua obra, era um amoroso.

—Aí onde o sr. está—diz-nos o Dr. Agostinho Fortes, no seu gabinete na Faculdade de Letras,—passou Teófilo Braga, muitas tardes dos seus últimos anos de vida.

Nesse lugar, e, porventura, nessa mesma cadeira, o meu grande e inolvidável amigo, que foi lustre e honra desta casa, e da mentalidade portuguesa, fazia horas para ir jantar à sua tebaida da Travessa de Santa Gertrudes. Aqui, os dois, Êle e eu, nios entretínhamos em conversas que, para mim, continham sempre algum ensinamento, ainda quando não assentia ao que me dizia, e para Êle, quási sempre, representavam saúdosas recordações de tempos idos, ou afirmavam ainda a exuberância da sua imaginação sempre rica, a força da sua inteligência e o inesgotável da sua afectuosidade.

Não raro, Teófilo Braga tomava para tema das suas divagações o amor, de cujas aras o meu sempre lembrado amigo foi, até aos últimos instantes, o mais fervoroso e crente sacerdote.

Filosóficamente positivista, Teófilo, como ninguém, tomou à letra o *aimer pour penser*, que constitue, como sabe, o primeiro painel do tríptico ideológico contista. Com efeito, para a mais forte actividade portuguesa do século XIX, que, sem dúvida, o foi Teófilo, o *amor* era a base, o ponto de partida, e, como tal, o determinante de toda a vida humana, quer individual, quer colectiva. *Aimer pour penser* tinha para o seu espirito o valor dum dogma, porque, por estranho que o assêrto pareça, a verdade é que ainda os espíritos estruturalmente críticos mergulham, por vezes, no dogmatismo.

—E como manifestava Teófilo Braga essa modalidade da sua vida mental?

—Revelava-a a cada passo.

Poeta, cantou sempre o amor, historiador da nossa literatura, mereceram-lhe sempre especial carinho os grandes amorosos, desde Macias, enamorado, a Camões e Mariana Alcoforado; bibliófilo, escolheu, como divisa, que ficasse indelêvelmente marcada, como a mais inconfundível característica do seu espirito, a sentença *Ne se lasse d'aimer, ni de le dire*.

—Mas êsse amor é meramente teórico, não passando de lindas abstracções, poéticas ou filosóficas.

—Ah! Não, meu amigo,—interrompe o Dr. Agostinho Fortes, com alguma vivacidade.

Os que tal pensarem, incorrem voluntária ou inconscientemente num êrro. Teófilo Braga vibra fortemente em presença da graça e beleza femininas, para êle a fonte de todas as sensações estéticas. Para êle, a mais alta expressão da beleza, a mais impecável obra estética da natureza, era uma mulher linda, o que não significa que todas as senhoras que êle amou, fôssem realmente lindas, pois que o conceito da beleza, como sabe, é muito subjectivo.

—Mas Teófilo Braga chegou a manifestar êsse modo de sentir diante de alguma mulher, ainda para além dum soneto?

O Dr. Agostinho Fortes sorri; e remata:

—Muito embora o grande, o maior amor de Teófilo houvesse tido por alvo a senhora com quem casou, e que foi para êle a companheira dedicada, amiga e inextinguível de carinho, por perto de cincoenta anos, vou dizer-lhe algumas paixões que Teófilo Braga manteve.

—E foram correspondidas?

—Quási sempre.

A música, uma das grandes absorpções de Teófilo, pianista muito apreciável, aproximara-o duma senhora, C. de P., da mais pura aristocracia portuguesa. Incontestavelmente, houve entre o sábio e essa senhora, uma das mais delicadas organiza-

ções artísticas da nossa terra, um verdadeiro idílio, que a mais não passou, embora algumas scenas de ciúme conjugal, absolutamente infundado pelo aspecto material, houvesse produzido.

Mais tarde, Teófilo enamorou-se duma humilde mulher do povo, que jámais suspeitou o culto que o grande amoroso lhe consagrava. Estanciava ela na Calçada do Cabra, perto dum pátio, onde ao tempo existia uma oficina tipográfica. Numa ida a essa oficina, Teófilo Braga, a alma sempre pronta a vibrar de amor, ou, pelo menos, do desejo do esteta, viu-a e desde então, sem que ela o soubesse, por ali ia todos os dias admirá-la. E tão fundo fôra o abalo que, como alguns apaixonados, só se sentia bem falando dela, elogiando-lhe as linhas que a sua imaginação criava tão impeçavelmente esculturais que só o cinzel dum Phidias seria digno de as reproduzir. Um dia, outro remédio não tive que acompanhá-lo a admirar a peregrina formosura; mas, confesso-lhe, não atingi os motivos da paixão do grande homem. É certo que *quandoque bonus Homero dormitat*, e eu convenci-me então de que o sentimento estético também se encontrava transitóriamente embotado por qualquer reparadora soneca.

Após a implantação da República e durante a sua presidência no Govêrno Provisório, Teófilo, não obstante os cuidados da pública administração e o labor literário que em circunstância nenhuma da vida abandonou, ainda tinha tempo para amar e para admirar a beleza feminina. Dessa epoca é o seu devaneio amoroso com D. O. M. S., senhora que tem brindado as letras lusas com alguns volumezinhos, e simultânea foi a sua adoração pela ministra, ao tempo, duma das mais florescentes repúblicas da América espanhola, senhora que, em meu entender, valia pela sua incontestável formosura e graciosidade de linhas o culto de que, sem que ela o suspeitasse, era objecto.

Seguiram-se muitas outras senhoras que, mais ou menos, excitavam a paixão de Teófilo. É que êste, verdadeiramente artista, admirador entusiasta da forma, não podia vêr impassivelmente um busto bem modelado em que, como êle dizia, duas pombas prêsas se esforçavam por se libertar, ou a orla um pouco erguida duma saia que lhe deixasse ver um tarso bem torneado que lhe desse a persuasão de que serviam de fuste a duas colunas impeçavelmente traçadas, nas quais ciosamente qual trepadeira Eros se enroscava.

O Sr. Dr. Agostinho Fortes fez uma pequena pausa, a evocar o seu saúdoso amigo, e numa emotiva transição, recorda, vai recordando sempre.

— Já na ultima fase da vida, quando o pêso dos anos fazia crêr que a paixão adormecera de vez em Teófilo, e as cãs que o enobreciam, podiam supor-se o reflexo da algidez do coração, o eterno poeta do amor vibrou mais duma vez. Chegou a pensar em casamento, fazendo uma proposta nesse sentido a D. M. C. C. A., senhora de elevadas qualidades morais e intellectuais, que gentilmente declinou o convite, para que nunca se pudesse dizer que o interêsse do vil metal a levava a ser uma das mais sinceras admiradoras daquele a quem, desvanecidamente chamava o mestre.

Dos setenta e oito aos oitenta anos Teófilo adorou duas senhoras: uma, que só conhecia pelo retrato e por correspondencia, D. S. C., a quem designava, em melifluidade arcádica, por Abuisa, senhora ainda hoje viva e residente numa pequena vila alentejana; outra, uma criança quasi, uma sua discipula, D. J. S. F. C., a Sílvia das suas mais apaixonadas epístolas amorosas, a última Musa inspiradora dos seus versos. À obsequiosidade desta última senhora, que consagra à memória de Teófilo Braga o mais enternecido culto, devo o poder dar a público dois sonetos inéditos,

que fazem parte duma colecção de cêrca de vinte que essa senhora possui e lhe foram consagrados pelo Mestre e amigo. O Dr. Agostinho Fortes abriu uma gaveta e ofereceu-me para copiar estes dois sonetos:

O poeta do amor, Lope da Vega,  
Pelo prado ao anoitecer passeia,  
Com grande inquietação, pois Dorotea  
Da jurada paixão a fé renega.

Ele quiere aplacar esta refrega,  
Já se dá por vencido e que ela o creia  
Laborando também na mesma ideia,  
A gentil dama a igual hora chega

Senta-se o poeta junto dela agora,  
Que se sorriu ao vê-lo tão cortês,  
E êle beija-lhe as mãos e mudo chora!

Qual o motivo que chorar vos fez?  
Eu respondo-vos já:—tenho, senhora,  
Olhos de criança, alma de português!

#### A UNS DESOITO ANOS

Desoito anos! aladas primaveras  
Da adolescencia cariciosa e mansa!  
Estrofes dum idílio de esperança,  
Matizado de sonhos e quimeras!

Vão deslizando entre ilusões sinceras  
Num ceu azul onde o porvir se alcança!  
São pombas mensageiras de bonança  
Anunciando felicidades veras!

Desoito anos! e cada um que passa  
Mais acentua a gentileza e graça,  
Sublimando um ingenuo sentimento:

Com a revelação de um do Oculto,  
Que leva o poeta a adoração e culto  
E ao ateu ajoelhar ao Sacramento!...

1927—ANTÓNIO SARDINHA—*Na feira dos mitos*, Lisboa 1927.

No capítulo «O Velho Teófilo» o autor penetencia-se de o ter lido e admirado, afirmando:—«deriva de Littré e de Laffite o falso positivismo de Teófilo».

—Dr. M. V. ARMELIM JUNIOR—*Açoreanos ilustres. O Dr. João Teixeira Soares de Sousa e a autoria dos «Cantos populares do arquipélago açoriano»*, comunicação à Academia das Ciências de Lisboa em 23 de Abril de 1927, publicada em *A Voz da Madeira e dos Açores*, de Lisboa, 8 de Maio de 1927.

1927—ALVARO NEVES—*Carta ao dr. Armelim Junior*, acêrca da comunicação anterior publicada na *Revista Insular e de Turismo*, n.º 10, de Julho de 1927, seguida da réplica que anteriormente foi publicada no número de 8 de Junho de *A Voz da Madeira e dos Açores*.

—JOSÉ DE CASTRO—*Teófilo Braga*, artigo no *Rebate*, de 16 de Outubro.

—ALVARO NEVES—*Quem é Teófilo Braga?* Opúsculo de 8 páginas «para ser distribuido no dia 16 de Outubro de 1927 na inauguração do monumento do inclito cidadão no jardim da Estrela». Teve tiragem em papel especial de 25 exemplares.

—ALVARO NEVES—*Monumento ao Doutor Teófilo Braga. Apontamentos para a sua história. Contas da «Comissão Teófilo Braga» pelo secretário ... Lisboa 1927.*

—ANÓNIMO—*Pela verdade*, artigo em as *Novidades*, de 14 de Outubro de 1927.

1928—CRUZ MAGALHÃES—«*Teófilo Braga e Inocêncio Francisco da Silva*», artigo acêrca dêste livro, no *Diario de Noticias*, Lisboa, 28 de Janeiro.

—AGOSTINHO FORTES—*Idem*, no *Rebate* de 28 de Janeiro.

—[ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO]—*Teófilo Braga* • *O leilão da sua casa e as impressões do jornalista que a visitou*, artigo no *Diario de Noticias*, de 28 de Abril.

—HOMEM CRISTO—*Escola de Republicanos*. xxxiii. Artigo em *O Povo de Aveiro*, de 3 de Junho.

—ANTÓNIO FERREIRA DE SERPA—*Teófilo Braga, descendente de reis pelo lado paterno e materno*, artigo em *O Seculo*, de 17 de Junho.

—REBELLO DE BETTENCOURT—*O Lirismo de Teófilo* no livro do mesmo autor *O Mundo das Imagens*. Lisboa.



- 1928—[ANÓNIMOS]—*A Herança do Dr. T. Braga e Uma reliquia bibliográfica. Foi vendida por 200 contos a livraria, manuscritos e propriedade literária do dr. T. Braga*, artigo em *O Povo*, de 13 de Outubro.
- TOMÁS BORBA—*Uma romança, um coro e um bailado*, artigo no *Diário de Notícias*, de 14 de Outubro.
- MARQUES GUEDES—*A livraria e a casa do Teófilo*, artigo no *Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 8 de Dezembro.
- 1929—ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO—*Homens de letras*, Lisboa 1930, insere o artigo que em 1927 enviou para este *In-memoriam*, onde se publica a p. 15.
- [PINTO QUARTIN]—*Teófilo Braga, os seus trabalhos artísticos vão ser revelados no «In-memoriam»*, artigo no semanário *Actualidades*, de 20 de Janeiro.
- [ALVARO NEVES e AGOSTINHO FORTES]—*Qual a importância politica do manuscrito deixado pelo dr. T. B. «Depoimento para a história da República em Portugal»*, em *O Povo*, de 28 de Janeiro.
- [AUGUSTO PINTO]—*Um leilão. Na casa onde viveu Teófilo Braga foram vendidos os seus moveis e muitos objectos de seu uso*, artigo no *Diário de Notícias*, de 11 de Março.
- FRANCISCO DA SILVA PASSOS—*Horas mansas. Acérca de Teófilo*, artigo no *Povo*, Lisboa, 15 de Março.
- ALVARO NEVES—*Dr. Teófilo Braga residente em Coimbra, 1861-1867*, artigo na *Gazeta de Coimbra*, de 12 de Setembro.
- JAYME DE BALSEMÃO—*O leilão de Teófilo Braga*, artigo primitivamente publicado na *Folha da Manhã*, de S. Paulo, Brasil, n.º 1:420, de segunda-feira 8 de Abril de 1929. Reproduzido (com alguns cortes da Censura) no *Diário dos Açores*, n.º 11:260, de 28 de Novembro.
- ANTÓNIO CABREIRA—*Teófilo Braga. Sábio, Bom e justo*, no *Diário de Notícias*, de 31 de Janeiro. É o artigo publicado a pp. 43-45 deste *In-memoriam*.

1930—HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA—*Bocage no Arquivo Histórico Militar*, separata do *Portucale*, vol. III, Pôrto. Rectifica algumas passagens do estudo de T. Braga acêrca do poeta.

—JOÃO BARREIRA—*Columbano (Ante o retrato de Teófilo Braga)*, artigo no *Diario de Notícias*, de Lisboa, número de 6 de Novembro, o qual conclui nos seguintes termos:

Ao contemplá-lo, vê-se logo que foi feito com a atenção tenaz, a penetração paciente de quem se encontra diante da fisionomia representativa de uma mentalidade forte, e a expressão de curiosidade intelectual que o anima dá-nos a nota de um cérebro em perene actividade diante das manifestações poliformes do pensamento. O olhar como que se debruça sôbre os factos para os surpreender na sua significação substancial, a bôca tem o movimento imperceptível de onde vai evolvar-se a frase sintética que os define. Depois a expressão da cabeça completa-se com a linha do corpo, modesta e tímida, dando-nos a explicação do seu viver singelo e monacal, no seu ambiente predilecto, no seu *ar respirável*, essas pilhas de livros revoltos por a todo o momento manuseados, e envolvendo-o, agasalhando-o, ungindo-o como o espírito de um crucifixo unge a cela de um místico.

Columbano faz pousar as mãos que são sempre um complemento da fisionomia activa, uma espécie de escólio à margem de um texto. Holbein, porventura o maior retratista de todos os tempos, aquele que melhor conjugou a expressão de um olhar com a linha de uma bôca, êsses dois polos intermagnéticos da face humana, antes de pintar o retrato de Erasmo fez estudos vários das mãos do célebre humanista. O retrato de Teófilo Braga, pela aguda e amorosa interpretação com que foi pintado, será, nas galerias do futuro, o nosso retrato de Erasmo.

—FIDELINO DE FIGUEIREDO—*Critica do exilio*, Lisboa 1930. Livro onde no capítulo «Donjuanismo e anti-donjuanismo em Portugal» trata do «D. Juan de Th. Braga». Êste ensaio saú na revista da Universidade de Madrid, no *Instituto de Coimbra* e na *Revista da Lingua Portuguesa* do Rio de Janeiro.

—ALFREDO PIMENTA—*Estudos filosoficos e criticos*, prefácio do prof. Ricardo Jorge. Coimbra 1930.

1931—Dr. AGOSTINHO FORTES—*Mestre Teofilo e a mentalidade portuguesa*, conferência no Gremio dos Açores, em 6 de Janeiro publicada no: *Diario de Noticias* do dia immediato, e *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, em 7 de Janeiro.

s. d.—A. BANDEIRA DE MELLO—*A morte da Polidez (A proposito das Zeverissimações ineptas do Sr. Sylvio Romero)* —. — Edição de alguns amigos.

1933—JULIÃO QUINTINHA—*Imagens de actualidade*. Lisboa.

## VI—NOTAS DE ICONOGRAFIA ARTÍSTICA

A investigação realizada para o conhecimento da iconografia do Doutor Teófilo Braga permitiu reunir número enorme de apontamentos, dos quais aqui se arquivam os caracteristicamente artísticos, omitindo a relação das fotografias dispersas por jornais e revistas, porque exigia uma cuidadosa confrontação nem sempre exequível.

## I—ESCULTURA

De TEIXEIRA LOPES :

Busto, cujo modelo em gesso existe na Câmara Municipal de Lisboa. Fundido em bronze foi erecto no monumento, no Jardim da Estrêla.

## II—PINTURA

De COLUMBANO BORDALO PINHEIRO :

Retrato de quando foi Presidente da República Portuguesa. Esta tela faz parte da galeria de retratos do Palácio Nacional de Belém. Foi reproduzido no vol. VII do mensário *Atlantida*.

## III—GRAVURA EM COBRE

De JOSÉ PEREIRA DE SOUSA :

Retrato publicado na 1.<sup>a</sup> edição da *Visão dos Tempos*.

## IV—CARICATURAS

De SEBASTIÃO SANHUDO :

—Em *O Sorvete*, n.º 31. De Outubro de 1880.

De RAFAEL BORDALO PINHEIRO :

—«A proposito do Centenario. T. B. por um lado e Ramalho Ortigão por outro, verrumam na cabeça do Zé Povinho até lhe fazerem entrar a idea do Centenario». Página d'*O Antonio Maria*, de 13 de Maio de 1880.

—«Preparativos para o Centenario. Programma para o vestuario da Commissão da imprensa apresentado pelo Antonio Maria. Como ella se devia apresentar se não fosse o nosso amor supersticioso pela sobrecasaca e chapéu alto». Página d'*O Antonio Maria*, de 3 de Junho de 1880.

—[Apontamento] na página «O Tricentenário» com a legenda: «Zé Povinho chega quasi a convencer-se de que *Os Luziadas* deve ser uma coisa talvez um pouco superior á Carta Constitucional». In *O Antonio Maria*, de 10 de Junho de 1880.

—[Apontamento caricatural] na página «A situação política», d'*O Antonio Maria*, de 16 de Junho de 1881.

—[Apontamento caricatural] na página «O Gaioleiro» com a legenda: «Attenta a vantagem de fazer cantar para as eleições os grilos do jacobinismo, vão-se-lhes preparando as gaiolas e a alface». D'*O Antonio Maria*, de 7 de Julho de 1881.

—«Pelo Circulo 95». Pág. d'*O Antonio Maria*, 25 de Agosto de 1881.

—«O Sermão do Encontro» com a legenda: «Na via sacra da opposição a procissão progressista acaba de encontrar-se com a procissão republicana. Do pulpito abaixo o prior do Carapau, encarregado do sermão do encontro, diz que a irmandade progressista está prompta a aplicar ao rei com opposição o mesmo pau que com o governo não cessou de aplicar á Republica. «Daquêlê sacratissimo lenho», brada o sacerdote, tira-se lenha para tudo. É um louvar a Deus nosso-senhor». Página d'*O Antonio Maria*, de 1 de Setembro de 1881.

—«Ao Club Henriques Nogueira. Todos te aconselhamos a que cures essa chaga, mas tu és como os doentes pusilânicos que por medo da operação guardam sempre para «amanhã» a cura da molestia, até que a ferida um dia lhes gangrena...». Página d'*O Antonio Maria*, de 1 de Março de 1883.

—«Vidas que cada um quer». Página do jornal *Pontos nos ii*, de 21 de Maio de 1885.

De JULIÃO MACHADO:

—Na *Comedia Portuguesa*, número 16. Março de 1889.

De MANUEL GUSTAVO BORDALO PINHEIRO:

—«O divorcio é a federação do amor». Número 9 de *A Parodia*, de 14 de Março de 1900.

De ALFREDO CÂNDIDO:

—«Pae de Guttemberg». Postal n.º 3 da colecção A Editora, 1906.

—«Casamento Civil». Postal, editado pela Empresa de publicações populares. 1910.

—«No *Almanach do Zé para 1914*.

De LEAL DA CÂMARA:

—Na *Seara Nova*, Lisboa. Março de 1922.

De FRANCISCO VALENÇA:

—«Je sais tout!». Página dos *Varões Assinalados*. 1910.

—Outra página na mesma publicação. 1911.

De HIPÓLITO COLOMB:

—No *Seculo Comico*. Número de Novembro de 1910.

De FAÍSCA [Jorge Nicholson Barradas?]:

—«No mesmo estilo...» no jornal *O Riso d'A Victoria*. 30 de Agosto de 1919.

De AMARELHE:

—«Uma discussão ministerial». Postal colorido em que se vê: Brito Camacho, Azevedo Gomes, António José de Almeida, Correia Barreto, T. B., Bernardino Machado, Afonso Costa e José Relvas.

De ARMANDO BOAVENTURA:

—«Natal politico. Theophilo guardador de perús...». Com a sub-legenda: «Fui uma espécie de guardador de perus que se limitou, sempre de caninha na mão, a levar os bichos juntos até ás Constituintes».

De JOÃO DE BRITO:

Do jornal *O Porto*, 6 de Julho de 1911.

De AUTORES DESCONHECIDOS:

Esbôço caricatural publicado na fôlha intitulada: *O Testamento de Judas escrito por êle próprio com comentário de Frei João Mocho*.

—Postal sob o título «A Luta», à esquerda a caricatura de Guerra Junqueiro empunhando uma bandeira azul e branca com o escudo coroado por estrêlas, e por baixo da figura a palavra «Tradição»; à direita a caricatura de Teófilo empunhando a bandeira verde-rubra e por baixo da figura a palavra «Revolução». Edição «Gloria».

—Postal. Teófilo de chapéu de côco, e sobraçando o chapéu para chuva (êste impresso a verde). Marca editorial «Gloria».

De A. SANCHES DE CASTRO:

—Postal impresso a preto sôbre fundo verde. Legenda: «La Donna é mobile». Manuel de Arriaga braço-dado com a República vestida de senhora. Teófilo, de quem não se vê a cara, olha aquele par, sendo a sua figura reconhecida pelo chapéu de chuva. Edição de Paulo Guedes.

—Postal impresso a preto sôbre fundo amarelo. Título: «A pé e mão». Teófilo, empunhando na mão esquerda o tradicional chapéu de chuva, parece carapuçar com penas o busto risonho do Dr. Manuel de Arriaga, que é envolvido por uma enorme bota que o primeiro calça. Edição da Papelaria Paulo Guedes.

—Postal impresso a preto sôbre amarelo. Legenda: «...metade vibora metade minhoca». António José de Almeida a cavalo, e couraçado, enfia a lança no corpo duma minhoca cuja cabeça — mal desenhada — é T. Braga, assoprando êste uma seta à cabeça de Manuel de Arriaga, que está à janela dum mirante. Edição Paulo Guedes.

De C. H.:

—«A traços largos». Com a legenda: «T. B. por um canudo (o canudo é a presidencia do governo)». Nas *Novidades*. 2 de Maio de 1911.

De CARLOS RICÉ:

—Página do hebdomanário *Os Homens de Hoje*, n.º 29. De Julho de 1880.

## V—DESENHOS À PENA

De JOÃO CARVALHO RIBEIRO:

—Retrato inédito oferecido à Comissão T. Braga.

De JOSÉ PEREIRA:

—«No leito mortuário», inédito. 1924.

## VI—ESBOÇOS E MÁSCARAS

De J. G. SANTOS SILVA, Alonso:

—Postal, tendo ao meio a figura simbólica da República pisando uma coroa real, em redor medalhões com as efigies dos membros do Govêrno provisório.

De CRISTIANO DE CARVALHO:

—Máscara, na revista *Arte & Vida*, Coimbra.



De ALFREDO CARLOS DA ROCHA VIEIRA:

—Esbôço, feito expressamente para êste *In memoriam*.

De JOÃO SAAVEDRA MACHADO:

—Máscara, da colecção do livreiro-editor Ventura L. Abrantes, oliventino.

—Máscara, inédito, expressamente feita para êste *In memoriam*. 1928. Pertencente a Álvaro Neves.

—Máscara, inédita. 1927. Pertencente a A. Neves.

De LEITÃO DE BARROS:

—T. B. no seu leito de morte. Máscara, e desenho da mão.

De RODRIGUES DA COSTA:

—Máscara feita sobre a pintura de Columbano, publicado no jornal *A Revolta*, Coimbra, Fevereiro de 1924.

\*

O *In memoriam* do Doutor Teófilo Braga, consoante o propósito que determinou a sua execução, é um repositório de materiais para o estudo psicológico do homem e proba avaliação da obra do eminente escritor. Termina a coordenação dos subsídios bio-bibliográficos precisamente no nono aniversário da morte do mais incansável dos cabouqueiros da história da literatura portuguesa.

Parede, 28 de Janeiro de 1933.

*Álvaro Neves.*



REPRODUÇÃO DA ÚLTIMA FOTOGRAFIA  
DO DR. TEÓFILO BRAGA, FOTO  
POZAL.



## NOTAS FINAIS



A publicação dêste *In memoriam*, do Doutor Joaquim Teófilo Braga, é da iniciativa do seu organizador, o secretário da Comissão oficializada pela portaria de 24 de Novembro de 1924 (vid. p. 384), embora por despacho datado de 15 do mesmo mês, o Ministro do Interior, Sr. Alfredo Rodrigues Gaspar, já tivesse autorizado a sua feitoria como homenagem nacional.

Pela Comissão Teófilo Braga foram convidados a depor neste repositório de materiais os admiradores, amigos, colegas e discípulos do glorioso polígrafo português, e da crítica acerba e da detracção não se omitiu o indicativo apontamento para o estudioso (v. g. o cap. v da Bio-Bibliografia, pp. 474-508). Duas vezes foi protelado o prazo para entrega dos originais literários. Em 1927 estavam recebidos os labores ora impressos, quando a entidade editora suscitou dificuldades para execução do despacho ministerial. Reconhecendo o serviço prestado à história da literatura com a impressão dêste livro, a boa diligência do Director Geral da Imprensa Nacional de Lisboa, Sr. Coronel António Augusto Dias Antunes, originou o despacho ministerial, de 6 de Fevereiro de 1928, firmado pelo Sr. General José Vicente de Freitas, removendo as dificuldades sugeridas pelo anterior Director Geral. Por êste facto a Comissão Teófilo Braga faz público preito do seu reconhecimento aos dois citados concidadãos.

\*

Na impossibilidade de reproduzir tôda a iconografia teofiliana, apenas se reproduzem os documentos que se nos antolharam de maior valia para o estudo psicológico do preiteado.

Na parte artística cumpre-nos agradecer em especial ao Sr. Dr. Luís Xavier da Costa a gentil cedência do original dum labor artístico de Teófilo Braga, cuja reprodução ilustra a p. 39, e também a proficiente cooperação do distinto artista Sr. João Saavedra Machado.

\*

Em 16 de Setembro de 1930 foi deliberado pela Comissão Teófilo Braga que os originais que constituem a parte literária dêste *In Memoriam* ficassem pertencendo à Biblioteca Teófilo Braga, encorporada por compra na Biblioteca Erudita da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, sendo os citados originais entregues em 17 de Maio de 1933 ao seu bibliotecário Sr. João de Simas.

\*

A responsabilidade da doutrina expendida nos artigos e a propriedade dos mesmos é pertença dos respectivos autores.

\*

A composição gráfica foi feita pelo Sr. Mário Marques de Brito —e desde que êste hábil compositor passou a contra-mestre da Escola de Composição da Imprensa Nacional—, pelos aprendizes Srs. Carlos Alberto dos Santos Barros, Carlos Lacerda Cruz, Casimiro da Silva Rodrigues, Fernando Augusto da Costa Nicolau, Fernando Figueiredo Igrejas, Manuel Joaquim Vieira e Ramiro Farinha.

\*

Terminando: «Da infelicidade de composição, erros da escritura, e outras imperfeições da estampa, não há que dizer-vos: vós os vêdes, vós os castigais».

1933.

PELA COMISSÃO TEÓFILO BRAGA,

*Agostinho José Fortes.*

*Alvaro Neves.*



## ÍNDICE GERAL

Onomástico (por último apelido) dos colaboradores artísticos e literários. Didascálico (títulos e subtítulos) dos artigos insertos neste *In memoriam*. Das ilustrações do mesmo, por suas legendas.

Acção de T. B. no meio literário português, p. 66.

AGUDO (Fernandes): *T. B. e a sua «penúria» em Coimbra*, pp. 177 a 185.

ALSINA (Pio Anfrés): Tradução castelhana do artigo de Pere Corominas—*La Razón subjectiva del interés del dinero*, pp. 303 a 311.

ALVES (D. Maria Clara Correia): *Deposito...*, pp. 293 e 294.

*Amadis de Gaule et T. B.*, pp. 313 a 315.

AMARAL (Eloi do): *T. B. e a República*, pp. 171 a 174.

ARAÚJO (Joaquim de): Cartas a T. B., pp. 65 a 124.

ARMELIM JÚNIOR (M. V. de): *O carácter de T.*, pp. 147 a 154.

*O Artista*, pp. 37 a 41.

Árvores genealógicas de T. B., p. 367.

Auto da inauguração do monumento ao Doutor T. Braga, no Jardim da Estrêla, p. 385.

Auto da posse da cadeira de professor do Curso Superior de Letras, em 1862, p. 8.

BATALHA (Ladislau): *Detractores do Mestre*, pp. 261 e 262.

BETTENCOURT (Rebêlo de): *Nacionalista*, pp. 317 a 328.

Bibliófilo, p. 24.

Bibliografia Teofiliana, pp. 386 a 508.

Biblioteca de T. B., p. 24.

Biografia de T. B. redigida por J. D. Ramalho Ortigão, p. 97.

Bordalo Pinheiro. Vide: Pinheiro (Columbano Bordalo); Pinheiro (Manuel Gustavo Bordalo); Pinheiro (Rafael Bordalo).

BRAGA (Marques): *Sintetizando*, pp. 295 e 296.

BRAGA (Dr. Joaquim Teófilo Fernandes)—como ilustrador dêste *In memoriam*:

—Capas dum Cancioneiro, gravuras, entre pp. 36-37, 42-43.

—Capa para o «Romancero del Cid», gravura, p. 38.

—Ex-Libris único, gravura, p. 28.

—Galé grande, relêvo, gravura, p. 49.

—Galé pequena, relêvo, gravura, p. 55.

—«Madona della Tavola», gravura, p. 44.

—Ressurreição de Lázaro, de Rembrandt, cópia, gravura, p. 39.

—Teófilo filho, gravura, p. 34.

—A Virgem com o Menino dormente, relêvo, gravura, p. 41.

BRAMÃO (D. Alberto): *Um filósofo*, pp. 13 e 14.

BRANCO (Camilo Castelo): *A maior dor humana*, gravura, p. 485.

- BRITO (Francisco Nogueira de): *Historiador do teatro português*, pp. 299 a 302.
- BRITO (João de): caricatura, p. 249.
- BURGOS (Carmen de): *Mis recuerdos de T. B.*, pp. 159 a 161.
- CABREIRA (António): *Sábio, bom e justo*, pp. 43 a 45.
- CÂMARA (Leal da): Uma página da *Seara Nova*, caricatura, p. 257.
- CAMÕES (D. Sabina): *Camonista*, pp. 335 e 336.
- Camonista*, pp. 335 e 336.
- CÂNDIDO (Alfredo): Caricatura do *Almanach d'O Zé*, p. 253.
- O carácter de Teófilo*, pp. 147 a 154.
- CARRÉ (Eugenio): *Galicia y T. B.*, pp. 175 e 176.
- Carta de doutoramento do Dr. T. B., p. 374.
- CARVALHO (Cristiano de): Máscara de T., p. 293.
- CARVALHO (Francisco José Gomes de): *O maior de todos os democratas*, pp. 211 a 214.
- CEBOLA (Luís): *Coerência*, pp. 263 e 264.
- CHAVES (Luís): *Notas etnográficas*, pp. 265 a 281.
- Cidadão de Lisboa. Diploma, p. 382.
- COELHO (António do Prado): *Directrizes do pensamento de T. B.*, pp. 47 a 63.
- Coerência*, pp. 263 e 264.
- Confraternidad*, pp. 239 e 240.
- COROMINAS (Pere): *La raó subjectiva de l'interès del diner*, pp. 303 a 311.
- Crítico de arte*, pp. 165 a 170.
- Cronologia teofiliana, ensaio, pp. 373 a 386.
- CUNHA (Alfredo da): *A «insensibilidad» de T. B.*, pp. 19 e 20.
- CUNHA (D. Júlia): *T. B., meu querido Mestre*, pp. 241 a 250.
- Depondo...*, pp. 293 e 294.
- [Desconhecido]: Esbôço caricatural da folha intitulada *Testamento de Judas*, p. 285.
- Detractores do Mestre*, pp. 261 e 262.
- Diário da vida de T. B., p. 373.
- Directrizes do pensamento de T. B.*, pp. 47 a 63.
- Direito a descansar...*, pp. 215 e 216.
- O eclipse dos heróis*, pp. 223 a 227.
- Escritos referentes ao Dr. T. Braga e sua obra, pp. 274 a 508.
- Ex-libris, pp. 28 e 116.
- FAÍSCA [Jorge Barradas?]: Caricatura «No mesmo estilo», p. 267.
- FARIA (Eduardo): Esbôço. De *O Seculo*, p. 301.
- FERRÃO (António): *T. B. e Joaquim de Araújo*, pp. 65 a 124.
- FERRÃO (Julieta): *T. B. através da caricatura*, pp. 251 a 253.
- FERREIRA (J. Bethencourt): *Uma opinião*, pp. 255 a 259.
- FIGUEIREDO (António Cândido de): *Poeta*, pp. 155 e 156.
- FONSECA (Tomás da): *T. B. e Littré*, pp. 347 a 354.
- FORTES (Dr. Agostinho José): *O Professor*, pp. 7 a 11.
- Fragmento de homenagem*, pp. 337 a 340.
- Galicia y T. B.*, pp. 175 e 176.
- GARÇÃO (Mayer): *O Mestre republicano*, pp. 283 a 286.
- Garrettianista*, pp. 217 e 218.
- Genealogia de T. B., pp. 355 a 372.
- GONÇALVES (António Augusto): *O Artista*, pp. 37 a 41.
- GONÇALVES (J. Cardoso): *T. B. e a Academia de Estudos Livres*, pp. 233 a 238.
- El gran T. B.*!, pp. 187 a 190.
- GRAVURAS QUE ILUSTRAM ÊSTE LIVRO:
- Ao Club Henriques Nogueira, p. 284.
- Apontamento, p. 155.
- Apontamento caricatural, p. 207.
- Apontamento caricatural, p. 274.
- Autógrafos de Camilo Castelo Branco, pp. 484 e 485.
- Autógrafos de T. B., pp. 26 e 27.
- Busto por Teixeira Lopes, p. 314.
- Capa dum Cancioneiro, entre pp. 36-37, 42-43.
- Capa «Romancero del Cid», p. 38.
- Caricaturas de T. B., entre pp. 80-81, 249, 252 e 253, entre 254-55, 257, 267, 284, entre 296-97.
- Casa de T. em Lisboa, p. 161.
- Casa de jantar do Mestre, p. 193.

- Esbôço, pp. 285, 301, 331.  
 Ex-Libris, pp. 28, 116.  
 Francisco Sanches, «Quod nihil scitur», p. 25.  
 Galés, esculpidas por T. B., pp. 49, 55.  
 Goivas e mais ferramenta utilizada pelo Dr. T. B., p. 40.  
 Madona della Tavola, p. 41.  
 Maria da Graça Braga, pp. 22, 128.  
 Maria do Carmo Xavier Braga e Maria da Graça, p. 22.  
 Máscaras, pp. 123, entre 228-29, 293.  
 No leito mortuário, p. 345.  
 «Pelo círculo 95», p. 173.  
 «Pelo Divorcio», p. 188.  
 «Ressurreição de Lázaro», p. 39.  
 Retratos de T. B., entre pp. 4-5, 10, 152, 203, 338, entre 354-55 e 369-70.  
 Retrato de T. B. entre os irmãos, p. 17.  
 Retrato de T. B. fazendo a leitura matutina dos jornais, p. 226.  
 Retrato de T. B. no seu gabinete de trabalho, entre pp. 136-37.  
 Retrato de T. B. Presidente do Governo, p. 221.  
 Retrato de T. B. trabalhando na Biblioteca da Academia, p. 213.  
 Retrato de T. B. tratando das roseiras do seu jardim, p. 235.  
 Retrato de Teófilo Braga, filho, p. 34.  
 «Sermão do encontro», p. 168.  
 Theophileum, pp. 26 e 27.  
 «Vidas que cada um quer», p. 182.  
 A Virgem com o Menino dormente, p. 41.  
*Historiador do teatro português*, pp. 299 a 302.  
*O Iberismo de T. B.*, pp. 329 a 333.  
 Iconografia de T. B. Vid.: Notas de iconografia artística.  
 Inéditos de T. B. Vid.: Bibliografia Teofiliana.  
 A «Insensibilidade» de T. B., pp. 19 e 20.  
 Na intimidade, pp. 125 a 131.  
 Inventário dos labores manuais de T. B., p. 42.  
 LEBESGUE (Phileas): *Amadis de Gaule et T. B.*, pp. 313 a 315.  
 LEMOS (Carlos de): *Mestre!* p. 157.  
 LIMA (Archer de): *T. B. entre alfarrábics*, pp. 133 a 146.  
 LIMA (Henrique de Campos Ferreira): *Garrettianista*, pp. 217 e 218.  
 LIMA (Jaime de Magalhães): *O eclipse dos heróis*, pp. 222 a 227.  
 LIMA (Sebastião de Magalhães): *Fragmento de homenagem*, pp. 337 a 340.  
 LOPES (J. Teixeira), escultor: Busto, p. 314.  
 LOZANO (Fernando): *El gran T. B.*, pp. 187 a 190.  
 MACHADO (Fernão Botto): *T. B., a suprema glorificação do trabalho*, pp. 191 a 196.  
 MACHADO (João Saavedra): *Perfil*, pp. 229 a 232.  
 MACHADO (João Saavedra): Máscara, p. 123.  
 Máscara inédita, entre pp. 228-229.  
 MAGALHÃES (Artur Ernesto Cruz): *Critico de arte*, pp. 165 a 170.  
*O maior de todos os democratas*, pp. 211 a 214.  
 A maior dor humana. Soneto de Camilo Castelo Branco, gravura, p. 485.  
 MARQUES (Henrique): *Modalidades do carácter do Dr. T. B.*, pp. 219 a 222.  
*Mestre!*, soneto, p. 157.  
*O Mestre e a literatura infantil*, pp. 33 a 36.  
*O Mestre republicano*, pp. 283 a 286.  
*Mis recuerdos de T. B.*, pp. 159 a 161.  
*Modalidades do carácter do Doutor T. B.*, pp. 219 a 222.  
 MODERNO (D. Alice): *Um forte*, pp. 21 e 22.  
 Musicólogo, p. 31.  
*Nacionalista*, pp. 317 a 328.  
 NEVES (Álvaro): *Doutor T. B. Bio-bibliografia*: Genealogia, p. 355. Ensaio de Cronologia Teofiliana, p. 373. Bibliografia Teofiliana, subsídios, p. 386. Seus escritos, p. 387. Notas de iconografia artística, p. 509.  
 NEVES (Álvaro): *Notas Teofilianas*: pp. 23 a 32.  
 NORONHA (D. Francisco de Melo e): *Di-reito a descansar...*, pp. 215 e 216.  
 Notas de iconografia artística, pp. 509 a 512.

- Notas etnográficas*, pp. 265 a 281.  
 Notas finais, pp. 513 e 514.  
 Notas Teofilianas, pp. 23 a 32.  
 OSÓRIO (D. Ana de Castro): *O Mestre e a literatura infantil*, pp. 33 a 36.  
 PAXECO (Fran): *A «Visão dos Tempos»*, pp. 197 a 210.  
 PEREIRA (António Serras): *Na intimidade*, pp. 125 a 131.  
 PEREIRA (José): desenho, p. 345.  
*Perfil*, pp. 229 a 232.  
 PINHEIRO (Columbano Bordalo): Retrato a óleo de T. B., existente na galeria do Palácio de Belém, entre pp. 4-5.  
 PINHEIRO (Manuel Gustavo Bordalo): Caricatura, p. 188.  
 PINHEIRO (Rafael Bordalo): Caricaturas:  
 —Ao Club Henriques Nogueira, gravura, p. 284.  
 —Apontamento, gravura, p. 155.  
 —Apontamento caricatural, gravura, p. 207.  
 —Apontamento caricatural, gravura, p. 274.  
 —A propósito do Centenário, gravura, p. 252.  
 —Preparativos para o Centenário, gravura, entre pp. 254-255.  
 —Pelo círculo 95, gravura, p. 173.  
 —O «Sermão do encontro», gravura p. 168.  
 —«Vidas que cada um quer», gravura, p. 182.  
 PINTO (Manuel de Sousa): *T. B. e o Brasil*, pp. 286 a 291.  
 Plano geral da *Visão dos Tempos*, p. 198.  
 Plano para o estudo da obra de T. B., p. 16.  
*O Poeta*, pp. 155 e 156.  
*Porque êle era assim*, pp. 341 a 346.  
 PORTELA (Severo): *Porque êle era assim*, pp. 341 a 346.  
 POZAL (Martinez): Penúltimo retrato, entre pp. 436-37. Último retrato, entre pp. 512-13.  
*O Professor*, pp. 7 a 11.  
 Programa filosófico da sua vida, p. 23.  
*La raó subjectiva de l'interès del diner*, pp. 303 a 311.  
 «As relações entre T. B. e Joaquim de Araújo vistas através da correspondência dêste», p. 73.  
 Residência de T. em Coimbra, p. 29.  
 Residência de T. em Lisboa, p. 30.  
 RIBEIRO (João de Carvalho): Retrato inédito de T., entre pp. 354-55.  
 RIBERA-ROVIRA (Inácio de): *O iberismo de T. B.*, pp. 329 a 333.  
 RICHÉ (Carlos): Caricatura em *Os Homens de Hoje*, entre pp. 80-81.  
 ROSA (J. Roaz): *Confraternidad*, pp. 239 e 240.  
*Sábio, bom e justo*, pp. 43 a 45.  
 SAMPAIO (Albino Forjaz de): *O Solitário de Santa Gertrudes*, pp. 15 a 17.  
 SILVA (César da): *Tributo de gratidão*, pp. 163 e 164.  
 SIMAS (Melo e): *A «Sovínice» de T.*, pp. 297 e 298.  
*Sintetizando*, pp. 295 e 296.  
*O Solitário de Santa Gertrudes*, pp. 15 a 17.  
*A «Sovínice» de T.*, pp. 297 e 298.  
*Teófilo Braga, a suprema glorificação do trabalho*, pp. 191 a 196.  
*T. B. através da caricatura*, pp. 251 a 253.  
*T. B. Bio-bibliografia*, pp. 355 a 512.  
*T. B. e a Academia de Estudos Livres*, pp. 233 a 238.  
*T. B. e a República*, pp. 171 a 174.  
*T. B. e a sua «penúria» em Coimbra*, pp. 177 a 185.  
*T. B. e Joaquim de Araújo*, pp. 65 a 124.  
*T. B. e Littré*, pp. 347 a 354.  
*T. B. entre alfarrábios*, pp. 133 a 146.  
*T. B. e o Brasil*, pp. 286 a 291.  
*T. B., meu querido Mestre*, pp. 241 a 250.  
*Tributo de gratidão*, pp. 163 e 164.  
*Uma opinião*, pp. 255 a 259.  
*Um filósofo*, pp. 13 e 14.  
*Um forte*, pp. 21 e 22.  
 VALENÇA (Francisco): Caricatura de *Os Varões Assinalados*, gravura entre pp. 296-97.  
 VIEIRA (Alfredo Rocha): Esbôço inédito, gravura, p. 331.  
*A «Visão dos Tempos»*, pp. 197 a 210.











PQ9009.5 B7315



a39001



004178540b

PQ 9009.5 B7315  
\* IN MEMORIAM

INSERT BOOK  
MASTER CARD  
FACE UP IN  
FRONT SLOT  
OF S.R. PUNCH

MASTER CARD

GLOBE 50114-0

UNIVERSITY OF ARIZONA  
LIBRARY



